This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

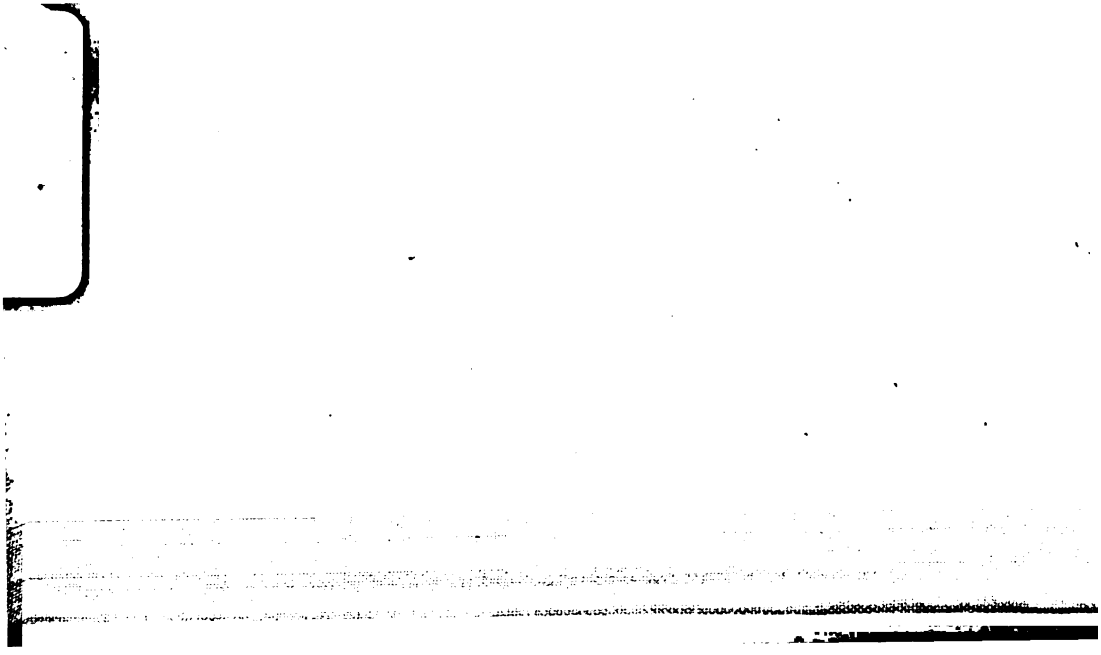
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07576478 1



NRC
(Perrot)

D.K.

CAMÕES

CAMÕES

ESTUDO HISTORICO-POETICO

LIBERRIMAMENTE FUNDADO

Sobre um Drama francez

DOS SENHORES

VICTOR PERROT, E ARMAND DU MESNIL

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

2.ª Edição

Copiosamente accrescentada nas notas

LISBOA

TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA

6, Rua do Thesouro Velho, 6.

1863

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
485685
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS.
R 1910 L

A SUA MAGESTADE

O SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR DO BRASIL

Tu, que entre amor dos teus, e universal assombro,
firme num sceptro immenso, os olhos no porvir,
volves, joven Atlante, um aureo mundo ao hombro,
e sorrindo-lhe luz lhe ensinas a florir;

filho, e gloria, do heroe semi-deus em dois mundos,
cuja urna eu c'roei, como um votivo altar;
ou como o teu colosso em palmares fecundos
musas do teu Brasil hão-de cedo engastar;

se o destino um diadema em teu berço ha lançado,
desse don casual não me attrae o esplendor:
tens mais nobre diadema! eterno! conquistado!
quem mede em ti o *sabio, esquece* o Imperador.

Sobre paços de reis, e sobre um tecto ignoto,
póde um astro de Deus commum resplandecer:
tu no solio, eu no exilio, um do outro tão remoto,
ambos damos um culto ao merito, ao saber.

Quantas vezes (quem sabe?) o estudo á mesma hora
nos haverá raiado igual inspiração!
como na minha lira estás fulgindo agora,
talvez um canto meu lá te encha o coração!

Não me julguem vaidoso: os ocios teus campestres,
meu Cesar, não sei eu que me têem junto a ti?
e que entre a profusão d'autores nossos mestres
tu sonhas sonhos meus, folheando o que escrevi?

Alma irmã da minh'alma; ó tu, cuja poesia
mais que a minha feliz, não se exhala em vãos sons;
mas povoa de bens infinda monarchia;
verte a povos sem conto os mais formosos dons;

poeta omnipotente; acceita o meu tributo.
Não é mais que um retrato; um livro; um nada: sim;
mas num germen contém-se incalculavel fruto;
mas ás vezes um nada encerra bens sem fim.

Feliz eu! feliz tu! feliz teu vasto imperio,
se outra vez neste livro attentos olhos pões!
renascem Grecia e Lisia em melhor hemispherio!
cantam, sem mendigar, Homeros e Camões!

De toda a parte o genio, artes, sciencia, estudo,
vão de teu solio á sombra encher os fados seus;
regenera-se a terra! o teu favor fez tudo;
carpiste sobre um vate... e fizeste-te um deus!

Ilha de S. Miguel
4 de agosto de 1849.

Lisboa 30 de abril
de 1862.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

A QUEM LER

(Da primeira edição)

O germen do presente drama nasceu francez; e tão francez, ou tão pouco portuguez, que passado assim para os nossos ares, infallivelmente, e para logo, pereceria. De Camões, não tinha mais que o nome; da terra e dos tempos de Camões, coisa nenhuma. O que por lá lhe deu vida e fortuna, que a teve, e muita, foi o enredo, a disposição, o bem calculado e acertado dos lances; tudo isso me pareceu tomar-lhe, e o tomei; modificando-o todavia, e accrescentando-o copiosamente. Obtido assim o terreno, e a maior parte dos alicerces e paredes mestras, edifiquei sem me importar cujos fossem os materiaes. O alheio, e o proprio, tudo ahi vai travado: ha scenas inteiramente copiadas; ha fallas, e scenas, e quasi actos, inteiramente novos; mas essa é uma questão mesquinha, que eu não quero tratar aqui: o drama francez tambem está impresso; confronte-os quem entende da póda, que não ha mais dizer. *A malsins, que não sabem* ler, não dou eu

satisfações. Quem tem portas chapeadas, dorme as noites a bom levar, sem pensar nos ratoneiros vadios. Sempre assim foi, desde que ha mundo: quem não trabalha, murmura; quem não sabe, ou não póde, ou não quer erigir a sua casa, escreve com carvão ou com a ponta do pau pasquinzinhos chochos e chilros pelas paredes novas: pois escrevam, e morram, quando for tempo; que hão-de ter famoso epitaphio, e ficar sendo muito lembrados!..

Gosto d'aquella fabula chim! Os zangãos invejosos puzeram-se a zumbir na presença de Wishnu que a cera e mel das abelhas eram um *plagiato* feito ás flores, e por tanto lhes não pertenciam a ellas. Que fez Wishnu? riu-se, e não os esborrachou; respondeu-lhes que fizessem elles iguaes roubos; que elle se obrigava a trocar-lhes o seu mal estreado nome no de abelhas; e que em quanto o não conseguissem, tivessem paciencia de viverem tão pouco, e tão mirradinhos. Peço a algum leitor mais desoccupado que explique este apólogo chim ao meu visinho critiqueiro ali da outra rua.

O livro que apresento, não lhe quero eu chamar favo; digo só que, assim como a abelha trabalha no seu favo, trabalhei eu nelle; e, segundo uns juizes muito bons que o visinho da outra rua não conhece, posto se chamem Mendes Leal, João de Lemos, Serpa Pimentel, Sebastião Ribeiro de Sá, Luiz Ribeiro de Sá, Palmeirim, Souza Lobo, Silva Tullio, Palha, Cunha Souto Maior, Cazal Ribeiro, *Viale, Pereira da Cunha*, Latino Coelho, etc. tem

para portuguezes assaz de doçura e muitissimo cheiro (que é o que mais importa) ás coisas da nossa terra.

Mas é isto realmente um drama? ahi está outra questão impertinente; (esta não sei se foi levantada pelo visinho critiqueiro!... parece-me que elle não chegava a tanto) se eu fosse obrigado a sentenciar, havia de dizer que não: quanto a ser drama, o primeiro, o francez, o embrião, era-o muito mais do que estas folhas; pois cabia num theatro, e na paciencia d'uma platéa, o que ao meu escrito não succede; accrescendo ainda que não ha companhia nacional bastante para o desempenhar. Logo, se não é drama, o que é? eu sei!... será um livro; será um folheto; será uma poesia; será um estudo de costumes e linguagem; será um mytho, como hoje dizem; um mytho de miserias e vergonhas, que nem se inventaram para Camões, nem com elle se acabaram, mas se renovam, e se hão-de renovar sempre, e em toda a parte; em summa, será o que quizerem, que nessa contenda me não metto eu. Uma vez que os sabedores já assentaram em que o retrato do poeta, o do rei, e o da gente e viver d'aquella edade, me sairam parecidos; uma vez que todos elles concordam em que um portuguez legitimo póde ler tudo isto, que eu aqui puz, entendel-o, e nelle saborear-se; uma vez, sobre tudo, que esta leitura deixe nos animos uma vergonha saudavel, e santo horror contra o infame desamparo, com que os poderosos permittem fenecer á mingua bons engenhos, desherdando assim a pa-

tria, e o futuro, de minas de oiro a troco de ceitis e algum sorriso; que seja drama, ou não; que fosse originalmente portuguez, ou persa; eis ahi disputações com que eu não tenho nem quero ter nada que ver.

Se muitas vezes processei e sentenciei desabridamente obras minhas; sem que m'o hajam a fatuidade, me relevarão dizer d'esta, que, de quantas tenho publicado, me parece ella a melhor; e se traducção é, traducção mais original que muitos originaes.

Por aqui me cerro: de não poucos pormenores litterarios, e de alguns historicos, me caberia por ventura dar razão; mas... para que? não ha trabalho no mundo mais perdido, que o andar respondendo a criticas: se ellas são judiciosas, nem todas as argucias as desfazem; se nescias, por si se apagam como as espumas. Quanto a satyras, os homens honrados não as fazem; os villões fazem-nas sempre; porque, dizem elles, e dizem bem, que a Carta Constitucional lh'o não prohibe.

O que nem satyras nem criticas hão-de lograr, é tirar-me cá de dentro a satisfação de haver já feito verter, e vertido eu mesmo, muito boas lagrimas sobre as desaventuras do meu poeta; lagrimas, que, verdade é, para nada lhe servem já a elle; mas que para outros, poderá ser, venham ainda a aproveitar.

Permittisse-o Deus! menos ruim fadario seria então o nascer poeta...

ADVERTENCIA

D'ESTA EDIÇÃO

Sai este livro pela segunda vez á luz passados doze annos desde a sua primeira impressão em Ponta Delgada.

Revi-o attentamente, e não julguei dever alterar no drama coisa alguma, com quanto lhe reconheça, e agora com mais viveza do que então, defeitos e maculas de mais de um genero. Não é contumacia nem incorrigibilidade; é só porque essas que seriam e são maculas e defeitos para o theatro, mudam logo de nome e de natureza se a obra se avalia como estudo e livro; e isso unicamente é que eu pretendi que fosse.

As notas, que intitulei *para se lerem*, têem, se me não engano, algum valor mais que o texto; não pela execução litteraria, mas sim por offerecerem á consideração muitas propostas de coisas boas, todas exequiveis, e quasi todas muito faceis.

Perdoem-me, se é orgulho desmedido, mas não posso deixar de transcrever o que a respeito d'ellas declarou pessoa de *summa* autoridade, o nos-

so bibliografo o sr. Innocencio Francisco da Silva no tomo primeiro do seu Diccionario, pag. 132.

«Nas notas — diz elle — se tratam questões de «summa importancia sobre pontos historicos, «scientificos, litterarios, e criticos.»

Sou utilitario contumaz; não o posso já dissimular. Se é doença, como a alguns parece, prevejo que hei-de morrer d'ella.

Fiz pois ás notas o que não fizera ao drama: reestudei-as; ampliei-as com mão larga; entresachei-lhes novas. O total cresceu a ponto que o volume da primeira edição houve agora de se dividir em tres.

Contém-se no primeiro o drama, com a noticia complementar da sua representação no Brasil. As notas formam o segundo e terceiro.

Quem os ler todos terá de confessar, queira ou não, que nunca houve para o multiplice e universal monumento de Camões operario mais zelozo do que eu.

A certos criticos de fila que me abocanham em nome do poeta, e, para o glorificarem a seu modo, me levantam testemunhos, só tenho para dizer aqui á puridade que se jamais o leram a elle, e o entenderam, o de que é licito duvidar, a mim nem me entenderam, nem parece que me lessem.

Decididamente a escola primaria está muito longe de ser o que devia.

INTERLOCUTORES

LUIZ DE CAMÕES:

(Edade, cincoenta e cinco annos; estatura meã; cego do olho direito; semblante um tanto carregado; indole franca e generosa; humor entre melancolico e jovial. Trajo de soldado, pouco luzido no 1.° acto; no 2.°, 3.°, e 4.°, com galas cortezãs, tabardo de capuz frisado, luvas de polvilho; no 5.°, com trajos pobres e capa preta).

D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL:

(Edade, vinte e quatro annos; estatura meã; formoso de rosto, branco e ruivo; olhos azues; presença soberana; esforçado, e altivo. No 1.° e 3.° acto, disfarçado em habitos burguezes simplices; no 2.°, em galas de côrte: capa de pano preto, o capuz com botões de diamantes e as faldas até ao joelho; calças vermelhas com poucos tufos e quasi lisas; barrete chato de velludo, carregado sobre a testa, quasi até ao sobrolho, e adornado com um cordão d'oiro, diamantes e perolas; botas largas de cordovão preto até ao joelho, com esporas doiradas; cinto e espada tambem doirados: no 4.° acto, guerreiro, e real, segundo o retrato que vem em FARIA E SOUSA, excepto a corôa que é suprida por capacete).

MARTIM GONÇALVES DA CAMARA:

(Escrivão da Puridade; *ambicioso, invejoso,* e vingativo. No

2.° acto, vestido á côrte, e não guerreiro; no 1.°, 3.°, e 4.°, em disfarce burguez).

D. AFFONSO DE NORONHA:

(Gentil-homem da Real Camara; edade, pela de Camões; trajo decente, mas vulgar no 1.° acto; no 2.°, 3.°, e 4.°, vem cavalleiro).

EMBAIXADOR DE CASTELLA:

(Aspecto e expressão de politico manhoso, disfarçado em ruim capa; excepto no 2.° acto, em que ostenta magnificencia castelhana, qual a seu cargo e pessoa cabe).

ANTONIO:

(Jáo; captivo de Luiz de Camões; mancebo robusto; côr tostada; trajo indiatico; genio amante, impetuoso, e poetico; briosa segurança na postura, nos movimentos, e no fallar).

MONSIOR DE SAINT-POL:

(Gentil-homem francez; mancebo concertado; vestuario da côrte de Caterina de Medicis).

REAL:

(Sobrinho de Martim Gonçalves; casquilho mui ridiculo, vaidoso, affectado, saltitante; edade assaz verde).

LEÃO:

(Outro mancebo do Paço; frivolo, e ignorante; trajo de ceremonial).

DIOGO:

(Estalajadeiro; bom homem, palreiro, e obsequioso; cara de *paschoas;* trajar humilde).

MIGUEL:

(Adelo; avelhacado; trajar plebeu).

MANOEL:

(Pagem particular de Martim Gonçalves; homem feito, robusto, refalsado; pellote e espada).

PAULO:

(Moço mais somenos de Martim Gonçalves; vestido mui ordinario; modo de fallar, e ademanes, de simples; pellote sem espada).

D. CATERINA D'ATAYDE:

(Entre trinta e quarenta annos; formosa, grave, como quem se creou no estrado da Rainha D. Caterina; mas sabendo, segundo a occasião, ser estremosa no amor, ou energica no odio; expressão de rosto naturalmente magoada, como ao seu estado convem; no 2.° acto, vestida de gala; no 3.°, conserva o mesmo trajo, mas coberta com um manto, e capuz, assim como no 4.°; no 5.°, traja de dó).

1.° CORTEZÃO.

2.° CORTEZAO.

3.° CORTEZÃO.

UM ARAUTO.

UM EMBUÇADO.

UM MENINO:

(Pobre e rotinho).

UM *ERMITÃO DA SERRA* DE CINTRA.

UM MOIRO ASTROLOGO:

(Opa negra de cauda semeada de meias-luas e signos cabalisticos de diversas côres; barrete ponteagudo e muito alto, cingido d'uma serpente de oiro, cuja cabeça com tres linguas vermelhas lhe serve de cimeira; barbas brancas, até á cinta; debaixo do braço esquerdo um livro negro; na mão direita uma vara côr de fogo).

FADA MARINHA:

(Opa verde-mar, roçagante, barrada de perolas; veo branco e raro, da cabeça até aos pés; toucado fantastico de conchas, buzios, ecoraes; sobre o peito bordada de oiro a Esfera d'El-Rei D. Manoel; pendente do pulso direito, varinha de condão branca e doirada).

MARTE:

(Segundo o ritual mythologico).

SERAFINS:

(Que não serão menos de seis. Coroados de flores brancas com harpas doiradas nas mãos).

CORO DE DIABOS.

PESSOAS QUE NÃO FALLAM

A RAINHA D. CATERINA:

(Avó de D. Sebastião, sessenta annos, alta, e de gentil aspecto; trajo real, e de viuva).

PRINCEZA D. MARIA:

(Filha d'El-Rei D. Manoel, tia de D. Sebastião; cincoenta annos; *robusta, formosa; vestido* afogado, de velludo preto, com bo-

ões de oiro no collarinho; corôa de rubis e diamantes no braço; na cabeça uma lista de oiro, e uma coifa de rede do mesmo).

LUIZA SIGÊA,

JOANNA VAZ,

PUBLIA HORTENSIA DE CASTRO:

(Poetizas da Academia da Princeza D. Maria).

ANGELA SIGÊA:

(Musica da mesma Princeza).

UMA DONZELLA DA RAINHA:

(Vestida de velludo preto). -

OUTRA DONZELLA DA PRINCEZA:

(Vestida de damasco branco; e ambas ellas cobertas de joias tanto no pescoço como nas mangas, com coifas de fio de oiro até meia cabeça; cabellos bem assentados na testa, algum tanto crespos, mas não entrançados).

CAVALLEIROS.

GENTIS-HOMENS.

DAMAS DA CORTE.

ALABARDEIROS:

(Vestidos de pano preto, com capas compridas até meia perna, saios com faldas pelos joelhos, e botas de cordovão preto, largas; e alabardas ás costas).

SUMILHER DA CORTINA.

CHARAMELEIROS.

TROMBETEIROS.

TIMBALEIROS.

PAGENS DA TOCHA.

PASSAVANTES.

REIS D'ARMAS:

(De Portugal, Algarve, e India).

A acção passa toda em Lisboa, no anno de 1578 desde San-João até o Natal.

AOS ESPECTADORES

PROLOGO

(Recitado antes de se erguer o pano, por uma figura de capa e espada e sombreiro de dó como se costuma nas Quebras dos Escudos.)

Nenhuma palavra sobre a obra da arte. A poesia, sente-se; não se discute. É como o Sol; como o Amor; como a Alma; como Deus. Não se finge, onde a não ha; onde a ha, não se lhe resiste. Silencio pois sobre a obra da arte.

Para vida, ou para morte, os corações a sentenciarão a final.

Outra é a nossa missão neste momento: predispor-vos para que vos interesseis no que vai passar perante vós; e arrancar d'ante-mão espinhos, em que talvez crítica inconsiderada folgaria de

ver enlear-se a Musa; e seu antigo e honrado manto feito pedaços.

Para suscitar-vos attenção, curiosidade, avidez, bastou um nomé: Camões! É porque Luiz de Camões, portuguezes, é a maior e a mais incontestada glória da nossa terra. É, senhores, um simbolo do nosso antigo valor, e amor de patria. É, damas, o vosso mais fino apreciador; o sacerdote mais ardente e sincero do vosso culto universal; o espirito mais gentil, e namorado, de quantos jámais cantaram magoas, e suspiraram alegrias. É porque, Soldado, Poeta, e Infeliz,—nas armas grande, grande nas lettras, nas desventuras inda maior,—recebeu, para venerado, tres sagrações das mais augustas! É emfim porque os desabrimentos de nossos avós para com elle, todos sentimos que é dever nosso reparál-os: uns, com loiros e incensos; os demais, e todos... com algumas lagrimas sequer.

Qutro affecto, não menos santo e generoso, vos ha-de irresistivelmente prender ao espectaculo do seu martirio; affecto inextinguivel em corações portuguezes: o amor da patria.

A éra, que vai perante vós resuscitar, é porventura a mais solemne da nossa historia.

A Monarchia, fundada em Ourique, está para fenecer em Africa. A espada, que em mão do Primeiro Affonso desbravára Portugal de infieis, a mesma espada, em mãos de D. Sebastião, quatrocentos annos depois... se despedaça e perde em areaes de Berberia.

A torrente de glorias incriveis... parou a su-

bitas!... um insondavel abismo... enguliu (talvez para sempre!) um grande reino!...

Nesse abismo, nesse prazo de miserias inauditas, é que nos apparece... Camões, como um derradeiro lampejo, e um eco estrondoso do que lá vai!

Em Camões, e D. Sebastião,—nessas duas Columnas d'Hercules dos nossos truncados fastos,—nesses dois homens, ambos inquebrantaveis, ambos de alma fogosa e poetica, ambos coroados para holocausto, ambos mal apreciados em vida, e depois de espantosa morte, privados ambos de mausoleo,—nesses dois homens, ainda hoje vertentes de poesia para todo o mundo... estão assignaladas as extremas do antigo Portugal; do Portugal dos prodigios quasi fabulosos, que a razão acredita forçada sem os comprehender.

Eis o mundo que vamos devassar! Eis ahi os homens que vamos conhecer! Eis ahi as summas dores em que vamos haver parte!

Preparae-vos pois, com animo religioso e agradecido, para esta especie de peregrinação á Terra Santa do Calvario de nossos Paes.

Os romeiros, despem os trajos vulgares, e arrancam dos corações as profanidades, para visitarem os logares consagrados de sua devoção; esqueçamos tambem nós momentaneamente a nossa edade, os nossos usos, as nossas crenças, (tão diversas!) os nossos affectos, (tão outros!) e até a nossa linguagem; filha sim, mas filha prodiga, vaidosa, e desprezadora, da que fallaram nossos maiores.

Ámanhã volveremos a atar o fio das realidades contemporaneas: hoje, sejamos todos, com fé e amor, portuguezes do Pórtugal velho; adoptemos os seus interesses; identifiquemo-nos com o seu pensar, com o seu fazer, com o seu exprimir. Para isso, bastará perguntarmo-nos a nós mesmos: ¿Revolvem-se hoje nos espiritos, interesses publicos para nós mais graves do que os de então o eram para então? ¿D'isto, em que lidamos, e que só nos parece importante, porque é nosso, curará tanto o porvir, e lerá tão attento as nossas paginas, como nós relemos, suando, palpitando, e rugindo, as d'essa edade? Quem o sabe!

Tudo passa; tudo morre; tudo esfria; tudo esquece; todas as edificações se desatam em ruinas; sobre todas as ruinas se erguem edificações... para perecerem.

Algum dia seremos tambem nós antigos: (e Deus sabe se lembrados, ou se para lembrar!) Não deneguemos pois ao veneravel passado esta especie de culto, que dos vindoiros quizeramos por certo receber.

Entremos dispóstos, e saudosos, por essa Lisboa que foi, e que tantos terremotos transformaram; vivamos o seu viver; pratiquemos o seu praticar; aspiremos a sua alma; misturemo-nos com os seus moradores; penetremos nas poisadas humildes dos populares; nas vivendas faustosas dos senhores; nos Paços dos Reis, com suas pompas e festas; nas armadas navaes, com as palmas de D. Manoel ainda viçosas; por derradeiro... e sobre tudo... com a alma de joelhos, espreitemos, como para

sacrario, para o recanto nu e desconchegado, em que expira... o maior Poeta de damas e cavalleiros.

Quando esta cortina se erguer, dois seculos e meio se haverão aniquilado.

Ergue-se immediatamente o pano.

ACTO I

O theatro figura uma estalagem de poucas posses. No topo, uma portada, d'alpendre por fóra, e uma janella, que dizem para o caes. Á esquerda, uma porta para o interior da poisada do estalajadeiro. Á direita, outra, no primeiro plano, para um quarto; e outra emfim no segundo plano para uma escada, que se não vê, e que desce para um aposento subterraneo. Á volta da casa algumas cadeiras velhas de espalda, de coiro lavrado e pregaria grossa amarella. No meio da casa, sua banca ordinaria, com copos de estanho, e outros de côco lavrado, para vinho. Na parede do fundo um nicho com um Santo Antonio em vulto, com suas moedinhas de prata ao pescoço e flores já murchas. Ao meio da casa um lampeão pendurado e accezo. Junto á porta da rua um croque (ou vara com gancho) de dezaseis palmos.

SCENA I

DIOGO E D. AFFONSO DE NORONHA.

(Ao erguer do pano, anda Diogo azafamado a arrumar quartolas e infusas de vinho. D. Affonso vem do caes)

D. AFFONSO *(em voz baixa)*

Veiu alguem?

DIOGO

Senhor sim.

D. AFFONSO *(do mesmo modo)*

Ambos?

DIOGO

Senhor não; tão só um.

D. AFFONSO

Peccados meus!...

DIOGO

Não haja Sua Mercê cuidado, fidalgo; o outro é marca de primor que nunca falta.

D. AFFONSO

Que te não oiçam, Diogo! *(apontando para a porta do segundo plano da direita)*.

DIOGO

Quanto a isso não haja Sua Mercê receio:— que me queimem, se o que além é em baixo *(apontando para a porta do segundo plano á direita)* póde pescar nem palavra de quanto se aqui falla.— Aquillo em seu tempo foi adega suterranea; eu é que engenhei d'ella aposentos; e sairam elles, que não ha mais ver. Têem umas paredes e portas, que nem carcere de Berbería. Nicolau de Frias, o architecto que El-Rei leva comsigo para Africa, não traçaria obra de melhor arte.

D. AFFONSO

E *(apontando para a porta do primeiro plano)* aquell'outro aposento, Diogo? conserva-se devoluto?

DIOGO

«Como barriga de monje em sexta feira maior.»

D. AFFONSO

Bom. *(Entre si)* Viva Deus, que assim andastes avisado, senhor Martim Gonçalves, no aprazar sitio para os colloquios! Como na vossa poisada grandiosa não ousaveis, tomastes por valhacoito esta bodega de má morte, de pouca freguezia, e no bairro mais remoto e escusò de Lisboa... Por vida minha, que sois previsto! Pena é que outro ponto de algum momento vos não occorresse, senhor Martim; rogae a Deus que por ahi se vos não vá a nau a pique! Deslembrastes-vos de mim... esqueceu-vos que havia perto de vós homem honrado e leal, que por isso vos odeia com rancor; que ama a terra patria d'alma e coração; que em summa tem a peito o desafrontar Camões. (*Em voz alta*) Diogo; ultima vez será esta, que o sei eu; mas por agora, é mister ainda que me ajudes. Continúa a haver-te fiel, que a recompensa virá na cola do servir; á conta d'ella, toma. (*Entrega-lhe uma bolsa*) Breve tornarei. (*Sai para o caes*)

SCENA II

DIOGO, *só (a contar o dinheiro)*

E oiro!... Paga, que nem rei, o meu gentil fidalgo! Grande deve ser a alimaria que elle monteia, què assim lhe atira com bombardas grossas! Folgára eu de descobrir o que o traz ao socairo dos dois embuçados... Lá terá suas razões; *(bambaleando no ar a bolsa)* e de peso! que por isso dizem: «deixae caçar a forôa, que onde vai,

não vai á tôa». *(Repara em Miguel que passa pelo caes)* Para cá, Miguel primo! Não me passeis a porta «como cão por vinha de dezembro»; entrae.

SCENA III

MIGUEL, DIOGO.

MIGUEL

Boa noite nos mande Deus; vou-me com pressa.

DIOGO

Mas nunca será ella tamanha, que vos tolha refrescarmos aqui primeiro os bofes com uma vez de vinho. Que más fadas vos têem por lá trazido, que assim ha tempo largo, que vos não enxergo?!

MIGUEL

Que quereis, Diogo primo, se morâmos tão arredados, que é, como quem dissera: um em Gôa, outro em Mazagão!

DIOGO

Boa affeição vos quizera eu; que «dos longes», em a havendo, «se fazem pertos». Dizei antes que vos não dá dos parentes. *(Ri)*

MIGUEL

De desaffeição me não queixo eu; de fraco para andarilho, sim. *(Ri)*

DIOGO

«Historias de Maria Castanha!» Coração havieis de pedir a Deus, que não pernas a Santo Amaro.

MIGUEL

Por vida de meu avô tôrto, que me ralais com esses vossos chascos!

DIOGO

Para ralações tenho eu droga, que nem fisico do Paço, nem Francisco Lopes, nem Garcia da Horta: tomae-m'a, e «dir-me-heis como canta». *(Enche-lhe o copo)*

MIGUEL

No fallar, sois ás vezes desabrido, Diogo primo; mas haveis bom natural d'entranha... *(bebe)* e bom vinho tambem... *(ri; Diogo vai para lhe encher de novo o copo)* Tende lá mão; não sou vasilha de tamanho lote; querieis agora ver-me aqui dançar as tripecinhas? sempre fui fraco dos cascos.

DIOGO

Embora, que vos não quero contradizer. *(Assentam-se)* Mas porém... que vento vos atirou cá para o bairro?

MIGUEL

Quiz ver a armada d'El-Rei, antes que se partisse.

DIOGO

Então El-Rei está já d'abalada; huum!

MIGUEL

Depois de ámanhã, dia do Senhor San-João, se diz que largará: (por peccados nossos). Vai-se foz em fóra por esses mares de Christo, em demanda dos moiros d'Africa, para lhes quebrar as soberbas e poderio: *(como quem segreda coisa de grande tomo)* aqui para *nós:* tonteria mais rema-

tada, não a poderia fazer Sua Alteza... ou Sua Magestade, como agora dizem. Os rios de dinheiro que já se têem gastado no aparelhar da armada e gente de guerra, e o que ainda para o diante se tem de gastar, das nossas bolsas são tomados.

DIOGO

Que remedio! «Alguem ha-de pagar o escote» e mais sabeis o adagio: «negro é o carvoeiro, branco é o seu dinheiro».

MIGUEL

Alguem, sim; mas porém o que me a mim destôa é que esse *alguem* somos sempre nós. Por mim digo, que mais mal quero eu á guerra, que á peste, que por ahi anda tão acceza, e já me levou minha mulher. Com a peste, morre um homem d'uma vez; com a guerra, ficamos por portas, que é morrer todos os dias aos pedaços. Já me entendeis...

DIOGO

O senhor Cardeal D. Henrique, o Clerigo-Governador, como por ahi o apodam, é quem mette na cabeça do Sobrinho essas ruins zizanias e fumaças de Cavalleiro Cruzado; e mais Luiz Gonçalves da Camara, o reverendo confessor d'El-Rei, a quem Deus guarde d'estes e quejandos.

MIGUEL

Espiritos guerreiros em clerigos! Tão ruim liga é essa, que só o diabo a tragaria.

DIOGO *(rindo)*

Se fossem elles cabos, ou homens de peleja, que houvessem os pellouros de lhes zunir pelas orelhas, já póde ser que foram mais pacatos; que

lá dizia o outro: «bem parece a guerra a quem é longe d'ella.» *(Canta)*

«¡Quien hubiese tal ventura
sobre las aguas del mar
como tuvo el conde Arnaldos
la mañana de San Juan!»

(Depois de breve pausa) Não sei o que d'esta jornada me está agoirando o coração... Dez réis de cominhos de gente que El-Rei leva...

MIGUEL

E que gente! a que é portugueza, vai forçada,— que se não vê por ahi senão prantos; e a forasteira... é forasteira. Dos nossos Cavalleiros de hoje em dia, não fallemos; fazem-se elles mui de ferro, por comprazer com El-Rei, que é das febras do diabo; mas mais afeminados nunca os vistes: basta ouvil-os. Fallam delgado, e mansinho... que nem noiva envergonhada; andam encostados a seus pagens, como as damas; no jogo da pella, os vi eu já que não passavam d'uma casa para outra, sem aquelles Cyreneos; e mas ainda íam gemendo com uns *hans* muito compridos, como se levaram ás costas a péça de Diu.

DIOGO

É verdade, é verdade. E o cométa! não vistes o cométa? Sôa que Pedro Nunes, o astrologo, fizera a El-Rei uns prognosticos!...

MIGUEL

Pois elle é isso só!... e a quantia de peixe espada que tem saído nessas praias!

DIOGO

Assim dizem; ainda que d'esse não comi eu.

MIGUEL

Até contavam que num d'elles se via pintada d'uma banda, uma cruz com dois açoites...

DIOGO *(á parte)*

Galhardo peixe para oratorio de freira!

MIGUEL *(continuando)*

E da outra banda, a era d'este anno de mil quinhentos setenta e oito!

DIOGO *(á parte)*

Peixe tabellião!...

MIGUEL *(continuando)*

E as vozes d'atemorisar, que se têem ouvido por varias partes!... E lá Entre-Douro-e-Minho aquelles Cavalleiros a pelejar nos ares!...

DIOGO

Tambem não vi, mas póde ser.

MIGUEL

E a fantasma de D. João, o 3.°, que appareceêra a Fr. Luiz de Moura profetisando tamanhos desastres!... E aquella sentida voz, que andou tantos dias ás orelhas de Vasco da Silveira: *ai!!! ai!!!... ai!!!...* sem elle vêr ninguem!

DIOGO

Que Vasco da Silveira?

MIGUEL

Um dos coroneis, que vão com El-Rei na armada. A final, parece que em Almeirim, esconjurando elle, para que se lhe amostrasse quem dava taes gemidos, se lhe descobríra um vulto negro, que foi crescendo!!... crescendo!!... crescendo!!...

DIOGO

T'arrenego!!...

MIGUEL *(continuando)*

E era de noite; e disse-lhe: *(alteando e engrossando a voz) Chóro por mim!!!... chóro por ti!!!... e chóro por quantos vão!!!...*

DIOGO

Quedo... quedo... fallae baixo, homem, que se nos ouvisse ora alguem!... Bem sabeis como vão os tempos; e mais ha sempre quem nos queira mal do que bem; olhae que El-Rei é como aquelle: *(apontando para a imagem de Santo Antonio)* está em toda a parte.

MIGUEL

Será verdade o que se diz? que não dorme?

DIOGO

Verdade, e reverdade; diz que antes da meia noite se alevanta, e se vai com um pagem, ou sosinho, correr fadário como alma penada, sabe Deus por onde... por essas praias álem... que sei eu?...

MIGUEL

Elle, falla-se em que lê muito.

DIOGO

Lá isso, lê. Mas cuido que por isso mesmo é que traz a cabeça como galeão sem leme. Não lhe praz, senão o que é arriscado, ou temeroso.

MIGUEL

Serão alguns amores escondidos...

DIOGO

Amores!... aquelle!... mais José do Egypto nunca o vistes. Onze mil filhas lhe confiára eu,

se as tivera. Essa é outra que os sèus padres directores, (Deus me perdoe!) lhe têem amartellado: que fugirá mais asinha d'uma donzella, que de seiscentos ginetes moiriscos.

MIGUEL

E eu mais asinha fugíra d'um só ginete moirisco, que de seiscentas donzellas; e vós, Diogo?

DIOGO

Não m'o pèrgunteis, que não são para mim fortunas d'essas. Mas, tornando a El-Rei: que me dizeis d'aquella, de se andar á luta como selvagem negro, de noite, na matta! sitiosinho que até de dia põe pavor!

MIGUEL

E o passar, tambem de noite, no bèrgantim, por entre as torres de Belem e San-Gião, sabendo que por ordem sua deviam os artilheiros atirar a quem passasse, como de feito atiraram; que m'o contou João Gallego, que lá teve no estaleiro o bergantim a correger!

DIOGO

Cá para mim, o que mais d'El-Rei me dá em que scismar é o ir-se elle pelo escuro com Sancho de Toar, atravessarem o Tejo, saltar só na praia d'alem, ir-se ali ter das bandas do Rastello um desconhecido, e apartarem-se ambos a praticar só por só, duas e tres horas largas; e isto tantas vezes!...

SCENA IV

MIGUEL, DIOGO, UM EMBUÇADO.

MIGUEL *(cotovelando a Diogo e mostrando-lhe com os olhos o Embuçado)*

Sth.... Sth.... *(Diogo levanta-se e vai para o Embuçado)*

EMBUÇADO

Deus vos salve! (1)

DIOGO *(tirando o barrete)*

Outro tanto: lá está já em baixo quem por vós espera. *(Vai-se o Embuçado pela porta do segundo plano á direita)*

SCENA V

DIOGO, MIGUEL.

MIGUEL

Quem é o framengo?

DIOGO

Não o vedes? É um homem.

MIGUEL

Uma capa cuidava eu que era... mas, pois homem o dizeis, já vos creio; a que vem?

DIOGO

A tratar ahi com outro encapuzado da sua laia. Que me mellem, se os eu conheço; o que

(1) Miguel, Diogo, o Embuçado.

sei, é que me hão tomado d'aluguel aquelle aposento suterraneo ha oito dias; têem já vindo emparedar-se nelle umas tres ou quatro vezes; pagam bem; e das comidas que para lá ponho, nem migalha provam.

MIGUEL

Aposto eu que se vos não déra de ter muitos freguezes d'ess'arte! Mas, dizei-me; nunca vos tentou a curiosidade, que os escutasseis?

DIOGO

«O que não fez Fuão, fal-o-ha Beltrão:» outrem por mim o faz.

MIGUEL

Enigma é esse, que me desatina... Sempre vos digo que a prematica que manda pagarem os embuçados tresentos réis para o meirinho, que os prender, não é de todo parvoa; serão elles alguns gravadores de moedas, como João Gonçalves, e virão para ahi fabricál-as falsas? De curiosidade me vou comido... Com Deus vos ficae: breve farei volta por cá. Agora vou-me ahi a casa d'um visinho vosso com quem me importa fallar por via d'um vestuario de ermitão, que diz que representa ámanhã no Auto que se faz no Paço. Inveja vos hei, que levais vida folgada d'estalajadeiro; uma hora vos quizera de adelo, para me não tachardes de desamoravel. *(Enxergam-se na rua, perto da porta, Antonio e Camões)* Olhae, Diogo! aquelles dois forasteiros, se me não engano, andam á busca de poisada... Lançae-lhe o croque, que melhor é pescar hospedes, que paguem, que sair com elle correndo a fisgar ladrões e arrua-

dores. Jesu Maria! que um d'elles pelo carão é perro moiro! *(Retira-se Camões, e vem entrando Antonio)*

DIOGO

Separaram-se...

MIGUEL

Não vos caiu a melhor sorte; ficareis com o moiraz.—Deus vos guarde! *(Vai até á porta, mas volta por curioso)*

SCENA VI

MIGUEL, DIOGO, ANTONIO.

DIOGO *(vai-se de barrete na mão para Antonio, e com profunda reverencia o salva)*

Que me digais, dom estrangeiro, o que de mim dispondes, e da poisada; que tão vossa é ella, como eu.

ANTONIO

Um aposento.

DIOGO

Pesar meu!... Um temos ahi... mas só lá para o cabo do serão o hão-de despejar. Mas porém... eu verei...

ANTONIO

Em summa: havereis onde albergar dois homens: meu Senhor, e eu?

DIOGO *(attonito, á parte)*

Seu Senhor!... Visto isso, é captivo! Forte bruto! *(Encaixa na cabeça o barrete, que na mão tinha)* E

tem um dizer despejado, e uma segurança de rosto, que nem que fôra gente!

ANTONIO

Deu-te ar na lingua, que te emmudeceu!

DIOGO *(á parte)*

Não te dê cuidado; agora verás se tenho presa a lingua.

ANTONIO

Sim? ou não? Responde.

MIGUEL *(á parte, para Diogo, com ironia)*

Vá: respondei-lhe; que vol-o roga Sua Mercê.

DIOGO *(á parte, para Miguel)*

Respondo, respondo. *(Para Antonio, com voz e ademanes de altivo)* Sabe que mais? os estalajadeiros d'esta terra, não são creados de ninguem; se servem a todos, é porque mui bem querem; o costume por cá em se fallando com sujeito da minha arte, é tratal-o como quem é; nanja como a um pedaço de negro, ou captivo; portuguezes captivos, é fazenda que não ha.

ANTONIO *(encolhendo os hombros e com gesto de menoscabo)*

Mentes, villão infiel! Escravos vejo eu por ahi a rôdo. E o primeiro és tu. Quando pouco ha fantasiavas que seria eu principe, ou senhor, não te prostravas a meus pés?!...

DIOGO

Rasgo era esse de cortez, para quem os sabe conhecer.

ANTONIO

Tanto que fallei em meu Senhor, desdobraste-te de repente, como arco onde estallou a corda,

e eis-te ahi impertigado e arrogante! De altivezas duas me rio; mas por conselho te dou, que d'aqui ávante me não tornes com ellas a tentar. Adverte nisto, para que, se jámais nos tornarmos a vêr, commigo outra vez te não enganes!...

DIOGO *(á parte)*

O carocho é gracioso!

ANTONIO

Aquelle que eu appellido meu Senhor, em verdade o é; mas não como tu cuidas; nenhum interesse nem cubiça me lançou grilhões aos pés: livre nasci, livre mamei o leite de minha mãe, e hei-de morrer livre. Só impulsos de agradecido animo, e affeição nobre, que não conheces tu, nem os da tua relé, me hão tornado captivo de um homem grande, que tambem tu não conheces, nem os teus. Este captiveiro, sim, que o tenho; quero-lhe; ninguem m'o desatará nunca: a morte só; nem sei se a morte! A vida me havia salvado esse homem; consagrei-lh'a. Ter-m'a-ha toda por sua. Nelle empreguei quanto coração me doára Allah; nelle cifro tudo: doem-me as suas dores; venturas suas me aventurariam; respiro nelle; com a sua alma sublime me engrandeço; ouso fallar com as suas palavras, que enfeitiçam; estas mormente, que um dia lhe escutei:

«Transforma-se o amador na coisa amada,
Por virtude do muito imaginar.»

Se toda a formosa ilha de Java, terra da minha meninice, me acclamára por seu Guno, não me ufanára como quando *amigo seu* me nomeia o

meu Senhor. Já me conheces; adeus, que me vou á procura de poisada. *(Vai para sair)*

DIOGO *(á parte, para Miguel)*

Sabeis que tem o perro gentis brios!

MIGUEL *(á parte, para Diogo)*

E assim m'o deixaes desarvorar?! *(Para Antonio)* Estrangeiro mano!... ó lá!...

ANTONIO *(tornando a traz)*

Que me quereis? Aviae. (1)

MIGUEL

Uma palavra tão só... Meu primo (que este é meu primo carnal) meu primo não sabe o que diz...

DIOGO *(á parte, para Miguel)*

Sus, sus, patrão Miguel!

MIGUEL *(a Antonio)*

De ignorancia lhe nasceu o offender-vos, que não de ruim animo; fallastes-lhe como a irmão, espinhou-se: que muito?! se o coitado, não sabe nem til lá d'essas vossas linguas indiaticas! *(Voltando-se para Diogo)* Porque has-de tu advertir, que ali o nosso amigo, se estivesse praticando, supponhamos agora... com um Samorim, ou um Maioral, ou, como elle diz, um Guno lá da sua terra, não se expressaria por diversos termos.

ANTONIO *(com desprezo)*

Parvo!

DIOGO *(á parte, a Miguel)*

Comtigo é. *(Alto para Antonio)* Pois... Senhor estrangeiro, já confesso... que errei; se o desejais, ir-vos-hei mostrar o aposento...

(1) Diogo, Miguel, Antonio.

ANTONIO

Onde é?...

DIOGO *(abrindo a porta do primeiro plano á direita)*

Aqui. *(Entra com Antonio para o quarto)*

SCENA VII

MIGUEL, *só.*

Parvo! aquillo foi para meu primo; d'esta feita não fallou indiatico, senão portuguez de lei. *(Torna Diogo a apparecer)*

SCENA VIII

DIOGO, MIGUEL.

DIOGO *(á parte)*

Certamente o *parvo* foi para meu primo. *(Para Miguel em voz baixa)* Que lhe quereis? Como a irmão vos trata: é como se estivera praticando com os Gunos da sua terra.

SCENA IX

OS MESMOS, E ANTONIO.

DIOGO *(voltando-se para Antonio que vem entrando)*[1]

Que me dizeis do agasalho? *(Para Miguel, em*

(1) Miguel, Diogo, Antonio.

voz baixa) Bem hajais, primo, que em quanto o diabo esfrega um olho, me mettestes dois hospedes em casa.

MIGUEL *(saindo)*

Com Deus vos ficae.

DIOGO

Vinde ámanhã, que accenderemos fogueira; bailareis com as moças, se vos aprouver, e botaremos uma cã fóra; já que faltastes ao meu Santo Antonio, não me falteis ao meu San-João, que vol-o não houvera de perdoar.

MIGUEL

Veremos. *(Indo para sair, encontra-se á porta cara a cara com Camões)*

SCENA X

CAMÕES, DIOGO, ANTONIO.

CAMÕES *(fallando entre si)*

A minha Senhora D. Caterina! se o é! inda a inclinação lhe não mudou; que bem me lembra como folgava de ir rezar á egreja de Sant'Anna! Mal haja o remoinho do povo ao sair do templo, que a esgarrou d'estes meus olhos, tão cançados de a chorarem ao longe. *(Para Antonio)* Bem vai, amigo Antonio; já déste per ti só a primeira passada nestas novas partes da politica e sublimada Europa. *(Para Diogo)* E bem, burguez honrado? sois conchavados no ajuste?

DIOGO

Ás mil maravilhas; deixae-me tão só o tempo

de vos arrumar a estancia, que pouco ha ainda que a despejaram, e prestes vos entrego a chave.

CAMÕES

De que estancia fallais? filosofos somos; um cubiculo nos basta com um só catre e dois escabellos.

DIOGO *(á parte)*

É jovial o escudeiro! pois sou contente; que, de sisudos tristes, me livre Deus. *(Caminha para o fundo do theatro, e volta logo)* E verdade!... e as vossas arcas? onde as deixastes?

CAMÕES *(perplexo)*

As minhas arcas... *(á parte)* dou que nos toma por morgados da Beira, ou capitães-mores das armadas da India!

DIOGO

Quereis que mande por ellas?

CAMÕES

Não tem pressa. *(Á parte)* Cá me entendo...

DIOGO *(para Antonio em tom bondoso como quem deseja reconciliação)*

«O que lá vai, lá vai». *(Sai pela primeira porta da direita)*

SCENA XI

CAMÕES, ANTONIO.

CAMÕES

Perguntar pelas arcas ao filho prodigo!... Quatro livros, alguns cadernos, e um crucifixo, eis-ahi todo o fardel; pouco mais. O meu Antonio ámanhã irá buscar isso á nau *(Com respiro largo)* Deus

louvado, que já um'hora em Lisboa me torno a ver alfim! (*Chegando-se para a janella do caes*) Salve Lisboa minha! minha velha, minha formosissima cidade!... Para ti me torno a cabo de dezasete annos de trabalhado desterro, mais pobre, e mais poeta que nunca!... Nem já de mim te lembrarás, terra madrasta! e a mim, nem o dormir te me desluzia da memoria; que entre sonhos vela o coração dos namorados. (*Imaginativo*) Que muito! se o meu cubiçado Pomo-de-oiro, a minha Perola-de-Cleópatra, o meu Anjo-do-paraizo, d'estes muros a dentro resplandecia!... Além, além vive a dama por quem eu sou contente de ser triste... por quem mil vezes morreria, se o pudera!... Além, além vive! de suas paredes me está revendo para os olhos d'alma a claridade de sua formosura! além, além vive, que só para lá se revolve este coração como agulha de marear, que busca sempre a sua estrella! A ella porém... alembrar-lhe-hei eu ainda porventura? Ah! que se acaso... Porque assim olhas para mim, Antonio? Louco te pareço?

ANTONIO

Oh! que não. Entendera-vos o mundo, e entendera-vos ella, como vos eu enteñdo! E não me esquece ainda, quando aquillo cantaveis tão docemente:

«As lagrimas da infancia já manavam
com uma saudade namorada;
o som dos gritos que no berço dava
já como de suspiros me soava.
Co'a edade o fado estava concertado,

porque quando por caso m'embalavam
se d'amor tristes versos me cantavam,
logo me adormecia a natureza,
que tão conforme estava cu'a tristeza.»

CAMÕES

Quando alguma vez, como agora, me colho ás mãos a fantasiar venturas, de mim mesmo me rio.

ANTONIO

E porque?

CAMÕES *(encostando-se no hombro de Antonio)*

A ventura! (*depois de longa pausa*) Peregrinei assaz de terra e mares; e segundo naquell'outra canção o escrevi:

.....«Deixei a vida
pelo mundo em pedaços repartida:»

era tudo percorrer apoz a ventura; e ella a me fugir diante! Nunca cheguei, onde de longe a vira branquejar, que ao meu chegar não levantasse o vôo para mais longe! ¿O bom, e tão valioso amigo, que me havia cá de amparar, não nos falleceu no mar quando já avistavamos Cintra? (*Com o sorrir magoado*) A ventura!... a ventura!...

ANTONIO

Quiçá a alcançareis aqui. Nem sempre a patria vos será madrasta.

CAMÕES

Boa sorte sem boa cabeça, não a póde haver,

Antonio; e a minha (mal peccado!) é das mais ruins, que nunca hei visto.

ANTONIO

Antes a não ha mais para loiros, segundo todos dizem, e o diz tambem meu coração.

CAMÕES

Melhor a conheço eu, que tu e elles; ruim é, ruim foi, e ruim tem de ser até ao cabo: ganhára muito em a trocar pela de qualquer chatim judeu, ou mercador da rua nova; nunca a pude obrigar a deitar contas, e negociar o porvir! Em troca porém, vieram por seu pé tomar nella aposentadoria, a briosa altiveza, e... e a loucura... sob o nome de poesia; e para ventoinha tal, querieis vós malbaratar os loiros!... Dae-os antes a quem bem saiba as contas de Frandes, e carregue nos portos do Oriente caravellas de seda e beijoim. Ide-vos com o tempo; que para esses sós quer elle que sejam os triunfos. Loucura e altiveza, eis todo o meu haver; que por derradeiro... só me servirá talvez de salvo conducto ahi para o hospital.

ANTONIO

Mal cuidais quanto me affligis, fallando nisso...

CAMÕES

Grave semrazão! O hospital são uns formosos Paços, e quasi tamanhos como os da Ribeira, onde El-rei assiste. De siso t'o digo, Antonio, d'estas duas coisas, ambas tristes e temerosas, côrte e hospital, não é o hospital a de que eu mais tremo. Que importa!... apesar de ambas quero muito á minha Lisboa, á minha donosa e ingrata

Lisboa! Mal o presumia eu, quando, annos ha, me partia d'ella, Tejo abaixo, na nau San-Bento, com Pedro Alvares Cabral; que a minha ultima despedida foi esta: «Terra ingrata! Fica-te; que me não has-de tu comer os ossos!» Dizia-lh'o; mas entre lagrimas. E lá pelo teu Oriente, nem dia, nem hora, nem instante, nem velando, nem dormindo, nem em trabalhos, nem em gostos, nem perseguido, nem festejado, me esquecia d'ella. Era-me tirana; mas era patria. A ti porém, Antonio meu, é destêrro verdadeiro. E se nella te aguardasse tambem a ti a minha desaventura! Como poderias perdoar-lhe tu? Com que te consolarias, não vendo cá o teu berço, nem o teu rio Chiamó, nem as arvores que primeiras te riram em menino, nem as sepulturas de teus paes?

ANTONIO

Descançae, Mestre; acostumei-me a pensar todos os vossos pensamentos; ao que vós chamais patria, chamarei patria; e querer-lhe-hei, por vós, e como vós. Nenhuma força de vós me apartará em quanto eu viva: só a vossa vontade poděra tanto... mas d'essa me não temo eu.

CAMÕES

Agra tarefa te impões, meu pobre Jáo!

ANTONIO

Folgára eu... que podesse nest'hora o meu sangue mercar para vós as ditas que mereceis.

CAMÕES

Animo! e ávante Luiz de Camões! se tens em Lisboa mil fidalgos villões por inimigos, tens pa-

ra os contrapezar um amigo: unico sim, mas tambem na amisade unico.

ANTONIO

Inimigos dissestes? Heis de m'os dar a conhecer.

CAMÕES

Sim, sim, inimigos; e com mais para temer que os Migueis Fios-seccos, e os Barretos lá da Asia: um escrivão da Puridade, um Martim Gonçalves, e um cardeal D. Henrique; dois como reis de quem o coitado de mim se aventurou outr'ora a dizer verdades. Elles, me negociaram o desterro; e morte em cadafalso me houveram negociado se se atrevessem.

ANTONIO

Guapa caridade de christãos! E a nós outros chamam barbaros gentios... e nos mandam prégadores de sua fé!

CAMÕES

Como ora voltei, reviverão seus odios.

ANTONIO

Pois que revivam; não os tememos.

CAMÕES

Assim, meu leão silvestre! Assim! sempre indomito e rompente! Mas cuidado, que não estás aqui em palmares ou sertões; prohibo-te loucuras, sob pena de me agastar comtigo. *(Ouve-se correr um sino ao longe, o qual continúa até ao fim da falla)* Ah!... escuta!... uma campa que tange!... não é batter de horas, não; tocar das trindades deve ser. Esta campa... sempre esta campa!... Que me quererá agora! Quero-te dizer is-

to, Antonio; esta campa de Sant'Anna sabe a minha vida; ponto por ponto a podéra relatar: pregoou a um tempo, o mortorio da mãe, e o baptismo do filho. Bradava e gemia por ella, alma gentil, que se partia descontente d'este mundo, para se ir aos ceos; e repicava triunfal pelo filho, que encetava viver de dores e trabalhos. Na infancia, isto. Mancebo e donzel, sempre ella tambem foi commigo: ambas as vezes que larguei Lisboa desterrado, ambas a ouvi soar á hora do meu apartamento: fugiam as praias do Tejo; Lisboa se nos ia pela pópa a esvair no horisonte; no ouvido attento me vinham acabar de morrer uns sons confusos, como apagados suspiros de cidade remota; ninguem os percebia já, senão eu, que os ouvia pelo coração; reconheci-os; eram ainda vozes d'esta campa de Sant'Anna! Extrema despedida da minha terra. Quando hoje, ante manhã, vinha a nossa nau Santa-Fé remontando o Tejo, que nós debruçados na amurada alongavamos olhos pela escuridão á busca de Lisboa, não percebemos um som mortiço?... Recorda-te, e reconhecerás que era esta mesma campa. Assim que, magoas e alegrias, todas ella me ha apontado. (*Cala-se o sino*) D'esta vez... bem poderá ser que me annuncie... morte.

ANTONIO

Sempre o mesmo! Quereis ora que me vá á poisada do senhor D. Affonso de Noronha?

CAMÕES

Sim, sim; que, se eu tardasse em lhe dar novas

de minha tornada, não m'o houvera elle de perdoar; escuta porém, Antonio...

ANTONIO

Senhor meu?

CAMÕES

Que ninguem sonhe, nem sequer o meu amigo D. Affonso, o desamparo e mingoa em que jazemos. Se a desaventura porfiar... então... veremos o que importa fazer.

ANTONIO

Percebi; far-se-ha como dizeis.

CAMÕES

Vae ora; e faze volta breve.

SCENA XII

CAMÕES *só (acompanhando com os olhos a Antonio, que se ausenta)*

Por vida minha, que homens de tão fina tempera não os cria o Occidente; se algúns produz.. é por descuido; e nunca duram muito esses taes. Viva Deus! vou estrear nova era! Quaes fados me aguardarão porém? Cá tenho os meus designios (designios ha-os sempre); o que só me fallece, são meios com que os realisar: meios, digo, seguros, d'estes que surtem sempre seu effeito. Um regresso haveria, que são os emprestimos; mas dividas, são azos para naufragios; e de naufragios por mar e terra estou eu farto.

SCENA XIII

CAMÕES, DIOGO.

DIOGO (*que vem da primeira porta da direita*)

Tendes, senhor, o vosso hospicio já prestes e concertado.

CAMÕES

Bem hajais, honrado hospedeiro. Se vos perguntar alguem por Luiz de Camões, sou eu.

DIOGO

Com licença de Sua Mercê!... Luiz de Camões! O autor das trovas namoradas que por ahi se cantam na guitarra em saraus de senhores, e passatempos de villões! Que gentil arte de trovar! (*canta*)

«Menina formosa e crua
bem sei eu,
quem deixára de ser seu,
se vós quizereis ser sua.»

CAMÕES

Garganteais, que nem Mathias d'Aranda, o mestre de solfa na Universidade de Coimbra.

DIOGO

Dizei antes que nem a cachorrinha de Sua Alteza a Senhora Rainha, que dizem que é mais entoada que dez foliões da Arruda; mas, tornando ás trovas: aquell'outra... que perante ruins e praguentos se não diz... contra o senhor Cardeal, o Escrivão da Puridade e o Confessor d'El-Rei... é tambem do vosso engenho; cuido eu.

CAMÕES (*rindo*)

Por vida de teu avô tôrto que te cales.

DIOGO

Haveis razão: que essa trova é mais defeza e malsinada em Lisboa, que vinho de Bucellas em pagode de turquescos! Ainda mal, que bem caro vol-a fizeram pagar!... Com que emfim! sois o senhor Luiz de Camões!... Quem me houvera dito que se honraria jámais a minha poisada com receber-vos! Da casa, do que nella houver, e de mim, podeis fazer conta, como de coisas todas vossas. Já por fé vos amava; mas agora em tresdobro, senhor D. Luiz de Camões; cavalleiro esforçado, como poucos; e poeta para uma trova, como nenhum, segundo pregoam os entendidos. Havei-me por captivo vosso, que mais me ufanarei eu d'isso, que pagem da tocha, ou rei d'armas em ceremonial do Paço.

CAMÕES

Que vol-o pague Deus, amigo honrado! mal presumís o bem que me fazeis com taes palavras! Graças! outra vez graças!... (*á parte*) Á fé que merecia elle outra casta de hospede (*vai-se pela primeira porta da direita*)

SCENA XIV

DIOGO, *só*.

Ámanhã apeio o rotulo que tenho por cima da porta com uma caravela doirada; quero mandar pregar outro mais soberbo: ha-de ser o re-

trato do senhor Camões, do meu hospede, pintado por Braz d'Avelar, com este moto que me ficou de um seu soneto

«Serás faro a soldados e a poetas.»

E o moto, da lettra do senhor Manoel Barata, mestre de escripta de Sua Alteza. Com tal chamariz, poderá a minha estalagem rir-se até dos Estáos do Ressío, com serem poisada d'Embaixadores. Estou que a lembrança não ha-de desprazer ao meu poeta. *(Chega-se para escutar á segunda porta da direita)* ¿E cá os nossos emparedados?... Tomára adivinhar o que estão fazendo!... É segredo d'abelhas em cortiço. Muito boa nunca a obra deve ser! Mas a mim que me arma! «se bons caldos mechem, que taes os bebam!» Lá chega o meu escutador de portas; e vem com um desconhecido! ¿Que farei agora, que aluguei a outrem o seu aposento? Adeus! que se agasalhe como poder! eu não hei-de pôr na rua o senhor Camões por via d'elle, nem de ninguem. *(Sai pela esquerda)*

SCENA XV

EL-REI, D. AFFONSO DE NORONHA.

D. AFFONSO

É aqui.

EL-REI

Nesta espelunca! A vos não conhecer eu, como vos conheço, D. Affonso de Noronha, suspeitára

que enganado me trazieis a um covil de malfeitores.

D. AFFONSO

E bem o póde Vossa Magestade dizer: encerrados nesta hora estão dois além. *(Apontando para a segunda porta da direita)*

EL-REI *(sorrindo)*

Continuais logo a teimar que nos atraiçoam? Imperrado sois nas ruins suspeitas! O amor e zelo, que á nossa pessoa haveis, vos allucinam.

D. AFFONSO

Oxalá que em méras suspeitas se fundára o capitulo que eu a Vossa Magestade fiz contra Martim Gonçalves! o que eu revelei, vi-o e ouvi-o; e Vossa Magestade em pessoa agora o verá, e ouvirá tambem.

EL-REI *(á janella muito attento)*

Tresvariais.

D. AFFONSO

Vossa Magestade sabe mui bem as invejas e malquerenças, que de muito ha entre Martim Gonçalves, e Sua Alteza o Senhor Cardeal, Tio de Vossa Magestade. Desde que a Regencia d'estes Reinos veiu ás mãos de Sua Alteza Eminentissima, Martim Gonçalves desesperado vendeu-se aos Castelhanos.

EL-REI

Oh! que gracioso sonhador de desvarios, que vós sois! Mas dêmos já de mão a tramas e conjurações; quereis que vol-o diga, D. Affonso? Desde que vos entregastes a esses pensamentos, já vos não conheço; mais vos queria ver qual ereis

d'antes: gentil-homem descuidoso, e cortezão aprazivel. Desenfademo-nos; lembrae-vos de que é esta a penultima noite que em Lisboa passâmos.

D. AFFONSO

Por isso mesmo, Senhor Rei, é que eu mais vos supplico me attendais: Vossa Magestade a partir-se para Africa, e logo Portugal governado, ou desgovernado, por um velho, fraco, e malquisto do povo.

EL-REI *(sempre distraido)*

Credes que me deixasse eu aqui trazer com o fito de espiar, e prender traidores? Ás minhas justiças toca esse officio, que não a mim; não; não; se consenti em vos acompanhar disfarçado, foi porque d'esta estalagem, pelo sitio em que me dissestes que ficava, me occorreu que poderia, sem ser conhecido, nem importunado de passageiros, aguardar o signal da luz que além numa barca do Tejo ha-de apparecer. *(Aponta para o rio)*

D. AFFONSO

Uma palavra mais; a derradeira, Senhor Rei.

EL-REI

Pois que a derradeira é, dizei-a embora. Concluí, conclui.

D. AFFONSO *(ajoelhado)*

Rei, e Senhor meu: se d'aqui a tres mezes, em se tornando da jornada d'Africa, Vossa Magestade achar fechadas as portas da sua Capital, recordar-se-ha de como D. Affonso de Noronha ajoelhou ás suas reaes plantas.

EL-REI

Erguei-vos! Quem me já dera d'aqui longe! Mas por dar mate a importunações, vamos; fazei tudo; depressa. Que é o que de mim desejais? mas, adverti, que assim como eu vir brilhar a minha luz, de subito me ausento. Fallae.

D. AFFONSO

D'este aposento *(aponta para o quarto de Camões)* se ouve quanto se diz naquelle *(aponta para a porta por onde entrára o Embuçado)* que, por mais baixo, fica sendo por este dominado sem o cuidar. Para lá descem duas escadas: esta *(torna a apontar para a porta do segundo plano)* a unica de que se elles servem; e outra que para este quarto sobe: *(apontando outra vez para a porta do primeiro plano)* a porta, ao cimo d'esta segunda, está-lhes a elles encuberta com um almario corrediço; tem um ralo para escuta, e da banda de cá uma cortina que o disfarça.

EL-REI

Haveis jurado a Mafamede gastar-me de todo a paciencia, D. Affonso!

D. AFFONSO

Destapado o ralo, nenhuma palavra se diz em baixo, que de cima se não perceba claramente. Aqui tem Vossa Magestade o como, e por onde, logrei descobrir o crime d'alta traição, que entre elles se anda concertando. Vinde, Real Senhor, e já ficareis de todo convencido. *(Vai para abrir a porta do primeiro plano)* Fechada!

EL-REI

Ainda bem.

D. AFFONSO *(a vozes)*

Diogo! Diogo!

SCENA XVI

OS MESMOS, E DIOGO.

DIOGO *(vindo da porta da esquerda)*

Senhor meu... (1)

D. AFFONSO

Porque está esta porta fechada?

DIOGO

É porque... esse aposento... alugou-se.

D. AFFONSO

E eu, d'elle necessito; abri-o já, e logo.

DIOGO

Mas porém...

D. AFFONSO

Obedece, villão! (*Á parte*) Em tão pequeno escolho naufragar um Reino! (*Diogo entra no quarto de Camões, e volta logo a sair com elle*)

SCENA XVII

EL-REI, D. AFFONSO, CAMÕES, DIOGO.

CAMÕES (*a Diogo*)

Fallar-lhe-hei eu. Oh!... D. Affonso de Noronha!!...

D. AFFONSO

Camões!!...

(1) El-Rei, Diogo, e D. Affonso.

DIOGO

Conhecidos são (*vai-se pela porta da esquerda*)

D. AFFONSO

Ainda tenho esperanças.

SCENA XVIII

EL-REI, D. AFFONSO, CAMÕES.

CAMÕES (*para D. Affonso*)

Fallou-te o meu captivo?

D. AFFONSO

Não. (*para El-Rei que se aproximou*) Real Senhor, a Vossa Magestade apresento Luiz de Camões.

CAMÕES

El-Rei!...

EL-REI

Muito folgo, Luiz de Camões, de conhecer alfim o autor de tão gentis sonetos; o autor d'*Os Lusiadas*, o mais nacional poema que nunca houve.

CAMÕES

É possivel... que Sua Real Magestade... poz os olhos nos meus versos!

EL-REI

Que admirais nisso? Versos que todos trazem na memoria e na boca, havia eu só de os ignorar? Não querieis que lêsse o Monarcha de Portugal um livro que é Thesoiro das Glorias Portuguezas? Querieis, meu primoroso poeta; oh! se o querieis! que para isso lá me fallaveis naquellas divinas estancias, que talvez não concorreram

pouco para a façanha que entre mãos trazemos da conquista d'Africa:

«Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
o sol logo em nascendo vê primeiro;
vê-o tambem no meio do hemisferio,
e quando desce o deixa derradeiro;
vós que esperamos jugo e vituperio
do torpe Ismaelita cavalleiro,
do Turco Oriental, e do Gentio
que inda bebe o licor do santo rio.»

Sabeis, Camões, que eu leio na propria lingua os poetas da antiga Roma; pois juro-vos que não achei em Virgilio mais formosos versos!

CAMÕES

«Os olhos da Real benignidade
ponde no chão: vereis um novo exemplo
de amor dos patrios feitos valorosos,
em versos divulgado numerosos.»

D. AFFONSO (*impaciente, á parte, mas para ser ouvido d'El-Rei*)

E instantes d'estes a perderem-se!

EL-REI

Com bem ruim hospicio vos contentastes, Cavalleiro!

CAMÕES (*jovial*)

Quiz tornar a ver Lisboa disfarçado.

EL-REI

Não sois vós homem para deverdes entrar nella d'esse modo; Reis são tambem os poetas; e mais que Reis, quando vos assimelham: pois em quanto

nós outros recebemos a coróa, vós vol-a cingis por vossas mãos, e as dais, se vos apraz. Ámanhã vos espero nos meus Paços da Ribeira; quero que perante a Côrte, perante Cavalleiros, e Damas... Damas tambem, Luiz de Camões... me apresenteis *Os Lusiadas*, de vosso punho, e nos façais ouvir por boca de seu autor a morte de D. Ignez.

CAMÕES

Grande sois, e generoso, Real Senhor! Escureceis a fama de Alexandre: porque Homero, que elle sempre tinha á cabeceira, era já finado e antigo; e eu... todavia tenho como já lá dizia:

«Para servir-vos, braço ás armas feito;
para cantar-vos, mente ás musas dada.» (1)

EL-REI

Haveremos sarau que sobreleve aos de D. João III. ¿Sabeis que as donzellas, poetizas e musicas do estrado da Princeza minha Tia, nos hão apercebido um Auto como os de Gil Vicente, o qual mereceu a approvação do meu Chronista Mor Antonio de Castilho, bom dezembargador em causas de poesia?

CAMÕES

Não sabia, Senhor; encantais-me.

EL-REI

Que dizeis á ousadia feminil?

CAMÕES

Que mais devem as Musas favorecer ao seu sexo,

(1) D. Affonso, El-Rei, Camões.

do que ao nosso; e nós agradecer-lhes em dobro esses favores.

EL-REI (*para D. Affonso*)

Já vêdes, D. Affonso, que tenho tambem eu por amigos aos que o são vossos. (*Vai-se encostar á janella para observar o Tejo; vem da rua Antonio, saúda aos presentes, e recolhe-se pela primeira porta da direita*)

EL-REI (*que reparou attento em Antonio*)

Gentil mancebo é o indio! por um Gran-Vasco merecêra retratado, e esculpido por um imaginario como Affonso Lopes. Conheceil-o?

CAMÕES

Como a mim proprio; senão melhor.

EL-REI

Da India?

CAMÕES

Dos trabalhos.

EL-REI

Mais é.

CAMÕES

Na entrada do golfo de Sião eramos ambos naufragados, e salvámo-nos um com o outro; posso dizer que ali nascemos gemios, para havermos de morrer juntos.

EL-REI

Cá foi dito que d'essas aguas arrancáreis vós o vosso poema...

CAMÕES

E este homem; unicas riquezas que da Asia trouxe. Ainda assim, dez Lusiadas e cem Asias dera eu por um só amigo como aquelle.

EL-REI

Pertence-vos?

CAMÕES

Captivo meu lhe chamam, mas um ao outro nos pertencemos.

EL-REI

D'onde é?

CAMÕES

De Java, Senhor.

EL-REI

Terra de valentes, dizem, e cuido que o dissestes vós tambem.

CAMÕES

E onde cumprisse provál-o, proval-o-hia elle. Valente, e poeta.

EL-REI

Discipulo vosso?

CAMÕES

Discipulo meu? talvez; mas alumno da formosa natureza oriental, e inspirado de seus ares creadores. É a terra do sol e das perolas; é a terra das alterosas palmas; como não seria a terra dos poetas? Com elle me praz praticar devaneios e saudades; leio-lhe, ou lê-me elle, as minhas trovas, quando já de cór m'as não recita; e tudo me entende: assim o que digo como o que dissimulo. Muita vez me ha supprido elle só audítorio, e até mundo. Das affectadas friezas dos contemporaneos, a miude me consolei com os louvores ingenuos do meu indio. Por sua boca (*sorrindo*) (perdôe-me Vossa Magestade a vangloria) me parecia estar escutando ao longe a posteridade.

EL-REI

Bem! muito bem, meu poeta! quero que ámanhã em palacio m'o apresenteis. (*Para D. Affonso*) Já vêdes, D. Affonso, que não só aos vossos amigos agazalho, senão tambem aos amigos dos vossos amigos.

D. AFFONSO

Beijo-vos as mãos, Senhor, mas não vos esqueçais!...

EL-REI

Para outra vez será.

D. AFFONSO (*para Camões, baixo*)

Não chegares tu duas horas mais tarde!...

CAMÕES (*baixo*)

Que has dito?

EL-REI

Alfim a luz! Viva Deus! (*para D. Affonso, que faz pelo deter*) mais me releva que isso tudo, o que d'além me está chamando; ficae-vos; até ámanhã, meu Luiz de Camões. (*Sai pela porta do fundo*)

CAMÕES (*fazendo-lhe reverencia*)

Senhor.

D. AFFONSO (*seguindo a El-Rei com os olhos*)

Sebastião!... Sebastião!... a Deus praza que não venhas ainda a arrepender-te e sem remedio!

SCENA XIX

D. AFFONSO, CAMÕES.

CAMÕES

Bofé, que para recebimento como o teu, não

valia a pena de haverdes corrido não sei quantas mil leguas de oceano! Que novas modas são estas que venho achar! Se jogo é, ou momos, dessalgados me parecem, por vida minha! Mas antes de mais nada, venha essa mão; agora não ha já ahi realezas que nos insombrem os affectos: é dar largas ao coração. Dize-me: acho eu em ti o amigo que deixei, como tu recobras em mim o que sempre houveste?

D. AFFONSO

Que nos jurámos nós á hora do apartamento?

CAMÕES

Amizade para em quanto vivos fossemos.

D. AFFONSO

Não somos nós ambos homens de palavra?

CAMÕES

Voto que sim.

D. AFFONSO

Somos vivos?

CAMÕES

Graciosa pergunta!

D. AFFONSO

Mais graciosa, ou mais parvoa pergunta, é logo a tua.

CAMÕES

Ávante!

D. AFFONSO (*á parte*)

Não quero que os traidores em saindo me descubram. (*Em voz alta*) Á fé que largarás para logo tão ruim poisada.

CAMÕES

Certo que não; bem sabes... que tive eu sem-

pre fantasias; é esta mais uma; cá me entendo; apraz-me o ninho.

D. AFFONSO

Zombaria semsabor! Vem, amigo...

CAMÕES

Para onde?

D. AFFONSO

Para a minha poisada, que é tua.

CAMÕES

Não aporfies, que não troco a estancia pela do Preste João.

D. AFFONSO

Não aporfiarei, pois que não hei tempo para malbaratar. Com Deus te fica; até breve.

CAMÕES

Tambem não: ainda agora nos encontrámos, e já nos haviamos de apartar! A que vem taes pressas? Desferis vela já hoje para Africa? Pratiquemos d'espaço. Dize-me antes de tudo: quando, pouco ha, estavas aqui, só por só com El-Rei... creio que cheguei importuno, e vos atalhei na conversação.

D. AFFONSO

Não t'o nego.

CAMÕES

Mas, do meu aposento, que pretendieis vós outros?

D. AFFONSO

Segredo é esse que te não posso descobrir.

CAMÕES

Bem fazes logo em o guardar. Fallemos d'outra coisa, que faz mais ao meu proposito: visto como

devo ir ámanhã a palacio, importa me dês o roteiro d'essa paragem aparcellada, e me faças, como experimentado, relação fiel do que por lá corre. Não quero haver-me boçal, que digam praguentos e zombeteiros que sou chegado d'além mundo. Não te pergunto se és ainda valido; pois te vejo *Achates* do real *Eneas*. Novas quero sobretudo da tua formosa prima, a minha senhora D. Caterina d'Atayde.

D. AFFONSO

D'ella te lembras ainda?

CAMÕES

Oh! e quanto! Dize-me: fallava ella alguma hora no pobre desterrado?

D. AFFONSO

Muito... mas que te dá a ti d'isso?

CAMÕES

Já te não lembra como eu a idolatrava?

D. AFFONSO

Sim; mas dezasete annos ha isso.

CAMÕES

Pois idolatro-a agora como ha dezasete annos.

D. AFFONSO

Tu! Tu queres-lhe ainda?

CAMÕES

Sim: quanto mais longe d'ella me sentia, mais sentia ir-se-me entranhando pelo coração a dentro o seu amor; este amor, só com o mesmo coração m'o arrancariam; que já dos dois fizeram um só a razão e o costume. Enigma é, e enigma sou eu proprio, que te não sei explicar: sei que a amo; em tudo o mais, achar-me-has ainda,

qual fui sempre, mudavel de hora a hora, e só constante na inconstancia; mas este amor é a alma da minha vida. Se me dissera alguem: (*com vehemencia*) D. Caterina, aquella tua Natercia, aquella musa dos teus mais amados e mais amantes versos... D. Caterina já te não ama, olvidou-te...

D. AFFONSO (*olhando a furto para a segunda porta da direita*)

Mais baixo, mais baixo!...

CAMÕES

D. Caterina, quer bem a outrem;... o que isso me dissera, Affonso, déra commigo morto de repente.

D. AFFONSO (*á parte, mas em voz alta sem advertir em que o está Camões ouvindo*)

Fôra inaudita barbaria!...

CAMÕES

Barbaria inaudita, o quê? explica-te!

D. AFFONSO

Não me inquiras...

CAMÕES

Hein!... é casada!...

D. AFFONSO

E se o fôra?... que fizeras?

CAMÕES (*com impeto*)

Basta: adeus.

D. AFFONSO

Furioso estás! quem te disse que D. Caterina é já casada? Pretendem, sim, de a casar...

CAMÕES

Sisudo fallas?... *Não está casada?* Com quem a

pretendem casar? Como o chamam? Falla: quem é? de repente!

D. AFFONSO

Martim Gonçalves.

CAMÕES

Martim Gonçalves! Justo Deus!

D. AFFONSO (*á parte*)

Dado é o primeiro bote.

CAMÕES

Roubára-me a liberdade; roubára-me a terra do nascimento; ficava-me D. Caterina; até essa me quer agora roubar! a primeira e segunda morte, perdoou-vol-as Camões; mas esta derradeira... esta não, senhor Martim Gonçalves! que nesta vai condemnação, e inferno juntamente!

D. AFFONSO

Antes de nos apartarmos, aqui, pela cruz da tua boa e fiel espada, e pelas memorias dos bons tempos em que na India se apertou a nossa amizade, me jura que te não irás vêr com esse homem. Temeridade grande seria; e arriscar tudo sem proveito.

CAMÕES

Palavra te dou.

D. AFFONSO

Nella confio; voltarei logo.

CAMÕES

Adeus.

D. AFFONSO (*á parte*)

Ah! senhor secretario! juro a Deus que me heis de pagar caro tudo isto! (*Sai D. Affonso pela porta do fundo*)

SCENA XX

CAMÕES (*só*).

Ai! D. Caterina! se ainda chegaria eu a tempo! Valer-nos-ha o ter El-Rei por mim. El-Rei... mas porém a minha ida a palacio?... ámanhã!... e como? se não tenho mais galas que este saio gastado! que monta? (*em tom resoluto*) Grã côrte era para o seu tempo a d'El-Rei Herodes; mas o Baptista lá se apresentou com o seu saial de pelles de cordeiro.

SCENA XXI

MIGUEL, CAMÕES.

MIGUEL (*que entra desassocegado*)

Onde será Diogo? que o não vejo!

CAMÕES (*á parte*)

Quem vem ora lá? oh! é Miguel! o corretor d'adelos, a quem eu soía de mercar! a ponto m'o depara a Providencia! (*Saúda-o*) Miguel mano!

MIGUEL

Beijo-vol-as, senhor escudeiro; quem sois vós porém?

CAMÕES (*á parte*)

Galharda novidade, que seja mais desmemoriado o acredor que o devedor! (*Alto*) Tão demudado venho eu!...

MIGUEL

Oh! perdoae-me, que vos não conhecia, senhor

Luiz de Camões! dou-vos os emboras pela feliz tornada *(á parte)* e a mim tambem.

CAMÕES

Verdade é que ainda cá tornei.

MIGUEL

Soava entre o povo que ereis morto d'um pellouro.

CAMÕES

Só isto lá deixei (*apontando para o olho*)

MIGUEL

Ainda bem.

CAMÕES (*á parte*)

Dirão ainda os meus inimigos, que nada tenho de Homero?

MIGUEL

Pois que alfim chegastes, louvado Deus, será prazo de me pagardes o rolzinho que vos cá ficou.

CAMÕES *(á parte)*

Cuido que errei o alvo; vinha para um emprestimo, e logo encalho numa divida. (*Alto*) Quando vos aprouver fallaremos d'isso, honrado mercador; não agora, que estou com pressa. Sabeis que me vou ámanhã ao Paço?

MIGUEL

Sim!... ao Paço!...

CAMÕES

Sim: e logo me lembrastes vós, para me aprestardes um tabardo que vista em logar d'isto.

MIGUEL

Eu não desconfio... mas porém... o rolzinho atrazado?...

CAMÕES *(continuando sem attender na interrupção)*

Quer-se um vestido que não desdiga do acto... coisa em summa, que me não deslustre, nem a vós; já me entendestes.

MIGUEL

Peregrinamente! quereis um trajo lustroso; ha-de-se arranjar... porém... o nosso rolzinho velho?...

CAMÕES

Valha-vos Deus com o vosso rolzinho velho! Não vêdes que vol-o quero remoçar?

MIGUEL

Entendamo-nos; quanto me dareis aqui mesmo de contado?

CAMÕES

De contado!

MIGUEL

De contado e recontado.

CAMÕES *(à parte)*

Açoitado te vira eu antes de uma hora, onzeneiro algoz! Quando não tenho senão quinze cruzados!... (*alto*) Dez cruzados, Miguel amigo.

MIGUEL

Quereis zombar!

CAMÕES

Nunca menos o quiz; dizei-me porém: em quanto tachais vós o tabardo?

MIGUEL

Trinta cruzados, pelo baixo. Tabardo novo de Bristol fino, com forro de seda, e capuz frisado, e par de luvas de polvilho «que vos ride de mais França.»

CAMÕES

Assignar-vos-hei escripto de quarenta cruzados; é honesto lucro!

MIGUEL

Vêde lá o que dizeis.

CAMÕES (*com altiveza*)

De minha palavra duvidais vós?

MIGUEL (*á parte, em quanto Camões está contando os dez cruzados*)

Se lhe eu incampasse o tabardo que o senhor Real me largou a outra semana com cento por cento de perda... ageitando-lhe á feição do corpo, fica-lhe ao pintar, e eu, faço veniaga.

CAMÕES

Em que vos determinais?

MIGUEL

Venham embora os dez cruzados.

CAMÕES

Toma-os, filisteu, e sume-te!

MIGUEL

Ámanhã havereis um tabardo, que nem cortezão galã em procissão de Corpus Christi. Havei prestes o escripto que dissestes.

CAMÕES

Contae com elle.

MIGUEL (*da porta*)

Olhae, se me levais tambem esta divida a viajar até á India, como a outra,

«Por mares nunca d'antes navegados.»

CAMÕES

Ó lá... quereis commigo repicar de discreto, se-

nhor Miguel! para tanto vos não dá o nosso ajuste!

SCENA XXII

CAMÕES, *só.*

Haverei emfim com que ir ao Paço. Deus sabe quanto esta gala me deixa pobre! Mas idéas d'essas, desviál-as da fantasia.

SCENA XXIII

O MESMO, o EMBAIXADOR DE CASTELLA, E MARTIM GONÇALVES (*que saem da segunda porta da direita e se encaminham para a da rua)*

EMBAIXADOR

Até ámanhã por noite!

CAMÕES *(ao recolher-se para o quarto repara nelles e repete á porta)*

Até ámanhã por noite!

MARTIM GONÇALVES

Camões em Lisboa! *(sai)*

CAMÕES *(apertando a subitas o punho da espada)*

Martim Gonçalves!

FIM DO ACTO I

ACTO II

Sala nos Paços da Ribeira, alcatifada, e com as paredes adereçadas de razes, representando batalhas portuguezas. No topo, suas portas rasgadas, que dizem para a varanda da Pella. Esta, adornada d'estatuas, deixando ver o Tejo, semeado de numerosa frota para Africa; a frota carregada de luminarias. Portas lateraes, duas a cada parte, com reposteiros de velludo vermelho, com as armas reaes bordadas a oiro. Entre as da esquerda um estrado atapetado de velludo verde, com espaldar de sobre-ceo. Aos dois lados do espaldar, assentos de brocado de oiro. Todos os demais assentos da sala são tamboretes rasos, e almofadas de brocado para Damas.

SCENA I

MARTIM GONÇALVES, *só.* (*Ao levantar do pano, está sentado no lado esquerdo da sala nos coxins, junto á boca do theatro. Apoz breve silencio, ergue-se*)

Ingreme é em verdade a facção a que me abalanço! e lembrar-me eu, ao que podéra haver chegado, sem correr estes perigos de ser traído, caso houvesse ficado Regente d'estes Reinos! que es-

trada larga e sem limites, não é uma regencia! quando esse em cujo nome se rege é um principe como D. Sebastião, mancebo impetuoso, indomito, que se arremeça ás guerras cegamente, sem deixar apoz si mais que um throno... vasio!... Oh!... que não sei eu ambição, que de regencia tal se não desse por bem paga! e quem me antepozeram? quem!... Um Cardeal Henrique. Não pensemos mais em tal; que me importa elle? e elles? e todos?... Hei dado palavra a D. Philippe II e recebido a sua... hei-de ser vice-rei. Formoso titulo! e mais formoso, cerceada a primeira metade! Quem sabe!... móres prodigios se têem visto. Menos era Barba Roxa, o Pirata, e lá se coroou em Africa por suas mãos! Senhor Embaixador! (*Vem entrando da segunda porta da direita o Embaixador de Castella*)

SCENA II

MARTIM GONÇALVES, o EMBAIXADOR DE CASTELLA.

EMBAIXADOR

Como vamos, senhor D. Martim? não ha novidade?

MARTIM GONÇALVES

Nenhuma.

EMBAIXADOR

Sempre é certo sair-se El-Rei ámanhã?

MARTIM GONÇALVES

Certissimo.

EMBAIXADOR

Tudo á medida do desejo nos vai vingando. Bem vos podeis vangloriar: que a vós se deve...

MARTIM GONÇALVES

Adulais-me: se, de vingarem nossos designios, se pode alguem vangloriar, é esse o Cardeal, por vida minha; se elle não fôra, nunca porventura se houvera D. Sebastião determinado em vestir armas por um moiro, e passar os mares por desagravar a um Muley Mahamet.

EMBAIXADOR

Sem duvida que não: mas, quem ha hi que isso não saiba? Sem guerra, não se ausentava El-Rei; sem El-Rei se ausentar, não havia regencia...

MARTIM GONÇALVES

E sem regencia, adeus Cardeal, que se finava de paixão.

EMBAIXADOR

Heis-de ser vice-rei, senhor D. Martim.

MARTIM GONÇALVES

Houvestes novas do Escurial?

EMBAIXADOR

Não: espero o correio antes da noite. Em elle chegando, na estalagem do caes nos avistaremos como hontem.

MARTIM GONÇALVES

Hei por mais seguro... que noutra qualquer parte pratiquemos.

EMBAIXADOR

Dar-se-ha que nos descobrissem?

MARTIM GONÇALVES

Não digo... mas, hontem, ao sair, vi na casa da entrada um homem que me conhece: verdade é, que me não percebeu elle, mas, como bem póde ser que lá esteja aposentado, bom arbitrio será o precavermo-nos.

EMBAIXADOR

Approvo a cautella; porém como?

MARTIM GONÇALVES (*considerando*)

Em minha casa, defenda-nos Deus!... Quando menos o cuidassemos, podia El-Rei apparecer-nos. Emfim, por em quanto, não alteremos coisa alguma no costumado. Já por um dos meus apaniguados mandei averiguar se o individuo poisa na estalagem; se disser que sim... algum outro asilo desencantaremos. Até á noite.

EMBAIXADOR

Descançado vou; que em vossa prudencia fio tudo. El-Rei, despede-se esta noite da Côrte; aqui serei, que não devo faltar ao ceremonial.

SCENA III

OS MESMOS, E CAMOES (*que vem da segunda porta do lado direito, magnificamente vestido*)

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Oh!... Camões!... por elle aguardava eu. (*Para o Embaixador*) Escusae-me de vos acompanhar. É chegado escudeiro com quem me releva praticar, antes de entrarmos ao Conselho. (*O Embaixador e Martim Gonçalves, sobem pela esquerda do*

tablado, em quanto pela dìreita vem Camões descendo)

CAMÕES (*entre si*)

É Martim Gonçalves; o outro porém?... se me não engano, já o vi... hontem cuido que foi; na estalagem... Ausentam-se!... não... lá volta Martim Gonçalves.

SCENA IV

MARTIM GONÇALVES, CAMÕES.

MARTIM GONÇALVES (*cortejando*)

Senhor Luiz de Camões!

CAMÕES (*cortejando*)

Senhor Martim Gonçalves!

MARTIM GONÇALVES

Por fortuna tenho, ser o primeiro que vos dê os emboras da tornada.

CAMÕES

Senhor, beijo-vol-as.

MARTIM GONÇALVES

Não vos pergunto se bulicio de viagens, e tumulto de pelejas vos deixaram hora para poetardes, que adiante de vós cá nos tinha chegado a vossa musa com obra que anda nas palmas, e bem mostra serdes ainda o mesmo peregrino engenho d'outro tempo. Acceitae-me os parabens!

CAMÕES

E vós, senhor Martim Gonçalves, sois ainda como noutro tempo gran valido?

MARTIM GONÇALVES

Senhor sim.

CAMÕES

Acceitae-me egualmente os parabens.

MARTIM GONÇALVES

Peçâmos logo ambos á Providencia que nos mantenha no que somos, por annos largos.

CAMÕES (*com ironia*)

Á Providencia!

MARTIM GONÇALVES

Da Providencia vos rides!?

CAMÕES

Não d'ella, senão de que vós a tomeis na boca.

MARTIM GONÇALVES

Porque?!

CAMÕES

Porque para um valido bastára dizer *El-Rei:* São os reis a Providencia dos validos.

MARTIM GONÇALVES

E a dos poetas qual é?

CAMÕES

Os poetas são feituras de outro rei mais alto e não dependem senão d'elle. Boa dita lhes é; que menos azos dão assim a cegas inconstancias da fortuna.

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Puxemos a pratica ao meu proposito. (*Alto*) Vindes achar na côrte muitos rostos novos, senhor Luiz de Camões; estes annos ultimos nos hão dizimado a fidalguia: uns, levou-os a peste, que tão brava tem andado; outros, leva-os das salas do Paço, para os estrados das damas, a furia do casar, que é outra peste que vindes achar em Lisboa mui acceza.

CAMÕES (*á parte*)

Já o entendo. (*Alto*) Mas vós proprio, senhor...

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Tomou a pella; joguemol-a.

CAMÕES

Deveis andar á la moda da fidalguia...

MARTIM GONÇALVES (*fingindo-se admirado*)

Pois quê! já vos hão dito?

CAMÕES

Que estaveis para casar?

MARTIM GONÇALVES

Que me estava eu... maravilhais-me!

CAMÕES

Dar-se-ha que me enganassem?

MARTIM GONÇALVES

Não, não, verdade vos disseram. Mas dizei-me ora aqui á puridade: quando ouvistes que requestava eu para mulher a minha senhora D. Caterina d'Atayde, não ficastes... espantado?

CAMÕES

Espantado! eu... de quê, senhor?

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Começa de me enlear: ateimemos. (*Alto*) Não sabeis quanto me ufano de que homem do vosso estofo me approve a determinação; que não faltam por ahi ruins ciosos que m'a acoimem de loucura.

CAMÕES (*á parte*)

Não terei mão no fel, que me não rebente!

MARTIM GONÇALVES (*insistindo*)

E vós? ficaram-vos acaso em Lisboa alguns amores que vos tentem a seguir o meu exemplo?

CAMÕES

Que sei eu! Esse casamento... vosso, está para breve?

MARTIM GONÇALVES

Não é bom em casamentos correr pela posta.

CAMÕES

É que podem ás vezes recrescer difficuldades inesperadas.

MARTIM GONÇALVES

Que difficuldades quereis vós que me recresçam?

CAMÕES

Tal cavalleiro vos julgo eu, que não acceitareis dama que vos desame...

MARTIM GONÇALVES (*remontando-se em altiveza; quasi ameaçador*)

Se em melindres e pontos d'honra quereis ora doutrinar-me, heis-de saber, senhor Luiz de Camões, que doutrinações taes, de ninguem costumo recebel-as.

CAMÕES

Já o creio; a escóla onde se ellas tomam é arriscada; porventura á conta d'isso a evitareis.

MARTIM GONÇALVES (*mais ameaçador*)

Senhor Luiz de Camões!

CAMÕES (*no mesmo tom*)

Senhor Martim Gonçalves! (*Reprimindo-se*) Mas fallemos sem rebuço, que chegado é o lance de largarmos ambos nossas mascaras de vidro.

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Curioso estou do que dirá.

CAMÕES

Comedias, faço-as, quando me apraz; mas não as represento nunca: esta porém me é sobre todas enfadonha.

MARTIM GONÇALVES

A mim não menos.

CAMÕES

Senhor Martim! ambos nós queremos á mesma dama.

MARTIM GONÇALVES

Inda mal para vós, senhor Camões.

CAMÕES (*continuando com vehemencia*)

Queremos ambos á mesma dama, e não o ignorais!... o alvoroço com que me haveis recebido... entendi-o eu; aguardando-me estaveis; pretendeis ora saber, se homem sou para me arrostar comvosco nesta nova luta. Sabei, por tanto que o sou; e para mais ainda, se cumprir. Jura solemne vos juro aqui, por vida de minha senhora D. Caterina d'Atayde (mais solemne jura não a sei, nem a quero) juro-vos, que até ao derradeiro arranco, e minha ultima gota de sangue, vol-a hei-de disputar.

MARTIM GONÇALVES (*zombando*)

Talvez que me hajais lido no interior. Como quer que seja porém, com isto só vos respondo: nem cuido que hajamos de chegar a taes extremos; nem que possais vós tolher a D. Caterina d'Atayde...

CAMÕES

Vel-o-hemos.

MARTIM GONÇALVES

Vel-o-hemos. Porém adverti que se jámais

transpozesseis os limites que as leis da honra, e as da cortezania vos assinalam, haveria quem, mau grado seu, vos tornasse a desterrar, como ha dezasete annos.

CAMÕES

Entendo-vos: nobre sois no ameaçar; como generoso nos feitos. Mas adverti tambem, que se ainda hoje sois o mesmo que ha dezasete annos, póde ser que já Portugal o não seja; não o é de certo El-Rei; nem o é tão pouco Luiz de Camões. Todos tres hemos crescido; em quanto vós... só não mingoastes, porque vos não era já possivel. Sei quem folgára de me reenviar ao desterro; e até de ser meu carcereiro e meu algoz: mas sei tambem, que o não ousará. O que a honra não véda, véda-o o medo muitas vezes.

MARTIM GONÇALVES

O que já pude, posso-o ainda hoje.

CAMÕES (*com hombridade*)

Tentae-o! (*caminha para o fundo do theatro*)

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Tens razão. Para temperas indomitas, como a tua, o desterro é pouco, o veneno e o ferro nada são. Quer-se arma que lhes traspasse a alma, que lhes decepe os brios e a soberba: essa arma terrivel, é a injuria ou o desprezo. Encontral-os-has. Vai, vai, gigante de soberbas! lá verás, como com um sopro te derribo. (*Alto para Camões*) Ouvi que apresentaveis hoje os vossos Lusiadas a El-Rei: bons applausos vos desejo, senhor Luiz de Camões! Vai dar principio o conselho; com Deus vos ficae. (*Sai pela segunda porta do lado esquerdo*)

SCENA V

CAMÕES, *só.*

Bons applausos, disse! se entendo a linguagem de cortezãos refalsados, bocejos quiz dizer, aborrecimento, e menoscabo. (*Depois de alguma pausa*) Hora solemne da minha vida é esta! Sentenciados vão ser a final os meus destinos! Riqueza, gloria, bemaventurança, tudo hoje haverei conquistado, ou perdido sem regresso. Tremo, sem querer: a placidez glacial d'este filisteu de palacio, me apavora! Oh! não quero pensar senão em D. Caterina! Deus meu! já vos não peço mais que o seu amor! Forçoso é que a eu veja, que lhe falle; como porém? Àh! é ella... (*D. Caterina vem da primeira porta do lado direito. Camões lhe vai ao encontro. Descem juntos para o proscenio*)

SCENA VI

CAMÕES, D. CATERINA.

CAMÕES (*com jubilo*)

Caterina!

D. CATERINA

Camões!

CAMÕES

Já posso morrer; que está alfim realisado o meu sonho de tantos annos! torno ainda a vêr-te! Era a unica ventura que a Deus supplicava,

em desconto de tantas dores. Tenho-a, e ainda o não creio, Caterina! Hei medo de acordar, Caterina minha!...

D. CATERINA

Dezasete annos, sim; dezasete seculos os diria eu, se os não houvera contado de dia a dia, e pranteado de hora a hora! Luiz! Luiz! que mal lhes haviamos nós feito! (*caindo em si, e reprimindo-se*) Não vos sabia aqui! quando viestes?

CAMÕES

Hontem sobre a tarde, na *Santa Fé.*

D. CATERINA

Vistes já o vosso amigo, meu primo D. Affonso de Noronha?

CAMÕES

Vi.

D. CATERINA

Que vos disse?

CAMÕES

Tudo. Disse-me tudo, Caterina. Já sei que Martim Gonçalves vos pretende; mas não o temo.

D. CATERINA (*á parte*)

Ai! presentimentos, presentimentos!

CAMÕES

Não, não o devo temer, pois sei que na memoria vos andou sempre o desterrado; não é assim, Caterina? Natercia minha? minha de outro tempo, minha hoje, e sempre minha, não é assim?

D. CATERINA

Sim, Camões; lembrava-me de vós; e muito.

CAMÕES

Teu primo, hontem... (deixa-me desabafar comtigo; deixa-me alfim queixar com quem se dóe das minhas dores) hontem D. Affonso rasgou-me este pobre coração, sem o cuidar...

D. CATERINA

Elle!...

CAMÕES

Sim; foi elle quem me disse as altivas pretenções de Martim Gonçalves á vossa mão, a esta mão, que, perante Deus e o meu amor, nem já é vossa, senão só minha.

D. CATERINA (*enleada*)

Mas...

CAMÕES

Fez mal, fez mal teu primo, e podera-me haver morto; porque, em vez de se explicar de repente, começou de balbuciar, atalhou-se, e não queria concluir. Que havia de eu cuidar, senão que eras já casada!

D. CATERINA

Mas porém...

CAMÕES

Um homem que, volvendo em si de um mortal paroxismo, se achasse num sepulcro, ás escuras, sosinho, atado de pés e mãos, sem poder desprender-se, nem bulir, nem clamar... não curtíra nesse prazo mais angustia do que eu, sentindo-me vivo ao pé da minha esperança já defunta!...

D. CATERINA (*no auge da turbação*)

Basta, Camões, basta; não prosigas... é horrivel!

CAMÕES

Que has tu!

D. CATERINA

Nada... nada... só te peço, pelo teu amor t'o peço, evita Martim Gonçalves; deixa-me ausentar.

CAMÕES

Já, Caterina! deixar-me já, Caterina, sem primeiro me confortares, Caterina! quando me vês perplexo! perdido! naufragando num oceano de incertezas e terrores!... mercê, senão já amor! compaixão... caridade... Caterina, caridade!...

D. CATERINA

Meu Deus! meu Deus! se elle vem!...

CAMÕES

Mas elle já veiu; já nos vimos.

D. CATERINA

Fallou-vos?

CAMÕES

Fallou.

D. CATERINA

Divina misericordia!

CAMÕES

Oh! que me redobras os transes! que turbação é essa? explica-te; que receias? porque hei-de evitar Martim Gonçalves? Porque me queres fugir?

D. CATERINA (*com voz mortiça*)

Sou...

CAMÕES

O quê?!

D. CATERINA (*em voz que mal se ouve*)

Sua mulher!

CAMÕES (*apertando-lhe os pulsos com impeto de desespero colerico*)

Sua mulher! que has dito? sua mulher!... sua! sua... Oh! D. Caterina d'Atayde!

D. CATERINA

Luiz...

CAMÕES

Tu, tu... casada! com esse homem... não zombes assim, que seria matar-me...

D. CATERINA

Sou-o.

CAMÕES (*apertando com força a testa*)

Ai! que arrenegarei da Providencia! (*rapido e com voz afogada*) Agora entendo a D. Affonso; enganou-me, por me não matar; mas elle, Martim... villão, villão, que me has escarnecido! Santos do ceo! (*Depois de breve, mas profundo scismar, dá dois passos, tremulo e vagaroso, para D. Caterina, e recomeça com voz, que na morosidade, e no tom indica, não só o tumulto dos affectos, que o senhoreiam, mas o quanto forceja por se fingir desassombrado*) Vamos... quedo estou... bem vês!!! dize-me tudo... quero saber tudo... nada ommittas... seja o que fôr... não importa... homem sou, que não morre... bem vês... e tambem... Mas, que ia eu perguntar-te? (*com mais rapidez, mas em tom mais confidencial*) Ah! sim! El-Rei... dize-me: El-Rei entrou tambem neste conluio de vergonhas? que as ha aqui, e vilissimas... entrou; não entrou?...

D. CATERINA

Não! não!..

CAMÕES

Então, de que artes se valeram elles, que tiranias empregaram para te obrigarem?...

D. CATERINA

Bem sabeis, Camões, o que é Sua Alteza, a minha senhora Rainha, D. Caterina.

CAMÕES (*insofrido*)

Prosegui e abreviae!

D. CATERINA

Acostumada a reger mundos, e a receber pareas de tantos Reis, como houvera de sofrer ella que uma donzella de sua camara lhe descumprisse gostos, ou fantasias! que podia eu?... arrastaram-me...

CAMÕES

Foi logo ella quem te victimou?

D. CATERINA

Foi; matou-me, cuidando bemfazer-me.

CAMÕES

E tu?... tu não lhe resististe?...

D. CATERINA

Oh! Camões! e que resistir! fiz quanto cabia em posses de mulher... confessei a elle proprio que o não amava, que trazia est'alma abrasada em outro amor... louca e perdida de saudades... que não podia ser sua, nem elle receber-me, sem affronta; não me respondia! rogei-me a seus pés, carpi-me, beijei-lh'os, levantei as mãos, invoquei a sua lealdade, invoquei o ceo! sempre o mesmo... sempre calado... frio... immovel... inflexivel, como estatua!... O mais que logrei, foi verlhe ao cabo no semblante alguns assomos de

compaixão, fingidos talvez... sem duvida fingidos!

CAMÕES

Covarde! saião! Opprobrio de gentis-homens!

D. CATERINA

Disse-me D. Affonso que da India vos tornaveis breve; reaccenderam-se-me as esperanças; cuidei que no espaçar o prazo podesse alcançar o livramento... suppliquei me outorgasse um mez: — o meu Camões me deffenderá, ou com elle fugirei— pensava eu entre mim. Correram dias, vieram naus e caravelas do Oriente, e novas que eu tanto anhelava, sem chegarem! tantos via a cada hora desembarcar... e nunca vós!... Só faltava uma semana; a cada um de seus dias me fui apegando, como naufraga que já principiava de esmorecer. O ultimo raiou... e nada! Foi correndo... e o mar deserto! Chegava a noite... Oh que noite para mim, Luiz de Camões! não t'a sei pintar, mas bem m'a adivinhas tu! Na varanda da Pella, ali, naquella varanda, que senhoreia a extensão das aguas, ali estava eu sosinha, com minhas penas. O mar era quedo e espelhado, alumiava-o a lua cheia, estendia por elle a vista; ermos! e ao cabo d'elles, mais ermos! até o infinito! nem uma vela, nada! que cevar de angustias! de mim propria havia eu dó em tamanho desamparo.

CAMÕES

Oh! Caterina!

D. CATERINA

E agora mesmo, cuidais quẽ não sou para muito

dó! Esta vida que me forçaram a viver de magoas desesperadas, e sem remedio, cuidais que muito por meu gosto a acceitaria?

CAMÕES

Maldita Rainha! maldita! para se distrair uma hora dos aborrimentos da velhice, coroou a tua alma gentil d'eternos espinhos, Caterina, e despenhou esta minha num lago de leões! — roubou-me o teu amor!

D. CATERINA (*com força d'affecto*)

Não, não; corações como os nossos, não se roubam; estado e nome... trocaram-m'os elles, não os affectos. Já vos não lembra que mulher fui sempre?

CAMÕES

Inda mal que o não poderei nunca deslembrar.

D. CATERINA

Animo! façamos por ser grandes e valorosos na desgraça. Já não serei vossa esposa, que o não posso; d'outra sorte vossa, ainda menos, que o não devo; mas (o ceo me perdôe estas palavras) na alma e no coração, vossa hei-de ser; só vossa, vossa toda, em quanto viva. Casadas estavam já nossas almas, quando um sacerdote metteu esta mão gelada na de Martim Gonçalves. Esse consorcio não o desataram elles; que não podiam.

CAMÕES (*esmorecido*)

Não requeiras de mim valor, que me fallece; tal viver de saudades e zelos, tal inferno de Ticio e Tantalo... se tu pódes soffrel-o, Caterina, nem imaginal-o sequer posso eu, sem esmorecer. Penuria, fome, desnudez, venha tudo! venham car-

ceres, desterros, e affrontas! homem sou para lhes ter rosto. Mas cuidar... mas saber-te em posse d'outrem!...

D. CATERINA

Não te haveres tu esquecido de mim... (*Martim Gonçalves apparece na segunda porta da esquerda*)

CAMÕES

Não blasfemes! que o não desejavas.

MARTIM GONÇALVES (*á parte, avisinhando-se*)

Um colloquio furtivo! Já!...

D. CATERINA (*á parte*)

Martim!

CAMÕES (*á parte*)

Oh! elle! ainda bem. (*Quer-se ir para Martim Gonçalves*)

D. CATERINA (*detendo-o, diz á parte para Camões*)

Modera-te, ou me despenho.

SCENA VII

CAMÕES, MARTIM GONÇALVES, D. CATERINA.

MARTIM GONÇALVES (*para D. Caterina*)

Boas fadas nos andam hoje encaminhando, senhora; aqui mesmo encontrará eu, pouco ha, o senhor Luiz de Camões; e egual fortuna lograstes vós. Já certo lhe havereis dado os emboras da tornada.

CAMÕES

Quando vós entrastes, senhor Martim Gonçalves, acabava eu de pôr os meus rendimentos ás plantas da minha senhora D. Caterina d'Atayde.

MARTIM GONÇALVES

Sim!... dou que ainda ignorais... (*Toma a D. Caterina pela mão*) Apresento-vos, senhor Luiz de Camões, a minha esposa.

D. CATERINA (*á parte*)

Deus meu!

MARTIM GONÇALVES (*em meia voz, para Camões*)

Aporfiareis ainda em me disputar a mão de minha esposa?

CAMÕES

Não zombeis agora; aconselho-vol-o eu, senhor Martim!...

D. CATERINA (*á parte, em voz baixa*)

Tremo!

CAMÕES (*á parte*)

Quem m'a déra agora ausente!

D. CATERINA (*despedindo-se*)

Senhor Luiz de Camões...

CAMÕES (*reverenciando*)

Senhora minha...

MARTIM GONÇALVES

Ausentais-vos, D. Caterina?

D. CATERINA

Senhor sim; se me quizesseis acompanhar...

MARTIM GONÇALVES (*em tom de cortezia*)

Com mil vontades, senhora.

D. CATERINA (*á parte*)

Sequer, não os deixarei a sós.

MARTIM GONÇALVES (*para Camões*)

Até logo, cavalleiro. (*Para D. Caterina*) Ainda porventura não sabereis que o senhor Luiz de Camões, é, porque assim o digamos, o heroe do

sarau que esta noite dá El-Rei? Sua Magestade ha aparelhado para o nosso poeta um triunfo condigno á sua alta fama; vinde, que pelo caminho vol-o irei contando. (*Saem Martim Gonçalves e D. Caterina, pela segunda porta da esquerda*)

SCENA VIII

CAMOES, E DEPOIS ANTONIO.

CAMÕES

Oh! que não sei como tive mão em mim! Foi-se; não importa; volveremos a nos encontrar; o dia não é findo. (*Entra Antonio pela porta da direita*) Vem, vem, amigo; que te pareço depois da muda? não saiu da empreza com honra o nosso Miguel? vamos; não quero a tão luzidas roupas affrontal-as com semblante carregado. Fostes em vosso tempo, senhor Luiz, o mais afamado donzel, o mais fino galã, de quantos se apavonavam ao sol nesse terreiro; tenho que ainda as alcatifas de palacio se lembrarão de mim; por mim, digo, que reverdeço nestas salas, como em ares meus mui naturaes. Dize-me tu, meu Jáo: quem me visse ora tão resplandecente e risonho, reconheceria em mim o cavalleiro mais capa em collo, e maltrapilho de todas Hespanhas?

ANTONIO

Entendo-vos, senhor meu, que para isso já de annos vos estudo: a outro enganareis vós; a mim, não; forçais as palavras, e o rosto, ou de soberbo, para que vos não saibam as penas, ou de cançado d'ellas, a ver se vos aturdís.

CAMÕES

Sim, sim, meu fiel Antonio; estou-me ensaiando aqui, para não inspirar compaixões a soberbos, que lh'as não quero; ajaezei-me, como cavallo de alardo; e contentamento, ostental-o-hei, que sóbre para quebrar olhos a inimigos. Que importa o que vai n'alma! Não vi eu já truão de praças, com o coração em carne viva, a fazer rir as turbas! e o gladiador de Roma não se adestrava para morrer com graça! Serei eu menos do que elles? e melhor, dissera, sou eu mais do que elles? (*tornando-se a carregar no semblante*) o truão ao menos ao pellote pintalgado com que representa, chama-lhe seu; o sótão em que pernoita paga-o; se tem penas, afoga-as, e esquece-as; se o affrontam, pouco lhe dá, que não tem brios; não sabe o que é fama, não se mata a pedaços para a conseguir...

ANTONIO

Attentae, que vem gente.

CAMÕES

É verdade, já o meu papel me ia esquecendo. Apartemo-nos. (*Saem pelo fundo para a varanda, e desapparecem, em quanto pela primeira porta da direita entram em scena Leão e monsior de Saint-Pol*)

SCENA IX

LEÃO, SAINT-POL.

LEÃO (*seguindo com os olhos a Camões*)

Figurou-se-me ser Real... o cavalleiro que ora saiu... mas não era; enganou-me o tabardo, que me parecia todo o seu. (*Para Saint-Pol*) E bem,

monsior de Saint-Pol, como achais a nossa côrtesinha de Portugal? Quando vos lá tornardes para a vossa formosa França, havereis que dizer d'esta pobrezita algum louvor?

SAINT-POL

Da vossa Lisboa, se póde qualquer recordar gostoso em toda a parte.

LEÃO

Deveras!...

SAINT-POL

Deveras. Noite de San-João mais alegre, e estrondosa, nunca a hei passado. E aquelle porto!... (*apontando para o Tejo*) ninguem o tem senão vós.

LEÃO

Encantais-me; que vós outros, os francezes, com razão sois ruins de contentar: quem tem de seu a Paris, de todas as delicias se logra.

SAINT-POL

A formosura de Paris, se quereis que vol-o diga, tem melhores longes do que pertos: vista d'aqui, de Lisboa, parece coisa grande!

LEÃO

Deus vos livre, meu visconde, de que esse vosso chiste agora, transpozesse os Pyreneos! (*apparece Real saindo da primeira porta da direita*) d'esta feita é elle; o nosso Real.

SCENA X

LEÃO, REAL, SAINT-POL.

REAL (*entrou effeminadamente encostado no braço d'um pagem e gemendo de mimoso; apenas avistou*

CAMÕES

Sim, sim, meu fiel Antonio; estou-me ensaiando aqui, para não inspirar compaixões a soberbos, que lh'as não quero; ajaezei-me, como cavallo de alardo; e contentamento, ostental-o-hei, que sóbre para quebrar olhos a inimigos. Que importa o que vai n'alma! Não vi eu já truão de praças, com o coração em carne viva, a fazer rir as turbas! e o gladiador de Roma não se adestrava para morrer com graça! Serei eu menos do que elles? e melhor, dissera, sou eu mais do que elles? (*tornando-se a carregar no semblante*) o truão ao menos ao pellote pintalgado com que representa, chama-lhe seu; o sótão em que pernoita paga-o; se tem penas, afoga-as, e esquece-as; se o affrontam, pouco lhe dá, que não tem brios; não sabe o que é fama, não se mata a pedaços para a conseguir...

ANTONIO

Attentae, que vem gente.

CAMÕES

É verdade, já o meu papel me ia esquecendo. Apartemo-nos. (*Saem pelo fundo para a varanda, e desapparecem, em quanto pela primeira porta da direita entram em scena Leão e monsior de Saint-Pol*)

SCENA IX

LEÃO, SAINT-POL.

LEÃO (*seguindo com os olhos a Camões*)

Figurou-se-me ser Real... o cavalleiro que ora saiu... mas não era; enganou-me o tabardo, que me parecia todo o seu. (*Para Saint-Pol*) E bem,

monsior de Saint-Pol, como achais a nossa côrtesinha de Portugal? Quando vos lá tornardes para a vossa formosa França, havereis que dizer d'esta pobrezita algum louvor?

SAINT-POL

Da vossa Lisboa, se pode qualquer recordar gostoso em toda a parte.

LEÃO

Deveras!...

SAINT-POL

Deveras. Noite de San-João mais alegre, e estrondosa, nunca a hei passado. E aquelle porto!... (*apontando para o Tejo*) ninguem o tem senão vós.

LEÃO

Encantais-me; que vós outros, os francezes, com razão sois ruins de contentar: quem tem de seu a Paris, de todas as delicias se logra.

SAINT-POL

A formosura de Paris, se quereis que vol-o diga, tem melhores longes do que pertos: vista d'aqui, de Lisboa, parece coisa grande!

LEÃO

Deus vos livre, meu visconde, de que esse vosso chiste agora, transpozesse os Pyreneos! (*apparece Real saindo da primeira porta da direita*) d'esta feita é elle; o nosso Real.

SCENA X

LEÃO, REAL, SAINT-POL.

REAL (*entrou effeminadamente encostado no braço d'um pagem e gemendo de mimoso*; apenas avistou

os amigos, largou-o, despedindo-o com a mão, e correu para elles com toda a sua agilidade)

Pelo que vejo, senhores, tenho eu, sem o cuidar, o dissabor de me parecer com alguem! (*Para Leão*) *D'esta feita, é o nosso Real* te ouvi eu dizer; logo, tenho eu o meu Mercurio, como o Sósia da comedia do Camões; logo, ha hi outrem com o meu corpo, com o meu garbo; se assim é, dou-me a perros! cuidar eu que ninguem é eu, senão eu... e achar-me num santiamen convertido de eu em nós!... Mas, por vida vossa que me digais onde está ess'outro Real? cubiça tenho de o conhecer. (*Caminha para o fundo do theatro como procurando*)

SAINT-POL (*á parte para Leão*)

Vêde-me aquillo, meu querido Leão; e dizei-me quem é que não ha-de levar saudades de Lisboa! Todo o mundo que vós corresseis, vos não apresentára raridade como este mancebo.

LEÃO

É que em verdade; não ha galã d'estrados mais cabal; anda sempre á moda que está para vir. É delicioso o nosso Real.

REAL (*voltando para elles*)

És um lisonjeiro, meu Saint-Pol! não digo... que não gózo de certa aura!

LEÃO

Qual aura!... és a fenix de todos os pintalegretes mais alfanados da nossa côrte: o que a mim me enganou, foi o tabardo do tal individuo, que era, sem tirar nem pôr, como o teu da semana passada; representou-se-me...

REAL

Que era eu? (*rindo*) ah!... ah!... ah!... devias de trazer o pensamento á caça de damas! não sabes que entre o Real presente, e o Real de oito dias atraz, ha sempre bons oito seculos de distancia?! Vêde-me este passo: inventei-o ha dois instantes; (*fazendo um passo de dança de ridicula affectação*) por ora, só é meu; o outro, que eu ha tres dias ideei, é já como dança de machatins d'El-Rei D. Sancho; dou licença que o imite quem quizer.

LEÃO

Não ha oiro de Sofála que te pague.

REAL

Agora por Sofála: será certo o que pouco ha me disse meu tio Martim Gonçalves da Camara, Escrivão da Puridade d'El-Rei, que se tornou a Lisboa Luiz de Camões?

LEÃO

Certissimo.

REAL

Tu conhécel-o, Leão?

LEÃO

Não.

REAL

Ha quem diga que tem seu engenho para armar uma trova.

SAINT-POL (*com ironia*)

Sómente, meu Real?

REAL

Famoso poeta! gósto d'elle! para mim tenho

que deve ser bonito como um urso, e conversavel como um selvagem.

LEÃO

El-Rei, segundo corre, anda com elle extasiado.

REAL

Quereis que vos ora conte a origem d'essa rica farça?

LEÃO

Conta; folgaremos de te ouvir, que estás hoje em maré de rosas; como sempre.

REAL

Antes de tudo: vós outros lestes *Os Lusiadas?*

LEÃO

Ler! eu não!

REAL

Pois, folheei-os eu, não me lembra já onde... havia de ser... cuido que sim, na officina de um dos algibeteiros que me fazem roupas. Dei lá com o livro e corri-o, em quanto o official me tomava as medidas.

SAINT-POL (*para Leão*)

Se o coitado do poeta ouvisse isto!...

LEÃO

Que divertimento!

REAL

Porque haveis de saber que o madraço do meu poeta, traz enfeitiçadas com as suas rimas todas as mulheres e filhas dos nossos burguezes; não ha balaio de palmilhadeira em que não nas vejais abertas; é para rir, como se debulham em lagrimas com a morte de D. Ignez; e enfiam de medo, em acertando com o côco do Adamastor.

LEÃO

Que vem a ser isso?

REAL

Quem! o Adamastor? é o brutaz de um gigante, que tem não sei quantas varas de comprido, que todo se definha e arrepella por lhe não querer dar ouvidos certa ninfa, que não é mais alta que outra qualquer femea.

LEÃO

Arreda, bruto!

REAL

Em summa, é o livrinho mais pêco e mais parvo, que nunca heis visto; uma salsada de sagrado e profano, que diz o outro meu tio, confessor d'El-Rei, que só queimando-o, e mais a quem no fez. Ali se vê Baccho, de roquete de clerigo, a adorar o Espirito Santo; a deusa Venus, mui mana par a par com a Virgem Maria; e... que sei eu?... É a procissão do Corpus-Christi mettida em rima. Ahi tendes vós o que são *Os Lusiadas*.

SCENA XI

OS DITOS, CAMÕES E ANTONIO (*que vinham da varanda, e ao entrar d'ella para a sala se detêem; Camões traz sobraçado um rolo de manuscripto*)

CAMÕES

De mim fallam, Antonio!

LEÃO

Que esfola gatos! não te sabia tão lettrado! porque não requeres de teus tios, os senhores

Gonçalves da Camara, te nomeiem censor do Santo Officio, para a impressão dos livros?

REAL

Os Lusiadas! por vida minha, que muito mais sabor acho eu ao pranto da Maria Parda! essas sim; que são trovas muito para cantar em cabo de banquete, num dia d'entrudo, ou Paschoa, por essas hortas de Chellas, com quatro damas de minha arte! (*canta*)

«A minha alma encommendo
a Noé e a outrem não,
e o meu corpo enterrarão
onde esteem sempre bebendo.»

Ou isto, ou:

«As armas e os barões assignalados!»

SAINT-POL (*á parte*)

Ordem do mundo! nunca bom engenho, sem matilha de nescios que o atassalhem!

REAL

O beijinho porém do tal volume, são as estancias onde o autor faz d'El-Rei o elogio mais poetico, isto é, mais desconchavado que se nunca viu... D. Affonso de Noronha, que é, já o sabereis, unha com carne com o trovista, abriu, como sagaz que é, perante El-Rei o livro, naquelle proprio passo do elogio, e lh'o leu. El-Rei, d'embevecido com tamanha dita, mandou lhe levantassem o desterro, e se tornasse o seu poeta para a côrte... Vêl-a aqui toda a historia.

SAINT-POL (*encolhendo os hombros com tedio*)

Oh!...

REAL

Uma coisa vos quero em secreto annunciar: meu tio, o Escrivão da Puridade, deu-me a entender que El-Rei não ordenára ao Camões lhe viesse hoje apresentar o poema, senão para dar azo a certa folia, que ha-de ser muito para rir; rir já se sabe á custa do senhor Poeta, Soldado, e Cortezão.

SAINT-POL

Parece-me, Real, que já derramais por fóra das medidas!

SCENA XII

LEÃO, REAL, CAMÕES, ANTONIO *(no segundo plano)* E SAINT-POL.

CAMÕES *(para Real)*

Senhôr, não vos conheço eu; mas conheceis vós a Luiz de Camões?

LEÃO *(á parte, reconhecendo o tabardo)*

É elle! o meu segundo tomo de Real, a julgál-o pela capa!...

REAL

Mau pesar veja eu do diabo! aquelle é o meu tabardo!

SAINT-POL *(em voz mui baixa e rapida para Real)*

Por Deus, que vos caleis! não se affronta assim um cavalleiro!

REAL *(rindo)*

Ah! ah! está-me dando no gôto!

CAMÕES *(á parte)*

Porque assim firo eu nos olhos a estas maripo-

sas de palacio! (*para Real*) Uma palavra, mancebo!

REAL

Folgára de saber o que entre nós póde haver de commum! (*á parte para Leão*) a não ser o meu tabardo!...

CAMÕES

Nenhuma coisa: eu sou Camões.

TODOS

Camões!

CAMÕES

Sim, Camões; e satisfação vos requeiro. Não já (entendei-me bem isto) pelas censuras com que heis honrado o meu livro; que os livros, todos os podem julgar; cada qual com o seu muito ou pouco entendimento; mas sim, por me haverdes feito aggravo em minha honra; para o que, nem a razão, nem a religião, nem o direito, nem a cortezia, vos davam licença, nem vôl-a darei eu.

REAL

Mas...

CAMÕES (*como quem vai para descalçar a luva*)

Não refuseis!

REAL (*em tom de escarneo e ironia*)

Não me atireis luva, por mercê! que mui velho estilo é esse de reptar; já não somos em dias d'El-Rei D. João II. Por cartel se faz isso agora.

CAMÕES

Aprazae sitio e hora.

REAL

Para esta noite... entendo que não póde ser; não devemos perder a representação do Auto.

Huum! que dizeis vós? e por tanto... ámanhã... no Olivedo de San-Roque... ás seis horas. *(Á parte, e baixinho)* Eu farei que ás cinco já o cisne esteja engaiolado no suterraneo d'alguma torre.

CAMÕES

No Olivedo de San-Roque; ás seis horas. Lá serei.

REAL (*caminhando para sair*)

Com Deus vos ficae, boa noite, senhor meu. *(á parte)* E o caso é que o meu tabardo lhe assenta que nem pintura; está mais guapo e bem posto, que o Apollo no chafariz do Terreiro do Paço.

SCENA XIII

LEÃO, REAL, SAINT-POL, D. AFFONSO DE NORONHA, CAMÕES, E ANTONIO.

(Leão, Real, e Saint-Pol vão-se dirigindo para a varanda; D. Affonso vem entrando da segunda porta da direita, e Saint-Pol o detem e lhe segreda o que quer que seja. Os dois primeiros saem para a varanda, onde ficam passeando; Saint-Pol os segue, D. Affonso vai logo apoz elle, e na mesma varanda se ficam ambos animadamente conversando)

CAMÕES (*para Antonio*)

Que me dizes á boa policia e cortezania d'estas nossas terras?

ANTONIO

Que não sei se mais são para lastima, se para asco.

SCENA XIV

CAMÕES, D. AFFONSO, ANTONIO (*em scena, em quanto Leão, Real, e Saint-Pol continuam o seu passeio na varanda*)

D. AFFONSO

Será possivel o que me ora ha dito o visconde de Saint-Pol! um repto para duello, meu Camões!

CAMÕES

A ponto vens.

D. AFFONSO

Porquê?

CAMÕES

Tu hontem enganaste-me, D. Affonso. Mal adivinhas o que esse engano me sortiu!...

D. AFFONSO

Sempre contei com poder-te fallar, antes que subisses estas escadas... mas, responde-me; que desafio é esse?

CAMÕES

Ah! que se o tiveras ouvido!...

D. AFFONSO

De sobejo sei a quanto monta o seu atrevimento... Que admira! Sangue é d'elles; e com os seus exemplos se criou!

CAMÕES

Por todos elles me pagará logo este. Ir-me-has de padrinho. (*Ouvem-se do lado esquerdo tocar charamelas, que se vem aproximando*)

UM SUMILHER *(corre o reposteiro da segunda porta do lado esquerdo)*

UM ARAUTO (*apparece a ella bradando*)

Chega El-Rei!

D. AFFONSO

Alegra-te, que é chegada a tua hora.

CAMÕES

Tenho que te engana o coração.

SCENA XV

OS MESMOS, *acostando-se á parede do lado direito;* LEÃO, REAL, E SAINT-POL, *que vem da varanda correndo, e se enfileiram á mesma parte;* ANTONIO *fica no vão d'uma das portas da varanda, onde permanece em pé todo o tempo; da segunda porta da esquerda vem saindo* CHARAMELEIROS, TROMBETEIROS, TIMBALEIROS, ARCHEIROS, ARAUTOS, PASSAVANTES, REIS D'ARMAS *de Portugal, Algarve, e India,* PORTEIROS DA MAÇA, PAGENS, *com tochas,* D. CATERINA D'ATAYDE, DAMAS, *seguidas da* RAINHA D. CATERINA, *e da* PRINCEZA D. MARIA, CAVALLEIROS, *a maior parte d'elles com suas cotas d'armas,* MARTIM GONÇALVES, O EMBAIXADOR DE CASTELLA, *e por derradeiro* EL-REI. EL-REI, *toma logo assento no espaldar do estrado; a* RAINHA *em almofadas á sua direita, ficando uma dama em pé ao seu lado; noutras almofadas á esquerda, a* PRINCEZA, *com outra dama tambem em pé; as restantes damas estão de pé ao longo da parede fronteira a* EL-REI, *ficando todas as mais personagens no fun-*

do da sala, e ainda muitos pela varanda; MARTIM GONÇALVES, *e o* EMBAIXADOR, *são os primeiros junto ao estrado, seguindo-se á* PRINCEZA; CAMÕES *e* D. AFFONSO, *ficam juntos, á boca da scena, ao lado direito.*

CAMÕES (*em baixa voz para D. Affonso, em quanto dura nos circunstantes um susurro de conversação sumido*)

Quem é aquelle que está á esquerda d'El-Rei?

D. AFFONSO (*em voz baixa para Camões*)

O Embaixador de Castella.

CAMÕES (*como acima*)

Se quizeres alguma coisa d'elle, na estalagem onde poiso o encontrarás esta noite; que para lá se aprazaram, elle e Martim Gonçalves.

D. AFFONSO (*como acima*)

Como o sabes?... (*á parte*) Ah Martim Gonçalves, Martim Gonçalves, attentae por vós!

EL-REI (*faz signal a um dos arautos, para que se assente a Côrte*)

UM ARAUTO

Manda o Muito Alto, e Muito Poderoso Rei, Senhor Nosso, D. Sebastião, que Deus Guarde, que se assente a Côrte. (*Assentam-se todos, ficando D. Affonso de Noronha entre D. Caterina, que é a primeira das damas junto á boca do theatro, e Luiz de Camões, que é de todas as figuras d'esse lado a primeira, para os espectadores*)

EL-REI (*para a Côrte*)

Lembrae-vos, senhores cavalleiros, de que já não haveremos outra noite nesta nossa boa cida-

de; façamos pela passarmos a sabor. (*Para o Embaixador*) Oiço que o verdor da minha edade, senhor Embaixador, traz em sobresaltos a El-Rei, meu tio, D. Philippe II de Castella... assocegae-o vós, relatando-lhe o que estais vendo... além, aquella frota; (*apontando para o Tejo*) aqui, em derredor de mim, parte da flor de Portugal, com quem ámanhã desfiro vela: tudo barões de boa linhagem, e grande prol. Com pelejadores tão esforçados, não ha já hi senão vencer. Venha o Auto.

ARAUTO (*ao reposteiro da segunda porta da esquerda*)
Manda o Muito Alto, e Muito Poderoso Senhor Rei, D. Sebastião, Nosso Senhor, que saia a figura do prologo do Auto.

SCENA XVI

OS DITOS E UM ERMITÃO (*que sai da segunda porta da esquerda, e se vai collocar perante El-Rei*)

ERMITÃO

Da Serra de Cintra por Deus enviado
por estes Grã Paços entrei da Ribeira;
a ver-vos, Rei Alto, cabeça guerreira
do reino esforçado.
E pois vossa frota lustrosa e possante
já sofrega dizem que aguarda a partida,
primeiro que o ferro soberba levante,
aqui virá logo, Senhor, quem vos cante
qual sorte dos fados vos foi prevenida.
E porém primeiro com manhas mui feias

sairá um moiro, que raiva e que brama;
mas não hajais medos; o Auto se chama
das Boas Estreias. (*Vai-se por onde viera*)

SCENA XVII

(I DO AUTO)

OS MESMOS, E UM MOIRO.

MOIRO

Em Tetuão me foi dito,
que um Grã Rei da christandade
immigo do nosso rito
tinha exercito infinito
no porto d'esta cidade.
Parti logo em continente;
porque, se fosse que a armada
punha prôa em nossa gente,
eu a sumisse afundada
de repente.

SCENA XVIII

(II DO AUTO)

OS DITOS E FADA MARINHA (*que vem da varanda*)

FADA (*sem reparar no Moiro*)

Eu sou a Fada Marinha,
a amiga dos marinheiros,

e d'esta terra, que é minha;
e vim ora a ella asinha
com cuidados verdadeiros;
que em mal dos meus lusitanos
ouvi ser vindo um moiraz,
grande enliçador de enganos,
que co'os feitiços que traz
fará sessenta mil damnos,
se lhe praz.
Mas eu porém determino
de estar sempre de vigia
contra aquelle cão malino;
e veremos se o seu sino
contra o meu sino aporfia. (*Reparando no moiro, á parte*)
Elle cá é.—(*Alto*) Moiro mano,
quanto folgo de vos vêr
neste Jardim Lusitano!

MOIRO

Sereia do mar Oceano,
hajais vós mui grã prazer!

FADA

¿Como d'Africa viestes?
que vos não senti passar!

MOIRO

Vim em nuvem pelo ar,
que é carroça mui mais prestes
que não galés pelo mar.

FADA

Grã poder é logo o vosso!
e em que vos determinais?

485685

MOIRO

Em um grã feito, se o posso;
juntemos o poder nosso,
que assim poderemos mais.

FADA

Contente sou: mandae ora,
e eu farei o que bem seja.

MOIRO

Fazei que saia em má hora
a armada, porque se veja
que sois vós a imperadora;
e antes que em Africa apórte,
vosso grã mar a consuma;
heis sofrido um jugo forte;
quebrae-o; e trofeos d'espuma
lhes arvorae sobre a morte;
e eu me obrigo, que do Atlante
até ás pedras do Egypto,
vosso esforço a tudo espante;
tudo, Senhora, vos cante,
e vos beije o nome escripto
em diamante.

FADA (*á parte*)

O perro cuida embaír-me;
veremos nós quem se engana.
(*Alto*) — Senhor, não quero eximir-me;
e pois vosso ajuste é firme,
hermano allarês la hermana.
¿E vós sabeis bom conjuro
de bem damnado empecer?

MOIRO

Não no ha hi mais seguro:

conjuro de gallo suro
morto depois de comer,
com rins de demoninhado,
e olhos de sapo saltão;
conjuro mui temperado,
o qual me fôra ensinado
nas Covas de Salamão.
Tudo é dentro nesta vara,
que em eu riscando com ella,
logo uma fonte seccára,
e uma estrella se apagára,
que nunca mais fôra estrella,
nem se achára.
E mas se o vós quereis vêr,
co'uma palavra que eu der
de San-João em latim,
logo vereis a correr
quem me dá esforço a mim
em tudo quanto hei mister.
—Ora sus!
Moradores infernaes,
demonios que arrenegais
da agua benta e mais da cruz,
vinde já;
e trazei cem mil agoiros,
com que vençam nossos moiros
toda esta gente de cá. (*Bate tres pancadas com a vara no chão*)

SCENA XX

(III DO AUTO)

OS DITOS E UM BANDO DE DEMONIOS

DEMONIOS (*cantam, dançando em derredor do Moiro*)

Que nos chamas
d'entre as chammas,
poderoso!
Que nos tiras
d'entre as piras,
aleivoso!
Ha hi mandas!
que demandas?
tens demandas!
que nos mandas?
feia é a terra!
feio é o mar!
feio é o ceo!
feio é o ar!
feia é a noite co'o luar!
feio é o dia co'o solar!
presto avia, ou nos envia;
nos afunda na mais funda
da profunda do raivar.

MOIRO (*batendo com a vara no chão, e fazendo parar a dança macabra*)

Calae, manos.
Quanto ora digo, fazei:
ide aos astros soberanos

ler os destinos d'El-Rei,
mais os dos seus Lusitanos:
se virdes que são piedosos,
apagál-os e arrancál-os
esses taes;
mas a serem rigorosos,
assoprál-os, inflammál-os
muito mais. (*Dizendo estas palavras descreve no ar com a vara um circulo por cima da cabeça; a Fada neste lance lhe arranca a vara da mão, ao que os Demonios desparam uma gargalhada infernal, sem que os rostos se lhes vejam rir*)

FADA

Verei ora a vossa vara
o poderio que encerra!

MOIRO (*em grande confusão*)

Quereis rir!
para nada vos prestára!
hontem a cortei na serra
sem mentir;
sem ella não dera passo;
que sou gastado dos annos,
inda mal!

FADA

Mas quero eu vêr mais d'espaço
os seus feitiços e enganos,
e não al.

MOIRO

Mana, rosto de boninas,
manso abril de Alexandria,
meu amor,
Deus vos chova perlas finas,

como a vara é sem valia,
nem valor.

FADA

Porque logo instais por ella?
ou me enganais, ou mentistes;
á la fé
que a verdade hei-de eu sabel-a. (*Quebra a vara, e sai d'ella muito fogo e estrepito*)

MOIRO

O meu poder destruistes!
já meu imperio não é! (*Travam os Diabretes ao Moiro, uns pelas roupas, outros pelas mãos, outros pelas barbas; e o levam com grande vozeria pelas portas da varanda até desapparecerem com elle. A Fada os vai seguindo de longe, até desapparecer tambem*)

SCENA XXI

TODOS OS DA CORTE *como na scena XVI, e o* ERMITÃO (*que vem da segunda porta da esquerda collocar-se novamente diante do estrado real*)

ERMITÃO

Depois que mettêra no charco infernal
ao perro maldito co'as tramas que urdia,
a Fada Marinha, que sempre vigia,
desvelos redobra co'o seu Portugal;
pois seu lhe ha chamado
já lá desde os tempos de Fuas Roupinho,
até estes nossos, por ver alastrado
de palmas contínuas seu campo marinho.

O infante de Sagres á luz das estrellas
com ella tratava segredos profundos;
Pedr'Alvares, Gama, pediam-lhe mundos;
e mundos não vistos lhe viam as velas.
Em summa, que sempre de amor se morrêra
por estes seus Lusos, Tritões humanados;
té que alfim aos d'elles juntando seus fados,
a Manoel ditoso seu dote off'recêra,
e esposos se uniram com laços doirados.
Por isso procura trazer dos planetas
a Vós, seu grã Neto, destinos propicios,
com que se destruam dos feros cometas
os negros auspicios.

SCENA XXII

(IV DO AUTO)

OS PRECEDENTES *(menos o Ermitão, que sai por onde entrára)* E A FADA MARINHA *(que vem da varanda)*

FADA

Ó sino de Salamão,
que lançado foste ao mar
pela sua benta mão,
e que eu logrei apanhar
em noite de San-João;
pelo poder e condão,
que o Altissimo te deu,
traze aqui, que o mando eu,
lá da Eternal Região

os Serafins mais amantes,
mais sabios, e mais galantes,
de quantos moram no ceo.

SCENA XXIII

(V DO AUTO)

OS PRECEDENTES, E UM BANDO DE SERAFINS *(que vem correndo das portas da varanda coroados de flores alvas, e com harpas d'oiro nas mãos)*

CÔRO DE SERAFINS *(cantando e dançando)*
Dançares teçamos
com festas e riso;
que a terra onde estamos,
inda é Paraiso.

MAIORAL DOS SERAFINS *(declamando)*
Que desejas, boa Fada,
Grã Senhora, e Grã Princeza,
nossa irmã?

FADA
Que me fadeis bem fadada
esta armada portugueza,
tão louçã.

CÔRO DE SERAFINS (*cantando*)
Mui abençoada
suas velas solte!
rica e laureada
presto presto volte!
leve e traga as velas
cheias e redondas!

riso nas estrellas,
musica nas ondas!
sereias amigas,
ao ir e ao tornar,
lhe cantem cantigas
de summo folgar!
para lá esp'ranças,
para cá victorias!
e sempre bonanças,
bonanças e glorias!

FADA (*declamando*)

Agora que a nossa armada
já tem condão mui certeiro,
falta El-Rei.
Quero aqui o escudo e espada
do Grande Affonso Primeiro.
Sus! correi.

SCENA XXIV

(VI DO AUTO)

TODOS OS PRECEDENTES (*excepto dois Serafins, que saem correndo pela porta do fundo*)

FADA

Quero mais o capacete
do Imperador Carlos Quinto.
Sus! voae.

SCENA XXV

(VII DO AUTO)

TODOS (*menos dois Serafins, que egualmente saem correndo pela varanda*)

FADA

Tudo triunfos promette:
agora, perros, consinto,
brasfemae.
Serafins, manos, rosinhas,
oh empireas borboletas
eternaes,
ide-me vêr os planetas;
se dão sortes, como as minhas,
tão reaes!
se topardes co'o Deus Marte
por acaso em sua esfera,
lhe pedi,
por Venus e por Cithéra,
que pondo tudo al de parte
venha aqui.

SCENA XXVI

(VIII DO AUTO)

OS PRECEDENTES (*excepto dois Serafins, que pela varanda se abalam correndo, e os dois primeiros que se tinham ido, e agora volvem pela mesma parte*)

UM DOS DOIS SERAFINS (*declamando*)

Aqui vem a espada e escudo

d'aquelle alto Affonso Henriques,
que lá jaz.

OUTRO SERAFIM

E porque te certifiques
de quão bem cumprimos tudo,
ouvirás:
batêmos ao seu Moimento...

1.º SERAFIM

E elle bradou acordando:
— «Quem é lá?» —

2.º SERAFIM

Dissemos-lhe o nosso intento;

1.º SERAFIM

Abriu, e disse folgando:
— «Aqui está.» —

2.º SERAFIM

E nos deu o que estás vendo,
com estas palavras suas,
como lei:
— «Parta meu Neto, que entendo
que logo das gentes cruas
será Rei.» —

SCENA XXVII

(IX DO AUTO)

OS DITOS E O SEGUNDO PAR DE SERAFINS (*que tinha saído*)

UM DOS SERAFINS (*recem-entrados*)

Capacete diamantino!

inda c'roado do loiro
imperial!

2.º SERAFIM (*recem chegado*)

Por condão, que ha do destino,
nem montante, nem pellouro
lhe faz mal.

FADA (*tomando das mãos dos Anjos a espada, o escudo, e o capacete, e indo-os pôr aos pés d'El-Rei*)

Grã Principe, e flor de Reis,
se de Monarchas immigos
ricas pareas recebeis,
mais ricas hoje as haveis
dos vossos, mortos, e antigos.

SCENA XXVIII

(X DO AUTO)

OS MESMOS, MARTE E OS ULTIMOS DOIS SERAFINS, (*que vem da varanda*)

MARTE (*para a Fada*)

Senhora do mar profundo,
c'rôa das Fadas Marinhas,
que ordenais?

FADA

Que ao Primeiro, sem segundo,
Sebastião, glorias minhas,
assistais.

MARTE (*para El-Rei*)

Quizera-vos eu prendar,
Alto Principe excellente,

com algum don singular;
porque não ficasse á gente
mais nada que desejar;
mas porém,
meu coração esforçado,
já Vossa Alteza o lá tem;
que ha muito que m'o ha tomado,
e em si o guarda mui bem. (*Vai-se por onde entrára*)

SCENA XXIX

(XI E ULTIMA DO AUTO)

TODOS OS PRECEDENTES, *(menos Marte)*

FADA (*para os Serafins*)

Oh reaes Pagens da Tocha
da Santa Virgem Maria,
dizei-me: nos ceos que havia?

UM DOS ULTIMOS SERAFINS (*que entraram*)

Um sino que desabroxa,
com muito grande alegria.

FADA (*para a Rainha*)

Recebei-me, e dae-me emboras,
pelo que o sino adivinha,
oh poderosa Rainha. (*Todas as Damas applaudem com palmas, que são repetidas pelo restante da Côrte*)

FADA (*para a Princeza*)

Oh Alta D. Maria,
Princeza de tantos bens,
dae-me, e tomae parabens. (*Damas e Cavalleiros applaudem, como acima*)

FADA (*para as Damas em geral*)

Lirios, papoilas, boninas,
aljofradas diamantinas,
cheirosas, e preciosas;
ramilhete desatado
em cima do Regio Estrado,
como em ledo altar as rosas;
vós, donzellas, vós, sereias,
havei-me boas estreias
no que a vosso Irmão ouvis; (*apontando para o ultimo Serafim que fallou*)
pois que os vossos servidores,
têm de volver vencedores
d'esta jornada feliz. (*Applaude El-Rei primeiro, e logo todos os Cavalleiros*)

FADA (*para os Serafins*)

E pois não ha que mais queira,
cantae nessas harpas d'oiro,
que tanto bem seja eterno;
cantae-o, e por tal maneira,
que façais raivar co'o moiro
todos os coros do inferno.

(*O Côro dos Serafins canta acompanhado de suavissima toada de harpas e flautas invisiveis, e o dos Diabos lhe responde subterraneamente, acompanhado de trompas, bosinas e timbales*).

UMA VOZ DE SERAFIM (*cantando*)

Para os ceos partamos;
em volvendo a armada,
com palmas e ramos
faremos tornada.

OUTRA VOZ DE SERAFIM (*cantando*)
Faremos tornada
com palmas e ramos,
em volvendo a armada,
que nós vigiamos.

CÔRO DE SERAFINS
Anjos, não esquiva
benção lhe trazei.
Viva, viva, viva,
viva, viva El-Rei!

CÔRO INFERNAL
Em hora de prantos,
em hora mingoada,
em hora d'espantos
se parta essa armada
e cresça indomada
dos moiros a grei!

CÔRO DE SERAFINS
Anjos, não esquiva
benção lhe trazei.
Viva, viva, viva,
viva, viva El-Rei!

AS DAMAS DO SARAU (*cantando*)
Anjos, não esquiva
benção lhe trazei.

TODOS OS CAVALLEIROS (*cantando*)
Viva, viva, viva,
viva, viva El-Rei!

SERAFINS, DAMAS E CAVALLEIROS (*cantando reforçado cheissimo com acompanhamento de todo o instrumental*)
Anjos, com fé viva
benção lhe trazei.

Viva, viva, viva,
viva, viva El-Rei!

(Os Serafins depõem cada um a sua corôa no estrado aos pés d'El-Rei, e saem todas as figuras do Auto)

SCENA XXX

TODOS OS PRECEDENTES *(menos as figuras do Auto)*

EL-REI *(reparando em Camões)*

Em boa hora venhais, Cavalleiro Luiz de Camões!

CAMÕES *(acercando-se d'El-Rei)*

Mui Alto e Poderoso Rei; obediente aos desejos de Vossa Alteza, aqui venho pôr ás Reaes plantas o meu pobre volume, e beijar a mão Augusta que se estendeu sobre o poeta desvalído; só para gloria do meu Portugal, e de Vossa Alteza, o havia escripto; Vossa Alteza no acceital-o imprimiu nelle uma gloria nova, que é a minha.

EL-REI

Folgamos de o receber d'essas mãos, que tão gentis coisas hão obrado.

CAMÕES

Real Senhor, a mercê que me fazeis...

EL-REI

Empenhados nos confessamos ainda, eu, e a patria, para comvosco. Requerei afoitamente.

CAMÕES

Senhor: já que Vossa Alteza deseja animar-me *para exemplo* a futuros escriptores, permitta-me

colher eu mesmo ás suas plantas as minhas corôas. *(El-Rei annue com sorriso gracioso; Camões toma do estrado quatro corôas das que ahi deixaram os Serafins)* Agora, pois me é concedido o requerer afoitamente, requeiro que Vossa Alteza me permitta offerecel-as ás mui gentis Damas de sua Côrte, cujas são as rimas e solfas do *Auto das Boas Estreias*, com que hoje vimos aqui resuscitados aquelles saraus famosos dos Senhores Reis D. João III, e D. Manoel, que Santa Gloria hajam.

EL-REI

Aproximae-vos: Luiza Sigêa, Publia Hortensia de Castro, Joanna Vaz, Angela Sigêa. *(Todas quatro, levantando-se dos seus logares, se chegam modestamente ao estrado e ajoelham. Camões põe uma corôa em cada uma)*

CAMÕES

Acceitae, senhoras, por minha mão, e á conta do que a posteridade tem de pagar aos vossos nomes, capellas de anjos, com que vos brinda o mais poetico Rei da Christandade. *(As quatro beijam a mão a El-Rei, e voltam para os seus logares)*

EL-REI *(para Camões)*

Muito bem! outr'ora eram as Damas as que premiavam aos vencedores; hoje, que as vencedoras são ellas, era mister para as galardoar, um triunfador: tivemos um Camões. Mas o enlevo de vos admirarmos, quando, superior a invejas, applaudis franco os talentos alheios, não é bem que nos faça esquecer dos nossos deveres. *(Voltando-se para os Cortezãos)* Aconselhae-me vós outros, senhores: que premio póde haver condigno a

tamanho serviço, como este poema dos Lusiadas?

MARTIM GONÇALVES (*para El-Rei*)

Bem sabe Vossa Magestade que toda a Real Fazenda é pouca para os gastos da presente jornada...

D. CATERINA (*á parte*)

Ah!

D. AFFONSO (*á parte*)

Oh! vil! (*Antonio, que é um dos que tinham ficado á porta da varanda em pé, faz um movimento colerico para se arremeçar a Martim e reprime-se*)

UM GENTIL-HOMEM (*ironicamente*)

Donosa conjunctura para mercês!!...

OUTRO

Uma tença...

OUTRO

Cincoenta cruzados...

REAL

Alvará para que possa imprimir e vender as suas trovas... (*El-Rei assomado bate fortemente com a mão no braço da cadeira; a Rainha e a Princeza, fazendo ambas com a mão signal para que ninguem se levante, se retiram, acompanhadas cada uma com a respectiva Dama: a Princeza pela segunda porta da esquerda; a Rainha pela primeira do mesmo lado*)

EL-REI

Silencio! Que ousadia, senhores cavalleiros! perante mim, e perante o Homero de Portugal!...

CAMÕES (*avisinhando-se a Martim Gonçalves, e forcejando por conter a indignação, que aliás se lhe adivinha pelo olhar, pelo convulso, e pelo aper-*

tar a mão esquerda fechada, com as unhas da direita)

Senhor Martim!... Viestes para me montear! já ahi me andam os vossos mastins desaçaimados!... Cincoenta cruzados! Cincoenta cruzados pelos Lusiadas!... Ponhamol-os antes em almoeda!... já póde ser que algum moço das reaes estrebarias dos Estaos lançará mais!... Eu mesmo serei o pregoeiro!... (*Caindo em si, e voltando-se para El-Rei)* Perdão, Senhor Rei!...

EL-REI (*com autoridade*)

Ávante, meu poeta; continuae! Ordeno-vol-o eu!

D. CATERINA *(á parte)*

D'alma e coração te beijára os pés, senhor Rei!

CAMÕES

Vileza e felonia é esta para rebentarem lagrimas de despeito! dezasete annos vaguei de desterro em desterro; sem acabar, porque tinha uma esperança; sem enlouquecer, porque trazia aqui (*apontando para a testa*) accezo um claro e sublime pensamento; sem cair, porque me arrimava em bordão seguro: este pensamento, esta esperança, este bordão unico, era o meu poema!... O meu companheiro nos carceres, o meu thesoiro nos naufragios, a minha alegria e consôlo nos trabalhos; e este poema, esta melhor metade de minha alma ou minha alma toda! os meus Lusiadas, ó portuguezes, labios que portuguez fallam, m'os põem hoje em almoeda!! Cincoenta cruzados? zombando estais!... não se entrega o ramo por tão pouco: venha ao menos um lanço, que pague o jornal do obreiro: *(Pregoando)* Cin-

coenta cruzados ! !... Quem mais dá pelos Lusiadas de Luiz de Camões ?! (*mudando de tom, e dirigindo-se successivamente a diversos aulicos*) Com duas ou tres arvores seccas das vossas mattas de Cintra, que mandeis vender para carvão, fazeis vós cincoenta cruzados !... (*voltando-se para outro*) Cincoenta cruzados vos dará qualquer alfaia velha, já aposentada nos desvãos da vossa rica poisada !... (*a outro*) Cincoenta cruzados ganhais vós ahi num só lanço da Pella ou de Tintinini ! (*a outro*) Cincoenta cruzados, qualquer adelo vol-os contará pela boa espada de vossos maiores, de que já vos não servis !... (*para Real*) Cincoenta cruzados valem só por si os vossos commentarios aos Lusiadas !... Vós, por cincoenta cruzados... Mas, venhamos a melhor concerto; de tão boa avença me colheis, que vol-os dou de graça... acceitae-os, e dae-me uma esmola de dois ceitis ! !... (*erguendo a cabeça e a voz com dignidade*) Mas quem vos havia dito que o meu livro era para vender ? O amor vende-se ? a gloria vende-se ? a alma vende-se? a qual de vós pedi eu oiro ?... quando me vistes estender-vos a mão, ou bater-vos á porta ?... Mercar o meu livro ! ! nenhum de vós tem de seu com que m'o pagar !... De quantos aqui somos, o unico rico e opulento, unico que póde, e costuma dar thesoiros, o unico que ha-de deixar a todo o mundo uma grande herança, sou eu... eu, senhores, Luiz de Camões ! ! !... Deveis sorrir, pois não conheceis o homem que vos falla ! e d'onde o conhecerieis vós ? ! Nas guerras d'Africa e Asia, não vos vi ; nos mundos do estudo e do pensamento,

nunca nos encontrámos: vós, viveis na gloria do que outros fizeram; e eu, na que eu mesmo criei para o meu Rei, para a minha patria, para a minha religião, e para mim. Se algum se dá por aggravado, dura razão lhe darei das minhas palavras, em m'a pedindo. Cincoenta cruzados!!! Senhor Embaixador de Castella, senhor Embaixador de França, senhores Embaixadores de todos os estados da Europa, ouvistes o valor dos Lusiadas no conceito de fidalgos portuguezes? ouvi-me agora a mim, que sei quanto amor de patria hei depositado no meu livro: em todas as vossas linguas hão-de ser os Lusiadas lidos e relidos, quando de todos estes arrematadores de monumentos nem os nomes já lembrarem. Vamos, Antonio. Tu, sim, que me comprehendes; tu, sim, que has-de sobreviver a estas sombras. (*Sai com Antonio pela segunda porta da direita: fica em todos os circunstantes um susurro, durante o qual, D. Caterina, que tinha seguido com o maior enlevo a falla de Camões, vai allucinadamente para se levantar e seguil-o*)

D. AFFONSO (*detendo-a e em voz baixa*)

Attentae que vos observam.

D. CATERINA (*mui turvada e tambem em voz baixa*)

A mim!... mas que disse eu? que fiz eu?...

EL-REI (*que tem estado como absorto, fica ainda por um breve espaço cabisbaixo, e depois ergue a fronte, e encara severo com aquelles de quem sairam os motejos*)

Outra pagina de vergonhas para a historia d'estes reinos!... (*levanta-se, todos o imitam*) O que ora haveis feito, é execrando, senhores, que vol-o di-

go eu!... Quiz, por vos fazer Real Mercê, congregar-vos aqui, para um Auto solemne de desagravo e remuneração: numa palavra, de justiça; nobre era o encargo!... Como o cumpristes vós? .. Ao poeta, a quem eu honro, affrontail-o de mendigo! Não sei se mais admire o arrojo, se a indignidade, se a insensatez! Quando outr'ora se decretavam triunfos, corria o heroe em carroça coroada as vias publicas por entre applausos até ao Capitolio; mas ao lado da carroça ia um vil escravo a vomitar-lhe injurias; acclamando-o, podieis imitar o povo heroico de Roma; podieis e devieil-o! quizestes antes imitar o escravo!!... A origem de tal escandalo, não a escrutarei, que vos affogára quiçá em ignominia!... (*para todos os cortezãos*) Ide, senhores cavalleiros; mantenha-vos Deus em Sua Santa Guarda! Ao romper d'alva, na praia do Rastello, onde antes de nos embarcarmos iremos encommendar o bom succedimento da jornada a Nossa Senhora da Victoria. Medo tenho do ruim agoiro, com que esta noite aqui a inveja nos estreou a nossa facção d'Africa! A corôa de um Monarcha de espiritos... foi apedrejada! (*Depois de uma pausa longa e solemne*) Aos pés do altar, em Rastello, ao romper d'alva. (*Ao som de charamelas vai saindo El-Rei e a real comitiva pela segunda porta da esquerda; o restante dos Cavalleiros, uns pela varanda, outros pela segunda porta da direita)*

D. CATERINA (*á parte*)

Cumpriu El-Rei com o que devia; agora... eu!

FIM DO ACTO II

ACTO III

Aposento de Camões na estalagem de Diogo. No topo, janella de rotula para o caes; á esquerda, a porta que diz para o casarão da entrada, onde passou o primeiro acto. Á direita, a porta da escuta para o subterraneo, tapada com uma cortina. No canto do mesmo lado, uma alcova volante de biombos acharoados; pela porta d'esta alcova, se enxerga lá dentro uma camilha pobre. A unica mobilia do aposento, são dois escabellos, uma mesa ordinaria, com tinteiro e papel, e dois ou tres livros velhos de folio pequeno, encadernados em pergaminho. É noite. Na parede, por cima da banca, está pendurada uma lanterna entre um crucifixo pequeno de marfim, e a espada e escudo de Camões: o escudo, tem por divisa uma Fenix entre chammas; e no exergo, por mote, ARDO E VIVO.

SCENA I

CAMÕES, (*assentado*) DIOGO, ANTONIO.

DIOGO (*á parte para Antonio*)

Elle que tem?

ANTONIO

St!... *não está bom.*

CAMÕES (*erguendo-se arrebatadamente*)

Hei resolvido. Nem mais um dia, nem uma hora nesta inimiga terra! Outra vez a caminho, peregrino! Se tem espinhos o desterro, mais e peiores os tem para ti a patria! E eu a cuidar que repoisaria alfim! indignos!... farão que me vá morrer desesperado em regiões estranhas!... Quem me deparára agora a subitas algum trabalho excessivo e arriscado... um incendio com que lutasse!... uma pendencia mal ferida... um naufragio, ou um terremoto!... que sei eu?! tudo que me livrasse de estar ouvindo a tempestade que me vai cá dentro!

DIOGO

Malaventurado!

ANTONIO (*baixo para Diogo*)

Deixae-nos a sós.

CAMÕES

Falta-me o ar... Abre-me essa gelosia, Antonio... (*Attentando em Diogo*) Que haveis para me dizer, Diogo? (*Antonio vai abrir a janella*)

DIOGO

Eu, senhor cavalleiro, vinha...

CAMÕES

Vinheis... a que?

DIOGO

Vinha...

CAMÕES

Aviae-vos; vinheis pedir-me o que vos devo do aluguer: razão tendes; em vagabundos não ha *muito que* fiar!

DIOGO

De tal me defenda Deus, senhor cavalleiro!... quanto mais... que ainda hontem chegastes; que é o que me deveis?... coisa nenhuma: por mui pago me dou eu, de dar poisada a tamanho hospede! com honraria tal, nunca a minha estalagem esperára de se estrear! como vos ora recolhestes, lembrou-me vir dar uma vista d'olhos ao aposento, que vos não mingoasse cá alguma coisa.

CAMÕES *(em tom de arrependido, e com affecto)*

Ah! perdoae-me; cuidava...

DIOGO

Pelo que vejo, haveis coisa que vos magôa... *(Vai para sair)* Já sabeis; se houverdes mister de mim, é bater naquella porta, ou bradar por Diogo, que logo serei comvosco.

CAMÕES

Fica, fica, amigo; comtigo não hei eu que dissimular: saberás pois, que assaz, e de sobra, tenho por que me dôa, e desespere; não é verdade, Antonio? Más que montam desprezos de ruins, onde estão branduras e affagos de bons, como estes, que vol-os descontam?

DIOGO

Desprezos!... Dar-se-ha que vos não fizessem lá o gasalhado que deviam? Sempre vos digo, com licença vossa, que a uns certos respeitos, que eu sei, mais valemos cá nós outros, os da arraia miuda, que toda a fidalgaria de Palacio: aqui mesmo (podeil-o crer, que vol-o digo eu) quando ás vezes *ahi vinha ás noites* um amigo, que se

nos punha a ler aquellas vossas rimas que ali tenho (bom livro!... bom livro!...) não era só eu e minha companheira que choravamos; eram quantos as ouviam... e havei-me por sem duvida, que para vos pagar o gosto de taes lagrimas, nenhum d'elles deixaria de dar o sangue das veias, se para vosso remedio lh'o pedissem.

CAMÕES

E é assim: semeou Deus na alma do povo um instincto do bem, tão seu, e uns tão altos espiritos incultos, que ás vezes o egualam com as maiores altezas d'esse mundo, quando as não excedem! Ao povo, ao povo só, se haviam de dirigir os bons engenhos, que não aos poderosos da terra; á seses, qualquer valor ou fama que se alevante, logo lhes põe medo!... Em se erguendo do pó quem os possa insombrar e encobrir com glorias proprias e verdadeiras, repulsam-no elles, agitam-no, flagelam-no, derrubam-no, esmagam-no: depois de morto... depois de morto... deificam-no. Oh! ditoso de quem morreu! !... é a sorte que eu mais invejo!... os unicos que vivem e triunfam, são os mortos. (*Ouve-se na rua uma viola, que vem de muito longe avisinhando-se. Camões continuando*) Escutemos!... (*depois de largo espaço e embevecido na musica*) Poesia da noite!

DIOGO

É vespera hoje de San-João: algum descante...

CAMÕES

Ha quantos annos não oiço isto! (*pausa*) Noite *de San-João* na minha terra! Mais saborosas tris-

tezas tem uma só hora d'esta noite, que tudo quanto hei devaneado! Esta poesia não se escreve; vive-se! Quantos cruzados dariam por ella os cortezãos? (*para Diogo*) E vós, não fizestes fogueira?

DIOGO

Moiro que eu fosse a houvera accendido; estralava e reluzia, que nem uma Troya! Queimaram-se hervas de amores; bailaram os cachopos e moças da visinhança... antes vos quizera no meu quintal, que nos Paços da Ribeira.

CAMÕES

Certo!... (*ao passar a viola por baixo da janella, vai uma voz cantando o seguinte:*)

Mas venido es un tal dia,
que llaman señor san-Juan,
cuando los que están contentos
con placer com an su pan,
cuando á los desconsolados
mayores dolores dan:

CAMÕES

Conheço! conheço! donosa trova do Cancioneiro de Romances! decorei-a, que sempre me pareceu feita por mim e para mim, que assim é saudosa e magoada! (*Recita*)

Decidme vos, pensamiento,
¿dónde mis males están?
¿qué alegrias eran estas,
que tan grandes voces dan?
si libran algun cautivo,
o lo sacan de su afan,
o si *viene algun* remedio,

dónde mis suspiros van?
No libran ningun cautivo,
ni lo sacan de su afan,
ni viene ningun remedio,
dónde tus suspiros van:
mas venido es un tal dia,
que llaman señor san-Juan,
cuando los que están contentos
con placer coman su pan,
cuando á los desconsolados
mayores dolores dan:
no digo por ti, cuitado,
que por muerto te tendrán
los que supieren tu vida,
y agora no te verán:
los unos te habrán envidia,
los otros te llorarán:
los que la causa supieren
tu firmeza loarán,
viendo menor tu pecado
que el castigo que te dan.

DIOGO

Até ámanhã, Senhor meu; com Deus vos ficae! e fazei por dormir; que «apoz dias dias vem,» e «uma hora melhor d'outra» diz o adagio.

CAMÕES

Oh! não ha-de ser esta noite que eu cerre olhos, meu Diogo! *(Vai-se Diogo pela porta da esquerda).*

SCENA II

CAMÕES, ANTONIO.

ANTONIO

Recolhei-vos porém á cama, e experimentae.

CAMÕES

Escusado... tenho a cabeça perdida... e tambem...

ANTONIO

Pois não quereis dormir, dizei-me: em que heis assentado por derradeiro?

CAMÕES

Saio de Lisboa; desamparo-a; fujo-a.

ANTONIO

Mas, saindo de Lisboa, onde quereis que nos vamos?...

CAMÕES

Eu não disse *nos*...

ANTONIO

Não entendo!...

CAMÕES

Vou-me eu só.

ANTONIO

Deixar-me-heis!

CAMÕES

Devo-o.

ANTONIO

Cada vez vos entendo menos! e sem vós, que ha-de ser de mim?... não póde ser, meu senhor! não é possivel...

CAMÕES

Lembra-te de Heitor da Silveira; lembra-te de quantos amigos me has conhecido, e que já não vivem... Hoje, até já creio nisto: o amar-me em extremo, dá morte; quando menos, dará infortunio grande. Infelizes ha, que são como apestados; e devo ser eu um d'esses.

ANTONIO

Embora... quero vêr... por isso mesmo... heivos de seguir, mas que o não queirais.

CAMÕES

Não estás ainda farto de penuria?

ANTONIO

Sêde e fome que importam, se estou comvosco?

CAMÕES

Crê no que te digo; faze o que te rogo: fica-te, e deixa-me abalar sósinho.

ANTONIO

Não ateimeis em me experimentar: sou vosso, é verdade; mas tambem vós, meu senhor, sois meu; eu, por escravo; e vós, por amigo.

CAMÕES

Admiravel feitura da Divina Bondade! Homem, com a raça humana me reconcilias. (*abraçam-se*)

ANTONIO

Agora que dispondes?

CAMÕES

Ir-nos-hemos com El-Rei.

ANTONIO

Outorgar-vol-o-ha elle?

CAMÕES

Que remedio haverá senão outorgar-m'o. Animo para me ficar em Lisboa, depois do que é passado, confesso que o não tenho! Pessoas ha hi, cuja só vista me abrasaria! fôra um lutar commigo proprio de contínuo; em vez que na guerra, com o remoinho dos successos, com o fervor das refregas, com o marulho e resaca dos perigos, com as alegrias e os cuidados das victorias, muito outro affecto se esfria, muita memoria se apaga, ou amortece. Já agora, aquella, (*apontando para a espada*) quero acabar de a gastar. (*Põe-se a reparar attento no escudo*) Vêl-o, Antonio! o escudo, com que salvei a vida de meu pae... (bom soldado tambem!) ao pé de Ceuta... quando lá deixei este olho... Era ainda em branco, como de donzel, quando para lá fui, e lá grangeei com que se adornasse da divisa que traz; terra é logo para mim de boa estreia, aquella d'Africa: da primeira vez me honrou; d'esta porventura me acabará, que será maior mercê. (*com um sorriso triste*) ARDO E VIVO! dizes ahi tu, minha Fenix: vamos a ver se algum caritativo pellouro de Berbería nos quebra alfim a ambos tão ruim fadario. Póde ser; mas em Lisboa, sei eu de certo que não resistiria nem um mez. Approvas, Antonio, o meu projecto de acompanhar El-Rei?

ANTONIO

Senhor... sim.

CAMÕES

Que horas são?

ANTONIO

Deram as onze ao entrarmos na poisada.

CAMÕES

Só?!... Noite é esta que não acabará nunca! não sei com que enganar o tempo! (*passeia a passo largo*) Pois hei-de ficar a debater-me commigo entre estas quatro paredes! faze tudo prestes para a partida (*sorrindo*) não gastarás muitas horas... Ah! em bem me lembra... ámanhã... é o meu duello com Real! o parente de Martim Gonçalves!... Não ser antes com o proprio Martim Gonçalves!... Oh!... Caterina! por mais que faça, não a destérro do coração; qualquer coisa m'a recorda... se a tornarei jámais a vêr!...

SCENA III

D. AFFONSO (*que entra*) CAMÕES, ANTONIO (*no segundo plano*)

CAMÕES

D. Affonso!... Oh! bemvindo.

D. AFFONSO

Muito ha que eu devéra ser cá, não é assim?

CAMÕES

Bem sabia eu, me não faltarias.

D. AFFONSO

Em transes estava... vejo-te porém sereno (mercê do ceo) e respiro...

CAMÕES (*em meia voz*)

Sereno eu!...

D. AFFONSO

Por minha fé, que não hei desperdiçado o tem-

po! andei trabalhando para ti... ou para mim... direi melhor, para ambos nós, que meus são egualmente os teus negocios.

CAMÕES

Que has feito?

D. AFFONSO

Logo o saberás. *(para Antonio)* Antonio?

ANTONIO *(aproximando-se)* (1)

Senhor meu!

D. AFFONSO

Não vi a Diogo quando entrei... mas não deve andar longe: vai-te para a sala d'entrada esperal-o; e como chegar, trazêl-o aqui. (*sai Antonio pela porta da esquerda*)

SCENA IV

D. AFFONSO, CAMÕES.

D. AFFONSO

Antes de uma hora haveremos aqui El-Rei.

CAMÕES

El-Rei!

D. AFFONSO

Já elle cá seria, se não fôra o Cardeal, que o tem dilatado. Quiz vir adiante para t'o annunciar, e dar ao estalajadeiro certas ordens, afim de me não desvairarem depois a attenção... Deixa correr mais uma hora... estás para vêr estranhas coisas. (*corre a casa por uma e outra banda, como quem examina o que quer que seja*)

(1) Antonio, *D. Affonso, Camões.*

CAMÕES

Cuido estar vendo a Philippe Persio quando andar medindo em Africa terreno para a nossa hoste; em vez d'elle, podia El-Rei levar-te para seu Divisador do Campo.

D. AFFONSO

E assim é, que ando eu a aparelhar terreno para uma grande batalha.

CAMÕES

Com bom apparato de arcanos principia o Auto!... discorres no aposento, como que houveras um grã thesoiro nelle enterrado.

D. AFFONSO (*com tom significativo*)

E quem sabe se o não haverei!

CAMÕES

E nesse Auto, que me tocará a mim? serei tambem figura? ou só espectador?...

D. AFFONSO

Espectador e figura. Não desejas tu vingança?

CAMÕES

Eu?...não...

D. AFFONSO

Quanto não folguei, e me ensoberbeci de te ouvir no Paço!... digo-te que estavas em hora fadada de inspiração! relampagueava-te o olhar, percebia-se-te lá por cima na alma o trovejar soturno da colera! fulminastel-os a esses mesquinhos, relé cainha de cortezãos bastardos!

CAMÕES (*com ironia*)

Sim, motejei e rugi.

D. AFFONSO

Não zombes... padeceste muito... e padeces!...

Fóra soberbas vãs! as tuas feridas d'alma, recata-as de todos! mas a mim, ao teu amigo, ao teu Affonso, descobre-as sem vergonha... que bem sei quão profundas são, e como sangram.

CAMÕES

Sim, sim, Affonso meu, por demais é o agitar-me; as frechas empeçonhadas que me elles cravaram no coração, não as desferro por mais que as sacuda. E perante El-Rei!... ver-me constrangido pelo respeito a encolher as garras de leão, que os houveram feito pedaços!... querer, e poder, e não ousar esbofeteal-os nem com a palavra!... insensatos!... sabem elles sequer a quanto se expozeram provocando-me! não sabem que eu podia fazer-lhes peior que arrancar-lhes as ociosas vidas? podia condemnal-os a viver: amarral-os ao peloirinho da posteridade, com grilhões, como os de Ticio, que ninguem, nem todos os Reis, nem todos os seculos os desataram! Insensatos!... semearem a injuria em alma que tem o segredo do porvir! Insensatos, e infames, que se conspiraram para affrontar num só lanço a tres Magestades, todas egualmente ungidas pela mão de Deus: o Engenho, o Infortunio, e a Realeza! por ella sobre tudo, mais que por mim mesmo, te confesso, me doí, e me indignei. Dos labios me estiveram por instantes rebentando aquellas palavras do meu poema;

.....Entre os Portuguezes
tambem traidores houve algumas vezes.

D. AFFONSO

Pois sabe que tudo isso, esses teus impulsos de

lealdade portugueza, esses teus brios de cavalleiro, essa tua luta de ti comtigo mesmo para te reprimires, para não ajuntares ás irreverencias, uma irreverencia nova; tudo, tudo te leu na alma aquelle grande Principe; e foi-te grato, bem no viste, esforçou-te. Coração porém que nesse prazo mais pulsasse em teu favor do que este... nenhum. Porque El-Rei só via em ti um offendido, e eu... dois: o poeta, e o amante.

CAMÕES

Cala! cala!

D. AFFONSO

E tenho eu, que mais padecia ali o amante que o poeta; mais a fenix que a aguia; porque a aguia, se não os esmagava com um açoite d'aza, era só por não querer. Mas o coitado do coração!... na presença do objecto idolatrado!...

CAMÕES

Reparáste nella tu? que disse?... que fez?... que mostrava no semblante?... córou?... entristeceu-se?... Por Deus que m'o digas!...

D. AFFONSO

Camões, Camões! não me havias confessado a tua dita!...

CAMÕES

Uma dita!... eu!... e qual?

D. AFFONSO

O seres d'ella amado com extremo! Ella propria o revelou sem querer: a turvação... as lagrimas a cair-lhe...

CAMÕES

Basta!... não me abales a determinação!... Ah! Martim Gonçalves! Martim!...

D. AFFONSO

Inda uma vez o tens de vêr...

CAMÕES

Onde vêl-o?

D. AFFONSO

Escuta... não quero por mais tempo dissimular comtigo. A El-Rei havia promettido calar-me; hoje porém toca-te haveres tambem quinhão em nosso segredo...

CAMÕES (*rapidamente*)

Cuido que o vou adivinhar ... agora recordo e combino tudo ... o Embaixador de Castella, e Martim Gonçalves, a raposa, e a minha cobra de capello, ajuntam-se a occultas neste covil! eram elles os que tu hontem desejavas tomar, como dizem, com o furto nas mãos. Vai ahi colluio de traidores! conspiram contra El-Rei, e o Reino! Jesu Maria! Martim revel e descoberto! estrella da minha ventura que te has sumido no occaso! poder-me-hias tu ainda ascender ao ceo!

SCENA V

DIOGO, D. AFFONSO, CAMÕES E ANTONIO.

D. AFFONSO

Por onde andavas? ouve; eu vou sair; dentro em meia hora voltarei. Os individuos que sabes, hão-de ser aqui á meia noite; tanto que entrem, virás dar-nos aviso.

DIOGO

Senhor sim; far-se-ha.

D. AFFONSO

Cautella que te não suspeitem!

DIOGO

Nas covas de Salamanca deveriam elles ter cursado com o proprio diabo, se a mim me suspeitassem: ide-me ora descançado quanto a isso.

D. AFFONSO

Vai sempre outra vez certificar-te se o almario falso, que encobre esta porta (*aponta para a porta da direita*) pela banda de traz, ao cima da escadinha escusa do suterraneo, está ainda como o deixámos; se se não conhece por fingido. Se o descobrissem, mallogrado era tudo.

DIOGO

Mais alguma coisa?

D. AFFONSO

Nada mais.

DIOGO

Tudo se fará, como Sua Mercê determina; mas, antes que me parta, duas palavrinhas quizera eu dizer-vos.

D. AFFONSO

Dize-as logo.

DIOGO

Veiu hoje ahi uma figura que dava ares de mercador: pediu-me uma botelha do melhor vinho donzel que na venda houvesse, e me rogou me assentasse com elle para o bebermos. «Braguez com braguez, e cortez com cortez,» diz o adagio; acceitei, e puzemo-nos a beberricar; entrou-me a fazer, como por demais, algumas perguntas de nonáda, que, se tinham alvo, não era eu bésteiro que lh'o enxergasse...

D. AFFONSO

Nem o sou eu tambem, que enxergue o alvo de tal conto: abrevia, que não hei tempo para perder!

DIOGO

«Pois hontem (*arremedando a voz de Manuel*) ao «cerrar da noite—é elle quem falla—encontrei-«me ahi com um cavalleiro, conhecido meu, «chamado Camões; annos havia que nos topa-«ramos em Goa... quando é que elle desembar-«cou? cuido, que na vossa estalagem está poi-«sando.»

D. AFFONSO (*que tem estado distraido e se volta de repente a escutar com a maior attenção*)

Ah!

DIOGO

«Para raposo, raposa e meia,» dizia o outro; «tate, senhor Diogo!» disse eu entre mim; cerrei-me á banda, e nem palavra. Como viu que não saia coelho da moita, metteu-lhe o furão por outra parte, dizendo: «Não vos aconselhára eu «a que lhe fiasseis do vosso; salvo, se haveis al-«bergaria para a dar a peregrinos pelo amor de «Deus.»

CAMÕES

Que respondeste?

DIOGO

«Mentira não paga siza» e «uma mentira acarreta outra...» á cautella, fui-o enganando; porque a final de contas... Vossa Mercê... tem seus malquerentes; e poderia aquillo ser espia d'elles: que «mulher errada, e ladrão, nas obras se co-

nhece, e na cara não». «Pois, meu amigo, esse tal «senhor Camões.... não sei quem possa ser!... —lhe «tornei eu mui descançado — esse que vistes en- «trar na estalagem, segundo dizeis, pediu ahi uma 9vez de vinho, bebeu, pagou, e vistel-o: «matalo- «tagem a bordo, caravela ao mar».

D. AFFONSO (1)

Houveste-te, como quem és, Diogo honrado: (*para Camões*) era, sem falta, espia de Martim Conçalves. Não importa, espero que hão-de vir... Demo-nos pressa, vou-me ao encontro d'El-Rei... Fica-te; até logo, Luiz. (*vai-se pela porta da esquerda*)

DIOGO (*a Camões, indo já para sair*)

Pelo que vejo, andei sisudo!

CAMÕES

Salvaste-me. (*Vai-se Diogo pela porta da esquerda*)

SCENA VI

CAMÕES, ANTONIO.

CAMÕES (*desasocegado*)

«Não vos aconselhára eu que lhe fiasseis do vosso!...» Menos me affronta o dito, do que me magoou o tom, e o olhar, com que o pobre do vendeiro m'o repetiu. Estava-se percebendo que ainda lhe não passára a indignação de me vêr suspeitado no crédito. Mais quizera eu esta mão da penna decepada, do que deixar por qualquer

(1) D. Affonso, Diogo, Camões.

via de pagar-lhe. Como porém? estas galas que ora trago, são pennas de pavão postiças, que de só as olhar me corro. Vendel-as-hei; mas, não me pertencem;... roubar a Miguel, para pagar a Diogo! ... (*senta-se á mesa e escreve*) (1) Antonio, ouve: se eu acabar neste desafio de ámanhã, vai ter com El-Rei, e lhe apresenta este escripto. (*lê*) «Deve Luiz de Camões a Diogo estalajadeiro cem cruzados.» El-Rei é generoso, e dobrará o lanço. Será a unica mercê que eu haja pedido... e a ultima tambem que posso pedir; que para me sepultarem, lá se haverão como quizerem; ou que me não sepultem; que me dá d'isso?... (*torna a escrever noutro papel*) Est'outro é para a senhora D. Caterina d'Atayde (*aqui apparece D. Caterina á porta do lado esquerdo*) (2)

SCENA VII

D. CATERINA, ANTONIO, CAMÕES.

CAMÕES

Quero que ella saiba que o meu pensamento derradeiro foi seu (*para Antonio*) em mão propria lh'o entregarás, e a occultas. (*reparando em D. Caterina*) D. Caterina!... é possivel!... Antonio, faze vela por fóra d'essa porta, que ninguem entre! (*Antonio sai pela porta da esquerda, e a fecha. Camões toma a D. Caterina pela mão*)

(1) Antonio, Camões.
(2) D. Caterina, Antonio, Camões.

SCENA VIII

D. CATERINA, CAMÕES.

D. CATERINA

Não me esperaveis!

CAMÕES

Temeria ousar tanto! ...

D. CATERINA

Agora, já não quereis morrer!

CAMÕES (*indo até á janella*)

E affoitares-te por este escuro da noite, pelo ermo e calado d'essas ruas! ...

D. CATERINA

Que te direi! sabia que estaveis desesperado; como querieis que attentasse por mais nada? ...

CAMÕES

Oh! Caterina! não será isto um sonho?

D. CATERINA

Maravilhais-vos? com isso contava eu, Camões...

CAMÕES

Maravilha? não; é um rapto de bemaventurança ...

D. CATERINA

Em verdade? ...

CAMÕES

Pois duvidais? ... com que juramento quereis que vol-o affirme? ... Por Deus, pelos teus olhos, pela minha espada, pelo meu amor, pela alma de minha mãe t'o juro.

D. CATERINA

Creio, creio ...

CAMÕES

A que vem esse teu olhar de enleada, gentil Natercia minha; fallecem-te expressões para me pintares a força do affecto que assim te impelliu atravez de tantos riscos a me vires encantar cá no fundo de tanta miseria? Taes expressões não as hei mister, porque em ti leio como em mim proprio; não, não serei eu que interprete em mal este rasgo de feminil heroicidade. Escuta; já pode ser que nunca mais sôe para nós hora de boas fadas como esta; não m'a escureças com vãos receios!

D. CATERINA

Receios! eu! ... Não, não me arreceio de nada.

CAMÕES

E de que te havias de arrecear, sendo eu comtigo? Intendo; sobresaltou-te o meu alvoroço. Que lhe queres? se te amo tanto, Caterina?...

D. CATERINA

Eil-a, eil-a ahi a palavra de que eu vinha tremendo! ... presumia ... esperava ...

CAMÕES

Que do meu amor te não fallasse? E de que outra coisa poderia fallar-te eu? Procural-a-hia por te aprazer; mas, se a não ha! ... não, não ha; só tu. D'este coração houveras dó, se agora o visses! (*vai tomando fogo*) Sereno?! ... placido?! ... se o eu estivera, cuidaria que estava morto! Frio, quando ao pé de mim te estou vendo! Frio, quando me digo a mim proprio, ébrio d'mor e ufania «vê, vê, como ella te quer, que para te vir consolar tapou *a boca aos* receios e melindres,

e nem dos juizos do mundo se lhe deu»! ... Como queres que não exulte? que não delire de alvoroço? que me não transverbere pelo semblante a felicidade? Tão poucos são os sacrificios que de ti me has feito? Continúa! mais! mais! um derradeiro! arroja a mascara! depõe essa tibieza, que não é tua! Restitue-me a minha Natercia, as suas palavras namoradas de endoidecer! as suas branduras, e aquelle sorriso d'abrandar penedos! Essas geladas mostras de frieza, deixa-as para aquellas que hão medo de fraquear: ás virtuosas, como tu, sua mesma virtude lhes é escudo.

D. CATERINA

Camões!

CAMÕES

Não sabes que ao transpores aquelles umbraes (*apontando para a porta da esquerda*) se converteu este humilde logar num templo sacrosanto!

D. CATERINA

Camões! Quem te não admirará! homem generoso, que entendeste o quanto eu carecia de animada... bem hajas! ... se pouco ha estava duvidosa e indecisa... se resistia aos impulsos do meu proprio coração, que todo se esvoaça para ti... vês-me aqui arrependida. Perdoas-me, não é assim? Escuta-me ... vê se me podes intender isto, que te eu não sei explicar: fiz este caminho, andando, ou correndo, sem pensar em nada, sem reflectir; sustida, e impuchada, não sei porque mão invisivel! ... só áquella porta é que parei: *inturvaram-se*-me os olhos: retraí-me, como se

diante se me abríra um despenhadeiro ... mil temores, mil escrupulos, que me não occorreram quando me lancei á fuga, aqui me saltearam de improviso. Vês tu! ... quero que saibas tudo que por mim passou: «Que pensará Camões?—dizia eu em mim ...—e seelle, vendo este meu arrojo, me fallar do seu amor, que lhe poderei já responder?» Mas comtudo, queria ver-te ... determinei-me alfim a entrar, a fallar antes que me fallasses, a dizer-te: «Camões, a que estás vendo, não é D. Caterina, é tua irmã, tua irmã que vem tomar seu quinhão nas tuas magoas; não ha cruz sem mulher ao pé; venho ser eu a mulher da tua cruz!»

CAMÕES

Alma para padecer, tinha-a eu; dae-me outra, Deus meu, para a felicidade!

D. CATERINA

Que scena, meu Camões! que barbaros! Como vos martirisaram! oh! e quanto mal não quiz eu á minha fraqueza! temi de perder o siso. É verdade. Quando te vi sair tão allucinado, senti atear-se-me cá dentro a desesperação que em ti levavas. Então, é que de mim se apossou um pensamento ousado, um pensamento de mulher; (que para ellas não ha impossiveis;) «quem o póde salvar, sou eu;» exclamei; «sou eu; e hei-de salval-o!!»

CAMÕES

Muitas vezes o hei pensado, mas nunca tanto o senti como agora: que pobre interprete d'alma não é a lingua!

D. CATERINA

Se já vos não doem as vossas dores, por bem paga me podeis dar (*Apontando para a carta que na mesa está*) Que me dizieis naquella carta? (*vai para a tomar*)

CAMÕES (1)

Pois sabeis!...

D. CATERINA (*apontando para a porta*)

Eu estava além...

CAMÕES (*com muito affecto*)

Ler!... não; por mercê, conversemos!

D. CATERINA (*lendo para si*)

Despedidas!

CAMÕES

Sim; mas esta vida que eu, pouco ha, daria de barato ao primeiro que m'a quizesse tomar, defendel-a-hei agora, que por vossa, mais que por minha, lhe quero muito.

D. CATERINA

Oh! bem me dizia o coração, que te era entrado um pensamento mau! Medo havia de chegar já tarde! a tua agitação me amedrontava! Eras cá tão longe de mim, e eu lá a ver-te e ouvir-te! ponto por ponto te podéra referir tudo quanto pelo animo te ha passado, desde que te arrancaste do palacio...

CAMÕES

Dize...

D. CATERINA

Quando á poisada chegastes, vinheis fóra de

(1) *Camões, D.* Caterina.

vós... fallecia-vos o ar... começastes de correr no quarto a passo cheio, a contar uma e uma as esperanças finadas, e as feridas do coração!... logo, alçando a voz para amaldiçoar...

CAMÕES

Isso é!

D. CATERINA

Então? não vos ouvia e via eu?

CAMÕES

E ouviste-me tambem bradar por ti?

D. CATERINA

E não acudi eu? não sou aqui?

CAMÕES

Oh!

D. CATERINA (*inflammando-se*)

Não é d'hoje, meu Camões, que eu adivinho angustias vossas! muito ha que ando comvosco!... peregrinei por esses desterros, avergada de vossos pesares e desalento!... comvosco pelejei e fui ferida!... comvosco naufragueil... comvosco me carpí todas as horas do nosso apartamento!... Oh! que se o descanço e justiça com lagrimas se mercaram neste mundo, justiça e descanço houvereis vós ha muito! que bastantes, e bem ardentes as derramei!

CAMÕES

Nesta hora devéra eu morrer, que me voava aos ceos carregado de jubilos e amores. Mil mercês, por vossos menoscabos e affrontas, senhores gentis-homens de Portugal! as covardes mãos vos beijo, que assim me grangeastes a hora mais doirada de minha vida!...

D. CATERINA

E eu abomino-os... a todos... desalmados!... que lhes havieis feito?!

CAMÕES

Ainda tu m'o perguntas? não sabes, Caterina, que um só homem os havia contra mim conjurado? um homem, a quem eu ousára dizer que te amava?

D. CATERINA

Oh! Luiz!...

CAMÕES (*descontente*)

Barbara pergunta! malvindas palavras foram essas vossas!...

D. CATERINA

Ah! perdoae-m'as!... bem sabeis que vos não quizera eu nunca triste!...

CAMÕES

De tudo me estava agora esquecendo; nem odios, nem zelos me já lembravam...

D. CATERINA

Malaventurada de mim!...

CAMÕES

Era ás portas do ceo, e outra vez me despenhaste para a realidade, para o meu inferno... d'aqui a pouco me dirás tu: «Já quer alvorecer... lá vem o dia... é forçado apartarmo-nos.» (*lança-lhe os braços*).

D. CATERINA (*assustada*)

Ouvi-me, ouvi-me, Luiz de Camões... não, não, não; não é possivel; tu não queres por certo uma ventura que me deshonrára, oh! que não... mais *subido é* teu amor, que o sei eu.

CAMÕES

Não... sim, sim... mas queres que eu te deixe ir para elle?... que te restitua a elle?... que:..

D. CATERINA

Luiz! respeita a mulher da tua cruz!... (*arrancando-se-lhe dos braços com um grito)* Meu Deus!... (*põe-se a escutar*).

CAMÕES

Dize: queres alfim deixar-me aqui desamparado!...

D. CATERINA

Oiço gente!... salva-me, Luiz!... esconde-me!...

SCENA IX

OS DITOS E ANTONIO (*que entra pela porta da esquerda*)

ANTONIO

El-Rei que chega.

CAMÕES

El-Rei! (*puxando pela memoria*) Ah! sim!... vem... (*conduz arrebatadamente a D. Caterina, e a esconde por detraz do cortinado da porta falsa á direita*).

SCENA X

EL-REI, CAMÕES, D. CATERINA (*occulta*) ANTONIO (*no segundo plano*)

(*El-Rei se detem um momento á porta da esquerda, por onde vem entrando, diz algumas palavras ao ou-*

vido de D. Affonso, que com elle vinha, e que se ausenta logo)

EL-REI (*indo direito para Camões*)

Esta noite, Luiz de Camões, vim trazido por nosso amigo D. Affonso de Noronha, mais como brigão que sai pelo escuro, que não como Rei e Cavalleiro. Algum dia porém virá em que como Rei e Cavalleiro, e prezador de bons engenhos, vos vá procurar em vossa poisada á vista do sol e do mundo, e seguido d'esses cortezãos que nos ultrajaram: fal-o-hia já ámanhã, se não houvera de me partir.

(Camões conserva-se por toda esta scena em manifesta distracção, cuidando mais em D. Caterina, que em escutar El-Rei.)

CAMÕES

Real Senhor, empenhais-me em divida que não pagarei nunca.

EL-REI (*travando-lhe da mão*)

Adiantada m'a havias pago, meu excellente poeta; antes sou eu para comtigo o alcançado.

CAMÕES

Envergonhais-me, Senhor!...

EL-REI (*com energia e rapidez*)

Uma só affronta como esta, põe nodoa num reinado: hei-de fazer tudo por lavál-a. Acostumaram-se a julgar-me fraco!... cuidam que sou ainda um menino, como quando me coroaram em braços de minhas aias? Por Deus que se enganam! e eu lh'o provarei... Eu me farei temido, como El-Rei D. Pedro I.

CAMÕES *(á parte)*

Perdida está, e é por mim!

EL-REI

Se não fôra por dar quebra á minha Real palavra, que já a hei dado a Diogo Bernardes, Epico vos nomeára da minha expedição africana.

CAMÕES

Em Bernardes, Senhor, acertastes mui bem a vossa escolha.

EL-REI

Ao Cantor do Gama quizera eu antes para meu! não foi porém a escolha minha; foi de quem porventura preparou a escandalosa scena d'esta noite...

CAMÕES

Talvez!... *(á parte)* mas D. Caterina ali...

EL-REI

Não importa, meu Camões; eu vos fio que mais publica scena, e mais apparatosa, havemos nós de representar, para lhes quebrar os olhos; por agora conversemos noutra coisa. Sabereis que hei determinado gastar comvosco, meu poeta, o restante d'esta noite, minha derradeira noite em Portugal!

CAMÕES *(aterrado)*

Passar... que diz Vossa Magestade!... a noite!... porém...

EL-REI

Mil coisas tenho em que praticarmos, segredos que te quero confiar... conselhos que me releva pedir; não hei hoje cabeça, que per si

baste para o sem numero de pensamentos e cuidados que me salteiam.

CAMÕES (*como acima*)

A mim, Senhor?...

EL-REI

A ti, sim... e antes de tudo uma reprehensão grave, gravissima, te venho dar.

CAMÕES

Teria eu a desventura!... *(á parte)* Caterina!

EL-REI

Offendeste-me e affligiste-me... Quando agora vinha para aqui, perguntei a Noronha pelos teus haveres; respondeu-me encolhendo os hombros... és homem de caixa, segundo parece...

CAMÕES

Que pretende Vossa Magestade que lhe eu diga?...

EL-REI

Vejamos ora: pódes emprestar-me tres cruzados?...

CAMÕES (*confuso*)

Já aqui?...

EL-REI (*apertando-lhe a mão*)

Não os tens, meu amigo; não tens tres cruzados!... Desde hoje, D. Sebastião e Camões hão bolsa commum... Que se dissera do nosso Portugal por esse mundo, a constar que o Principe dos poetas portuguezes se albergava em Lisboa a par com os Paços da Ribeira, numa casa de venda, sem mais loiros que uns seccos e mirrados no alpendre do portal?!... Já ordenei que nos meus Paços te aparelhassem aposento qual a ambos cumpre.

CAMÕES

Senhor... *(á parte)* e o tempo a correr!... que farei?...

EL-REI

Em quanto eu fôr ausente, o Cardeal, a quem já te recommendei, cá fará para comtigo as minhas vezes.

CAMÕES

Sua Alteza o Senhor Cardeal!

EL-REI

Sim, esse; até que praza a Deus tornar-me a nossas terras, que d'essa hora em diante nunca mais te apartarei de mim... por conselheiro e mestre te haverei, não só amigo.

CAMÕES

Eu!...

EL-REI

E que outro mais feito para me ensinar a reger Estados!... Com a vida que has vivido... deves conhecer os homens de todas as condições, e conheces... e que sei eu d'elles, que vivo solitario, e cercado de um lustroso exercito de inimigos, a quem ahi chamam cortezãos, que nem me deixam vêr para fóra, nem que a verdade rompa até ao throno! Assim se me têem ido mais de vinte annos da vida, que mortos e bem mortos chamára eu, se os não houvera ao menos dado aos livros, em que o espirito se afia como a espada na pedra; e á meditação, que me criou brios para as grandes coisas que hei traçado, e que, prazendo a Deus, espero de levar a cabo, mau-grado a pusillanimes e invejosos. Sim tinha

a meu aio D. Aleixo de Menezes; mas esse... a velhice lhe enregelou o sangue; neste conselho que em Cintra houvemos, o conheci, que tão gloriosa facção como esta d'Africa, m'a reprovou severo, e m'a agoirou com mil desastres. D. Aleixo de Menezes já não é homem para mim; ou já não sou eu pupillo para elle. A ti quero, meu poeta, para guia e esforçador; que assaz em teus versos mostraste seres cabal para dizer verdades atrevidas. Quando de façanhas se tratar, oraculo me será o Cantor do Gama; quando de descobrir infortunios para os remediar, dar-me-ha luz o pobre e desterrado de tantos annos, o homem, que, merecendo thesoiros, não teve tres cruzados para emprestar.

CAMÕES

Grã Principe!

EL-REI

Mal sabes a turvação em que me deixou o triste successo d'esta noite!

CAMÕES

Por Deus, Senhor, que vos esqueçais d'isso, como eu, e vos vades a repoisar.

EL-REI

A sanha d'aquelles ruins contra ti, e o que depois vim a saber das tuas desventuras, me abriram os olhos, e me fizeram haver lástima dos que em thronos se assentam! e mais lástima de mim, que tantos annos hei baldado para a ventura dos outros! as angustias de um talento desamparado, desconhecido, negado talvez! as horas, que o desa*lento, ou a* desesperação lhe faz perder, horas

do genio, que são as ricas peças de oiro, com que elle compra a eternidade! as chagas, que lhe roem secretamente o coração! os abismos de penas, em que espia a sua gloria, sem ousar a queixar-se por desafôgo! tudo isso, que são males para que um Rei desça do throno a acudir-lhes, tudo isso, Camões, o aprendi eu já de ti, sem que m'o dissesses. Oh! quero-te, quero-te para meu mestre!!...

CAMÕES (*á parte*)

Está salva! Perante este, póde Caterina apparecer... (*para El-Rei com fervor*) Oh! Monarcha! muita vez havia eu orado ao Altissimo, dizendo: «Senhor, a que alvo me atirais, que o não enxergo? Para que são estas dores tão cruas, com que me angustiais?...» hoje alfim me dá resposta.

EL-REI

Para apostolo de glorias te elegéra...

CAMÕES

Graças, ó Deus, se miserias minhas hão criado um Rei humano para este Reino vosso!...

ANTONIO (*inclinando-se*) (1)

Bem hajais, Rei grande! bem hajais!

CAMÕES

É o meu mór amigo, Senhor.

EL-REI

Inveja te hei; não sou eu tão rico! (*Antonio vai-se commovido pela porta da esquerda, quando vem a entrar arrebatadamente D. Affonso*).

(1) Antonio, El-Rei, Camões.

SCENA XI

D. AFFONSO, EL-REI, CAMÕES, D. CATERINA *(ainda por traz do cortinado)* E MARTIM GONÇALVES, E O EMBAIXADOR DE CASTELLA *(que a seu tempo se ouvirão fallar no subterraneo, e não são vistos)*

D. AFFONSO

Lá são.

EL-REI

Ah! já me não lembrava!

CAMÕES *(lançando os olhos para o homisio de D. Caterina)*

Ah! meu Deus!

EL-REI *(mui serio)*

Começo a reinar! *(para D. Affonso)* Onde queres que nos postemos?

D. AFFONSO (1)

Por traz d'esta cortina é a porta que eu disse a Vossa Magestade. (*Vai para correr a cortina*)

CAMÕES (*detendo-o*)

Que queres?

D. AFFONSO

Abrir a escuta.

CAMÕES

Não póde ser.

EL-REI (*para Camões*)

Sabes o que nesse aposento se está tramando?

CAMÕES

Real Senhor, commettei ao meu braço o desagravar-vos; vereis se o tenho eu para vos ser-

(1) *El-Rei, Camões, D. Affonso.*

vir... *(Em meia voz e precipitadamente para D. Affonso)* Pela nossa amizade...

EL-REI

Alguem está ali escondido! (*D. Caterina corre o cortinado e apparece*)

D. AFFONSO

D. Caterina!

EL-REI

A esposa de Martim Gonçalves!

CAMÕES (1)

Ah!

EL-REI (*com respeitoso acatamento*)

Viestes, Senhora, consolar o nosso poeta?

D. CATERINA

Senhor!...

EL-REI

A Camões, toca adorar-vos; e a nós, respeitar-vos como um anjo. Tamanho mal, feito por homens, só mulher podia reparal-o. Perdoar-me-heis porém o haver quebrantado o vosso asilo?

D. CATERINA

Logo o devêra eu ter deixado, apenas ouvi aquellas vossas tão nobres, tão Reaes palavras.

EL-REI

Consenti-me, Senhora, vos offereça o meu braço, que, por de Cavalleiro, é tambem amparador de damas, e vos acompanhe até á vossa poisada.

D. AFFONSO

Lembrae-vos, Senhor, do que nos ora trouxe aqui!

(1) D. Affonso, El-Rei, D. Caterina, Camões.

D. CATERINA (¹)

Esperarei, Senhor. (*D. Caterina se assenta por desfallecida á esquerda num dos escabellos; Camões fica de pé junto d'ella. D. Affonso abre a escuta; D. Sebastião põe o ouvido álérta.*)

D. AFFONSO

Calaram-se.

D. CATERINA *(assentada)*

Que será!...

MARTIM GONÇALVES (*no subterraneo*)

Ah! D. Philippe já se arrepende das suas promessas! em tão pouco tem os meus serviços, que os regateia?

D. CATERINA *(levantando-se)*

É a voz de Martim!... Grande Deus!...

CAMÕES *(em voz baixa para D. Caterina)*

Escuta..,

EMBAIXADOR DE CASTELLA (*no subterraneo*)

Neste pergaminho, firmado do proprio punho d'El-Rei Catholico, meu Senhor, verá V. S.ª, senhor Camara, que S. Magestade o tem em conta de leal amigo, e como tal o préza, e lhe fará mercê, continuando V. S.ª a auxiliar, como até agora, as suas traças.

EL-REI

Ó ignominia!...

D. CATERINA

Que horrivel é isto!...

CAMÕES *(em voz baixa)*

Escuta, escuta!...

(¹) D. Caterina, Camões, El-Rei, D. Affonso.

MARTIM GONÇALVES *(como acima)*

D. Sebastião lá se vai espedaçar contra o poderio mauritano.

EMBAIXADOR (*do mesmo modo*)

O seu perdimento é certo.

MARTIM GONÇALVES

Dizei antes «certissimo»: derrotado o seu exercito, por suas mãos se mataria elle, se primeiro lançadas moiras o não fizeram.

D. AFFONSO *(para El-Rei)*

Metterei dentro a porta?

EL-REI *(tendo-lhe mão, e mostrando-lhe com os olhos a D. Caterina)*

Não vêdes quem ali está? *(fecha a escuta)* Basta, basta; não quero ouvir mais: que infamia! *(Para Camões com gravidade)* Camões: lance é este para o teu primeiro conselho; que farei?

CAMÕES

Real Senhor: Martim Gonçalves é meu inimigo.

EL-REI

Tens razão. *(Depois de reflectir um momento)* Já sei; resolvi. *(Para D. Caterina)* Senhora, vinde; até logo, Camões.

CAMÕES (*inclinando-se, e a meia voz para D. Caterina*)

Caterina, até...volveremos a nos vêr.

D. CATERINA *(no mesmo tom)*

Adeus! (*El-Rei e D. Caterina saem pela porta da esquerda, D. Affonso os segue.*)

SCENA XII

CAMÕES (*no tablado*) MARTIM GONÇALVES (*inda no subterraneo*)

CAMÕES (*arremessa-se para a porta da escuta, e procura abril-a*)

Agora sim, que é a pendencia entre nós ambos! (*descerra-se a porta*) Bom! já nos não separa senão um movel.

MARTIM GONÇALVES (*ainda dentro*)

Que rumor é este!... ao cima d'esta escada está um almario!...alguem nos escutava! (*sentem-se os esforços que Martim Gonçalves faz por traz da porta para remover o obstaculo*)

CAMÕES

Mettei-lhe o hombro com mais força, senhor Martim Gonçalves... desandou! parabens!

SCENA XIII

CAMÕES, ANTONIO (*que acode pela porta da esquerda*) E MARTIM GONÇALVES, (*que sai do subterraneo pela da direita*)

MARTIM GONÇALVES (*arremettendo de espada feita contra Camões*)

Camões!!! (*Antonio toma com a esquerda o braço de Martim Gonçalves, com a direita lhe arranca a espada e a quebra sem o largar*)

CAMÕES

Deixa-o, Antonio, deixa-o!

MARTIM GONÇALVES

Estivestes a escutar-me?!...

CAMÕES

Ouvi tudo. Antonio, fecha aquella porta (*apontando para a da esquerda*) e esta (*apontando para a da direita*). (*Antonio obedece*) Bem! (*para Martim Gonçalves*) Senhor mui leal Secretario d'El-Rei! agora, só Deus é que nos póde ouvir!...

MARTIM GONÇALVES

Para um duello cuido que me reptaes!

CAMÕES

Continuarmos a viver ambos, será coisa possivel? que vos parece?

MARTIM GONÇALVES

Não: um dos dois ha-de morrer; só necessito de uma hora...

CAMÕES (*com uma grande risada*)

Uma hora! (*tomando de repente a maior seriedade*) nem um minuto!

MARTIM GONÇALVES

Já vol-o disse; antes de uma hora, não posso; que mais quereis? se vos empenho minha palavra!...

CAMÕES (*á parte*)

A sua palavra! pois tambem este empenha a sua palavra! (*alto*) Essa palavra, senhor Martim, que vós quereis vos acceite, a mesma deve ser que a El-Rei déreis de o servir com lealdade! Offerecer-me a sua palavra!!!... Defende-te, traidor! (*indo arrebatadamente lançar mão da espada, que tem pendurada com o escudo*).

MARTIM GONÇALVES (*apontando para a espada partida*)

Não vêdes que estou sem armas?

CAMÕES (1)

Quebrada! que fizeste tu, Antonio!

MARTIM GONÇALVES

Este desafio é tão meu como vosso; uma hora de dilação, a nenhum de nós demoverá de seu proposito.

CAMÕES (*reprimindo-se, e entregando a espada a Antonio*)

Toma-me esta espada, que hei medo de mim.

MARTIM GONÇALVES (*querendo sair*)

D'aqui a uma hora...

CAMÕES

Devagar, devagar; comvosco, pretendo eu ir, senhor Martim, se dais licença... Esperarei, sim, mas em vossa casa.

MARTIM GONÇALVES

Sou contente! (*sai pela porta da esquerda*)

ANTONIO (*para Camões*)

Ireis?

(*O restante da scena declamado com a maior velocidade*)

CAMÕES

Porque não?

ANTONIO

Se vos armasse uma cilada?...

CAMÕES

Pois vem tu commigo; não se matam á falsa fé dois homens como nós outros. (*Saem rapidamente pela porta da esquerda*)

FIM DO ACTO III

(1) Antonio, Camões, e Martim Gonçalves.

ACTO IV

Sala em casa de Martim Gonçalves da Camara.
Uma porta no topo, outra á direita, duas á esquerda; entre as duas da esquerda, bufete antigo de coiro da India lavrado ao redor de folhagem de oiro; cadeiras de espalda, e de seda. Nas paredes, colgadas de guadamecins, se vêem os retratos dos Reis de Portugal até D. Sebastião. Aos cantos da casa, talhões de loiça do Japão com suas tampas piramidaes.

SCENA I

MANOEL *(passeando)*

Ruim condição é esta de pagem! O senhor Martim Gonçalves, esta noite, não ha grande pressa de se tornar para a poisada. (*Depois de breve pausa*) Parece-me que os informes que lhe eu trouxe do tal Camões, não deixaram de lhe agradar... O diabo do estalajadeiro, ainda o estou vendo com os dentes emperrados, e com medo de se descozer... pois não foi á mingoa de cordial... que bem bons copos d'elle lhe embuti!... mas toda esta relé de taberneiros, assim é: hão-

dé vos beber um almude, e coisa de se deixarem lograr... «Ide-vos, irmão, a outra porta.»

SCENA II

MANOEL, E PAULO (*descerrando a porta do fundo, e bocejando como homem enfastiado*)

PAULO

Estais ahi, Manoel?

MANOEL

Pois onde! não vês que estou á espera?

PAULO (*entrando*)

Tambem eu; o nosso quarto de vela, vai-se hoje dilatando... a modo... que já as pestanas me carregam!

MANOEL

Pois sim; sume-te, que póde Sua Senhoria vir.

PAULO

Dizei-me cá vós: que vos parecem estas novidades?...

MANOEL

Quaes novidades?!

PAULO

Inda agora, estava-me eu ali á janella, por signal a contar as estrellas, para me divertir, quando vi atravessarem o Terreiro do Paço... quem? adivinhae quem!

MANOEL

Que sei eu!...

PAULO

A nossa ama a senhora D. Caterina, e dois ca-

valleiros; como chegaram ao saguão da escada, que vai para os aposentos da Rainha, entraram todos tres.

MANOEL

Estavas a sonhar, meu Paulo!

PAULO

Dizei vós logo, que estavamos a sonhar; porque o Rodrigo, que era ao pé de mim, tambem sonhou o mesmo.

MANOEL

Ah!

PAULO (*bocejando*)

D'ali a nada, tornaram a descer, porém já sós os dois, que eu muito bem conheci...

MANOEL

Conhecêstel-os?!

PAULO (*bocejando*)

Conheci. Bem sabeis que eu cá d'esta frontaria do Terreiro do Paço, vejo um mosquito em Almada; e mais a fogueira de San-João á porta do Paço estava bem esperta: um, assim Deus me ajude, como era o senhor D. Affonso de Noronha.

MANOEL

E o outro?

PAULO (*coçando a orelha*)

O outro, o diabo me leve, se não era El-Rei em corpo e alma...

MANOEL

Vae-te d'ahi, cabeça de grou!

PAULO

Faz-vos confusão? é o mesmo que a nós nos

succedeu. O que vos eu posso dizer *(bocejando)* é que as taes duas figuras, lá se foram ambas pelas escadas dos aposentos d'El-Rei, sem que a vela, que era em baixo, as detivesse.

MANOEL

Conto é esse para se rir com elle um disciplinado.

PAULO

Antes é um conto de proveito, como os do livro do Trancoso, e serve para provar que toda a gente gosta de ir á rua, quando faz bonita lua: é exquisito! pois não é? (*boceja*)

MANOEL

É, sim; mas torna-te para a janella; vae-te entreter a olhar para as luminarias da armada.

PAULO

Quaes luminarias?! já se apagaram todas. Estou aborrido! Como se chama aquelle? (*apontando para um dos retratos*)

MANOEL

Eu sei cá!

PAULO

E aquelle? (*apontando para outro*)

MANOEL

Não me deixarás?

PAULO

Cá este, conheço eu. Está bem pintado.

MANOEL

Pudéra! Quem os fez todos, foi o Francisco de Olanda.

PAULO

Não ha duvida... é El-Rei. (*apontando para o*

retrato de D. Sebastião) É tudo quanto sei da historia. *(bocejando)*

MANOEL

Nisso, és tu como muita gente boa.

PAULO

Uma coisa, amigo Manoel, quizera eu que me dissesseis, pois entrais nos secretos de nosso amo, e nosso amo nos d'El-Rei, e El-Rei nos do diabo!

MANOEL *(inchando com o elogio)*

Direi, se souber.

PAULO

Como foram uns agoiros que houve antes de El-Rei nascer? coisa medonha, em que toda a gente falla agora por ahi; mas cada um os conta a seu modo! *(assenta-se para um dos espaldares, repetenado, e abrindo a boca para o tecto da casa)*

MANOEL

Sim, quando foi das festas pelo casamento do Principe D. João, Pae d'El-Rei, viu-se ahi no ceo, por cima da Sé, muitas noites, um fogo, em fórma de ataúde, sepultura, ou o que quer que fosse...

PAULO

Não é isso; é um caso d'uma fantasma..,

MANOEL

Ah! sim! é verdade; diz, que se estava a Mãe d'El-Rei já recolhida ao leito, e viú entrar pelo aposento uma dona alta, a quem não conheceu, vestida de dó, com mangas de pontas, e touca larga...

PAULO

Abrenuncio!!...

MANOEL

Veiu vindo... vindo... calada... até se lhe

pôr diante; e então... deu um trinco com os dedos, e logo um assopro para o ar, como quem diz: «Todas tuas esperanças, hão-de parar em vento.»

PAULO

E d'ahi?

MANOEL

Sumiu-se!

PAULO

Altos juizos de Deus!... e a dos moiros?...

MANOEL

Essa então, não foi só a Princeza que a viu (muita vez o tenho ouvido ao senhor Martim Gonçalves) viu-a a Marqueza de Navarrez, viu-a a Princeza de Asculy, e viram-na outras muitas moças da Camara. Estavam por noite na varanda da Pela, a praticar mui bem descançadas, senão quando vêem sair pela *Varanda d'El-Rei*, direitos ao Forte do Caes, grande quantia de moiros, com albornozes de diversas cores, e tochas accezas nas mãos, tudo a bradar: *Ly, Ly, Ly*...

PAULO

O quê?!

MANOEL

Perguntae-lh'o lá; e chegando-se ao mar, se lançaram nelle. Mandou-se vêr a porta por onde eram saídos, achou-se fechada, do que El-Rei D. João III que Santa Gloria haja, e a senhora Rainha D. Caterina, que Deus Guarde, houveram grande turvação; e mandaram que em tal se não fallasse; como a mim m'o contou o nosso amo, o senhor D. Martim.

PAULO

E que vos dizia elle sobre isso?

MANOEL

Aqui para nós, ou se a alguem o contares, não me faças autor, nem boquejes nelle...

PAULO (*bocejando*)

Está visto: um homem não ha-de ser nenhum cesto roto.

MANOEL

Pois aquillo tudo o que significava, é que o filho que estava para nascer...

PAULO

O senhor D. Sebastião?

MANOEL

Pois quem! eu?...havia de vir a ter muito triste fim.

PAULO (*levantando-se*)

Sabeis o que vos digo? Que me tomára já na cama.

MANOEL

Pouco tardará; mas sae-te, que póde elle chegar. (*Vai-se Paulo pela porta do fundo*)

SCENA III

MANOEL (*só*)

Grande coisa é ser um homem pagem dos segredos, e braço direito tambem ás vezes, de um Escrivão da Puridade! deixae caçar a forôa, que ainda algúm dia espero de andar em ginete, quebrando as pedras d'essas ruas.

SCENA IV

MANOEL E PAULO *(que torna pela mesma porta)*

PAULO

É verdade: quereis ouvir uma trova que inda agora armei, estando ali a olhar para a fogueira?

MANOEL

Não.

PAULO

Pois vêl-a aqui:

Nunca a eu passei assim,
a noite de San-João,
ai, ai, do meu coração!
Oxalá que Dom Martim
al de menos me mandára
ir quebrar alguma cara...

MANOEL

Sth! Essas coisas, fazem-se quando é preciso; mas não se dizem, basbaque; vae-te, que alguem chega. *(Vai-se Paulo por onde entrára)*

SCENA V

MANOEL E D. CATERINA *(que entra precipitadamente pela primeira porta da esquerda)*

D. CATERINA

Dizei-me: o senhor Martim Gonçalves está no seu aposento?

MANOEL

Senhora, não.

D. CATERINA

Não!...(*á parte*) encontrou-se com Camões!

MANOEL

Nenhuma coisa ha Sua Senhoria que me ordenar?

D. CATERINA

Não; podeis-vos ir (*Vai-se Manoel pela porta do fundo*)

SCENA VI

D. CATERINA (*só*)

Oh! meu Deus! meu Deus fortalecei-me! Que incerteza! é morrer!... não posso!... a estalagem de Diogo, é longe; mas não importa; arrastar-me-hei até lá!... não sei que é das minhas forças! hão-m'as gastado estes abalos tamanhos de terror!... Todavia, vamos, inda que a vida me custe... (*indo para sair pela porta do primeiro plano á esquerda, a abre Martim Gonçalves, e entra*)

SCENA VII

MARTIM GONÇALVES, D. CATERINA.

MARTIM GONÇALVES

D. Caterina!

D. CATERINA

Senhor Martim!

MARTIM GONÇALVES

Dormida vos cuidava eu já de muito, Senhora minha!

D. CATERINA (*á parte*)

Veria a Camões?

MARTIM GONÇALVES

Que sorte vos trouxe ora aqui?

D. CATERINA

Não sei.

MARTIM GONÇALVES

Oh! que gracioso *não saber!* ... Vejo porém que haveis custo em vos ter em pé... assentae-vos, que vol-o peço... (*D. Caterina se assenta á direita, Martim Gonçalves prosegue*) Successo grande havia de ser o que a taes deshoras vos trouxe a este aposento, onde nunca entráreis que eu saiba! dizei-m'o, dizei-m'o, que sou curioso.

D. CATERINA

Não posso!

MARTIM GONÇALVES (*insistindo*)

Vamos; que me vinheis dizer? que haveis para me pedir?

D. CATERINA

Queria ...

MARTIM GONÇALVES

Com pouco vos sossobrais, Senhora! fallae ora rasgado: esperaveis achar franca esta saida; ieis-vos a Luiz de Camões! (*D. Caterina faz um leve movimento d'impaciencia, Martim Gonçalves continúa)* Conheço-vos, Senhora; animosa sois, e arrojada, em cumprir as vossas fantasias; para o gosto de estar com o vosso poeta, pouco vos dá de hora e sitio. D'elle só me espanto, que, blasonando de Cavalleiro, apraza á mulher d'ùm Escrivão da Puridade para uma taberna! Sempre

cuidei que só rascôas e palafreneiros, ou rameiras e mandis, se apalavrassem para covís taes! Se donas honradas, e gentis-homens lh'os vão tomar, que será d'elles!

D. CATERINA (*levantando-se*)

Senhor!...

MARTIM GONÇALVES

Tempo é de pôr termo a taes vergonhas, Senhora! se até agora vos hei deixado livre, sem me intrometter com as vossas quimeras loucas, foi, bem o sabeis, com a clausula de não enxovalhardes nunca a minha nobreza!

D. CATERINA (*recuando repentinamente*)

Santa Virgem!!...

MARTIM GONÇALVES

De me não tornardes alvo, como outros, a motejos de cortezãos!

D. CATERINA (*com um grito*)

Vossa espada, Senhor! sem espada vindes!

MARTIM GONÇALVES (*fingindo-se admirado*)

A minha espada!

D. CATERINA (*no auge da consternação*)

Vindes de brigar!

MARTIM GONÇALVES

Com quem?

D. CATERINA

Uma só palavra! Camões ficou morto?...

MARTIM GONÇALVES (*com voz abafada*)

Ainda não!

D. CATERINA (*vacillando*)

Morrer elle sem o eu ter presentido! chamar-me-hão todos a homicida de Camões!...

MARTIM GONÇALVES

Louca sois!...

D. CATERINA

Serei o que quizerdes! mas, Camões? Camões?

MARTIM GONÇALVES

Estou eu aqui, para que do vosso rufião me inquirais vós?

D. CATERINA (*reanimando-se*)

Meu rufião, senhor Martim! Já não póde uma mulher admirar, como todos os homens, a Luiz de Camões, sem ser adultera? meu rufião! (*Martim Gonçalves meneia os hombros a modo de enfadado. D. Caterina continuando)* Escutae-me; renegar o meu amor, fôra covardia. Sim; já antes que me esposasseis, o amava; não o sabieis? não vol-o declarei? não vol-o protestei? não me carpi supplicante aos vossos pés? não vos pedi? não orei a vós! a vós! a vós! de mãos postas, que me não roubasseis áquelle, a quem nem eu mesma podia já roubar-me, se o quizesse?

MARTIM GONÇALVES

Basta, basta, Senhora.

D. CATERINA (*cada vez mais fogosa*)

Não basta; hei-de fallar, e heis-de ouvir-me! insultastes-me, calei-me; suppliquei-vos, repulsastes-me: rogos para comvosco, bem sabia eu já que eram baldados! mas vós mesmo (respondei-me agora, que vos interrogo) sois vós irreprehensivel! julgais-vos... (mettei a mão na consciencia, encarae-me, e respondei!) julgais-vos com jus d'accusar? de pôr a ninguem ferrete de *ig*nominia? Perguntastes-me ha pouco se me ia

eu á poisada de Camões? respondo-vos agora que para lá torno: que uma hora não ha ainda que eu lá estive, ao lado d'elle.

MARTIM GONÇALVES (*travando-lhe dos hombros, e apertando-a com furia*)

Não mentis?

D. CATERINA (*continuando*)

E vós tambem, vós tambem, vós lá éreis! toda a differença foi que eu, eu saí pura, eu respeitei, eu defendi a vossa honra, Martim Gonçalves, naquella mesma taberna, onde vós, vós acabaveis de a vender pela bolsa de Judas!

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

É necessario que esta mulher desappareça (*chamando*) Manoel!

D. CATERINA

Oh! bem sei o que me espera. Que me dá a mim da morte! parte, e a melhor parte de mim, já não existe! ...

SCENA VIII

MANOEL (*á porta do fundo*) E OS DITOS.

MARTIM GONÇALVES (*para Manoel*)

Manda dizer, em meu nome, a minha sobrinha a senhora D. Abbadessa de Nossa Senhora da Rosa, que faça prestes logo, logo, uma cella para sua tia, a senhora D. Caterina, que deseja de se retirar do mundo. (*sai Manoel, e torna a fechar a porta*)

SCENA IX

OS PRECEDENTES (*menos Manoel*)

D. CATERINA

Para o Convento da Rosa!

MARTIM GONÇALVES

Socegae, que vos não matarei.

D. CATERINA

Bem hajais, que me sumis num sepulcro, onde me fartarei de orar por elle.

MARTIM GONÇALVES

Antes orae a Deus que vos acuda.

D. CATERINA

E ha-de acudir-me; Camões ha-de ser vingado! *(sai pela direita; Martim Gonçalves, que a seguiu, fecha a porta, e volta para a scena)*

SCENA X

MARTIM GONÇALVES (*só, e na maior perturbação*)

Sim... mas... que monta?... Na Rosa, é como se estivera suterrada. Eu farei com minha Sobrinha, que nem o sol haja novas d'ella. Se não bastar isso, a todo o tempo é tempo. Agora, a Camões. Esta mulher me ha perturbado... em nenhuma coisa me dou já por seguro!... Ávante, que não quero fraquear, nem que o quizera, via já por onde retroceder! Ah! se ninguem me espreitou, senão Camões!... esse em meu poder está: ali; (*apontando para a se-*

gunda porta da esquerda) elle, e o seu captivo. Saibamos que lhes farei; que é nesta hora todo o ponto!

SCENA XI

MARTIM GONÇALVES E MANOEL (*que torna a apparecer na porta do fundo*)

MANOEL

Já lá vai o recado.

MARTIM GONÇALVES

Achega-te (*Manoel se aproxima*) Saberás, mesquinho de ti, que te deixaste burlar do estalajadeiro Diogo!... D'ahi se engendrou um grande contratempo, que bem sobejos males dará de si, a não lograrmos atalhal-o... Que homens temos ahi?

MANOEL

Ahi está o Paulo; e não póde tardar o Rodrigo, que eu mandei ir mui açodado ao Mosteiro, com o aviso de Sua Senhoria.

MARTIM GONÇALVES

Bem! Saberás que fui affrontado de um homem!...

MANOEL

Onde o colheremos ás mãos!...

MARTIM GONÇALVES (*apontando para a segunda porta da esquerda*)

Além está... Falla baixo.

MANOEL (*em voz baixa*)

É o Camões?

MARTIM GONÇALVES

Sim.

MANOEL

Em que logar mandais que vol-o acabemos?

MARTIM GONÇALVES

Aqui.

MANOEL (*pondo a mão nos copos da espada*)

Já?

MARTIM GONÇALVES

Não; releva que primeiro lhe falle (*tomando a espada de Manoel*) Buscarás outra espada para ti (*põe a espada em cima da mesa*) Deixarás a porta mal cerrada, para que um ao outro nos possamos vêr. Em eu pondo a mão neste ferro...

MANOEL

Accorreremos: entendi.

SCENA XII

MARTIM GONÇALVES, CAMÕES (*abrindo a segunda porta da esquerda, e entrando em scena*) E MANOEL.

MARTIM GONÇALVES

Já, senhor Luiz de Camões?

CAMÕES

Sois prestes, senhor Martim Gonçalves? (*Manoel sai pela porta do fundo, deixando-a mal cerrada*)

SCENA XIII

MARTIM GONÇALVES, CAMÕES.

MARTIM GONÇALVES

Inda a hora não passou.

CAMÕES

Apressae-vos, por mercê; que ao romper d'alva deve vosso sobrinho achar-me vivo ou morto. (*quer tornar-se por onde veiu*)

MARTIM GONÇALVES (*em tom frio*)

Antes que nos apartemos, uma supplica vos quizera eu fazer.

CAMÕES (*impaciente*)

Ouvirei.

MARTIM GONÇALVES (*pausado e com intimativa*)

Primeiro que entremos ao desafio, folgára de saber se ha outrem, além de vós, que saiba do que entre mim e o Embaixador de Castella se ha praticado.

CAMÕES

Lá vol-o direi com a espada na mão: vinde!

MARTIM GONÇALVES

Irei, quando me hajais respondido.

CAMÕES

Attentae por vós!... ahi por perto andam servos vossos... se tardais, fallo; e será de maneira que me oiçam elles.

MARTIM GONÇALVES (*levando da espada, que pozera em cima da mesa, e com falla sutterrada*)

Então, morre!

EL-REI (*de dentro*)

Annunciae-me a Martim Gonçalves da Camara.

MARTIM GONÇALVES

El-Rei!... (*para Camões*) Agora entendo a vossa valentia!

CAMÕES

Por minha fé, como eu não adivinhava que vi-

nha aqui El-Rei... Como quer que seja, tornar-me-heis a vêr. (*Procura por onde saia*)

MARTIM GONÇALVES (*abrindo a porta do segundo plano á esquerda*)

Por aqui. (*Camões sai por ella. Martim torna a fechal-a á pressa, e diz, á parte, encaminhando-se para o fundo, d'onde se ouviu a voz d'El-Rei*) Tens razão; não me deves escapar.

SCENA XIV

MARTIM GONÇALVES, EL-REI, D. AFFONSO, E DOIS CAVALLEIROS (*entrando pela porta do fundo*)

MARTIM GONÇALVES

Vossa Magestade, Senhor, nesta humilde estancia!

EL-REI

Negocio me traz, em que não vai pouco á salvação do Reino.

MARTIM GONÇALVES

Confuso me tem Vossa Magestade!... Dar-se-ha que os infieis de Berbería se nos anticipassem?!

EL-REI

De Castella, e não d'Africa, nos vem o perigo.

MARTIM GONÇALVES

De Sua Magestade Catholica!

EL-REI

Sim: D. Philippe II, meu tio, parece necessitar de mais imperio: grande seria para outras cabeças aquella corôa; a elle, vai-lhe estreita; carece de a accrescentar com mais alguma... Mau

grado á pericia e valor de seus capitães, e ao amparo que lhe dá Roma, sabe que para além dos Pyreneos agro lhe seria o ir buscal-a; voltou logo os olhos para esta parte. Traça fazer honra e mercê a Portugal, com lhe dar fóros de provincia castelhana. Que dizeis do projecto, Martim Gonçalves?

MARTIM GONÇALVES

Já vos declarou a guerra?

D. AFFONSO

Oh! não, bem o sabeis, senhor Escrivão da Puridade... El-Rei D. Philippe, o prudente, não o ousaria!

EL-REI

Á fé que não... Dizer-vos quero o que ha feito aquelle politico profundo. Esforçou-me quanto poude no meu proposito de cingir armas contra os infieis; aconselhando-me a que para dilatação da fé, e augmento de meus estados, passasse eu em pessoa os mares á frente de meu exercito; offerecendo-me até gente e dinheiro, para tão santa e gloriosa empreza: depois, recommendou secretamente ao seu Embaixador, que a todo o custo lhe careasse boa quantia de partidarios poderosos em Lisboa. O Embaixador houve neste negocio boa mão, e melhor fortuna; pois achou entre os da minha Côrte e casa, segundo parece, alguns *descontentes;* e d'estes *ruins de contentar* fez elle, a poder de promessas, muito bons traidores.

MARTIM GONÇALVES *(á parte)*

Tudo sabe! (*Em voz alta*) O Embaixador está préso?

EL-REI

Deixei-o ir.

MARTIM GONÇALVES

E os cumplices? conhece-os Vossa Magestade?

EL-REI

Não todos...

D. AFFONSO *(para Martim Gonçalves)*

Não vos dê cuidado, que hão-de ser colhidos.

EL-REI

Os tramas e projectos, as ambições e esperanças d'esses reveis infames, tudo nos veiu, mercê de Deus, ao conhecimento. Tão horrivel, tão abominosa e torpe, tão vil e esqualida, é essa têia, cerrada de ingratidões, de traições, de cubiças, de venalidades, de desvergonhamentos, que me pejára eu, senhores cavalleiros, de vol-a desenrolar aqui: (*para D. Affonso*) Fallae vós por mim, D. Affonso de Noronha, mas breve.

D. AFFONSO

Sabe-se que de Castella se hão passado á Africa procuradores e agentes secretos. Sabe-se que para lá foi com elles oiro d'El-Rei D. Philippe II alvorotar, armar, ere unir em conjuração, os quietos moradores dos aduares, e converter as alhelas em outros tantos exercitos.

MARTIM GONÇALVES (*considerando de revez o aspecto d'El-Rei*)

Ah!

EL-REI

Escutae, escutae.

D. AFFONSO

Sabe-se, que tanto que se romper a nova de

ser morto em Berbería El-Rei, nosso Senhor, D. Sebastião, que Deus Guarde, (pois El-Rei e sua fidalguia *(com ironia)* tudo lá deve ficar) o Duque d'Alva se ha-de pôr em marcha para Lisboa, a qual (sabe-se tambem) lhe ha-de abrir as suas portas.

EL-REI

Estamos bem informados, Martim Gonçalves?...

MARTIM GONÇALVES

Senhor...

EL-REI (*para os Cavalleiros*)

Se a deshoras vos mandei chamar, senhores cavalleiros, se vos hei trazido a casa do meu secretario, Martim Gonçalves da Camara, foi para o accusar perante vós de crime d'alta traição! (*susurro geral com grandes mostras de espanto*) Sim, senhores cavalleiros! esse homem, carregado de minhas mercês, e já herdeiro das de meus antepassados, esse que ahi vêdes, é quem ha prometido a Castella as chaves de Portugal. É o Martim de Freitas da deslealdade!

MARTIM GONÇALVES

Mas quem é que me accusa?

EL-REI (*indignado*)

Não negueis! inda de infamias vos não basta?! Quem vos accusa?!... accuso-vos eu, El-Rei: será bastante? Não ouvi eu tudo? D. Affonso não vos repetiu ahi as vossas proprias palavras?... Que mais vos é mister?...

MARTIM GONÇALVES

Senhor...

EL-REI (*aos Cavalleiros*)

Ainda hontem, refusava eu dar credito a ta-

manha perfidia: meu Reino, e minha pessoa, fiava d'elle tudo. (*Para Martim Gonçalves*) Podia, Martim, mandar-te amarrar num peloirinho... mandar-te açoitar pelo algoz; mas salvam-te os nomes que has herdado. Agradece a teus paes, que tiveram virtude para supprir a tua; agradece á tua honrada esposa, a quem me não cabe fazer affronta. Vae-te para D. Philippe, que lá te chama; dize-lhe que a tua traição, descoberta no proprio dia da minha partida, me não demoveu do proposito! dize-lhe que El-Rei de Portugal vai pelejar pela honra de Deus, e Deus protege os seus pelejadores... Vae, vae pedir a D. Philippe que te dê uma poisada e familia, em desconto das maldições de todo um povo, e do ferrete indelevel que na fronte levas: lá verás o que te elle atira!... Portugal é d'ora ávante para ti terra estrangeira e inimiga; o dia que a ella volvesses, pudera-te ser o derradeiro... Descobre-te, villão, na presença do teu Rei, e acompanha-nos até á saída de tua casa!... *(saem todos pela porta do fundo)*

SCENA XV

CAMÕES (*que torna a saír da segunda porta á esquerda*)

Temi que o mandasse El-Rei encarcerar! Oh! verdadeiramente Real mancebo!... que m'o deixaste para mim! Caterina, Caterina, ámanhã porventura já te despertarás liberta!... A estas horas deve ella de estar na sua camara: como D.

Sebastião a acompanhava, chegou por certo sã e salva. Deus grande! Senhor e Ordenador Universal! Vós, a quem eu muita vez hei offendido, mas que nunca reneguei, Deus meu, protegei-m'a!

SCENA XVI

CAMÕES *(em scena)* E D. CATERINA *(por detraz dos bastidores da direita, sem ser vista)*

D. CATERINA *(em voz debil)*

Camões!

CAMÕES

Alguem me chama!

D. CATERINA

Camões!

CAMÕES

Outra vez! é a voz d'ella... onde estará! Ah! esta porta! *(abre a porta da direita, apparece D. Caterina)*

SCENA XVII

CAMÕES, D. CATERINA.

CAMÕES

Caterina!

D. CATERINA

Camões! Não me enganei; sois vós!... vivo!... illezo! *(caindo em joelhos)* Eu vol-o agradeço, Deus bom, Deus misericordioso!

CAMÕES *(erguendo-a)*

Como te *incontro eu aqui*, alma da minha vi-

da! para a estancia da Rainha cuidei te levava El-Rei!

D. CATERINA

Levou, mas eu não pude estar; morria se não saisse! a lembrança de te haveres lá ficado na estalagem, onde era Martim Gonçalves, aterrava-me... saí como louca, para vir aqui... para ir lá... para saber... Quando entrei, ainda elle cá não era; chegou logo: não trazia espada! Foi para mim um raio aquella vista! dei-me por perdida; figurou-se-me estar-te vendo aos pés d'elle, por sua mão traspassado, nadando no teu sangue, arquejando, moribundo, morto! Ah!...

CAMÕES

Triste Caterina!

D. CATERINA

Sim, triste, e bem triste! era horrendo aquillo! pedi-lhe a verdade; não m'a disse: então é que de todo perdi o siso...

CAMÕES

D'aqui ávante nada mais receies.

D. CATERINA

Não receio, não; que tu me has-de defender.

CAMÕES

Martim Gonçalves é degradado; recebeu ordem de saír de Lisboa esta propria noite.

D. CATERINA

E eu... fico.

CAMÕES

Caterina, escuta; não percamos um instante; Martim deve estar chegando... é necessario fu*gires.*

D. CATERINA

Sim.

CAMÕES

Vae; o meu Antonio te guiará... ali está elle.

D. CATERINA

E tu?

CAMÕES

Breve serei comvosco.

D. CATERINA

Partir só!... não. Sem ti, não... decide; mas vê que em tuas mãos me tens a vida!

CAMÕES

Hei jurado aguardar por elle.

D. CATERINA

Ficais-vos para vos matar com elle: bem m'o agoirava o coração! Mas se tu morres, Luiz, se morres, que será de mim?... Escolhes deixar-me sem amparo entregue ás suas iras? Oh! Camões! nesta hora, em que eu esqueço tudo, não me falles em juramentos d'esses, ou direi... que nunca me houveste amor!

CAMÕES

Mas dirá elle... que tive medo.

D. CATERINA

Que te importa! curo eu do que elle poderá clamar contra mim, em me sabendo fugida?

CAMÕES

Caterina, e a minha palavra!

D. CATERINA

Pois bem: aguardal-o-hei eu tambem. Mas lembre-te sempre, que por não quebrar um ponto na tua soberba, causas a morte a quem te queria mais que a tudo, e que a si mesma.

CAMÕES

Ai! poupa-me, Caterina.

D. CATERINA

Não sabes o que me espera? o carcere d'uma cella, quando menos!...

CAMÕES

Tens razão; a sua vida d'elle não val o risco grande em que te eu punha.

D. CATERINA

Aventurar uma existencia como a tua...

CAMÕES

Sim, sim, cheia d'ora ávante de esperanças e alegrias! sacrilegio fôra, que nem Deus me perdoára.

D. CATERINA

Agradecida, Camões, agradecida d'alma e coração! Conta com uma companheira para os dias atribulados. Ama-me, ama-me muito, e sempre; ama-me, como te eu amo; que mais ninguem tenho já neste mundo senão a ti.

CAMÕES (*abrindo rapidamente a segunda porta da esquerda*)

Antonio!

SCENA XVIII

OS DITOS E ANTONIO (*que sai da segunda porta da esquerda*)

CAMÕES (*indo para elle, e em voz baixa*)

Fica-te, e dize a Martim Gonçalves que breve farei volta e serei aqui. (*Sai com D. Caterina pela primeira porta da esquerda*)

SCENA XIX

ANTONIO (*só*)

Era tempo.

SCENA XX

ANTONIO, MARTIM GONÇALVES *(entrando pela porta do fundo)*

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Lá veremos, D. Sebastião, qual de nós ha-de entrar primeiro em Lisboa. Agora, vamos a isto: já tenho na emboscada os meus dois valentes. (*Vai abrir a segunda porta da esquerda*) Prestes sou, senhor Camões!

ANTONIO

Já lá não está.

MARTIM GONÇALVES

Quem fallou?

ANTONIO

Eu.

MARTIM GONÇALVES

Quem és tu?

ANTONIO

Olha-me bem, e a ti mesmo te responderás.

MARTIM GONÇALVES

Insolente! a que és vindo?

ANTONIO

A defender meu Senhor, se fôr mister.

MARTIM GONÇALVES

Mentes; Camões não se ausentou; fugir á ho-

ra de um duello, feito seria de mui vil covarde.

ANTONIO (*tendo um impeto para se arremessar a Martim, e reprimindo-se logo*)

Uma injuria tua, nada é.

MARTIM GONÇALVES (*vai-se á porta da direita, que diz para o quarto em que havia encerrado a D. Caterina, e a acha aberta*)

Agora entendo: Camões fugiu; e tu ficaste para demorar a quem o houvesse de seguir. Elle não foi só... bem está... hão-de tornar: a porta, onde aquella escada vai dar, está fechada... escuta... (*ouvem-se passadas*)

ANTONIO

Ah! lá tornam! (*vai para o matar*) Não quero que te achem vivo.

SCENA XXI

D. CATERINA, ANTONIO (*no segundo plano*) CAMÕES, MARTIM GONÇALVES.

CAMÕES (*para Antonio*)

Detem-te, homem desacordado!

MARTIM GONÇALVES

Agora, eu: á vossa espera estava, senhor Camões.

CAMÕES

Vamos. (*vão para sair, Camões e Martim Gonçalves*)

D. CATERINA (*corre para Martim Gonçalves para o segurar*)

Não saiais, Camões; não saiais, que vos ma*tam.*

MARTIM GONÇALVES (*repulsando D. Caterina, que desmaia*)

Deixae-me. (*Para Manoel, que apparece na porta do fundo*) Mais luzes, vinde. (*Manoel desapparece. Camões vai para erguer a D. Caterina; de repente muda de pensamento, corre para Martim Gonçalves, toma-o fortemente pelo braço, e o leva á força para a porta do fundo*)

CAMÕES

Agora, só um raio nos pudéra separar! (*saem, Antonio os segue*)

FIM DO ACTO IV

ACTO V

Aposento apertado e pobrissimo, onde assiste Camões, na visinhança da egreja de Sant'Anna. Á direita, a porta da entrada; á esquerda, outra, como de alcova, com uma cortina rota. No topo, uma janellinha, elevada, de rótula, com poiaes de pedra, e seu degrau alto entre elles. Á direita, no primeiro plano, uma banca de pinho, lascada e côxa, coberta de papeis, com tinteiro, e uma vela acceza em palmatoria de barro. Na parede do lado opposto, o escudo do acto terceiro, mas sem a espada; por cima, o crucifixo. Um escabello e uma cadeira de encosto junto á mesa. Ao canto da casa, uma bilha d'agua. Para outra parte, um fogareiro apagado.

SCENA I

CAMÕES, ANTONIO.

(Camões está sentado á banca; Antonio passeia no fundo do quarto, vagarosa e subtilmente, para não interromper ao poeta. Camões, depois de reler attentamente o que havia escripto, começa a fallar; Antonio pára, prega nelle os olhos, escutando-o com a maior attenção)

CAMÕES

Que versos!... nunca tão frios os escrevi!...

nunca! nem quando lá pelos sinceiraes do Mondego, na madrugada de minha vida, me estreava no rimar! (*rasga o papel. Depois de pausa*) Doem-me as feridas! menos porém as do corpo, que as da alma! (*torna a pegar na penna*) Animo, Camões! animo! pusillanimidade é isso: esforçar, e ávante! (*encosta a fronte entre as mãos. Depois de largo espaço*) Não posso!... pois se eu padeço tanto!... (*com raiva*) Não, não é isso, desgraçado! a que vem cegares-te? não te soccorras a subterfugios pueris; confessa que declinas para o occaso; que já te engolfas pelas trevas... (*levanta-se*) Queixar-se Camões de que a dor lhe apaga o estro!... e quem é que lh'o accendeu sempre, senão a dor? quaes as suas musas hão sido, senão as magoas?... (*torna a assentar-se recaído em abatimento*) Musas!... sei eu ora se jámais as tive!... (*Pausa*) Já vai num mez que sinto este espirito dormente; que este meu universo (*apontando para a cabeça*) está anoitecido, despovoado, silencioso... (*pausa*) Ai! que fim, que amargurado fim, me destinavas... oh! meu Deus! para remate de tão farta corôa d'espinhos, ainda este! Oh! aos outros... aos outros não quero eu mal... ao menos eram espinhos que florejavam; mas este... este... duas mortes... duas agonias para um só homem!... Antes que a alma se me apartasse, se apartou d'ella a poesia! mal haja a minha estrella... maldita seja a hora... (*levanta-se*) Não; não; não. É impossivel! Quero outra vez experimentar!... se porventura o engenho já me não resuscitasse aos meus conjuros... espedaçar-te-hia eu mesmo, pobre cabeça

deshonrada! Não quero que se possa jámais dizer: «Camões acabou a vida indigente e mendigo, até de espirito!» Eu infecundo!... eu estolido!... Desafio a Omnipotencia. (*Retoma a penna*)

ANTONIO

Mestre! Senhor meu!

CAMÕES

Antonio, meu irmão, meu amigo Antonio, estavas ahi tu? e não me fallavas!... nem já me alembrava de ti, amigo! Has presenceado a minha angustia, a minha desesperação! Mas, vês tu?... é que me estou sentindo fenecer... feneci... estou perdido!... De mim tens lástima; não tens?... por força! conheceste-me ainda no meu throno, que eu, este mesquinho que ora vês, fui tambem um d'esses poucos Reis do intendimento: pois não fui? Dar-se-ha que levasse eu num sonho a vida toda, e agora despertasse? ou dar-se-ha (confesso-te que até este pensamento me assalteia) dar-se-ha, Antonio, que esses louvores, que de toda a parte me soavam, fossem uma conjuração universal d'escarneo, um acclamarem principe a um truão, que por principe se inculcava! porque (olha tu) esses poetas, meus contemporaneos, cantando-se uns aos outros, nunca a mim me cantaram (só o meu Diogo Bernardes) nem Antonio Ferreira, nem Jorge de Monte Mór, nem Jeronimo Côrte-Real, nem Jorge Ferreira de Vasconcellos, nem Fr. Agostinho da Cruz, nem Pero d'Andrade Caminha, nem Sá Menezes, nenhum! «Será inveja» dizia eu quando era vaidoso; agora, hei medo de que fosse justiça!... Responde, responde tu, *que me foge o siso!*

ANTONIO

E aquelle famoso cisne da Italia, o Torquato Tasso? não vos cantou? não disse: «que as naus do Gama não tinham chegado tão longe, como chegaria a penna do seu culto e bom Luiz?»

CAMÕES

Sim, *o meu Tasso!*

ANTONIO

E o *vosso Jáo?* o *vosso Jão* tambem, não vos tem cantado? se vos dá só flores silvestres, é porque mais não tem.

CAMÕES

Oh! sim, sim, sou um louco; sou um desagradecido.

ANTONIO

Sois ainda, e sereis sempre, o que sempre fostes: CAMÕES, O GRÃ POETA, o desesperador d'invejosos, o que mercou a desaventura por merecimentos de contado.

CAMÕES *(passeia devagar arrimado no braço do captivo)*

O poeta, se o houve, já lá vai!... Posso deitar lucto por mim!... *(Pausa)* Tenho uma derradeira consolação todavia: já não hei-de assistir á morte da patria, que tambem para ahi está agonisando, desde o dia que em Africa lhe esmagaram a cabeça! Sequer, não verei Castella vir assentar-se em cima d'este pobre Reino, moribundo, como eu!... Que me importa já agora a existencia!... Amor, patria, realeza... tudo se me foi em tôrno desabando, e cada uma d'essas nobres e santas *coisas* me foi levando comsigo um pedaço

do coração... O que me restou, nem já val a pena de o conservar... Que ficaria eu cá fazendo, velho inutil, epasmado, entre sepulturas e ruinas! (*volve a assentar-se, e cerra os olhos*) Está-me lembrando uma peça grande d'artilheria, lá da nossa Fortaleza de Malaca, onde eu me ia sentar a vêr os mares e o pôr do sol! Pobre bronze!... tanto atroar os ares! tanto fulminar inimigos! para a cabo te jazeres ali!... apeado!... sem voz!... comido de mugre!... feito assento de um pobre soldado!... escarnecido e cavalgado das creanças!... lembra-me que tinha dó de ti: quem o terá de mim agora!...

ANTONIO (*á parte*)

Penedos moveria a piedade!

CAMÕES (*brandamente, como quem devaneia*)

Caterina!...

ANTONIO (*á parte*)

Em al não sonha!

CAMÕES (*erguendo-se um tanto, e com os braços estendidos*)

Lá se me vai!... a mão... a mão, Caterina! sumiu-se!... jaz morta! estou louco.

ANTONIO

Inda o não sabemos; animo, Senhor, que bem poderêis tornar a vêl-a.

CAMÕES

Queres-me enganar. (*Pausa*) Se eu tivesse mais algum vigor, Deus me encaminhára para onde ella está, se ainda é viva porventura. (*Pausa*) Seis mezes ha que a vi pela ultima vez; seis mezes ha que as feridas e a enfermidade me têem nesta casa sepultado. Foi (lembras-te?) a noite

de San-João, quando o traidor me mandou matar á falsa fé; e já hoje é noite de Natal! seis mezes! seis mezes sem saber d'ella! Não póde ser: ou esta incerteza, ou eu, havemos hoje de acabar. *(Forceja por se arrastar até á porta da rua)* quero saír; vou-me á sua procura.

ANTONIO (*detendo-o*)

Aguardae que amanheça.

CAMÕES

Deixa-me... deixa-me... (*Recai exhausto na cadeira*) Não posso!...

ANTONIO (*á parte*)

Oh! porque me salvou elle no naufragio?! ou porque não perecemos ambos!

CAMÕES (*depois de longa pausa*)

Agua... (*Antonio enche um pucaro, e lh'o apresenta. Depois de beber*) Sinto fogo nas entranhas... quero distraír-me de tanto delirar! Como isto está por pouco (e ainda bem!) quero acabar minhas despedidas aos amigos ausentes... (se os tinha... quem sabe!) vamos cerrando estas cartas que ahi estão escriptas. (*Toma uma, e lê parte d'ella*) «*Emfim, acabarei a vida; e aqui verão todos que tão amante fui da minha patria, que, não contente de morrer nella, quiz tambem morrer com ella.*» (*Entrega a carta a Antonio*) Cerra-a; é para D. Francisco d'Almeida, que em Lamego se acha a estas horas. (*Antonio fecha a carta com um fio de seda, lacra-a, e lhe escreve o nome de D. Francisco d'Almeida*)

CAMÕES (*lendo entretanto segunda carta*)

« *¿ Quem ouviu dizer que em tão pequeno theatro, como o de um pobre leito, quizesse a fortuna re-*

presentar tão grandes desventuras? E eu, como se ellas não bastassem, me ponho ainda da sua parte; porque procurar resistir a tantos males, pareceria especie de desvergonhamento. » (*Fallando*) Como tudo isto me parece frio! *(Passa a carta para o lado de Antonio, que está concluindo com a primeira; e toma de sobre a mesa um caderno escripto que folheia distraidamente. Fallando*) Era um novo poema que andava traçando sobre as glorias da conquista d'Africa!... *(Rasga-o, e o atira para o chão. Batem á porta da direita. Antonio sai a vêr quem é, e volta, passado um momento)*

ANTONIO *(em voz baixa, ao ouvido de Camões)*

É o senhor D. Rui da Camara, que vem pelos psalmos em verso, que diz vos encommendára: pareceu-me negar-lhe entrada.

CAMÕES

Fizeste bem.

ANTONIO

Disse-lhe que nada havieis por ora escripto; tornou-me, que, se o não servieis, era por mingoa de vontade; que bem mostráreis sempre quão pouco os versos vos custavam.

CAMÕES (*irado*)

Volve a dizer-lhe da minha parte...

ANTONIO

Mais baixo, que vos escutará.

CAMÕES (*em voz ainda mais alta*)

Dize-lhe que quando eu esses versos fazia, era moço e favorecido das damas, e tinha o necessario á vida; e agora não tenho espirito nem contentamento para nada, porque tudo isso me fal-

ta; e em tal miseria me vejo, que já deixei de escrever por mingoa de um seitil para mercar papel; e ahi está o meu Antonio a pedir-me para carvão, e não tenho para lh'o dar; que já lá vai vendida a espada, e os poucos livros tambem, vendidos a um e um; até o meu Cancioneiro de Rezende; que só me ficou aquella cruz, herança unica de minha mãe; que nada lhe peço eu a elle, nem quero, pois estão cheios os meus dias, e vou morrer... nada, senão que me deixe; elle, e todos. Cerra, cerra essa porta; continuemos, que receio se me venha o tempo a acabar. (*Antonio sai a despedir D. Rui da Camara; um momento depois volta, fecha a porta, e se torna para o trabalho em que estava. Camões toma da mesa outro caderno volumoso, lê-lhe o titulo*) PARNASO DE LUIZ DE CAMÕES! Aqui estão os desenfadamentos d'esta minha ultima viagem para o Reino! Amava eu estes versos; por esses mares os vim pescando como perolas! com que delicias os não escrevia pela fresca da alvorada! parecia que as sereias m'os houvessem estado a cantar de noite por entre-sonhos! Diogo do Couto, esse bom engenho, com quem a patria se esclarece, folgava de m'os ouvir ler! PARNASO DE LUIZ DE CAMÕES!!... Hoje, o meu Parnaso, transformou-se em Golgotha! (*Rasga e atira para o chão*) Ahi tens bastante com que accender o lume, Antonio. (*Com sorriso ironico*) Já se não dirá que trabalhei debalde! (*Bate-se á porta da direita, Camões faz um gesto de insofrido. Antonio sai a vêr quem é*)

SCENA II

CAMÕES (*só, meditando entre si. Pausado, e com tom ironico*)

Parnaso de Luiz de Camões! Lusiadas de Luiz de Camões! Rimas de Luiz de Camões! e Luiz de Camões que é? é isto. Chego a ter inveja a esses belfurinheiros de palavras, que têem banca no Peloirinho para escreverem requerimentos, convites, e cartas de amores a qualquer rascôa, ou negro, que lh'os pague. Peior, e por menos preço, tenho eu feito para soberbões: é como quem poezra *Apelles* a caiar sotãos! ou *Fidias* a amassar tijolos! (*Pausa*) Mundo vil e maldito!...

SCENA III

CAMÕES e ANTONIO (*Camões sempre assentado. Antonio entrando com um açafate coberto, e uma jarra com muitas flores, entre ramos de loiro e murta; e pondo tudo sobre a mesa*)

ANTONIO

Eis aqui com que alegrar olhos!

CAMÕES

Quem veiu? que é isso?

ANTONIO

A consoada do poeta; doces, feitos pelas mãos de prata das freirinhas d'Odivellas (*apontando para a cesta*) e um ramilhete de flores naturaes, entre muitas outras *feitiças.*

CAMÕES

Assim vem na vida os gostos. Quasi todos são falsos.

ANTONIO

Bem a ponto acodem os loiros, mestre, para vos desenganarem!

CAMÕES

Muito mais a ponto a murta que é *dor*, e os malme-queres que são *sofrimento*... só não havia de vir ahi esse rosmaninho que é *esquecer!* Mas quem de mim se ha lembrado com o mimo?

ANTONIO

Barbara.

CAMÕES

A pobre mulata!? chamae-m'a. A soberbias me véda tu a porta; a affectos, não.

ANTONIO

Entregou, pédiu novas da vossa saude, como é seu costume todos os dias, e partiu.

CAMÕES

Tenho pena! pobre velha! diz que tambem padeceu muito. Morreu-lhe não sei quem, em viagem do Brasil, sendo ainda moça, que a deixou para sempre triste e desamparada!

ANTONIO

Será logo por isso que vos quer tanto.

CAMÕES

Será! Quantos dias, se não fôra a sua caridade, não houveramos passado sem comer, Antonio! e mas (coitada!) é uma pobre de Christo! sempre assim foi: mãos largas; mãos largas, e delicadeza *para acudir* sem envergonhar... os pobres. De

noite, apregôa marisco por essas ruas; de manhã, vende ramilhetes; um'hora no alpendre de San-Domingos; outr'ora, e as mais das vezes, onde nós a achámos em desembarcando, no Terreiro do Paço, ao pé da Casa dos Contos. É porque d'ali, me disse ella, se vê o mar e as caravelas que vem e vão, que tudo lhe faz muita saudade! Pobre Barbara!... para ahi morrerás tambem algum dia, sem haveres quem te cerre os olhos! (*fica absorto em seus pensamentos*)

ANTONIO (*á parte*)

Que esmorecimento! Aos tigres arrancára lagrimas vêr animo tão varonil agora tão alquebrado! A isto o hão chegado estes seis mezes, curtidos em angustias, e quasi sempre no leito, alanceado de dores...

CAMÕES

Ai! que vida! (*bate-se á porta. Camões impacientissimo*) Nem sequer morrer em descanço me deixarão aqui! (*Antonio vai á porta e a descerra*)

SCENA IV

OS DITOS E UM MENINO.

O MENINO (*da parte de fóra*)

Alguma coisinha pelo amor de Deus!

ANTONIO (*indo para fechar*)

Andae ora a outra porta.

CAMÕES

Quem é?

ANTONIO

Um mocinho que pede esmola.

CAMÕES

Entrae, filho, entrae! (*o menino entra e fica parado ao pé da porta com os olhos no chão*) Achega-te, achega-te! (*O menino aproxima-se um pouco mais, e a pequena distancia torna a parar. Camões tira do vaso uma flor, e com ella lhe alonga a mão, sorrindo para o atrair; o menino se adianta para a tomar; Camões largando-lh'a o segura e o beija*)

ANTONIO (*á parte*).

Eis ahi todo o teu cabedal, pobre poeta!

CAMÕES (*para o menino*)

D'onde és?

O MENINO

Visinho vosso, aqui do pé de Sant'Anna.

CAMÕES (*á parte, sorrindo tristemente*)

Arruaram-se os pobres! (*alto*) Tua mãe?

O MENINO

Ficou só em casa, doente, e com fome!

CAMÕES

Com fome! e tu?

O MENINO

O ultimo bocado de pão que havia na arca, deu-m'o, mas tambem tenho fome.

CAMÕES (*enxugando a furto lagrimas*)

Quem é teu pae?

O MENINO

Diz que morreu em Africa; era soldado.

CAMÕES (*á parte*)

Não foi dos tres o mais desditoso! (*alto*) Pois, filho, tão errado vens tu a esta porta, como eu vejo que iria á tua. Eu tambem fui soldado; *tambem pelejei* em Africa, e noutras partes; com

os pellouros não tive tão boa sorte como teu pae; só a tive melhor em não ter filhos, nem mulher, para lhes testar pobreza; o que padeci, padeci-o só eu; que ainda não é o peior padecer. Vae, vae; a menos triste poisada te encaminhe Deus, e vos depare o que eu para mim nem já lhe supplico; vae, que, pois te não soccorro, tambem te não quero roubar... Oh! em bem me acode: toma; (*entrega-lhe o açafate*) leva para tua mãe; nôite de Natal, não deve haver um anjo que a passe triste: vae, vae; quando puderes, volverás a vêr-me; sim?

O MENINO

Deus vos pague.

CAMÕES

Sim, ha-de pagar, ha-de. Vae ora, vae. (*Sai o menino levando o açafate, e deixando a porta meio aberta*)

SCENA V

OS PRECEDENTES, MENOS O MENINO.

CAMÕES

Não debalde me prégava em Coimbra aquelle lettreiro latino que pozeram á figura da Sabedoria: (e eu que zombava d'elle!)

Amigo, segue-me, que eu não te hei-de largar: Aprende a viver em captiveiro, e a morrer em pobreza...

E todavia, inda o não aprendi eu!...

ANTONIO (*á parte*)

E dizer que ha lá em cima um olho grande aberto para o mundo! um braço longo que che-

ga á terra, com uma mão forte que a póde revolver e desfazer! e coisas d'estas a passarem sem vingança, nem remedio, nem refrigerio! Tanto rico inutil, voando em ginetes por essas ruas! Tanto palacio pejado de baixellas de prata e oiro! e o maior homem d'este infame Portugal...

CAMÕES

E Java, Antonio! lembras-te da tua ilha?

ANTONIO

Sim, mestre!

CAMÕES

Com saudade?

ANTONIO

Ainda não.

CAMÕES

Breve poderás tornar-te para ella, que a tua cruz...

ANTONIO (*com tom de reprehensão affectiva*)

Mestre, mestre!...

CAMÕES

Nada é; distrae-me; tenho a alma triste até á morte; canta-me; bem sabes que o teu cantar me adormenta as magoas: se os olhos se me cerrarem, não me acordes!

ANTONIO (*á parte*)

Cantar! com o coração a trasbordar de lagrimas... (*Alto*) Sim, mestre, cantarei; repoisae vós. (*Senta-se, e canta. Ao som do canto, Camões adormece*)

Nasci no rico Oriente;
creei-me entre as verdes palmas,
para amor:

amor me poz no Occidente;
fez-me d'alma duas almas,
para a dor.

Ai dor! pois heis-de ir a Java,
estrellas, e vosso rumo
de lá vem,
dizei-lhe qual me eu consumo;
dizei-me se lhe eu lembrava
lá tambem!

Tambem vós, ondas, e ventos,
pois sabeis a minha terra,
lá chegae;
não lhe conteis meus tormentos;
mas o amor, que me desterra,
lhe contae.

Contae-lhe que prêso vivo;
mas que eu mesmo aperto e beijo
meus grilhões;
nem livres, nem Reis invejo,
pois o captivo, é captivo
de Camões.

Camões, grande Allah te acuda;
que bem vês que o teu bom Christo
morto é já!
Grande Allah! tu só o escuda!
dá-lhe patria! arranca-o d'isto,
grande Allah!

Allah poz arvore em Java,
que a florída sombra d'ella
faz morrer:
cá, vi peior mancinella;
pois vi que mil mortes dava
o saber.

Saber, esforço, e virtude,
bastam em terra madrasta
para mal;
bem como, porque se mude
o incenso em cinzas, lhe basta
o ser tal.

Tal patria, não quer afêrro;
antes choral-a na gruta
de Macau!
antes na Arabia mais bruta
curtir miseria e desterro...
co'o teu Jáo!

(*Levantando-se, e fallando*) Em quanto dorme, velarei eu; pensarei eu por elle. (*Vai-se encostar á mesa com os olhos pregados em Camões e contemplando-o com indizivel affecto*) Coitado! se te eu não guiára, já terias fenecido! Apezar de meus annos, quero-lhe como a filho! o grande engenho... é aquillo! uma creança! Nada prevê, nem sabe senão folgar com suas flores e quimeras! É preciso pensar por elle, encaminhal-o! (*torna a passear*) Não saber como lhe hei-de acudir!... se com esta vida *se resgatasse* a d'elle... pensamento vão! menos

vão era porém o outro, que tantas vezes lhe propuz, supplicando-lhe de joelhos, e com lagrimas, me vendesse ahi a quem quer que fosse; com tanto enfado m'o repelliu, que já me não atrevo a teimar. Oh! que idéa, que idéa! custar-me-ha vergonha... que me importa, se é para seu bem! custe o que custar, hei-de eu fazel-o... mas, se, em quanto sou fóra, acorda elle? Feiticeiro como os da minha terra, quizera eu agora ser, para lhe carregar o somno, e estender-lh'o. A hora deve estar batendo. (*Chega-se para a janella*) Lá estão já abertas as portas da egreja de Sant'Anna; já vai entrando povo para a missa da meia noite. Quem vai para orar, leva affectos compassivos. O coração é flor que toda se abre quando se volta para o ceo! a oração é a sua fragrancia! em se ella presentindo, já o casulo se desdobrou! Esses homens, e essas mulheres mórmente, hão-de-me attender; e Tu, Christo, Deus de Camões, (*voltando-se para o crucifixo pendurado por cima do escudo*) se em verdade tens o poder que me elle ha dito, faze que em lhes eu estendendo a mão á porta da Tua Casa, me não afastem com desprezo! bem vês para quem vou pedir; é para o homem que te ama tanto, como eu o amo a elle; para o poeta que tanta vez te celebrou; para o soldado que pelejou pela tua Lei; para o infeliz, a quem os seus proprios, como a ti os teus, perseguiram em paga de amor, pregaram numa cruz, e ahi o deixaram morrer desamparado! Ouve-me bem, Christo! (*arranca da parede o crucifixo e num transporte lhe beija os pés, cai em*

joelhos, e abraçando-o prosegue) Christo! Senhor do meu Senhor! se o queres ser tambem de um pobre Jáo, que para amar tem infinito coração, Christo Jesus, ainda estamos a tempo, salva-o, que eu te dou a minha alma.

SCENA VI

CAMÕES, ANTONIO, D. CATERINA.

D. CATERINA (*á parte*)

É o seu captivo! receei não ter forças para chegar até aqui!

ANTONIO (*dando por ella*)

Vós, Senhora!

D. CATERINA

Onde está, Antonio?

ANTONIO

Vêde-o! *(D. Caterina vai para Camões* (1) *Antonio sempre em voz baixa para o não acordar)* Não m'o acordeis; muito ha que o não hei visto dormir tão bom somno como este. (*Pondo devagarinho o crucifixo sobre a mesa ao pé de Camões*)

D. CATERINA

Quão demudado!

ANTONIO

Muito; e vós tambem, Senhora!

D. CATERINA

Eu?... que val isso? (*á parte*) Deus meu! que enfraquecimento! *(Alto)* Como lograstes escapar? (*encosta-se á mesa por defronte de Camões*)

(1) *Camões, D.* Caterina, Antonio.

ANTONIO *(sempre em voz baixa)*

Fez rumor na rua a pendencia, em que nos meteram á falsa fé os apaniguados do senhor Martim Gonçalves; accorreram populares; os malfeitores, raivando de nos não poderem acabar, fugiram, que não houve colhel-os; curou-nos aquella boa gente, com muito amor, as feridas, que não eram pequenas, as de meu Senhor principalmente; e nos trouxeram para este aposento, que um homem ahi offereceu por caridade!

D. CATERINA

Logo, D. Affonso de Noronha... nada soube de tamanha tragedia?

ANTONIO

Quando o senhor D. Affonso de Noronha se foi á estalagem ao romper do dia, por causa do outro duello com o senhor Real, em que havia de ser padrinho, foi o estalajadeiro quem lhe contou o que era passado... O senhor D. Affonso, foi-se correndo a casa do senhor Martim, achou-a despejada; parece que nesse mesmo instante dera a artilheria o sinal de leva; não houve tempo, senão só para se embarcar a toda a pressa; por onde não houvemos nunca mais d'elle novas, nem elle do meu Senhor. Só ahi constou, não sei por quem, que tanto elle, como El-Rei, saíram cheios de ira e paixão por tamanha desaventura.

D. CATERINA

E o novo Rei?

ANTONIO *(ironicamente)*

O senhor Cardeal D. Henrique?... bom amigo para o meu *poeta!*

D. CATERINA

Pois ninguem, ninguem se lembrou de Camões?!

ANTONIO

Dos grandes senhores, dos que vós pudéreis conhecer, ninguem. Dois humildes, unicamente! o estalajadeiro Diogo... que livrou a meu Senhor de ir para o hospital, e lhe acudiu com fisico, remedios, e alimento, em quanto vivo foi...

D. CATERINA

Morreu?...

ANTONIO

Morreu; e uma pobre velha, que ás vezes nos tem matado a fome, sabe Deus se não á custa da sua. Essas flores, as troúxe ella ahi pouco ha.

D. CATERINA

Uma velha mulata?

ANTONIO

Senhora, sim. Mas como atinastes vós com esta poisada?

D. CATERINA

Estava hoje ao caír do sol ás grades da minha cella, quando ao longe te vi passar, e conheci-te. «Bemdito Deus! Antonio está vivo, vivo está logo Camões,» disse eu; «hei-de vêl-o, hei-de vêl-o hoje mesmo.» Esperei pela noite, quiz fugir, sentiram-me, instei, porfiaram, dei minhas joias, dei tudo o que possuia, saí! corri á estalagem de Diogo... fechada! Disse-me o coração que em Sant'Anna o colheria. Entro na egreja, enganara-me; torno a saír, já fóra de mim, para perguntar pela poisada de Camões a quantos encontrasse; no adro, vejo uma ramilheteira, já de

dias, e no semblante piedosa, que ali vendia aos fieis seus ramos para offrendas ao Menino; sem grandes esperanças a inquiro; guiára-me Deus! arraiou-se-lhe de alegria o rosto, e apontou-me para esta porta; eis-me aqui.

ANTONIO

Nas boas horas venhais, Senhora! de agradecido vos beijára eu as plantas, se me atrevéra...

D. CATERINA (*estendendo-lhe a mão, que elle beija*)

Bom Antonio! Providencia visivel do meu Camões!

ANTONIO

Ah! Senhora! só vós lhe heis detido a alma neste mundo; a não ser um longe de esperança de vos ainda vêr, muito ha já que fôra partida!... Neste mesmo somno em que ora o vêdes, já elle ahi tem estado a chamar por vós... Dou que no coração vos adivinhava. (*D. Caterina fica por largo espaço em pé defronte de Camões, debruçada sobre a mesa, com a testa entre as mãos; e Antonio contemplando-os, ora a elle, ora a ella, com o rosto cheio de affecto: entretanto canta-se pela rua a seguinte Esparsa ao som de viola:*)

Vinde; Christo é nado;
não me façais guerra;
anjos hão mandado
haver paz na terra.

Mas a paz que eu tinha,
como a haverei eu
sem vós, pastorinha,
que sois anjo meu?!

CAMÕES (*a sonhar*)

Caterina!

ANTONIO

Ouvis?

D. CATERINA (*baixinho para Camões*)

Aqui estou!

ANTONIO

E estareis: agora sim, que vem as minhas esperanças a reflorir!

D. CATERINA (*com transporte d'angustia*)

Esperanças! ah!... que esperanças!... quando... (*caindo em si, e reprimindo-se*) Estou a morrer, Antonio; pois não me vês?... ainda aquella que ali se consome (*mostrando com os olhos a vela*) me ha-de talvez sobreviver!

ANTONIO

É verdade! noto-vos um desconcerto no parecer!!...

D. CATERINA

E fugir-me agora a vida!... Agora, agora quando eu tanto a havia de mister!...

ANTONIO

Confiae, que vós e eu hemos de o salvar.

D. CATERINA (*em meia voz*)

Ao menos acabarei ao pé d'elle...

ANTONIO

Por Deus, Senhora, se arreceais que em seus braços vos colha a morte... havei animo, e arrancae-vos d'aqui antes que desperte.

D. CATERINA

Que d'aqui me arranque eu! para me ir aonde, *meu Antonio*?

ANTONIO

Não sei, Senhora; mas quereil-o acabar?

D. CATERINA

Traspassas-me a alma, porém tens razão! Quero que viva. Mas não me hei-de ir sem deixar alguma coisa da minha alma nesta nobre fronte. (*beija-o na testa*) Adeus... (*Camões neste momento abre os olhos*) Ah! já me viu!

CAMÕES (*levantando-se com os braços abertos, e aproximando-se vagaroso para D. Caterina, que recua*)

Voltaste ao mundo? ou subi já eu á Bemaventurança?! És tu, Caterina?

D. CATERINA (*em tom affectuoso mas indeciso, e em voz mui baixa*)

Luiz!...

CAMÕES (*do mesmo modo*)

Fallou!... É a sua voz!... É o meu nome!... Não sonho!... Não é visão!... (*detendo-se*) Antonio, tu que não estás louco, dize-me; é realmente a minha senhora D. Caterina? ou a sua fantasma, que além está com os olhos em mim fitos?

D. CATERINA

Sou eu, sou eu, Camões...

CAMÕES (*segurando-a com vehemencia*)

Recobro-a!...

D. CATERINA

Meu amado!

CAMÕES (*com arroubamento*) (1)

Sou eu agora o mesmo Camões? esse pallido agonisante que para além se jazia? Não; resuscitei;

(1) Camões, D. Caterina, *Antonio* no segundo plano.

desde que em meus braços te aperto, sinto nelles a força; em minha alma a poesia; e neste coração, a par com o amor, a fé, que já quasi m'o havia desamparado! Oh! Caterina! Oh! Caterina! Oh! Anjo meu! Oh! Natercia! Oh!...

D. CATERINA

Vive, esforça por viver, Camões; (*á parte*) oh! hei medo!

ANTONIO (*entre si*)

Já não attentará na minha falta. Agora, eu á minha empreza. (*sai*)

SCENA VII

CAMÕES, D. CATERINA.

(D. Caterina senta-se perturbada, lança mão do ramilhete que está no vaso, e aspira-o fortemente, como quem procura reanimar-se; ergue-se e vai com elle na mão sentar-se no poial da direita da janella. Camões fica por algum espaço em pé diante d'ella, depois se assenta no degrau da janella com o rosto junto aos joelhos de D. Caterina, e com as mãos d'ella apertadas nas suas)

CAMÕES

Tão pouco esperada, e tão pouco para esperar, Senhora, me caiu dos ceos esta ventura, que ainda nella me não fio! serás tu? tu em verdade? Caterina minha? Devéras t'o digo: se me ora faltasses, feito era de minha vida, e de minha salvação tambem!... oh! não, nunca mais me has*de deixar!...*

D. CATERINA

Não, Luiz; nunca.

CAMÕES

De certo; nós somos um do outro! não somos?

D. CATERINA

Um do outro.

CAMÕES

A tua alma é o eco da minha alma; na tua voz falla o meu coração: por tanto, dize-o tu: para onde nos hemos de ir?

D. CATERINA

Para onde tu quizeres. *(á parte, e em voz sumida)* projectos!...

CAMÕES (*em tom de muito mimo*)

Para onde?

D. CATERINA

Não me disseste uma vez que para corações que bem se amam, onde quer que se possam bem amar, ahi é a patria?

CAMÕES

De minhas palavras te lembras?

D. CATERINA

Que admira! Outros, com menos razão, não as memoram? As palavras do meu poeta, quem as olvidará em nenhum tempo, depois de as ler? quanto mais, se da propria boca lh'as ouviu? São como as gotas da essencia de rosas de Turquia, que, dizem, passados cem annos inda rescendem.

CAMÕES (*enlevado em delicias*)

Falla, continúa...

D. CATERINA

É verdade; não ha Petrarca, nem Garcilaso,

que mais namore as vontades com seus versos. (*Ouvem-se lá por fóra passar violas, e se continuam a ouvir por algum espaço, com o que o dialogo se não interrompe*)

CAMÕES

Se assim fosse, não me admirára; se os eu escrevi todos para ti!...

D. CATERINA

Todos... não; mas de muitos sei eu que só a mim pertencem; e bastantes lagrimas me hão elles feito derramar!

CAMÕES

Sim! fiz-te derramar lagrimas!...

D. CATERINA

Oh! e mui doces que ellas eram! Olha tu, não só entre mil rimas de outros poetas estremaria eu as tuas, senão que entre mil rimas tuas amorosas, diria logo quaes as minhas eram. Se me perguntasses o como... não sei; sei que para differençar do fingido o verdadeiro, não ha hi pedra de tocar, como um coração amante de mulher. (*recitando*)

«Tanto do meu estado me acho incerto...»

CAMÕES

Não te enganas, não; para ti o fiz. Continúa... Praz-me estar ouvindo por tão formoso eco repetido, um pensamento do que lá vai, e com se ter ido, ainda todavia não passou; continúa, con*tinúa*...

D. CATERINA (*recitando com voz que successivamente se lhe vai enfraquecendo*)

«Tanto do meu estado me acho incerto,
«que em vivo ardor tremendo estou de frio;
«sem causa juntamente chóro e rio;
«o mundo todo abarco, e nada aperto.

«É tudo quanto sinto, um desconcerto:
«d'alma um fogo me sai, da vista um rio;
«agora espero, agora desconfio;
«agora desvario, agora acerto.

CAMÕES (*proseguindo na recitação do soneto*)

«Estando em terra, chego ao ceo voando;
«num'hora acho mil annos; e é de geito,
«que em mil annos não posso achar um'hora.

«Se me pergunta alguem porque assim ando,
«respondo que não sei; porém suspeito,
«que só porque vos vi, minha Senhora.

(*D. Caterina, apenas acabou de recitar, tornou a soccorrer-se á fragrancia do ramilhete, com que se reanimou um tanto; depois, desatando-o no regaço, principiou de entrançar, com um sorrir triste e amoroso, uma corôa de loiro e murta*)

CAMÕES (*fallando emquanto D. Caterina prosegue no seu lavor da corôa, e da rua vem sons de flauta concertados com os de viola*)

Nunca tão formosos me hão parecido versos

meus! Voz de mulher amada é harpa de serafins. Que teces tu?

D. CATERINA

A corôa para o meu Petrarca.

CAMÕES (*tomando-lhe do regaço algumas flores, e começando a tecer outra corôa*)

E eu, tecerei a da minha Laura.

D. CATERINA

Muito mais durará que essa, e que todas, a que já de versos me has tecido, pois é de estrellas.

CAMÕES (*sem levantar os olhos do que está fazendo*)

Quatro damas estava eu coroando, seis mezes ha! quão menos feliz então que hoje!... lembra-te?

D. CATERINA

Lembra; que de tudo padecia muito; até de invejas e ciumes nesse lance... (*depois de pausa*) Recita-me as tuas estancias á morte da D. Ignez.

CAMÕES

Ahi tens uma, formosa e amada, como tu.

D. CATERINA

Como eu amante e mesquinha, pódes dizel-o. Recita, recita...

CAMÕES

Aqui?! agora?! é tão triste!...

D. CATERINA

Que importa?

CAMÕES

Parece agoiro..,

«..... a misera e mesquinha,

«que depois .....

D. CATERINA (*sorrindo muito tristemente*)

«..... depois de ser morta foi Rainha.

Dois bens: descanço, e gloria universal! oh! recita, recita: mando eu; peço eu.

CAMÕES

«Estavas, linda Ignez, posta em socego,
«de teus annos colhendo doce fruito,
«naquelle engano d'alma, ledo e cego,
«que a fortuna não deixa durar muito;
«nos saudosos campos do Mondego,
«de teus formosos olhos nunca enxuito,
«aos montes ensinando e ás hervinhas
«o nome que no peito escripto tinhas.

«Do teu Principe ali te respondiam
«as lembranças que na alma lhe moravam;
«que sempre ante seus olhos te traziam,
«quando dos teus formosos se apartavam;
«de noite, em doces sonhos que mentiam;
«de dia, em pensamentos que voavam;
«e quanto emfim cuidava, e quanto via,
«eram tudo memorias de alegria.

«De outras bellas senhoras, e Princezas,
«os desejados thalamos engeita;
«que tudo emfim, tu, puro amor, desprezas,
«quando um gesto suave te sujeita.
«Vendo estas namoradas estranhezas
«o velho pae sisudo, que respeita
«o murmurar do povo, e á fantasia
«do filho, que casar-se não queria,

«tirar Ignez ao mundo determina,
«por lhe tirar o filho que tem prêso,

«crendo co'o sangue só da morte indina
«matar do firme amor o fogo accezo.
«Que furor consentiu que a espada fina,
«que poude sustentar o grande peso
«do furor mauro, fosse alevantada
«contra uma fraca dama delicada?

«Traziam-na os horrificos algozes
«ante o Rei, já movido a piedade;
«mas o povo, com falsas e ferozes
«razões, á morte crua o persuade.
«Ella, com tristes e piedosas vozes,
«saídas só da magoa, e saudade
«do seu Principe e filhos, que deixava,
«que mais que a propria morte a magoava,

«para o ceo cristalino alevantando
«com lagrimas os olhos piedosos;
«os olhos, porque as mãos lhe estava atando
«um dos duros ministros rigorosos;
«e depois nos meninos attentando,
«que tão queridos tinha, e tão mimosos,
«cúja orfandadé como mãe temia,
«para o avô cruel assi dizia:

D. CATERINA *(vendo que o seu poeta se cala, continúa a recitar)*

«Queria perdoar-lhe o Rei benino,
«movido das palavras que o magoam;
«mas o pertinaz povo, e seu destino
«que d'esta sorte o quiz, lhe não perdoam.
«Arrancam das espadas de aço fino
«os que por bom tal feito ali pregoam.

«Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
«féros vos amostrais, e cavalleiros?

CAMÕES *(como fóra de si, mas sem se deter na textura da coróa)*

«Taes contra Ignez os brutos matadores,
«no collo de alabastro, que sustinha
«as obras com que amor matou de amores
«áquelle que depois a fez Rainha...

D. CATERINA *(indicando-lhe o que deseja que elle recite)*

«Assi como a bonina.....

CAMÕES

«Assi como a bonina, que cortada
«antes do tempo foi, candida, e bella,
«sendo das mãos lascivas maltratada,
«da menina que a trouxe na capella,
«o cheiro traz perdido, e a côr murchada,
«tal está morta a pallida donzella,
«seccas do rosto as rosas, e perdida
«a branca e viva côr, co'a doce vida.»

Basta, basta, que endoidecerei.

D. CATERINA

Sim, basta. Que thesoiro de tristezas houve sempre nesse coração! Quem assim te ensinou a profetisar magoas, Luiz?

CAMÕES

Não sei; fallemos antes de contentamentos.

Ainda a tempo chegaste; se tardás um pouco mais, quiçá me não acháras cá no mundo. A passos largos me ia para onde já cuidava que tu eras. *(Detendo-se, e levantando para ella o rosto com muito affecto)* Mas por onde te has andado tu, em quanto eu aqui agonisava, meu gentil Anjo Salvador? Quem para mim te encaminhou?

D. CATERINA

Depois t'o direi...

CAMÕES

Sim, depois; ainda bem que já podemos dizer *depois* com tamanha segurança; nas mãos temos o porvir. Olha para mim, Caterina!... que beldade!... Estrellas me estão teus olhos parecendo!... que resplandor sobrenatural! *(cessa a musica, e cai ao mesmo tempo da parede com grande estrondo o escudo; ficam ambos sobresaltados, e em silencio. Á parte, e alterado)*

Será aviso! per si se baqueou o escudo; soaria a hora da fenix alfim!

D. CATERINA *(levantando-se de repente, e deixando caír a coróa)*

Um milagre! preciso de um milagre, meu Deus!... a vida, meu Deus, a vida!... a vida!...

CAMÕES *(levantando-se aterrado, deixando tambem caír a coróa, e tomando a mão de D. Caterina)*

Que dizes?... que tens?... que mão é esta tão de gelo!

D. CATERINA

Não!... a tua é que me queima! *(á parte)* Ha-de blasfemar! estou-o ouvindo... *(toma da mesa o crucifixo, some-o no peito, e abraça-o como quem faz*

uma oração intima em trance de summa angustia e terror)

CAMÕES *(enleado)*

Matas-me... não entendo... a que vem?...

ANTONIO *(na rua)*

Esmola para Camões!...

D. CATERINA *(á parte)*

A voz de Antonio!

CAMÕES *(desdobrando-se com altivez, e fóra de si)*

Esmola para Camões! quem é que em meu nome pede esmola!

D. CATERINA

Oh! (*senta-se no escabello junto á porta da esquerda*)

CAMÕES

Que has tu, Caterina?

D. CATERINA

Eu!... nada... Está-se cumprindo o teu destino, Camões!

ANTONIO (*como acima*)

Senhores meus, uma esmola para Camões, que se morre á mingoa!

CAMÕES *(vacillando, e na maior perturbação)*

Quem diz que o Camões necessita de esmolas?! (*vai para a janella; D. Caterina levanta-se, quer fugir sem saber por onde*)

ANTONIO *(como acima)*

Esmola, senhoras minhas! esmola para Camões, que se morre de fome!

CAMÕES (*com falla suffocada*)

Silencio! infame captivo!... Mentes! mentes!

D. CATERINA (*chegada á porta da direita para sair, cai*)

Camões!

CAMÕES (*com uma risada*)

Ainda me faltava isto!... (*volta a cabeça ao grito de D. Caterina*) Chamas-me!... (*vê-a em passamento*) Ai Deus!...

D. CATERINA

Oh! Camões!...

CAMÕES

Vem, vem. (*Leva-a como póde, quasi de rojo, e vai-a sentar, junto á mesa, na cadeira onde elle proprio estivera*)

D. CATERINA

Sabia que Martim Gonçalves havia de regressar esta noite a Lisboa... julgava-te morto... e então...

CAMÕES

Ai! matou-se!!!...

D. CATERINA

Perdoa-me tu!... e Deus tambem!... a ambos adoro. (*Expira*)

CAMÕES (*inclinando-se sobre D. Caterina chama por ella de mansinho*)

Caterina... tu não estás morta... Caterina, tu não pódes deixar-me cá assim... Dize, ergue-te, Caterina... (*procura levantal-a, mas o corpo recai mortal*) Está morta!... mataram-m'a! a minha Ignez de Castro. E eu, meu Deus! eu hei-de ficar vivo?... (*principia a correr o mesmo sino do primeiro acto, porém muito perto, e continúa até depois de se abaixar o pano por algum espaço*) A campa de

Sant'Anna! é essa a vossa resposta, meu Deus! D'esta vez a bemdigo, que me vem pregoar o livramento. Sempre contei com ella. (*Ajoelha de mãos postas junto a D. Caterina para orar, e cai aos pés d'ella*)

SCENA VIII

D. CATERINA (*defunta*) CAMÕES (*no chão*) ANTONIO (*entrando pela porta da direita*)

ANTONIO (*parando no limiar da porta, e assomado*)

Muito bem, Christo! não quizeste a minha alma! (*reparando em Camões*) Ah!...

CAMÕES (*erguendo-se um tanto no braço com uma risada*)

Que te deu essa gente para Camões?...

ANTONIO

Corações que só punhal os pungiria!...

CAMÕES (*em agonia*)

Perdoe-lhes o Altissimo... e a mim!... Adeus, meu amigo tão leal!... abafo! (*com um grito*) Uma só mortalha, para mim, e para ella... Caterina... vamos ao ceo descançar. (*Expira. Neste momento principia a ouvir-se o orgão da festa de Sant'Anna*)

ANTONIO

Não posso ainda acompanhal-o... ámanhã, sim. (*Corre a tomar as duas corôas: põe a de loiros em Camões, e a de flores em D. Caterina; olhando de relance para a luz, e exclamando:*) E sobreviveu-lhe!... (*vóa á janella, abre-a, e grita com a voz cheia de lagrimas, e soluçando*) Esmola para o enterro de Luiz de Camões!!!

FIM DO ACTO V

NOTICIA COMPLEMENTAR

O precedente drama, acabado de imprimir na primeira edição aos 22 de fevereiro de 1850, foi pela primeira vez representado no Rio de Janeiro aos 30 de novembro de 1855.

Eis aqui a historia: o illustre escriptor francez Thiago Arago, que me honrára com a sua amizade e trato íntimo, quando, emigrado de França para o Brasil, se demorou alguns dias em Lisboa, levou comsigo este com outros meus impressos.

Lá, foi recebido pelo commendador João Caetano dos Santos, como bem convinha a tal hospedado e a tal hospedeiro; e falleceu pouco depois repentinamente; (desgostos provavelmente o acabaram).

Santos, magnifico emprezario do theatro de S. Pedro, e o primeiro actor do Brasil, deu-lhe a gozar no breve prazo que o teve comsigo quantas delicias poude, e se podiam: extremos d'affecto, homenagens do talento-ao talento, os penates em festa contínua, e triunfos publicos, representando elle proprio *A Gargalhada*, peça notavel do insigne viajante.

Fallecido este, fez-lhe exequias esplendidas, erigiu-lhe a expensas proprias um tumulo, e com um largo beneficio no seu theatro liberalisou á interessante e formosa Antígone do peregrino, emfim descançado, com que regressar para a sua terra.

A boa dama, não tendo outro modo como provar ao seu bemfeitor a gratidão, em que tamanhos beneficios a empenhavam, constrangeu-o com suas instancias a acceitar os poucos livros, unico espolio que do poeta lhe ficára. Nelles se achava o drama *Camões*.

Lendo-o então pela primeira vez João Caetano, anteviu que naquellas paginas, se fossem interpretadas pelo genio d'elle, que naquellas elegias dramatisadas, se elle as realçasse com o fogo da sua poesia propria, assaz havia com que despertar a pública attenção, e satisfazel-a.

Entretanto cheguei eu ao Rio de Janeiro em principios de fevereiro de 1855. Fez-me a honra de me procurar, e consultou-me.

Expuz-lhe com lealdade os perigos que me parecia haver em se expôr aos incalculaveis juizos de espectadores o que só estava ordenado para

leitores solitarios, estudiosos, e pacientes; em se aventurar finalmente ás procellas da scena uma obra talhada para o remanso do gabinete.

Discutimos o ponto; venceu elle. Rendi-me á confiança que o animava. Era um athleta costumado a travar-se com o publico arca por arca, vencel-o, e triunfar, com enthusiasmo do vencido.

A peça entrou logo em ensaios.

Houve eu de me retirar para a Europa antes que podessem expôr-nos ás provas públicas.

Fantasiára Santos, bom conhecedor dos animos e gostos dos frequentadores de theatros, offerecer-lhes como remate, e para desconto da tragedia, coisa com que os espiritos se lhes levantassem, convertidos os luctos elegiacos em galas de triunfo. Ordenou pois de sua propria traça um acto VI:—a gloria posthuma, a apotheóse de Camões. Approvei-lhe a idéa, e a rogos seus lhe deixei, para ali serem cantados, os seguintes versos:

Côro de genios

Nós, genios da poesia,
raios da luz suprema,
ecos do grão poema
do eterno Creador;

nós, aos mortaes eleitos
doâmos à harmonia;
aos animos, aos peitos,
a inspiração, o amor!

Nós, que mil claras famas
criâmos repartidas,
criámos hoje unidas
uma por fim sem par.

Somos, Camões, comtigo;
ardeste em nossa chamma;
se te faltou jazigo,
ser-te-ha todo o orbe altar.

Omitto o que em varios jornaes do Rio de Janeiro se leu, e noutros do Imperio se reproduziu, sobre o extraordinario effeito da representação; mas não resisto assim á tentação de transcrever ao menos parte de algumas das cartas que sobre o assumpto se me dirigiram:

Extracto de uma carta de J. F. de Castilho de 14 de dezembro de 1855.

«Representou-se emfim o *Camões* com brilhante «resultado. João Caetano não me havia convi«dado para os ensaios; disse-me elle na noite, «que não fôra por esquecimento, mas sim por «desejar que eu presenceasse tudo com a im«pressão da novidade. No dia annunciado, caiu «doente, e geralmente se espalhou que morrêra «de repente! Restabelecido porém algum tanto, «posto que ainda rouco, e privado de parte de «seus recursos naturaes, deu a primeira repre«sentação a 30 do passado. Estava tenebrosa a

«noite. Torrentes, relampagos, inundação, nada «teve mão no publico. O concurso era sem exem- «plo. Não havia no amplo recinto da sala um «unico logar vasio; chegaram-se a pagar cama- «rotes por trinta mil réis! Achavam-se presentes «Suas Magestades o Imperador e a Imperatriz, que «permaneceram quasi até ao baixar do lustre. «Tudo era luxo; na assembléa reinava certa exci- «tação como de um grande acontecimento.

«Veiu o Gusmão, com a sua capa e espada, e «recitou o prologo, que realmente não está apro- «priado para platéa brasileira, e que mesmo «absolutamente fallando, entendo fôra melhor «eliminar-se.

«Começou, logo após, a representação, que le- «vou das oito horas á uma. Os applausos foram «numerosos; a attenção quasi constante; o inte- «resse geral seguro. João Caetano foi Camões; a «nossa patricia Ludovina, D. Caterina; o Areias, «tambem portuguez, o Jão. Todos estes papeis «foram bem.....

«O vestuario era todo esplendido. As scenas, «especialmente a do II acto, lindas, e todas no- «vas. O numero das figuras muito consideravel, «e tudo em caracter.

«Tambem eu cuidava, como tu, que este *Ca- «mões* era só livro; mas agora vejo que é certa- «mente drama, e que, sendo todas as figuras «proporcionalmente iguaes, ha-de produzir gran- «dissimo effeito.

«O acto II correu admiravelmente. A vista do «Tejo por entre as columnas da varanda, com

«uma formosa lua, os navios da esquadra illumi-«nados, a sala regia, com rico throno, lustres, «tapete, etc., tudo era soberbo. Giravam na sce-«na talvez um cento de figuras. O *Auto das Boas «Estreias* correu lindo; o corpo de baile para «os anjos e demonios tinha mais de trinta figu-«ras; só esse acto fórma por si um espectaculo. «Poderia ter havido um pouco mais de escrupulo «na etiqueta da sala, nos assentos, nos estrados, «nas separações, hierarchias, etc. O trecho dos «*cincoenta cruzados*, como João Caetano o executa, «é de grande effeito scenico. O acto III esfria; o «V vai muito bem:

Sunt lacrimæ.....

«Fez João Caetano consideraveis córtes, nem «todos acertados, quanto a mim; por exemplo: «no V acto, supprimiu totalmente a recitação do «episodio da Ignez, o que deixa uma lacuna; re-«ceou que o publico se enfastiasse; mas podia «ao menos declamar duas ou tres oitavas escolhi-«das, interrompidas pelos machetes lá de fóra, «pois assim assentava melhor o que segue.

«Na representação porém se reconhece que em «outros sitios ha longuras que muito se ganhava «em encurtar. O total é muito bom, e todas as «cinco récitas já dadas têem sido de enchente, pro-«mettendo continuar assim por muito tempo. Já «tambem se representou em Nictheroy, naquella «formosissima ilheta que tu sabes, e onde tantos «domingos fomos jantar deitados no areal á som-

«bra dos rochedos, e com o espelho do oceano «aos pés.

«A apotheóse foi boa lembrança. Fogos de ben- «gala, e outros charlatanismos pirotechnicos illu- «minam uma larga escadaria muito ornamentada, «que dá serventia para um templo, á feição dos de «Minerva, e consagrado a Camões; tudo cheio de «muitas figuras allegoricas, etc. Na frente está um «grande pedestal com o teu nome em lettras de «oiro, e no cimo o teu busto, dispartindo-se d'ali «grinaldas e festões de flores, cujas extremidades «são seguras por ninfas. Na primeira representa- «ção houve muitas poesias, flores, corôas, etc. Er- «go pegou.

«Eu fui abraçar o João Caetano num entreacto. «É galante como elle cegou de um olho tão bem «que eu mesmo, estando ao seu lado, não compre- «hendi como era aquella engenhoca; entretan- «to essa cegueira diminue muito os recursos do «actor, para quem os olhos são sempre origem «de triunfos.

«Estive tambem no camarote do Imperador «num dos intervallos. Fez muitas reflexões ácerca «da peça e da representação, mostrando a gran- «de erudição e gosto litterario que tu lhe conhe- «ces desde aquellas conferencias poeticas que ti- «vemos com elle no paço, e em que tanto admi- «rámos o seu saber.

«Mando-te alguns jornaes que te interessam por «tratarem d'estas coisas.

«Agora, seis horas da tarde, recebo a inclusa «de João Caetano para mim, com outra para ti,

«acompanhando as duas corôas offertadas a elle na «primeira noite. Vai tambem um exemplar da bella «sinfonia que o Dionisio Vega te dedicou, intitulada «*As Lagrimas de Camões*, e que a orchestra toca «antes da peça. Esta sinfonia está muito filoso- «ficamente calculada; é a biografia de Camões «posta em musica: a leviandade da sua primeira «mocidade; os seus arrojos marciaes; os seus «amores; as perseguições que padeceu; os seus «desterros e naufragios; as guerras; as desgraças «e suspiros; a tornada á patria; o canto do cis- «ne; tudo isso vai muito poeticamente expresso «em frase musical. Toda a musica do *Auto* e da «peça é d'elle, e mui bonita. A canção do Jáo só «está por elle instrumentada; o canto é a propria «melodia tão singela, e tão agradavel, composta «por tua cunhada D. Leonor Vidal (M.me Dalhunty); «e disse-me elle que reputava aquelle trecho como «uma felicissima inspiração. Agrada muito ao pu- «blico, e o Areias canta-o bem.»

.....

Carta do sr. Antonio de Bochart

(cavalheiro portuguez residente no Rio de Janeiro, poeta dramatico)

em 14 *de dezembro de* 1855

.....

«Parabens, e muitos parabens, meu sr, pela «ovação verdadeiramente completa, ainda que em «parte muito merecida, do seu drama *Camões*. «O Rio de Janeiro nunca esperou que o seu thea-

«tro se apinhasse de gente para saudar tanto do «coração a um homem, como agora o fez ao can- «tor de Camões. Nunca vi triunfo assim.

«E dois no mesmo dia, meu caro sr. Castilho! «Á tarde assisti, em companhia de seu irmão o «sr. Conselheiro José Feliciano, a uma prova pu- «blica de leitura repentina pelo seu *Methodo*, tendo «já assistido tambem a outra, e nessa se achava «uma escolhida e respeitavel sociedade, que ad- «mirou os progressos alcançados em setenta e «cinco horas de estudo! Sabiam ler, escrever e «contar! O professor é o mui distincto Filippe «José Alberto, da Bahia.

«Sr. Castilho, perdôe-me, mas eu fazia parte «dos incredulos; reputava o *Methodo* muito bom «para adultos, porém metafisico para a infancia. «Hoje acho talvez positivamente o contrario; hoje «sou eu o mais leal e decidido campeão do seu «*Methodo;* tenho-o estudado de noite, sósinho, «desde essa tarde das provas publicas! Fiquei es- «pantado (é a palavra propria) de tanto saber «que ha nelle, dado aos bocadinhos a creanças «para que o digiram com proveito, de tanto es- «tudo profundo que ha ali, e que elles, em dias «apenas, colhem, sem saberem como, e instanta- «neamente, e que lá lhes fica, dando flores e «fructos. É espantoso o seu *Methodo!* ha-de vin- «gar, porque contra factos não ha argumentos! «ha-de vingar emfim, porque o reinado da luz «substitue por toda a parte o imperio das trevas.

«Mas, tornando ao seu *Camões:*—pensára eu «que o drama fôra mais para gabinete que para

«a scena; mas ainda nesta é d'um effeito magni-«fico. Todas as suas peripecias estão realmente «muito estudadas; todas as grandes situações ma-«gistralmente desenvolvidas; e comprehendido foi-«o, pelo actor e pelo espectador.

«A scéna, conhecida pelos *cincoenta cruzados* «arrebata! João Caetano é interrompido mais «d'uma vez com bravos e palmas. Estava o Im-«perador; foi como se não estivesse: o publico «applaudia frenetica e delirantemente.

«No remate ha a apotheóse, onde Camões ao «fundo com os *Lusiadas* na mão, cercado de espiri-«tos celestes sobe ao ceo, e no centro o busto de «Antonio Feliciano de Castilho rodeado de ninfas «com festões de flores, recebe de mil bocas mil «bravos partidos d'alma. Se lhe disser que no «meio de tantas alegrias nós chorámos, acredita-o? «Acredita, sim.

«Por mais de uma vez nosso pensamento se en-«contrava dizendo: — «Se elle aqui estivesse!...» — «outras, desculpe o rasteiro da frase: — «Para que «diabo se havia de ir elle embora!...» —

«Nestas occasiões, meu amigo, é que se sabe «aonde está a verdadeira amizade. Todos nós lhe «temos muita, e falta neste ninho a sua compa-«nhia, que tanto nos encantava.»

Resposta á precedente

Sr. e Amigo: — Creio mais no amor e na ami-«zade que na gloria. Em todos esses triunfos «brasileiros, (creia V. o que lhe assevero) nada «me deliciou tanto como vêr o effeito que elles

«produziam em corações, com que o meu se en-
«tende fraternalmente.

«A carta do nosso José, e a de V., sobre tudo,
«me encantaram. Eu sabia o que tinha posto de
«affecto no meu *Camões;* de filosofia nova, e
«de utilidade grande, no meu *Methodo;* mas, a
«respeito do *Camões*, temia as incalculaveis even-
«tualidades da representação, e mesmo, e mais
«que tudo, o ser producção para ahi estrangeira,
«e portugueza, e minha; para o *Methodo* receava-
«me e tremia d'estas mesmas tres inconvenien-
«cias; e, ainda por cima, do *ramerrão,* das pre-
«sumpções da mediocridade, da superficialidade e
«desalumiamento das turbas; mas o *Camões* vin-
«gou, e, o que para mim val dobradamente, vin-
«gou tambem, e ao mesmo tempo, o *Methodo;* e
«eu vejo, pelo que o José e V. me dizem, que es-
«tão devéras convencidos de que elle é, como eu
«já de muito e por muitas provas o sabia, um
«verdadeiro progresso, e (permitta-me V. dizer-
«lh'o eu aqui á puridade) lá para o futuro, quando
«eu já fôr seiba de bem-me-queres no cemiterio,
«ha-de avultar, a despeito de toda a sua apparente
«humildade, como a unica indestructivel e mo-
«numental d'entre todas as minhas obras. Criei
«o *Methodo portuguez*, depois de todas ellas, como
«as boas das arvores dão os fructos que servem,
«depois das flores que recreiam.

«Eu não pude resistir á tentação de ceder aos
«desejos do Marechal Saldanha que me pediu a
«carta de V. para a mandar inserir na *Revolu-
«ção de Setembro*, onde com effeito appareceu ho-

«je, supprimidos, já se sabe, os trechos de natu-
«reza íntima e confidencial.

«Sim sr., sim sr.; creio em que choraram
«com os obsequios que viam prodigalisarem-se-
«me; se o eu não crêsse, mereceria que tives-
«sem dó do meu coração. Juro-lhe pela minha
«honra, meu caro amigo, que essa sociedadesi-
«nha affectuosa a derramar algumas lagrimas
«de saudades por mim, é de toda a apotheóse o
«que mais vezes me occorre, e o que mais dura-
«doiramente me ha-de lembrar. Ora vá: abrace,
«antes tres vezes do que uma, e antes trinta do
«que tres, mas em meu nome, e da minha par-
«te, só da minha, aos seus collaboradores no meu
«triunfo maximo da sensibilidade. Esses trinta
«abraços, eu lh'os pagarei a V. com trezentos
«quando tornarmos a fumar e cavaquear juntos,
«o que oxalá não tarde muito.

«Não me alongo mais nesta, porque o nosso
«José ha-de repartir com V. do que lhe eu es-
«crevo.....

«De V.

«O mesmissimo que sempre, e cada vez
«com mais razão

«Lisboa 11 de janeiro de 1855.

«*Antonio Feliciano de Castilho.*»

Outro poeta portuguez, então residente no Rio, e hoje finado, escrevia-me a 10 de dezembro de 1855 o seguinte:

«Com muita satisfação lhe noticio que aqui «foi no dia 30 de novembro representado o seu «drama *Camões*. Foi immenso o concurso de es- «pectadores: Pelas oito horas da noite chegou «Sua Magestade o Imperador á tribuna, e rom- «peu a orchestra com a sinfonia—*As lagrimas de* «*Camões*—a V. dedicada pelo Sr. Dionisio Vega, se- «guindo-se a recitação do prologo, com o qual «V. tão intimamente predispõe o espectador a «ser *portuguez do Portugal velho*, para apreciar o «caracter das personagens do drama em todas «as suas fases. Findo o prologo com palmas «geraes, subiu o pano, principiou a representa- «ção, e ao entrar o seu *Artista Principe*, não poude «pronunciar o «*Bem vai, amigo Antonio*» senão «passados alguns minutos em que o applaudiram «arrebatadamente, como aconteceu por todo o «decorrer do drama.

«O II acto por si só foi um espectaculo sur- «prehendente, começando pela rica decoração, «que foi logo applaudida; o *Auto* encantou ma- «ravilhosamente o publico; e a declamação do «*Camões*, quando imperiosamente, e com voz es- «magadora, exprobrava os refalsados cortezãos, «abalou os animos dos espectadores; e os ap- «plausos geraes e espontaneos coroaram a con- «clusão do II acto.

«No III acto a scena do projecto de alta trai- «ção de Martim Gonçalves, apanhado em flagran-

«te, e no IV a scena em que D. Caterina lh'a «recorda, envergonhando-o, e a de D. Sebas- «tião, que o expulsa do Reino depois, man- «dando-o descobrir-se, tiveram o mais lisonjeiro «successo. No V acto os espectadores realisaram «cumpridamente o desejo de V., que no pro- «logo lhes pede que entrem com lagrimas no «apertado e pobrissimo aposento de Camões.

«No fim do drama cobriu a scena um novo «pano de boca, representando o naufragio de «Camões, que foi coroado de applausos, e subin- «do depois, mostrou ao espectador a apotheóse «do luso Homero, que representava o templo «da immortalidade, envolto em nuvens e anjos, «illuminado por fogos cambiantes; e em frente «da scena um rico pedestal com o busto de V.; «cantaram-se as suas estrofes—*Nós, genios da poe- «sia*—fazendo a apotheóse de Camões, em quan- «to o povo em peso fazia antecipadamente a do luso «Ossian, que o fez renascer no templo das artes.

«No fim de tudo foi por tres vezes chamado á «scena o Talma brasileiro, coberto de geraes e «sinceros applausos, de que até as senhoras fize- «ram parte, agitando incessantemente os seus «lenços: foram-lhe dadas duas coróas, muitas «flores, e recitados versos. Assim concluiu essa «grande festa artistica, uma das mais pomposas, «ou a mais pomposa, que por cá havemos visto.

«Pela *Semana*, jornal aqui fundado pelo Rapo- «so d'Almeida, verá V. que a companhia dra- «matica representou dignamente. Remetto tam- «bem a V. o *Correio Mercantil*, em que verá o

«meu *Tributo de admiração* a V. e ao Sr. João Caeta-«no, por tão fausto motivo. Remetto tambem o meu «poemeto intitulado *Camões,* em cuja frente ousei «pôr o nome de V., offerecendo-lh'o. Só a V., que «tão exactamente retratou no seu livro o luso «Bardo, eu devia offerecer o meu fraco, mas «sincero tributo á sua memoria. Emfim, remet-«to a V. no *Correio da Tarde* a minha ode ao «nosso Monarcha o Senhor D. Pedro V.

«Tenho muita, e muita satisfação em noticiar a «V. que foi vingada a pessoa de V., e reconhecida «a capacidade, e excellencia do seu *Methodo de «leitura* em um exame publico aos alumnos do «curso do Sr. Alberto, e mais professores aqui for-«mados, e deixados por V. para esse fim: assis-«tiu a commissão de instrucção publica, minis-«tros, pessoas gradas, entre as quaes figurava o «Bossuet brasileiro (o Padre-Mestre Monte Alver-«ne) que por muitas e repetidas vezes disse *excellen-«temente;* e divulgando-se logo tal triunfo, se con-«venceram os incredulos, e foram forçados a ca-«lar-se aquelles maldizentes, que systematicamen-«te mordem sempre o que é bom e civilisador.

«Receba V. os meus sinceros parabens; e con-«cluindo esta carta com a parte que mais inte-«ressa a V. sobre *quantos versos possa fazer,* como «mesmo aqui o disse, espero anciosamente as «honrosas lettras e ordens de V., por ser amigo «sincero, leal, e admirador de V.

«*Francisco Conçalves Braga.*»

Resposta á precedente

«Sr. e Amigo:—Com que immensidade de poe-«sia não veiu V. regalar-me! Os seus ricos e sen-«tidos versos, as suas noticias, e as suas sinceras «alegrias pelo bom exito da representação do meu «drama, e das provas publicas do meu *Methodo;* «do meu drama, pedra para o monumento do «autor dos *Lusiadas;* do meu *Methodo, Lusiadas* «meus, que eu nem pelos d'elle trocaria, porque «os d'elle são um diamante, os meus um fructo «e uma semente; tudo isto junto por tal arte me «encantou, que, preterindo considerações de de-«licadeza, e deveres de modestia, consenti a ro-«gos de amigos a que a interessante carta de V. «apparecesse hoje impressa no *Diario do Governo,* «logo em seguimento áquella com que me hon-«rou o nosso incomparavel João Caetano.

«Infelizmente me não chegaram ainda os jor-«naes d'ahi, cuja remessa V. me annuncia; vou «fazer diligencia pelos obter todos, ou alguns «d'elles, por qualquer outra via. Logo que os hou-«ver lido escreverei nova e mais detidamente a V., «assim para lhe reiterar os meus agradecimen-«tos, como para lhe participar toda a impressão «que esses seus artigos me houverem feito.

«Queira V. abraçar por mim o nosso Camões «redivivo, a nossa D. Caterina, o nosso Jão, o «nosso D. Sebastião, o nosso Diogo, emfim todos «os que, mais de certo do que eu, contribuiram «para esse triunfo capitolino consagrado no Rio «de Janeiro ao grande poeta portuguez, antes

«que os portuguezes aqui se lembrassem nem se-
«quer de desejar tal representação. Outro, e vinte
«abraços ainda, ao nosso inspirado collaborador
«musico o sr. Dionisio Vega, e ao excellente pin-
«tor a quem tão grande parte devemos attribuir
«no maravilhoso succedimento d'essa mais que
«arriscada, quasi heroica, tentativa do nosso bom
«João dos Santos.

«Para si receba V. os protestos de cordial affecto
«com que me prézo de ser

«De V.

«Admirador, amigo, e criado obrigadissimo

«Lisboa 11 de janeiro de 1856.

«*Antonio Feliciano de Castilho.*»

Estava eu portanto devedor pelo menos a João Caetáno dos Santos e a Dionisio Vega, de um triunfo immenso e inesperado. Não lh'o podia pagar; restava-me confessal-o. Escrevi-lhes, e agora, só para tornar mais publico e solemne o testemunho da minha gratidão, reproduzirei aqui essas cartas:

Ao Commendador João Caetano dos Santos

«Meu Artista Principe:—Renasceu emfim, evo-
«cado pelo teu genio, o teu, o nosso Camões! O

«summo autor das glorias portuguezas identifi-
«cou-se com o actor summo, reconhecida gloria
«do Brasil. Remoçastel-o para os amores e lagri-
«mas dos contemporaneos; elle communicou ao
«teu genio o seu perfume de veneração antiga,
«a sua embalsamação de monarcha em monu-
«mento, que te affiança a duração a que os teus
«proprios talentos e esforços te davam jus.

«Offereces-me ás tuas corôas; porque não acei-
«taria eu esses generosos penhores de um affecto
«que me honra?! E de que te servem já agora a
«ti as corôas, se á tua voz ellas de si se tecem,
«e te chovem aos pés?! Acceito-as, e vou cingir
«com ellas, não o meu livro, mas os *Lusiadas;*
«não a minha cabeça, mas a do nosso commum
«inspirador. Para mim já nada peço, nem cubiço,
«depois que vi que tu me comprehendeste, e me
«fizeste comprehendido no meio de um povo-no-
«bre e illustrado, que applaudiu e acolheu, como
«feita para elle, a obra que eu só havia endere-
«çado ao engrandecimento dos meus conterraneos.

«É magnifico para vós outros esse exemplo; e
«tanto mais, quanto esse padrão que erigistes a
«dois poetas, ambos estranhos, está singular-
«mente contrastando com o desprezo posthumo
«em que ainda aqui se tem o primeiro, e com a
«injustiça com que ao segundo se está, como que
«acintosa, e talvez conjuradamente, negando, de-
«pois de tantas outras coisas, até o pobre credito
«de haver salvado do ultimo perdimento os ossos
«do grande mestre! O tempo que o vingou e con-
«*sagrou* a elle, algum dia me fará justiça.

«Para ti a justiça e a posteridade começaram «já.—Recebe os meus parabens, os meus agra- «decimentos, e os meus abraços.

«Teu

«Admirador, amigo, e camarada

«Lisboa 11 de janeiro de 1856.

«*Antonio Feliciano de Castilho.*»

N. B. A precedente carta a João Caetano dos Santos appareceu impressa no Jornal o *Correio Mercantil* (do Rio de Janeiro) em 9 de fevereiro de 1856.

A Dionisio Vega

«Meu caro Sr. D. Dionisio Vega:—Porque não «agradeceria eu logo a V. o rico presente, com «que V. me opulentou, e me encheu de ufania: «a sua incomparavel *abertura* ao meu drama *Ca- «mões?!* Confessal-o-hei sincero: foi porque en- «tendi que uma, nem ainda muitas paginas de «prosa, por mais subidas e esmeradas que fossem, «de sorte nenhuma poderiam corresponder a ta- «manha honra, e só don de Musas podia áquelle «don de Musas retribuir. Projectei logo na pri- «meira hora consagrar a V. como devida home- «nagem, não uma epistola em verso, que pouco «mais podia ser do que um eco mortiço dos applau- «sos com que todo um povo alvoroçado victo-

«riára a composição inspirada de V., mas sim «uma opera portugueza, com que o genio de V., «glorificando-me segunda vez, se elevasse a no- «vos triunfos. D'esta sorte conciliava eu com a gra- «tidão o interesse proprio, e com o meu o de todo «o mundo artistico, tornando de alguma sorte re- «productiva esta prodigiosa obra de V.

«Infelizmente para mim as horas com que o «desejo me tinha feito contar como provaveis, «foram-se-me a uma e uma subtraindo pelo cum- «primento de obrigações anteriores e indeclina- «veis, e os meus primeiros assomos dramaticos, «logo após a sua repentina florescencia, fenece- «ram tristemente sem dar fructo.

«Ainda bem que nos corações amantes como «os de todos nós outros os artistas, a todas as «perdas e ruinas sobrevive sempre a esperança: «tenho fé em que poderá não tardar o dia em «que o meu projecto se realise.

«Nunca elle, este querido projecto já de tan- «tos mezes, me namorou tão risonho a fanta- «sia, como agora, que me consta andar-se ahi «planeando a fundação de um theatro de opera «nesta lingua, reputada despoetica pelos que a «não sabem, nesta deliciosa lingua de Camões «e de Bocage.

«Era uma vergonhosa lastima que, havendo «opera nos mais surdos idiomas do mundo, no «francez, e no proprio dinamarquez, o idioma «semi-hespanhol, e semi-italiano, o portuguez, «carecesse d'ella, e passasse em julgado, que era «*incapaz* de a possuir.

«O sr. Amat, com essa projectada criação, re-«para uma grande e antiga injustiça, ao mesmo «tempo que presta á poesia brasileira e portu-«gueza um serviço dos mais assinalados. Felici-«to-me de que elle viesse em nossos dias, e do-«bradamente me felicito de poder talvez coadju-«val-o no seu bello empenho, se V., accedendo «ás minhas supplicas, tiver a extrema bondade «de acceitar o meu primeiro libretto, que já lhe «vai dedicado antes de nascido, e se dignar de lhe «infundir vida e immortalidade, fazendo-o repas-«sar com o bafo criador do seu talento.

«Tenho a honra de me assignar

«De V.

«O maior admirador, o mais obrigado «amigo, o mais reverente servo

«Lisboa 2 de abril de 1857.

«*Antonio Feliciano de Castilho.*»

De 30 de novembro de 1855 até 26 de janeiro de 1856 progrediram sem interrupção as representações do drama; e promettiam ir por diante.

Um acontecimento como que fatal as atalhou.

A 13 de fevereiro de 1856 escrevia-me João Cae-«tano dos Santos o seguinte:

«Amigo:—Acabo de sofrer terrivel golpe, e de «perder toda a *minha fortuna*.

«Na madrugada do dia vinte e seis de janeiro «proximo passado, foi reduzido a cinzas o thea-«tro de São Pedro. Vi-o arder pela segunda vez! «E a opinião geral é que o fogo foi lançado pe-«los meus antagonistas; porém elles que se mor-«dam, pois que tenho uma alma grande, e ani-«mo nos trabalhos.

«O Governo acaba de conceder-me o theatro «lirico, e vou já reconstruir (de ferro) o meu «querido São Pedro.

«No meio, porém, de todos esses desgostos, re-«cebi a sua apreciavel carta.

«Meu amigo: como o mundo é cheio de com-«pensações!... Ella, enchendo-me de prazer, me «deu coragem, me exaltou o genio; e disse então «aos meus amigos: Se Castilho me chama—seu Ar-«tista Principe,—me considera, me louva; devo le-«vantar-me no meio de mesquinhos reptís, que só «procuram morder-me, e que lhes não dava ca-«var-me uma sepultura, ainda que se constituis-«sem meus vermes!...

«Devo levantar-me» disse. Desprezei os maus, «procurei os bons, e consegui o que acima fica «dito.

«Meu amigo: duas notaveis coincidencias hou-«ve nesta catastrofe:—uma, foi arder o theatro «no dia do *seu* natalicio, e na vespera do *meu;* «a outra foi, que, tendo ardido tudo quanto exis-«tia no edificio, só salvei o seu livro—o nosso «*Camões*—com parte do reportorio; Camões salvou «do naufragio o seu poema; eu salvei o seu livro «*Camões* do meio do incendio!

«Após todos esses trances, bem deveis conside-«rar que ha de que se expanda minh'alma; bem de-«veis concluir que ha para mim que esperar... Fal-«lo de vossas expressões; fallo d'esses effluvios que «me embalsamarão o resto das ulceras que me «ficaram, e que a *alma maior*, e o *maior animo* «*nos trabalhos* não saram de todo!»

A esta noticia accrescentava em carta sua da mesma data a seguinte circunstancia, meu irmão José Feliciano.

«Sabes que o teu busto figurou em todas as «representações do *Camões* sobre um elevado pe-«destal, á frente, todo serpenteado e coroado de «flores, etc. Jaz portanto pulverisado debaixo «d'aquellas ruinas e cinzas.»

E assim se terminou tragicamente a homenagem solemnissima que o Rio de Janeiro tributou ao maravilhoso epico portuguez.

Seja-me agora licito publicar fielmente alguns extractos dos papeis do nosso Conselho Dramatico:

Da acta da sessão de 30 de janeiro de 1856

«O sr. Presidente (o Dr. Par do Reino José Maria «Grande) disse que aproveitava esta occasião, para «annunciar ao Conselho que o drama Camões,

«do sr. Antonio Feliciano de Castilho, fôra repre-
«sentado com um brilhante exito no Rio de Janeiro;
«que esta producção dramatica tinha um subido
«merito litterario, e que, accommodada ás propor-
«ções da scena, por meio de alguns córtes que de
«accordo com o autor lhe foram feitos naquella ci-
«dade, era de esperar que, assim representada en-
«tre nós, tivesse pelo menos o mesmo resultado;
«que fazendo esta participação ao Conselho tinha
«a convicção de que lhe transmittia uma bem agra-
«davel noticia a que o mesmo Conselho não dei-
«xaria por certo de ligar a mais elevada conside-
«ração.

«O sr. Antonio Feliciano de Castilho, agradecen-
«do ao sr. Presidente as obsequiosas expressões que
«lhe dirigíra, accrescentou que, quando compo-
«zera o *Camões*, não fôra intenção sua destinal-o
«á scena, e que tão sómente o considerava como
«um estudo poetico, isto é, como um livro desti-
«nado e mais proprio para ser lido no gabinete,
«do que um drama para subir á scena num
«theatro publico; que d'aqui se derivavam os in-
«convenientes que no Brasil se notaram quando
«se pretendeu leval-o á scena; porém que feitos
«então alguns córtes, o seu drama fôra ali repre-
«sentado com geral acceitação, o que o levava a
«crêr que posto em scena no theatro normal o seu
«effeito devia ser inquestionavelmente muito su-
«perior; asseveração que avançava sem fatuidade,
«por quanto, mais ao assumpto do drama, do que
«á maneira por que fôra tratado, se devia attribuir
«tão brilhante resultado. Que podia assegurar ao

«Conselho que, em nove representações que já ti-«nha havido successivas no Rio de Janeiro, o seu «drama tivera outras tantas enchentes. Que não «devia esconder que, para ser convenientemente «posto em scena, o drama exigia alguma despeza; «e attendendo aos mui escaços meios de que o «theatro normal dispõe, lhe parecia mais prudente «antes de se tomar qualquer resolução a este res-«peito, esperar pelo resultado definitivo que o mes-«mo drama tenha obtido, e servir este de base para «calcular a conveniencia que haja em o fazer re-«presentar. Accrescentou finalmente que, conside-«rando-se como um proscripto em litteratura, e «victima de uma guerra constante e tenaz que «certos litteratos lhe têem ultimamente movido, re-«ceava que, proseguindo ella, a sua obra não ti-«vesse um exito feliz; que fazia esta consideração «para em vista d'ella o Conselho decidir, se con-«vem que a administração do theatro se deva aba-«lançar a uma tão grande despeza.

«O sr. Presidente, procurando desvanecer todas «as duvidas apresentadas pelo sr. A. F. de Casti-«lho, disse, com respeito á despeza, que ella nun-«ca seria tão exageradá, attendendo a que o thea-«tro normal possuia um grande espolio em guar-«da-roupa e scenario. Que, pondo de parte todas «as preoccupações suggeridas pela excessiva mo-«destia do autor do drama, propunha que este fos-«se entregue a um dos vogaes do Conselho, para «lhe fazer os córtes que julgasse a proposito, para «em seguida o Conselho o examinar e tomar uma «resolução.

«O sr. Abranches, conformando-se com a opi-«nião do sr. Presidente, pediu ao sr. Castilho que «quanto antes se occupasse d'este negocio, e offe-«receu-lhe todo o seu apoio.

«O sr. Lacerda, accrescentou que o nome do au-«tor autorisava a obra, e que esta consideração «bastava para que o Conselho tivesse o maior em-«penho e empregasse todo o seu zelo e actividade «em ornar a scena portugueza com a producção «de um dos nossos primeiros poetas.

«O sr. A. F. de Castilho, pediu ao sr. Abranches «que se quizesse encarregar de examinar o dra-«ma, e de nelle fazer os córtes que entendesse.

«O sr. Abranches, annuindo ao convite, exigiu «que, para o coadjuvar, lhe fosse adjunto o sr. La-«cerda. Assim se resolveu, bem como que proxi-«mamente haveria uma reunião de Conselho para «se proceder á leitura do drama.

Da acta de 20 de fevereiro de 1856

«.....O sr. Presidente, disse que a pre-«sente reunião havia sido por s. ex.ª destinada á «leitura do drama *Camões*, composição original «do sr. A. F. de Castilho. Procedeu-se em seguida «á leitura indicada, finda a qual, e depois de cum-«primentado o autor, foi o drama entregue, con-«forme com o que se resolvêra na ultima confe-«rencia, aos srs. Abranches e Lacerda.

Acta da sessão de 12 de junho de 1856

«Presidencia do sr. José Maria Grande.

«Presentes, além do sr. Presidente, os vogaes: «Andrade Corvo, Antonio de Lacerda, Brito do «Rio, e Cunha e Menezes.

«Lida a acta da antecedente conferencia, foi ap- «provada sem reclamação.

«O sr. Presidente disse que sendo a ordem do «dia a discussão do parecer ácerca do drama *Ca- «mões*, se ia proceder á leitura do referido pare- «cer, para em seguida ser entregue á discussão.

«Em seguida foi lido pelo Secretario o parecer.

«O sr. Antonio de Lacerda, obtendo a palavra «como membro da commissão, disse que o me- «recimento tanto litterario como dramatico do «drama *Camões* era incontestavel; e tão subido, «quanto era de esperar que o fosse uma produc- «ção do sr. Castilho. Accrescentou que as situações «dramaticas eram tão engenhosas e bem desenvol- «vidas, que a commissão se não atrevêra a preci- «sar os córtes que as exigencias scenicas possam «aconselhar como vantajosos para um melhor re- «sultado do drama, reservando-se para os indicar «na opportuna occasião dos ensaios. Disse mais «que, não só em attenção ao merecimento do dra- «ma, como tambem á consideração e respeito que «tributava ao seu autor, entendia que o referido «drama subisse á scena, e se escolhesse para a sua «primeira representação o dia solemne da trasla-

«dação dos restos mortaes do nosso insigne poeta «Luiz de Camões; porém que exigindo a *mise en «scène* alguma despeza, e devendo ser esta talvez «superior ás forças do cofre do theatro normal, se «pedisse ao Governo um auxilio pecuniario a fim «de se levar a effeito tão patriotico pensamento.

«O sr. Presidente, concordando plenamente com «a opinião expendida pelo sr. Lacerda, accres- «centou que estava convencido de que a des- «peza não seria muito avultada; e ainda quando «o fosse lhe parecia que não era motivo para que «o Conselho hesitasse em empregar todos os seus «esforços sempre que á arte dramatica se pre- «tenda, como neste caso, dar todo o alento e pro- «tecção de que ella carece.

«O sr. Andrade Corvo, abundando nas idéas apre- «sentadas pelos seus collegas, terminou lamen- «tando a sorte pouco favoravel a que entre nós «estão sujeitos os autores dramaticos, especial- «mente aquelles que exclusivamente se dedicam «a este ramo de litteratura; e chamou a attenção «do Conselho sobre tão importante assumpto.

«Não havendo quem pedisse a palavra, o sr. Pre- «sidente mandou novamente ler o parecer, que de- «pois de lido foi entregue á votação, e unanime- «mente approvado.

«Em seguida o sr. Presidente disse que em con- «formidade com a votação que acabava de ter lo- «gar, se dirigiria a Sua Magestade uma consulta; «e não havendo mais objecto algum a tratar, le- «vantou a sessão. E eu Carlos da Cunha e Mene- «zes, Secretario, redigi e assignei.

Consulta

«Senhor: — Ao Conselho Dramatico foi presen-
«te, a fim de ser examinado e avaliado o seu me-
«recimento litterario e dramatico, o drama origi-
«nal *Camões*, de Antonio Feliciano de Castilho.

«Depois de uma leitura reflectida, e de não me-
«nos reflectida e demorada discussão, o Conselho
«reconheceu que o drama *Camões* tinha um ele-
«vadissimo merecimento litterario; e que são tão
«portuguezas as feições que o caracterisam, tão ri-
«cos os pensamentos elevados que o adornam, e
«tão sublimes as situações que o animam, que o
«julgou digno de honrar o nosso theatro, subindo
«á primeira scena portugueza, á do theatro nor-
«mal.

«O drama *Camões*, e o poema *Camões*, são os unicos
«monumentos elevados á sua memoria por dois
«grandes poetas dignos d'elle: Garrett e Castilho;
«e persuadido está o Conselho de que o Governo
«de Vossa Magestade não consentirá que Antonio
«Feliciano de Castilho tenha de pedir esmola, como
«o escravo Antonio, para o seu *Camões*.

«Com a pratica que o Conselho tem dos chama-
«dos effeitos scenicos em Portugal, atreve-se a as-
«segurar que quando mesmo este drama tivesse
«de ser apresentado a um emprezario especulador,
«este não havia de perder o capital que empre-
«gasse para o dar ao publico com toda a pompa.

«Porém este drama não deve ser avaliado sim-
«plesmente como obra d'arte, e muito menos co-
«mo obra de especulação de theatro.

«Um drama que faz resuscitar diante dos por-«tuguezes de hoje a era mais solemne da nossa «historia; que põe em scena a maior gloria da «nossa terra — um simbolo do nosso antigo valor, «e amor da patria; o soldado, poeta e infeliz Ca-«mões — nas armas grande, grande nas lettras, nas «desventuras ainda maior; e finalmente essas duas «columnas d'Hercules dos nossos truncados fastos «— Camões e D. Sebastião; este drama, modelo na «pureza, e propriedade da linguagem, na conve-«niencia do estilo, e no estudo e observação dos «costumes d'aquella época, escripto por um dos «nossos mais famosos escriptores e poetas, é uma «obra verdadeiramente nacional, e que por si mes-«ma excita a curiosidade, e deve prender a at-«tenção, e promover a admiração de espectadores «portuguezes.

«Muito mais se fôr bem interpretado pelos nos-«sos melhores actores, e posto em scena com todo «o esmero, e galas, que exige. Não duvída o Con-«selho de que durante os ensaios se reconheça a «necessidade de fazer alguns córtes, a fim de redu-«zir o drama ás justas e convenientes proporções «de uma producção dramatica, que hoje se destina «para o theatro; porém que na sua origem, como «o declara o seu autor, foi dedicado apenas á lei-«tura de gabinete. O Conselho Dramatico, para «gloria sua e da arte, acompanhará e assistirá á «maior parte dos ensaios, e ahi fará as reducções «que julgar convenientes.

«Mas antes de tudo, o Conselho tem a cumprir «um grande dever para com o Governo de Vossa

«Magestade, e este para com a memoria de Ca-
«mões, e o drama de Antonio Feliciano de Casti-
«lho.

«Não resolveu já o Governo de Vossa Magestade
«fazer a solemne trasladação dos ossos de Camões
«para o jazigo real de S. Vicente? Seja pois esse
«tambem o dia designado para pela primeira vez
«subir á scena o drama no theatro normal.

«Adopte o Governo este drama para comme-
«morar o principe dos poetas portuguezes, na-
«quelle dia, ou noutro qualquer assinalado, or-
«denando e decretando a sua representação an-
«nual, repetida nos dois dias seguintes.

«Compense-se ao menos a falta de um mauso-
«leu, e de uma estatua a Camões, com duas ou
«tres récitas por anno, d'este drama, para que a
«côrte, a alta sociedade, e os espectadores d'entre
«todas as classes, hajam de assistir á solemnidade
«d'esta grandiosa trasladação para a scena, do Ho-
«mero portuguez, reparando assim, com algumas
«lagrimas sequer, os desabrimentos de nossos
«avós para com elle.

«Como porém o drama seja de grande especta-
«culo, ainda que na parte accessoria, e o cofre
«da administração do theatro se não ache suffi-
«cientemente habilitado para fazer face a taes
«despezas, e não o deva em conformidade do de-
«creto de 22 de setembro de 1853, o Conselho
«Dramatico não hesita em implorar, e tem ante-
«cipadamente a certeza de obter da munificen-
«cia de Vossa Magestade que o seu Governo seja
«autorisado a pôr á disposição do Commissario

«Regio junto ao theatro normal, as sommas ne-«cessarias para levar a effeito este pensamento al-«tamente nacional, apresentando previamente o «referido Commissario Regio para tal fim ao Go-«verno, o orçamento de despeza, conforme deter-«mina o regulamento alludido.

«O Conselho julga ter cumprido um dever, res-«peitando o direito incontestavel que assiste ao «autor do drama; e fôra indifferença mal cabida «pelas glorias da nossa scena, senão desprezo in-«qualificavel pelo insigne poeta que a sabe illus-«trar, se assim não procedesse.

«Deus Guarde, Conserve, e Dilate a preciosa vida «de Vossa Magestade.

«Inspecção do theatro de D. Maria II 5 de ju-«lho de 1856.

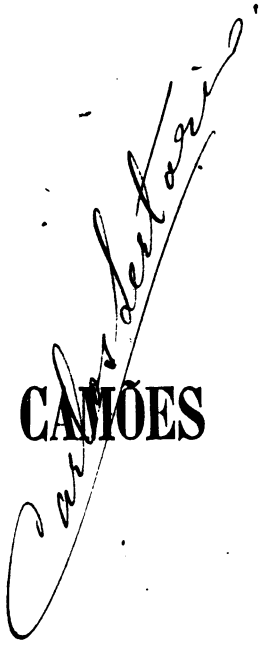
«O Presidente

«*José Maria Grande.*»

Pareceu-me juntar para aqui todas estas noticias e peças documentaes, para que, se porventura al-gum dia um engenho curioso se lembrasse de es-

crever a historia litteraria do nosso theatro, tivesse á mão com que se inteirar de todo o occorrido ácerca de um drama a que o nome do protogonista só per si, á mingoa de qualquer outro merito, communicou uma importancia real e incontestavel.

FIM DO PRIMEIRO TOMO.



CAMÕES

CAMÕES

ESTUDO HISTORICO-POETICO

LIBERRIMAMENTE FUNDADO

Sobre um Drama francez

DOS SENHORES

VICTOR PERROT, E ARMAND DU MESNIL

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

2.ª Edição

Copiosamente accrescentada nas notas

TOMO II

LISBOA

TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

1863

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
485686
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS.
R 1910 L

NOTAS

PARA SE LEREM

ORTOGRAFIA

A d'este livro, a de todos os meus, a de todos os portuguezes, é fortuita, contraditoria; parte racional, parte empirica. De ninguem é culpa esta anarchia; todos a deploram; todos a desejam terminada. Era prazo para se festejar o apparecimento d'um dictador com a missão de pacificar.

Exoriare aliquis..... .....

D'aqui até lá cada qual irá empregando è defendendo o seu systema ou costume, como cada um se regula quanto ás horas pelo seu relogio, ou pelo da torre visinha. Eu, que não escrevo por minha mão, é que não defendo nas minhas paginas coisa alguma d'estas: como as palavras lidas me sôem ao que devem, não me canço a tirar devassas de ii e yy, zz e ss, a cada uma. Mas pergunto: não seria possivel estabelecer em nossa lingua um padrão ortografico por onde todos aferissem o seu escrever? termos uma boa e bem patente meridiana, por onde todos nos

acertassemos? É mais que possivel: é facil, e é facilimo, e de muito pudera já estar realizado.

Era pelos fins do anno 1842: praticavamos sobre este mesmo assumpto o meu amigo José Frederico Pereira Marecos e eu; e o mesmo que lamentâmos aqui, lamentava elle, mas com muito mais razão, pois tinha a seu cargo a Typographia Nacional, de que era administrador, e que traçava levantar ao maior ponto de credito e perfeição, ambicionando, como bom lettrado que era, vir ainda a influir por aquelle estabelecimento notaveis beneficios na litteratura patria. Aventei-lhe eu, que, pois a Academia levantára mão do seu antigo e tão bem estreado empenho de assentar a lingua patria, restava que nós, os amigos das lettras, nos confederassemos com fé e zelo para identico fim; que os desafiasse elle, convidando-os para uma aprazivel conferencia ortografica na manhã de cada domingo; que, depois de lançadas as bases do systema novo, o reduzissem a regras claras e faceis, aferissem e rectificassem por essas regras todos os termos da lingua, e emendados os digerissem num vocabulario, sem definições nem explicações, salvo nos rarissimos casos em que duas palavras de diversa significação, ouvidas, se podessem equivocar: assim, com pouco dispendio de impressão, se offereceria aos que o quizessem, um guia ou manual ortografico com todas as vantagens desejaveis: barateza, que poderia, até deveria o preço não passar de 100 ou 120 réis; modicidade de volume, para se poder levar em qualquer bolso sem

incommodo; credito, por se saber fôra feito com consciencia e sciencia; rapidez de consulta, por vir cada vocabulo descarnado de artigo; e até finalmente agrado, pela harmonia e coherencia. Tanto lhe caiu em graça o arbitrio, que para logo se determinou em o dar á execução, obtendo todavia dos então Ministros e Secretarios d'Estado a promessa (que nenhum d'elles recusou) de mandarem adoptar e seguir nas escritas de suas respectivas repartições e dependencias, o novo vocabulario ortografico. Todos os redactores de folhas periodicas da capital, pelo menos a maioria, e certo a melhoria d'elles, adheriram, como o Governo, á idéa de tão suspirada reformação.

Sob estes auspicios favoraveis se estreou o anno de 1843.

Como esta historia não seja de mera curiosidade, mas sim de proveito, emquanto póde excitar outros animos para o desempenho do projecto, ainda pendente, não se me ha-de estranhar lançal-a eu aqui summariamente.

Eis o que se lia na *Revista Universal Lisbonense* de 19 de janeiro:

«Domingo 15 se reuniram, a rogos do sr. Pereira «Marecos, dignissimo administrador da Imprensa «Nacional, na livraria da mesma, alguns dos litte«ratos distinctos, que se acham empenhados em «regularisar a ortografia portugueza; necessidade «por todos sentida e confessada, e tanto mais ver«gonhosa, quanto é já hoje esta a unica lingua do

«mundo, que a padece. Saimos d'aquella primei-«ra conferencia persuadidos de que emfim este «problema, havido por irresoluvel, poderá che-«gar a desatar-se.

«Assentados os fundamentos da ortografia no «uso, analogia, e etymologia, tratarão os collabo-«radores de ir aferindo cada uma das palavras «do vocabulario pelos principios ou regras ge-«raes, em que houverem concordado, e registan-«do-as, por sua ordem alfabetica, á proporção e «do modo como se forem approvando. Este pe-«queno vocabulario, sem definições, e o mais «completo que fôr possivel, será estampado pela «mesma Imprensa Nacional para uso seu, e de to-«das as outras que desejem adoptar o novo sys-«tema. Alguns redactores de jornaes, e muitos «litteratos (e, dentro em pouco, serão todos os «litteratos e todos os redactores) abraçarão, pro-«vavelmente sem restricções, um methodo, que, «ainda quando em um ou outro ponto discrepe «de suas idéas particulares, tem comtudo a im-«mensa vantagem de nos reunir a todos nesta «parte. É de crer que o Governo não tardará em «contribuir para este fim, ordenando que nas se-«cretarias de Estado e mais repartições suas de-«pendentes se rejam por este novo diccionarinho «como d'antes se governavam pelo Madureira; e «insensivelmente a ortografia portugueza appare-«cerá uma e determinada.»

Do mesmo periodico a 2 de março do mesmo anno:

«Continúa a congregar-se todos os domingos na «bibliotheca da Imprensa Nacional, com a maior «pontualidade e zelo, a sociedade litteraria, que «tomou a peito assentar as suspiradas e tardias «pazes entre os ortografos portuguezes. As confe-«rencias, que nunca duram menos de quatro ho-«ras, vão promettendo excellentes resultados. Por «ora discutem-se as regras geraes e fundamentaes; «assentadas ellas, e revistas de novo, e rectificadas «umas pelas outras, proceder-se-ha á sua applica-«ção a todos os vocabulos da lingua por sua ordem «alfabetica. Nenhum trabalho bem remunerado «foi jámais feito com melhor vontade e maior «affinco do que este, de que nem sequer uma glo-«ríola se póde esperar em recompensa.»

Finalmente extraimos da mesma *Revista* de 16 de março:

«No *Patriota* de 10 do corrente, lemos um ar-«tigo com este mesmo titulo, assinado A. M. da «Silva, no qual (sem que os illustres redactores «d'aquella folha accrescentassem coisa alguma «para correctivo) se combate o nobre empenho «que alguns litteratos se impozeram de assentar «as suspiradas e tardias pazes entre os ortografos «portuguezes. Figura-se ao articulista abomina-«vel audacia nesses litteratos o pretenderem elles «presentar ao publico uma proposição de escri-«tura uniforme, que, se fôr acceita, porá ponto «na vergonhosa anarchia, em que ainda a este

«respeito laborâmos, e provavelmente facilitará, «como em Hespanha, o estudo das primeiras let-«tras. Puderamos responder ao articulista que to-«das as revoluções litterarias são e foram sempre «feitas por sociedades ou individuos, e não por «autoridades governativas, que para taes coisas «não ha nem póde haver; que todos os preceptis-«tas, diccionaristas, grammaticos, e ortografos, ti-«veram sempre o direito de apresentar os seus al-«vitres, como o povo tem o de lh'os acceitar ou «recusar. O Madureira, que por muito tempo foi «nas repartições publicas o legislador do *a b c*, «não valia de certo mais que os 13 collaborado-«res d'este futuro vocabulario, cujos nomes por «sua ordem alfabetica são os seguintes: A. F. de «Castilho—A. Herculano—A. J. Ramalho e Sousa «—A. da Silva Tulio—J. A. Corrêa Leal—J. B. Al-«meida Garrett—J. C. de la Figanière—J. F. Pe-«reira Marecos—J. de Sousa Pinto de Magalhães—«J. S. Mendes Leal Junior—L. A. Rebello da Sil-«va—L. J. Moniz—S. Pinheiro Ferreira, presi-«dente.

«Assim a exhortação que elle faz a seus pios «ôuvintes, para que não acceitem a novidade, é «tão vã, e tão absurda, quanto é ridiculo o seu «fundamento, que é, segundo elle diz, o menos-«preço com que a senhora *Revista Universal Lis-«bonense,* cujo illustre redactor é um dos mem-«bros da referida sociedade, parece tratar a or-«tografia e os ortografos, dizendo que d'esse tra-«balho nem sequer uma gloríola se póde esperar «em recompensa.

«Fracas são as ambições do illustre inimigo da «ortografia, se realmente cuida que de um opus- «culo ortografico innominadamente composto por «13 individuos póde porvir tamanho luzeiro de «celebridade, que a sua decima terça parte seja «ainda bastante para deslumbrar de inveja a «qualquer christão! Mas quando assim fosse, quan- «do se soubesse com evidencia que todos os mem- «bros d'esta junta haviam trabalhado com a mes- «ma intelligencia e fervor, que nenhum havia «sustentado opiniões regeitadas pela maioria, co- «mo queria o articulista que o redactor da *Re- «vista Universal,* que elle mesmo dá por um dos «da conjuração, dissesse: — «D'aqui ha-de-me por- «vir uma fama digna de ser perpetuada em mo- «numentos com estatuas!» — não seria isso abu- «sar tambem dos typos e da paciencia dos leito- «res!

«A sociedade ortografica trabalha com zelo e «assiduidade porque entende que está fazendo «obra, que todos os portuguezes judiciosos, e não «pirrhonicos, hão-de acceitar.

«E tão pouco é avára de tal honra, que de boa- «mente a repartirá com todas as pessoas, littera- «riamente habilitadas, que desejem ajudal-a. Ve- «nha o autor do artigo, e venha quem quizer, «que as portas da livraria da Imprensa Nacional «para isso estão abertas todos os domingos, desde «o meio dia até ás quatro horas da tarde. Se fo- «rem tantos os collaboradores, que não caibam «na casa, far-se-hão as sessões na praça do Rocio, «ou no Terreiro do Paço, para dar gosto ao sr.

«Silva. Teremos comicios ortograficos, teremos a «democracia applicada á grammatica, o que não «deixará de ser curioso, ao menos pela originali-«dade.»

Aqui têem os leitores o como, a despeito de necedades ferrenhas e ingratidões prematuras, se ia teimando na boa diligencia.

Mandado pelo Governo estudar as melhores typographias de Paris e Londres para vir aperfeiçoar (como aperfeiçoou) a Nacional, saiu de Lisboa o administrador e nosso amigo Marecos, secretario que desde o principio fôra das conferencias ortograficas, e seu mui activo excitador. Desde então parou tudo. Quando regressou, havia muito que estava quebrado o fio, não foi possivel tornar-se a atal-o. Para cumulo de miserias os apontamentos do já feito tinham-se perdido. Seis annos mais tem portanto durado esta indecente e repugnantissima anarchia, que bem pudera então haver findado, com grande credito da nossa edade, e proveito ainda maior das patrias lettras.

Desde que introduzi nas escolas de leitura dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel o meu *novo methodo*, a experiencia me tem constantemente provado, o que aliás está dizendo o simples raciocinio: que a peior canceira para mestres e discipulos, e a mais ronceira rémora de progressos, é a arbitrariedade com que umas vezes lettras diversas representam o mesmo va*lor;* outras, as mesmas lettras representam valo-

res differentes. Toda a possivel reducção e simplificação nesta parte, seria passo de gigante para o filantropico *desiderandum* de saberem todos ler.

Oxalá que esta nota, convencendo a quem possa e queira, da summa exequibilidade, dos promptos e prosperos effeitos do alvitre, concorra ao cabo para que elle vingue. Mais propozera eu agora se o ousasse, a fim de precaver cançaços e entibiamentos de vontades, e outras causas de deserção nos collaboradores antes de finda a obra; e era: que por lei se determinasse um subsidio aos litteratos que em tal se houvessem de empregar, os quaes então entendido está que deveram ser escolhidos e nomeados ou pela Academia Real das Sciencias, ou pelo Conselho Superior de Instrucção Publica do Reino, ou mesmo pelo Governo, depois de consultados e ouvidos ambos aquelles respeitaveis corpos. Se algum maligno suppozer que peço nicho para mim, por ter notado que desde o começo andei nesta diligencia, engana-se: quando isso se realizar se porventura se realizar, e por mais cedo que se realize, já eu cá não estarei; da terra do nascimento me atirou a minha estrella passa de dois annos para duzentas leguas mar em fóra; hoje, como se fosse ainda muito perto para desterro, e muito pouco para martirio, vai-me atirar peregrino para duas mil leguas, e para outro mundo, que a final me ha-de comer os ossos; pelo que, o que peço e imploro aqui, não é já para mim, nem movido de *premio vil;* é sim que

apesar de tudo, sempre, até ao fim, e com todas as véras d'alma

A minha terra amei e a minha gente.

Aqui findava a nota na 1.ª edição. Os doze annos cumpridos e accrescentados, que depois decorreram até hoje, ainda não chegaram para se acudir ao mal, sequer com alguma tentativa de remedio, que aproveitaria ou não;

.....*sed quid tentasse nocebat?*

Continúa pois, quanto á escrita, a haver tantas linguas portuguezas, quantos são os que nella escrevem.

O autor considera actualmente, e já de muito, que esta questão é alguma coisa mais que simplesmente litteraria, o que já não seria pouco: entende que nella vão interessadissimos o progresso, a politica, a civilisação de Portugal.

Claras são as razões em que se funda, e eil-as aqui:

Reformada que seja a ortografia em sentido sincera e francamente popular e democratico, isto é: arrancadas e extirpadas do escrever todas quantas difficuldades escusadas lhe têem vindo semeando e multiplicando eruditos, latinistas,

hellinistas, arabisantes, e mais sabios da escritura; achegada, quanto possivel, á recta pronuncia dos vocabulos a sua representação grafica, para logo desapparecem os maiores e mais repugnantes embaraços que tornam, e tornarão ainda por tempo largo, prenda rara e quasi que privilegio entre nós o ler e o escrever.

O ler e o escrever, que foram, que não puderam deixar de ser na origem, extremamente simplices, rigorosos, e como taes facilimos, haverão dado um passo de gigante para os maximos futuros, a que todas as outras coisas do mundo tendem harmonicamente, logo que, reconhecido, como já o é, o errado caminho que têem seguido, ousarem recuar até áquella sua tão formosa e nativa singeleza.

Então o curso completo da escola elementar, applicados os bons methodos ao ensino, ha-de perfazer-se em poucas semanas. Nenhum pretexto imaginavel se opporá mais á frequencia, commoda, attractiva, e fecunda, do ensino primario.

Quando isso fôr, já um systema geral de providencias luminosas e liberaes haverá facilitado o apparecimento e multiplicação de livros e jornaes prestadios, instructivos, moralizadores, sympathicos, e quasi gratuitos, ou gratuitos, para o povo, para o vulgo, para a plebe; e todas estas obras, umas em volumes, outras desfolhadas, caindo serenamente sobre a multidão de dia a dia, como o orvalho criador sobre as plantas sequiosas, serão absorvidas e aproveitadas, uma vez que não desdigam, por vaidosas e desca-

bidas presunções, da simpleza, da exacção, da verdade grafica, aprendida na escola; deixar-se-hão ler, e ler-se-hão com a mesma espontaneidade e gosto com que se conversa; pedirão tão pouco esforço para liberalizarem a todos toda a sua substancia, quão pouco ou nullo é o trabalho com que apprehendemos as visões e os sons, as fragrancias e os sabores, do grande livro de Deus, chamado—A NATUREZA.

A mais humilde choça terá então a sua bibliotheca; os ocios do casal, da officina, do barco, do quartel ou da cadeia, serão deleitosamente occupados por leituras fecundativas para o trabalho, para a moral, para a convivencia.

Imbuido d'estas idéas, verdades quanto a mim incontestaveis, que já muitas vezes por outras partes tenho expendido, propuz na Academia Real das Sciencias de Lisboa no anno de 1852 se nomeasse uma commissão para elaborar as bases de um novo systema ortografico, que não estivesse, como o actual, em manifesta contradicção com o espirito do seculo, que é simplificar, accelerar, e aperfeiçoar; condensar em summa a vida em todos e por todos os modos.

Nomeou-se a commissão.

Discrepancia capital de opiniões entre os vogaes, difficultou logo no principio, e dentro em breve paralisou, até que a final suprimiu de todo, os trabalhos da commissão, dos quaes só tenues e apagados vestigios encontro hoje pelas actas.

Desenganado de que por ali, e assim, não se

alcançava resultado, fiz ainda á mesma sábia corporação nova proposta, mas que não surtiu melhor effeito que a primeira.

Reduzia-se ella a que se mandasse imprimir um volume de prosa, v. gr. os *Evangelhos*, com a ortografia rigorosamente fonica, marcada na dissertação intercalar lançada de pag. 121 a 131 da 2.ª edição do meu *Methodo de leitura*.

Impresso que fosse o livro, instaurar-se-hia no edificio, e sob os auspicios da Academia, uma escola experimental de leitura pelo novo systema ortografico.

Este curso, esperava eu com fé plena e inconcussa que poria em breves dias os alumnos analfabetos a ler e a escrever com promptidão e regularidade.

Logo que se verificasse que assim era, pareciame impossivel que houvesse alguem tão ferrenho nos preconceitos, e tão adverso ao alumiamento das turbas, que votasse contra a acceitação de beneficio tão demonstrado e tão momentoso.

O meu pensamento reservado era este: que muita gente sisuda, e até por especulação, começaria a publicar para os ledores assim iniciados, outras obras com a ortografia porque elles tinham aprendido; e se as escolas publicas, honradamente encaminhadas pela autoridade superior, accedessem ao movimento civilisador dado por aquella primeira, dentro em pouco (a minha simples e santa malicia estava aqui) a maioria dos escritores, com vontade ou sem ella, murmurando ou já sem murmurar, se accom-

modaria a conformar as suas obras com o novo padrão.

Alguns teimariam sem duvida, e póde ser que muitos, na conservação do systema velho: uns, só porque era velho, e se tinham criado com elle; outros, porque lhes cheirava a latim, e a varias outras sabedorias; mas a razão publica havia de fazer nisto por derradeiro, o que já vai fazendo com o tambem formoso e simplicissimo systema metrico decimal.

Como quer que fosse porém, e ainda que nenhum d'estes resultados se chegasse a realizar, entendia eu que a impressão do tal livro com a ortografia fonica e precisa, e o ensinar-se a ler por elle num curso de tentativa, não apresentavam a minima desvantagem de que se podesse fazer objecção, por ser muito certo que os iniciados em poucos dias nesta leitura e escrita nova, podiam depois iniciar-se igualmente, mas já então com maior facilidade, na leitura e escrita velha, nessa leitura e escrita tão arripiadas de difficuldades, e para onde aliás se entra sem nenhuma luz prévia, sem nenhum preparo que attraia a vontade, facilite a comprehensão, e ajude a memoria.

Tambem esta tentativa abortou; e d'então para cá não ousei mais abalançar-me a outra alguma sobre a materia. Fiz como os tripulantes holandezes, que, em se sentindo inferiores á valentia dos temporaes, amarravam o leme, se recolhiam ao porão, fechavam a escotilha, e se entregavam á Providencia. Digo como o meu Ovidio:

Di maris et cœli (quid enim nisi vota supersunt?)
Parcite quassatæ solvere membra ratis.

A mais especiosa objecção que se tem adduzido contra a admissão d'uma ortografia fonica, inequivoca, e invariavel, funda-se em que, pronunciando-se diversamente nas diversas provincias portuguezas d'áquem e d'álem mar, cada um, regulando-se pela pronuncia do seu uso, escreveria segundo a moda peculiar de sua terra, do que resultaria ficar havendo a final muito maior numero de ortografias inconciliaveis do que ao presente.

Respondo: se é para desejar que todo o povo de um estado se harmonize entre si no fallar, o de que ninguem duvidaria, a nossa proposta, executada integralmente, e com todas as circunstancias devidas, tinha, ou tem, de realizar, em mais ou menos tempo, esse socialissimo *desideratum*.

Em poucas palavras: A Academia Real das Sciencias, por exemplo, compunha e publicava o vocabulario portuguez, escrupulosamente ortografado segundo o que ella julgasse melhor pronuncia da gente culta da capital. Mediante esse pequeno, singelo, e baratissimo voluminho, qualquer provinciano ficaria sabendo o como na capital se proferia cada palavra, conseguintemente o como a elle lhe convinha articulal-a e escrevel-a. *Lhe convinha*, repito, pois todos sabem que a tendencia geral dos habitantes da provincia é assumirem, nisto como em tudo, a moda e o exemplo da metropole. A ortografia una traria

por consequencia a pronuncia una; e a pronuncia, ao passo que se fosse identificando por toda a parte, iria reciprocamente conspirando, com energia sempre crescente, para a identificação da escrita.

Abstenho-me de cançar o leitor com os desenvolvimentos praticos e justificativos da materia; supponho-os obvios e palpaveis.

Só ponderarei por conclusão: que o modo incertissimo de escrever, até hoje usado, nenhum influxo, absolutamente nenhum, exerceu, nem podia exercer, para o aperfeiçoamento e uniformação da linguagem, em razão de andarem ahi em quasi completo divorcio o escrever e o fallar.

O que se lança ao papel é quasi sempre uma especie de *caput mortuum* latino, estranho de todo o ponto ao fallar corrente. Leva-se por guia unico um fabuloso Caronte decrepito, e ás vezes tonto, dos vocabulos defuntos, chamado diccionarista, que voga cabeceando sobre um Lethes barrento, para um paiz de sombras vãs, alheias ao mundo dos viventes.

O systema que propomos tem por base a realidade, por essencia a vida, por norte a civilisação.

Se porém soubessemos ao certo que esta revo*lução tão* mal augurada, e com tão avessos fados

commettida até hoje, havia fatalmente de parar em lettra morta, trocariamos o nosso rogo noutro bem diverso, e mesmo contrario em grande parte:

Pediriamos que, não se querendo por modo algum escrever como se falla, e fallar como se escreve, ao menos se acudisse á anarchia grafica por meio de um codigo de preceitos, fundamentados em principios fixos, e acompanhado do competente vocabulario; e para base d'essa obra, de aliás dificilima execução, e de inevitavel estranheza, se adoptasse o mui notavel e conscienciosissimo opusculo já de muito apaesentado á Academia Real das Sciencias de Lisboa, com o titulo de — *Orthographia portugueza e missão dos livros elementares, correspondencia official relativa ao Iris Classico, publicada por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha* — 2.ª *edição correcta e augmentada.*

Um systema grafico tão inflexivelmente etymologico e erudito como é o que no citado livro se propõe, seria na verdade um grandissimo estorvo ao aprendisado do ler e do escrever; mas ao menos poderia acabar com a vergonha de escrevermos cada um por seu systema particular, e as mais das vezes ao acaso.

Se ainda se não quer attender á questão altamente social e humanitaria da instrucção elementar de todo o povo, se a hora da filosofia séria ainda não bateu, seja sequer tomada em alguma conta ess'outra questão de decencia litteraria, questão que tambem, lá a seu modo, é nacional.

PONTUAÇAO

É a pontuação parte mui capital da ortografia, e corre ainda mais sem regra, que a propria escrita dos vocabulos. Quantos os escritores, tantos os systemas de pontuação; não digo tudo: o mesmo escritor, em dias diversos, e até no mesmo dia, na mesma hora, e na mesma pagina, e recopiando o mesmo periodo, pontuará diversamente. D'aqui, e de se não darem, nem poderem dar, nas escolas boas regras, e boa pratica de recitar, provém que a pontuação, para a quasi totalidade dos ledores, é lettra morta. Muito é logo para desejar, persuadir, e requerer, que outro tanto, como para a correcção grafica das palavras já pedi, se haja não menos de fazer em beneficio d'este indispensavel complemento da escritura. Ousarei até accrescentar, que esta segunda reformação, quando bem feita, promette e afiança vantagens de maior momento: *Rosa* ou *roza*, *homem* ou *omem*, *Nympha* ou *Ninfa*, não offerecem em realidade mais que uma questiúncula filologica; ahi, o som, e o valor real, como quer que se escreva, são sempre os mesmos. Não assim a pontuação: nesta, vai interessada a logica, e a eloquencia ou poetica; isto é, a razão, e os affectos. Eis o porque me pareceu consagrar aqui algumas linhas a este *assumpto*.

Attribue Cicero a origem da pontuação á necessidade de se tomar o folego: se d'essa razão fisica procedeu, outra houve para se ella adoptar e seguir, e foi a dialectica; porque as pausas e compartimentos dos periodos, para alguma coisa mais alta e importante servem, que para nos deixarem respirar; circunscrevem os conceitos, determinam as suas relações, e conseguintemente alumiam e dissolvem perplexidades a cada passo. Os mesmos vocabulos, e postos pela mesma ordem, em carecendo de pontuação, podem exprimir conceitos, não só diversos, senão oppostos, segundo o engenho, as opiniões, os interesses, ou a ignorancia do leitor ou dos ouvintes. Importava logo, que de todos esses sentidos possiveis, o autor, pela addição de certos sinaes, designasse qual era o seu.

Das obras de Heráclito, dizia Aristóteles, que se não atrevia a pontual-as, com medo de levantar testemunhos ao autor. Que seria, onde de Heráclito não fosse o escrito, nem o interprete um Aristóteles?

De Cicero até nós, todos os grammaticos em geral, têem considerado a pontuação como uma necessidade fisica dos pulmões, e uma necessidade intellectual; noutros termos: como uma commodidade, e uma clareza. Entretanto, a pontuação póde ter, tem já, e deve ter ainda mais, terceira serventia; a saber: exprimir *intenção artistica*.

A linguagem fallada foi um effeito necessario da faculdade discursiva, e da tendencia social,

providencialmente posta na alma humana desde todo o principio.

Da linguagem fallada nasceu a escritura; esse invento dos inventos, não menos admiravel que a propria linguagem; essa apotheóse e eternização das idéas mais subtis e fugitivas; essa memoria do genero humano, que nada esquece; essa, se bem se pondéra, semi-prova da immortalidade do nosso espirito. Pelo facto de fallar e escrever, o homem se achou investido na realeza do Universo: o presente, ficou sendo seu dominio pela associação; o passado e o futuro, pelas lettras, que em si contêem a historia, as crenças, as legislações, e as sciencias todas.

Que immensa conquista! e que serie de portentos! A idéa, tornada palavra! saida do seio da alma como um passaro inesperado do escuro d'um bosque, viva, córáda, sonora, rapida, volante, e com a maravilhosa propriedade de poder entrar por ouvidos em milhares de almas ao mesmo tempo, para as fecundar! depois, a palavra, corporificação aérea da idéa, tão fugaz por sua natureza como o sopro, e fadada a expirar apenas nascida, ambiciona duração indefinida, e corporifica-se para os olhos! Duas encarnações do verbo humano! Nesta parte parece que toda a ambição possivel se achava satisfeita, e não havia mais que pedir ao genio: mas não era assim. A idéa, traduzindo-se na palavra fallada, tinha necessitado de criar para a mesma palavra uma escala de tons de affectos, sem os quaes só seria re*tratada* em mortecor; assim tambem a palavra fal-

lada pedia á escritura a reproduzisse, quanto possivel, com a sua vivacidade natural, com as suas cores privativas, com a sua vehemencia ou desanimação, com a sua rapidez ou quebras, com as suas iras, com os seus amores, com as suas melancolias, com as suas indecisões, com tudo quanto, por ser seu, era parte constitutiva d'ella mesma. Coisa inexplicavel! esta obra d'arte, que tão facil devia parecer á vista das duas precedentes criações, acha-se apenas encetada!

A pontuação, que entre os antigos, e por larguissimos seculos, quasi até aos nossos dias, só serviu para os repousos da voz, como nos jardins e parques espaçosos os pequenos assentos ao longo das alamedas, e nos largos e clareiras os relvados e os canapés, a pontuação, digo, reconheceu-se que tinha de fazer mais algum beneficio do que esse, e o que d'esse procedia: o aclarar as frases. Pediu-se-lhe a expressão, a phisionomia, o caracter, o calor, o movimento das idéas: ao menos das principaes. Á virgula, ponto e virgula, dois pontos, e ponto, que só representavam pausas mais ou menos dilatadas, (como o ponto dos antigos, collocado no alto, no meio, ou no baixo da linha) accresceu a interrogação, a admiração, e a reticencia: isto é, para tres dos innumeraveis movimentos do discurso, assinaram-se notas significativas; mas os outros (contradicção inexplicavel!) permaneceram sem indicador; continuaram por isso a laborar no vago, sendo forçoso a quem lesse, adivinhar, ou conjecturar, ás vezes mais de metade da intenção do autor,

quando este em notas, ou digressões tediosas lh'a não explicasse. D'ahi, essa arrastada bagagem de advertencias, que deturpam as paginas dos dramas, e que deturpariam até as dos sermões, se elles se imprimissem para serem no pulpito reproduzidos por oradores. D'ahi tambem, o escaço recurso, de que modernamente se começam a valer, de misturar a interrogação com a admiração, a admiração ou a interrogação com a reticencia, etc. D'ahi, o haver-se forçado o pobre ponto exclamativo a expressar, ora a ironia, ora o terror, ora a compaixão, ora o enthusiasmo: o ponto de admiração, é nos caixotins do typographo, o que é no bahú dos comicos ambulantes a safada capa do rei, que nos apertos lá vai supprir toga romana, samarra de ermitão, ou manto de viuva envergonhada; val tudo; que é o modo de nada valer. D'ahi finalmente, o costume, que descobri em alguns dos nossos actores mais habeis, (e que certamente lhes foi inspirado pela necessidade) de marcarem, cada um com sinaes só por elle entendidos, certos pormenores da recitação, ao passo que o autor, ou ensaiador lh'os vai explicando. Num exemplar de Racine, que fôra do uso de Talma, pessoa instruida que o viu, me contou ser tal, e tão insolita a pontuação que o grande mestre havia posto de seu punho nos papeis que representára, que, por falta da chave do segredo, se tornava inconprehensivel; mas nem por isso deixava de comprovar, por sentença de tão competente juiz, a *in*sufficiencia do systema usitado.

Quem ha hi que, tendo já composto algum trecho d'estilo apaixonado, não sentisse com desespero esta verdade, e se não désse a pêrros por não atinar como se exprimiria? não entrevisse a possibilidade de um additamento a esta linguagem da linguagem, e o não chamasse com todos os seus votos?

Discursemos sisudamente:

Se o mal existe, e não é pequeno; se lhe sabemos a natureza, e por conseguinte o remedio; se este, nem é perigoso, nem repugnante, nem caro, nem comprado, porque o não manipularemos, e tomaremos logo, e já?

No prologo á minha *Traducção das Metamorphoses d'Ovidio*, pag. XX e seguintes, apresentei como proposição o systema de pontuação que nesse livro seguia, e que mais ou menos tenho depois seguido em outros meus; a saber? de córtes mui miudos; mais claro, por muito analytico; mas constando unicamente ainda dos sinaes já recebidos. Agora, para completar essa proposição, offereço aos que houverem de tratar da regeneração da ortografia, o alvitre de se criarem afoita e liberalmente novos sinaes.

O processo para esta obra importante, seria começar por um estudo filosofico da alma humana quanto ao sentir e ao querer; passar d'ahi á classificação dos affectos e paixões, o *èthico* e o *pathetico*, segundo a expressão das escolas, caracterisando-os, e distinguindo-os com a possivel exacção; e concluir, dando a cada paixão e a cada affecto um pequeno symbolo facil d'explicar, e

facilimo de representar com o bico da penna. Na minha *Cartilha de Leitura*, approvada pelo Conselho Superior d'Instrucção Publica, procurei eu mnemonisar pelos olhos e pelo discurso a virgula, o ponto e virgula, os dois pontos, o ponto, a interrogação, a admiração, a reticencia, o parenthesis, a apostrofe, o asterisco, etc., e a experiencia tem mostrado que por esse methodo toda a difficuldade de comprehender, reter, e applicar a pontuação, desapparece. O que assim se fez para os sinaes recebidos, cujas figuras haviam sido, sem duvida, tomadas em seu principio caprichosamente, quanto melhor se não poderá fazer nos sinaes criados com reflexão, e por espiritos analyticos? Defenda-me Deus da fatuidade de lhes querer marcar itinerarios; entretanto, para melhor dar a entender o meu pensamento, embora hajam de rir os que riem de quanto lhes parece novo, proporei dois ou tres exemplos: o tom mavioso não caberia symbolisar-se com um ponto á feição de coração? o imperioso, com um arremedo de sceptro? o irado, com uma seta? o meditabundo, com um dedo para o ar? etc. etc. etc. Com estas indicações, não se cuide que peço obras de desenho; não; para o manuscrito, qualquer longe ou arremedo nos bastava; a typographia, essa que pozesse embora maior primor.

¿Não tem ella chegado já com os seus progressos a alguma coisa parallela a esta, porém menos necessaria, e mais difficil? fallo das chamadas *illustrações*, das pequenas gravuras interca-

ladas no texto, e em que as idéas dos vocabulos se estão, porque assim o digamos, com complacencia remirando; fallo das *lettras capitaes ornamentadas* e escolhidas; fallo das *vinhetas*, e *fundos-de-lampadas*, adequados.

Uma objecção estou eu já antevendo, que é a difficuldade de completar um systema e regimento de sinaes para todos os tons e semi-tons da recitação, e depois de inventados, o custo de os decorar.

Á primeira parte respondo que, ainda que se não inventára senão metade, senão o terço, senão o dizimo dos sinaes de que se carece, já esse ficava sendo no cabedal artistico de quem escreve, um bom augmento. Por se não poder conseguir o optimo, não se ha-de desprezar o bom. Dae-nos dois, ou tres pontos novos, e de grande prestimo; quando esses forem correntes, virão outros, e outros, até se vingar á perfeição. É assim que a lira, a principio de tres cordas, depois de quatro, depois de cinco, chegou até vinte; e nem por isso, quando a viu plena, a historia da musica riscou o nome do seu primeiro inventor, ou os dos seus successivos ampliadores.

A segunda parte da objecção, já com a resposta d'esta esmoreceu; mas, para que de todo se desvaneça, repito o que ha pouco disse: que os sinaes que eu peço, sendo mnemonisados para os olhos, e para o discurso, num relance se decoram. Quanto á confusão que alguem imaginaria haver na multiplicidade dos pontos para se ler com rapidez, observarei que a leitura com-

mum se faz sem hesitações, e com a velocidade do relampago, mas contém em si, sommando o alfabeto maiusculo e o minusculo, os algarismos, a pontuação, e mais sinaes graficos, para cima de setenta figuras mui diversas. ¿A musica não tem porventura ainda muito maior copia de sinaes e combinações? e entretanto, não ha muito quem a decifre correntemente, e não a lêem ahi a cada canto pessoas sem talento nem estudos, e só pelo vezo de a correrem? certissimamente.

Ora a propria musica podia subministrar á leitura, se me não engano, alguns dos seus sinaes já conhecidos; assim como a leitura nova lhe podia subministrar a ella com que supprir por um só traço cada uma das advertencias que os seus compositores são ainda hoje forçados de escrever estendidamente, como: o *piano*, o *forte*, o *luzingando*, *con expressione*, o *sforzando*, o *maestoso*, o *andante*, o *andantino*, o *marziale*, etc. Em realidade, os pontos do contacto, ou semi-contacto, entre declamação e musica, são mais do que aos desatentos, e á primeira vista poderia parecer. A não haver entre ellas relações intimas, o canto nada expressaria; e entre diversos cantos feitos para a mesma lettra, não sentiriamos nuns mais propriedade, noutros menos, noutros nenhuma. A declamação dos antigos, que era mais exagerada do que a nossa, chegava até a ser regrada por sinaes musicos; pois que de oradores romanos sabemos que tinham um flautista para lhes ir encaminhando as variações da voz. Esse excesso não o ha hoje; mas para os

que lêem e recitam com perfeição, ha, e ha-de sempre haver, escalas de sons sujeitas a uma certa arte, como já adverti na tentativa que fiz sobre a maneira de recitar, no meu *Tratado de Versificação*.

Ha nas typographias regulares uns trinta sinaes por onde os revedores de provas e os compositores se entendem entre si para as emendas. Cada um d'estes sinaes, com serem bem singelos, cifra uma recommendação, ou ordem, que, a se escrever por extenso, levaria linhas, e ficaria menos clara. A significação de taes sinaes é rigorosa; a sua leitura, instantanea. Alguns poderiam tambem transferir-se para a pontuação nova, ou taes quaes, ou imitados.

Resumamos: A escrita, sendo feita para a leitura, e varios generos de escrita para a leitura em voz alta, deve ser acompanhada de sinaes, que do modo mais rapido e exacto determinem os pensamentos e os affectos, que o autor quiz transmittir. Os sinaes que hoje se costumam, uns indicando pausas, outros, affectos e paixões, são insufficientes; d'esta segunda especie principalmente, muitos se devem inventar. Os escritores, começando pelos poetas, nomeadamente pelos dramaticos, adoptarão com alvoroço a novidade.

Formulemos a nossa receita. Uma junta de peritos reune-se a estudar e ventilar as questões de pontuação; supponhamos na Bibliotheca Publica da Côrte, ou na da Typographia Nacional. Trabalham com as portas abertas, permittindo a

quem quer que fôr o coadjuval-os com observações e conselhos, quer verbalmente, quer por escrito; redigem a sua theoria o mais clara e sobriamente que possam, com todos os sinaes bem designados; ajuntam a isto um pequeno corpo de exemplos bem escolhidos, em que todos os ditos sinaes se achem empregados mais de uma vez; a Typographia Nacional manda fazer na sua fundição todos esses sinaes novos para todos os diversos abecedarios que possue, e de que vende para as outras imprensas. Cada livro que se imprimir d'ahi ávante, levará no principio em uma ou duas paginas, a explicação dos sinaes, se o autor se houver querido servir d'elles, como é evidente que todos quererão. D'esta sorte os leitores em pouco tempo se haverão, como os autores, familiarizado com a novidade; os autores folgarão, vendo que produzem mais effeito com menos trabalho; os leitores em cada pagina bem feita descobrirão cardumes de bellezas, que até hoje lhes têem sempre estado occultas.

Para mais efficacia se havia de recommendar muito recommendadamente que se fizesse a respeito de cada um d'esses pontos novos, o que já, á imitação dos castelhanos, vamos praticando com a interrogação e a admiração; a saber: pôl-os duas vezes: uma, direitamente, no fim da respectiva frase; outra, no começo d'ella, e revirado, para prevenção e advertencia.

Quintiliano no liv. 1.º cap. 8.º, depois de haver tratado da ortografia, accrescenta:—«Resta

«a leitura: consistirá esta em se ensinar aos prin-«cipiantes onde hão-de suspender a respiração, «onde pausar o verso, onde cerrar o sentido, «d'onde começar, quando se ha-de alevantar ou «abaixar a voz, o que importa se diga com in-«flexão, o que mais lenta, o que mais rapida-«mente, o que com mais impeto, o que com mais «brandura; coisas todas que só á vista da pro-«pria obra, que têem diante dos olhos, se lhes «poderão explicar. Quanto á leitura — ajunta elle — «a um só preceito me reduzo: quem pretender «conseguir tudo isto, trate de bem entender para «si o que ler.» —

O que a tão grande mestre acabâmos de ouvir, é a mais cabal apologia que da minha proposição se podia fazer. Pelo systema velho, cada um antes de ler alto havia de estudar o escrito, e ainda então o leria conforme o seu muito, pouco, ou nullo entendimento; pelo systema novo, até os de entendimento nullo hão-de ler de repente bem, isto é, hão-de expressar, quanto nelles caiba, os pensamentos e affectos do proprio autor.

Depois do que deixo dissertado, medo tenho de que de toda a parte caiam juizos severos sobre este pobre livro, a fazer nelle autopsia de pontuação, e achando-a em partes defeituosa, procurem por ahi desautorisar o bom conselho. Pudera já d'antemão reconvir-lhes com o sabido rifão do — «Fazei o que elle diz, não façais o que elle faz.» — Mas outra melhor resalva supplico eu se me receba: quem por sua mão não escreve, nem com os proprios olhos revê provas, por mais

escrupulo e paciencia com que se ponha a dictar virgulas e pontos, sempre por derradeiro deixa sair muita coisa, que elle mesmo, se as relesse, não entenderia.

Nam neque chorda sonum reddit, quem vult manus et mens.

LINGUAGEM

Em obra que levava por titulo *Camões*, não era só direito, senão dever rigoroso, apresentar a linguagem patria com aceio, galas e joias de mui rica. Se o não consegui eu quanto era absolutamente possivel (e não consegui) até onde o podiam consentir as leis do genero, diligenciei-o atrevidamente. *As leis do genero*, repito, porque no drama, que é fórma litteraria essencialmente popular, não póde a linguagem dispensar-se de ser tão clara, que doutos e indoutos a desfrutem. Seria para rir querer um autor que houvesse o *Vocabulario* de Bluteau em cada camarote, e em cima de cada par de joelhos na platéa os dois volumes do Moraes, para chave do que se ouvisse. Os espectadores prefeririam levar a do quarto ou da gaveta para assoviarem. É coisa de primeira intuição. Chega a tanto este jus do povo, e a correlata obrigação dos poetas, que egypcios, gregos, romanos, chins, inglezes, alemães, e qualquer genero de gentes, quando

no mesmo tablado se representam, têem de fallar uns como os outros, e todos como os ouvintes.

Um drama *Camões* porém, em terra de Portugal, tinha por primeira de todas as obrigações retratar, até o ponto de reconhecivel, quando não fosse com fidelidade extrema, a linguagem do seculo e da pessoa mesma do protogonista. Um Camões que nos viesse fallando como qualquer fumante do botequim do Marrare, ou vertedor de novellas francezas, ou mesmo limpamente, mas sem tal qual esmero, seria tudo quanto quizessem, menos Camões. O soldado, o aventureiro, o poeta, o namorado, e o atribulado, não são mais caracteristicas e essenciaes feições do nosso bom Luiz, do que o amante da patria, e o classico em seu idioma; dois louvores, que em ultima analyse se reduzem a um só.

Se não podemos imaginar um Camões sem valor, nem sem magoas amorosas, nem sem trabalhos e pobreza, menos ainda o poderiamos conceber que não fosse idolatra do portuguez, por ser um donoso fallar, e por ser o fallar da sua terra. ¿Ora, sob pena de infinito ridiculo, como podiam as mais figuras que houvessem de entrar com esta em acção, exprimir-se á moderna, quando a que lhes servia de centro, e de alguma sorte caracterisava o seu seculo, por necessidade se exprimia á antiga? Todo o ponto estava pois em que elle e seus contemporaneos, servindo-se de vocabulos e construcções que nos trouxessem uma illusão de ancianidade, por tal arte discur-

sassem, que nem o espectador menos versad em lettras e archeologias ficasse em jejum. O qu aos indoutos desapraz na linguagem velha, nã é tanto a estranheza, como a escuridade; se idéa brilha clara e inteira atravez da frase desu sada, uma vez que esta não seja por outros mo tivos reprehensivel, póde ir sem medo de de prazer, e até póde ser que agradará mais; po lisongeará o amor proprio do ouvinte incult que sem interprete, per si só, a decifrou.

A isto se reduz a questão: ¿rescende a lingua gem do drama a antiga? e é ao mesmo temp corrente e perspicua? se respondeis que sim, fe no alvo a que tirava.

Não obstante que desde a primeira linha en tendi sempre que trabalhava mais para estudio sos e poetas no retiro e silencio de suas livr rias, que para turbas populares em platéas, nunc d'estas comtudo me esqueci tanto, que não de cotasse muito do dizer antigo, que naturalmen se me vinha offerecendo, e com o que as pers nagens e a éra poderam sair muito mais genu nas. E quando não, pergunto se as comedias d Jorge Ferreira, de Antonio Ferreira, de Sá M randa, de Antonio Prestes, de Simão Machad ou as do proprio Camões, não são de linguage muito mais enleada, perplexa e espinhosa, qu todas quantas paginas aqui lestes?

Por aqui cérro, e entrego ao juizo e sentenç final competentes, uma defensa, com que me pa receu munir o livro.

Quanto a linguagem em geral, alguma cois

pratica porei tambem para remate d'esta nota (que já por isso mui de industria lhes puz por titulo *para serem lidas*). Uma vez que passei da edade em que se devaneam fabulas apaixonadas e egoistas, para esta, em que o nosso principal egoismo consiste em dar conselhos, terceiro alvitre, e terceiro requerimento a bem das lettras será esta minha terceira nota.

Não é para aqui amplificar excellencias da lingua portugueza; assaz e de sobra o tenho feito ha annos, e o tinham feito antes de mim outros melhores do que eu. É uma lingua bella; é uma lingua rica; é uma lingua para tudo; quem o desconhece? por tudo isto, e por que é nossa, e por que é, como todas, susceptivel de ainda maior lustre, devemos amal-a, servil-a, defendel-a de desacatos, restituil-a ao seu throno, alteando-lh'o, e redoirando-lh'o, e nelle mantel-a senhoril, como as mais soberbas, em vez de se andar á esmola, pintalgada de farrapos estrangeiros, e caindo de debilidade. A imprensa livre, isto é, a imprensa depois da invasão dos barbaros, se tem feito á sociedade alguns beneficios, para a nossa vernaculidade não se póde escurecer que tem sido, e está sendo, uma verdadeira machina infernal.

A lingua de Camões, qual hoje a vês,
com pouca corrupção crês que é francez.

Para esse mal não se aventa remedio. Mas ha, além da imprensa, outras duas vertentes de impureza, ambas copiosas, ambas permanentes e

toleradas; e que ambas se podiam vedar sem grande custo: uma, é o theatro; outra, as escolas publicas. Em quanto a imprensa actúa principalmente sobre os que sabem ler e lêem, o theatro mascavado contamina o povo inculto, classe que, á mingoa de outros meritos, teve sempre em toda a parte o de ir conservando a tradição do bom fallar, sendo na plebe que um escritor desconsolado de parlamentos e jornaes póde ir retemperar-se, como na conversação caseira das mulheres o fazia Cicero. As escolas, com os livros desleixadamente escritos, com um quarto de portuguez, um de francez, e dois de *algaravia*, corrompem e assolam todo o gosto do bom dizer; desde a nascença matam nas almas infantis esta parte grande da nacionalidade. Para os theatros ha um tribunal: o Conservatorio; para as escolas outro: o Conselho Superior d'Instrucção Publica. O Conservatorio, que não autorize a representação de dramas, como quasi sempre se nos dão, em que a frase só a entenderá toda, quem pelo francez a fôr mentalmente substituindo; o Conselho Superior, não permitta no ensino obras de fancaria litteraria, como por ahi correm, não só desprimorosas, senão inçadas de atrozes solecismos. Veneno na fonte da instrucção primaria, é crime para que não ha nome. O gallicismo bruto em boca plebéa faz dó; mas entre os labios de rosa de um innocentinho, espanta e horroriza quasi tanto como a obscenidade.

—«Quer estilo affonsinho nas comedias, cartilhas,

e cathecismos!!»—arrotará com sorriso glorioso algum tarelo. Não: desejo e peço que os escritos dramaticos sejam, ao menos, limpos; o contrario é insultar o povo, ainda que elle o não sinta; e os opusculos para uso da infancia, desejo e peço que, além de limpos, sejam ricos, não de vocabulos obsoletos e condemnados, mas de termos proprios, variados com acerto, de frases classicas intelligiveis, de mil chistes graciosos, que são nossos exclusivos, de inversões feitas com arte e gosto, sem as quaes, nem a frase póde ter *numero*, nem o estilo ser artistico, etc. etc. etc.

Mas tronquemos por aqui a nota, que o labyrintho por onde me ia mettendo é espinhoso, e poderiam matar-me lá dentro alguns emboscados.

Até aqui rezava a nota na 1.ª edição. Hoje, doze annos após, nada se tem ainda feito por parte dos superintendentes publicos para a cura do theatro, ou das escolas, em relação á vernaculidade. Todavia não se ha-de escurecer que, de envolta com os muitos escritores, e alguns de merito, que por ahi se obstinam em derrotar a lingua, varios se apontam que ainda crêem nella, e a servem com efficacia. Não farei rol de nomes, como desejára, para lhes tributar louvor e agradecimento, por me ter ensinado a experiencia o

perigo em que se incorre, sem nenhum proveito, quando se offertam corôas a quem as merece. Citarei um só nome, que, pela grande altura a que tem subido, me parece não poder já suscitar opposições, duvidas, ou contraditas: é o do sr. Camillo Castello Branco.

Este escritor, o primeiro e mais fecundo dos nossos romancistas, e, felizmente, o mais popular de todos elles, é (de certo me permittem dizel-o) o que mais real e inçontestavelmente vai levantando com o seu admiravel engenho um dique, não sei se tardío se não (oxalá que o não seja) á torrente invasora e fatal do estrangeirismo no fallar; é o Filinto dos nossos dias, mas um Filinto expurgado de archaismos barbaros, de latinismos descabidos, de hyperbatos escuros e repugnantes; um Filinto de gosto apurado; um Filinto de todo o ponto acceitavel para modelo. Não copía os chamados classicos alto e malo; estuda-os com discernimento e crítica, para colhêr, como Virgilio em Ennio, o oiro de lei e as perolas finas, que por entre aquelles despejos se encontram em abundancia; e com essas preciosidades vai tauxiando os seus escritos, os quaes, por fortuna, se lêem e se relêem.

As obras dos classicos não são a sua unica mina, nem porventura a mais copiosa: o sr. Camillo explora igualmente o fallar vivo do povo, e em particular o do povo provinciano; grandes repositorios de nativos dizeres gentilissimos, desconhecidos, desprezados, escarnecidos talvez, d'estes melindrosos e enfastiados que só se querem com

as conversações dos theatros e praças das grandes cidades.

Bem haja elle, e bem hajam os dois ou tres que assim como elle ainda não descreram de todo da lingua da sua terra.

TRATAMENTOS

Na *Revista Universal Lisbonense*, a 16 de março de 1843, lançava eu o seguinte:

«A mulher de um escrivão provinciano,—segun-«do refere na *Revolução de Setembro* um de seus «correspondentes,—tinha posse antiga, pacifica, e «não interrompida, do tratamento de *dom; dom* «illegitimo na verdade, como tantos; e, como to-«dos, innocente por sua completissima insignifican-«cia. Como aquelles que á força de repetirem uma «pêta que inventaram, chegam a final a persua-«dir-se d'ella, desfrutava a boa mulher o seu «*dom* com a mais plena boa fé, e *dona* se assi-«nou com seu marido num requerimento para «uma acção de força contra outro escrivão da «mesma terra,—intentada não sabemos porquê; «—sabia-o porém o adversario: e para obstar ao «andamento do processo com uma boa sobre-roda «logo no principio d'elle, se lhe oppoz com uma ex-«cepção, argumentando, não contra o *Diz*, nem «contra o nome, mas simplesmente contra o D,

«que o precedia, ao qual se arremessou armado «como um philisteu com a ordenação do liv. 5.°, «tit. 92, § 7.°, e as leis de 3 de janeiro de 1611, e «9 dito de 1739.

«Contra uma fraca dama, ó carniceiros,
«ferozes vos mostrais e cavalleiros!

«Triunfou. — O juiz recebeu a excepção: con- «demnou a dama a passar sem *dom* o resto da «vida: riscam-lhe o *dom* dos autos, que mais se «não possa ler. — Requereu a despojada na maior «consternação allegando com a posse e uso; e as «anachronicas entranhas de ferro do magistrado «permaneceram inabalaveis.

«O narrador do feito desenrola diante das lei- «toras este sudario, para as exhortar a não quere- «rem tratamento que pelas ordenações e leis do «reino lhes não compita: — é o mesmo que ensi- «nar fabulas de La Fontaine a meninos. Mas fal- «lando sinceramente, não vemos no moralizador «razão alguma de tomo para tal empenho. Que «mal fazem hoje o *dom*, a *senhoria*, a *excellencia*, «e todas as mais distincções de igual jaez? Ne- «nhum: nem sequer já são ridiculas; — quando «palavras e fitas se guardavam para recompensas «de serviços, havia razão nessas pragmaticas; mas «hoje!... — antes nos parece que se chegasse- «mos como quer que fosse a uniformar os trata- «mentos, a usarmos todos indistinctamente do «*dom* e da *excellencia*, como já usámos do *vós* e «como os antigos usaram do *tu*, os autores de no-

«vellas e os de theatro ganhariam nessa innova-«ção uma grandissima facilidade para bem es-«crever:

«*Vossa excellencia e vossa senhoria*
«juraram nunca entrar na alta poesia,

«— diz o nosso bom Filinto; e diz verdade; mas «d'onde provém isso? Da não generalidade. Quan-«do safadas pelo uso, *senhorias* e *excellencias* ou «forem para todos sem excepção, ou por inuteis «cederem a vez — não dizemos ao *vossa mercê*, mas «simplesmente ao *vós*, a esse patriarcha d'onde se «deriva o *vossa* que se intrometteu com a *mercê*, «e que ainda agora se intromette com a *senhoria*, «com a *excellencia*, com a *alteza*, com a *magesta-«de*, com a *eminencia*, e com a *santidade*; — quan-«do nisso, que é sensato, imitarmos não só a «nossos maiores, mas a toda essa França polidissi-«ma, á Inglaterra, e tanta parte da Europa, te-«remos ganho muitissimo para a eloquencia e para «a litteratura, e tambem para a liberdade, e mui-«tissimo mais para a civilisação.»

Na mesma *Revista*, a 20 de abril do mesmo anno, em carta que me dirigia o meu excellente amigo e poeta Mendes Leal, como introducção ao seu formoso romancinho *Flor do Mar*, lia-se este paragrafo:

«Não posso porém esquivar-me a memorar «uma difficuldade, que bem que á primeira vis-

«ta pareça minima, nem por isso a julgo me-
«nos importante e embaraçosa: fallo dos trata-
«mentos.

«Usâmos nós o tratamento de terceira pessoa
«em vez do de segunda, do *vós* e *tu* tão nobre e
«tão constantemente seguido por quasi todas, se-
«não todas as de mais nações. Já tivemos esse
«tambem. Quem nos trouxe este, não o sei eu.
«Ou fosse porém uma degradação na lingua, ou
«fosse a furia civilisadora, o certo é que com elle
«temos de lutar. E não se estranhe a palavra *lu-*
«*tar* de que uso, porque entalado entre a neces-
«sidade de acceitar as praticas contemporaneas,
«para ser verdadeiro, e a necessidade de conser-
«var a dignidade a que tal pratica evidentemente
«se oppõe, para ser conveniente e nobre, as dili-
«gencias do que tentar satisfazer ambas estas im-
«perativas necessidades tornam-se uma verdadeira
«e muito séria luta.

«E neste caso me acho eu. Não presumo de lo-
«grar a victoria; mas protesto que me hei-de aven-
«turar á peleja, não sem me acovardar a consi-
«deração de quanto é preciso nobilitar os affectos,
«de quanto cumpre elevar e engrandecer a acção
«e os caracteres, de quanto esforço e apuro se
«carece para alcançar, não já proxima, mas ain-
«da remotamente, o fim desejado!

«Algumas vezes, sr. redactor, nas nossas bre-
«ves, e para mim amenissimas horas de placida
«conversação nos hemos entretido neste assum-
«pto; e nessas praticas que v. sabe encher, co-
«*mo poucos*, de filosofia, de lição, e de poesia,

«tive eu a satisfação de observar que esta era «tambem a sua gravissima opinião.»

Que se me perdôe haver trazido até aqui a transcripção: sou fanatico da amizade; até com as suas cegueiras me delicio; e mais, quando em espiritos de tal ordem! é uma vangloria, sim, mas não a que animos vulgares julgariam. Volto ao meu proposito. Em nota ao precedente excerpto, dizia eu:

«Não é este um assumpto em que possam coi«sa alguma as leis e a autoridade, mas tudo pó«de a moda. Porque não começariamos por mo«da o tratamento geral de *vós?* Um mez de esfor«ço continuado neste sentido, principalmente nas «assembléas mais numerosas, consummaria este «milagre, felicissimo para a litteratura, e ainda fe«liz para muitas outras coisas.»

O alvitre não valeu. Debalde d'ahi para cá, por diversas vezes, em varios periodicos, e auxiliado por alguns escritores amigos, deligenciei ir subrepticiamente introduzindo pelo exemplo o que pelo discurso não havia pegado; para o que substituimos nas cartas dos correspondentes o *vós* e o *vosso*, coisas tão francezas como portuguezas, á desasada *vossa senhoria*, cifrada no *v*, e ao *seu* excellente periodico etc. Tambem essas diligencias sairam baldadas, com grande credito para o don de profecia do meu collaborador e amigo Silva Tullio, que sempre teimou em que

não achariamos sequazes; dando como razão que poucos dos que entre nós escrevem, sabem conjugar os verbos até á segunda pessoa do plural.

Subsiste pois a carencia do *vós*, e continúa por consequencia, nos affeiçoados á lingua e lettras, a obrigação de o pedirem e persuadirem.

Aqui tendes, leitores amigos, o porque isso que em folhas volantes e efémeras se havia já lido e esquecido, se colligiu e repoz para aqui, onde póde ser que será mais attendido: para o ser, accresce agora tambem, que os tratamentos cada vez vão perdendo mais entre nós o cunho distinctivo, a ponto de já quasi se lhes não atinar com o valor. A *senhoria masculina* e a *excellencia feminina*, tinham já engolido tudo, como um duplice diluvio; então, a *excellencia feminina* começou a transbordar para os homens; cresce, cresce, em pouco os haverá tambem engolido. Quando isso fôr, não haverá remedio para distinguir o bello sexo, senão elevarem-no até a *alteza*, e da *alteza*, quando esta se tiver masculinisado, até á *magestade*. A profecia, na historia se contém.

Se pois os tratamentos já não distinguem, nem sequer titillam agradavelmente as orelhas, e por outra parte tanto damnam ás litteraturas mais gostadas e populares, á novella, e ao drama, porque nos não desenganaremos a ser nisto europeus? Redactores, começae vós a revolução, desterrando das vossas folhas essas vanissimas vaidades. Corifeos, e corifeas dos bailes e saraus, vós

que legislais a moda com o vosso exemplo, não sejais parisienses unicamente no vestuario! Que mais custará a dizer:—«*Quereis ter a bondade, senhora, de dançar commigo esta contradança?*»—«*Perdoae-me, senhor, estou já promettida*»—do que—«*Vossa excellencia quer ter a bondade de dançar commigo esta contradança?*»—«*Perdôe-me vossa senhoria, (ou vossa excellencia) estou já engajada.*»—Saia o *engajado*, entre o *vós*, e ficâmos optimamente. Os bailes d'um só inverno, os passeios d'um só verão de Cintra, podem consummar tão bella obra.

O tratamento que empreguei, quasi geralmente, neste drama, foi o *vós;* a elle, em grande parte, se ha-de attribuir a cara portugueza com que saiu.

Em algumas scenas se estranhará talvez que D. Caterina para Camões, e Camões para D. Caterina alternem o *vós* e o *tu;* se defeito é, confesso que o puz de proposito. Entendi eu, por assim o ter observado mais de uma vez na vida real, que essas incertezas continham verdade; e exprimiam as hesitações naturaes que se padecem, quando, especialmente sem concordata prévia, se passa do tratar ceremoniatico para o tutear. Demais, a posição em que elles se acham um diante do outro neste drama, autorisava e persuadia taes variedades.

Tórno, devolvidos agora doze annos, a malhar no mesmo ferro frio.

Ahi vai o que na *Gazeta de Portugal* de 19 de dezembro de 1862 escrevia na materia o sr. Teixeira de Vasconcellos.

Os leitores hão-de-me agradecer o regalal-os com estas paginas, tão cheias de noticia, de graça, e de razão, como tudo quanto sai da penna do nosso amigo, talento insigne em todos os generos, veia caudalosa, inexhaurivel, esplendida:

Os tratamentos

«Dizem que Filippe II na entrevista de Gua-«dalupe se apressára a dar *magestade* a el-rei D. Se-«bastião para o obrigar a corresponder-lhe da mes-«ma maneira, visto que era esse o costume de Cas-«tella, e que os soberanos portuguezes nas suas «relações com a côrte de Madrid tinham conser-«vado o estilo de só darem aos monarchas hes-«panhoes o tratamento de *alteza*, que tambem «d'elles recebiam.

«D. Sebastião nas suas cogitações de conquista «africana, e nos seus planos de guerreiro, devia «importar-se pouco com essa cortezia de seu as-«tuto e poderoso tio; entretanto, a julgarmos «pela susceptibilidade com que se offendeu então «de certas faltas que considerou descortezes, tal-«vez lhe não foi indifferente o tratamento que o «equiparava a um dos primeiros principes da Eu-«ropa. Na côrte já começava a despontar a *se-«nhoria*, e a *excellencia*, talvez desde que, pela «restauração das lettras latinas, os escritores ado-«ptaram nessa lingua as designações em que foi

«prodigiosamente fertil o Baixo Imperio, e co-
«meçaram em seguida a adoptal-as em vulgar.

«Veiu depois o dominio castelhano, e a pru-
«dencia de Filippe II não deixou de explorar
«em todos os sentidos a vaidade portugueza, como
«soube descobrir e aproveitar a cubiça e corru-
«pção dos que só desejavam oiro e distincções.
«Triste quadra!

«Aquelle que nas côrtes de Thomar deu o Tozão
«de Oiro ao duque de Bragança e ao de Ossuna
«para os equiparar na vassallagem sob o pretex-
«to de uma grande distincção, procurando des-
«truir na Casa de Bragança a supremacia em
«que ella se avantajava a toda a nobreza das Hes-
«panhas, não deixaria de lisongear a vaidade dos
«cortezãos portuguezes na parte relativa aos tra-
«tamentos, recommendando aos magnates hespa-
«nhoes que o ajudassem a assegurar a posse do
«novo reino, favorecendo o amor proprio da gran-
«deza de Portugal. O duque de Bragança rece-
«beu então de Filippe II a mercê do titulo de
«*excellencia*.

«É certo que durante os sessenta annos do do-
«minio estrangeiro as questões de tratamentos,
«limitadas aos primeiros do reino, foram concei-
«tuadas de importantes; e quando Filippe III veiu
«a Portugal pelo Alemtejo, o duque de Bragan-
«ça recusou dar *excellencia* ao duque de Uzeda,
«que em Hespanha a recebia. Quando o duque
«de Bragança, que era tratado como principe de
«sangue, só tinha *excellencia*, os grandes do rei-
«no honravam-se com a *senhoria*, e os mais avan-

«tajados em nobreza ou em serviços, mas que «não pertenciam á grandeza, conservavam o tra«tamento de *mercê*.

«A restauração de 1640 não restaurou o titulo «de *alteza* que bastára a D. Manuel. O novo rei «acceitou a continuação do titulo de *magestade* «com que se deixavam saudar os monarchas hes«panhoes, e o principe e os infantes tomaram o «de *alteza*. A *excellencia* começou a generalisar«se mais. A *senhoria* alargou tambem os seus do«minios, e a *mercê* tratou de se melhorar com«batendo nas fronteiras contra os castelhanos, e «nas colonias contra os holandezes. E assim mes«mo muitos perderam um braço ou uma perna «nas linhas de Elvas, ou em Montes-Claros, sem «que por isso se julgassem com direito a regei«tar esse tratamento geral dos nossos bons tem«pos primitivos.

«Apesar do heroismo com que pelejámos en«tão, a decadencia portugueza era visivel, e triun«fámos mais pela necessidade europea de limi«tar o poder hespanhol, do que pela propria ini«ciativa. E ao passo que diminuia a nossa in«fluencia no mundo, e que se abastardeavam as «qualidades de què ella proviera nos seculos an«teriores, crescia o desejo de distincções com que «déssemos ás nossas pessoas e coisas a magestade «e grandeza de outras eras de que apenas era«mos triste simulacro.

«No começo do seculo passado a confusão a «respeito dos tratamentos devia ser enorme; as «invasões, repetidas e audazes; os abusos, flagran-

«tes e escandalosos; as pretensões absurdissimas. «Foi necessario legislar a tal respeito. O rei di-«gnou-se regular em janeiro de 1739 esse *impor-«tante* negocio, e cada um ficou sabendo o que «devia dizer aos outros, e consentir que lhe dis-«sessem a si.

«Não sei até que ponto se executou esta lei. «Em coisas taes o abuso é facil; a identidade de-«razão autorisal-o-hia ás vezes; a omissão legis-«lativa tambem; e o amor proprio e a vaidade «não haviam de faltar a cooperar na renovação «das irregularidades anteriores, embora se escan-«dalisassem os rigoristas, e chasqueassem a esse «respeito os poetas de um a outro canto do reino.

«Se se abusou na côrte com a *excellencia*, nas «provincias a *senhoria* achou-se com mais vastas «possessões do que as ordens religiosas, que to-«davia possuiam uma boa parte do reino. Ainda «se repete aquelle celebre soneto do abbade de «Jacente, que começa:

«A trinta e cinco réis custa a pescada,
«o triste bacalhau a quatro e meio;

«e que acaba dando-nos completa idéa do caso:

«Tudo está caro; só em nossos dias
«graças a Deus, achâmos em bom preço
«os tremoços, o arroz, e as *senhorias*.

«Que o abuso era frequente, e que promo-«via o riso, vê-se ainda em outras composições

«do chistoso abbade, naquelle outro soneto que «diz:

«Eu não creio que a nossa fidalguia
«procedesse de Adão que era um coitado,
«um misero que nunca andou calçado,
«um pobre que de pelles se vestia.

«Nunca teve brazão; nem possuia
«em prova de nobreza algum morgado;
«nem nos consta jámais fosse tratado,
«como agora se faz, por *senhoria*.

«Eva inda foi peior, pois na Escritura
«não se trata de *dom*, nem de *excellencia*,
«nem se diz que nas danças fez figura.

«D'onde venho a tirar por consequencia,
«que estando hoje a nobreza em tanta altura,
«não traz d'elle, nem d'ella a descendencia.

«Assim corriam as coisas no seculo passado, «no fim do qual teve logar a revolução franceza, «e se espalharam em toda a Europa, sem exclu- «são do nosso Portugal, as doutrinas da igual- «dade entre os homens, da destruição dos privi- «legios, e do anniquilamento de tudo quanto se «fizera nos seculos anteriores para conservar se- «paradas as classes, e para extremar com dili- «gente cuidado as raças nobres das burguezas «ou plebéas.

«É certo porém que essa igualdade podia ser

«interpretada de dois modos, e geralmente o foi «em todos os estados da Europa: ou que todos «ficassem plebeus com a unica differença da ri- «queza, da capacidade, e dos serviços, ou que to- «dos ficassem nobres, mesmo sem riqueza, nem «capacidade, nem serviços.

«A França, que em tudo e para tudo dá exem- «plos, e que possue a rara fortuna de exercer «por toda a parte incontestavel influencia, arro- «jou de si a igualdade républicana que era a pri- «meira, e adoptou a segunda com a avidez de «quem andasse esfomeado d'essas distincções. Em «uma bella manhã os mais abalisados républi- «canos acordaram duques, como se tivessem nas- «cido filhos dos Montmorency ou dos Crillon, e «os condes e barões appareceram aos milhares. «Então resurgiram do sepulcro, em que os lan- «çára a revolução, centos e centos de marque- «zes e viscondes, verdadeiros e falsos, legitimos «ou improvisados. A França ficou mais povoada «de nobres do que antes da républica.

«Nunca fomos dos ultimos a seguir as pisadas «das grandes nações. Tambem por cá archite- «cturámos revoluções, e fizemos quanto em nós «coube para que saissem bem á feição das fran- «cezas. Andámos por ahi a impar com os senti- «mentos de igualdade e de fraternidade, e não «sei quantas républicas planeámos em que de- «viamos resuscitar

«Aquelle *tu* e *vós* quando algum dia
«havia em Portugal sinceridade,

«e ficarmos todos uns, como promettiam as ga-
«zetas com applauso de quantos se julgavam
«desfavorecidos nesta caprichosa loteria das po-
«sições sociaes.

«Parecia a muitos que tendo perdido as nossas
«mais vastas possessões, e reduzidos hoje de po-
«tencia de primeira qualidade a nação de ter-
«ceira ordem, nos iria bem a modestia républi-
«cana, e talvez por ella se renovasse a actividade
«dos nossos costumes antigos e se restaurasse a
«energia dos animos portuguezes, de modo que
«ainda pudessemos vir a ser alguma coisa neste
«mundo.

«Este parecer era sensato, mas não passou no
«parlamento da geral opinião, no qual tambem
«não triunfa sempre o que é justo e digno.
«Entendeu-se que era melhor supprir a deficien-
«cia da nossa importancia com as mais pompo-
«sas designações da grandeza humana, e enco-
«brir os andrajos da pobreza publica sob a capa
«doirada das maiores distincções legaes.

«Pois enganâmo-nos. Por mais *excellencias* que
«dêmos uns aos outros, não conseguiremos con-
«vencer os estrangeiros que abordam ás nossas
«praias, de que valemos mais que os antigos por-
«tuguezes, objecto do respeito e admiração uni-
«versal, grandes pela natureza dos seus feitos, e
«pela exemplar modestia do seu trato.

«De muitos estrangeiros sei que se admiram
«de ver um deputado e um marechal com o
«mesmo tratamento elevado, e de que o barão de
«hontem e o conde de dois ou tres seculos cor-

«ram parelhas nas distincções sociaes. E se uni-«camente se admirassem!... Mas é que riem a ban-«deiras despregadas, com este riso que faz córar «a gente, e contra o qual não ha desforra pos-«sivel.

«E se nós acordassemos uma manhã com jui-«zo, e começassemos a tratar-nos todos por *você*, «como em Hespanha se usa o *usted*, em França «o *vous*, em Inglaterra o *you*, e em Alemanha o «*sie!*... Se renunciassemos por uma vez as qualifi-«cações insensatas do Baixo Imperio, como no «baptismo se renunciam as pompas de Satanaz, e «deixassemos aos russos barbaros, e aos italianos «ainda não resurgidos da degeneração em que «os lançou o despotismo, esses vãos simulacros «de grandeza!...

«Se conservassemos unicamente para as senho-«ras essas frases com que nos deixâmos regalar «o ouvido, e com que nos illudimos reciproca-«mente ácerca da nossa posição!... Ellas que rei-«nam no nosso coração com incontestavel *ma-«gestade* e poder; ellas que vivem na *alteza* da «formosura e das virtudes que nós venerâmos «diariamente; ellas cuja *excellencia* ninguem dispu-«ta, antes todos affirmam em continuada dedi-«cação; ellas perante quem a propria *senhoria* de «Veneza mandaria ajoelhar o Leão de S. Marcos; «ellas emfim de quem implorâmos a cada hora a «apreciavel *mercê* do seu agrado; ellas sim têem «direito a conservar essas qualificações.

«Porque não havemos de as depôr a seus pés, «e de lhes pedir que as guardem e conservem

«até que as mereçamos outra vez, dobrando os «novos Cabos Tormentorios da civilisação, descobrindo os afastados continentes do progresso, «e imitando os generosos exemplos de nossos «maiores!... Ellas, que são as mestras do bom gosto, «nos diriam quando transformados pela excel«lencia das nossas acções seriamos dignos de usar «com apropriado sentido as designações que nada «significam hoje. Não haverá para nós um dia «de reflexão e de juizo?

«Eu quero crer que ha-de chegar esse dia, ou «então outro em que levada ainda a maior ex«cesso a mania das distincções nobiliarias, nos «encontremos na praça, tão disfarçados em con«selheiros, barões, viscondes, condes e magnates «de toda a ordem, que não podendo todavia dei«xar de nos reconhecermos em limitado territo«rio como é o nosso, desatemos todos a rir com «tão desatinada vontade que ali acabe para sem«pre esta ridicula farça.

«*A. A. Teixeira de Vasconcellos.*»

Já se vê que o mui ponderoso voto do sr. Teixeira de Vasconcellos é, como o do sr. Mendes Leal, acima citado, e como o do sr. Thomaz Ribeiro na 2.ª edição do seu *D. Jayme* a pag. IX, inteiramente conforme com o meu, quanto á desconveniencia dos tratamentos que hoje em dia se estão usando em Portugal, e quasi que só em Portugal. Discordâmos porém do sr. Vasconcellos quanto ao remedio.

O você, traducção, boa ou má, do *usted* dos cas-

telhanos, e abreviatura do *vossa mercê*, já figurou no solio, não ha duvida; mas caiu e jaz tão baixo, que para baixo d'elle só fica o *tu*. Figura-se-me até que o *você* tem, mais que o proprio *tu*, um tom desprezativo que o torna repugnante para a acceitação, e duro para sair de labios cortezes, liberaes, e benevolos.

O dramà, a novella, e a conversação das salas, a eloquencia, forense, sagrada e parlamentar, difficilmente se lhe accommodariam; pelo menos, annos largos se haviam de passar para se lhe confirmarem foros de cidade.

Não assim o *vós*, de que diariamente nos servimos quando fallâmos francez; que incessantemente nos apparece quando lemos francez; que é o tratamento diplomatico e universal, e tão cortezão de sua natureza como democratico.

Outra consideração, e concluimos: o tratamento por *vós* tanto não desappareceu jámais do portuguez, que sobre achar-se corrente pelos camponezes da provincia, e implicito, como já notámos, em todos os outros tratamentos, é o unico empregado nas orações com que se invoca o favor da Magestade Summa. Em tudo cabe por tanto, e para tudo é. Poderia gabar-se de tanto o *você?* Considerae-me bem o *Padre-Nosso* e a *Ave-Maria* com essa reforma:

Padre Nosso, *você* que está no ceo, santificado seja o nome de *você*, venha a nós o reino de *você*, seja feita a vontade de *você* assim na terra como no ceo; o pão nosso de cada dia nos dê

você hoje; perdôe-nos *você* as nossas dividas, assim como nós perdoâmos aos nossos devedores; não nos deixe *você* cair em tentação, mas livre-nos *você* do mal. *Amen.*

Ave Maria cheia de graça, o Senhor é com *você*, bemdita é *você* entre as mulheres, bemdito o fruto do ventre de *você*: Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogue *você* por nós peccadores agora e na hora da nossa morte. *Amen:*

Decididamente não póde ser. O rosario convertia-se em chacota:

Vossa excellencia e *vossa senhoria*
juraram nunca entrar na alta poesia;
com muito mais razão, relé suez,
nunca jámais lá hão-de entrar *vocês*.
Nobre, e plebeu, de vivos, e de avós,
nacional, e estrangeiro, impére o *vós*.

VERDADE

(Tomo 1 pag. 3, linha 2 — *Estudo Historico-Poetico.*)

Estou com medo de que esta qualificação, que puz ao livrinho (só para lhe não chamar *drama*) cheire a vangloria! O que m'a dictou, bem longe estava de se parecer com tal. Não pretendi

inculcar que dava obra para nella se estudar coisa alguma; nem mesmo que para ordenal-a tivesse eu deitado abaixo grandes livrarias, e investigado a fundo, para a pintar pelo natural, a vida do nosso poeta, como o bispo de Vizeu e o sr. visconde de Juromenha, ou outro algum ponto de substancia: o que eu, bem ou mal, appellidei *Estudo Historico-Poetico*, foi a curiosidade e particular desvelo, com que desejei bosquejar e colorir o bom e mau de que em minha consciencia entendi se devia compôr o retrato moral e intellectual de Camões, e de el-rei D. Sebastião, e o da antiga Lisboa. Não curei de saber se o poeta ou o rei disseram ou fizeram realmente as coisas todas de que vão cheias essas scenas, nem se entre elles se deram os encontros e relações a que assistimos; tive por sufficiente que nenhuma de taes exterioridades repugnasse ao conceito que de taes indoles se deve fazer; por outra: suppostas certas casualidades mui accidentaes, para a historia indifferentes, e para a acção dramatica uteis e necessarias, attribui despejadamente aos meus personagens as palavras e actos que dos eu] modo íntimo de ser me pareciam derivar-se por boa logica.

O mesmo quanto á Lisboa quinhentista. Houve nella com effeito uma obscura conspiração abortada? illuminou-se a armada na vespera de se partir para Africa? que nos importa: se o que se pinta dos seus sitios, dos usos e costumes dos seus moradores é verdadeiro, como é, temos o a que aspirei. O que digo de Lisboa, do seu monarcha

e do seu Epico, digo de D. Caterina, do Escrivão da Puridade, dos Cortezãos, digo do Jáo, etc. etc.

Certos retratistas primam pela fidelidade minuciosa com que se vão atraz de cada feição ponto por ponto; mas pintores, que para tanto não têem paciencia, contentam-se com reproduzir as caracteristicas; o restante supprem-no com o que val mais que todos os embrechados de bagatelas, que é a idealidade; do corpo debuxam quanto basta, mas da alma quanto podem. Que vezes o cinzel e o pincel dos gregros não offereceram ás adorações do mundo a magestade de Jupiter e a formosura voluptuaria de Venus! e onde estava a Venus, e onde estava o Jupiter que elles revelavam? Todavia, cada uma d'aquellas diversissimas encarnações conhecia-se. Onde existe um transumpto contemporaneo e authentico da cabeça do Salvador, ou do rosto da Virgem? não obstante, cada artista de genio tem posto a Mãe e o Filho sobre os altares: os olhos reconhecem-lhes differenças, a Fé adora-os indistinctamente; porque em todas essas imagens vê um reverbero do ceo; a inspiração do talento communica-se aos expectadores, e, por um milagre humano, o que nunca se vira, adivinha-se. O historiador copía; o poeta fantasia. Ambos pintam; mas o segundo mistura nas suas tintas um verniz esplendido, cujos reflexos indecisos dão á vista uma illusão de movimento e vida. O Achilles e o Ulysses agigantados por Homero, estão de certo para o Achilles e o Ulysses da natureza, na proporção *de mil para* um: a razão o sabe, o jura, e o re-

pete a cada instante; apesar d'isso, quem lhe viesse hoje com o Ulysses e o Achilles primitivos, aos olhos d'ella mesma, passaria por um mentiroso semsabor. O proprio Homero, esse vulto immenso, que atravez de suas paginas entrevemos; essa montanha de estro, d'onde, segundo a bella expressão dos antigos, rebentavam caudaes de poesia para dessedentar a todos os poetas do mundo, quem m'o faria acreditar simples homem, como os outros homens? logo que a fabula com a diuturnidade se tornou consagrada, logo que o ideal e o positivo se caldearam e solidificaram com o tempo, a verdade extreme degenerou em falsidade, em calumnia, em impossivel. Assim, o Eneas e o Virgilio da historia, o Goffredo e o Tasso da historia, o Gama e o Camões da historia, não são nem nunca mais poderão ser os da crença do genero humano.

Oiço que o nosso incançavel, e mui sagaz investigador archeologico, o sr. visconde de Juromenha,[1] tem logrado desenterrar com estudo de annos, uma nova, e sobremaneira exacta, vida de Camões; na qual, segundo parece, até se prova não haver elle sido tão pobre, nem tão atribulado, como se crê. Tal descobrimento póde ser para a nação um allivio de consciencia, e uma ex-

[1] Já emfim saiu á luz publica esta, havia muito esperada, e verdadeiramente monumental, noticia ácerca de Camões, pelo erudito e sabio sr. visconde de Juromenha. Não apparece nella o suspirado desmentimento da indigencia do poeta: unicamente prova que por Alvará Regio lhe fôra concedida tença de 15$000 réis, limitada a tres annos, e a qual em parte se lhe ficou devendo.

purgação de peccado nefando, mas não sei se ainda depois de vencido, o juizo publico se dará por convencido; nem se a poesia ganhará o que sem duvida perde com o achado. Um Camões comendo

em toalhas de Flandres.....

e escrevendo

em camarins forrados de damasco,

ainda que m'o imponham com documentos, já o não quero para meu.

Retrato, vós não sois meu;
retrataram-vos mui mal,
que a serdes ao natural,
foreis mofino como eu,

dizia o mesmo Camões, dando uma navalhada no rosto de uma sua imagem a que faltava certa cicatriz. O meu Camões é este com que me criei, que tem a consciencia de sua ruim sina, que tanto canta como se lamenta, que banquetêa os seus convidados com trovas mettidas em pratos cobertos, que vai sentar-se sósinho a compôr versos na gruta de Macau, que céa das esmolas de uma pobre, e da mendicidade de um captivo, e que para ser enterrado necessita de uma mortalha pelo amor de Deus. A verdade!... «*Quid est veritas!*» podemos perguntar nós tambem nis-

to, e em muitas outras coisas. O nosso mesmo poeta, ou eu redondamente me engano, ou assim pensou, pouco mais ou menos, quando escrevia aquelle seu notavel e ainda hoje para muitos enigmatico soneto:

Verdade, amor, razão, merecimento,
qualquer alma farão segura e forte;
porém fortuna, caso, tempo, e sorte,
tem do confuso mundo o regimento.

Effeitos mil revolve o pensamento,
e não sabe a que causa se reporte:
mas sabe que o que é mais que vida e morte
não se alcança de humano entendimento.

Doutos varões darão razões subidas;
mas são as exp'riencias mais provadas;
e portanto é melhor ter muito visto.

Coisas ha hi que passam sem ser cridas;
e coisas cridas ha sem ser passadas.
Mas o melhor de tudo é crer em Christo.

ORIGINALIDADE

(Tomo 1 pag. 3, linha 3 —*Liberrimamente fundado sobre um drama francez*, etc.)

Quando lancei no começo d'este volume aquellas poucas linhas *A quem ler*, não padecia ainda

o prurito que depois me veiu de lhe juntar notas; por isso, nessa especie de preambulo não fiz mais que acenar a mui escusada questão da originalidade ou não originalidade do escrito. A historia, para quem estiver ocioso e de pachorra, eil-a aqui:

Pelos fins do outono de 1847, achava-me eu nesta cidade de Ponta-Delgada no mais abominavel e desconsolado ocio que nunca sofri: sem intento, sem esperanças, sem amigos; Prometheu agrilhoado de costas ao meu rochedo, mas com mais d'um abutre nas entranhas; aos meus peiores inimigos não desejo uma semana como os mezes que então curti. Com o intuito porventura de me distrair, me propoz o sr. commendador B. J. de Senna Freitas, coração portuguez, e mui curioso investigador das glorias nacionaes, o trasladar para o theatro particular de S. Sebastião d'esta cidade, de que elle era ensaiador, um drama francez *Camões*, representado e impresso em Paris em 1845: examinei-o, e, a despeito da mais que indecente ignorancia com que fôra escrito, reconheci que, se não lograsse vir a sacar d'ali obra cabal para o gosto publico, sempre em tental-o colheria proveito; sequer encurtaria dias eternos, e me consolaria divertindo o animo de minhas magoas proprias, para as de outro poeta de mais talento e de não menores, ainda que tambem de não maiores desditas: era consolação de triste especie; mas era consolação; que o diga Bocage, quando cantava entre os palmares da nossa India:

Camões, grande Camões, quão semelhante
acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
arrostar co'o sacrilego Gigante;

como tu, junto ao Ganges susurrante,
da penuria cruel no horror me vejo;
como tu, gostos vãos que em vão desejo,
tambem carpindo, estou saudoso amante;

ludíbrio, como tu, da sorte dura,
meu fim demando ao ceo, pela certeza
de que só terei paz na sepultura:

modelo meu tu és, mas... ó tristeza!
se te imito nos trances da ventura,
não te imito nos dons da natureza.

Metti mãos á obra determinado em só mudar quanto fosse preciso para a tornar portugueza; cresceu-me para logo a vontade, passou a gosto, refinou-se em appetite, entrei a edificar e a alindar em predio alheio, como se fôra no proprio chão; com o que, e com os estudos minuciosos que tive de fazer em terra sem livrarias nem homens de consulta para taes objectos, gastei, bem furtados a tristezas, os serões d'aquelle inverno. A companhia de curiosos para quem eu encetára o trabalho, tendo já decorado o primeiro acto, conheceu, á vista das extraordinarias dimensões, vulto, e apparato, que o poema ia assumindo, que já o não podia representar; então me soltei

de todo de contemplações dramaticas, e ei largas ao escrever; o drama estava irrevogavelmente transformado, ou, se o quizerem, degenerado em livro. O *pudor aut operis lex* já nada me vedavam. Para pintar, qual tenho que devia ser, a alma e indole do nosso poeta, espraiei-me no dialogo, e deli nelle a acção sem nenhum remorso. Na antecedente nota já o toquei.

Amando, confesso, o meu opusculo, e tendo-o pelo menos ruim e mais vividoiro de quantos escrevêra, ambicionei fazer d'elle feudo a um principe que por seu talento e copiosa instrucção era merecedor, como nenhum, d'este genero de homenagens: enviei pois para o Brazil uma copia, para ter a honra de ser apresentada a Sua Magestade o Imperador.

No jornal *Iris* do Rio de Janeiro de 30 de abril de 1849 se acha memoria de tal remessa e offerecimento, e se transcreve parte d'uma carta minha ao redactor em que eu lhe fallo da origem franceza do drama e do que nelle accrescentei.

Achando-me em Lisboa em março d'este anno de 1849, foi o meu *Camões* lido entre os litteratos já nomeados no *A quem ler*, e por elles saudado logo ali, e depois na imprensa pelo sr. Mendes Leal como obra portugueza d'alguma valia. Ora, o manuscrito por onde essa leitura se fez, tinha por titulo, como viram quantos o quizeram, *Camões, drama em cinco actos, liberrimamente imitado do francez dos srs. Perrot e Armand Du Mesnil* etc.; e já com esse mesmo titulo, essa mesmissima copia havia sido offerecida a varios li-

vreiros de Lisboa para impressão; tanto assim, que foi essa mesma sinceridade de confessar a obra não inteiramente original a que fez com que nenhum d'elles offerecesse preço proporcionado ao trabalho e amor que eu ahi havia posto.

Nestes termos qual não seria o meu espanto quando, pouco depois da leitura, me dizem haver-se espalhado que eu apresentára por original um drama traduzido, e para cumulo de semsaboria me accrescentam que são amigos meus os que entre si deploram mais do que censuram esta minha fragilidade. Não havia remedio: dirigi á *Revista Universal Lisbonense* a seguinte carta:

«*Meu amigo:* — Depois do optimo gasalhado «que os nossos amigos poetas fizeram ao meu «drama *Camões*, lido no serão de sexta feira ulti«ma, levantou-se a respeito da mesma obra uma «balela não sem fundamento, mas injusta, e para «mim affrontosa, á qual por isso darei aqui franca «e leal explicação, como costumo.

«Disse-se, segundo me consta, que o drama não «era original, mas traduzido de outro francez, re«presentado e impresso, e que eu, por obra da «minha lavra o apresentára.

«Eis aqui a verdade: existe um drama francez, «intitulado *Camões*, escrito por dois autores, re«presentado em Paris, e lá mesmo impresso; e esse «drama (que eu possuo) foi o despertador, e o fun«damento do meu; mas o meu não é traducção «d'aquelle; é-o ainda menos do que a *Eneida* o

«é da *Illiada*, com haver da *Illiada* muito e mui-«tissimo na *Eneida*.

«Valerio Flacco, na *Argonautica*, não perdeu «fóros de original, por ter seguido a Apollonio de «Rhodes. Ovidio traduziu muito os gregos sem o «dizer. O Ariosto copiou centenares de oitavas dos «romanos antigos, de Bocacio, e de Bernardo Tas-«so. Racine fez a sua *Andromacha*, e a *Ephige-«nia*, sobre os modelos athenienses, de que trans-«creveu scenas inteiras. Voltaire aos parisienses «que lhe applaudiam o *Edipo*, exclamou:—«Cou-«rage, athéniens, c'est du Sophocle.» — Os exem-«plos são infinitos.

«Falto, como sou, e sempre o confessei, d'aquel-«la especie de talento com que se inventam os en-«redos, aproveitei aquelle, que me pareceu sum-«mamente bem disposto, havendo scenas, e mui-«tas, não só imitadas, senão quasi traduzidas; «razão porque, por um escrupulo, não sei se bem «se mal entendido, puz logo no titulo da minha «obra: *Camões, liberrimámente imitado do francez, «dos srs... por...* Tanto assim, que ahi estão os srs. «Bertrand, e Borel, honrados negociantes de li-«vros, a quem elle, ha mezes, foi apresentado, a «ver se o quereriam imprimir, levando toda a so-«bredita declaração que lá está ainda no rosto «do manuscrito. É mais que evidente que só «um louco, d'estes que pretendem tapar o ceo «com uma joeira, se poderia lembrar de que uma «obra imitada poderia impunemente inculcar-se «por de todo original.

«*Até aqui* justiça aos dois francezes; agora jus-

«tiça tambem para mim. O meu drama tem o «dobro do francez; o segundo acto, se houvesse «de imprimir-se com o francez em correspondencia, apresentaria dezenas de paginas seguidas «sem uma só palavra do lado francez; v. gr. toda a episodica representação do *Auto*, e a subsequente coroação das damas, etc. O acto quinto «é quasi todo inteiramente novo: a scena intima «entre o poeta e o Jão, em que o primeiro percorre desanimado, e rasga os seus manuscritos «e por cartas se despede dos amigos ausentes; o «presente dos doces e flores pela mulata Barbara; «o episodio do menino mendigo; o adormecimento «do poeta ao som da canção do seu captivo; a «scena da janella e o tecer das corôas, o crucifixo «e o escudo, e os accessorios externos da noite «de Natal, nada d'isto se acha nem sequer apontado na brochura estrangeira; até o proprio final da peça é não só differente das duas variantes apresentadas pelos francezes, porém, permitta-se-me dizel-o, muito superior a qualquer d'ellas.

«No quarto acto, a scena dos agoiros; no primeiro aquella que passa entre o estalajadeiro e «o adelo, e em que historicamente se faz a exposição do genio e costumes de D. Sebastião; «no terceiro, a noite de S. João, que não é talvez «o somenos do poema; tudo isto é sem precedente «no opusculo impresso; e muito mais adiante poderia ainda ir a acareação, se qualquer dentro «em pouco a não pudesse fazer, pois o francez «está impresso, e o portuguez brevemente o estará.

«Ha mais ainda: o caracter do meu *Camões* é «mais retrato que o estrangeiro; o Jáo, que eu «fiz poeta, não o é lá; a um imaginario duque «de Soria substitui, absolutamente criado de no- «vo, o escrivão da Puridade, Martim Gonçalves. «El-rei lá é um namorado doido; substitui-o por «um D. Sebastião historico, exaltado, excentrico, «poetico, e amador de livros. Em summa, o en- «redo é francez, mas como os francezes não ti- «nham estudado, nem adivinhado, nem Portugal, «nem a epoca da acção, em tudo isto tive eu «de criar, e criei.

«Nestes termos já se vê que, se pequei, foi «mais em encolhimento do que em vangloria, «quando chamei imitação a uma obra em que «tanto puz de estudo, de affecto, de fantasia, «e sobretudo de vernaculidade.

«Temos as nossas contas correntes: quando o «meu opusculo sair a lume, quem quizer que o «confronte com aquell'outro; e já póde ser que, «apesar do seu germen estrangeiro, lhe reconhe- «cerão mais algum valor intrinseco do que em «muitos originaes. O enrêdo é francez; a acção «nem toda; os principaes caracteres são meus; «meus, mil episodios, e accessorios, dos que mais «effeito produziram nos bons engenhos que se di- «gnaram de assistir áquella leitura; meu finalmente «quasi todo o estilo; e a linguagem minha, ou «antes nossa.

«Meu caro amigo: não é com o conhecido dito «—Je prends mon bien ou je le trouve» — que eu «*hei-de* defender a quasi originalidade ou origi-

«nalidade do meu *Camões;* é com uma conside-
«ração mais alta, que nenhum dos bem iniciados
«na arte de escrever deixará de admittir: a fór-
«ma, em certos generos de obras, é muitas vezes
«mais que o proprio fundo.

«Lisboa 20 de março de 1849.

«Sou etc.

«*A. F. de Castilho.*»

Compare-se a data d'esta carta com a do supra-citado numero do *Iris;* advirta-se em que a remessa do drama fôra feita da ilha de S. Miguel com a competente carta áquella redacção; conseguintemente antes de 21 de fevereiro, dia em que d'aqui me embarquei para Lisboa; e ter-se-ha, sobre provas, demonstração da minha verdade.

Até aqui não havia, cuido eu, senão um erro de criticos, mui perdoavel, e mui desculpavel; se bem que para a minha boa fé muito pouco lisonjeiro; mas da insigne boa fé de sycophantas sem nome, eis aqui um documento inclassificavel: volto para S. Miguel, sou recebido como amigo entre amigos; villanetes invejosos espinham-se com taes mostras; escrevem á porta fechada um libellinho chocho, quinta essencia de tres ou quatro cerebros (com licença dos que o são); imprimem-no, não sei se com data falsa se sem data (de todas essas e outras gentilezas são elles uzeiros e vezeiros) e distribuem-no com mão larga. Ahi se dizia, entre outras, que eu era plagiario;

o que se provava por não sei que semelhança entre duas ou tres palavras d'uma trova franceza e o meu *Hymno do Trabalho*; e por eu dar a traducção de um drama francez como coisa da minha lavra. A estes cicarios d'obra grossa, agachados debaixo d'um prelo e com as caras tapadas, é que eu dei o lembrete no principio do *A quem ler*. Podia-lhes ter rasgado as mascaras, mas tive dó; quando não, dizei-me se póde haver maior nojo moral que o imprimirem aquillo sem terem lido nem ouvido o drama, nem saberem mais a respeito d'elle do que isto mesmo que a minha carta publicada na *Revista* lhes contára. Desde que ha parvos malignos, ainda talvez se não tinha dado exemplo igual de malignidade parvoa. Peço desculpa de termos gasto tanta cera com tão ruins defuntos.

Porque fatalidade ha sempre de toda a parte mão armada contra os pobres cultores de lettras? Não lhes basta para miseria o andarem quasi sempre malavindos com a fortuna? o viverem numa especie de eremiterio sem santidade? o ralarem-se com utopias? o serem mal conhecidos e mal julgados? o devorarem invejas e ingratidões? o encurtarem a vida? o duvidarem a miudo da gloria por quem se matam? o não a conseguirem senão quando já a não pódem ouvir? e o não testarem senão pobreza? Ha-de ainda vir a calumnia na cóla da critica enxovalhar-lhes como harpia fetida quanto produzem? A censura illustrada e honesta é medicina; ainda quando nos amarga, *aproveita*-nos; a satira é veneno. Os espiritos ma-

levolos, e mais ainda os malevolos sem espirito, não podendo chegar a Aristarcos, vingam-se em se fazer Zoilos: se hão-de curar, assassinam. Como a arte é longa, o talento e o juizo, raros, o exame consciencioso, difficilimo, o qualificar acertos e desacertos, mui arriscado, em toda a parte os vereis, á falta de melhor, precipitarem-se sobre um livro novo, como cães damnados ladrando, e uivando: *plagiato, plagiato.* Segundo Bavio e Mevio, Virgilio não foi mais do que um plagiario d'Homero; Homero, segundo os Bavios e Mevios da sua terra, plagiario de Orpheo e Linno; Camões, segundo o padre José Agostinho de Macedo, não fez senão tomadias; o cantor de Camões, o sr. Garrett, segundo alguns estafermos, só tem publicado ineditos d'um seu tio bispo d'Angra (que já se vê tinha don de profecia); os *Dois Renegados*, do sr. Mendes Leal, foram vertidos não sei já de que lingua; as *Duas Filhas*, do sr. Pereira da Cunha, vieram não sei d'onde; em summa não sai a lume obra de merito, que antes de outra qualquer critica, ou em logar de todas, a não alcunhem roubo.

É atroz; sobre tudo em obras dramaticas, nas quaes o estilo é pelo menos tanto como o entrecho. Bem haja Molière que tomou de Plauto o *Amphitryão*, e não lhe chamou traducção, porque fez d'elle obra de Molière; bem haja Camões que ao mesmo Plauto fizera igual honra, sem dizer *verti*, pois nos testava obra de Camões; bem haja Regnard que da mesma pedreira arrancou e esculpiu os seus *Menechmos*, e tambem os não cha-

mou copia; bem hajam o Garrett e o Mendes Leal quando deram sem nomes francezes, o primeiro, farças francezas, como *Fallar verdade a mentir*, e *O tio Simplicio;* o segundo, o drama francez *O tributo das cem donzellas;* porque tudo isso ficou por elles naturalizado portuguez, e muito portuguez. Rosnaram-lhes critiqueirinhos tartamudos; deixaram-nos rosnar e foram para diante; porque esses bem sabem e bem mostram quanta originalidade gloriosa póde haver num traductor. Mas a raça d'estas lesmas que babujam toda a especie de monumentos em que não pódem roer, é antiga, repito; quereis ver o como já os sóccos ferrados de Terencio as esmagavam? escutae-o no prologo scenico da sua *Andria:*

Quando o autor no officio novo
tentou dramas escrever,
cuidou que agradando ao povo
não tinha mais que fazer.

Eram erradas as contas;
neste prologo o verão;
que, em vez de prepor a acção,
vem só repulsar affrontas.

Velho poeta mordaz
o constrange a taes respostas;
se a moda vos desapraz,
a culpa lançae-lh'a ás costas.

Comedias Menandro fez:

Andria e *Perinthia* são suas;
quem bem leu qualquer das duas,
leu-as ambas d'uma vez.

No ser e enredo, ambas ellas
são gemeas não só irmãs;
diverso estilo as faz bellas;
vario traje as faz louçãs.

Ora, o nosso autor confessa
que era alheio o que hoje é seu:
da *Perinthia*, *Andria* nasceu;
da grega, a romana peça.

Zoilos lh'o levam a mal;
dizem ser dramas perdidos.
Se devéras cuidam tal,
nunca os vi menos sabidos.

No que a Terencio increpais,
criticosinhos incautos,
aos Nevios, Ennios, e Plautos
não vedes que injuriais?!

Pobrezas de taes autores
são bem mais para invejar,
que d'estes parvos censores
todo o obscuro censurar.

Quasi todos os seus prologos scenicos o mesmo rezam, e contra o mesmo caturra velho: vá ainda uma amostrinha do seu *Heautontimorumenos*:

Do pobre poeta murmuram praguentos,
que estraga da Grecia comedias aos centos,
e d'ellas espreme com musas mofinas
tres ou quatro chochas comedias latinas;
se é mal, paciencia; declara-vos já
que o faz, que o tem feito, que sempre o fará.
Por si tem o exemplo de bons escritores;
o que esses puderam sem medo a censores,
quem é que lhe véda fazel-o igualmente?
Mais critica temos: um velho demente,
poetastro das duzias, ruim fallador,
no povo as derrama roendo no autor:
—«Terencio, autor comico! —exclama—que séstro!
«Não é certamente fiado em seu éstro...
«embute por suas, idéas que pilha;
«e á custa d'amigos por comico brilha.» —
Vós entre as calumnias e um peito leal,
romano auditorio, sereis tribunal.

Consolem-se com estes exemplos os principiantes; procurem ser originaes e correctos; premunam-se contra os criticos de bem; e quanto aos d'esta laia, nunca percam tempo como eu acabo de fazer.

Tomem de cór, e tragam sempre muito a ponto para uma pressa, este dito do nosso Camões: — «Vós outros estudastes para praguejar, e eu para desprezar praguentos.»—

GRAVURA

(*Retrato de Camões.*)

ADVERTENCIA PRÉVIA

Era esta nota chamada na primeira edição pelo retrato de Camões, gravado por uma habil curiosa da ilha de S. Miguel. Essa chapa extraviou-se, razão porque se não reproduz nesta reimpressão; mas o que por essa occasião haviamos discursado, pareceu-nos bem conserval-o, por conter doutrina util, incitamento e conselhos, que porventura poderão ainda aproveitar.

O que vou registar aqui não é sem uma certa importancia para a historia das artes entre nós.

Em nenhuma parte d'este archipelago açoriano até aos fins de 1847, existia a gravura em madeira; posto já de annos se achassem imprensas estabelecidas na Terceira e em S. Miguel.

O sr. Luiz de Vasconcellos, natural d'aqui, algumas tentativas fizera em 1838, abrindo grandes lettras floreadas e alguns outros ornatinhos typographicos, com aquella conhecida pericia que o seu bello talento mecanico desenvolve em tudo que emprehende; mas não continuou.

D'elle são as lettras em que principiou a sair o titulo do jornal *Açoriano* em 1841 ou 42, e d'elle é a illustração do titulo do folheto *Principios* ge-

raes de jardinagem por J. V. Vieira, dado á luz em 1838, typographia de F. J. Corrêa, na rua do Collegio.

O sr. Vasconcellos, assim como não tivera mestre nem predecessor, tambem não teve successor nem discipulo.

Na exposição da industria michaelense d'este Natal de 1849, estão gravadas em buxo, e com gabos de mui nitidas, figuras para um baralho de cartas, obra posthuma de Domingos Antonio Candido de Barros, natural de Lisboa, fallecido na ilha de Santa Maria em julho de 1849. D'este curioso consta haver varias gravuras em metaes, sinetes, etc., mas nada impresso.

Em janeiro de 1848, incumbido da redacção do *Agricultor Michaelense*, emprehendi que em Ponta-Delgada se gravasse, não tanto para ornamento d'aquelle periodico (as primeiras tentativas em tal arte nunca o pódem ser) como para esclarecimento de artigos sobre maquinas, animaes, ou plantas não vulgares, e ao mesmo tempo, para ver se d'este modo o gosto e a nobre emulação chegavam a fazer pegar tão bella e proveitosa industria em terra como esta, onde as mãos habilidosas não fallecem; já nesse mesmo janeiro, isto é, no primeiro numero da minha redacção, saiu o *Agricultor* com sete gravuras. Trasladarei d'elle mesmo o que puz na advertencia prévia aos *Afogados*, romancinho escrito e acompanhado de pequenas estampas pelo sr. Luiz Filippe Leite:

«O autor tambem agora pela primeira vez pro-

«va a mão na difficilima arte da gravura em ma-«deira, pelo que em seu nome requeremos bene-«vola indulgencia para com os ornatinhos artis-«ticos d'este periodico; todo o homem de bem «lh'a concederá e avantajada; mormente se se ad-«vertir em que o desenho, outr'ora mero luxo e «para raros livros, e escaço, está sendo hoje quasi «necessidade, até para folhas volantes e efême-«ras, quando têem de fazer bem conhecidos certos «objectos fisicos, naturaes ou artificiaes.

«Por isso, e por entendermos que se não have-«ria por de menos entidade, o introduzir e acli-«mar uma boa arte mui fecunda, do que uma «qualquer planta forasteira, é que forcejámos, com «toda a perseverança que nos dá a nossa velha sen-«tença biblica «Se queres pódes» para que despon-«tasse a gravura, como já desponta emfim neste «archipelago. Os noveis artistas, que em torno de «nós trabalham, fantasiando já futuros, como to-«dos os verdadeiros talentos, o sr. Alfredo Lam-«bert de dezasete annos de edade, o sr. Luiz «Filippe Leite de dezanove, ainda ha oito dias igno-«ravam, e não inquiriam, como se desse um traço «na madeira; sabiamol-o nós por alto; explicamos-«lh'o; insistimos; esforçamol-os; ousaram; o mila-«gre fez-se. E que milagre! Sem mestre! sem tem-«po! sem utensis! Todos os seus instrumentos, im-«provisaram-nos elles mesmos; foram nesta ilha «os Robinsons da gravura. Toda a sua officina «ainda hoje a podeis ver num relance; ella que «se vos retrate .....

.....

«Já achámos um impossivel; ambos os nossos «artistas se recusam ao que se lhes figura jactan«cia indecorosa.....

.....

«Decididamente não ha impossiveis; a repu«gnancia dos dois artistas, criou terceiro: o sr. «Pedro d'Alcantara Leite. A acquisição e formação «do artista, e a sua obra, não nos custaram mais «de vinte e quatro horas. A revelação do segredo «da abelha de todos os tres, eil-a aqui pois.»

O desenho que immediatamente seguia estas palavras, mostrava uma peça de madeira sobre a qual se via uma mão gravando com o bico de uma agulha espetada num pau, e ao lado um canivete.

Em consequencia da minha obstinação, foi a coisa por diante, e nos doze numeros do *Agricultor* d'esse anno se contaram sessenta e uma gravuras executadas por nove pessoas, duas das quaes, senhoras. Alfabeticamente são: as sr.as D. Maria Leonor da Camara Sampaio, D. Marianna de Lima Furtado-de Mendonça, os srs. Alfredo Lambert, Henrique Walker, Ignacio Pedro Silveira Junior, João Luiz de Moraes Pereira, José Maria Raposo do Amaral, Luiz Filippe Leite e Pedro de Alcantara Leite. Não se attingiu a perfeição, mas os progressos foram visiveis.

No anno recemfindo de 1849 cessaram as illustrações do *Agricultor;* e, a despeito de tão auspiciosos principios, os adeptos, se não abjuraram o culto, arrefeceram e dispersaram-se. Só lhe

permaneceu fiel (que eu saiba) a ex.ma sr.a D. Maria Leonor da Camara Sampaio. Sessenta diversas gravurinhas suas, todas de 1849, estão ornando a exposição, e clamando aos descuidosos em favor de tão rico estudo. *O retrato de Camões*, a que esta nota pertence, é um improviso d'esta senhora, que nem a minima lição jámais recebêra de desenho.

Para chegarmos já ao faciendum (pois tambem nesta nota o ha) ponderem-se devidamente os seguintes pontos:

A gravura em madeira tem-se nestes ultimos annos immensamente generalisado nos paizes em que ha imprensa; tornou-se necessaria; dentro em pouco será indispensavel.

A gravura em madeira é um possante auxiliar para quasi todos os conhecimentos humanos. *Primo:* porque mostra os objectos, em vez de só se nomearem, e assim os faz melhor comprehender; *secundo:* porque os mnemonisa; *tertio:* porque desafia o appetite para a leitura.

A gravura em madeira deve a sua presente prosperidade, e ha-de dever os seus ainda maiores futuros, á facilidade com que se executa e se encorpora no texto typographico; em quanto a gravura em cobre ou aço e a lithographia, são impressas sobre si, e muito mais dispendiosamente.

A gravura em madeira é de tal modo accessivel a quaesquer mãos, que não sejam de todo degeitosas, que já hoje, segundo dizem, o motivo de sairem tantos jornaes inglezes cheios e ra-

sos d'illustrações, não é outro, senão que a infinita concorrencia de gravadores tem feito baixar o preço de suas obras, e um dado espaço occupado por gravura sai mais barato aos emprezarios, do que se o fosse por composição.

A gravura em madeira, depois d'esta sua gloriosa resurreição em nossos dias, tem começado a ser exercida em todas as partes, por curiosos, e ás apalpadelas, como dizem vulgarmente, sendo o exercicio, a perseverança, a imitação, e a emulação, o que de anno para anno a faz subir e aperfeiçoar-se. Os srs. Bordallo e Coelho, que primeiros gravaram em Lisboa, não tiveram mestre nem tratado ou *vadé mecum*, nem sequer quem lhes explicasse como era a ferramenta, e como d'ella se usava; quizeram, tentaram, teimaram, conseguiram. O *Panorama*, em que elles se estrearam, contém em documentos a sua historia: esboços grosseiros a principio; a final obras nitidas. ¿As primeiras tentativas d'este genero, feitas no *Agricultor Michaelense*, d'onde procederam? (a noticia é para rir mas não inutil) procederam da mui succinta explicação que eu aqui fiz, do que só de ouvida, e mui vagamente, sabia em tal materia; com ella, um canivete, uma agulha afiada, e muita paciencia, sairam os primeiros esboços; depois vieram buris e manuaes; a pratica, e o exame mais atento d'algumas gravuras inglezas, foram novos recursos. Em tão curto prazo notou-se o adiantamento. Se houver perseverança, ha-de-se chegar ao perfeitissimo; que não são as mãos inglezas mais baptisadas,

nem os ares de Londres mais claros, nem o seu sol mais criador.

Como os tratados e manuaes de gravura, nem todos os possuem, e menos ainda são em numero as pessoas portuguezas que em linguas estrangeiras os pódem ler com aproveitamento, quero crer que para alguem poderá servir, como já aqui serviu, uma exposição succinta do que importa se saiba para começar a ser gravador:

Serrae a tôpo uma fatia de buxo bem secco e são (pereira e ebano tambem são bons); a grossura d'esta fatia deve ser igual á altura d'um typo (sendo menor haverá de se calçar no prelo); comprimento e largura, segundo o desenho. Igualada e perfeitamente alizada a superficie, branqueae-a esfregando-lhe com a palma da mão alvayade de Veneza bem secco (muitos não branquêam); desenhae por cima com lapis, ou nanquin o objecto que pretendeis estampar, havendo cuidado em que o que deve sair da direita fique da esquerda, e vice-versâ.

Se sois bom desenhador, não ha para vós difficuldade alguma; haveis de ser bom gravador; se não sabeis desenhar, pedi a outrem que vol-o faça, reservando para vós todo o trabalho do ferro. Muitas gravuras em Portugal, em França, em Inglaterra, em Italia, em Alemanha, são debuxadas por um, e por outro abertas. Esta divisão de trabalhos, e esta associação de artistas, têem vantagens para a quantidade e qualidade dos productos.

Se se trata de uma copia fiel, podeis fazel-a

no papel chamado vegetal. Assentar a copia com uma gomma branda sobre a madeira, é quasi o mesmo que se nella desenhasseis.

Tende uma collecção de buris e instrumentos de diversas feições e córtes; quanto mais numerosos e variados melhor.

Assentae a madeira numa almofada cheia de arêa; segurae-a com a mão esquerda; e com a direita ide cortando a pouco e pouco tudo que não está coberto de desenho. Alguns aconselham que se tenha na mesa uma armaçãosinha com um parafuso, propria para conter bem segura a peça de madeira, o que em certas partes do trabalho poderá ajudar, mas não é indispensavel.

A diversidade do tamanho e feitios dos espaços brancos que ha para tirar, vos irão dizendo de quaes dos vossos ferros vos haveis de servir.

Os traços de contornos e circunferencias, quer d'um rosto, quer d'um corpo, d'uma planta, d'uma casa, etc., são os ultimos, junto aos quaes por fóra se deve abrir córte. Todos os lavores centraes ou medios, se devem fazer primeiro, para não enfraquecer as bordas, que, estando desamparadas, e trabalhando-se por dentro junto a ellas, poderiam quebrar-se.

A profundez dos córtes varía segundo a grandeza do espaço que se ha-de cavar: entre duas linhas mui juntas, uma leve incisão bastará; onde houver de ficar grande superficie em claro, afundareis muito.

Os córtes de circunferencias dêem-se deixando talud, isto é, dêem-se obliquamente a fugir com

o talho para fóra do contorno da figura, á proporção que se profunda; é uma cautella para solidez; com o talho vertical, esta seria menor; com o talho obliquo para baixo da figura, era ruina certa ao imprimir.

Tudo isto é pouco e singelo, não é assim? pois aqui tendes a substancia da arte; nunca houve segredo d'abelha mais penetravel.

Concluida a gravura, mandam-se tirar d'ella provas por um impressor habil. Á vista das provas se reconhece o que importa emendar. As emendas pódem consistir em diminuição, ou accrescentamento. Para corrigir a chapa, lavae-a da tinta da imprensa; não com agua e lexivia, que a poderiam empenar, mas com azeite e escova não muito aspera. Onde a prova vos mostra tinta que lá não devêra estar, cavae; onde vedes que ella falta e era precisa, e se não póde dispensar, cavae nessa parte a vossa madeira; afeiçoae um torno das dimensões da cava, já se sabe feito do mesmo pau e tambem a tôpo; embebei-o exactissimamente, por modo que a sua superficie fique de todo nivelada com a restante; e este remendo, desenhae-o e gravae-o de novo; ainda que o melhor remedio é tomar outra chapa, e recomeçar o desenho todo.

A impressão d'uma gravura, exige algum cuidado. O gravador, ainda que principiante seja, não havendo outro mais pratico do que elle, deve vigiar com minucioso escrupulo a obra do prelo, até esta sair com a possivel perfeição.

Para a perfeição d'uma tiragem d'estampa gra-

vada, não basta o primor do buril, a bondade do rolo, a bondade e boa distribuição da tinta; se a pressão for igual em toda a superficie da estampa, poderá esta ficar carecendo de certas proporções de tons, isto é, de certa graduação de tinta, nuns sitios mais forte, noutros mais fraca, de que muito depende o bom effeito.

Deverá pois o tympano ser revestido anteriormente de casimira ou pano fino recoberto de seda, tudo sem remendo, buraco, ou costura. Tirada a primeira prova numa folha de papel não molhado, o artista indaga nella que partes beberam tinta de mais, e quaes de menos.

As que beberam de mais, corta-as delicadamente á tesoira e lança-as fóra; as que beberam de menos, cobre-as, pegando-lhes em cima de cada uma, com gomma, um papelinho recortado de igual feição, e esta folha de prova assim desfalcada nuns pontos, e noutros relevada, a ajusta e prega sobre a seda, passando logo a tirar segunda prova tambem secca.

Se ainda alguns dos vãos que deixou, tomam tinta em demasia, esses, torna-os a vasar com a tesoira, e semelhantemente accrescenta segundo empaste onde a força do preto não chegou ainda á sua conta, e só depois de cabalmente afinado o tympano, por via de successivas subtracções e addições, se retira, certo de que a sua chapa dará de si quanto póde.

Se no decurso da impressão, as estampas vão perdendo o mimo, o que é resultado de tinta de*positada* nos traços estreitos e pouco fundos, é

javar as chapas com azeite e escova como já se disse.

A bem das sciencias, litteratura e artes, exhortêmos aos que sabem desenhar, e aos que, não o sabendo, têem comtudo mãos delicadas, paciencia e gosto, cedam á tentação que esta noticia provavelmente lhes ha-de causar; experimentem; e, se a primeira tentativa lhes abortar, não esmoreçam; ninguem nasce grande: Hercules, foi um menino de mama; Roma, uma aldeola; os carvalhos, bolotas; as aguias, ovos; os rios, fontes; a Venus de Medicis, e o Apollo do Belveder, o Moysés de Miguel Angelo, e o Parnaso de Assis Rodrigues, pedras brutas. Uso faz os mestres. — «O genio — dizia Buffon — não é senão attenção.» — Ter sempre perante os olhos aquella maxima de todos os grandes homens, que é a mãe de todos os grandes milagres: *Se queres pódes. Si vis, potes. Se tens fé, transportarás as montanhas,* se lê nas sagradas paginas.

Virgilio escrevia:

..... *Possunt, quia posse videntur.*

ou

..... *Labor omnia vincit.*

Horacio:

Nil mortalibus arduum est.....

Ovidio:

Et qui non poterat, posse coactus erat.

Seneca:

Quodcumque sibi imperavit animus, obtinuit.

Camões:

Impossibilidades não façais,
que quem quiz, sempre poude.....

Napoleão:

Impossible est l'adjectif des sots.

Pudera citar milheiros, mas fiquem por todos, os nossos dois rifões velhos: *Mais faz quem quer do que quem póde;* e *Para quem quer não ha impossiveis.*

A doutrina mais substancial do romance de Rousseau sobre a educação, é aquella de acostumar as mãos ao trabalho desde muito cedo.

Esse principio, que deu origem a outro romance castelhano tambem d'educação, porém muito mais positivo e util, *O Euzebio*, foi para logo adoptado pelo bom senso geral, e muitos dos fidalgos emigrados pela revolução franceza do fim do seculo passado, não deveram a subsistencia senão ao mister manual que em melhores tempos haviam aprendido, bem fóra de cuidarem que jámais lhes serviria. Ora as vicissitudes subitas, imprevistas, e quotidianas, suscitadas ao presente pela politica e pelas transformações que opéra em tudo o crescer e variar da industria, pela nobilitação do trabalho, pelas tendencias filosoficas do seculo; este incalculavel fluxo e refluxo de destinos que remuge ameaçador em tôrno a

cada um de nós, e que a ninguem permitte prever, como nos dias doirados de nossos avós, onde ha-de ir acabar, nem quando, nem como, nem de quê: se de balas, se em prisão, se em degredo, se em desertos, ou em cadeira curul em degraus de throno; tornam, para quem não for nescio, urgentissimo preceito o que no tempo de Rousseau não passava de bom conselho.

Todos os trabalhos uteis são nobres; mas alem de nobre, qual mais agradavel que o de cultivar uma arte das que chamâmos bellas, e bem puderamos chamar boas, como nossos maiores, e não só bella e boa, senão de todas a optima e a bellissima? A obra do estatuario, por mais divina que saia, nada produz, nem se reproduz; a do pintor, excitará assombros numa sala ou num templo; a do architecto, poderá alojar em si todas as outras, mas é circunscripta em espaço, e irrevogavelmente arraigada ao chão em que brotou. A gravura em madeira entretanto, superior nisto á dos metaes e á lithographia, trava-se, encorpora-se, identifica-se com as proprias expressões já do architecto, já do pintor, já do escultor, já do musico, já do chorégrapho, já do poeta, já do novellista, já do biographo, já do historiador, já do viajante, já do mineralogico e geólogo, já do geógrapho e astrónomo, já do botanico e do agrónomo, já do zoólogo e criador das raças uteis, já do antropólogo, já do anatomico, do medico... que digo! a moral mesma, recebe d'ella enfeites e seducções. Quantas scenas de beneficencia, de generosidade, de paz e ventura domestica, d'amor

materno, d'amor filial, de compaixão para com as miserias alheias, não vem assim prégar mudamente, e commover num relance a quem não leria nem ha-de nunca ler o livro sério, ou porque lhe não entende a lingua, ou porque lhe falta ocio, ou porque não quer! Para todas as sciencias e artes é esta arte um bordão de arrimo e uma lanterna, que as deixa ir vendo, e sendo vistas ao longo dos seus diversos caminhos.

Eis aqui precisamente o que lhe tem dado a sua já hoje incontestavel supremacia; o que faz que ainda vá crescendo, e o que deve compellir a todos os que tiverem olhos, mãos e alma, a frequental-a com amor e enthusiasmo. ¿Porque é que na educação esmerada de um e outro sexo se não ha-de incluir desde já este tão agradavel e tão previdente complemento? Tendes filhos e filhas, e sois nobre, e sois rico; nobilitae-os e nobilitae-as ainda mais, dando-lhes um lustre, e um prestimo novo. O grande Czar Pedro foi ferreiro, carpinteiro e calafate; Luiz XIII, canastreiro; Luiz XVI, serralheiro; Luiz Filippe, mathematico; sua filha a princeza Maria, escultora; seus filhos cursaram os estudos proveitosos, como qualquer cidadão; o principe Alberto de Inglaterra é pintor; o infante D. Henrique foi cosmógrapho; D. Pedro IV, o Grande, torneiro, musico, e capitão de primeira ordem. El-rei o senhor D. Fernando é desenhador pintor, gravador, escultor, architecto e musico; A viuva do Libertador e a sua filha reinante primam em lavores proprios do seu sexo, que, ambicionados e vendidos á porfia nos bazares da ca-

ridade, têem concorrido para enxugar muitas lagrimas de velhos e meninos. Os nossos principes em suas curtas edades são já citados com admiração pelo numero e variedade das suas prendas, etc. etc. etc. Quanto á nobreza, isto. Quanto aos haveres, ¿quem vos affirmou que a fortuna vos não arrancará das mãos ámanhã, e já hoje, o testamento? Premunir, premunir para o dia da adversidade, que nem sempre tem vesperas! quando ella bater com a mão de ferro á porta dos vossos filhos e filhas, um talento precioso, e bem esmerado, que lhe responda de dentro:—«*Vae-te a outra porta; aqui, trabalha-se.*»—

Um magnifico serviço que os redactores de jornaes scientificos, litterarios, e até politicos, podiam fazer desde já á patria, seria franquearem as suas columnas a quantas tentativas de gravura em madeira, não inteiramente abortadas, lhes fossem offerecidas por principiantes, ou curiosos em qualquer grau de adiantamento: que bello certame publico! que mutuo incitamento! que de glorias semeadas! que atractivo para a curiosidade e para a leitura!

Academias das bellas artes de Lisboa e Porto, caritativo estabelecimento da Casa Pia, completae-vos juntando ás nobres artes do desenho, que já ensinais, esta que indubitavelmente é de todas a mais gloriosa, porque é de todas a mais fructifera.

Doze annos foram necessarios para que saisse

com despacho tão singelo requerimento. Ninguem se apressa mais devagar que nós para as coisas faceis e de tomo.

A Academia das bellas artes de Lisboa sob o actual influxo criador do sr. marquez de Sousa tem já decretada a sua escola de gravura em madeira, e nomeado para ella o professor Pedroso, artista de merito geralmente reconhecido. Bom é assim, para que temerariamente se não fie tudo ao tempo, ás diligencias, esforços e sacrificios dos particulares.

A sociedade proprietaria e editora do memoravel jornal o *Panorama*, coadjuvada pelos nossos amigos Bordallo Pinheiro e Coelho, introduzíra, e desenvolvêra até certo ponto, esta bella arte. Morto aquelle semanario, tornou ella a decair.

A typographia Universal do sr. Eduardo de Faria como que a galvanisou por momentos, sem comtudo exceder, nem igualar, dizem-no os peritos, as provas produzidas pelo *Panorama*.

Aos honrados, intelligentes, e já mui benemeritos impressores e editores, os srs. Castros, emprezarios do *Archivo Pittoresco*, estava guardada a gloria de fundarem na sua mesma officina uma escola de gravura em madeira, já hoje muito digna de attenção, e que, graças aos seus desenhadores e directores, e nomeadamente aos srs. Nogueira da Silva e Pedroso, promette ascender a mui notavel perfeição.

Ficaremos tendo pois d'hora ávante duas escolas de gravura em madeira; conserve-as Deus, que

a rivalidade póde ser fecunda. Assim os autores e editores se vão resolvendo a ataviar e illustrar de estampas os livros que dão á luz, e cuja quantidade e qualidade já começam a tornar-se devéras auspiciosas para a litteratura portugueza. Leitura e gravura téem de se auxiliar mutuamente:

> ..... *Alterius sic*
> *altera poscit opem res, et conjurat amice.*

O SENHOR D. PEDRO II

(Tomo I pag. 5, linha 1 —*A Sua Magestade o senhor D. Pedro II, Imperador do Brazil.*)

Nenhum motivo me induziu a dedicar este poema a Sua Magestade Imperial, o senhor D. Pedro II, senão o desejo de dar publico e solemne testemunho de veneração a um principe, que na flor da edade é já maduro para a sabedoria; que ama e pratica as lettras como as virtudes; e por quem o maior imperio se tornará tambem o mais ditoso. Escritor sempre amante d'esta formosa lingua de Camões, eu devia tambem esta homenagem ao espirito distincto, que, familiarisado com as mais opulentas litteraturas d'essa Europa, comprehendendo e avaliando as bellezas de seus idio-

mas, se delicía, com uma especie de preferencia filial, nos livros bons da lingua de seus avós. Em summa, e porque tudo diga, era já de muito para mim imperiosa necessidade do coração pregoar alto o meu enternecido agradecimento para com um genio, que ainda sem corôa seria admirado, o qual entre os cuidados de reger um mundo, não desdenha pôr algumas vezes olhos benevolos nos meus escritos.

O primeiro ouvinte d'este poema foi Sua Magestade Imperial, que na sua chacara de Santa Cruz teve a bondade de permittir se lesse inteiro, e de um só folego, na sua augusta presença; e, consinta-se-me a gloriosa revelação, o honrou com reflexões, ao mesmo tempo de profundo juiz, e de protector benevolo, permittindo a final que sob tal e tamanho nome, e auspicios tão faustos, saisse, como saiu, e agora torna a sair, a publico.

Os votos que cerram e coroam a dedicatoria, na consciencia tenho que são profecia. Essa obra posthuma de Camões haverá sido de todas as suas, a mais bella.

Cumpre-me agora, depois de doze annos, ajuntar ao que se acaba de ler que os meus desejos de conhecer a tão insigne personagem foram satisfeitos.

Em 1855 levou-me ás praias do Rio de Janeiro

a ancia de propagar o *Methodo* regenerador das escolas elementares por aquellas dilatadas regiões. Eram terras portuguezas quanto á lingua, como quanto ao sangue de seus moradores; primeira razão. Mas eram ao mesmo tempo terras hoje estrangeiras; segunda razão, e melhor ainda para boas esperanças. A minha tarefa era como que de profeta; e estes não costumam sel-o na terra propria; e depois, as invenções são ás vezes como os frutos: transplantados a terreno alheio acontece melhorarem-se.

O como o exito respondeu, ou deixou de responder, ás minhas diligencias, sabem-no pouco mais ou menos os leitores pelo meu livro do *Outono*, e pelo muito que a esse respeito anda escrito em jornaes de lá e de cá, sendo todo esse muito quasi nada em comparação com a documentaria inedita que tenho ido archivando para a historia final d'esta campanha inacreditavel.

Alguns falsariositos, d'esses que para alguma coisa fazerem neste mundo, invertem e deturpam o que os outros fazem, disseram, e até imprimiram, que me fôra eu ao Brazil por convite, e a expensas do seu Governo, e com a mira em extraordinarias recompensas pelo meu pequeno serviço.

A verdade, que elles sabiam tão bem como eu, era que eu fôra lá espontanea e gratuitamente, e tão decidido a regeitar qualquer retribuição, se m'a offerecessem, que, por bons termos, e o mais cortezmente que soube, assim o declarei logo na oração d'abertura do curso normal no

Rio, em presença dos ministros, conselheiros de estado, dignatarios do imperio, lentes e professores, e um concurso numerosissimo de cavalheiros e senhoras. Se alguem houvesse lá pensado em me dar alguma coisa, tinha-me eu proprio ali atado as mãos com seiscentos nós górdios para nunca lhe poder pegar. O meu premio teria sido (e que immenso premio!) que o ensino primario official d'aquellas terras désse exemplo ao das nossas, convertendo-se de boa fé para a religião do ensino pelo amor, á vista dos milagres que o abonavam. Outras honras não as queria; e então proveito de outro qualquer genero, muito menos.

Ao meu ardor de missionario do progresso accresciam, para me tornarem suave e appetecida a peregrinação, saudades velhas de irmãos excellentes, cubiça de respirar uma vez ares de tanto amor e poesia, como são os tropicaes, a lembrança de bons amigos e condiscipulos americanos, que nunca mais encontrára desde que nos despediramos em Coimbra, e, tanto como tudo isto junto, a ancia de agradecer a um soberano grande homem os testemunhos que tão longe, tão pequeno, e tão desconhecido, eu recebêra da sua benevolencia.

Grandiosa era a idéa que eu d'elle me formára; a realidade excedeu-a.

Recebeu-me Sua Magestade com aquella boa sombra que honra ainda mais ao poderoso que a liberaliza, do que ao pequeno que a recebe.

A escola em que eu diariamente leccionava o

ensino filosofico dos elementos rudimentaes a um crescido numero de professores, foi honrada com a visita de Sua Magestade. Mais illustrado e atento ouvinte nunca eu o pudera ambicionar.

Depois, todas as vezes que eu o procurei no palacio, attraído fortemente do encanto de admirar tão copiosa sciencia, e filosofia tão profunda em tão elevada posição, e annos tão verdes, cada vez mais me confirmei em que o muitissimo que geralmente se encarecia de tal cabeça e coração, só peccava por diminuto.

Custava-me, e custa-me ainda hoje, a comprehender como é que um Cezar, assoberbado com o peso de tantos interesses maximos de um imperio novo, e quasi sem limites, poude achar ainda horas para conversar todas as musas gregas e romanas antigas, todas e cada uma das modernas da Europa, e de todo o mundo.

Sabia eu, como toda a gente, que a memoria, acompanhada de notavel intelligencia, era um dote dos mais eminentes da familia brigantina. Apesar todavia de tal prevenção, voltava sempre assombrado do como, por mais que as nossas praticas divagassem por trilhos abstrusos e raro batidos, nunca Sua Magestade deixava de apparecer com reminiscencias a ponto, e tão miudas, e tão exactas, como se as trouxera para ali frescas e viçosas, acabadas de colhêr nos melhores livros, retocadas pela reflexão, concertadas e compostas pelo bom gosto.

Em summa pude por mim proprio reconhecer que d'esta vez não fôra lisongeira a fama; e que

485686

os versos da minha dedicatoria deviam ser inteira e religiosamente conservados.

O meu sabio amigo, Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, pernambucano, lançou no jornal o *Futuro* uma interessante noticia ácerca do senhor D. Pedro II sob o modesto titulo de *Apontamentos biographicos*. Cito-a como valioso documento que abona o que deixo dito.

Se me é dado citar depois d'essas paginas, paginas minhas tambem, concluirei, adduzindo como confirmação o que na biographia de outro meu amigo brazileiro, o Padre-mestre Monte-Alverne, escrevi sobre uma visita feita pelo chefe do estado ao religioso. Ha rasgos simplices que bastam para caracterisar um retrato; d'esse numero é o que se vai ler:

«A 4 de outubro de 1855, dia da festa de «S. Francisco de Assiz, o fundador da Ordem Se«raphica, e de quem o nosso Fr. Francisco tomára «por appellido o nome de Monte-Alverne, vieram «ao convento assistir á solemnidade religiosa Suas «Magestades: o Imperador e a Imperatriz; era a «occasião de pagarem com uma visita sua ao sa«bio, alto brazão do seu imperio, as muitas que «d'elle haviam recebido.

«Esta scena, honrosa para todos os tres, de«via-a ter o pincel perpetuado; e á fé que havia «ahi com que se inspirar! uma princeza, toda «suavidade e virtude; um principe, todo virtude «e talento; um frade, todo talento, religião e ma«gestade!

«Aquelle imperador é assim. Liberal por he-
«rança, educação e filosofia; chefe de um estado
«immenso a medrar de dia para dia em tôrno
«do seu sceptro abençoado, sabe, tão bem como
«o seculo, cujo se préza de ser filho, que ne-
«nhum modo lhe resta para crescer senão es-
«quecer-se entre os sabios de que nasceu grande,
«fortalecer-se nas justas e torneios da intelligen-
«cia, e ao diadema, que a fortuna lhe lançou
«no berço, entrelaçar as corôas que se conquis-
«tam pelo estudo. O sceptro seria para elle um
«onus, se não fosse um instrumento possante de
«felicitação para tantos povos; empunha-o por
«dever; mas o que á farta lhe liberaliza delicias
«é a penna. Estadista serio é profundo na sala do
«conselho, dá sem pesar quantas horas são mis-
«ter aos interesses publicos; mas as restantes, as
«do repouso, parte das do somno talvez, en-
«tre dois amores as reparte, entre duas familias
«qual a qual mais sua: uma esposa e filhas, que
«ainda nascidas na mais obscura choupana se-
«riam adoraveis, e o congresso dos grandes ho-
«mens de todas as edades, com quem conversa
«em suas proprias linguas, no remanso da sua
«inspirativa bibliotheca. É ali que elle folga de
«receber os seus pares nos trabalhos do espirito;
«ali falla com cada um, segundo a natureza das
«suas actuaes applicações; e sempre tão prestes,
«tão noticioso, tão exacto nos juizos, como se
«nunca outro houvera sido o emprego das suas
«locubrações. Quasi sempre, e em tudo, a ver-
«dade em que a final se concorda, era a que elle

«aventára no primeiro relance. Ama o debate, «como pedra em que o entendimento afia as suas «armas; quer e mantem livre, liberrima, a con- «troversia. Ninguem então se lembra do impe- «rador; lembram-se todos de Cicero *disposto sem- «pre a refutar sem pertinacia, e a ser refutado sem «agastamento.*

«Era nessa bibliotheca, transumpto e recorda- «ção da do Apollo Palatino, fundada e cheia por «outro Cezar, não menos fautor das lettras, po- «rém menos liberal sem duvida; era ali, que rei- «terados convites seus haviam feito muitas vezes «comparecer o varão, a quem agora se gloriava «de visitar num cubiculo apertado, sala, apo- «sento, livraria, officina, onde tantos diamantes «de vulto se haviam lapidado para a corôa litte- «raria do seu imperio.

«Um presente, digno de quem o dava e de «quem o recebia, assinalou a estada de D. Pedro II «no quarto de fr. Francisco de Monte-Alverne: foi «a cadeira que o soberano possuia do grande An- «chieta; reliquia historica do valor de um throno.»

Mais longe pudera eu levar a defensa e apologia da minha dedicatoria; pudera transcrever interessantes e curiosos trechos da correspondencia de meu irmão José Feliciano de Castilho, sobre as suas leituras e largas conferencias litterarias com o senhor D. Pedro II; mas resisto á tentação por não incorrer na censura de ruim gastador de tempo em evidenciar verdades já notorias e triviaes.

PROLOGO

(Tomo I pag. 7 — *Aos espectadores. Prologo* — Pag. 97, linha 17 — *Um Ermitão que sai da segunda porta da esquerda, e se vai collocar perante El-Rei* — Pag. 104, linha 19 — *O Ermitão que vem da segunda porta da esquerda collocar-se novamente diante do estrado real.)*

Os *prologos* em theatro são da infancia da arte. A intrinseca difficuldade de fundir a exposição na acção, difficuldade que nem nos seculos mais cultos, nem pelos poetas mais primos se tem deixado vencer senão raramente, introduziu, fez pegar, e conservar-se por muito tempo, o costume d'estas accessorias e postiças declarações. É assim que nos desenhos e pinturas de mãos noviças se recorria a palavras escritas a sairem das bocas das personagens, para supprirem a expressão que lhes não sabiam dar.

Não fallo de Eschyles nem de Aristhophanes: as tragedias do primeiro, cheiram ainda muito á barbarie das carradas bacchicas de Tespis; as comedias do segundo, pouco distam da satira grosseira de que esse genero se originou. Mas Aristhophanes e Eschyles, posto não fizessem dos *prologos* composições sobre si, nem por isso se póde dizer que d'elles se não valeram.

Euripides tem *prologos* postiços. No seu *Hyppolito*, por exemplo, é Venus quem prepõe a acção.

Outro tanto faz Minerva no *Ajax furioso* de Sophocles.

Entre os romanos, Plauto empregou allocuções preliminares, illustrativas de suas comedias e com pequenas variações, umas vezes, fazendo-as recitar por uma figura chamada mesmo *prologo*, como na *Asinaria*, nos *Menechmos* e nos *Cativos;* outras, por personagem que tambem na peça representava, tal como Mercurio no *Amphitryão;* outras, por um ente ideal ou mytologico, v. gr. na *Aululária* o Lar, na *Cistellaria* o Deus Auxilio depois de corrida a primeira scena, e no *Rudente* o Arcturo.

Terencio preludia a cada uma das suas seis comedias com um trecho especial (todos elles recitados pela figura *prologo*) em que esgrime contra os seus mordazes, annuncia o assumpto, e capta a benevolencia do auditorio. Nestes tres pontos se póde dizer que está o termo medio de toda a substancia dos *prologos*.

As tragedias de Seneca vão sem *prologo;* só no *Thyestes* ha uma especie d'isso: é o dialogo do espectro de *Tantalo* e *Megera*. Notemos que o côro e os entreactos das tragedias antigas participavam da mesma natureza do *prologo*, pois se enxertavam na acção para a esclarecer, intimar, ou espremer d'ella moralidade. Eram por força quebras mais ou menos graves na verisimilhança; mas a belleza lirica d'esses trechos sempre esmerados, e a musica de que se elles revestiam, os tornavam não só desculpaveis, senão bemvindos e applaudidos.

Actoris partes chorus officiumque virile
deffendat; neu quid medios intercinat actus
quod non preposito conducat et hæreat apte.

Na renascença das lettras commummente se viu o theatro ou por imitação dos classicos, ou porque a mesma causa, isto é, a mesma inexperiencia e falta d'arte, devesse produzir os mesmos effeitos, viu-se, digo, o theatro recorrer aos mesmos viciosos artificios de annunciadores, expositores e complementadores de suas fabulas; empachos de que o tempo e o crescer do bom gosto o deviam necessariamente descartar; e assim aconteceu: só a ópera, mixto de todos os generos scenicos, da declamação, do canto e musica, da mimica, da dança, e em que os olhos e os ouvidos têem muito mais largo quinhão que o senso poetico, só ella conserva hoje, formosa desdenhadora de verisimilhanças, os córos quasi sempre repugnados da razão, e os nuncios e relatores que supprem como pódem o que na representação lhe mingúa.

Se recorremos aos patriarchas do nosso theatro, achâmos com effeito isso, e tudo o mais com que se caracterisa o primeiro balbuciar da arte scenica.

Gil Vicente, por antiguidade, e por tudo, é o primeiro que nos chama a attenção. Nada mais irregular, desordenado e monstruoso, mas nada mais rico, flórido, gracioso e attractivo, que os seus autos, comedias, tragicomedias, e farças. Inferior a Terencio, e mesmo a Plauto, quanto ao que

é propriamente dramatico, e talvez não menos desconchavado a esse respeito que Aristophanes, o nosso bom Gil Vicente é porventura de todo o nosso Parnazo-o espirito mais bafejado de graça poetica original; com os seus modos semi-castelhanos, o mais portuguez, e o que para os engenhos verdadeiramente poeticos ha-de ser sempre uma gruta immensa e sem fundo de inspirações deliciosas; é um La Fontaine silvestre; não procura a poesia, procura-o ella; caem-lhe os versos felizes, como ao commum da gente as palavras necessarias; onde toca, nascem rosas; para onde lança os olhos a descuido, vê-se rir uma fada, ouve-se em ecos um cantar de sereia; as suas saudades são muitas, mas alvas e alegres; nas mais infimas trivialidades, tem sempre um toque de affecto que as nobilita como quer que seja; sobretudo é, se me não illudo, o unico dos nossos rimadores que tem uma individualidade perfeitamente caracterisada. Ferreira, Sá Miranda, Bernardes, todos, até o proprio Camões, tinham-se acostumado a não desamparar nunca os vestigios dos latinos, dos italianos e dos castelhanos: eram portuguezissimos no amor da patria e na linguagem; em tudo o mais recearam sel-o. Gil Vicente, dou que menos erudito, por sua e nossa fortuna, e sem nenhumas ambições litterarias, regalava-se de rescender ao seu Portugal, de rimar os nomes das suas aldeias e dos seus camponezes, de folgar com as suas festas populares, de bailar e cantar as suas chacotas, de se entreter com as suas benzedeiras, com os

seus clerigos folgazões, com os seus escudeiros joviaes, de empulhar as damas e moços do paço por seus nomes, sobrenomes e appellidos, de archivar quanto via, de modas, de ridicularias, de crenças, de festejos, e ao mesmo tempo, quanto ouvia, ou lhe lembrava, quer fabuloso, quer certo, quer absurdo, das antigualhas da sua terra.

Esta digressão, não m'a levem a mal. Fallei nos meus amores, esqueci-me. O que podia era cortal-a agora; mas o tempo vai tão escaço de verdades sinceras, que não devemos excluir uma, só porque nasceu fóra do seu logar: volto ao assumpto. O nosso Gil Vicente pois, suppre as lacunas das suas peças com prologos narrativos e em verso, antepostos á primeira scena, e com advertencias, em prosa nas quebras da acção, o que dá a lembrar aquelle donoso contar e cantar das chacaras pelas nossas velhas do borralho, que onde fazia mister intromettiam na cantilena seus entrefolhos rezados, que ainda redobravam a attenção do auditorio; o que eu não sei, é se, quando o nosso Gil Vicente se representava, aquelles intermedios de prosa que no livro apparecem, eram ou não recitados ao auditorio; deveriam sel-o; que não é menos gente quem ouve do que quem lê. No estirado, mas variadissimo e nunca fastidioso *Auto de Rubena,* de tudo isto temos exemplo. Ha nelle seis ou oito explicações em prosa semeadas muito sem ceremonia, onde a poesia deixava rareiras para a intelligencia, e nada menos de tres relações em verso d'arte maior e em castelhano, feitas pelo licenciado; a primeira em

todo o principio; a segunda entre a primeira e a segunda scena, ou, fallando mais á moderna, entre o primeiro e o segundo acto; e no meio da segunda scena, ou acto, a terceira.

Na *Mofina Mendes*, vem fazer *prologo* um frade, começando por prégação jocosa, e acabando no argumento da obra.

No chamado *Auto Pastoril Portuguez*, faz o *prologo* o pastor Vasco Affonso.

No *Auto da Historia de Deus*, o Anjo.

Na *Comedia sobre a divisa de Coimbra*, um peregrino.

No *Auto da Feira*, Mercurio.[1]

Nas *Côrtes de Jupiter*, a Providencia.

Na *Romagem de Aggravados*, fr. Paço, que depois entra na acção.

Na *Nau d'Amores*, a cidade de Lisboa, que tambem na acção entra.

No *Templo d'Apollo*, o proprio autor.

E o mesmo no *Triunfo do Inverno*, que de mais a mais leva *prologos* particulares em cada sua divisão.

Concluamos com o Gil Vicente, advertindo, em abono da verdade, haver nelle peças, taes como o *D. Duardos* e o *Amadis de Gaula*, que abrem logo pela acção sem mais preparo.

Jorge Ferreira de Vasconcellos vem pedindo o

[1] É curiosa a coincidencia de pensamento de Regnard na sua comedia dos *Desejos* com o nosso poeta neste *Auto*. Quem os comparar jurará que o francez leu e quiz imitar o portuguez; e que o *portuguez* com toda a sua velhice, e escabrosidade, lhe ficou sempre *para cima*; e tenham paciencia os franchinotes!

primeiro logar á esquerda de Gil Vicente, em razão da tão vívida, esculpida e tauxiada novidade do seu estilo. Os tres volumes das suas tres comedias, são outros tantos cofres de joias finas, d'onde olhos portuguezes se não pódem sem custo desviar. ¡Que pena, que pena, não se lerem esses bons livros, (os de Gil Vicente e os de Jorge Ferreira) muito mais do que se léem! Quem chega a vencer a estranheza e medos, que á primeira vista, e por fóra, infunde o brutesco e arripiado das suas fórmas, o selvatico e intricado de seus caminhos, a multidão de confusas ruinas que de passo a passo nos descobrem, e o descórado musgo de velhice, que até nas mais viçosas partes lhes veiu a poisar; quem por ali se embrenha varonilmente, e persevera, e sabe conversar na solidão com o espirito do passado, e possue a grande arte de descobrir as minas, de as lavrar, e sobre tudo de lavar e apurar das fezes o oiro fino, por mil volumes de novellinhas francezas, traduzinhadas cá para semi-francez, não trocaria, não, uma só *Aulegraphia*.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, abre a comedia do *Ulysippo* com um longo *prologo* em prosa, de que é *autor* e *representador* Mercurio, e no qual, depois de muito palrar criticas, e mui prolixas erudições, encaminha os ouvintes para a intelligencia da fabula.

Outro tanto faz na sua comedia da *Eufrosina* o João de Espera em Deus.

O theatro do Doutor Antonio Ferreira, muito mais *regular, sobrio* e correcto, ainda que me-

nos para estudos portuguezes, segue ás pisadas dos latinos.

A sua *Castro*, que nos dá gloriosa primazia de prioridade entre os tragicos da Europa moderna, e em que se notam trechos liricos de bons quilates, a despeito de sua dura versificação, é vasada nas fórmas de Seneca. Os córos, o cortado e sentencioso das fallas, pompa, ás vezes sobeja, ás vezes sequidão impropria, tudo nos descobre um talento verdadeiro, mas que tinha medo de si, e se daria por perdido se deixasse jamais de se parecer com os seus modelos. Ambas as suas comedias são Terencianas quanto á maneira, o que em parte não deixa de ser louvor.

Verdade é que a do *Cioso* não tem *prologo;* mas tem-no, e todo á moda de Terencio, a do seu *Bristo*; começa precavendo censuras, e predispondo vontades, e remata explicando succintamente o que se está para ver. Venha por amostra o fecho, que não é longo:

«Primeiramente—diz o *prologo*—virá aqui ter «um mancebo chamado Lionardo, que, seguindo «secretamente uns amores perdidos, que o trazem «perdido, vindo saber como o seu pay o quer ca«sar, vem mettido em agonia. Outro seu amigo o «aconselha que vença com razão seu appetite. Mas «como já tenha nelle criado raizes, não appro«veita nem razão, nem conselho. E porque d'elles «e dos outros comprehendereis mais o argumen«to, favorecei com silencio, pera que melhor jul«gueis.»

Das duas comedias de Sá de Miranda o mesmo ha para dizer que das duas precedentes quanto ao merito e modo. Ambas ellas têem *prologo:* a dos *Vilhalpandos*, declamado pela Fama; a dos *Estrangeiros*, pela propria Deusa Comedia; num e noutro se arrezoa, se prepõe, e se pede attenção.

Das duas de Camões, a dos *Amphitryões* não tem *prologo*, mas tem-no a do *Rei Seleuco*, e é feito pelo dono da casa onde vai haver a representação. Este, sai já do trilho velho, pois a poucos passos degenera de monologo em dialogo; de que resulta um acto, ou farça prévia, não sem algum sabor.

Deixando de parte a turbamulta de outros poetas, portuguezes ou estrangeiros, que fizeram *prologos*, mais ou menos achegados ao typo latino, e quasi todos em monologo, limitamo-nos aos *prologos* repartidos em scenas, como este de Camões.

O Amphitryão, de Molière, ainda não é senão de duas personagens: a Noite, e Mercurio, que depois vai figurar na peça; mas outros tem elle de mais actores, em scenas, e com sua tal qual acção: veja-se *A Princeza de Elide*, *O Doente Scismatico*, *A Alma de Molière*. Regnard gostou do estilo e o adoptou para as suas comedias: *Doidices Namoradas*, *Menechmos*, e *O Entrudo de Veneza*.

Beaumarchais abriu a sua ópera de *Tarare* por um *prologo* em tres scenas de caracter serio, de entes de razão e fantasmas; especie de romantismo precoce.

A moda de taes *prologos* nas óperas vinha já de Quinault, que pelo aprazivel do seu talento lirico a tinha feito pegar.

Se os *prologos* são, como dissemos, do berço da arte; se, á proporção que esta foi crescendo, se foram elles sumindo; se, depois de adulta, só aqui ou acolá, e rara, e fortuitamente, os vemos assomar, não se póde comtudo dizer que talentos da primeira plana, mesmo em nossos dias, os tenham inteiramente desdenhado.

Bem conhecidos são os dois *prologos* ao drama do *Doutor Fausto*, de Goethe; o primeiro, representado no tablado, entre o emprezario, o poeta e um bobo; o segundo, no ceo entre Deus, os anjos e o diabo Mephistopheles. D'este segundo deveu proceder o *prologo* de Dumas ao *João de Marana*, declamado pelas duas figuras de pau: o anjo e o demonio; assim como o mesmo *João de Marana*, e o *Roberto do Diabo*, e o *Manfredo*, de Lord Byron, são visivelmente familia herdeira do mesmo *Doutor Fausto*.

Ha ainda *prologos* scenicos d'outro genero, mas que omitto por não fazerem ao meu proposito; e são aquelles, de que já talvez se tem abusado em nosso tempo, que formam um acto á parte, representando historia anterior á acção, mas relativa a ella; assim como em actos chamados *epilogos* incluem acções a ellas posteriores: o que tudo para a unidade, sem a qual não ha interesse, são defeitos, por mais que digam. Taes peças têem uma terrivel fraternidade com os *Avant Pendant et Après*, Trent ans ou la vie d'*un joueur*,

e o *Auto de Rubena*, [1] que a respeito de economia dramatica ninguem chamará modelos. D'esses taes *prologos* são exemplos, para não citar nomes obscuros, o *Ricardo d'Arlington*, o *Calligula*, e a *Christina*, de Alexandre Dumas.

Reconcentrando-me no assumpto, que chamou por esta nota, de dois diversos modos são os *prologos* theatraes que se encontram no volume: o primeiro, em prosa, que principia na pag. 7, é da familia dos *prologos* Terencianos; os dois em verso, a pag. 97, e a pag. 104, vasados, muito de industria, nas fôrmas de Gil Vicente: o mesmo metro e rima; o mesmo geito de expôr, dirigindo-se cara a cara ao soberano, etc. É Gil Vicente em miniatura. A intenção com que fiz esse tentâmesinho, é mais que manifesta: não foi propôr exemplo, que se houvesse de seguir; mas simplesmente desejo de dar mais um traço caracteristico no fac-simile d'aquella edade. Quanto porém ao *prologo* do homem de capa e espada antes de levantado o pano, estou com minhas tentações de pedir aos nossos dramaturgos que não desprezem totalmente o alvitre, que alguma vez lhes poderá ser de grande prol.

Se os inchados e vãos, ibridos e estereis *prologos* e elogios dramaticos do grande Bocage, e de sua ingoiada escola, morreram para sempre, parece-me (e Deus nos livrasse de os vermos ressusitar!) o prologarem os autores o seu pou-

[1] A *Rubena* de Gil Vicente, na 1.ª scena está para nascer; no fim da peça casa-se. Dizem que o theatro na China tambem faz d'estas, e peiores, nas suas representações de 15 dias a fio.

cochinho sobre certos dramas, de que litteraria ou historicamente alguma coisa util se póde dizer, não vejo porque se estranharia! v. gr. *A Côrte de D. Manoel*, o *Fr. Luiz de Sousa*, e ainda *A Sobrinha do Marquez*, de Garrett; o *Viriato*, o *Miguel Angelo*, e até *Os dois Renegados*, do Mendes Leal, não o mereceriam? não fôra isso uma duplice conveniencia, para os poetas, e para os ouvintes? não se atalharia muita censura escusada, d'estas que nascem, e não pódem deixar de nascer á sombra da ignorancia? não se collocariam os espiritos do vulgo em muito mais favôravel luz, como dizem os pintores, para perceberem e avaliarem mais acertadamente o painel? tenho que sim. No suscitar esta idéa, um só medo me rala; e é, de que engenhos mediocres, não pagos com fazerem más peças, redobrem ainda o martirio das platéas com impertinencias preambulares: seria chegar ao inferno depois de atravessar o Lethes com os olhos pasmados nas dormideiras das margens e a fazer cruzes na boca: *absit!... absit!...* A policia theatral poderia regular isso; sem o que, ás duas por tres não haveria ahi farça de *Esganarelo* sem pendão e campainha adiante: cada vez que o bom senso e o bom gosto houvessem de ser açoitados por uma musa rachitica, haviam de ouvir primeiro o pregão da sentença! Deus nos defenda de tal! para que são um inspector de theatros, e um conservatorio dramatico, senão é para o povo poder transitar a salvo, e com prazer, por todas as encruzilhadas d'este *bairro* da républica litteraria, chamado especta-

culos; que a dizer a verdade por ora é a sua *Moiraria e Judiaria?*

Assim como eu prologuei a este drama, porque me convinha, a outros poderá convir o fazerem outro tanto lá nos seus: em todo o caso sempre d'ahi poderão tirar mais vantagem, do que das defensas depois do acto consummado, como Regnard as tentou introduzir na sua farça após a comedia do *Herdeiro Universal*, intitulada: *Critica do Herdeiro Universal.*

Multa renascentur, quæ jam cecidere.....

Renascerão mil coisas já caídas.

Que monta para obstaculo, e menos ainda para desar o terem sido os *prologos* introduzidos cá pelo bom Gil Vicente, o Adão do nosso theatro?[1] Tambem hoje como garridice moderna e toda franceza ahi andam nas azas da fama os *Proverbios dramaticos*, e mas são, se ainda o não advertistes, tão velhos em nossa terra como o mesmo Gil. Duvidais? É ler a sua farça de *Inez Pereira*, e a advertencia, que logo no principio lhe vai posta, e que me apraz transcrever, até porque

[1] A primeira coisa que o autor fez, e que em Portugal se representou, foi um monologo sem titulo que vem nas suas *Obras de devassão*. Representou-se na segunda noite do nascimento do senhor D. João III em presença das pessoas reaes. É uma como visitação ao recemnascido. Pedindo-lhe a rainha, que a repetisse nas matinas do Natal applicando o assumpto ao Menino, pareceu melhor ao autor fazer o *Auto Pastoril Portuguez*, que foi a sua segunda producção.

serve de sobre-prova ao que já toquei na nota da *Originalidade*; a saber: que a critica, quando não tem que morder na obra, se vinga em a attribuir a quem não seja o seu autor.

A advertencia de *Inez Pereira* assim reza:

«A seguinte farça de folgar foi representada ao «muito alto e mui poderoso rei D. João o tercei- «ro do nome em Portugal, no seu convento de «Thomar, era do Senhor 1523. O seu argumento «é que, por quanto duvidavam certos homens «de bom saber, se o autor fazia de si mesmo estas «obras, ou se as furtava de outros autores, lhe de- «ram este thema sobre que fizesse: se um exemplo «commum que dizem. *Mais quero asno que me leve,* «*que cavallo que me derrube.* E sobre este motivo «se fez esta farça.»

Resultado liquido: Podeis fazer, muito nas boas horas, *Proverbios dramaticos, prologos*, tudo quanto os antigos fizeram, tudo quanto os modernos inventaram, e tudo que está por inventar, e tudo quanto quizerdes, uma vez que o façais *bem, e a tempo.*

Tous les genres sont bons hors le genre ennuyeux.

HONRAS POSTHUMAS

(Tomo I pag. 9, linha 7 e seguintes—*Camões e D. Sebastião, essas duas Columnas d'Hercules dos nossos truncados fastos, esses dois homens, ambos inquebrantaveis, ambos de alma fogosa e poetica, ambos coroados para holocausto, ambos mal apreciados em vida, e depois de espantosa morte, privados ambos de mausoleo.)*

Todas estas coincidencias são realmente bem para notar, e os tornam, como se diz no texto, «ainda hoje vertentes de poesia para todo o mundo...»

O desapparecimento do rei deu origem a imposturas graves e de tragico desfecho, que por algum tempo occuparam as attenções da Europa; e criou a crença popular, ainda não de todo extincta, do seu encantamento numa ilha encoberta. D. Sebastião ficou sendo para os seus, o que é para os inglezes o fabuloso *Arthur* ou *Arthus*, instituidor da *Tavola redonda* no seculo sexto; numa sanguinosa batalha morto e perdido, segundo uns; perdido e não morto, nem então, nem ainda agora, segundo outros. Assim se

tocam os extremos! D'uma tamanha miseria, como é baquear-se um homem despedaçado de cima de um throno, e não achar sequer sepulcro onde cair, desabrocha-lhe a celebridade e a apotheóse. Assim havia já succedido a Romulo. A sepultura de Arthur, creu-se na palavra dos romances gallos antigos havel-a Henrique II descoberto no cemiterio de *Glastensbyry;* de D. Sebastião, está o nome num tumulo da egreja de Belem, mas com a clausula muito prudente da duvida:

CONDITUR HOC TUMULO, SI VERA EST FAMA, SEBASTUS,
QUEM TULLIT IN LYBICIS MORS PROPERATA PLAGIS.
NEC DICAS FALLI REGEM QUI VIVERE CREDIT,
PRO LEGE EXTINCTO MORS QUASI VITA FUIT.

Ora, em quanto assim no templo magnifico, fundado por D. Manoel, o Feliz, na praia de Rastello, D. Sebastião, o Desejado, nada mais tem porventura no seu moimento que o seu nome, e os seus ossos voam pelos desertos, ludibrio dos ventos d'Africa, Camões, na modesta egreginha das decrepitas freiras de Sant'Anna, sem inscripção, e chorado como perdido na voz de todo o mundo, jaz, conserva-se, e existe realmente.

Quando Cicero, seculo e meio depois da morte do celebre Archimedes, logrou a fortuna de lhe descobrir o tumulo, não sentiu mais ufano jubilo que o pobre de mim, na hora em que, *dois seculos* e meio depois da morte de Camões,

pude dizer á minha consciencia—«Achei-o! a sua sepultura eil-a aqui!»—

O meu amigo o sr. Garrett, não menos encantado do que eu com o descobrimento, me pediu em 1844 para a terceira edição do seu *Camões*, uma noticia d'aquellas investigações; dei-lh'a com a melhor vontade; até pela honra que me resultava de ver o meu nome num cantinho d'esse monumento, que o sr. Garrett soube fabricar de diamante á gloria de Camões e á sua propria. Sem protestos de mentirosa modestia, pois a não tenho neste negocio, eis aqui textualmente o que se lê na penultima nota d'essa edição terceira:

«Onde jaz, portuguezes, o moimento
«que do immortal cantor as cinzas guarda?...

«Camões foi enterrado em sepultura humilde «e raza ao lado esquerdo da porta principal da «egreja do convento de Sant'Anna, que então «servia de parochia. Dezaseis annos depois, D. «Gonçalo Coutinho, o mesmo que tão affeiçoado «lhe fôra noutro tempo, mas que parecia tel-o «desamparado nos ultimos dias de sua atribula- «da vida e de todo olvidado depois de morto, «D. Gonçalo Coutinho, agora com diligencia e «cuidado procurou o logar quasi esquecido—em «dezaseis annos!—da sepultura do poeta; achou-o «com não pequenas difficuldades, por não haver «indicio, diz o sr. bispo de Vizeu, Lobo, que o «fizesse logo advertir; mandou trasladar as cin- «zas para uma jazida particular no meio da egre-

«ja, e assentou sobre ella uma pedra em que fez «gravar aquelle tão conhecido epitaphio de sim- «plicidade eloquentissima:

«Aqui jaz Luiz de Camões
«Principe
«Dos poetas do seu tempo;
«Viveu pobre e miseravelmente:
«E assi morreu.
«Anno M.D.LXXIX.

«Martim Gonçalves da Camara, o famoso es- «crivão da Puridade d'el-rei D. Sebastião, ou que «realmente não tivesse sido inimigo do poeta, ou «que lhe chegasse o arrependimento, tambem «agora, com licença de Gonçalo Coutinho, lhe «mandou gravar na mesma lapida aquell'outro «epitaphio em distichos latinos, composição do «padre Matheus Cardozo, jesuita, toda hyperbo- «lica, engenhosa e de conceitos, que, ou me en- «gano muito, ou, per si mesmos, esses versos la- «tinos se denunciam hypocritas e fingidos, quan- «to a singela prosa portugueza da outra inscrip- «ção mostrava sinceridade d'alma, pena e sauda- «de bem sentida do coração.

«O chronista franciscano atesta ter visto e exis- «tirem ainda no seu tempo, A. D. 1709, uns azu- «lejos que ornavam a parede da egreja no sitio «onde fôra a primitiva sepultura do poeta, e ali «foram postos em seu obsequio com emblemas e «trofeos militares.

«*No* terremoto de 1755 o tecto da egreja, que

«era de abobada, caiu com todo o seu peso so-«bre o centro d'ella, e completamente arruinou «toda a linha média do pavimento: as paredes «ficaram em pé, e o resto do pavimento de am-«bos os lados da egreja tambem não foi arruina-«do, segundo ainda hoje testemunha a existen-«cia de muitas lapidas, inscripções tumularias, «brazões, etc., com suas datas anteriores ao fatal «dia primeiro de novembro de 1755.

«A egreja concertou-se. As freiras, que até ali «não tinham tido senão côro de cima, fizeram «côro de baixo tambem, tapando a porta princi-«pal da egreja que era fronteira ao altar mór, e «deixando uma lateral para o povo. Por onde, o «jazigo de Camões, em que esteve ou está a sua «cinza, veiu a ficar exactamente no sitio em que «a grade do côro debaixo agora parte a egreja «quasi a meio.

«Mas depois d'estas obras, a ninguem lembrou «perguntar se se pozera, ou não, sinal naquella «sepultura: todos se contentaram desmazelada-«mente com dizer—«Perdeu-se com o terremo-«to.»—E passou em julgado. Envergonhava-se a «gente quando os estrangeiros nos perguntavam «pelo tumulo de Camões; dizia-se que era um «opprobrio, uma affronta nacional, mas não se «tratou nunca de ver se era possivel reparal-a.

«Só neste seculo um homem não suspeito «de enthusiasmo por Camões certamente, antes «bem pouco respeitador seu, o padre José Agos-«tinho de Macedo, por vezes foi ouvido dizer, a «varias pessoas inda vivas, que a sepultura não

«estava perdida, e que o terremoto só destruíra «a loisa, não o jazigo.

«Provavelmente não havia empenho no presu- «mido rival de Camões em que se verificasse a «sua crença, ou esta incuria geral portugueza se «ficou na preguiça de que nada parecia poder «já despertar-nos.

«Em 1825, quando imprimia em Pariz a primei- «ra edição do meu poema, eu ignorava absolu- «tamente estas circunstancias locaes, e não tinha «nem o menor vislumbre que fosse possivel virem «a descobrir-se as cinzas de Camões. A objurga- «ção com que terminei o poema, a modo de *en-* «*voi* de proençal, ou, com mais exacção—acre sir- «vente que fustiga um crime publico—em todo «o caso era merecida; porque é certo que nação, rei «e governo, todos peccaram de culposa incuria em «não ter feito a minima diligencia para desco- «brir o monumento de sua maior gloria. Volumes «de providencias do marquez de Pombal, milhões «de despezas em desentulhos, concertos e edifi- «cações novas; mas nem uma ordem dada, nem «um cruzado gasto, para se descobrir o jazigo «de Luiz de Camões!

«Estava reservado a um poeta, a um pobre «poeta cego, e sem valimentos, o emprehender a «desaffronta da nação e o desagravo do seu gran- «de genio.

«Na sociedade que se formára em Lisboa em «1835 com o titulo de Sociedade dos Amigos das «Lettras, o sr. Castilho propoz que se não desse «toda a esperança por perdida, que elle tinha fé

«que ainda talvez se pudesse achar a sepultura «do nosso Camões; que ao menos se fizessem as «diligencias com zêlo e empenho.

«Nomeou-se uma commissão; o governo e o «sr. Patriarcha da Silva deram as licenças devi- «das; foi cuidadosamente, e com todas as solem- «nidades, explorada a egreja; achou-se o que «acima referi do seu estado actual; e no proprio «sitio em que, a existirem, devem ainda jazer os «restos mortaes do immortal cantor dos portu- «guezes, apparece com effeito uma lage compa- «rativamente nova, sem lettra nem divisa, cobrin- «do um vão argamaçado e ladrilhado com dois «ou tres degraus que a elle descem; vão não mes- «quinho para uma sepultura singular, mas in- «sufficiente para um carneiro ou jazigo de fami- «lia, como outros que ha na mesma egreja. Den- «tro d'este vão uma ossada com alguma terra «pouca.

«Para mim, para todos os que, á mingoa de «authenticas formaes, pódem crer em reliquias «authenticadas com probabilidades tão visinhas «da certeza, para mim é moralmente certo, é pro- «vado, quanto humanamente se póde provar em «casos taes, que ali estão as cinzas de Camões. «O logar é o da historia; de todos os sinaes que «ella nos dá para reconhecermos aquelle sepul- «cro venerado, só nos falta a loisa que o terre- «moto esmigalhou. Apparece uma nova, como é «nova toda a linha média do pavimento da egre- «ja. Não apparece, apesar das mais escrupulosas «diligencias, memoria de jazigo, carneiro, ou se-

«pultura particular de nenhuma pessoa ou fami-«lia que depois do terremoto ali viesse enterrar-«se. Estamos como no tempo em que D. Gonçalo «Coutinho procurava a já esquecida primeira se-«pultura do poeta; acham-se difficuldades que «fazem hesitar, mas que são muito venciveis: «nenhuma razão se offerece contra a probabili-«dade, e todas a reforçam.

«Pelas sabidas occorrencias de setembro de 1836, «tempo em que a commissão trabalhava, e quan-«do, depois de alguns dias, chegava a este resul-«tado, foram suspensos os seus trabalhos. Um re-«latorio circunstanciado e documentado de todo «o processo da exploração vai apparecer breve-«mente ao publico.

«O meu amigo o sr. Antonio Feliciano de Cas-«tilho, a cujo favor devo as preciosas informações «que aqui resumi, está actualmente dispondo «aquelle relatorio, de cuja publicação resultará «certamente o generalisar-se a convicção de tão «grande descoberta, e vir emfim a nação por-«tugueza a recuperar o seu Palladio litterario. «Dar-lhe-ha ella depois santuario mais digno, mais «duravel, e tal que o não possam vir a esquecer «seus ingratos filhos? Esperemol-o ao menos.»

A memoria a que o sr. Garrett se refere não chegou a sair: outros cuidados m'o impediram então; nem tão pouco sai agora aqui onde tão bem coubera, por se me haver quasi toda descaminhado neste meu peregrinar de judeu er-*rante*. Nella dava eu conta á Sociedade dos Ami-

gos das Lettras em Lisboa, dia por dia, e hora por hora, de tudo que nós, a sua commissão, a saber: os srs. Assis Rodrigues, lente de escultura, engenheiro Feijó, e eu, auxiliados dos nossos consocios Morgado d'Assentiz, Gonçalo Vaz de Carvalho, e meu irmão Augusto Frederico de Castilho, haviamos feito na exploração da egreja de Sant'Anna desde 7 de setembro de 1836 até 12 do mesmo mez.

A inspecção minuciosa dos logares, assim do que nelles estava patente, como do que se excavou e descobriu, as tradições conservadas entre as religiosas, o exame atento e comparativo das varias noticias impressas em biographos e chronistas, e dos livros de obitos da freguezia, o raciocinio das probabilidades fundado em mil conveniencias, e não contradito nem invalidado por circunstancia, inducção, ou suspeita alguma, tudo nos deixou unanimemente convencidos (com uma convicção que todos aselariamos com palavra de honra e juramento) *primo:* de que uma campa grossa e liza que no meio do templo jaz de pedra liós com 12 palmos de comprimento e 6 avantajados de largura, cobrindo um vão de 9 palmos e 6 polegadas de comprido, 4 palmos e 7 polegadas de largo, e 8 palmos e 5 polegadas de fundo, fôra ali posta para supprir a primitiva campa, esculpida com epitaphio, estragada sem duvida pelo terremoto, pois que de existir ainda a primeira, passados 130 annos temos nós certeza e prova na chronica franciscana e da impressão d'essa chronica até o terremoto de 1755 só 48

annos mediaram, tempo de que existe registo de enterramentos em Sant'Anna, pois o ha sem interrupção desde o anno de 1588.

Secundo: de que naquelle jazigo se não depositou outro algum corpo, depois que para lá se trasladaram da entrada da egreja os ossos de Camões.

Tertio: de que, por consequencia, os ossos, que achámos dispersos no pavimento ladrilhado d'este subterraneo, e que todos nós tomámos nas mãos com summo respeito, eram os do poeta.

Verdade é que esses ossos, bem examinados, não davam um esqueleto completo, e aliás se encontrou entre elles algum de mais, como bem verificou o sr. Assis Rodrigues. Todas estas differenças para mais e para menos, pódem, e devem, ter sido resultado em parte, da trasladação da primeira jazida para esta segunda, pois na primitiva sepultura se podiam ter já misturado com alguns outros; em parte, de se haverem resolvido aqui em terra com a lima surda do tempo, pois alguma pouca terra se encontrou entre elles; e em parte, porventura, de que se atirariam para ali na confusão das obras da reedificação alguns outros que andassem a granel.

Em summa, entre aquelles despojos estão indubitavelmente reliquias de Camões.

Não faltaram portuguezes honradissimos, que nos aconselharam a dissimularmos esta verdade, receosos de que, sabendo-se que não era aquelle o esqueleto do poeta inteiro e estreme, se resfriassem *as boas* vontades de o honrar. Fôra essa uma

fraude piedosa e santa, se jámais as houve; mas a verdade candida, ainda que triste, nos pareceu preferivel; e quanto a resfriamentos de vontades, mui fracas haviam de ser, e muito pouco para d'ellas se fazer conta, as que por tão futil consideração se demovessem.

Até aqui vinha a primeira edição.

Agora, doze annos depois, temos para juntar á historia novas noticias sobre o sepulcro e ossos de Camões na estudadissima vida do poeta, elegantemente escrita pelo sr. visconde de Juromenha, e preposta á sua novissima edição das obras de Camões. Ahi se lê em relação á materia sugeita o seguinte:

«Levaram o seu cadaver [1] á egreja das frei-«ras franciscanas da invocação de Sant'Anna, que «então servia de freguezia, e estava proximo da «sua casa, e ahi foi dado á sepultura *pobre e ple-«beiamente*, diz Pedro de Mariz, logo ao entrar da «porta principal ao lado esquerdo. Não nos deve-«mos admirar da frieza com que o trataram então «os seus compatriotas, se nos lembrarmos que «morreu em uma epoca em que todas as lagri-«mas eram poucas para chorar as desgraças da «patria; não obstante, apenas o tempo deu o ali-«vio possivel, ou, para melhor dizer, a resigna-

[1] *Tomo 1 pag. 150.*

«ção necessaria para o sofrimento da calamidade «publica, dezaseis annos depois o trasladou para «outra mais honrada sepultura D. Gonçalo Cou- «tinho, cavalheiro illustre da casa de Marialva e «grande amigo do poeta, e sobre a sua campa «lhe mandou gravar este singelo, mas expressivo «epitaphio:

AQUI JAZ LUIS DE CAMÕES
PRINCIPE
DOS POETAS DO SEO TEMPO.
MORREO NO ANNO DE 1579.
ESTA CAMPA LHE MANDOU POER D. GONÇALO COUTINHO
NA QUAL SE NÃO ENTERRARÁ NINGUEM.

«É para advertir que Pedro de Mariz, e Faria e «Sousa, e seguindo-os outros muitos, accrescen- «taram á inscripção as palavras = *viveu pobre e* «*miseravelmente* = que ali se não encontravam, «pois a inscripção, tal qual a apresentâmos, foi «trasladada da propria sepultura do poeta pelo «chronista da Ordem, que por esta occasião re- «bate o editor das obras do poeta publicadas no «anno de 1772, que novamente repete este mes- «mo erro; admira-me como Faria e Sousa, que «escreveu com tanta investigação sobre o poeta, «se não deu ao trabalho de visitar a sepultura, «naquelle tempo ainda não vedada ao publico, «para nos dar mais minuciosas informações rela- «tivas ao local onde repousam as cinzas do poeta. «*Mais abaixo* da primeira inscripção, com licen-

«ça de D. Gonçalo Coutinho, lhe mandou pôr ou-«tra mais diffusa e hyperbolica, escrita em ver-«sos latinos, Martim Gonçalves da Camara, escri-«vão da Puridade d'el-rei D. Sebastião e seu va-«lido, aquelle mesmo que dizem que em vida do «poeta lhe fôra adverso; foi esta composta pelo «padre Matheus Cardozo, da companhia de Jesus, «e dizia assim:

Naso Elegis, Flaccus lyricis, Epigramate Marcus,
Hic jacet Heroso Carmine Virgilius.
Ense simul, calamoque auxit tibi, Lysia famam:
Unam nobilitant Mars et Apollo manum.
Castalium fontem traxit modulamine: at Indo,
Et Gangi telis obstupefecit aquas.
India mirata est, quando aurea carmina lucrum
Ingenii haud gazas, ex Oriente tulit.
Sic bene de patria meruit dum fulminat ense:
At plus dum calamo bellica facta refert.
Hunc Itali, Galli, Hispani, vertere Poëtam:
Quœlibet hunc vellet terra vocare suum.
Vertere fas, æquare nefas, æquabilis uni
Est sibi, par nemo, nemo secundus erit.

«O chronista franciscano já citado faz menção «de outra memoria que ali mandou collocar o «contemporaneo do poeta, Miguel Leitão de An-«drade, o autor das *Miscellaneas*, a qual ainda «se conservava quando o chronista escrevia, po-«rém não a descreve. Em um manuscrito do an-«no de 1638 encontrámos a sua descripção, isto é, «no livro de Diogo de Mouro de Sousa. Consistia

«em uma tarja de azulejo com uma cruz no meio, «collocada na parede junto á sepultura, e no pé «da dita cruz esta inscripção:

O grão Camões aqui jaz
Em pouca terra enterrado,
Nas terras tão nomeado,
De espada tão efficaz
Quanto na penna afamado.

«E nas ilhargas do proprio pé da cruz, estes «dois epitaphios por esta fórma:

EPITAPHIUM
MIGUEL LEITÃO D'ANDRADE
GRATITUDINIS ERGO POSUIT.

EPITAPHIUM
ORDINARII SUB CENSURA
PERMISSU ET D. PATRONORUM.

«e de cada lado da cruz ficava uma figura, uma «d'ellas com um ramo verde em uma mão, e a «outra sustentava um livro com um tinteiro e «penna. Os dois epitaphios que estavam sobre a «sua sepultura se achavam em partes gastos, no «seculo passado, como testifica um escritor d'aquel-«la epoca que descreve este mosteiro.

«Muitos outros epitaphios, tanto na lingua la-«tina como em outras linguas, foram escritos em «louvor do poeta por differentes enthusiastas, sem «o pensamento comtudo de serem postos na se-«pultura.

«A acquisição da perpetuidade da sepultura ob-«tida por compra aos padroeiros da egreja, que «*eram os* sapateiros da Padaria, feita por D. Gon-

«çalo Coutinho, os testemunhos de veneração ali «collocados por elle e pelos outros dois fidalgos, «e que naquelle local se conservavam ainda pelo «terramoto de 1755, a mesma clausura em que «ficavam os despojos mortaes do poeta confiados «ás virgens do Senhor, sempre cuidadosas na boa «administração interna dos templos confiados á «sua guarda, davam logar a esperar que estes pe- «quenos padrões do reconhecimento nacional se «conservassem intactos; porém desgraçadamente «não aconteceu assim, e antes estivessem expos- «tos ao publico, pois teriam sem duvida mais fa- «cilmente despertado a idéa de lhe levantar con- «digna sepultura, conservando-se incolumes tão «preciosos restos mortaes. As religiosas porém, «mais occupadas das coisas celestes do que das «terrenas, apagaram todos os vestigios apparen- «tes por obras a que procederam no côro infe- «rior onde estes se achavam. Para sobradar o «côro, as lages foram arrancadas, porém feliz- «mente não mexeram nas covas, como depois se «reconheceu; e os azulejos que estavam na pa- «rede foram igualmente arrancados, e esta, co- «berta com retabulos de altares que acompa- «nham as paredes de úm lado e outro do côro.

«Por zelosa proposta .....do sr. Antonio «Feliciano de Castilho, feita perante a sociedade «que se installou em Lisboa no anno de 1835 com «a denominação dos Amigos das Lettras, se resol- «veu a exploração da sepultura do poeta. No- «meou-se uma commissão, e, obtida a competente «licença por parte de S. Em.ª o sr. Patriarcha, e

«a do governo, a commissão começou as suas «explorações no dia 7 de setembro de 1836; po- «rém apenas encetados os seus trabalhos, o rufo «do tambor chamou os exploradores, uns a se- «rem actores, outros espectadores de uma d'estas «tristes lutas fratricidas, que vai em mais de «trinta annos ensanguentam o solo portuguez.

«Preparava-me eu pessoalmente a visitar este «local para denunciar ao publico o fruto das «minhas observações, á vista das indagações ex- «ternas a que havia procedido, e S. Em.ª o sr. «Cardeal Patriarcha D. Guilherme Henriques, mo- «vido pelo amor das lettras patrias, se dignava «prestar-se a conceder-me a precisa autorisação «para poder concorrer ao logar determinado, «quando o governo nomeou uma nova commis- «são para este fim, de que tive a honra de fazer «parte, começando a commissão desde logo os «seus trabalhos, e encarregando especialmente «d'aquelles que diziam respeito á arte o seu in- «telligente collega o sr. João Maria Feijó, capitão «de engenheiros, e lente de architetura civil, e «curso de construcção na escola do Exercito. Os «archivos que foi conveniente examinar, o foram «cuidadosamente, prestando-os aquelles a quem «estavam confiados com a maior franqueza ao «exame da commissão. Foram percorridos os do- «cumentos do archivo do proprio mosteiro, onde «se suppoz que se poderiam encontrar alguns es- «clarecimentos que conviessem, auxiliando não só «neste trabalho, mas em tudo o mais que esta- «va ao seu alcance, o fallecido confessor das se-

«nhoras religiosas o padre F. Redondo, sacerdo-«te zeloso das lettras patrias. Ao sr. prior da fre-«guezia de Nossa Senhora da Pena, o padre An-«tonio Francisco Franco, deveu muito a commis-«são pela franqueza com que poz á sua disposi-«ção o cartorio d'aquella freguezia; e se o seu «obituario, que seria interessantissimo se abran-«gesse mais nove annos, não deu esclarecimen-«tos importantes, o antigo livro de visita da fre-«guezia muito serviu para se poder reconstruir «mentalmente a antiga egreja, sem o que talvez «se não viessem a resolver duvidas que com es-«te auxilio foram desfeitas.

«Nem é menos louvavel a facilidade com que «os artistas da classe de sapateiros da confraria «de S. Chrispim facilitaram os fragmentos do seu «archivo, que aliás deveria ser muito interessan-«te se se conservasse, porquanto sabemos pelo «livro antigo da visita da freguezia da Pena, «que o prelado obrigava os confrades como pa-«droeiros da casa a terem em ordem o livro «dos covaes, onde deveria estar assentada a tran-«sacção feita com D. Gonçalo Coutinho sobre a «sepultura. É aqui talvez occasião de consig-«nar em abono do apreço que esta confraria «fazia do nosso poeta, o facto de ornarem os «seus confrades, alguns mesmo coevos d'elles, o «arco triunfal, com que por *ordem superior* fes-«tejavam e recebiam um rei intruso, com os «versos do nosso autor.

«Se a commissão não poude juntar e extremar «á parte a ossada do nosso poeta, ella poude com-

«tudo, pela certeza do local onde repousavam os «seus ossos, e de nelle se não haver mexido, re- «colher os seus ossos embora reunidos com os «de outros compatriotas, preferindo este modo «leal de proceder, a alguma fraude, embora no «melhor sentido. O poeta não se queixaria da «companhia, estava entre os seus queridos por- «tuguezes; mais uma advertencia, para os fieis «que visitarem a sua sepultura se lembrarem que, «conjuntamente, ahi estão irmãos que pedem os «suffragios da egreja pela sua alma; e se uma «sepultura vazia aguarda em Florença os ossos «do Dante, esta, por cheia de mais, não desper- «ta menos respeito pelos despojos preciosos que, «conjuntamente com o de outros cidadãos, ali «se encerram.

«Do resultado dos trabalhos da commissão, o «publico será sufficientemente informado pelo bem «elaborado e logico relatorio, redigido pelo eru- «dito secretario e collega da mesma commissão «o ex.^{mo} sr. José Tavares de Macedo.

«Fallando da sepultura do poeta, direi duas «palavras sobre uma opinião que voga desde o «seculo XVII, que a sua sepultura era uma cam- «pa que está ao meio da gradé do côro, ficando «parte do lado de dentro da egreja; quem asse- «verou isto foi Faria e Sousa, que vemos que não «visitou esta sepultura, pois traz o epitaphio er- «rado: porém a sua opinião não póde sustentar-se «á vista do testemunho de Diogo de Mouro de Sou- «sa que escrevia pelo mesmo tempo de Faria e Sou- «sa, e o qual trasladou os epitaphios no proprio

«local, e os dá junto á porta principal á mão es-«querda, e mais especialmente o do chronista «franciscano fr. Fernando da Soledade, que es-«crevia cêrca do meado do seculo passado, e em «consequencia mui posterior á asserção de Faria «e Sousa, dizendo que no anno em que escrevia, «de 1739, naquelle mesmo local se encontravam «as inscripções.

«Muito menos póde ter logar a anecdota do in-«glez, narrada pelo padre José Agostinho de Ma-«cedo, e referida por José Maria da Costa e Sil-«va; porque quem se transferir áquella egreja «verá que não existe tal altar, nem ha por isso «a probabilidade de ser espreitado.

«Sentimos que estas explorações sobre a sepul-«tura do poeta não tivessem sido feitas anterior-«mente, quando dois ministros d'estado, um an-«tes da sua entrada no ministerio, preparava uma «nitida edição dos *Lusiadas* (1802), D. Rodrigo de «Sousa Coutinho; e outro, o conde da Barca, «Antonio de Araujo de Azevedo Coutinho (1805), «pegava na penna para escrever uma apologia «do poeta; porque não sómente se encontrariam «ainda os mesmos officiaes que tinham traba-«lhado nas obras da reedificação do mosteiro, «que só teve logar depois do anno de 1778, me-«diando assim pouco mais de vinte annos, exis-«tindo tambem ainda religiosas antigas, mas por-«que, pela sua posição como ministros, tudo que «se intentasse em honra do poeta, seria efficaz-«mente auxiliado pela vontade d'estes; ainda no «tempo em que o morgado de Matheus D. José

«Maria de Sousa Botelho fez a sua primorosa edi-«ção, e o sr. bispo de Vizeu, D. Francisco Ale-«xandre Lobo, escreveu a biographia de Camões, «era tempo idoneo para se vir a um resultado «seguro de qualquer trabalho que sobre este fim «se intentasse.»

Ordenava a lealdade, e o pedia a importancia do assumpto, que eu proprio reproduzisse aqui, segundo acabo de o fazer, um discurso em que se refuta a minha anterior opinião quanto ao logar do sepulcro, e á identidade e authenticidade dos ossos.

Agora só fica para desejar que o illustre academico, o sr. Tavares de Macedo, traga, como peça muito substancial para o processo, a sua dissertação, com tanto louvor mencionada no trecho suppra; a fim de que, estudados de novo todos os documentos, provas, e inducções, se chegue a assentar para sempre opinião, e por ella se faça obra.

Voltemos á nota da primeira edição:

Entremos no faciendum. Como de então para cá, extincta a Sociedade dos Amigos das Lettras em Lisboa, que era a unica procuradora de orfãos em coisas de tal natureza, se não tornou a curar d'isto, e por consequencia se acha ainda pendente a proposição, que a mesma sociedade

tão resolutamente me acolhêra, á consideração do governo e do publico a offereço agora novamente neste summario.

De tres partes constava ella, a saber: fundação de um Campo Elysio; trasladação para lá dos ossos de Camões; erecção de uma estatua ao mesmo poeta. Compendiarei os tres capitulos:

Fundação de um Campo Elysio

No principal cemiterio de Lisboa, a Camara Municipal que escolha, e faça assinalar á roda com gradaria, verdura, ou como melhor lhe parecer, uma porção de terreno, reservada para os finados celebres por qualquer especie de merito, passados, contemporaneos, ou futuros. Uma das seducções de tal obra é não requerer despezas, ou só mui tenues.

Povoado para logo o chão de ciprestes, palmas, cedros e loireiros, immediatamente se comece a inquirir e perquerir onde ha hi por todos os recantos do reino e provincias ultramarinas, terras do Brazil, ou quaesquer outras partes, restos mortaes de portuguez, illustre por si mesmo, ainda não perdidos, mas que tenham estado em desmerecida obscuridade; e a estes, á custa do publico, a lhes faltarem piedosos descendentes que lhes esmolem um pouco de marmore em troca da honra que lhes herdaram, se conceda hospedagem e aposentadoria aqui onde de juro lhes pertence. Uma pequena pedra que só viessem achar com o seu nome entalhado pe-

la nação agradecida, lhes fôra maior lustre, e para mais invejas, que em qualquer outra paragem sarcóphagos de pórfido ás costas de leões, e carregados d'emblemas. Ainda mal que não occorreu este pensamento aos nossos maiores!! o desabar dos conventos e o transformar das cidades não teriam feito perecer tantas reliquias memorandas. O Tolentino, fallecido já neste seculo, quando razões de parentesco, além de todas as outras, me obrigaram a procural-o para lhe dar um tumulo, já o não pude desencantar; a elle como a Bocage o cemiterio de Nossa Senhora das Mercês o tinha confundido è perdido para sempre. Que amplissima colheita se não póde ainda hoje obter, apesar do mui vandalico desbarate d'estes nossos tempos! ámanhã, será menor; depois d'amanhã, menor ainda; passados mais alguns annos, nenhuma: porque os mosteiros e egrejas ás dezenas e aos centenares se vendem, com sepulcros e tudo, para salas, para theatros, para botequins, para cavalhariças! passéa-se em banquetas de ruas lageadas com epitaphios! despejaram-se mausoleos, para se venderem a inglezes! em sarcóphagos se viu lançar a lavadura para os animaes immundos, que o filho prodigo guardava; immundos, sim, porém menos immundos que os filhos prodigos de nossos paes, que assim os estamos deshonrando, e a nós com elles, e a nossos filhos comnosco! Acudir, acudir ao que ainda resta! um Campo Elysio, sequer como expiação!

Neste mesmo Campo, com os illustrados por seus feitos proprios, poderiam ainda caber os

principes e reis, que até hoje temos condemnado, quasi todos, a um estreito calaboiço em S. Vicente de Fóra. Que mal fizeram esses pobres cadaveres para os terem amontoados em caixões sobre caixões, como fardos inuteis e traçados nos desvãos do armazem do mercador? Porque mereceram que do mais alto e mais luzido estado os despenhassem para o pó e trevas do esquecimento, em vez de os reclinarem caridosamente (o que nem a infimo negrinho se denega) debaixo do ceo de Deus, á luz do sol e das estrellas, entre a verdura e o conversar das arvores, presentes aos olhos e ás memorias dos seus semelhantes? Para mim tenho (a filosofia me perdôe se pécco) tenho mui deveras para mim que os moimentos dos potentados, feituras da fortuna, e as urnas dos sabios e virtuosos, feituras de si mesmos, haviam de fraternisar naquella paz santa, e ajudarem-se uns aos outros na sua missão de mortos, que é ensinar.

Estreado o torrão com este concilio mixto de nobrezas de toda a especie, é conserval-o franco a todos quantos forem deixando após si saudades merecidas.

Conviria talvez criar um areopágo de caracteres sobremodo respeitados e insuspeitos, de quem ficasse dependente a qualificação dos meritos por onde a tal honra se chegasse. Os Elysios dos antigos tinham os seus tres juizes insubornaveis: a egreja, processa os justos, a quem ha-de venerar; os proprios monarchas finados, entre os egypcios eram sentenciados *paes* ou tyranos pelo

suffragio livre de todo o povo; em toda a Europa faz hoje a imparcial historia igual processo aos seus principes, e não só depois da morte, senão já em vida.

Onde ha hi alma generosa, ou sómente justa, que não sympathise com tal instituto? Malbaratámos, perdemos, aviltámos, prostituimos as distincções de titulos, fóros e medalhas, ultima e unica moeda que nos restava para remunerar bons e concitar emulações briosas; criemos est'-outra, e zelemol-a para que tambem nol-a não falsifiquem. Verdade é que os mortos são mortos: já não votam, nem subornam, nem elegem, nem combatem, nem enredam, nem peitam, nem ameaçam, nem insultam; não são politicos, são mortos; não sollicitam, não fallam, nem apparecem, nada têem, e nada pódem; entretanto, em quanto não soar a trombeta ultima, haver sempre medo da injustiça, que até para os cadaveres tem ás vezes dois pesos e duas medidas! por isso, ninguem para este Elysio sem bom passaporte, assinado por homens que algum dia tambem o mereçam por acclamação publica.

Que retiro, meus amigos! que delicioso retiro! Para quem não será encantamento ir ali encurtar horas e dias á sombra d'aquelles fresquissimos e calados arvoredos, já copados de flores entre sepulcros na nova primavera, já alastrando-lhes por cima suas fartas sombras no estio! ora sentado nos degraus de um mausoleo, reler algumas paginas eloquentes á cabeceira de quem as *escreveu*! ja peregrinar á tôa de sepulcro em se-

pulcro, folheando o livro do proprio coração! ali, debaixo d'aquella abobada não escura, nem lavrada pela mão pequena do homem, mas infinita e luminosa, ali, não afastada a natureza com muros e portões, mas convidada e recebida com todas suas galas de cores, aromas, virações, e astros, que effeito não tem de produzir na imaginação menos poetica o congresso de tanto conterraneo veneravel, que depois de terem, por diversas vias, arrancado á morte a melhor metade do seu despojo, vieram de seus differentes seculos ajuntar-se neste mesmo recanto, como soldados que após a peleja, onde muitos de seus companheiros morreram, ao toque do clarim se recolhem gloriosos no socego de suas trincheiras! Cada um d'estes pelejadores no campo do espirito, deitado entre seus talvez desconhecidos camaradas, parece ora estar contando suas proprias fadigas, victorias, e serviços, ora dar ouvidos a iguaes narrativas dos que ao lado lhe poisam.

De cada um se reflecte para todos uma especie de luz mistica! e como que dando todos alguma coisa, nenhum deixa neste commercio de se melhorar em lustre e veneração! Depois, que perfeita harmonia entre a terra calada e os filhos da meditação! entre a natureza viçosamente florida e os homens da imaginação possante!

. . . . . *quam sedem Somnia vulgo*
vana tenere ferunt, foliisque sub omnibus hærent.

Todos sabem como a solidão e os campos fo-

ram sempre amores de filosofos e poetas: Platão e Orpheu não derramavam senão entre arvores as maravilhas de seus engenhos.

Onde vistes jámais cantor que para si desejasse piramides, ou jazigo de jaspes? um torrão desaffrontado lhes basta para o somno ultimo com um salgueiro, e não longe o murmurio d'aguas, folhas e abelhas. Virgilio, que tão docemente suspirou viver nos campos:

Flumina amem, sylvasque inglorius. O ubi campi,
Sperchiusque, et virginibus bacchata Lacænis
Taygete! o qui me gelidis in vallibus Hæmi
sistat, et ingenti ramorum protegat umbra!

Esse mesmo Virgilio, quão regaladamente não deve jazer na terra amorosa da sua Parthénope, á sombra do seu loireiro avergado de seculos! Cantando os Elysios já elle havia dito que a bem-aventurança dos finados se compunha dos simulacros de seus passados gostos:

.... *cura eadem sequitur tellure repostos.*

Vaines ombres, qu'amuse une ombre de la vie.

É assim que jaz Rousseau em Ermenonville; Klopstock em Hamburgo debaixo do façanhoso chôpo (de que eu guardo uma folha); e agora Chateaubriand debaixo de Deus, na costa da sua Bretanha, borrifado do oceano, vasto, melancolico, e profundo como a sua alma!

Repetil-o-hei: depositarmos taes homens no seio ameno da natureza, é recompensal-os a seu grado, e verdadeiramente bemaventural-os com um Elysio terrestre, e fazer com que nem a morte os atalhe na sua benefica missão.

Gracioso e digno dos arabes foi o seu costume de abrirem uma covinha nas lapidas para naquellas regiões calmosas os passaros se refrescarem com o orvalho do ceo; a sua primeira voz, quando dessedentados adejarem de roda, será um gorgeio de amor e bençaõ! assim nos acontecerá quando dos sepulcros fizermos sair alguma coisa doce, limpida, celeste e refrigerativa para o espirito!

Quem ousará negar a Luiz de Camões os fóros para primeiro entre os primeiros de tal companhia? Onde ha ahi portuguez que tanto servisse e amasse a sua patria, e tão conhecido se fizesse

pelo pregão do ninho seu paterno?

A este pois de juro pertence ser do Elysio portuguez o primeiro morador, hospede generoso de todos os outros portuguezes, em terra de honra, e d'esta o fundador verdadeiro.

Tambem a esta parte hei-de agora accrescentar alguma coisa, passados os doze annos.

Parece que uma vez aventado alvitre tão sympathico e exequivel, já não podia ser que deixasse, mais agora, mais logo, mais por um modo,

mais por outro, de se effectuar. Pois mais de cento e meio de mezes ainda para isso não chegaram! requeri-o eu, e por mais de uma vez, á Camara Municipal de Lisboa, mas sem exito, nem sombra d'elle!

Uma vereação houve de que cheguei a aguardar estes e outros melhoramentos; e foi aquella em que um homem sabio, litterato, de gosto, e emprehendedor, se viu ali, não sei como, a presidir. Este homem era o nosso amigo e confrade academico Julio Maximo de Oliveira Pimentel, hoje visconde de Villa Maior.

Escrevi-lhe, empenhando-o em favor d'esta e d'outras utopias; encontrei-o prestes e decidido a fazer, a sustentar, a proteger por todos os modos na vereação, as minhas propostas; mas (talvez por isso mesmo) desgostos que lhe surdiram de outra parte o fizeram largar tudo por mão, e despedir-se da representação da cidade, com grande pena e grave perda para toda ella.

O Campo Elysio está pois ainda á espera de homem para ser inaugurado.

Agora, quanto á lembrança, que tão natural me parecia, de se estrear o cemiterio privilegiado com o tumulo de Camões, magôa-me ver que já se não ha-de realizar. Honraram-se, não ha duvida, Suas Magestades, querendo-o hospedar no real carneiro de S. Vicente, como a soberano entre soberanos; mas eu, poeta, para o meu poeta antes quizera vel-o onde todos o pudessemos visitar a todas as horas, e cercado da poesia da *natureza*.

Isto sente-se, e não se discute.

Emfim vá lá o Camões, se assim o querem, para o seu carcere glorioso; mas funde-se para outros o Campo Elysio; e ahi está, á falta de Camões, Garrett para o inaugurar.

Honra á vereação nobre e intelligente que pagar (e quão sem custo) o que nesta parte ficaram devendo as anteriores; essa haverá saldado grandes contas com o passado, e lançado á terra sementes (igualmente gratuitas) de bons futuros scientificos, litterarios, e artisticos.

Retomâmos o fio da nota da primeira edição:

TRASLADAÇÃO DE CAMÕES

Tenha emfim o poeta da

..... *lira sonorosa*
que foi *mais afamada que ditosa*,

um notavel acerto depois de sua morte, como em vida já tivera! salve-se pela segunda vez de perecer afogado! lá, entre as ondas dos mares do oriente, que andava cantando; cá, no muito mais profundo mar da ingratidão dos portuguezes, que eternisou.

Cabe que a pompa do dia do seu desenterramento e nova aposentadoria seja digna d'elle, e de nós, e dos ouvidos do mundo. A outrem deixo o encargo, com que me não atrevo, de con-

ceber no animo, e abranger com escritura, a somma e serie de tantas coisas, quaes nunca entre nós se devem ter visto juntas: contento-me com indicar as principaes.

Comecemos pelo que é em todas as coisas mundanas indispensavel principio: o oiro; porque, dado que um grande numero das partes para tal ceremonia requeridas serão espontanea e gratuitamente dadas, assaz restará comtudo em que se despenda. Enêas não chegou aos Elysios sem primeiro haver colhido, e levar nas mãos, o ramo do precioso metal.

Sendo notorio que o publico thesoiro não póde nem deve dissipar com os finados o que para os vivos mal chega, podendo aliás contribuir muito o governo com sua autoridade e influencia, á honra do publico pertence concorrer largamente com todo o necessario para tal fim. Para isto me parece dever-se sollicitar desde já uma subscripção unicamente de nacionaes, convidando para espertadores d'ella todos os cabeças e centros de repartições numerosas e influentes, taes como governadores civis, militares e ecclesiasticos, presidentes de tribunaes, de camaras legislativas, de municipios, de academias e sociedades, etc.

De crer é que raras pessoas se eximam d'este suffragio nacional, ou escaceiem o óbolo com que o morto haja de pagar sua passagem do Lethes para os campos do descanço da luz e do premio. E pois que desde o throno até o ultimo *casal* não ha quem não saiba o nome, e se não

lastime dos fados de Camões, por sem duvida tenho que, desde Sua Magestade, até o ultimo lavrador, não haverá quem não lance o seu ceitil aos novos amigos, por quem segunda vez se pede esmola para Camões; e não já para lhe grangearem, como o fiel Jáo, uma fatia de pão com que mantenha aquella vida tão votada á patria, panos grosseiros com que tape a desnudez do corpo quebrantado de guerras e desterros, leito onde adormeça e sepulte suas magoas, ou papel onde escreva as nossas glorias: é um tumulo que lhe queremos dar; é um asilo poetico depois da morte áquelle que nunca teve onde descançar a cabeça; é um torrão de benção e amor ao que amou e abençoou sempre aos seus ingratos conterraneos; é um poucochinho de gloria no canto de um cemiterio para quem nol-a deu por todo o mundo, e para todos os tempos.

Em um registo solemne serão lançados os nomes dos concorrentes com a declaração das quantias, e este registo será impresso com a historia da trasladação.

Determinado para ella o dia, convidar-se-hão Suas Magestades e Altezas, os embaixadores estrangeiros, Sua Eminencia, os membros do governo, do conselho de estado, das duas camaras, de todos os tribunaes, de todas as academias e sociedades, pedindo e recommendando ao mesmo tempo áquelles de quem dependem o clero e exercito, que em nome da gloria nacional, os convidem tambem para se acharem presentes onde e como convem a tal acto.

Proclamada com salva de artilheria em todas as fortalezas e navios do reino a alvorada do dia, enfileirada em armas toda a tropa de Lisboa desde Sant'Anna até o determinado cemitério, serão com as devidas ceremonias da egreja, e ao som de segunda salva no Castello, tirados da terra, por mão do principal prelado d'esta côrte, os ossos e pó de Luiz de Camões, e encerrados em urna posta em feretro magnifico, no qual virão trazidos por pessoas todas muito principaes em representação ou lettras, com seguimento dos sacerdotes, grandes, e sociedades, todos de luto, ao som de todas as musicas militares até á egreja do extincto convento de S. Domingos: ahi por sua alma se celebrará a grandiosa missa funebre que o sr. Bomtempo compoz e dedicou á memoria do poeta, havendo no meio d'ella um discurso christão recitado por orador digno de tamanha honra.

Concluido o officio, tornará a pôr-se a procissão em caminho para o logar do seu ultimo destino, que, pelas razões que atraz apontámos, melhor convirá seja porção em cemiterio já de antemão talhada para Campo Elysio:

Sedibus ut saltem placidis in morte quiescam.

Em cova espaçosa, e anteriormente aberta, lançarão á porfia tanta cama de flores como a estação o permittir, todas as senhoras que desejarem dar um testemunho do mais puro e innocente amor ao amante mais fino de quantos jamais *poetaram* pelas ribeiras do Tejo.

Reclinados assim mollemente ao som da ultima despedida da artilheria os restos do amigo e afamador das Tagides, e lançada por cima a terra, exemplo grande seria a futuros escritores se a propria mão que sustenta o sceptro plantasse á cabeceira do obscuro soldado de seus avós o loireiro votivo da patria agradecida.

Grande fôra o assumpto para os poetas, que sem falta alguma hão-de nesse momento e sitio empenhar todo o seu engenho para dar um melodioso e extremo *vale* a seu antigo mestre.

Digno remate será para uma solemnidade, onde amplamente se estampou cunho de religião, de gratidão, de patriotismo, cerral-a com um acto de pura beneficencia; pelo que, proponho que, se tanto permittir o donativo, se acabe o dia com uma decente esmola e cêa a cincoenta e cinco soldados pobrissimos, em attenção aos cincoenta e cinco annos que viveu o desamparado guerreiro que vingâmos.

Para que os annos não venham para o diante a pôr outra vez questão vergonhosa ácerca do jazigo de Camões, depois de se ter gravado nova lapida no sepulcro d'onde saiu, erigir-se-lhe-ha sobre a ultima jazida um formoso e levantado mausoleo com o competente epitaphio, no qual porventura se poderiam ler duas linhas do mesmo poeta:

> Vem do naufragio triste e miserando
> dos procellosos baixos escapado.

Portuguez interesse é tudo isto, e tão natural, tão manifesto e incontrastavel, que já talvez seja o unico em nossa vida, em que toda a familia portugueza conflua unanime e de mãos dadas.

É este um dia que vamos arrancar aos odios e disputas interminaveis, para o darmos solido a um emprego pacifico, moral, religioso e poetico. Era assim que os heroes Homericos de ambos os arraiaes se pediam e davam trégoas para os funeraes de seus mortos.

Digressão sobre Filinto Elysio

(Ainda da nota da 1.ª edição)

Assim como o nosso Camões o foi por officio em Macau, quero eu ser aqui por affecto, provedor dos defuntos e ausentes. Não sei que sympathia em mim sinto para com todos os poetas desafortunados!

. . . . . *miseris sucurrere disco.*

O que eu no mesmo genero requeri depois para Filinto, e o que sorti nesse empenho tambem grande, tem aqui muito natural cabida. Supplico o lêam com attenção; a ver se por derradeiro alcançaremos estas duas victorias. São succintamente excerptos da minha *Revista Universal Lisbonense:*

I

Em 14 de outubro de 1841

«Segredo parece da Providencia, que nenhuma «grande gloria mundana seja desacompanhada de «descontos tambem grandes. Raro varão illus- «trou jamais a terra do seu nascimento, que, se «bem lançarmos as contas, a não deixasse, pelo «que lhe ella a elle fez, ou pelo que lhe elle fez «a ella, deshonrada e envergonhada. Entre os «exemplos dos illustres deshonradores passivos «de sua patria, avulta na historia litteraria por- «tugueza dos nossos dias, o nosso Filinto Elysio. «O que a poetica lhe deveu, e mais do que a «poetica a liberdade, e muito mais do que a li- «berdade, a rica e fidalga lingua portugueza, «todos nós o sabemos. E o como para com «elle nos desempenhámos de tamanhas dividas, «sabem-no além de nós (ainda mal!) a Fran- «ça, a Europa e o Mundo! O seu engenho, que «elle só quizera consagrar a engrandecer-nos, «em prantear infortunios se consumiu: em vez «dos gozos da liberdade, que nos elle evangeli- «sou, teve as amarguras do desterro, para evitar «os tormentos do carcere; e a lingua, que tanto «amou, por quem tanto fez e perfez, e que por «elle havia de renascer... que longos dias, e que «prolixos annos se lhe não devolveram, sem a «fallar, nem a ouvir! podendo já dizer por si «em meio de Pariz, o que o romano desterrado «suspirára entre os gêlos da Scythia:

«Barbaro aqui sou eu, que não me entendem!

«Sobejo era isto, e não foi bastante. Cevado de «penas, de saudades da patria, e de amigos; «roubado entre estranhos, depois de roubado en- «tre naturaes; avergado, e delido de annos e tra- «balhos; em um aposento, não modesto, senão «mesquinho; desamparado de todas as coisas «mais amigas de nossa natureza, mais necessarias «e agradaveis aos que estão de partida; sem ter «sequer dois livros para os testar em penhor de af- «fecto a tantos e tão queridos ausentes; sem espe- «rança ao menos de ser chorado em expirando, ou «no sepulcro visitado; aquella cançada alma por- «tugueza, sob um ceo esquivo e duro, a exha- «lou! Mãos estranhas, não trémulas, o levaram «á cova; olhos estranhos, e enxutos, o viram sub- «mergir-se, e desapparecer; vozes não portugue- «zas, lhe passam, e enxamêam por cima; dos «affectos, e saudades, que por lá de contínuo re- «fervem, e se renovam, nem um suspiro desce «a procural-o! Após desterro de larga vida, mais «que desterro na morte: indifferença e esqueci- «mento!!

«Pára aqui? Ainda aqui não pára: Na sepul- «tura, onde a má estrella de cada um costuma «ter o seu occaso, não o teve a de Filinto. Entre «tantos milhares de monumentos de virtudes, de «sciencia, de engenho, de amor patrio, de formo- «sura, de riqueza, de vaidade; entre monumen- «tos, emfim, de tudo, e de tudo, a exilada sepul- «*tura* de Filinto jaz ha tantos annos, (que já se

«contam 22!) não só sem uma pedra que a as-
«sinale, senão a pique de total perdimento!
«Mais nada? Mais, e mais, e muito mais! Oc-
«correu emfim a um portuguez como desejo, o
«que já como pensamento havia a muitos occor-
«rido: dar sequer neste mundo um tumulo a quem
«nelle não tivera uma patria. Propõe o negocio a
«um sabio tambem portuguez, tambem perseguí-
«do, tambem expatriado, amigo e companheiro
«outr'ora do poeta; declara-lhe a tenção, em que
«está, de levantar á sua custa, elle só, aquelle
«monumento. O prudente varão, em tão grave
«materia consultado, louva como sabio, mas co-
«mo portuguez reprova a determinação:—«As di-
«vidas da patria—diz—ninguem senão a patria
«as póde pagar. Filinto sem mausoleo é uma af-
«fronta, mas não irreparavel; o mausoleo de Fi-
«linto edificado por um só homem é uma affron-
«ta irreparavel para toda uma nação. Fazei mais,
«e melhor, do que abrir a vossa bolsa: ide por
«entre o povo portuguez pedir uma esmola pa-
«ra Filinto!!» — E aquella generosa bolsa ge-
«nerosamente se fechou; aquella mão, que ia
«alçar um padrão á sua propria fama, se esten-
«deu a mendigar; e (Deus louvado que ainda
«de patrio amor não estamos tão exhaustos co-
«mo de oiro!) acudiu-se ao pregão da esmola,
«perfez-se a somma, ha-de erigir-se um monu-
«mento. Mas onde? (eis-aqui o aggravo, que do
«meio do desagravo se reproduz e se perpetúa)
«longe da patria, e na propria terra do desterro.
«Mãos francezas arrancarão, e talharão a pedra,

«mãos francezas a assentarão; passeadores fran-«cezes passarão por ahi sem na olhar, ou sem «na entender: nenhum dos para quem elle só «viveu, e viveu todo, nenhum dos entre quem de-«sejou existir, acabar, e jazer, poderá ir sentar-«se com o livro das suas obras na mão, junto da «sua urna, a aprender constancia contra infor-«tunios, generosidade contra ingratidões, e incon-«trastavel aférro á boa terra do nascimento!

«Para nós, temos que é este um objecto mere-«cedor das attenções de um governo. O ministro «dos negocios estrangeiros não póde ser indiffe-«rente para o que toca em interesses de sabios; «os fóros de um dos mais soberanos mestres da «lingua portugueza a ninguem mais incumbe «zelal-os do que a elle; nós esperâmos, e com «toda a confiança o esperâmos, que a sua pen-«na, agora em quanto é tempo, se apresse de es-«crever um requerimento, digno d'ella; uma rei-«vindicação que o throno de um povo tão aman-«te e zelador da gloria, como é o francez, não «deixará de despachar graciosamente. Venha Fi-«linto dormir emfim o seu derradeiro somno aqui, «onde o conhecem, e o amam; sob o ceo aben-«çoado, e risonho do seu Portugal; entre a nu-«merosa e devota familia de seus admiradores. «O seu tumulo, que lá lhe seria apenas uma pe-«dra, aqui lhe será mais que mausoleo: ser-lhe-«ha palacio, ser-lhe-ha piramide, ser-lhe-ha tem-«plo!!!

«*P. S.* Do que mais passar neste negocio, em

«que nos fica posta, mui anciosa, a attenção, da-«remos conta; e esperamos em Deus, que não se-«rá para mais descredito dos portuguezes.»

II

Em 18 *de agosto de* 1842

«Quando, ha muitos mezes, nos constou have-«rem-se juntado esmolas para erigir um mo-«numento sepulcral ao poeta resuscitador da nos-«sa lingua, levantámos um brado de louvor aos «que tão portuguez pensamento conceberam; mas «deplorámos que em terra de França se houvesse «de assentar aquelle tumulo: ponderámos que o «desmerecido desterro, continuado por tantos an-«nos de vida, e já tambem por tantos annos de «morte, se ia tornar prepetuo e irrevogavel; que «o mais soberbo mausoleo lhe seria carcere em «Pariz, em quanto na sua Lisboa qualquer pe-«quena pedra com o seu nome, visitada, festeja-«da, e invocada por tantos devotos seus, lhe avul-«taria como templo. Esperámos que, advertida «por esta nossa lembrança, a liberdade se apres-«saria de revocar as cinzas de um de seus mais «zelosos martires e confessores. Era então minis-«tro dos negocios estrangeiros um homem capaz «de entender a nobreza, a justiça, a necessidade «do nosso requerimento, um cultor, incançavel, «e felicissimo, de toda a boa litteratura, e bonis-«sima falla portugueza, o ex.^{mo} sr. Rodrigo da «Fonseca Magalhães. Escreveu s. ex.^{a} para logo

«ao ex.mo sr. Silvestre Pinheiro Ferreira pedindo-«lhe o seu conselho sobre o modo de se effectuar «a trasladação do seu Filinto; respondeu o sa-«bio, com pressa, e alvoroçado como quem sabia «por experiencia o que era patria, o que sauda-«des d'ella doíam n'alma, e a immensa verdade do

. . . . . *hic moliter ossa quiescunt.*

«Era o seu arbitrio, que, pedida, e alcançada «do governo de França, a licença necessaria (no «que nenhuma duvida poderia occorrer) se man-«dassem d'aqui duas pessoas, para assistirem á «exhumação, e encerro dos ossos em um caixão «simples, e os acompanharem para Portugal; que «finalmente as honras da hospedagem aos manes «do poeta só deviam começar depois do seu desem-«barque em nossa terra; sendo então com toda «a pompa dos préstitos scientificos e litterarios, «levado para o logar que mais accommodado pa-«recesse ao intento, e no qual se lhe ergueria mau-«soleo. Era o conselho digno de quem o dava, digno «de quem o recebia; e de conselho houvera elle já «passado a obra, se novos actos politicos não mu-«dassem na scena personagens e attenções. Entre «tanto, porque é esta uma paga de divida nacio-«nal, que sem grande custo se póde satisfazer, e se «não póde recusar sem vergonha, temos fé em «que o presente ministerio metterá mãos á obra, «e a levará a cabo sem dar tempo a que novos «embaraços, ou mudanças a venham impedir. «*O governo,* que plantar este cipreste, vel-o-ha

«transformar-se-lhe entre as mãos em loiro, com «que sua propria fronte se ennobreça.»

III

Em 25 de fevereiro de 1843

«Faz hoje vinte e quatro annos que a muito «nobre lingua portugueza perdeu um dos mais «apostados mantenedores dos seus fóros; e os bar«baros que a têem assolado, o mais austero castiga«dor de seus flagicios. Expatriado, pobre, e deserto «dos seus, lá acabou na capital da França, o nos«so illustre poeta Filinto Elysio.

«Astuciosamente escapo ás mãos dos officiaes «da Inquisição de Lisboa, tomou o vôo para lon«ge da terra do nascimento para aquelles pânta«nos dos *batatifagos casmurros*, como elle chama«va aos hollandezes, e de lá para Pariz, onde a «morte a final o veiu a colher.

«Um honrado fidalgo, o marquez de Marialva, «então embaixador de Portugal em França, «lhe valeu generosamente na ultima enfermida«de (hydropisia); lhe ordenou o funeral, e lh'o «acompanhou com todos os portuguezes, que se «achavam naquella côrte, até ao cemiterio do pa«dre *La-Chaise*, onde permanece. Então fallou em «lhe erigir uma lapide, mas passaram dias e es«queceu, e quasi chegaria aquella sepultura a «ficar perdida, se annos depois o sr. marquez de «Palmella lhe não mandára pôr uma taboa para «sinal, até que os seus naturaes se resolvessem

«a trasladal-o á patria, ou perpetuar ali a sua «memoria.

«Por parte da honra nacional, já a *Revista* re-«quereu o que nos cumpre fazer. Este requeri-«mento está por despachar: não será porém es-«quecido, visto como o governo de S. M., por «outras providencias, que lhe têem merecido as «lettras e glorias patrias, nos abona a opportuna «satisfação de tamanha divida.

«Para renovar esta lembrança é que hoje me-«morâmos o seu óbito: o influxo que elle teve «na poesia, e linguagem portugueza pedem mais «pensada e estendida escritura do que neste dia «puderamos consagrar-lhe.

«*A. da Silva Tullio.*»

IV

Em 17 de agosto de 1843

«As reliquias mortaes de Filinto Elysio acabam «finalmente de chegar do seu exílio de vinte e «quatro annos ao seio da sua Lisboa. É uma jus-«tiça que ha largo tempo haviamos desejado e «requerido neste jornal.

«Não queremos retardar a boa nova aos nossos «leitores.

«Agradecimentos e elogios ao governo, que tão «boa obra chegou a realizar.

«Para outro numero fallaremos mais de espa-«ço sobre as circunstancias d'este acontecimen-«to, e sobre o modo como entendemos que se

«deve agora honrar a memoria d'este benemé-«rito da nossa lingua e litteratura.»

V

Em 7 de setembro de 1843

Carta

«*Sr. Redactor:* — Parece-me que não deve ser «indifferente para o publico portuguez coisa al-«guma d'aquellas que mais pódem honrar a me-«moria, e recordar o infortunio do nosso insigne «poeta Francisco Manoel do Nascimento, cujos «restos mortaes temos já a fortuna de possuir «entre nós: e é por isso só que me parece con-«veniente a publicação do epitaphio feito em 1820 «pelo seu especial amigo T. Verdier, quando o «marquez de Marialva se lembrava de erigir-lhe «uma lápide, e da ode que aquelle expatriado «dirigíra aos seus patricios, implorando a sua be-«neficencia, por me parecer que é rara, pois se «não encontra nas suas obras colligidas. Se V. «fôr do mesmo voto, peço que estes dois teste-«munhos da gratidão de um amigo e do aban-«dono de um infeliz, vão ás columnas do seu «muito apreciavel jornal.

«Cintra 28 de agosto de 1843.

«*A. de Oliveira Amaral Machado.*

HIC JACET
FRANCISCUS EMMANUEL DO NASCIMENTO,
OLYSIPONENSIS PRESBYTER,
LITTERARUM AC POESEOS AD EXTREMUM USQUE DIEM
CULTOR INDEFESSUS
ET VERNACOLI SERMONIS DILIGENS ASSERTOR.
NATUS EST OLYSIPONE DIE XXIII DEC. MDCCXXXIV
OBIIT PARISIIS XXV FEB. MDCCCXIX
MARCHIO DE MARIALVA REGIS FIDELISSIMI
AD CHRISTIANISSIMUM REGEM LEGATUS
DEFUNCTI FUNUS DUXIT OBSEQUIOSE:
ET HUNC LAPIDEM IN HONOREM CIVIS SUI BENE MERENTIS
ERIGERE CURAVIT ANNO MDCCCXX.

ODE

AOS PORTUGUEZES DE ANIMO CONDOÍDO

«Crescei, magoas crueis, e crescei dores;
«quebrae o vagaroso e triste fio,
«que alonga a cruel Parca, em seus lavores.
FERREIRA, Eleg. 5.

«Tinha com que viver independente,
«grangeio de meu pae, com lida honrada;[1]
«tinha amigos, ganhados com virtudes,
«e dons do estudo, e musas.
«Roubou-me a Inquisição os bens, d'um lance;
«roubou-me a patria, e poz-me num destêrro:
«dos amigos, roubou-me alguns a morte;
«roubou-me outros o olvido.

[1] «*Que serviu* 60 annos a patria na Marinha Real.

«Com mãos de ferro a rigida pobreza
«me apertou as entranhas; poz em fuga
«os opulentos mimos da fortuna,
«que ás ricas portas batem.
«Vivi pobre, vivi desconhecido;
«trabalhei, entre angustias da miseria:
«mesquinho lucro vi do meu trabalho,
«que mal cobre a despeza.
«Louvaram-me, e subiram alto os gabos;
«mas gabos fumo são, que não sustenta:
«e a comida e o vestido não se pagam
«com pomposos louvores.
«Leitores, que o louvais, dae-lhe soccorro;
«amigos (se inda o sois) com amizade,
«um velho consolae, que em quanto teve,
«consolou quantos poude.
«Houve uma alma briosa, enternecida,[1]
«que a vida me escórou, por alguns annos;[2]
«mas hoje,[3] oh ceos! com quanta magoa chóro
«do digno amigo a perda!
«Vós, portuguezes, que inda tendes honra;
«que no peito sentis pulsar os toques
«da compaixão, (divino movimento
«das almas escolhidas)
«olhae o desamparo, acodi brandos
«a Filinto, que aponta aos quinze lustros
«d'uma vida enredada de amarguras;
«salvae-o da pobreza.

[1] «Antonio de Araujo.
[2] «Desde 1790 até agora.
[3] «Em 1808.

«Não se diga de vós, que ao bom Filinto,
«que tanto amou a patria, e os portuguezes,
«como a Camões deixastes, insensiveis,
«morrer ás mãos da fome.

«Foi impressa esta ode em um papel solto, e «existe um exemplar em poder do ill.mo sr. G. J. «Pilier; a presente cópia porém é tirada *exacta-* «*mente* de outra manuscrita, que possue o ill.mo «sr. M. B. L. F.»

VI

Em 6 de março de 1845

«Propuzeramos nós ha annos na brilhante e nu- «merosa Sociedade dos Amigos das Lettras em «Lisboa á fundação de um cemiterio privilegiado «para os filhos benemeritos da patria.

«Consta-nos que o sr. José Lourenço da Luz, «consocio nosso então, e hoje membro da Cama- «ra Municipal d'esta cidade, diligencêa com os «seus collegas que esta idéa tão nobre, tão exe- «quivel e tão fecunda, se realize emfim, depu- «tando-se para Campo Elysio uma porção do com- «mum cemiterio dos Prazeres: campo que será «inaugurado com o tumulo de Filinto Elysio, para «cujo fabrico se acha aberta uma subscripção: a «trasladação espera-se que será solemnisada com «a maior pompa.»

VII

Em 13 de março de 1845

Carta á redacção da Revista Universal

«Honrar a memoria dos grandes homens tem «sido em todos os tempos, e entre as nações an- «tigas e modernas, um rasgo de pundonor na- «cional. Roma collocou a estatua de Virgilio en- «tre as dos seus heroes, e imperadores; e as cin- «zas de Milton, e de Shakspeare repousam em «Westminster no meio dos tumulos dos seus mo- «narchas. Nossos maiores por desgraça não se- «guiram tão honroso exemplo: ignora-se hoje «onde existem os despojos mortaes de Duarte «Pacheco, e de Pedro Nunes; e ainda se duvida[1] «se a sepultura que se encontra no mosteiro de «Sant'Anna é verdadeiramente onde descançam «os ossos do cantor dos *Lusiadas*.

«No seculo passado nasceu em Lisboa um ho- «mem, a quem a natureza prendou com todos «os dotes que constituem o grande poeta lirico, «e com o mais vivo affecto a tudo o que era glo- «ria nacional. Este homem foi Francisco Manoel «do Nascimento, que, superior ás preoccupações «do seu seculo, desprezando o estilo vicioso, en- «tão em voga, estudando o gosto antigo nos es- «critores gregos e romanos, tomou sobre seus

[1] «Enganava-se o correspondente como os leitores já conhecem.

«hombros o difficil empenho de reformar a poe-«sia lusitana, e resuscitar a pureza, e louçania «da linguagem do seculo de oiro das nossas let-«tras. Obrigado a refugiar-se em França por uma «sequencia de desventuras, que não importa ago-«ra referir, de lá mesmo continuou a pugnar «pela gloria da patria, e da litteratura nacional, «com o exemplo, e com as obras; e teve ao me-«nos o gosto de ver que os melhores engenhos «contemporaneos, adoptaram os seus principios, «e se ufanaram do honroso titulo de discipulos de «Filinto Elysio.

«Tendo fallecido em Pariz no anno de 1818, [1] «foi este Nestor da litteratura portugueza sepul-«tado no cemiterio do padre *La-Chaise* em um «tumulo [2] que fizera erigir-lhe o marquez de Ma-«rialva, então embaixador naquella côrte, e que «sempre fôra o protector, e amigo do grande poe-«ta portuguez; mas tendo depois seus ossos sido tra-«zidos á patria pelo conselheiro Filippe Ferreira «de Araujo e Castro, e estando depositados na Ca-«thedral, a Camara Municipal de Lisboa julgou «do seu dever consagrar em um dos cemiterios «publicos d'esta capital um monumento em que «descancem as cinzas de um sabio, que tanto a «honrou com seu nascimento, e as suas fadigas «litterarias, seguindo nisto os exemplos das na-«ções mais polidas. Havendo pois feito constar ao go-«verno de Sua Magestade este patriotico projec-

[1] «Lapso de penna do correspondente: em 19 foi e não em 18.

[2] «Singular e inexplicavel equivocação do correspondente: o «tumulo de Filinto nunca passou de projecto.

«to, foi a mesma Augusta Senhora servida de pres-
«tar-lhe a sua approvação, em portaria do minis-
«terio do reino de cinco do corrente mez, fazen-
«do expedir as suas reaes ordens ao Eminentis-
«simo Cardeal Patriarcha, para que os despojos
«mortaes do grande lirico lisbonense fossem pos-
«tos á disposição da municipalidade.

«A camara pois, de accôrdo com umá commis-
«são composta dos cidadãos—barão da Folgosa,
«Rodrigo da Fonseca Magalhães, e Silvestre Pi-
«nheiro Ferreira, convida a todos os amadores da
«boa poesia, e da nossa bella lingua, para ajuda-
«rem com as suas subscripções, o desempenho
«d'este projecto patriotico; e faz saber que quin-
«ze dias depois da data do presente annuncio, o
«thesoireiro do concelho começará a receber nos
«paços da municipalidade as quotas com que ca-
«da um dos srs. subscriptores se dignar de con-
«correr, e ao mesmo poderão ser dirigidas pelo
«correio, com os seus nomes, pelas pessoas domi-
«ciliadas nas provincias.

«Camara em sessão de 7 de março de 1845.

«O escrivão da Camara

«*José Maria da Costa e Silva.*»

E apesar de tantas porfias, e de tão boas espe
ranças conquistadas, ainda não existe, que eu saiba, um mausoleo a Filinto; e ainda de certo não existe um Campo Elysio Nacional.

Inaugurae-o, que é tempo; e estreae-o nas

boas horas com taes dois hospedes e hospedeiros, como o autor dos *Lusiadas*, e o dos *Novos Argonautas*, para collocardes junto d'elles (a morte não se descuida) os dois amigos de ambos, e cujos nomes acabâmos de ver entrelaçados com a historia posthuma de Filinto: Silvestre Pinheiro Ferreira e Filippe Ferreira de Araujo e Castro, e o immortal fr. Francisco de S. Luiz, e Domingos Antonio Bomtempo, e... mas para que é fazer catalogo? estabeleça-se a poisada, que os fréguezes a ella estão bem certos.

DOZE ANNOS DEPOIS DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Venha completar esta noticia outro portuguez dos mais benemeritos, o nosso amigo, sr. Innocencio Francisco da Silva: [1]

«Passados vinte e tres annos, no de 1842, foram «os ossos de Filinto trasladados para a patria, «conduzidos pelo conselheiro Filippe Ferreira «d'Araujo e Castro, em virtude de recommenda-«ção que a elle, e a Silvestre Pinheiro fizera o «ministro do reino Rodrigo da Fonseca Magalhães, «sendo por então depositados em uma das capel-«las do claustro interior da Sé de Lisboa. Depois, «por portaria do ministerio do reino de 5 de março «de 1845, foram mandados pôr á disposição da Ca-

[1] *Diccionario Bibliographico*—tomo II, pag. 447.

«mara Municipal, que se propunha construir-lhes «um monumento adequado pagando á memoria do «poeta a divida que a patria contraíra para com el-«le. Difficuldades e embaraços supervenientes de-«moraram a execução d'este projecto, que a final «veiu a realizar-se em 19 de junho de 1856, dia «em que se verificou a trasladação d'aquellas ve-«nerandas reliquias para o tumulo previamente «preparado no cemiterio do Alto de S. João, fa-«zendo-se o acto com a devida decencia e solem-«nidade. Foi esta acção commemorada em quasi «todos os jornaes politicos dos seguintes dias, tor-«nando-se mais notavel o artigo que o sr. Tullio «fez inserir na *Civilisação* de 20 do dito mez.»

Lá jaz emfim em seu tumulo no cemiterio lisbonense do Alto de S. João o nosso Filinto. Mas o Camões? mas o Campo Elysio? virão quando puder ser; já se vê que não ha pressa.

Para concluir, passemos a substanciar o terceiro ponto da minha memoria aos Amigos das Lettras em Lisboa.

Estatua de Camões

Um funeral e um mausoleo, não pódem (ou o coração me engana grandemente) consumir tudo quanto a liberalidade portugueza tem de trazer

ao grande homem. Avultadissimos devem ser os remanescentes; e taes, que sem medo affrontem a fundação de uma estatua, com que a patria firmará o ultimo sello na nossa obra.

Se é licito colher vaidade de bons desejos, releve-se-me dizel-o, muito ha que ella existiria, se eu tivesse achado, em quem podia, entendimento sequer para comprehender tal petição. Mais de anno havia então que o desenho (hoje ha mais de 14) fôra feito a rogos meus pelo sr. Assis Rodrigues, e por mim apresentado á Camara Municipal de Lisboa, como áquella que eu suppunha dever principalmente empenhar-se na empreza. Corria o tempo; não se dava solução ao negocio: appareci de novo; lembrei; insisti; quasi como se de interesse meu se tratára, e não do publico; tantas eram as delongas ambages e más escusas. A final me chegaram a desenganar de que por ali se não faria coisa alguma; sendo aliás certo e provado que em obras de nenhum proveito nem gosto, gastava o municipio muito mais do que para esta se havia de mister. Pedi a restituição do desenho, e piedade seria deixar por mais tempo o bom do Camões entre gente, quando menos, sua desconhecida.

Lembrou-me requerer ao governo que mandasse executar a estatua pela mão que a riscára, na propria officina da Aula Nacional de Escultura; mas... Era então ministro do reino Luiz Mousinho d'Albuquerque, e estava ainda mui recente o seu triunfo contra o Instituto ou Universidade de *Lisboa, g*lorioso e digno tentame do sr. Rodrigo

da Fonseca Magalhães, e que ainda algum dia tem de ser effectuado.

Por então me recolhi com a minha idéa, e fiquei aguardando por melhor ensejo. Hoje é talvez chegado.

Prova de que não faltam bons engenhos para conceber, e mãos para lavrar a estatua, ahi está já patente a todos os olhos no busto do poeta, coroado com um ramo do proprio loiro do artista; busto em cuja base podia o sr. Rodrigues gravar o seu nome de autor, e, se para a eternidade trabalhava, quebrar o cinzel.

Em pedestal altissimo, visinho e sobranceiro ao Tejo, deve este futuro colosso ufanar a praça e caes de Belem, d'onde partiu a armada dos verdadeiros *Lusiadas*, e d'onde provavelmente desferiu vela o que tão altamente os cantou.

É a barra do Tejo a porta d'este reino mais sabida e frequentada de estrangeiros; junto d'ella pois, alcemos este pregoeiro de nossa tardia e inesperada justiça. Quando navios peregrinos remontarem a corrente para saudarem este paiz, onde a natureza é poeta, e os homens o hão-de ser, logo que elles mesmos se favorecerem, como ella os favorece, seja Camões o primeiro vulto que lhes atraia os olhos, e lhes diga: «Aqui floresceu já um povo grande, que algum dia ha-de reflorir.»

Seja como o brazão d'armas da familia, posto para veneração na frontaria do domicilio.

Escrevem fabuladores da antiguidade que a estatua de Memnon per si mesma cantava, como

inspirada, ao nascer do sol. Debaixo do sol, ou da lua a de Camões cantará continuamente aos ouvidos do nosso espirito.

Desde 1836 que isto se lia aos Amigos das Letras, e era por elles unanimemente approvado, ninguem mais fallou em estatua de Camões até 1844. Nesse anno appareceu uma veleidade de tal estatua; mas tão desarrazoada, que eu mesmo me julguei obrigado a sair em campo contra ella. Eis o que eu inseria na *Revista Universal* de 23 de maio do dito anno, sob o titulo de *Porque está Camões na Berlinda.*

«Diz-se que se tenciona ordenar á Academia «das Bellas Artes de Lisboa que faça executar em «marmore, e de grandeza colossal, a estatua de «Camões, riscada pelo lente de escultura da mes«ma Academia, o sr. Francisco de Assis Rodrigues, «para ser imposta, como remate no alto da fron«taria principal (isto é, no alto da ilharga direita) «do theatro *agrião.*

«Seja-nos licito duvidar da veracidade do boa«to, em quanto se nos não mostrar o que ha de «commum entre Camões e a arte dramatica: por«que as comedias do *Amphitryão* e de el-rei *Se«leuco,* não cuidâmos que haja ahi quem nas en«corpore entre os titulos de gloria do autor dos «*Lusiadas* Com egual propriedade o poderiam «collocar sobre o hospital dos doidos, por ter es«crito umas trovas que se intitulam *Disparates na «India;* ou em cima do portão do cemiterio, por «*ter feito* um soneto que principiava

«Alma minha gentil que te partiste.

«Rematar o theatro portuguez (*portuguez*, com «licença dos italianos) com um poeta épico, dei- «xando no esquecimento Gil Vicente sobretudo, «e ainda depois d'elle, Antonio Ferreira, Jorge «Ferreira de Vasconcellos, Antonio Prestes &., se- «ria commetter uma injustiça, e deixar á geração «seguinte, para emendar, um erro do pezo de «muitos quintaes, depois, já se sabe, de bem e de- «vidamente chasqueados pelos viajantes e *turistas* «estrangeiros, que não deixariam de ir á biblio- «theca publica pedir para verem os dramas iné- «ditos de Camões. Que levantem muito embora «a Camões uma estatua de marmore ou de bron- «ze, se quizerem e puderem, e que a ponham «na praça do seu nome: outro tanto fizeram, «pouco ha, os castelhanos ao seu Camões da no- «vella em prosa, ao seu Miguel de Cervantes; «mas em cima do theatro seria uma adivinhação «de muito mau gosto...

«Confiâmos na illustração do governo de Sua «Magestade que tal se não ha-de permittir, quan- «to mais determinar.»

Nem sempre havia de estar o diabo atraz da porta; baixou segunda ordem á Academia, para se esculpir, em vez do épico, o dramatico. Dramatico tal, com as circunstancias que o acompanham, em nada cede ao épico, nem a ninguem.

Começou com alacridade a obra; foi voando

com furia entre as mãos do nosso Rodrigues, até que emfim appareceu com publico applauso sobre o theatro marmoreo, alvissimo, doiradissimo, e deserto, do Rocio de Lisboa.

Que de vezes, durante o lavor d'aquella estatua mais que heroica, e semicolosso, não passei horas agradaveis a conversar com o artista, sob a abobada sonora da sua vasta officina no extincto convento de S. Francisco!

¡Que de idéas brilhantes não faiscavam da alma do mestre, em frases curtas e graves, por entre o retinir do seu escopro e maço, sobre a pedra! Voavam as estilhas e lascas, desnudando cada vez mais as soberbas fórmas, que elle andava procurando, e que eu, a cada nova revelação, espreitava e palpava com enlevo; vinha pullulando do embrião o homem, do homem o poeta, e do poeta para ambos nós, o enthusiasmo!

— «Que mais digno uso do marmore—dizia o professor na sua complacencia de artista—do que immortalisar o genio! Que é a morte, quando uma penna basta para eternisar espirito e coração, e o corpo destructivel, um pouco de aço nol-o transforma em pedra!

«O verdadeiro embalsamar para cultos é a estatuaria.

«Porque razão, raça efémera d'ingratos, continuaremos a deixar dormir os heroes no esquecimento dos sepulcros? e a sua gloria, e os nossos prazeres, e as nossas lições magnificas, sobre tudo, nas trevas das pedreiras?

«Recordas-te do que dizia Cicero? *Honra, ali-*

menta as artes; todos se incendem na cubiça da gloria?

«*Pelo desprezo da gloria*, accrescentava Tacito, *se vai ao desprezo da virtude*. Juizes mais competentes na materia, não os podia haver.

«Demetrio Falarêo, fundo politico e filosofo, grande orador e poeta, sabia já o que nós vaidosos parecemos ainda ignorar, quando para galardões e incentivos a toda a variedade de prestimos, povoou Athenas com 360 estatuas de bronze de cidadãos benemeritos.

«Os vivos, geram moribundos; as estatuas, procriam immortaes.

«As industrias e sciencias necessarias pódem prescindir de corôas, pois lhes está patente a estrada da fortuna; mas as artes da imaginação, que na nossa terra têem por capitolio o hospital, que será d'ellas se nem este incenso tardio lhes queimarmos!» —

Assim discorria o discipulo e imitador de Machado de Castro, cheio de magnanima fé nos milagres da arte, e sentindo crescer o seu amor patrio e orgulho de portuguez, ao esculpir a effigie de Gil Vicente e já com a de Camões na fantasia.

Pois que a providencia no seu torrão de Portugal poz minas de marmore, como em Carrara e Paros; pois aqui faz nascer com abundancia os merecedores de fama, e por entre elles não faltam mãos primorosas que os enviem á posteridade criar emulos, e talvez até vencedores, estas mãos porque se não aproveitam? aquelle mar-

more, tornâmol-o a perguntar, porque dorme em bruto debaixo dos matos? aquelles varões que nos afamam e ensinam, porque se estão acabando de delir em pó, e não resurgem em quanto é tempo?

Oh! quizesse cada municipio, ao menos de cidade, a troco de um parco sacrificio (e grande que fosse) erigir na sua praça principal a estatua, sequer o busto, d'aquelle de seus filhos já finados com que mais se ufana! Cidades haveria em que, uma vez começada a generosa competencia desde Traz-os-Montes até o Algarve, estes brazões em alguns annos se numerassem ás dezenas. Só Lisboa!... ¿Que grande custo era o illustrar assim os seus largos, os seus caes, os seus passeios arborisados?

Os parentes mesmos d'estes mortos celebres, não se imporiam como dever muito agradavel o contribuirem com parte do necessario para essas ovações? talvez mesmo com a somma inteira? Quem o duvída?!

Representae-vos o passeio publico da capital, por exemplo, povoado d'estas imagens, mais ou menos sumptuosas! cada uma, poetificaria com o seu nome a uma das alamedas! os homens de alma, sentiriam accender-se-lhes brios ao contemplal-as, em quanto os inertes e os inuteis, póde ser que algum'hora se envergonhassem da sua pequenez! o pae, para espertar nos filhinhos o amor do estudo e trabalho, lhes narraria as vidas de esforço e constancia de cada um d'aquelles exemplares! os pensamentos das damas se

acostumariam a pouco e pouco a apreciar por cima das galas e graças passageiras, as qualidades que não fenecem! Finalmente, os estrangeiros, aprenderiam que não temos nós unicamente para admirações, o sol, os frutos, o Tejo, e a façanhosa historia dos nossos antepassados, e o Camões.

Os doze annos da primeira até esta segunda edição trouxeram com que devessemos accrescentar a presente nota, já aliás extensa, porventura em demasia; mas tão nosso e momentoso é o assumpto, que, se o não exhaurimos, para o que seriam necessarios volumes, tampouco nos sofrêra o coração que deixassemos de archivar para aqui o principal.

Que falle agora por nós o nosso bonissimo portuguez e amigo Antonio da Silva Tullio: [1]

«Está lançada a primeira pedra do monumento e estatua de Camões!

«Duzentos oitenta e dois annos depois da morte do grande poeta, e no mez de junho, que foi «o em que elle se finou, desamparado e pobre, «é que a nação portugueza acordou do somno da «ingratidão, para levantar ao cantor das suas fa«çanhas e navegações um padrão á sua immortal «gloria.

[1] *Archivo Pittoresco* vol. v, numero 17, pag. 129 e seg.

«Foi tardio: mas as primeiras honras que se lhe «prestaram no acto do assentamento da pedra fun- «damental do seu monumento mostraram já que «a geração actual se ha-de purificar do labeo que «seus antepassados deixaram, por seculos, perma- «necer sobre um povo tão brioso.

«Se o engenho poetico de Camões lhe grangeou «o predicamento de principe dos poetas portugue- «zes, com honras magestaticas foi solemnisada a «primeira ceremonia da inauguração da sua esta- «tua.

«Bem certo é que só a posteridade faz justiça «aos grandes homens! Em junho de 1580 descia «Luiz de Camões á sepultura amortalhado no len- «çol da caridade, desacompanhado, obscuro, des- «prezado. Em junho de 1862, o rei de Portugal, «com a sua côrte, legisladores, tribunaes, autori- «dades de todas as jerarchias; as academias, os «homens de sciencia, de lettras e artes, innumera- «vel concurso de cidadãos de todas as classes, «prestavam as homenagens, que só se costumam «conceder á realeza, a esse mesmo poeta, cuja es- «tatua íam erigir no bairro mais nobre da ca- «pital.

«Mais ainda. O proprio soberano reinante quiz, «por suas reaes mãos, collocar a primeira pedra «d'esse monumento, honrando assim a memoria «do cantor nacional, e com elle as lettras patrias «de que é fautor.

«A pompa e solemnidade com que este acto foi «celebrado, vai reproduzida na gravura que illus- «tra a primeira pagina d'este numero, desenhada

«fielmente pelo nosso collaborador artistico, o sr. «Nogueira da Silva, e a descripção da ceremonia «consta do auto que foi encerrado no cofre de- «posto no alicerce do monumento, que é como se «segue:

AUTO DA SOLEMNIDADE
DA COLLOCAÇÃO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO MONUMENTO
QUE SE VAI ERIGIR
AO GRANDE POETA NACIONAL LUIZ DE CAMÕES

«Aos vinte oito dias do mez de junho do anno «do nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo, mil «oitocentos sessenta e dois, nesta cidade de Lisboa «e praça de Luiz de Camões, antes denominada «do Loreto, se procedeu á ceremonia da colloca- «ção da pedra fundamental do monumento que se «vai erigir ao grande poeta Luiz de Camões, por «subscripção nacional, promovida pela fórma se- «guinte:

«Em 1860, o estatuario portuguez Victor Bastos «modelou em gesso um monumento para se erigir «a Luiz de Camões, representando a estatua do «poeta fundida em bronze, de 4 metros de alto, «assente sobre um pedestal octogno de 7 metros «e 48 centimetros de altura, rodeado de oito esta- «tuas de pedra lioz, de 2 metros e 40 centimetros «que representam: Fernão Lopes (o primeiro his- «toriador portuguez)—Pedro Nunes (cosmogra- «pho)—Gomes Eannes de Azurara—João de Bar- «ros—Fernão Lopes de Castanheda (historiadores

«das nossas navegações)—Vasco Mousinho de Que-«bedo—Jeronimo Corte-Real—Francisco de Sá de «Menezes (cantores épicos dos nossos descobrimen-«tos e conquistas); devendo ter o monumento, «assim ideado, desde a superficie do terreno até «á sua maior altura, 11 metros e 44 centimetros.

«Exposto o modelo ao exame publico na sala «dos paços do concelho municipal de Lisboa, ao «mesmo tempo se instituiu uma commissão com-«posta das pessoas abaixo assinadas, não só pa-«ra julgar o referido modelo, mas tambem para «alcançar os meios de se lhe dar execução.

«Depois de approvado o modelo por Sua Mages-«tade El-Rei o senhor D. Pedro V, de saudosa e «indelevel memoria, e por seu augusto pae El-Rei «o senhor D. Fernando, que Deus guarde, assim «como pelos membros da commissão, publicou es-«ta em 14 de junho de 1860 uma circular dirigida «a todos os districtos, concelhos e parochias do «reino, e suas possessões, assim como aos consula-«dos de Portugal nas differentes nações, especial-«mente aos do imperio do Brazil, onde residem «tantos milhares de portuguezes, que sempre brio-«samente contribuem para todos os commettimen-«tos que engrandecem e honram a patria, sendo «a sua subscripção para este monumento a mais «avultada de quantas se recolheram, tanto de na-«cionaes como de estrangeiros.

«Realizada a somma necessaria para se dar exe-«cução ao monumento approvado, se contratou «com o referido estatuario Victor Bastos dal-o con-«*cluido* para se inaugurar em 1864, tendo-se pré-

«viamente decidido que se levantasse na praça do «Loreto. Para este fim se requereu á Camara Mu«nicipal de Lisboa a houvesse de conceder, e ao «governo de Sua Magestade a denominasse--praça «de Luiz de Camões.—A Camara Municipal não só «annuiu a este pedido, mas á custa da cidade man«dou fazer toda a obra necessaria para que na«quella praça se pudesse levantar o projectado «monumento.

«Estando já concluido o alicerce, e as obras ne«cessarias para a collocação da pedra fundamen«tal, o marechal duque de Saldanha, presidente «da commissão central dos subscriptores, assim «o communicou pelo ministerio do reino a Sua «Magestade El-Rei, que houve por bem mandar «expedir, pela secretaria do referido ministerio, «um decreto tão honorifico para a memoria do «grande poeta, como significativo do alto apreço «em que o mesmo augusto senhor tem as lettras «e as glorias patrias. É do theor seguinte:

«Havendo-me participado o marechal duque de «Saldanha, presidente da commissão central dos «subscriptores, para se levantar um monumento «ao grande poeta nacional Luiz de Camões, acha«rem-se concluidas as obras necessarias para a «collocação da pedra fundamental; e querendo «eu honrar a memoria do immortal cantor dos «altos feitos portuguezes, e das gloriosas navega«ções e descobrimentos em que para sempre se «afamaram no mundo, perante a civilisação, as «potentes armadas do senhor rei D. Manoel, meu

«inclito avô, manifestando por esta occasião o ju-«bilo que me causa satisfazer-se no meu reinado «uma divida que a nação tem ha seculos em aber-«to, resgatada agora por uma subscripção espon-«tanea dos meus leaes e amados subditos, em to-«da a monarchia e fóra d'ella;

«Tenho resolvido ir collocar por minhas reaes «mãos a pedra fundamental do monumento eri-«gido ao immortalisado autor dos *Lusiadas*, na «praça de Luiz de Camões. E mando que este ac-«to se faça com toda a solemnidade, para o que «se observará o ceremonial constante do pro-«gramma que foi submettido á minha regia ap-«provação, pelo mesmo duque presidente da com-«missão central dos subscriptores, e que baixa as-«sinado pelo ministro e secretario de estado dos «negocios do reino.

«O mesmo ministro e secretario d'estado assim «o tenha entendido e faça executar. Paço da Aju-«da, em 11 de junho de 1862.—REI.—*Anselmo «José Braamcamp.*

«Em virtude d'este decreto, se reuniram pelas «seis horas da tarde nesta praça de Luiz de Ca-«mões, a Camara Municipal de Lisboa, os minis-«tros e secretarios d'estado, os membros de am-«bas as camaras do corpo legislativo, os do corpo «diplomatico, os grandes do reino, titulares e mais «pessoas que formam a côrte, a academia real das «sciencias de Lisboa, as corporações scientificas e «litterarias, as deputações de todas as associações «*operarias*, os redactores dos jornaes politicos e

«litterarios da capital, as autoridades ecclesias-«ticas, civis, e militares, e a commissão central «dos subscriptores que tem contribuido para a «erecção d'este monumento.

«Para esta solemnidade se tinha armado ao poen-«te da praça de Luiz de Camões, na varanda da «propriedade do cidadão Rafael José da Cunha, «uma tribuna forrada de velludo carmezim fran-«jado de oiro para Suas Magestades e sua real fa-«milia, e junto ao alicerce do monumento tres «pavilhões vistosamente adereçados. No do centro, «e sobre uma mesa coberta de velludo, estava o «modelo do monumento, e uma escrevaninha com «a penna de oiro cravejada de brilhantes,[1] que «fôra offerecida ao eximio poeta Antonio Feliciano «de Castilho, pelos portuguezes residentes na pro-«vincia de Porto Alegre, imperio do Brazil, e por «elle espontaneamente prestada para a assinatu-«ra d'este auto. O pavilhão do lado direito foi desti-«nado para os membros do corpo diplomatico, e «o do lado esquerdo para os do corpo legislativo.

«No meio do alicerce estava a pedra fundamen-«tal, aprumada e coberta com uma alcatifa car-«mezim. Junto do alicerce havia dois bufetes co-«bertos com bancaes de velludo carmezim. No do «lado esquerdo estava uma padiola forrada de «seda azul e branca, e sobre ella um cofre de «marmore. No do lado direito uma bandeja de «prata com um cofre do mesmo metal[1], e bem «assim seis salvas, contendo a primeira, este au-

[1] Vide a estampa a pag. 136 do já citado tomo e numero do *Archivo Pittoresco*.

«to escrito em pergaminho; a segunda, a lamina «com a inscripção commemorativa; a terceira, «as moedas nacionaes; a quarta, a trolha de pra- «ta com o cimento; a quinta, a colher; a sexta, «o camartello.

«A tribuna real, o pavilhão central, e todo o «espaço intermedio, estavam rodeados por duas «alas da guarda real dos archeiros. Numeroso «concurso de povo tomava parte nesta festivida- «de nacional e litteraria.

«Ás cinco horas da tarde, as tropas da guarni- «ção de Lisboa formaram em frente da praça.

«Chegando Sua Magestade El-Rei o senhor D. «Luiz I, e seu augusto pae El-Rei D. Fernando, «em grande estado, foram recebidos por este cor- «tejo no vestibulo da tribuna real, indo depois «as diversas corporações tomar os logares que «lhes estavam destinados, occupando Suas Mages- «tades a tribuna real para receberem a conti- «nencia das tropas da guarnição que formavam «a parada.

«Em seguida encaminhou-se o prestito para o «centro da praça, indo adiante os porteiros da «real camara com as massas de prata; os reis de «armas, arautos e passavantes com as suas cotas; «e logo as corporações, autoridades e mais pes- «soas convidadas, guardando entre si a ordem «da precedencia; e por ultimo Suas Magestades «seguidos dos gentis-homens da real camara e «ajudantes de campo.

«Tendo Sua Magestade El-Rei subido ao pavi- «lhão real, o duque de Saldanha, presidente da

«commissão central dos subscriptores, leu este «auto, bem como a seguinte inscripção esculpida «em lamina de cobre prateado:

NOMINI IMMORTALI
ALOISII DE CAMOENS
LUSITANORUM POETARUM
PRINCIPIS
HOC MONUMENTUM
VOLUNTARIIS ELARGITIONIBUS
FUIT ERECTUM
CUIUS LAPIDEM AUSPICALEM
IN TANTI OPERIS MOLITIONEM
LUDOVICUS I.
PORTUGALIAE ET ALGARBIORUM REX
QUARTO KALENDAS MENSIS JULII
ANNO MDCCCLXII
PLAUDENTIBUS CIVIBUS UNIVERSIS
SOLEMNITER FIXIT.

«Este auto depois de assinado por Suas Mages- «tades, pelos ministros e secretarios d'estado, pe- «los presidentes das duas camaras legislativas, «pelo da Camara Municipal de Lisboa, e pela «commissão central dos subscriptores, ficará de- «positado no cofre para este fim destinado, bem «como a lamina commemorativa e as moedas «nacionaes, fechando-se á chave, a qual será en- «tregue por Sua Magestade El-Rei ao presidente «da Camara Municipal de Lisboa, para ser guar- «dada com o traslado d'este auto no archivo dos «paços do concelho, procedendo-se em seguida á

«collocação do mesmo cofre na cavidade da pe-«dra fundamental do monumento, com as cere-«monias do estilo.

«E para documento authentico de que esta so-«lemnidade se fez pela fórma que dito fica, la-«vrei e assinei o presente auto, eu Joaquim Pe-«dro de Sousa, secretario da commissão central «dos subscriptores — *Joaquim Pedro de Sousa — El-«Rei — D. Fernando — Marquez de Loulé — Anselmo «José Braamcamp — Joaquim Thomaz Lobo d'Avila «— Gaspar Pereira da Silva — Visconde de Sá da Ban-«deira — José da Silva Mendes Leal — Visconde de La-«borim — Antonio Luiz de Seabra — Antonio Esteves «de Carvalho — Duque de Saldanha — Francisco de «Paula Sant-Iago — Carlos Krus — Joaquim Pedro de «Sousa — Luiz Tiburcio Ferreira — Visconde de Me-«nezes — Antonio Feliciano de Castilho — Antonio da «Silva Tullio — José Maria Eugenio de Almeida — Conde «do Farrobo — José Isidoro Guedes — José Pedro Colla-«res — D. Pedro da Costa de Sousa de Macedo — Ab-«bade Castro — Antonio José Pereira Serzedello.*

«Acabada esta leitura, que o nobre duque fez «em voz alta e firme, foi elle que offereceu a Suas «Magestades a penna de oiro para assinarem o «auto, indo tambem, como acima se lê, assinado «por todos os ministros de estado, pelos presiden-«tes das camaras legislativas, pelo da camara mu-«nicipal, e pela commissão central dos subscrip-«tores.

«Depois foram apresentados em salvas de pra-«ta a Sua Magestade El-Rei pelo vice-presidente

«da commissão central dos subscriptores, Fran-«cisco de Paula Sant-Iago, o cofre de prata; pe-«lo presidente, o auto já assinado; pelo secreta-«rio, Joaquim Pedro de Sousa, a lamina com-«memorativa; e pelo thesoireiro, Carlos Krus, as «moedas nacionaes, encerrando o mesmo augus-«to senhor estes objectos no cofre, que fechou á «chave, entregando-a ao presidente da Camara «Municipal de Lisboa, Antonio Esteves de Carva-«lho, para ser depositada com um traslado do «auto no archivo dos paços do concelho.

«Os membros da commissão central, Antonio «Feliciano de Castilho, José da Silva Mendes Leal «Junior, José Maria Eugenio de Almeida, e Anto-«nio da Silva Tullio, tomando a padiola em que «estava o cofre de marmore, a levaram até jun-«to de Sua Magestade El-Rei, que, recebendo «o cofre de prata das mãos do duque presidente, o «metteu dentro no de marmore. Depois os mesmos «quatro vogaes conduziram a padiola até ao ali-«cerce, onde o mestre da obra, Joaquim Antu-«nes dos Santos, pegando neste cofre, o deposi-«tou na cavidade da pedra fundamental e lhe «assentou a lage para esse fim apparelhada.

«Sua Magestade El-Rei, recebendo das mãos «do vogal da commissão, José Isidoro Guedes, a «colher, tirou da trolha, que lhe apresentou o «vogal, conde do Farrobo, um pouco de cimento, «que deitou nas juntas da pedra, e em acto con-«tínuo a bateu com o camartello que lhe fôra «offerecido pelo membro da commissão, viscon-«de de Menezes. Uma girandula de foguetes, cor-

«respondida por uma salva real do castello de «S. Jorge e demais fortalezas, bem como dos na- «vios de guerra surtos no Tejo, annunciaram a «collocação da pedra fundamental do monumen- «to consagrado á memoria de Camões.

«Terminado o acto, voltou o prestito na mes- «ma ordem, acompanhando Suas Magestades á «tribuna real, em frente da qual desfilaram as «tropas, na presença dos mesmos augustos se- «nhores.

«Taes foram as honras prestadas ao autor dos «*Lusiadas* nesta solemnidade nacional.

«Foi um dia de festa para toda a cidade. As «habitações da praça de Camões estavam arma- «das de gala e á noite illuminaram-se todas.

«As damas que formam a commissão especial «que se encarregou de colligir donativos para o «monumento do mavioso cantor de D. Ignez de «Castro, assistiram a esta festividade nas varan- «das proximas da tribuna real.

«A commissão central merece o publico louvor «pela pompa e solemnidade com que, por sua «direcção, foi celebrado este magestoso acto.

«Se Camões vivêra, teria agora de repetir, não «por queixume, mas com ufania, o seguinte «quarteto da oitava 52 do canto VII do seu poe- «ma:

«Véde, ninfas, que engenhos de senhores
«o vosso Tejo cria valorosos,
«que assim sabem prezar, com taes favores,
«a quem os fez, cantando, gloriosos.»

Progride com força a obra do monumento; duplice monumento: do poeta e do escultor; de Camões e de Bastos.

A pena é que obra, por tantissimos annos esperada, e que tinha de ser paga por taes mãos, não lograsse o que era de tudo o menos difficil: uma collocação conveniente. (Fados de Camões, que até no triunfo o hão-de perseguir!)

O mais nautico de todos os poetas do mundo, o cantor do Gama, o namorado do Tejo e de suas ninfas, puzeram-no de sequeiro, d'onde nem sequer ao longe pudesse enxergar nem rio, nem horisontes! e onde? num largo de todo o ponto prosaico, burguez e plebeu; sem assomo de architectura, de regularidade, ou de graça; num plano inclinado, num taboleiro por todas as partes desigual; em sitio finalmente tão estranho, que nem ao menos era ainda pertença da cidade no tempo do poeta.

Não estava ahi a chamar pelo marinheiro epico a praça dos Remolares? Responderam-me, quando na commissão a propuz, que era muito pequena. Não estava o largo de Belem a reivindical-o? redarguiram-me que era muito grande.

Pois bem: não se podia riscar á vontade uma praça nova do tamanho que lhes aprouvesse, no atêrro, á beira do Tejo? fazel-a moldar dos tres lados com edificios que não enxovalhassem por mesquinhos o monumento? Eram logo dois beneficios para a cidade em logar de um. Ahi, sim, que se entendêra o homem dos *Lusiadas;* dominaria as ondas, receberia as saudações dos

nautas descendentes dos que elle acompanhou; hospedaria os navegantes estrangeiros, que todos em suas linguas o admiraram, e primeiro que a nenhum outro objecto o procurariam com a vista ao remontarem a corrente.

Queria-se um Camões borrifado da salsuge marinha, que esse era o verdadeiro Camões, e não coberto de nuvens de poeira entre o estrepito dos carros e a vozeria dos vendilhões.

Paciencia! d'aqui mais a 300 annos o trasladarão; é bom deixar sempre aos netos alguma coisa que emendar.

Levantando mão d'esta parte ridicula do assumpto, não se me leve a mal o teimar um pouco mais na civilisadora idéa das estatuas honorificas.

Reproduzirei a carta[1] que a 12 de julho de 1857 dirigi ao nosso illustre artista Manoel Maria Bordallo Pinheiro a agradecer-lhe a estatueta do meu retrato por elle executada:

Carta d'um poeta a um escultor[2]

«*Meu admiravel escultor:*

«Quem não soubesse da nossa boa e antiga ami-«zade, havia de ter custo em explicar o nasci-

[1] Foi impressa no *Jornal das Bellas Artes* e no *Archivo Pittoresco*.

[2] «O sr. Manoel Maria Bordallo Pinheiro começou a sua car-«reira artistica, ensaiando primeiro que ninguem em Portugal a «gravura em madeira, desde a fundação do *Panorama*, e des-

«mento d'esta obra prima, em que vós repartis «commigo da vossa immortalidade. Eu mesmo, «se não medisse pelo affecto que vos consagro o «que vós me liberalisais, ficaria confuso com ta- «manha honra. A maior que as bellas artes pódem «fazer a um vivo, é de certo esta. A estatua é a «embalsamação antes da morte; a estatua é a «apotheóse; a estatua é a gloria solidificada. O «benemerito a quem ella se erige está-se já vendo «lá no fundo da posteridade como num espelho.

«Honras assim, meu amigo, devem-se conferir, «mas a custo e quasi avaramente; nem se neguem «aos que lhes tem jus, nem se prostituam aos «que a Providencia não privilegiou ao nascer.

«envolvido nesta arte largou-a aos seus discipulos para se entre- «gar exclusivamente ao desenho. Teve por mestre em pintura o «sr. Antonio Manoel da Fonseca. Fez-se retratista distincto e «pintor de quadros a oleo. Desejoso de ver e adiantar-se, foi «a Inglaterra, França e Hespanha. D'este ultimo paiz trouxe co- «pias suas d'originaes de Murillo e Velasquez, que lhe grangearam «merecida reputação. Passou á escultura em que se exercitou «sem mestre, á força de trabalho paciente e consciencioso. Ha «d'elle, além d'outras tentativas, um grupo de Camões e o Jáu, «digno de louvor. Occupa-se ao presente numa collecção de «estatuetas de portuguezes. O primeiro a que dedicou o seu en- «genho patriotico, foi o sr. A. F. de Castilho.

«Se se attende a que o sr. Bordallo só póde empregar na pra- «tica artistica os escaços remanescentes de uma vida occupada «no serviço publico, reconhecer-se-ha a justiça com que o sr. Cas- «tilho o qualifica de admiravel.

«Pedimos venia ao animo illustrado e benevolente do poeta, «e á modestia do escultor, para dar aqui publicidade a este «interessante e incitador monumento epistolographico; comple- «mento natural do outro, que no penultimo numero, com au- «xilio da gravura, ajudámos a levantar.

«Já que andais com a mão na massa de eter-«nisar (e que bem fadada mão!) haveis de me «consentir que, usando dos amplos direitos da «amizade velha, eu esboce ao vosso juizo algu-«mas ponderações, que, em todo, ou em parte, «porventura aproveitareis. Perdidas absolutamen-«te para um tal espirito nunca ellas hão-de ser, «pois m'as suggere o sentimento do verdadeiro «e do bom, que, não menos que o do bello, deve «presidir ás emprezas do artista em nossa edade; «edade séria, utilitaria, progressiva.

«Estudando-vos na minha estatua, folgo de «descobrir que neste particular pensais vós como «eu; pois déstes na commemoração das minhas «obras o logar primeiro á carta de alforria que «Deus me permittiu trazer á puericia. E que va-«lem realmente em comparação d'este codigo de «amor, depositario misterioso de tanta civilisa-«ção; que valem, que pesam, que avultam, uns «cantos passageiros, feitos pela ociosidade para «a ociosidade, dependentes do capricho da moda «e que as transformações da lingua e do gosto «poderão dentro em pouco deixar sepultados, «como tantos outros, de todos os seculos, nas «Necropolis das livrarias?! Amores, mythologias, «e mesmo historias, que são, se se comparam com «a arte de semear no semi-baldio do presente as «searas opímas do futuro?!! A redempção que eu «evangelisei á escola, e cujo triunfo já no meio «do martirio se começa a entrever, esta sim que «é obra de obras, e não de palavras; de benefi-«cencia effectiva, não de ternuras vagas; não de

«talento, nem de brilhar, nem de ambição egoís-«tica, mas chã; obscura; calcada e fecundissima «como a propria terra; obra de crer e de que-«rer; obra fundida de fé, esperança e caridade; «obra que a Providencia ha-de infallivelmente «amparar contra perseguições e invejas, como a «coisa sua; pois é ao mesmo tempo alegre como «a infancia que já a ama; carinhosa, como os «corações maternos que algum dia a adorarão; «sisuda, forte, e emprehendedora, como o espi-«rito viril da nova era.

«Propondo este ensino humano, fruto só de «boas diligencias, não mereci estatuas nem ad-«mirações; benevolencias, sim; tantas, pelo me-«nos, quantos têem sido os odios a estorvar-me «de toda a parte neste arroteamento que é para «todos, e que para todos ha-de ser por derradeiro.

«Quem falla dos seus amores, espraia-se e pa-«rece ás vezes jactancioso; é o que me succe-«deu agora: fallei da civilisação pela instrucção «popular, que é o meu dogma, a minha religião, «a minha poesia concentrada; fui diffuso e im-«modesto; volto ao que dizia. Ao pôrdes o meu «*Methodo* acima dos meus outros pobres escritos, «mostrastes vós que a filosofia do verdadeiro, «do bom, do util, vos não inspirava menos que o «senso profundo, innato e íntimo, do bello. Eis «aqui, pois, meu caro amigo, a ponderação que «eu, utilitario contumaz, me permitto dirigir-vos, «e que, se esta carta fôr parar á imprensa, de-«sejaria ver ajudada pelos bons engenhos que «professam educar a opinião.

«Dizei-me: quando, no fundo da vossa offici-«na de escultura, levantais as mãos de um es-«boço que sob ellas se vos está vivificando, para «meditar um segredo da arte, ou esperar um «novo raio de inspiração; quando, depois de pai-«rardes com a vista em derredor por sobre mo-«delos gloriosos de outros grandes mestres, re-«cebeis na voz, na lingua mesma do vosso col-«laborador romano, umas viração longinquas da «poetica Italia, d'essa grande mãe de heroes para «as façanhas, e de artistas para os heroes; quan-«do, sem transição, ou pela mais natural de todas «as transições, reverteis em espirito dos ceos da «Ausonia, tépidos, córados, impregnados da poe-«sia grega, para estes, não menos poeticos, e não «menos inspirativos ceos de Portugal, paiz que, «semelhante a Saturno, cria filhos deuses, e os «devora; quando então comparais mentalmente «o pouquissimo que somos com o incommensura-«vel que puderamos ser, que havemos de ser, «logo que a alvorada da instrucção acordar «o povo, que homens mais humanos o diri-«jam, e leis mais sabias nos eduquem para ousar, «para amar, para servir; se então a vista, des-«abraçando-se das estatuas que vos rodeiam, vos «sai meditativa a espairecer-se pela fronteira «e contigua alameda do passeio publico, pro-«saico vestibulo do vosso olimpico Pantheon; «dizei-me, meu amigo, não sentis que nesse e «nos outros campos de reunião de uma ca-«pital como Lisboa, falta alguma coisa essen-«cial que seria facilimo doar-se-lhes? Oh! certa-

«mente! Ali, abundam as arvores e as sombras; «as aguas e os cisnes; as flores e as mulheres; «os passarinhos e as crianças; ali se entrelaça a «convivencia; se deslembram cuidados; se dis- «traem penas; se assoalham modas; se pleiteam «luxos; e se bebe em ares balsamicos saude e «satisfação; tudo isso é muito, e bem haja o pri- «meiro que se lembrou de incluir nos recintos «das cidades populosas estes oásis da natureza «campestre esmerada pela arte; é muito, sim, «mas não basta. Nestes passeios está o *hoje* em «toda a sua pompa; mas onde estão nelles o *hon- «tem*, e o *ámanhã*, que tambem lá cabiam, e com «os quaes o hoje augmentaria os seus prazeres? «onde estão as estatuas, pelo menos os bustos, «ou sequer os nomes, dos que a morte apartou da «nossa vista, mas não da nossa memoria, que «elles penhoraram por seus feitos, por suas vir- «tudes, por seus escritos? em parte nenhuma. «Aqui o marmore transformou-se em cisnes, em «ninfas, em deuses de rios; além, em heroes «romanos; nunca num portuguez benemerito; «e não é isto esquecer a um tempo, futuro, pas- «sado, e presente?

«A effigie de um conterraneo preclaro pren- «de-nos pelo respeito ás gerações anteriores; en- «grandece-nos o espirito, juntando á nossa hora «actual uma existencia que não tinhamos; ac- «cende-nos emulações muitas vezes fecundas; «far-nos-ha porventura córar da nossa inutilida- «de; cerrar-nos-ha acaso os labios em meio de «uma frase nescia ou maligna; d'essas que vão a

«miudo nascem no meio dos ajuntamentos, que «só capricham de levianos; dará thema a con- «versações instructivas, a lições que em almas «tenras de filhos se gravem indeleveis; quantos «heroes não terão nascido de estatuas!!

«Depois, quando estrangeiros, passeando por «entre nós, nos desdenham pequenos, já póde «ser que andariam menos sobranceiros, se vis- «sem em multiplicados monumentos a demons- «tração de que somos grandes.

«Era isto, meu caro amigo, o que eu ha annos «ponderava á nossa gente. Ninguem ouviu; se «ouviram, não entenderam; se entenderam, não «acreditaram; se acreditaram, não lhes impor- «tou.

«Aproveitei o lanço de publicar o livro intitu- «lado *Camões*, para auspiciar com esse nome tão «nacional, não só este alvitre, mas outros igual- «mente exequiveis, faceis, prestantissimos: a fun- «dação de um Campo Elysio, cemiterio privile- «giado para os mortos famigerados, e inaugura- «do com o tumulo do cantor das *memorias glo- «riosas;* a assinalação official dos logares e edifi- «cios memoraveis pelo nascimento, vida, feitos, «ou morte de portuguezes celebres; e... que sei «eu? quantas coisas optimas se não pediam ali, «que já hoje poderiam ter dado tanto fruto! e «nem sequer da imprensa me saiu um eco!

«Ambicionei entrar vereador na gerencia mu- «nicipal, só para ver se dava impulso a estas «fundaçõesinhas maximas; propuz-me candidato, «não me escutaram.

«Por tres vezes me tenho dirigido aos paços «do concelho, como procurador dos nossos de- «funtos e ausentes, ausentes da memoria e gra- «tidão de seus prodigos herdeiros, e nem uma «só resposta, nem sequer um *não,* para meu des- «canço e final desengano, alcancei nunca. Quem «nos explicará, e quem absolverá estas indiffe- «renças, estas desmemoriações, chegadas quasi a «descortezes? Dizem que rescendem a poesia as «minhas propostas; e que pedir poesia a verea- «ções, o mesmo é que esperar ananazes de abo- «boraes; não o creio. Se o corpo municipal não «teve ainda vagar para se embeber d'estas idéas, «e desferir um pequeno vôo para cima do ex- «clusivamente fisico, material, e immediato, quem «nos diz que não chegará ámanhã a sua hora, e «se não fôr este, quem sabe se não será o pri- «meiro que após este se eleger?! Terra de poesia «foi sempre a de Portugal! e não creio que, só «pelo facto de haver um homem aqui sido elei- «to para fazer aceiar e alumiar ruas, apagar in- «cendios, matar cães, e alindar passeios, fique «*in perpetuum* condemnado a não sentir nem «perceber o bello noutra esfera de idéas menos «prosaica e vulgar. Medo tenho de que fosse o «ter sido eu o alvitrador, o que, logo á nascen- «ça, augurou em mal estes negocios, tão singelos «de si, como sympathicos e patrioticos. — «Tudo «que abençôo cai» — dizia Chateaubriand; cuido «que a mesma sina tive eu no berço.

«Vede vós, meu amigo, se podeis quebrar estes «ininteligiveis encantamentos. Parece-me que sem

«muito custo o lograrieis. Esculpi, para tentati-
«va, o busto de algum eximio portuguez (antes
«finado do que vivo, que será diminuir-lhe im-
«pedimentos) o de Filinto, por exemplo, o de
«Bocage, o de Garrett, ou de Silvestre Pinheiro,
«ou de Ferreira Borges, ou de S. Luiz, de Fer-
«nandes Thomaz, Visconde de Santarem, Corrêa
«da Serra; e pedi á Camara Municipal outorga
«para os collocardes em qualquer dos tres pas-
«seios publicos da côrte, não á custa do seu co-
«fre, mas a expensas nossas, e dos mais amigos
«da gloria portugueza que ambicionarem haver
«parte nesta oblação. Obtida a annuencia, impos-
«sivel de recusar, e aberto o primeiro exemplo,
«imital-o-hão, além de vós mesmo, outros artis-
«tas, tomados de generosa emulação; veremos á
«porfia os cinzeis de Assis Rodrigues, de Victor
«Bastos, de Cagiani, e de outros, que após esses
«accorrerão com alacridade ao stadio de honra,
«augmentar de anno para anno a população im-
«mortal dos nossos jardins. Onde até aqui só se
«viu com pomposo alardo uma exposição de
«arbustos floridos, resplandecerá permanente a
«de homens nados e criados neste uberrimo
«torrão, para bem o servirem em vida, e fica-
«rem-no exhortando e ennobrecendo depois da
«morte. Que razão se levantaria contra isto?
«nenhuma; em favor mil, não sendo a minima
«o incremento que assim receberiam os estudos
«artisticos, e o gosto publico, até agora em in-
«fancia e ao desamparo.

«Para tudo aqui serem facilidades, imaginae

«com que alvoroço a familia de cada persona-«gem memoravel se faria uma festa de ir collo-«car, a expensas suas exclusivas, o homem ou a «mulher do seu nome e do seu sangue, naquel-«las sombras honorificas, naquelle Elysio sem «Lethes, naquelle Pantheon vasto, ridente, des-«coberto ao sol, inundado de fragrancias, cheio «dos hymnos das arvores, das aves, e das aguas.

«Commettei, commettei a empreza, meu ami-«go! meu artista! meu portuguez! e boas fadas «que vol-a bafejem!

«Bem póde ser, que mais intellectualisada a «nação, e mais apurada no sentir dentro em al-«guns annos, chegue a pôr entre as suas leis «mais queridas a d'estas posthumas recompen-«sas, que estimulam e fertilisam o porvir. Espe-«remos que algum dia, quando menos egoistas, «ou mais discreta e mais nobremente egoistas, «uma pragmatica amoravel, que não se enver-«gonhe de ser poetica, repute negocio do estado «o decretamento de taes ovações, e que talvez «até aos representantes do povo se confira o di-«reito e o dever de votarem elles, em nome da «patria, as estatuas publicas remuneratorias. As-«sim o praticou, mais de uma vez, em Roma o «seu senado.

«Ousemos acreditar, meu bom amigo; é já um «bom principio para conseguir. O passeio publi-«co, diante da vossa officina, vos recorde cada «madrugada o nosso empenho.

«Mãos á obra! depare-vos Deus para o vosso «primeiro busto, com que já conto, melhor assum-

«pto por parte do talento, do que d'esta vez o «tivestes. Por parte do coração e bons desejos, «basta e sobra que vol-o offereça igual; superior, «ainda elle o não criou.

«Concluo supplicando-vos repartais os meus «agradecimentos com os vossos collaboradores «nesta magnifica *surpreza* com que me viestes «confundir. Coelho, gravando a estatua com a «mestria que todos lhe admiram; Leite, illus- «trando-a com aquelle primor de estilo brotado «do coração, que lhe affiança um dos primeiros «logares entre os escritores portuguezes; a redac- «ção do *Archivo Pittoresco* consociando-os a am- «bos nas suas paginas, deram-me antecipado ta- «manho premio, que o não chegaria eu a justi- «ficar com um seculo de tão perseverantes e «patrioticos trabalhos, como os que me têem «consumido estes ultimos oito annos.

«A elles e a vós abraça do coração o vosso ad- «mirador e amigo obrigadissimo.

«Lisboa 12 de julho de 1857.»

POLICIA

(Tomo 1 pag. 13, linha 13 — *Junto á porta da rua um croque etc.*)

«Ordenou o dito Senhor (El-Rei D. Manoel) que «todo official mecanico tiuesse na cidade de Lis-

«boa, aa porta de sua tenda e casa em que viuesse «e stiuesse, hum croque em haste de 16 palmos, «teendo casa em que coubesse. E quando não «coubesse na casa, fosse da grandura que na casa «coubesse. E fossem obrigados com os ditos cro- «ques a acodir a qualquer arroido, que se fizesse «na rua em que viuessem, ou per onde fossem «fugindo alguns malfeitores: e trabalhassem quan- «to possiuel lhes fosse por os prenderem; e en- «tregarem presos aas Justiças. E não o cumprin- «do assi, não dando e mostrando tal razão, que «os absoluesse de culpa, pagassem mil reaes, «ametade para quem os acusasse, e a outra ame- «tade para a piedade etc.»

Dvarte Nvnez do Lião.
Leis extravagantes etc.

LATIM

(Tomo I pag. 47, linha 11 — *Sabeis, Camões, que eu leio na propria lingua os poetas da antiga Roma.*)

Sobre os conhecimentos latinos e outros de D. Sebastião, oiçamos o seu chronista D. Manoel de Menezes:

«No Estudo do Latim mostrou El-Rei grande «emgenho, e memoria nas Liçoens, que lhe lião, «porque em breve tempo precebia paginas, e lo-

«lhas inteiras de Versos, e Prosa, ainda que fos-
«sem muy escuros, no que o não excedia outro
«algum, e chegou a grande conhecimento dos Au-
«thores Latinos, por escuros que fossem, de tal
«sorte que indo hum dia pela sésta, governando já
«o Reyno, ter com elle o Padre Amador Rabello,
«cõpanheiro do Mestre, o achou lendo por huma
«Prefacção de São Jeronymo, ou Santo Agostinho
«que para a entender teria bem que fazer qual-
«quer Mestre; porque lendo o dito Padre algu-
«mas regras lhe parecéraõ muy escuras, e pre-
«guntando se tinha alguma duvida lhe respon-
«deo, que a fosse vendo, e elle hiria juntamente
«convertendo em Portuguez; e assim o fez tão
«claramente sem tropeçar em cousa alguma, que
«ficou o Padre muito admirado, não esperando
«tanto delle, e por ser fundo o pego, em que se-
«meteo. Ouvio tambem Mathematica, e fez nella
«taes progressos, que sobre a Esphera de João Sa-
«crobosco, fez huns Comentarios muy doutos, e en-
«genhosos; o que visto pelos peritos na Materia,
«não acharaõ que emendar, antes taõ acertados,
«como de algum bom Mestre da Materia.

«Por sua grande curiosidade, e vivo emgenho
«alcãçou alguns principios das outras Artes, e
«Sciencias, e folgava por recreaçaõ de se achar
«em algumas Conclusoens de Filosofia, e Theo-
«logia, quando se defendiaõ em alguns Conven-
«tos.»

Porque razão naquella edade se fazia tamanha conta do latim que até principes e reis, damas,

princezas e rainhas, punham peito a sabêl-o, traduzindo-o, fallando-o, e não raro escrevendo-o com apuro e elegancia? E porque razão hoje em dia, não só damas o não aprendem (nem poderiam aprender, á vista do veto que lhes poz um proloquio tolo) senão que nem o aprendem homens, nem o aprendem litteratos, e, o que mais é, litteratos que talvez o aprenderam escarnecem d'elle? Á primeira pergunta facil se depára a resposta, e vem frizando: havia poucos escritos em lingua vernacula, e nenhum que nem por sombras orçasse pela maxima, brunida e esmerada perfeição dos exemplares em prosa e verso de Roma, da boa velha Roma, tão gentil peccadora a principio, e depois tão santa, e duas vezes nossa mãe. A litteratura castelhana, a italiana e franceza, pouco se avantajavam da nossa, e não tinham lá coisa que valesse os Ciceros e Virgilios, os Plinios e Ovidios.

Mas a segunda pergunta já se não deixa responder tão facilmente; digo, responder com satisfação da consciencia. O que só tenho ouvido allegar por parte dos nossos anti-latinos, é, que esse estudo come annos da vida e val pouco; val pouco, dizem elles, porque já em latim se não falla nem disputa; val pouco porque todo o conteudo da prosa e verso dos romanos autores é *fóssil;* val pouco porque tudo isso se póde ler em traducções; e menos ainda val, porque nos idiomas modernos e no patrio, tanta coisa excellente em materia e forma nos chama de todas as partes pela attenção, que seria simpleza trocar este

oiro por aquelles avelorios. Nenhum d'esses dizeres deixa de ter sua verdade, mas a consequencia que d'elles tiram é que não é logica.

O estudo do latim não é méro luxo; d'elle se formou, por elle cresceu e se poliu o portuguez; por elle se póde ainda enriquecer, e curar-se, em parte, dos ruins humores que o vão contaminando cada vez mais. A tediosa prolixidade do estudo do latim, não é culpa d'elle, senão só dos methodos; com methodo e mestre bom, se póde aprender em um anno; Lemare o demonstrou em França pela pratica; (é argumento á *fortiori*, porque do latim ao francez vai tresdobrado caminho que do latim ao portuguez) e a demonstral-o pela pratica me offereci eu já tambem; ora esse anno, e o dobro que fosse, não daria de si unicamente o que alguns superficiaes imaginam.

O habito de analisar numa lingua tão perfeita, cria no espirito uma propensão logica, uma necessidade de exacção, cujas vantagens são incontestaveis para quem ha-de escrever; habilita para a afinação da prosa, e para os effeitos artisticos do estilo; dois predicados essenciaes para a duração e immortalidade das obras; e nos familiarisa com o pensar de grandes homens, que não escreviam de empreitada, por aposta, ou para negocio como hoje, pois quem no original não leu os bons autores, por mais e mais insignes traducções que d'elles devorasse, não os leu nem os conhece.

Revolvamos com mão diurna e nocturna os livros modernos das sciencias, das artes, e de todo

o genero, que a nossa terra, ou quaesquer outras tenham produzido, produzam, ou houverem de produzir merecedores de attenção; de uns nos virá doutrina; d'outros elegancia; d'alguns tambem elegancia è doutrina; com elles todos nos poderemos fazer fortes na materia da nossa occupação ou gosto particular. Mas, se ambicionardes deixar á posteridade coisa que lhe mereça applausos de classica, se quereis sacar maravilhas d'esta mal avaliada harpa, *chamada lingua portugueza,* que meia duzia de velhacos afrancezados nos trazem tão destemperada, se quereis que o nosso povo readquira, e melhorado, o que maus administradores lhe têem perdido por incuria, e se lhe restaure um pouco de brio fecundo, e amor de patria ao verem por documentos irrefragaveis, que o francez não é, como elle blazona, nem mais claro, nem tão claro, e que, pelo contrario, o portuguez é no seu collocar e frasear, dez vezes, cem vezes, mais logico, mais rhetorico, mais poetico, e mais musico, que o francez; [1] se nos importa em summa (e deve-nos importar) o sermos portuguezes, tornemo-nos ao latim.

O portuguez está no latim e o latim no portuguez.

[1] Pobre lingua do agente verbo e paciente! sem inversões, afogada em *ee*, esmiunçada em monosyllabos como o chim com agudos demais e sem um unico esdruxulo; sem energia de prosodia, e de tão pouco rithmo, que sem rima não póde dar verso que por verso se conheça e demais a mais eivada de calemburs, trocados e derivações, como os nossos classicos os chamam.

E não o creiam só porque o dizemos nós, os que somos portuguezes e de portuguezes nos prezamos; consultem o erudíto e judicioso castelhano Feijó, no tomo 1.º do *Theatro Critico*, Discurso xv onde honradamente diz: «Que a lingua portu«gueza ou gallega se deve considerar dialecto se«parado da latina, não subdialecto, ou corruptella «da castelhana, quanto a mim se prova, com evi«dencia, do maior parentesco que ella tem com «a latina do que a nossa (a castelhana). Para quem «conhece estas linguas, não póde haver duvida, «em que, geralmente fallando, as vozes latinas «degeneraram menos na portugueza.»

E de que assim devia ser, acha elle na historia mui cabal explicação.

Poucas palavras mais sobre isto que na primeira edição se ponderava:

A tendencia que ao presente se nota na direcção dos estudos publicos, vai mais para favorecer a escola primaria, que as do latim; é tambem essa a minha. O indispensavel deve ser anteposto ao que, rigorosamente fallando, o não é. Se cada escola de latim custa tanto como duas ou tres escolas elementares, votâmos que a supprimam para as criarem. Quem pretender versar-se no idioma do antigo imperio romano, que pague á sua custa a satisfação d'esse louvavel ap-

petite. Á custa do pão intellectual do povo não póde ser.

Accresce porém que a maioria dos que em latim se dão por approvados ahi a cada canto, apenas o varejou pelas pontas das ramas; não se chegou a saborear nelle; e tão pouco o absorveu, digeriu e assimilou, que andados poucos annos se lhe tornou de lingua estranha, estranhissima, e totalmente inintelligivel.

O faciendum para gente sisuda, seria pois olhar-se uma vez com seriedade para a maneira como em geral se fazem, ou se fingem fazer, este e outros ensinos.

Será ou não verdade, que o do latim, substituido aos methodos velhos outro mais filosofico, se póde perfazer num ou dois annos, quando muito, no logar de quatro ou seis? Verdade e reverdade. Logo, é romper empachos futeis, e metter desenganadamente mãos á obra; é fundir num systema judicioso, claro, e harmonico, o que de melhor propozeram no assumpto Lemare, Jacotot, e Robertson; tratar até ao ponto possivel a lingua morta como lingua viva; dar menos a decorar por atacado, confusa, secca, e indigestamente; e dar infinitamente mais, e tudo, a analysar e a comprehender. Tudo o que se comprehendeu, decorou-se e ficou; não fazer da estirada charneca da grammatica estrada, pois o não póde ser, para a traducção; mas começar francamente pela traducção, e vir trazendo para ella, e por ella, os principios e as regras grammaticaes. A cada um d'estes principios, e a cada

uma d'estas regras, juntar logo, e bem palpavel, a sua razão intima de ser; e ainda depois d'estas facilitações, empregar, sem desdens ridiculos e nescios, a summa facilitação: a mnemonica, as formulas metricas e rimadas.

Quem bem sabe quão pouco dista do latim o portuguez; quem bem chegou pela reflexão a liquidar que o portuguez é na sua quasi totalidade o proprio latim disfarçado, e como as conversões de um para outro idioma occorrem pela maior parte d'um modo regular e uniforme, já não póde regeitar como utopia o que propomos.

Quem isto aqui expõe não está contando um sonho de theorista ocioso, um alvitre que no exito poderia ser confirmado ou destruido; recommenda o que a sua propria experiencia lhe averiguou como indisputavelmente verdadeiro e prestadio.

O seu *Curso* inedito *de lingua latina*, seria, se lh'o quizessem acceitar, uma revolução tão fecunda para este ensino, como para o das primeiras lettras o foi o *Methodo Portuguez*.

—«Então porque o não publica?»—

Outros que o façam depois d'elle morrer. Saiu-lhe tão cara a reformação do *a b c*, que lhe falta já animo para provocar a infallivel e tremebunda guerra do *hora horæ*. *Non bis in idem*.

Outro alvitre menos temerario que o precedente (é fadario nosso instarmos por criações uteis; hão-de nol-o perdoar).

Vamos lançar para aqui, para este humilde repositorio de bons desejos, extractos de duas car-

tas que dirigimos ao nosso muito sabio, e honrado confrade academico, o aio de Suas Magestades e Altezas, o sr. conde da Carreira; nelles se contém em resumo o nosso pensamento:

Em 16 de setembro de 1862

.....

«Noutro objecto conversámos nós, sobre o qual «continuei a pensar até agora, e a cujo respeito «peço licença a v. ex.ª para expôr aqui um al«vitre, que, se a v. ex.ª aprouver, bem poderá «vir a dar de si grandes vantagens.

«Assentámos, e toda a gente de instrucção e gos«to concordaria comnosco, cuido eu, em que ha«veria grande utilidade em se emprehender a col«lecção dos classicos romanos impressa com boas «traducções em portuguez. Concordámos em que, «procurando-se bem, não faltariam escritores en«tre nós aptos para collaborarem em tão vasto como «formoso monumento; mas entendemos ao mes«mo tempo que o maior *busillis* da empreza se«ria a publicação d'esta, não obra, senão livra«ria. Neste particular, só muito de leve acenado «por mim, persuado-me de que v. ex.ª concorda «tambem commigo.

«A Academia Real das Sciencias folgaria, sem «duvida, de ser a promotora e a emprezaria da «edição se o pudesse; infelizmente não póde.

«Livreiros impressores com posses e animo para «grandes emprezas, não os ha-de haver tão cedo «em Portugal.

«Os litteratos, esses então ainda que os submet-

«tessem á prensa-hydraulica mais possante não «estilavam de si o oiro necessario para taes gas-«tos.

«Quando eu era ainda mais utopista do que «hoje sou, lembrava-me sempre das Côrtes quan-«do se tratava do nosso credito litterario; mas «qual seria o parlamento que se atrevesse diante «de uma imprensa que pela maior parte ignora «o latim e o portuguez, a approvar uma lei dan-«do meios pecuniarios para a impressão de livros, «e livros antigos? nenhum de certo.

«Neste desamparo occorre logo um expediente, «que até devia ser o primeiro lembrado: é a boa «vontade d'El-Rei.

«O senhor D. Pedro V criou o Curso Superior «de Lettras e foi uma bella herança que nos dei-«xou, se Deus a quizer abençoar; ainda não dá «frutos mas já se póde prever que os ha-de dar.

«Esta fundação do senhor D. Pedro V merece «bem completada pelo senhor D. Luiz, e tenho fé «em que a pouco e pouco o ha-de ser.

«Então, digo eu, porque se não havia de lem-«brar a Sua Magestade que a traducção dos clas-«sicos romanos é um complemento quasi indis-«pensavel, e, fallando com mais propriedade, in-«dispensavel, para aquella parte do curso, que versa «essencialmente sobre a litteratura antiga? As ra-«zões d'este meu dizer, aliás obvias, já eu as apon-«tei e foi na carta em que me desculpava perante «o chorado Principe de não acceitar a cadeira de «*Litteratura Moderna*, carta hoje publica no jor-«nal a *Revista Contemporanea;* e ainda no prologo

«aos *Fastos* tornei a martellar no ponto; que eu «sou dos taes verdadeiros paulistas que obedecem «á sentença do seu S. Paulo prégando as verda- «des uteis opportuna e importunamente.

«Outra consideração que porventura não será «perdida para El-Rei:

«Quão proprio não viria na fausta conjunctura «em que nos achâmos, o determinar Sua Mages- «tade a fundação de um monumento, como este, «mixto de glorias italianas e portuguezas! seriam «as musas a completar e coroar a aliança inter- «nacional tão auspiciosamente encetada pelo amor.

«Todos estes arcos que a tanto custo se andam «levantando, são para serem demolidos logo que «se lhes houver passado uma vez por baixo; hão- «de-se apagar com as luminarias, e dissipar-se «com o fumo das salvas e os ecos dos vivas; mas «o padrão litterario, esse ha-de ficar para todo «sempre.

«Não acha v. ex.ª plausivel este alvitre? não o «acha digno de ser por v. ex.ª mesmo suscitado «a Sua Magestade? espero que sim; e se o fôr, «confio em que Sua Magestade o abraçará gostoso; «e não será este um dos menos bellos frutos do «seu consorcio, nem dos menores louvores do seu «reinado.»

.....

.....

Em 22 de setembro de 1862

«Ill.mo e ex.mo sr.

«*Meu respeitavel confrade e amigo:*

«Beijo as mãos a v. ex.a pela boa sombra que «v. ex.a está prestando ao meu alvitre, em favor «das lettras romanas e portuguezas. O Camões ti-«nha razão: só quem sabe da arte, é que a es-«tima. Eu não podia ir bater a melhor porta.

«Avalio bem a difficuldade pecuniaria da em-«preza. Mas se v. ex.a me dá licença haveria tal-«vez um modo de a attenuar. Eil-o aqui: O mi-«nisterio do reino dispõe legalmente de alguns «contos de réis annuaes para auxilio de publica-«ções uteis; então se d'ali se deduzisse uma boa «porção para se irem imprimindo d'anno a anno «os livros que se fossem apurando do nosso que-«rido *Corpus Auctorum Latinorum*, não teriamos «o problema resolvido, sem onus algum para o «bolsinho d'El-Rei, sem razão de queixa para pes-«soa alguma, a contento, e com muito applauso, «de todos? Eu acho que sim. Mas se El-Rei sym-«pathisa com a empreza, como espero, porque é «bonissima, fallando Sua Magestade com o minis-«tro do reino, e significando-lhe a sua vontade, «este, que é homem illustrado e amigo das let-«tras, poderia ainda suggerir mais alguma facili-«tação, ou algum recurso novo, para se levar a «effeito a fundação d'este monumento, o maior «sem duvida da litteratura portugueza.

«Outra consideração para nos criar animo:

«Por mais que forcejemos, é claro, e de primei-

«ra intuição, que as traducções, taes como se «querem, e devem ser, têem de levar muito tem- «po a fazer, a corrigir, a apurar, e por conse- «guinte poucos volumes se poderão imprimir em «cada anno, e nos primeiros um ou dois annos «muito menos ainda; logo, os gastos de retribui- «ção aos traductores (retribuição que eu julgo «indispensavel) e bem assim o custo do papel e «da impressão, pouco pódem avultar, especial- «mente nos primeiros tempos.

«Haveria ainda outras lembranças para faci- «litar a coisa, taes como a insinuação pelo go- «verno aos governadores civis, para promoverem «subscripção pelas Camaras Municipaes etc. etc. «etc. Estes poucos ás vezes sommam muito.

«O que a mim me parece essencial, se a coisa «tem de se fazer ou de se tentar, é que appareça «a tempo de figurar como commemoração histo- «rica, e que saia com todo o possivel aspecto de «obra regia, ou, por outra, approvada e favore- «cida por El-Rei, e publicada sob os seus auspi- «cios.»..... .....

E acaba-se aqui a nota.

FOROS DE POETAS

(Tomo I pag. 47, linha 29—*Reis são tambem os poetas; e mais que Reis, quando vos assimelham.*)

Isto, e o mais que nesta falla se põe na boca

de D. Sebastião, não desdiz da alma nobre que lhe devemos attribuir.

Nenhuma duvida tive em passar para expressões d'elle, o que ao poeta Ronsard havia escrito o seu amigo e protector Carlos IX numa epistola:

L'art de faire des vers, dut-on s'en indigner,
doit être à plus haut prix que celui de régner.
Tout deux également nous portons des couronnes:
mais roi, je les reçois; poète, tu les donnes;
ta lyre qui ravit par de si doux accords,
t'asservit les esprits dont je n'ai que les corps;
elle t'en rend le maitre et te sait introduire
où le plus fier tyran ne peut avoir d'empire.

Muitos reis, desde Alexandre Magno até Frederico Grande, e de Frederico Grande até nossos dias, terão pensado como Carlos IX; porque em realidade, a verdadeira poesia é tal imperio e sacerdocio, que não ha desconhecel-o, nem escurecel-o. Os poetas ruins e intrusos, desautorisam tão pouco aos legitimos e ungidos, como os clerigos díscolos aos bons pastores, e os tyranetes aos principes humanos e illustrados: sim, muitos haviam de ter pensado como Carlos IX; mas nenhum tão galharda e altamente o expressou. O que a mim sobre tudo me fez força para emprestar estas suas idéas ao nosso rei, foi a maravilhosa consonancia, que em tudo, e logo á primeira vista, se descobre entre D. Sebastião e Carlos IX.

Carlos, nascido em 1550, só chegou com a vida

e reinado ao anno de 1574; Sebastião, nascido em 1554, só chegou com a vida e reinado ao anno de 1578; lá, 24 annos; cá, 24 annos; Carlos, animo ardente, enthusiasta, temerario, sobranceiro e altivo; Sebastião, animo ardente, enthusiasta, temerario, sobranceiro e altivo; Carlos como Sebastião, e Sebastião como Carlos, cubiçando guerra, e amando nas caçadas e montarias as imagens d'ella; Sebastião como Carlos, e Carlos como Sebastião, folheadores de livros, instruidos para o seu tempo, e folgando de escrever, e conversar homens sabios; o francez, deixando na historia da sua França com a *Noite de San Bartholomeu*, uma nodoa de sangue; o portuguez, deixando na historia do seu Portugal com a *Jornada d'Africa*, uma pagina inteira apagada com sangue! aquelle, morre morte miseravel nas garras dos remorsos; na d'este, que horrendo papel não deveram tambem os remorsos representar!

Não é tudo: para D. Sebastião, ha contemporaneo um poeta, como Camões, que lhe dedica o seu poema; para Carlos IX, ha contemporaneo um poeta, como Ronsard, a quem o proprio soberano se não dedigna de escrever.

E ainda tambem ha parallelo entre Ronsard e Camões, se bem que o primeiro morreu, e o segundo não ha-de morrer. Ambos amantes da patria; ambos verdadeiros genios; ambos eruditos; ambos procurando de sobejo parecel-o. Camões, appellidado o *Principe dos poetas do seu tempo;* Ronsard, *surnommé le Prince des poètes de son tems*. Communidade em engenho; communidade em

defeitos; e só, para vergonha nossa, não communidade em fortuna; ainda que tambem nisto compensação: Ronsard, presenteado por cidades e soberanos, vive nos regalos do luxo; Camões, definha nas amarguras do desterro e miseria: mas depois de Ronsard, vem Malherbe, que o eclipsa; depois de Camões, a poesia portugueza, viuva e requestada, ainda não enxugou as lagrimas com segundas bodas. Os versos de Carlos IX mais acertam ainda agora em Camões do que tinham acertado em Ronsard, no auge dos seus triunfos.

AUTO DAS BOAS ESTREIAS

(Nota nova nesta segunda edição)

(Tomo I pag. 48, linha 17 e seguintes—*Sabeis que as donzellas, poetizas e musicas do estrado da Princeza minha Tia, nos hão apercebido um Auto como os de Gil Vicente, o qual mereceu a approvação do meu Chronista Mor Antonio de Castilho, bom dezembargador em causas de poesia?*—Pag. 97, linha 10—*Venha o Auto.)*

No *Ensaio Biographico-Critico sobre os melhores poetas portuguezes*, por José Maria da Costa e Silva, obra que pela morte de seu autor ficou infelizmente incompleta, infelizmente digo, porque apesar de varias inexacções, e alguns juizos mal assentes, não deixava de ser um bom auxilio para a historia litteraria, lê-se no tomo II a pag. 289 e ávante, tratando do classico Antonio de Castilho, o seguinte:

«Estavam perdidas todas as esperanças de ap-
«parecer alguma poesia de Antonio de Castilho,
«quando um acontecimento, venturoso para as
«lettras patrias, veiu reanimal-as, mostrando a pos-
«sibilidade de apparecerem algumas, quando ha-
«ja zelo em examinar as bibliothecas publicas, e
«particulares do reino. Em carta datada do 1 de
«janeiro de 1848, o sr. L. F. Leite, mancebo de
«grandes esperanças pela sua applicação, e saber,
«remetteu da Villa da Ribeira Grande, ao redac-
«tor, e proprietario do excellente periodico a *Re-*
«*vista Universal Lisbonense*, o ill.^mo sr. Sebastião Ri-
«beiro de Sá, a copia de um *Auto* de Antonio de
«Castilho, que elle deparára em um livro de 625,
«com o titulo de *Miscelanea de versos e prosas*, to-
«do escrito de lettra de mão.

«Esta preciosidade poetica não podia ser diri-
«gida a pessoa mais zelosa da gloria, e das lettras
«da nossa patria: elle a deu logo á luz no nume-
«ro 35 do seu jornal, d'onde passo a transcrevel-o,
«para que os leitores, pelas dimensões d'este de-
«do, possam calcular a grandeza do gigante, e
«avaliar a perda que tem sofrido o nosso Parna-
«so com o sumisso dos escritos poeticos d'este au-
«tor tão elegante, e correcto.

«Este *Auto* intitula-se *da Boa Estreia*, e foi re-
«presentado nos Paços da Ribeira, na presença
«d'El-Rei D. Sebastião, e da sua côrte, aos 23 de
«junho de 1578; e o seu objecto é bem agoirar a
«expedição, que então se preparava contra os moi-
«ros de Marrocos, que tão funestos resultados te-
«ve para o rei, e para o reino.

«O estilo e systema dramatico d'esta composi-«ção indica um discipulo de Gil Vicente: ha po-«rém nelle, além da maior pureza de linguagem «e mais sonoridade dos versos, muito mais apu-«rada fabricação de coplas, e viveza de expressão, «o que mostra o progresso, que a arte tinha fei-«to; juntando-se a isto a circunstancia de todo «o drama ser escrito em portuguez, sem mistu-«ra de castelhano, como se observa nas obras «dramaticas de Gil Vicente, de Simão Machado, «e Luiz de Camões.

«Sem que este drama possa julgar-se uma com-«posição extremada, não póde comtudo negar-«se que ha nelle trechos de boa poesia, e que a «sua representação, sendo bem executada, devia «recrear e agradar muito pela pompa do espec-«taculo e pela musica dos córos. Os interlocuto-«res são os seguintes, que parecem pouco proprios «para se acharem juntos:

«Ermitão.
«O Deus Marte.
«Fada Marinha.
«Côro de Seraphins.
«Côro de Diabos.
«O Mouro.»

Segue transcrevendo o *Auto*, e semeando-o de notas encomiasticas.

O nosso sabio bibliographo e academico, o sr. Innocencio Francisco da Silva, diz sobre isto no tomo 1 do seu *Diccionario* a pag. 108:

«Na *Revista Universal Lisbonense*, tomo VII, a pag. «413 e seguintes, appareceu pela primeira vez um «*Auto* chamado da *Boa Estreia*, que ahi se diz «ser de *Antonio Castilho*, e que fôra representado «*ao muito alto e poderoso senhor rei D. Sebastião* «*nos Paços da Ribeira aos* 23 *de junho de* 1578. «Ali se declarava outrosim que esta peça incog- «nita a Barbosa, e a todos os nossos bibliogra- «phos, *fôra recentemente descoberta na ilha de S.* «*Miguel* pelo sr. Luiz Filippe Leite em um volu- «me manuscrito *que continha muitas outras poesias* «*ineditas de varios autores.* Alguns escrupulosos «quizeram achar neste procedimento uma espe- «cie de burla ou zombaria feita ao publico, quan- «do viram pouco tempo depois (em 1849) o *Auto* «de que se tratava impresso textualmente no *Ca-* «*mões* do sr. Antonio Feliciano de Castilho a pag. «79 e seguintes,[1] e dado ahi como composição pro- «pria e original d'este sr., que sendo *Anto-* «*nio Castilho* não era de certo aquelle em cujo «nome a obra fôra apresentada aos leitores! O «que porém não deixa de merecer neste caso «memoria especial, é que o *precioso descobrimento* «illaqueasse a desprevenida boa fé do sincero «José Maria da Costa e Silva, levando-o a feste- «jar *um acontecimento tão venturoso para as lettras* «*patrias*, e a introduzir no seu *Ensaio Biographico-* «*Critico*, tomo II, pag. 289 e seguintes, o pretendi- «do *Auto* palavra por palavra. É para admirar o «tom ingenuo e serio com que elle trata o as-

[1] 97 e seguintes da presente edição.

«sumpto; e o modo como procede, tanto na ana-«lyse do *Auto*, como nas reflexões que lhe ajun-«ta, sem desconfiar nem remotamente do logro «em que caía; e muito mais se deve estranhar «que tudo isto viesse á luz já em 1851, isto é, «dois annos depois de aclarado o enigma, e quan-«do a chave do negocio estava a todos paten-«te.»

O caso foi assim:

O sr. Luiz Filippe Leite, mancebinho ainda então, mas em quem já vinha alvorecendo com o amor aos estudos o grande engenho litterario, e a poesia que tanto para o diante o haviam de illustrar, coadjuvava-me como secretario e amigo nas minhas tarefas de estudioso e escritor.

Lendo, escrevendo, e discursando, amenisavamos o melhor dos dias, e as noites quasi inteiras, no voluntario desterro da ilha de S. Miguel.

Da excellencia das suas faculdades, assim como dos delicados sentimentos moraes que lh'as realçam, ninguem poderia prestar mais convicto testemunho do que eu; e glorio-me de o haver feito nas diligencias que empreguei perante o governo para que se transferisse de mim para elle o encargo, com que Sua Magestade me honrára, de fundador e director da Escola Normal Primaria de Lisboa. Mantenha-o Deus ali por largos annos, e a instrucção elementar do nosso povo, amores meus e amores d'elle, ambição d'elle e ambição minha, breve lhe haverá devido o mais auspicioso desenvolvimento.

Largo a digressão, que me levaria muito longe, e torno-me a S. Miguel:

Acabava eu de lhe dictar, e elle de me escrever, o ultimo verso do *Auto*; esmorecia o candieiro, e entrava-nos já pelas janellas a aurora a rir, talvez da nossa perseverança no trabalho, quando me occorreu, não sei como, a lembrança de verificar se a recem-finda composição poderia de feito passar por antiga, e da escola de Gil Vicente, como fôra o meu intuito.

D'ahi a carta ao nosso bom amigo Ribeiro de Sá, assinada por Luiz Filippe Leite, e remettendo-lhe a copia do *Auto* para a sua *Revista Universal*. Mais nada. O restante já os leitores o conhecem. Não foi uma fraude: foi um mero brinco, d'estes com que tantas vezes se entruda na república litteraria sem offensa para ninguem. E que outra coisa podia ser, se dentro em pouco o drama, em que o *Auto* figurava, havia de sair á luz, e desatar todo o enigma?

Ora, verdade verdade, tambem eu, assim como o sr. Innocencio, me admiro de que pudesse cair em laço tal o bom do Costa e Silva; e tão em cheio tão em cheio, que andou com as notas exaltando como versos do meu velho, os que a terem levado logo o meu nome, nem menção porventura lhe mereceriam. Digo isto por me lembrar ainda do seu poema satirico *A Visom*, impresso com o seu poema da *Heroina d'Aragom* em 1832.

Tendo-se espalhado em Lisboa, que eu havia morrido, quando não estava senão enterrado no meu deserto da Castanheira do Vouga, o poeta

que andava vivo e solto por Lisboa, aproveitou a occasião para debicar no meu livrinho do *Amor e Melancolia*. Isso é que foi *A Visom*. Quando me viu poucos annos depois resuscitado, não folgou muito.

Mas todas essas nuvemzinhas litterarias as varreu o tempo; e agora que o pobre Costa e Silva jaz devéras defunto, não seria bem alargar mais estas memorias.

TALENTOS FEMINIS

(Tomo 1 pag. 48, linha 17—*Donzellas poetizas e musicas do estrado da Princeza minha Tia*—Pag. 95, linha 20—*Damas seguidas da Rainha D. Caterina e da Princeza D. Maria*—Pag. 115, linha 12—*Aproximae-vos: Luiza Sigéa, Publia Hortensia de Castro, Joana Vaz, Angela Sigéa*—Pag. 115, linha 18—*Acceitae, senhoras, por minha mão, e á conta do que a posteridade tem de pagar aos vossos nomes, capellas de anjos*—Pag. 116, linha 22—*A Rainha e a Princeza, fazendo ambas com a mão sinal para que ninguem se levante, se retiram.*)

A introducção da princeza e da rainha em scena, é um pequeno anachronismo. Neste S. João de 1578 ambas eram já finadas: a primeira fallecéra a 10 d'outubro de 1577; a segunda, em 12 de fevereiro de 1578. A differença de oito e de quatro mezes, não é para comparar com a de tres seculos, que medearam de Eneas até Dido, mas não impediram a Virgilio de fazer morrer Dido d'amores por Eneas. ¿Se até aos épicos se perdoam

taes liberdades, como se não absolveria um longe d'ellas no theatro, onde tudo são tropeços e embaraços?

O meu fim no evocar para entre os vivos ambas estas boas defuntas, mórmente a princeza e algumas de suas damas, foi trazer á memoria e consideração de potentados duas verdades, muito certas e muito uteis: primeira, que o saber ennobrece até a nobreza; segunda, que o saber, quando é posto em alturas, e acompanhado de virtudes, se não faz nascer talentos no povo, faz pelo menos com que se aproveitem, e prosperem, os que lá nascem.

Notorio é como no paço portuguez (já desde El-Rei D. Manoel com especialidade) se amavam e seguiam estudos. Regala-se a gente de pintar na imaginação um D. Manoel a escrever per si cartas famosas, já em portuguez, já em latim; a revolver historias e a alumiar aquelles mesmos, por quem mandava compor os nobiliarios; a praticar já com os architectos, pintores, e estatuarios mais peritos, já com os capitães e navegadores mais assinalados; outras vezes, a folgar com o melancolico e namorado Bernardim Ribeiro; com a real familia, nas primeiras representações que em Portugal se viram, dadas no paço mesmo, e a entreter-se familiarmente com o seu Gil Vicente, rei e descobridor tambem, e com os poeticos filhos do poeta, e com o infante D. Luiz de engenho não menos dramatico, e com o estudioso D. Theodosio, e com o poligloto Diogo Sigéo, e suas dignas filhas etc. etc. etc.

É saboroso o imaginarmos um D. João III a epistolar, como seu pae, nas duas linguas! a entremear com os cuidados da povoação do Brazil, e continuação das conquistas orientaes, o trato das lettras e sciencias! a replantar com mestres estrangeiros de mão cheia a Universidade! a diffundir escolas pelas possessões longinquas! a recrear-se com os dois mui doutos bispos escritores e inda agora mestres, Antonio Pinheiro e Jeronymo Ozorio, com o fecundo e infatigavel André de Resende, com o compilador poeta, musico, e debuxador Garcia de Resende e com tantos outros engenhos cortezãos, cujas producções, ou amostras d'ellas, este nos conservou no seu *Cancioneiro* (eco ainda vivo da curiosidade [1] litteraria d'essa edade) e emfim a colher com delicia os frutos já sazoados do prodigioso talento d'aquelle Gil Vicente, de cuja musa elle, o rei, era collaço, pois na camara da rainha a viram e festejaram pela primeira vez quando a elle lhe festejavam o nascimento.

Que enlevo o representarmo-nos D. Sebastião no meio das suas melancolias devotas, influxo dos jesuitas, propendendo tão fortemente para os livros, entre cujo sedentario commercio, e o correr d'aventuras, não vai pouca paridade! — «Era mui «curioso — diz fallando d'elle, o nosso D. Antonio «Caetano de Sousa — dado á lição dos livros, e «com grande gosto de os ter exquisitos: estimava «os homens eruditos, que eram amigos de livros,

[1] Por cerca de trezentos andam os nomes dos poetas portuguezes udos e miudos colligidos no *Cancioneiro* de Resende.

«agradando-se muito d'aquelles que se applica-«vam, e andavam investigando, e revolvendo li-«vrarias publicas, pelo que costumava dizer, expli-«cando-se com um termo ordinario mas gracioso: «*que as livrarias eram tavernas dos homens de bem.*» —

Elle, a manusear, como de casa, os poetas e prosadores da antiga Roma! a conviver com o sabio e sapiente D. Aleixo de Menezes, seu aio; e com os secretarios d'estado Miguel de Moura, e Pero de Alcaçova Carneiro, (tres luzeiros d'esta-distas) e com Antonio de Castilho, seu Chronista Mor! e com Diogo de Teive! e com Jeronymo Côrte Real! e com Francisco de Sá e Menezes, primeiro conde de Matozinhos! e com o famigerado theologo, Diogo de Paiva de Andrada! e com o piedoso escritor fr. Thomé de Jesus! e com tantos e tantos!

Elle a merecer desde annos verdes o que Luiz Vicente lhe escrevia, dedicando-lhe as obras de Gil seu pae « . . . . . sei que já agora nessa tenra edade de V. A. gosta muito d'ellas, e as lê e folga de ouvir representadas . . . . . » e o que lhe escrevia Camões dedicando-lhe os *Lusiadas:*

«.....subindo ireis ao eterno templo;
«..... .....
«dae vós favor ao novo atrevimento,
«para que estes meus versos vossos sejam:

e o que na sua carta (verdadeira carta de guia de reinantes) lhe discursava Ferreira, o poeta filosofo. E por esta occasião será bom observarmos, que tanto essa doutrinal carta lhe caiu, que so-

bre parecerem destilladas d'ella quasi todas as maximas do memorial (de sua lettra) que fez antes de assumir o governo, lhes encorporou, textualmente, o verso com que a carta do Ferreira vai cerrada:

Inteiro aos grandes, humano aos pequenos.

Mas o que sobretudo me encanta e maravilha nesses tres reinados, mais e muito mais que a grande quantia de talentos varonis que então brilharam, dos quaes eu mencionei varios no decurso do drama, e muitos outros se pódem ver no catalogo de artistas por D. Francisco de S. Luiz, é o apreço que rainhas e princezas davam ás boas artes, e com que em torno a si nas donas e donzellas de seus estrados as faziam resplandecer. Parnaso, e não fabuloso, povoado de musas visiveis, era ahi o paço.

D. Leonor: — viuva de D. Manoel, cultivava as linguas sábias. O que sua filha, a formosa infante D. Caterina, nellas primou, canta-o a fama, e o comprova o que d'ella existe impresso.

D. Maria: — filha dos infantes D. Duarte e D. Izabel, e neta de D. Manoel, foi, por saber, piedade e belleza aventurar a Alexandre Farnes, duque de Parma, e assombrar a Italia. Do saber, que se estendia ao latim, ao grego, á poetica, á mathema-

tica, á filosofia e theologia, e da piedade, que não discrepava muito de santidade, nos conservam documentos obras suas; da belleza e graça nos diz, entre outras coisas, no seu epithalamio a esse casamento, o dr. Antonio Ferreira:

Quantos Maria vêem se alegram e espantam.

D. Caterina:—sua irmã, mereceu o que Venus, no mesmo epithalamio dizia, fallando com sen filho Amor:

Eu digo das duas filhas a primeira
do Iffante clarissimo excellente
da clara mãy imagem verdadeira
neta do Rey primeiro do Oriente.
Porque não farás tu que tambem queira
accrescentar a luz resplandecente,
com que o Mundo se faz mais rico, e claro
co'o fruito de tal tronco ao Mundo raro?
Tambem te deffendiam *Caterina*
clarissima Princeza as castas Musas;
em cujo choro d'alto assento dina
de Minerva te dava mil escusas:
venceste em fim aquell'alma peregrina
com a força, de que tu, se queres, usas,
já ao seu sangue o seu amor juntaste,
e daquelle alto sprito triumphaste.

A nossa D. Maria porém, isto é, a princeza que em scena vimos a par com a, egualmente nota-

vel, viuva de D. João III, a todas eclipsou pela multiplice instrucção, com que desde a infancia soube ir marchetando as virtudes e realçando a formosura, como se deprehende das suas elegantes epistolas na lingua de Cicero, uma a Carlos V, outra a sua mãe já então rainha de França, agradecendo-lhe o havel-a obrigado a estudar tão galharda lingua. Era sua casa uma academia mui cabal de senhoras versadas nas humanidades e em todo o genero de prendas, de algumas das quaes existem obras, d'outras só memoria. Não será empregar mal o tempo ajuntarmos para aqui as de que temos achado noticia, ás quaes aggregaremos varias outras d'esses reinados que nem todas pertenceriam ao paço, mas que a influição do paço, porventura concitaria reflexamente.

Luiza Sigêa:—Diogo Sigé, ou Sigêo como o cá chamam, era um sabio, de nação francez, que de Toledo se passou já com filhas, para Portugal nos fins do reinado de D. Manoel, ou principiado o de D. João III. Fez este rei grande conta d'elle, e provavelmente se não ajudou pouco de seus conselhos para o muitissimo que perfez a bem das lettras e sciencias. De Diogo Sigêo foram discipulas, suas duas filhas, Luiza, e Angela. Luiza Sigêa ou Sigé soube o latim, o grego, o hebraico, o syriaco, o caldaico, o arabigo, sem contar o francez, o castelhano, e o portuguez, e verisimilmente o italiano. Em cinco linguas escreveu ella uma carta, que anda impressa, ao Pontifice Paulo III.

A princeza a tomou a si, e d'ella fez sua mestra com grande amor; á princeza é dedicado o poema latino *Cintra* que viu a luz publica, debaixo do nome da mesma Luiza; além d'estes opusculos compoz um dialogo *De differentia vitæ rusticæ et urbanæ*. Outras obras se lhe atribuem, como cartas e versos, e até (mas sem duvida falsamente) um poema *Arcana Amoris et veneris*, estampado muito mais modernamente, e de todo alheio da sua modestia e compostura. Casou em Portugal com D. Francisco Cuevas, fidalgo de Burgos, senhor de Vilanasur. Foi celebrada em prosa e verso, como portento, por todos os sabios e engenhos mais distinctos do seu tempo, e nomeadamente por André de Resende sob o titulo de *Luduvicæ Sigææ tumulus*, impresso em Lisboa em 1561. Deixou: noticias da sua vida numa carta; e um filho por quem a sua descendencia se multiplicou em Hespanha. O jurisconsulto e famoso poeta toletano, João Merulo, lhe fez o seguinte epitaphio:

Loisiæ Sigææ Toletanæ sui seculi Minervæ. Toletum nascentem excepit,
Lusitania honores, et divitias dedit,
Burgi maritum unicumque filium,
Et, pro dolor! ante diem sepulchrum
Anno salutis MDLX. Octob. die
XIII.

O epitaphio porém, que na campa se lhe abriu, feito pelo seu viuvo, val muito mais, e reza assim:

D. O. M.
Loisiæ Sigææ fœminæ incomparabili,
Cujus pudicitia cum eruditione linguarum,
Quæ in ea ad miraculum usque fuit
Ex æquo certabat!
Franciscus Cuevas mœrentiss.
Conjugi B. M. P.
Vale beata animula conjugi dum vivet
Perpetuæ lachrymæ.

Angela Sigêa:—pertenceu tambem á casa da princeza, do que era digna por sua erudição nas linguas; na musica excedeu ainda a sua irmã.

Publia Hortensia de Castro:—traslado o que a seu respeito commemorou na minha *Revista Universal* de 5 de outubro de 1842 o meu amigo Joaquim Heliodoro da Cunha Rivára:

«Corria o primeiro quartel do decimo sexto se-«culo, d'esse seculo tão de portuguezes, e, pelo «que já ouvireis, não menos de portuguezas; «quando a Thomaz de Castro, cavalheiro de no-«bilissima geração, nasceu uma filha na villa, «entre as outras, distincta pela antonomasia de «Viçosa. Não nos maravilhára se ouviramos no-«mear Ignez, Leonor, ou Izabel a filha do no-«bre cavalheiro; mas Publia Hortensia, a filha «de um Castro, e de um Castro quinhentista, caso

«é que sempre nos tem dado em que scismar. É «certo porém, que com este nome de matrona ro- «mana entrou no pantheon feminino esta amazo- «na lettrada, esta George Sand (mas honesta) de «tres seculos. Tal foi o furor, melhor disseramos, a «monomania estudiosa, que entrou no corpo e al- «ma da menina Castro, que, deixando o estrado «de Villa Viçosa, e os lavores do sexo, eil-a que «parte em trajos de estudantinho, para a nova, «e então mui florente Universidade de Coimbra, «em companhia de seu irmão Jeronymo de Castro, «que só entrava no segredo d'esta estranha meta- «morphose. Ali cursou humanidades, filosofia, e «theologia; que val o mesmo que dizer todas as «sciencias e lettras em seu tempo conhecidas. «Dos seus progressos na filosofia não ha mais «que dizer, senão repetir o que o mesmo André «de Resende, testemunha de vista, escreveu a um «amigo nesta substancia: —«A coisa mais para ver, «e capaz de vos dar maior satisfação, foi Publia «Hortensia de Castro, rapariga de 17 annos, tão «versada nas maximas de Aristoteles, que dispu- «tando em conclusões publicas com muitos sa- «bios, não houve argumento, por mais cavilloso, «que não solvesse com summa promptidão, e não «menor graça.» —A infante D. Maria, filha d'El- «Rei D. Manoel, cuja casa era uma academia de eru- «ditas damas, a tomou para seu serviço, movida «das recommendações do infante Cardeal D. Henri- «que. Na presença d'estes principes defendeu mais «conclusões. E parece que a edade lhe não apo- «quentava o espirito, porque já em tempo do

«governo d'El-Rei D. Filippe II, e perante elle, sus-«tentou em Elvas outras conclusões theologicas; «acto, que lhe mereceu d'aquelle monarcha a mer-«cê de uma tença de 20$000 reis — pelas suas mui-«tas lettras e saber. — Depois de ter escrito alguns «livros de differentes assumptos, em prosa e verso, «nas linguas latina e portugueza, nenhum dos «quaes chegou a dar-se á estampa, falleceu no es-«tado de solteira a 10 de outubro de 1595, e jaz «sepultada no claustro do convento da Graça de «Evora. — Seja-lhe a terra leve.

«Propomos o seu exemplo, mais para ser admi-«rado, do que imitado das nossas donas.»

Joanna Vaz, ou *Joanna Vázia:*—natural de Coimbra, foi aia da rainha D. Caterina, amiga das Sigêas, e do gremio litterario da nossa princeza. Chamavam-na a filosofa, pela singular agudeza com que disputava nas sciencias; possuia as linguas doutas; dos poetas, tinha larga lição e os imitava. Escreveu epistolas a Paulo III, em latim, em grego, e em hebraico, e varias poesias latinas. D'ella fallam com louvor, Nicolau Antonio na sua *Bibliotheca*, André de Resende num poema endereçado á princeza e numa epistola inedita a *ad Joannam Vasiam*, e Ayres Barbosa nos seus epigrammas etc.

Paula Vicente: —moça da camara da princeza D. Maria, filha, e, segundo querem, collaborado-

ra de Gil Vicente nas comedias que fez depois de velho. Comedias suas, que não chegaram a ver a luz, consta que as houve de mui particular sabor. Fez uma Arte da lingua ingleza e hollandeza, e imprimiu uma compilação das obras de seu pae. Sôa que fallava muitas linguas, que tinha boas noticias em architectura civil, e alem das prendas de bordar e pintar com perfeição, a de representar com summa naturalidade e graça, de sorte que, não sendo formosa de sua pessoa, por suas prendas e instrucção era muito festejada.

D. Lianor de Noronha:—filha do marquez de Villa Real (D. Fernando); nasceu em Evora em 1488, e falleceu em 1563. Traduziu e offereceu á rainha D. Caterina, mulher de D. João III, a *Coronica geral de Sabellico* impressa em Coimbra em MDL. Na dedicatoria diz:—«Que tresladou para «uso das damas da Rainha, de Latim em lingua-«gem Portuguez, uma Chronica geral pera que «não gastem tão bem aventurado tempo pera nós, «como este, em que Vossas Altezas reinam, em «ler fabulas, senão verdades.

« Deome atrevimento pera offerecer esta mea-«lha de serviço—diz ella—a V. A., ser velha como «a que a lançou no thezoiro do templo, a que «Nosso Senhor acceitou a vontade, como espero, «que V. A. faça á minha, que não sam menos «pobre em saber que a outra na fazenda. »—

Louvam-na, entre outros, Duarte Nunes do Lião, e Jorge Cardozo.

D. Antonia Rojas:—diz d'ella Damião Frois Prim no seu—*Theatro Heroino:*

«Dona Antonia de Rojas, Portugueza de nação, «ainda que ignorâmos o lugar, que lhe deo o «nascimento, mas pelo appellido parece origina- «ria de Castella, pois diz que sua mãy Izabel de «Rojas viera de longes terras, e que ella nascêra «em hum verde valle de Lusitania. Teve hum fi- «lho chamado Pedro de Vasconcellos, que mili- «tou na guerra do mar, e foy morrer á India, «pelejando contra infieis, cujas prendas exagéra «Dona Antonia em huma obra, que escreveo de- «pois da morte de ElRey Dom Sebastião, a que «fez hum Soneto. Em hum volume manuscripto «se achão as obras seguintes: *Intervallo para tris- «tes—Historias fabulosas em prosa Portugueza, mis- «turada com versos—Principio das amargas trage- «dias da Autora, em dôze, que chama scenas, prosa, «e verso Portuguezes—Processo da vida e morte de «huma amante—Tragedia lastimosa de Dona Antonia «de Rojas na morte de seu unico filho; prosa, e ver- «sos, oitavas, sonetos, e outros versos Divinos, e Hu- «manos. Origem authentica de Nossa Senhora de «Monserrate traduzida de prosa em verso.* »

D. Guimar de Jesus:—escreveu: *Consolação do nosso desterro—Incendio dò amor,* impresso em letra quadrada em 4.° por ordem do Cardeal Rei dedicado á Rainha D. Leonor.

D. Helena da Silva:—religiosa cisterciense falle-

cida em 1590; escreveu em castelhano um poema da paixão de Christo, e a vida de N. S. com versos colhidos em Virgilio.

Julia da Ponte: foi (diz o *Theatro Heroino*) da familia de Spilimberg. Compoz diversas obras com grande louvor de muitos escritores, e floresceu pelos annos de 1580.

D. Izabel de Castro e Andrada:—merece lida a noticia que o supracitado Damião Frois dá d'ella:

«D. Izabel de Castro, e Andrada, filha herdeira «de Alvaro Peres de Andrada, commendador de «Saõ Pedro de Torres Vedras, Senhor do morgado «da Annunciada, e de Dona Guimar Henriques, «filha dos Condes da Feira, foy de singular for-«mosura, e de tantas virtudes, que se contaõ della «muitas maravilhas. Casou com Dom Fernando «de Menezes, Senhor do Louriçal, do Conselho de «ElRey, e Capitaõ General de Tras os montes; «depois de cincoenta e quatro annos de idade, «teve milagrosamente dous filhos: Dom Henri-«que de Menezes, e Dona Maria de Castro, mu-«lher de Dom Joaõ de Menezes, Alferes mór.

«Defendeo Dona Izabel de Castro na Igreja do «convento de Varatojo conclusoens de Filosofia, «Theologia, e lettras humanas, e dando ao mes-«mo convento para huma Ermida da Paixão de «Christo hum forno de cal da sua nobre quinta,

«que lhe está vesinha, deixou n'ella escrito o ad-
«miravel Soneto, que anda impresso na historia
«Serafica, e outro que se imprimio no Poema de
«Araucana de Alonso de Ercila, da Impressaõ em
«que foy dedicado ao conde de Lemos e Andra-
«da seu parente, naquelle tempo Embaxador em
«Portugal. Este mesmo Soneto imprimio Manoel
«de Faria e Sousa, no comento das Rimas de Ca-
«moens, no fim da primeira centuria dos Sonetos
«da primeira parte, em que dá grandes elogios a
«esta Senhora dizendo, que fora mestra do mes-
«mo Camoens. Morreo santamente em mil qui-
«nhentos noventa e cinco, e jaz enterrada na ca-
«pella mór do convento da Annunciada de Lis-
«boa da Ordem de Saõ Domingòs.»

Digo a verdade: quando me ponho a considerar o que as mulheres são pela natureza, e o que deixam de ser pelas preoccupações e tyranias da sociedade; quando me lembro de tantas, que em todos os tempos e logares se assinalaram por talentos, e hombrearam com os grandes varões, tendo para isso que vencer mil difficuldades que para elles não existem; quando encontro este meu conceito, não só inteiro, senão ainda avantajado em tão grave e sisudo autor como é o do *Theatro Critico*, [1] doe-me o coração de ver como taes almas se desaproveitam; como se mette um sexo (metade da especie humana!) na roda dos engei-

[1] Tom. 1.° discurso XVI *Defensa de las Mugueres.*

tados! É peccar contra justiça e natureza; é defraudal-as de sua herança; e a nós, de mais prazeres e mais delicados, que nos ellas puderam dar; as sciencias e as artes, de novos lustres; e as gerações ulteriores, a pobre infancia, das suas instituidoras naturaes e mais proficuas.

Instruidas, animadas, laureadas as mulheres distinctas e sublimes, que estimulo para os lidadores no campo da intelligencia! no carcaz do amor, que novas settas enfeitiçadas!

Completa-se hoje a educação feminil, ajuntando aos lavores e prendas manuaes, a dança e musica; o desenho, a pintura e uma ou duas linguas vivas, já são luxo muito raro. A dança e a musica, são graças; quem o nega? e como taes, de juro e herdade pertencem ao seu sexo; mas, custando muito em cabedal, e em tempo, são apenas um enfeite passageiro. Concluida a festa do noivado, fechou-se o piano, encapotou-se a harpa; como quem dissera: — «Está concluida a vossa missão; já seduzistes.» — A dança, vai só até ás primeiras raias da velhice: é como as viração perfumadas que só pertencem á primavera. E depois, todos esses recreios são para as salas, e para o turbilhão.

Os livros, não: são companheiros, amigos, consoladores, guias, mestres, e thesoiros para todas as edades, condições e fortunas. Velando o somno do filho, amamentando-o, se continúa o estudo no sacrario íntimo da familia. Se um chôro ou um riso, que saem do berço, o interrompem, bem fóra estão de o supprimir. «Applico-me para

um dia instruir o meu filho; illustro-me, e aperfeiçôo-me, para dar a minha filha um modelo, e testar-lhe um nome, com que se possa gloriar.» ¿Esta reflexão não é bem obvia ao coração materno? ¿sobretudo quando a razão se acha convenientemente esclarecida?

O assumpto era para um tratado, e não para uma nota. Possa o quasi nada que nella apontámos suscitar em paes e mães um pouco de sisuda meditação! Encaminhe Deus este memorialsinho onde dê proveito! que eu, de minhas mãos o sólto, com aquelle estribilho do Ferreira no epithalamio á nossa princeza de Parma:

Boa estrella te leve hora doirada!

FECUNDAÇÕES INTELLECTUAES

(Tomo I pag. 50, linha 15 — *Valente, e Poeta* — Pag. 116, linha 10 — *Antonio, que é um dos que tinham ficado á porta da varanda em pé, faz um movimento colerico para se arremeçar a Martim e reprime-se* — Pag. 158, linha 23 — *Antonio toma com a esquerda o braço de Martim Gonçalves, com a direita lhe arranca a espada e a quebra sem o largar* — Pag. 204, linha 26 — *Cantar! com o coração a trasbordar de lagrimas... Sim, mestre, cantarei, repoisae vós.*)

Quanto a serem os Jáos naturalmente soberbos, vingativos, valentes, dizem-no os autores; póde-se consultar, entre outros, João de Barros na dé-

cada IV, livro I, cap. XII. Quanto a poeta, o Jáo do meu original francez não o era; fil-o eu tal, não só pela razão que a El-Rei dá o Camões na scena dezoito do acto primeiro, quando diz: *Dicipulo meu? talvez; mas alumno da formosa natureza oriental, e inspirado de seus ares creadores. É a terra do sol e das perolas; é a terra das alterosas palmas; como não seria a terra dos poetas?* Não só, repito, por essa razão o baptisei poeta, senão tambem, e principalmente, por me parecer que isto da poesia, em sendo num homem verdadeira, e muita, como era em Camões, de força se ha-de pegar mais ou menos a quem com elle communica: *Dize-me com quem lidas...* reza o nosso rifão velho. Ora, se assim corre (como em verdade corre, e todos sabem) com as qualidades ruins, tanto no mundo moral como no fisico; se os melões ao pé dos aboboraes sabem a aboboras, e em companhia de ciganos só ciganos se criam, porque não haviam os espiritos que transsudam o bello ideal, como canforeiras e canelleiras exhalam aromas sem se sentir, porque não haviam aos espiritos do seu trato contagial-os com a sua praga santa, e gloriosa maldição, mas que só fosse superficialmente?

Tenho eu para mim, que o ser uma terra mais industriosa, ou mais sabia que outra, ou mais artista neste ou naquelle ramo, ou mais galante e chistosa, ou mesmo mais bruta ou devassa, não virá tanto de differenças de ares, como de influxos de pessoas. E quando não, porque não cria a Grecia hoje nem um arremedo d'aquelles grandes

varões, que antigamente produzia aos cardumes? Porque é Pariz o fóco do bom gosto? a Alemanha o viveiro das filosofias? a Inglaterra o exercito grande dos fabricantes? a Italia o enxame dos musicos, escultores, e pintores? a Hespanha a terra classica dos hyperboles? Porque diz a historia, o seculo de Péricles? o seculo de Augusto? o seculo de Leão X? o seculo de Médicis? o seculo de Luiz XIV? Porque ha edades de fanatismo, edades de licença, edades guerreiras, edades sedentarias e estudiosas, edades só politicas e falladoras? Não póde ser acaso, senão influições de homens, que por alguma sua condição, ou intrinseca, ou externa, possam introduzir moda, e fazel-a pegar. Entre nós temos exemplos e muitos; cito só dois: D. João V favoreceu estudos, os historicos principalmente; e o seu reinado só, deixou livros de historia para uma bibliotheca. Em nossos dias, deu-se pela primeira vez uma especie de impulso, com certas mostras de apreço e semi-favor, á arte dramatica; e os dramas pullularam. O que nesta parte temos visto nascer, excede já ao que nos haviam feito desde Gil Vicente.

É este um axioma em que eu hei-de martellar opportuna e importunamente a poderosos, a saber: que a Providencia lhes deu procuração bastante para curarem do seu grande negocio da perfectibilidade; assim como tambem é verdade que o diabo, por baixo de mão, lhes deu outra para lhe pôrem embargos; e quando *poderosos* digo, não digo só reis, rainhas e principes, millio-

narios ou ministros de estado; comprehendo no rol, bispos, governadores, magistrados, parochos, mestres, superintendentes de estabelecimentos, donos de fabricas, e até simplices paes de familias; pois o que uns pódem no muito, outros o pódem no pouco; aonde uns vão rasgadamente, outros chegam rodeando; uns dizem: *faça-se*, e faz-se; outros fazem-no sem dizer nada. Que todos pódem, e conseguintemente que todos devem, e devemos, contribuir para a civilisação, a qual, com ser immensa, se compõe em todas suas partes de elementos minimos, isso, no simbolo dos apostolos da filosofia é o primeiro artigo. Nem todos o praticarão, mas descrer d'elle, ninguem.

E deixando agora o Jáo, que eu suppuz poetificado pelo Camões, e pela poesia nobilitado nos affectos, até á façanha de pedir esmola para elle (porque a verdadeira poesia entendo eu que é uma fidalguia d'alma) seguirei ainda um pouco na idéa que trazia, ou que me vinha trazendo a mim, pois que desde muitos annos me senhorêa, qual é a de se favorecer o desenvolvimento de todos os talentos uteis, e bastára dizer de todos os talentos; o musico não é menos homem para o genero humano que o lavrador; nem o poeta menos prestadio que o pedreiro.

—«A proposito do triste Jáo!?...»

Que dúvida! Com menos bom thema ainda, prégaria eu o meu sermão: assim elle tenha ouvintes! e algum dos ouvintes se converta!

Se eu fosse alguma coisa mais que escrevedor, v. gr. governador civil (do que Deus me ha-de

livrar, e me livraria eu mesmo) não me gastaria nestas razões especulativas; em vez de riscar, edificaria; que chão em que, e materias com que, não faltam ahi. Como o não sou, nem hei-de ser, vou alvitrando em sêcco por estas notas, que é um espairecer que a ninguem faz mal. A alma de um amigo dos homens ha-de-se deixar correr como o vento, por onde ella quizer: que, assim como o vento, leva sempre em si muita semente, que vai espalhando. Milhões d'ellas se perderão; mas sempre algumas, ainda que tarde seja, poderão vingar. Ora pois, sem mais venias, eis aqui o que eu, vai já em oito annos, sollicitava a bem da mocidade, que foi sempre os meus amores, e tanto mais o vai sendo, quanto mais d'ella me vão os annos desviando.

Era na *Revista Universal Lisbonense*, em 18 d'agosto de 1842, e sob o titulo de *Um arbitrio utilissimo para a litteratura:*

«Desde o principio das sociedades humanas «que pende um grande pleito entre a natureza e «a fortuna; pleito em que ambas são autoras, e «ambas rés: queixa-se a natureza, pela voz de «seus filosofos, de que a fortuna lhe esperdiça «muitas e muitas das suas melhores producções; «queixa-se a fortuna, pela voz de quasi toda a «gente, de que a natureza é escaça de coisas e «pessoas proprias para completar no mundo uma «existencia feliz. O abbade Dubos pretendeu de- «cidir parte d'esta questão, affirmando que ne- «nhum engenho especial nascia, a quem o acaso

«não viesse depois a facilitar os meios de reali-«zar a sua vocação. A biographia de muitos ho-«mens illustres acode com brilhantes exemplos á «theoria do abbade Dubos; mas o abbade Dubos «não tinha razão: não fallando já nos povos ru-«des e silvestres, omittindo até as nações atraza-«das, em que as artes e sciencias apenas princi-«piam, e entre as quaes todavia não pódem dei-«xar de nascer talentos e genios, condemnados a «perecer na atmosfera crassa e fria que os ro-«deia, quem ha ahi que por pouquissimo que te-«nha reflectido nas pessoas e coisas que viu em «sua vida, se não convencesse de que muita obra se «fez mal, porque se não commetteu a bom mes-«tre? e que muito prestimo se desaproveitou por «mingoa de ousadia propria, por desfavor ou ini-«misade dos influidores, por desconcerto ou con-«trariedade das circunstancias! não, evidente-«mente não tinha razão o abbade Dubos.

«A filosofia especulativa e experimental, que «pariu, e vai criando a liberdade para rainha do «mundo, procura, por instincto, concluir, por mu-«tua e afortunada composição de ambas as par-«tes litigantes, esta cançadissima demanda da na-«tureza e da fortuna; nobre e louvavel empenho «a que todos devem incessantemente dar a mão. «A dois se reduzem principalmente os meios por «onde tal, ou semelhante resultado se ha-de con-«seguir: 1.º a maxima generalisação das luzes, e «o arroteamento e cultivo intellectual, não de «alguns, senão de todos; 2.º a generalisação do «systema *de concursos* para todos os objectos onde

«os concursos se possam applicar. Resolvido o 1.º «d'estes dois problemas, a educação revelará to- «das as vocações para que se possam aproveitar; «resolvido o 2.º, decedidamente se aproveitarão: «pela primeira via, calam-se as lamentações por «parte da natureza; pela segunda, as queixas por «parte da sociedade: a primeira, descobre a to- «dos o seu verdadeiro caminho providencial; a «segunda, lh'o abre, e lhe facilita o percorrel-o: «o primeiro expediente, encherá o mundo de gen- «te grande; o segundo, por mão d'essa gente «grande, o encherá de grandes coisas: o primei- «ro, será o *fiat lux*; o segundo, o *fiant omnia*.

«Ora, a filosofia da liberdade (nas terras onde «a liberdade tem filosofia, onde ella é meio e não «fim) adivinhou tudo isto, e começa, a despeito «das difficuldades de todo o genero, e sempre re- «crescentes, a derramar as luzes quanto, e até «onde póde; e a procurar, para cada objecto, os «sujeitos mais idoneamente alumiados: ¿quando «começaremos nós outros a trilhar esta verdadei- «ra estrada da perfectibilidade? sabe-o Deus; mas «não dá mostras de ser mui cedo, porque em tres «milhões e meio de habitantes apenas por ora tres «duzias e meia d'elles sabem ler por cima. Pen- «sem, e pensem muito nisto os que legislam, e «os que governam, e todos os que por qualquer «modo se acham por seus haveres, por sua posi- «ção, ou por outro qualquer genero de influen- «cia, no caso de poderem contribuir para a ins- «trucção do povo; taes como os governadores, «administradores, parochos, e fidalgos provincia-

«nos, que por seus cabedaes, crédito, e respeito, «são ainda agora em suas villas e aldéas, ou pó- «dem ser, verdadeiros patriarchas, principes, e «exemplares. Mas, repetimol-o, esses annos doira- «dos de muita luz só pódem vir a cabo de mui- «tos annos de acertados e geraes esforços; será «um bello dia esse; mas receio que só nossos fi- «lhos lhe vejam a alvorada.

«Deixemos pois ao tempo o cumprimento do seu «officio, por que do homem só depende o semear «e plantar; mas o fazer medrar e copar depois «as selvas, e povoal-as de harmonias e encanta- «mentos, só pertence á Providencia, que vai pau- «sadamente e a ponto mettendo na obra mil ou- «tros agentes, de que porventura nem sequer «temos idéa. Insensivelmente subimos com o dis- «curso até esta grande e desconsolosa altura, em «que não temos que fazer, senão estender para «baixo os olhos em derredor de nós, cruzar as «mãos sobre o peito, e suspirar. Redescendâmos «e tomemos o pequeno assumpto a que nos di- «rigiamos: pequeno, comparado com estas altas «ponderações, mas, por de possivel, facil, e pro- «xima realização, importantissimo. É um *Projecto «de Lei* que ennobrecerá ao deputado que o pro- «pozer, e á camara que o adoptar; e ao governo «que o der á execução, grangeará bençõs copio- «sas.

«Sabido é como neste prospérrimo torrão de «*Portugal* tem a natureza, e teve sempre, mara- «vilhosa feracidade, assim de frutos, como de va- «rões; e que o desprezo de uma e de outra abun-

«dancia, foi o que nos poz e nos conserva em tan-
«to extremo pobres e arrastados. Já se voltaram
«os olhos e as vontades para os interesses mate-
«riaes; isto é, para as producções da terra, e pa-
«ra as artes e industrias, que d'ahi nascem im-
«mediatamente; Deus lhe ponha a virtude, que
«bem boas coisas são todas essas, mas ha-se mister
«de começar tambem a aproveitar alguma par-
«te da gente boa, que por ahi nasce espontanea-
«mente, e em tanta copia. Nunca talvez foi por
«cá maior a de mancebos desenganadamente
«feitos e talhados para as boas lettras; todos os
«dias vemos, com espanto, abrirem-se flores d'es-
«tas, promettedoras de frutos sazoados para a ci-
«vilisação, e para a gloria da patria; e todos os
«dias as vemos, com lástima, cair, murchar e per-
«der-se; ou se arribam a fruto, darem-no péco
«e pedrado. D'estes mancebos conhecemos nós:
«uns, a quem a pobreza tolheu o passo para os
«estudos; outros, a quem a falta de bons guias
«desencaminhou; outros, de quem travou o re-
«moinho da politica, e os afogou nesse pégo de
«que não ha resurreição; outros, a quem a cruel
«humanidade de poderosos protectores empregou
«nas mais prosaicas, nas mais despoetisadoras de
«todas as tarefas da cidade; ¡deram-lhes o pão
«roubando-lhes a alma, e cuidaram ter sido ge-
«nerosos! Dubos, com a sua theoria, era eviden-
«temente um insensato; ¿haverá porém remedio
«para todos estes homicidios? ou para alguma
«parte d'elles? Não só o ha, senão facilimo.

«Procure-se fóra, e não longe da cidade, ou «das cidades, uma, ou mais, d'essas casas, que a «piedade erigíra para conventos, e onde, conjunc-«tamente com muitas excellencias moraes e reli-«giosas, medravam, como em ares seus proprios, «muitas lettras e muitos talentos; ajunte-se-lhe a «porção de terra sufficiente para manter um li-«mitado numero de moradores; mettam-se de «posse d'essa bemaventurança, assim os mance-«bos, cujo espirito houver dado claro annuncio «de suas forças, como os velhos, que perseverá-«ram fieis ao estudo, em paragem tão madrasta «d'elles; dêem a uns e outros os livros, o reman-«so, a abundancia, o exercicio saudavel para o «corpo e para a alma, o habito e a necessidade «do estudo; e ver-se-ha que maravilhas saem «d'este fecundo commercio da experiencia e scien-«cia da velhice, com a força e a energia da mo-«cidade; nada ahi faltará: nem a seiba, que vivi-«fica, nem a cultura, que aperfeiçôa! cada eda-«de receberá da outra o que lhe falta; temperar-«se-ha a fraqueza; comedir-se-ha a petulancia; «e a arte, por todos os modos servida e ajudada, «logrará em pouco tempo a sua maior altura re-«lativa. Uma tal casa, seria ao mesmo tempo um «asilo de inválidos, isto é, uma sagrada paga de «divida nacional, e um seminario ubérrimo de «talentos, isto é, um pequeno cabedal posto pela «nação a enormes e honrosissimos juros.

«Este pensamento, que ha muitos annos tra-«ziamos no coração, sem ousarmos a declaral-o, «por medo ao *prosaico ramerrão* d'este nosso mun-

«do, só agora nos afoitámos a dal-o ao publico; «se com esperança ou não, não o dizemos; e foi «o motivo, que nos quebrou o encantamento, o «sabermos que já um portuguez, em todo o sen- «tido portuguez, e por todos os modos respeita- «vel, o tentára por sua parte realizar. Foi este «portuguez o conde de Lavradio. Comprára elle «o convento e cêrca dos carmelitas a par de *Co- «lares:* captivado da formosura, solidão, e silen- «cio do sitio, e sentindo em si mesmo quanto era «accommodado para o estudo, para o contenta- «mento do animo, e para a criadora liberdade «da fantasia, traçou consagrar a casa ao publico «proveito, recolhendo nella mancebos favoreci- «dos da natureza, e desamparados da fortuna, «sugeitando-os a um instituto moral, litterario, «e hygienico, que amplissimamente os desenvol- «vesse; e mandando-os depois ás capitaes mais «illustradas, para receberem a derradeira mão «de aperfeiçoamento; mas isso tarde, e só quan- «do, pela edade e pelo estudo, não corressem pe- «rigo de se irem perverter e vir para sua terra «despresar, e vilipendiar a lingua, o bom siso e «os bons costumes de seus maiores. Obra era esta «digna de seu autor; e já hoje existíra, se novos «deveres contraídos pelo generoso fidalgo, o não «constrangessem a levantar mão do seu primeiro «empenho. Não é logo utopia, nem sonho de poe- «ta o que lembrâmos. Tentem-no, tentem-no, «pelo amor da patria! Se fôr necessario accres- «centar á doação de uma casa e pouca terra al- «*guns outros* meios, appelle-se para a generosi-

«dade dos portuguezes opulentos, que talvez haja «ainda ahi algum opulento, que seja portuguez. «Com donativos se fundaram muitas coisas boas «nestas boas terras: misericordias, collegios de or- «fãos e orfãs, seminarios ecclesiasticos, hospitaes, «albergarias, recolhimentos, mosteiros; com do- «nativos se mantêem asilos d'infancia desvalida, «asilos de velhice mendiga, e escolas; ¿porque ra- «zão com donativos se não consagraria uma nova «misericordia aos filhos predilectos da natureza, «engeitados da fortuna? Não seria monumento «de menos piedade; e seria de todos o mais aben- «çoado pelas gerações que vierem, começando «logo pela que immediatamente nos seguir.»

Depois de sete annos que isto supplicava, presumindo que a razão publica poderá ter dado mais um passo, tórno hoje a supplical-o, de mãos postas aos pés dos ricos e poderosos: não peço para mim; sou como o Jão, peço para o talento; para o talento desvalido.

Este seculo XIX, que á boca cheia condemna a bruteza do seculo XVI para com o Lusiada dos *Lusiadas*, não deverá incorrer na mesma culpa e penna de coração de ferro, e entendimento tapado. Poderosos e ricos, para vos resolverdes emfim ao milagre, tão facil, e que tantos ha-de dar de si, deixae-vos entrar da poesia uma hora sequer na vossa vida, pintae na fantasia do vosso coração, e saboreae desde já por antegostos as delicias que vos esperam, quando muito a miudo visitardes *a vossa* peregrina fundação\ quando

virdes aquelles commensaes, uns imberbes, outros encanecidos, todos irmãos, todos contentes, todos inspirados, todos abençoando a vossa fortuna, que fez a sua para ornamento da patria sua e vossa! vede-os agora, no trafego da bibliotheca ajudando-se mutuamente! agora, divididos pelo homizio de suas cellas, e meditando a sós! já pelo jardim conversando e aspirando flores na primavera! já no estio meditando Virgilio, ou Lamartine, ou Chateaubriand á sombra espessa do bosque! no outono em passeios! de inverno, em leitura á roda do lume, que é passeios, bosques, e jardins, sem distracções nem cançaço!

O que ahi havereis semeado, nem vós o adivinhais! os agradecimentos publicos vol-o dirão, quando obras d'arte esmeradissimas começarem a trasbordar e diffundir-se da vossa colmeia de espiritos: bem ufanos que vos deveis sentir, e todos vos hão-de dar razão.

Digo-vos sem lisonja, não sei qual sorte será mais para invejar: se a de taes protegidos, se a de taes protectores: elles, poderão vir a fazer *Lusiadas;* mas vós, a elles mesmos os havereis feito.

Lendo-se o que na *Chave do Enigma* lançámos de pagina 313 a 320 se verá que ainda continuâmos a afagar a nossa idéa velha. Cada dia mais nos confirma nella, ainda que esperanças de a vermos realizada bem poucas nos restam já.

FIM DO SEGUNDO TOMO.

CAMÕES

CAMÕES

ESTUDO HISTORICO-POETICO

LIBERRIMAMENTE FUNDADO

Sobre um Drama francez

DOS SENHORES

VICTOR PERROT, E ARMAND DU MESNIL

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

2.ª Edição

Copiosamente accrescentada nas notas

TOMO III

LISBOA

TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

1863

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
485687
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS.
R 1910 L

NOTAS

PARA SE LEREM

CASTILHOS

(Tomo I pag. 48—linha 20—*O meu Chronista Mor Antonio de Castilho, bom dezembargador em causas de poesia.*)

A nota, que sob este titulo, e com essa referencia, appareceu na primeira edição do presente livro, levou, por falta dos materiaes indispensaveis, algumas inexacções involuntarias e ligeiras. Nesta segunda edição vou por ordem de meu Pae e com venia sua, procurar corrigil-as, apresentando tão claro e explicito quanto agora puder, e ainda assim não tanto quanto o seria se dispozesse de mais tempo, um summario biographico e bibliographico do homem verdadeiramente illustre a quem El-Rei alludia nas palavras transcritas supra. A proposito d'elle esboçarei alguns apontamentos acerca da subsequente historia litteraria da sua familia. Se é vangloria, é a mais desculpavel e innocente das vanglorias.

Principiaremos porém, para maior rigor na chronologia, pelo glorioso progenitor do Doutor Antonio de Castilho, pelo sabio architecto do cruzeiro de Santa Maria de Belem, do mosteiro de Thomar, e de tantos outros edificios admiraveis.

I

Linha de João de Castilho—Sua vida, suas obras, sua descendencia.

1 João de Castilho

(Chamado pelas Chronicas—O Velho)

Reservo para outra occasião dar ainda mais por extenso as minhas indagações acerca d'este notavel artista, hoje quasi de todo em todo esquecido, como tantos outros, até na circumscripção da historia da arte. Limitar-me-hei aqui aos topicos principaes, até porque a architectura, dominio seu, viria alheia ao nosso ponto.

Acerca do logar do seu nascimento, como acerca da sua filiação, baste aqui saber-se que elle era da provincia das Asturias, e da risonha e maritima villa de Santander nas montanhas de Burgos, Asturias de Santilhana. Fica esta villa á beira do mar nas faldas do declivio de Trasmiera; chamam Trasmiera a contra-costa ou parte setentrional da montanha em que demora nas Asturias a villa de Mier no valle de Peña Mellera, por onde passa o rio Esla.

Era João de Castilho primogenito de Diogo Sanches del Castillo, filho segundo da velha casa asturiana d'esse appellido. Do primitivo tronco hespanhol, cujas vergonteas tanto frutificaram em Castella e em Portugal, não nos podemos occupar aqui.

Conjectura o sr. Conde Raczynski no seu *Dictionaire historico-artistique du Portugal*, não sei com que fundamento, que a data do nascimento de Castilho devia orçar pelos annos de 1490, fins do reinado d'El-Rei D. João II.

A sua educação, não posso rastrear qual nem onde fosse feita. Comprazo-me em vel-o errar á solta nas cercanias da sua montanha, criando-se com as tradições dos seus maiores, e aprendendo a venerar e honrar a memoria illustre de seu quinto avô, o mais antigo de que ha noticia, o patriarcha da familia, o valente alferes do Infante D. Pedro de Castella na batalha do Salado, a 28 de Outubro de 1340.

Todos os autores são concordes em que João de Castilho veiu a expatriar-se, mas não nas causas d'essa expatriação. Diz o ms. c—1—20 da Bibliotheca de Lisboa, que, morta sua mãe (provavelmente Messia de Meyra da casa de Ribalcava) Diogo Sanches del Castillo seu marido, e pae d'este de quem vimos tratando, concebeu d'isso tanta magoa, que por furtar-se ao mundo, e acabar sósinho com suas penas em algum canto, em algum ermo apartado, se voltára todo para o ceo, e se fizera clerigo, chegando a Abbade de Ilherganes. Ficou João de Castilho algum tempo em casa de sua irmã D. Izabel, casada com João do Redondo, do Valle de Ruesga, e só d'ahi saiu *por um desastre*. Tal é a frase que emprega o manuscrito. Outros porém confessam ignorar-se inteiramente a causa d'esta saida voluntaria de um membro de casa tão illustre. *Por um desastre* pres-

ta-se a tantas interpretações! *desastre* devia ser com effeito, ou, quando menos, força grande; e quem sabe mesmo se indigencia não foi, e necessidade de tentar fortuna, que a sua casa lhe não podia dar!

Do solar natal foi Castilho ter á Galliza; de lá passou a Napoles, onde peregrinou largos annos, e ahi batalhou em guerras que infestavam por então aquelle paiz.

Como artista, nem sequer o baptismo da arte italiana lhe faltou. Foi na Italia em plena Renascença artistica, e á boa sombra de tão grandes nomes como os de Julio II e Leão X, na Italia, entre a brilhante pleiade dos tão insignes talentos que elle talvez conheceu e tratou, que João de Castilho se imbuiu nos principios da grande arte da fortificação e architectura. A julgarmol-o pelas obras que deixou, podemos ter ao mestre por um grande e imaginoso artista. Demais, a sua vida revôlta, o misterioso da sua fugida da casa de Burgos, o seu saber incontestado, a sua descendencia, tudo isso o torna aos olhos do historiador um estudo multiplice, sympathico, e attractivo.

Ainda em tempos d'El-Rei D. Mànuel, e não já nos d'El-Rei D. João III, como falsamente escreveram alguns, se trasladou a Portugal o nosso forasteiro; e com elle, e pobre como elle, veiu tambem um seu irmão germano, por nome Diogo de Castilho, a buscar fortuna. Acerca da vinda d'este Diogo de Castilho, querem alguns, parece-me que com mais visos de probabilidade, que não che-

gasse em companhia de seu meio irmão, antes viesse da Montanha, onde vivia pobremente, acolher-se a casa do outro já estabelecido em Portugal; era tambem architecto, ou *pedreiro*, como diziam nesse tempo; e *se foi* (diz um manuscrito pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa— c. 2—6) *grande tratista* (ou artista) *foi pelo que o irmão lhe ensinou.*

Entrassem ou não entrassem juntos em Portugal, o que dizem alguns nobiliarios é que a obra pela qual se estrearam neste reino foi a abobada de baixo do côro da Sé de Vizeu.

Depois d'isso separaram-se: Diogo de Castilho foi para as bandas de Coimbra, ahi casou, ahi se estabeleceu, e ahi ficou, deixando, segundo logo veremos, descendencia que ainda hoje se conserva; foi João de Castilho successivamente empregado em obras do seu mister por El-Rei D. Manuel e El-Rei D. João III.

Em 1519 e 1520 damos com elle no mosteiro de Alcobaça, encarregado de arranjos no andar superior do claustro de D. Diniz, na sachristia, e na casa para os livros. Na ordem Real que lhe commetteu a direcção d'esses trabalhos, diz o sr. Conde Raczynski que já tem o titulo de Mestre das obras reaes, e cita da Torre do Tombo o *Corpo Chron. part. I maço* 24—*doc.* 4 *e* 101.

No manuscrito *Memorias para nobiliario* todo escrito do punho de Damião de Goes, e existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, encontrei menção de um mandado para Fernão da Luz (se o soube ler) thesoureiro do reino e escrivão da

camara, para se pagarem a João de Castilho mestre das obras cem mil réis, em prestação do pago que havia de haver dos trabalhos dos conventos de Thomar e Alcobaça, em data de 11 de Outubro de 1521.—E tambem se faz menção de outro mandado alludindo ao *fazimento* da obra da Casa do Capitulo do convento de Thomar, que o dito Castilho tinha de empreitada e se obrigára a fazer em dois annos, desde 1521 até 1523, pelo preço de cinco contos e duzentos mil réis.

Entremos agora no interessante capitulo do casamento de João de Castilho; e antes de mais nada, transportemo-nos ao norte de Portugal, á Provincia de Traz-os-montes, e nella á Villa de Freixo de Espada á Cinta hoje no Districto de Bragança.

É o Freixo uma villa antiga e nobre, assentada perto de Hespanha, á sombra do seu caduco e arrogante castello de tres torres, levantado na collina verde pela mão povoadora do Senhor D. Diniz.

Ahi se acoitava por aquellas eras um nobre das Asturias foragido por questões intricadas da politica revoltosa e obscura que trabalhára a Castella nos fins do seculo XV. Seu nome, Garcia Hernandes de Quintanilla. Achara-se implicado nas alterações d'aquella liga chamada *Santa-Hermandad,* cujo espirito quasi democratico se oppunha com religiosa hombridade á prepotencia dos senhores, e á tyrania dos fidalgos partidarios da triste Beltraneja. O Duque de Villa-Hermosa, e annos depois, em consequencia da nova bulla

pontificia, o celebre e tão calumniado Prior de Santa Cruz D. Thomaz de Torquemada, são os dois nomes que fulguram á luz das tochas da sua zeloza e exaltada piedade no frontão d'aquella instituição regeneradora.

Era Garcia Hernandes de Quintanilla sujeito mui principal, e qualificado em sua terra; parente estreito do castelhano D. Alonzo de Quintanilla, que fôra *Contador mayor*, ou Thesoureiro mór da confederação das cidades de Castella, e com cujo alto favor e valimento lográra o Colombo os navios que mendigava de D. Fernando e D. Izabel em troca do novo mundo, que por entre a febre que o devorava lhe andava pulando na mente. O filho d'esse D. Alonzo foi depois implicado tambem nas *communidades*, e fugiu, e esteve homiziado em casa do seu parente em Freixó de Espada á Cinta. D'este parentesco nasceu confundirem alguns autores Garcia com Alonzo, que não me consta tivesse vindo a Portugal.

Casára Garcia Fernandes de Quintanilla na nossa terra, com uma portugueza do Freixo, Fulana de Varejão; teve d'ella uma filha D. Maria de Quintanilha, ou D. Maria Fernandes de Quintanilha, segundo outros. A que familia do Freixo pertencesse a mulher do velho Garcia, nem sequer conjectural-o me é dado. Mas limito-me em notar de passagem, e como coincidencia talvez sem valor, ser oriundo da mesma terra o conhecido Padre João Francisco de Varejão, da Companhia de Jesus, e martyr no Japão. Creio além d'isto, guiando-me pelo que no logar competente

diz o Padre Antonio Carvalho da Costa na sua *Corografia*, que é a familia Varejão uma das nobres da Villa do Freixo.

Em alguma das suas excursões ao norte acertaria João de Castilho em conhecer a formosa filha do Asturiano, que formosa devia ser quem assim levou os olhos do ardente mancebo, cuja mente impetuosa e creadora devia de andar sempre á cata de maravilhas. Conhecel-a e amal-a foi tudo o mesmo; os artistas e poetas são assim.

Ao velho Garcia prouve sobremodo um casamento, que lhe ligava um homem distincto, já duas vezes parente seu: como hespanhol, e como desterrado. Deu a João de Castilho toda a sua fazenda como dote, e começou a querer bem ao seu ermo do Freixo.

Era aquelle um grave ancião, sincero montanhez das serras das Asturias, oriundo de Pamanes da junta de Cudéo, homem gasalhador e cortez, e cujo lar, por ser a casa tão á beira de Hespanha, não crepitava nunca desacompanhado, senão que se alegrava sempre no trato e pratica dos conterraneos e patricios. Elle dava-lhes as suas saudades, e a sua hospitaleira franqueza; elles traziam-lhe o seu affecto, lembranças e noticias da revoltosa Castella; e nesses cordeaes apertos de mão muita vez se recobraria o animo ao pobre foragido, com o que quer que fosse dos patrios ares.

Prolifica foi esta união, como logo se verá. Tornemo-nos agora ao artista.

Ao genio de João de Castilho se deve grande

parte da fabrica do admiravel convento dos Jeronymos, fundado além na velha praia historica do Rastello, e padrão de uma das nossas glorias nacionaes, erguido pela mão possante do Senhor D. Manuel; bem como alguma coisa se lhe deve tambem na reedificação de Santa Maria da Victoria.

«Belem—diz o grande livro *Les arts en Portugal*—representa ao vivo e em concreto o Portugal cahotico, impaciente, colonisador; a Batalha respira o antigo Portugal, o Portugal independente, e senhor da paz tranquilla e estavel.»

Em Abril de 1500 se começou a traça do mosteiro de Belem; e não obstante, vinte e um annos depois, ficava apenas em principio, quando falleceu o fundador; deixou este bem recommendado ao successor o seu mosteiro nascente, que foi logo crescendo a olhos visto ao bafo creador da piedade do Senhor D. João III.

Dividiram-se as obras, e entregaram-se a varias mãos. O alto cruzeiro, que ainda hoje espanta pelas magnificas proporções da sua abobada artezoada, foi commettido ao laborioso e eminente Castilho, que á conta da sua muita mocidade mal podia a esse tempo, segundo o sr. Conde Raczynski, ser ainda o que o sr. Varnhagen lhe chama: *o architecto d'El-Rei D. Manuel*, nem tambem *devia naturalmente ter tido grande parte na direcção das obras*, e menos ainda ser *d'ellas o principal engenheiro*. Afastando-me um pouco, mas com o

devido perdão, da opinião de s. ex.ª, um dos luminares da politica e da litteratura brazileira, combato tambem a opinião de Barbosa Machado.

Existe na Torre do Tombo um alvará de 23 de Setembro de 1522, pelo qual El-Rei D. João III manda a Pero Lopes pagar mil cruzados a João de Castilho por conta da empreitada com elle *novamente ajustada sobre o fazimento das abobadas e pilares dõ cruzeiro da igreja* (de Santa Maria de Belem)—*(Corpo Chron. part. I maço* 28—*doc.* 90)

«Este documento unico—são agora palavras do «sr. Varnhagen—destroe de todo uma anecdo«ta que o autor do *Anno Historico* refere como «passada com El-Rei D. Manuel; se bem que ti«nhamos sufficiente motivo para desconfiar da «sua veracidade á vista do conto analogo com seus «visos de maravilhoso attribuido já anteriormen«te ao fundador da Batalha por Fr. Luiz de Sou«za; asseverando que quando El-Rei D. João I «mandou decimbrar e tirar fora as cambotas da «admiravel Casa do Capitulo d'aquelle mosteiro, «temendo sacrificar a gente que em tal mister «empregasse no caso de desabar tudo, mandára «vir para isso criminosos, que então saldariam «seus crimes, sepultos em entulhos de madeiras, «pedras e caliça. Não foi pois El-Rei D. Manuel «nem o architecto que se diz—accresceenta o já citado eruditissimo investigador—quem fabricou «a abobada do cruzeiro de Belem, e por isso taxá«mos de falso o que a tal respeito conta o Padre «Francisco de Santa Maria, facto que de certo

«não fôra de importancia tão mesquinha, para «que por esquecimento deixasse de ser relatado «por varios chronistas antigos, coevos alguns. Si- «guença até diz que El-Rei D. João III foi quem «cerrou o cruzeiro. Nem faça duvida no citado «Alvará o adverbio *novamente*, o qual parecendo «como indicar *de novo*, poderia a alguem dar a «entender que já antes houvera outra construc- «ção, que por ter caido se precisava fazer de no- «vo. Quem assim discorrer por certo que não es- «tará familiarisado com o verdadeiro sentido que «em quasi todos os escritos d'aquella epoca se li- «ga ao adverbio *novamente* que significa *de novo*, «sim, mas em referencia não a um tempo passa- «do, vago, e indefinido, porém ao tempo em que «se está, e quer como dizer modernamente, de «mui pouco tempo a esta parte.» etc.

A 4 de Julho ou Junho (segundo o sr. Conde Raczynski) de 1528 foi João de Castilho nomeado mestre das obras da Batalha, logar vago por morte de Matheus Fernandes (filho) *(Liv. XIV da Chancellaria d'El-Rei D. João III*—fol. 138.)

Oiçamos outra vez o Sr. Varnhagen:

«Tratava-se—diz elle—de proseguir nos traba- «lhos das capellas imperfeitas destinadas ao ja- «zigo d'El-Rei D. Duarte, que fôra d'ellas princi- «piador, e ao de seus successores D. Affonso V, e «D. João II, do Principe D. Affonso, e d'El-Rei D. «Manuel, antes de se decidir por Belem, como se «vê do proprio testamento d'este ultimo Rei, com- «binado com a interpretação das divisas que nel-

«las se acham. Castilho não era genio que se po-«desse moldar nas formas existentes para con-«cluir o que fôra já concebido e até mais de meio «posto em execução. Porém nas ultimas obras da «Batalha esta sua intolerancia não lhe dá honra, «e tudo quanto ahi fez ou pelo menos dirigiu, «deverá ser desmanchado, quando algum dia «houver neste paiz quem tenha a elevada lem-«brança de completar o pensamento de tantos «monarchas distinctos. Levantou dois grossos pi-«lares cilindricos e estriados, e uniu-os por um «arco abatido, deixando por baixo d'este uma tri-«buna de balaustres *renascidos*, sem harmonia «com o mais que lhe fica visinho. E, infelizmente «para a sua memoria, ficou lavrado a um canto «da dita tribuna em uma cabeça de ornato o «anno de 1533, epoca em que já ali tinham che-«gado as suas obras de improprio desenho co-«meçadas nos annos anteriores. Seus foram tam-«bem os quatro arcobotantes de arco inteiro en-«costados aos pegões da capella mór, com impos-«tas de capiteis corinthios. Do mesmo Castilho é «sem duvida uma casa particular, que fica de-«fronte da porta do sul do convento, com duas «janellas; uma por cima da porta com a simpli-«cidade da restauração, e outra maior de dois «arcos abatidos, copiosa em arabescos, sobresain-«do em baixo de cada uma seu busto de meio «relevo, tudo no gosto de Belem.» etc.

Lancemos agora uma vista a correr pela Europa d'esse tempo:

No mundo das artes entretanto porfiavam-se os combates da *Renascença*, depois da queda do Imperio de Constantinopla. Entre a arte christã, e a arte pagã rejuvenescida travara-se uma luta acirrada e renitente. Na architectura pleiteavam por um lado, como é sabido, as tradições architecturaes dos primitivos monumentos da christandade, os quaes tinham abafado e derrubado depois da queda de Roma os templos do polytheismo; pleiteavam por outro as severas architecturas pagãs, desenterradas á voz das revoluções.

Que pleito! era uma luta de morte.

A uma banda o classicismo levantava a cabeça austera d'entre as ruinas eloquentes do Parthenon e do templo da Paz, esses mesmos edificios sobre cujos transumptos se tinham engenhado, tão outras no donaire e no pensamento, as primeiras basilicas da Christandade, e as graves e formosas cathedraes da edade média. Mas por outra parte, surriam francas e affoitas as architecturas bysantinas, romances, e gothicas, carregadas de brasões e arabescos; respiravam Christianismo, Evangelho, crença, floridas, arrendadas, trajadas quasi á oriental; materialisavam, se me é permittida esta prosaica e pezadissima expressão, e tornavam concreto ao animo do povo o espirito religioso; e idealisavam, divinisando-os, os brutescos, os apostolos de pedra, os cavalleiros brancos, as scismadoras janellas ogivaes das suas arcarias.

O classicismo antigo vira-se desthronado, e acos-

dava agora, reivindicando fóros e logar; a architectura christã reagia meiga e risonha, respondendo só com os seus claustros serenos, e com a sua serena e fantasiosa poesia de pedra.

Ha não sei que desconhecido encanto nessas taes architecturas brincadas, ardentes, devotamente imaginosas.

Aquelles santos, aquelles botareos carregados de bestiães e arrendados, aquella camaradagem innocente dos ermitães com as pombas e com os heroes fundadores, das insignias heraldicas com os arabescos, das cottas de malha com as gárgulas e mísulas mais extravagantes, têem á luz do luar o que quer que seja de commovente e fraternal, que diz bem na frontaria dos mosteiros com o espirito religioso do sacrario do templo.

Sim; mas o classico! a velha Roma! a cidade dos Cesares! a rainha do mundo!

Castilho appareceu no meio d'essas lutas da *Renascença*, não sabendo realmente se havia de tomar voto pelo classico pagão, se pelo christão moderno.

Fôra partidario decidido e enthusiasta das architecturas estreadas, porque assim o digamos, pelo Christianismo; mas quem sabe se da sua viagem á Italia, á Italia classica do Imperio, que então parecia acordar ufana de dentro do manto christão que a rebuçára, quem sabe, repito, se d'essa viagem não trouxe elle o germen das opiniões reformadoras! «As portas excrescentes de «pedra d'Ançã da Sé velha (de Coimbra) diz o sr. Varnhagen, «os bustos em medalhões, os arabes-

«cos ao divino, os nichos de concha, os balaustres,
«os vasos, as pilastras estriadas, a par de um arre-
«medo das renascentes ordens dorica e corinthia,
«como tudo ahi se vê, não pódem deixar de ser
«obra de Castilho, já meio convertido ás doutrinas
«de Vitruvio; o mesmo podemos dizer do claustro
«do reedificado mosteiro de Santa Cruz.»

A indole artistica do mestre participa em diversas de suas obras, e nos varios periodos da sua vida, do influxo da *Renascença*, da duvida e oscilação entre uma e outra escola.

O estudo d'este assumpto, e a demonstração d'estas asserções, que me parecem verdadeiras, levar-nos-hiam longe; é forçoso restringir-me ao que fica dito, tornando-nos á biographia do artista.

Em 1540 e 1542 encontrâmol-o em Mazagão, dirigindo e edificando a admiravel praça militar.

Na torre de Tombo *(Corpo Chron. part. I maço 71—doc. 52)* existe uma carta em que João de Castilho, dirigindo-se a El-Rei, affirma ser o forte de Mazagão um dos mais valentes e melhores de todas Hespanhas, capaz de contrastar poderio de moiros, por mais que elles fossem.

Consta-me que na villa de Alcoentre existe ou existia, fundado por um Governador, ou não sei por quem de volta de Mazagão, uma cidadella, ou fortaleza, representando em ponto pequeno a dita alcaçova d'aquella cidade. Procurei rapidamente essa curiosidade, uma vez, que de jornada para Leiria poisei naquella villa; mas quer fosse porque já lá não existia, quer fosse porque

eu não interroguei os habitantes do logar, nada achei; laboro na mesma incerteza e duvida.

No livro 34 da *Chancellaria d'El-Rei D. João III* fol. 2. se encontra uma quitação geral passada a João de Castilho até ao anno de 1541, por todos os seus trabalhos durando o reinado passado e o corrente; mencionam-se ahi: o mosteiro de Belem; os palacios da beira mar; varandas, escadaria, capella e aposentos da Rainha viuva D. Caterina; capella do mosteiro de S. Francisco de Lisboa; uma varanda em Santos, e outros trabalhos de menor jaez; portal, janellas, balaustrada no poço; diques na Ribeira para pôr a secco as naus da India; as obras de Thomar: a saber: o côro e o arco grande do templo, a casa do Capitulo, o portal da entrada, as cameras da Rainha; outras coisas insignificantes na mesma villa; e finalmente as suas obras de Alcobaça e da Batalha, etc., etc., etc.

Na Torre do Tombo existe tambem uma carta acerca das obras de Thomar, cuja data não posso verificar, mas creio dever ser a de 1551. Além d'isso varios titulos de pensões e tenças, e entre ellas a de seis moios de trigo ao Mestre das Obras do convento de Thomar por Mercê de 27 de Agosto de 1552, e não 1525, me parece, como se escreveu. Tudo se encontra nos livros de *Chancellaria dos Senhores D. João III e D. Sebastião.*

Estabeleceu-se em Thomar o nosso João de Castilho, e ahi permaneceu bastante tempo gozando da grande reputação que lhe grangearam as suas obras na mesma villa; obras que foram tanto do

agrado d'El-Rei, que o moveram a conceder-lhe como premio o habito de Christo, remuneração altamente honorifica naquellas eras. Em Thomar lhe nasceram alguns de seus filhos; e á estada dos Castilhos nessa villa alludia o celebre João Rodrigues de Sá, quando dizia numa das suas *Quarenta e nove quintilhas aos Brasões das armas das familias de Portugal:*

Em Traz-Miera da Montanha
têm os Castilhos solar
de antes da perda de Hespanha;
depois os trouxe a Thomar
força de fortuna estranha.

No dia 30 de Agosto de 1581 falleceu, depois de uma longa vida laboriosa e agitada, este homem eminente, testemunha presencial e constante das tremendas transformações por que passou a nossa corôa em cerca de oitenta e tantos annos, a nossa corôa, ouriçada de espinhos na dominação austera e feudal do Senhor D. João II, enramada de palmas na aurea quadra feliz e auspiciosa do Senhor D. Manuel, de loiros no reinado litterario, piedoso e ardentemente devoto do Senhor D. João III, caída finalmente das mãos exangues do Senhor D. Sebastião, para das planicies de Alcacer ser levantada pelo ambicioso e tredo D. Philippe.

Tudo isso viu o velho architecto aristocrata das montanhas das Asturias; a tudo isso assistiu. De que preço não seriam as suas memorias, se o es-

copro do artista não tivesse primado sobre a penna do escritor!

Concluiremos, advertindo que um velho manuscrito dá ao fallecimento de João de Castilho o anno de 1580, data visivelmente errada; é essa a da morte do seu bastardo tambem João de Castilho, filho da loiceira de Vizeu, e que foi Escrivão da camara do Senhor D. João III, Escrivão da Fazenda do Senhor D. Sebastião, etc.

Passemos agora sem transição, liquidando verdades d'entre as opiniões variadas que se nos apresentam, á questão que mais directamente nos interessa: a descendencia do velho João de Castilho.

De D. Maria Fernandes de Quintanilha teve os filhos seguintes:

2 **Luiz de Castilho.**—Seguiu a carreira das armas, e foi nella assinalado. Nos capitulos CX e CXII da *Chronica d'El-Rei D. Sebastião* por D. Manuel de Mello, tres vezes encontrei menções honrosas dos seus brios marciaes.

Mataram-no os moiros em Africa no desbarate do grande Luiz de Loureiro em Tangere, estando a servir Commenda com esse illustre Capitão.

3 Antonio de Castilho—que segue.

4 **Pero de Castilho.**—Foi Commendador do Alfange na Ordem de Christo, Procurador da Fazenda na Ilha da Madeira. Serviu de mais a Commenda que seu irmão Luiz de Castilho fôra servir a Africa. Foi casado

com D. Briolanja, ou D. Brites Olanja da Costa, filha de D. Antonio da Costa, de Alpedrinha, e morreu sem geração.

5 **Jorge de Castilho.**—Fez-se corsario. Da sua vida nada mais sei. Diz com toda a ingenuidade o ms. c—1—32 da Bibliotheca Nacional, que á sua custa *fez um navio com que andava a roubar pelo mar*. Achou no mar a sua morte, segundo parece. Diz o ms. c—2—4—: *morreu no mar andando com um navio seu a pelhagem;* e diz o c—2—6: *morreu feito pirata em um navio com que se alevantou.*

O ms. c—1—22—fal-o 5.º filho, e faz-lhe preceder *Miguel*, que é effectivamente o Manuel que segue.

8 **Manuel de Castilho.**—(O ms. c—1—22 chama-lhe Miguel) 4.º filho segundo esse ms., e 5.º segundo os outros. Da sua vida nada me consta. Morreu indo de viagem para a India. (ms. c—1—32—c—2—4—c—2—6).

7 **Fr. Diogo de Castilho**—a quem um autor genealogico (o do ms. c—2—6) reputa bastardo. Foi Monge Cisterciense, do mosteiro de Alcobaça, e natural de Thomar.

Das particularidades da sua vida pouco ou nada pude apurar.

Transcrevo, pedindo licença ao seu autor, o que o illustrado e erudito academico o sr. Innocencio Francisco da Silva diz

ácerca d'este Diogo de Castilho no seu Diccionario:

«Alguns erradamente o julgaram Domi-«nicano, e d'esta opinião é Fr. Pedro Mon-«teiro no seu *Claustro Dominicano* tomo III «pag. 186; porém este autor é sempre mais «que suspeito nas noticias que dá. Quanto «a esta parte, o titulo da obra seguinte re-«solve inquestionavelmente todas as duvi-«das: *Liuro da Origem dos Turcos he de seus «Emperadores. Collegido por ho Padre frei «Diogo de Castilho monge do Moesteiro Dalco-«baça*, 1538.—Este titulo é impresso sobre «uma tarja gravada em madeira, tendo no «centro uma esfera armilar, com as let-«tras *In Deo*. No fim diz: *Impresso em Lou-«vem na Oficina de Mestre Rogero Rescio pu-«blico lector Gregó anno de* 1538 *mez de Agosto* «—4.°—Caracter redondo tendo 90 folhas «sem numeração, das quaes a ultima é «occupada no recto com a subscripção fi-«nal. A obra é dividida em onze capitu-«los, precedida de uma Carta dedicatoria «do autor a Manuel Cirne, Cavalleiro fidalgo «da Casa Real. Termina com a narração «da batalha que El-Rei Luiz de Hungria «teve com o grão turco Solimão, e a to-«mada de Buda. Creio ser esta a primeira «vez—continúa o mesmo sagaz diccionarista—«que d'este rarissimo livro se dá uma «descripção exacta. Todos os bibliographos

«que d'elle têem fallado o fizeram incor-
«rectissimamente, parecendo apostados a
«enredar cada vez mais o ponto. Nicolau
«Antonio e outros enganaram-se, dando-o
«impresso em Lisboa no anno de 1568, e
«descrevendo o titulo em lingua caste-
«lhana; Barbosa acertou quanto á data,
«porém transtornou o titulo (tambem em
«hespanhol) chamando-lhe *Epitome de los*
«*turcos y sus Emperadores*. Isto deu causa
«a que o collector do pseudo-catalogo da
«Academia o não incluisse ahi, pois natu-
«ralmente não conhecendo a obra, e fian-
«do-se na indicação de Barbosa julgou-a
«escrita em lingua castelhana. Porém a
«verdade é ser ella em portuguez mui
«puro, como vi pelo exemplar á face do
«qual fiz a descripção supra, exemplar que
«me foi mostrado por seu possuidor e meu
«antigo amigo o sr. A. J. de Macedo. Este
«o conserva em grande estima, e a meu
«ver com justa razão, pois não me consta
«da existencia de algum outro, ao menos
«em Lisboa, nas livrarias publicas e col-
«lecções particulares de que hei conheci-
«mento. É em realidade uma verdadeira
«preciosidade bibliographica.»

Até aqui o sr. Innocencio.

No tempo de Diogo Barbosa Machado existia um retrato de Diogo de Castilho no dormitorio do convento de Alcobaça, en-

tre os dos varões insignes da Ordem. Na extincção dos conventos em 1834 quem sabe onde o pobre retrato foi parar! No deposito de S. Francisco d'esta cidade não consta que esteja, nem estivesse; nem o *Catalogo* do sr. Barbosa Cannaes o denuncía, nem as pesquizas que fiz na Real Academia de Bellas Artes, e commigo o seu digno Director, m'o depararam.

8 **D. Maria de Castilho.**—Casou com D. Miguel Pereira cognominado—*o Chita*—, filho de D. Alvaro Pereira, e de D. Maria da Cunha (ou D. Maria Pestana) sua mulher, filha de Francisco Pestana, Juiz da balança na Casa da India. Teve do dito D. Miguel Pereira uma filha por nome D. Maria Telles, que casou com Jorge Furtado de Mendoça, Commendador de Loulé, cuja filha D. Luiza de Mendoça veiu depois a casar com seu primo em terceiro grau Jeronymo de Castilho.

D. Maria de Castilho, de quem tratâmos neste artigo, teve, por ser a unica filha de João de Castilho—*o Velho*,—e em attenção aos relevantes meritos de seu Pae, uma tença de 20 mil réis annuaes; por sua morte metade d'essa tença passou a sua filha D. Maria Telles já citada, como consta do livro dos officiaes da Chancellaria, dos annos de 1572, e 1573, folha 139, citado por Damião de Goes no seu livro manuscrito *Memorias para nobiliario*, c—4—23 da Bibliotheca de Lisboa.

9 JOÃO DE CASTILHO—bastardo.—Homem illustre e notavel, a quem alguns para certos effeitos têem, sem o quererem, confundido com seu Pae, e cuja descendencia adiante mencionâmos.

Entremos em capitulo novo.

---

3 ANTONIO DE CASTILHO

Acompanhae-me, para descançarmos, á formosa Coimbra, leitor amigo, á viçosa Coimbra quinhentista.

É além, no viso mais eminente da velha cidade, que hemos de nos ir. Não vedes aquelle edificio magestoso e grave, á direita logo ao sair o Pateo das Escólas, e cuja arrogante e bem traçada frontaria principal corre sobre a rua Larga? Alastra-se-lhe pela frente um amplo terreiro, que não só o nobilita, senão que lhe rasga o variegado e matisado prospecto da casaria a descer costa abaixo, e mais a longe lhe descortina o suave Mondego e os campos, dispartidos em quintas e pomares; tudo tamanho enlevo de olhos por essas tardes de verão, que não ha hi mais ver!

É o sitio esse mesmo; é o Collegio de S. Paulo.

Corre o anno da graça de 1563; e estamos a 2 de Maio. Coimbra no mez de Maio é çafate de boninas a respirar frescura; mas na manhã d'este domingo, tenho que se ergueu mais garrida e mais ufana ainda;—as suas galas cortesãs, o seu

galhardo rumorejar e flammejar de festa m'o denunciaram.

É o caso, que lembrada a Senhora Viuva Regente Dona Caterina de quanto fôra em seu Real Esposo constante e sincero o desejo de ver a cabo esta obra, cuja completa execução lh'a embargou a morte, resolveu sem mais demora mandar prover as primeiras collegiaturas, e mais officios do Collegio, como tudo se póde ver no seu Alvará de 23 de Outubro de 1559. Deu o Cardeal Infante o passo decisivo, adscrevendo rendas sufficientes ao Collegio, além das que este percebia da egreja de S. Mamede de Val de Ermigio, e, por Provisão de 22 de Dezembro de 1562, houve por bem nomear os primeiros Collegiaes.

Recebidas aquellas ordens do Regente, determinou o Reitor da Universidade D. Jorge de Almeida este festivo dia 2 de Maio para a entrada e solemne posse dos agraciados; e eis o porque tanto reboliço e tanto alvoroço vimos esta manhã na pacifica e senhoril rainha do Mondego. Vamos pois assistir de corpo presente a essa tal ceremonia mui para ver.

Tangem os campanarios e as charamelas, tremolam bandeiras e festões, corre ao alto edificio tudo o que povoa e illustra a lusa Athenas: os monges, o clero, o povo apinham as avenidas paramentadas e areadas em som de festa.

Entrae-me na Capella do Collegio de S. Paulo! que viçosa, e que enflorada! é a noiva do dia. O tecto de madeira brilha com as Armas Reaes pintadas e doiradas, e sustenta-se gracioso nas suas

seis ligeiras e formosas columnas, que dão como ares de tres naves ao templosinho. Os altares da Conceição e de Santa Izabel avergam de palmitos e ramilhetes.

Gente a não caber mais; os cento e dez palmos de fundo sobre os trinta e seis de largo parecem nada. E na capella mór a severa e marmorea imagem do Apostolo das gentes, S. Paulo, dissereil-a animada agora de estranha luz e estranha vida ao bruxulear dos lampadarios, e ao clarão das gelosias.

Vai dar principio a ceremonia. Avultam sentados em assentos rasos na Capella mór o Reitor da Universidade D. Jorge em vestes talares e doutoraes; e por sua ordem e precedencias todos os Doutores de todas as faculdades com o apparato das suas insignias de varios matizes e padrões. Seguem-lhes abaixo o Conservador e officiaes da Universidade, os fidalgos de Coimbra e das cercanias, e as Justiças d'El-Rei. Nos degraus do cruzeiro vemos sentados, segundo a precedencia de sua antiguidade, os Collegiaes, todos com suas becas verdes sobre lobas pardas mui gamenhos e compostos; a saber:

O Bacharel Ayres da Silva — depois Bispo do Porto;

O Doutor Ignacio Dias — depois Conego e Lente;

O Doutor D. Affonso de Castellobranco — que veiu a ser Bispo do Algarve e de Coimbra, e Viso-Rei de Portugal;

O Doutor Lourenço Mourão Homem — que foi Dezembargador do Paço e Arcediago;

O Doutor Ruy de Sousa—Dezembargador;
O Doutor Ruy Brandão—Dezembargador e Juiz;
O Bacharel Rodrigo Ayres Monteiro—Dezembargador;
O Licenciado Antonio Salema—Dezembargador e Capitão (ou Governador) do Rio de Janeiro;
O Doutor Antonio de Castilho—que chegou a ser do Conselho d'El-Rei, Chronista Mor, e Embaixador;
e finalmente
Manuel Cardim—que serviu como Cirurgião Mor do Reino.

Todos graves e recolhidos, como cumpre á ceremonia, e aos Doutores; e com elles mais o Porcionista Pedro Lourenço de Tavora.

Officia o Padre Mestre Fr. Diogo de Moraes, da Ordem dos Prégadores, e Lente da Universidade. Corre a festa ao som dos mui suaves cantos de vozes e instrumentos de mui finos tangeres; e com o incenso dos altares sobem aos pés do Senhor os votos de todo o povo. Prega a voz erudita de outro Lente, o Doutor Paulo de Palacio.

Acabada a Missa, desceu do seu logar o Secretario da Universidade, que a esse tempo fazia de Mestre de Ceremonias, e feitas as venias, tomou com ademanes de cortezia a Ayres da Silva, e Antonio de Castilho e aos mais, e levando-os, um por um, aos tres degraus de pedra da Capella Mor, ahi lhes recebeu sobre os Santos Evangelhos o juramento, que em voz intelligivel proferiram, como ordenam os estatutos.

Antonio de Castilho! mas quem é este homem? Eu vol-o digo.

Deu-lhe o berço, dizem, a alegre villa de Thomar; deu-lhe o nome o homem illustre de quem fallámos no capitulo supra. É o filho de João de Castilho; é o homem que desde os mais tenros annos manifestou o talento das lettras, que depois o havia de estremar com tanto luzimento; é já Doutor em Leis na Universidade de Coimbra. Vedel-o ahi sentado entre os Collegiaes de S. Paulo, e em pouco o vereis elevado ao cumulo das honras.

De Antonio de Castilho dizia meu Pae na 1.ª edição d'este livro:

«Confesso que sinto particular satisfação em «escrever esta nota, mais endereçada a meus fi«lhos, do que ao publico. Vou-lhes fallar de um «antigo benemerito, cuja gloria, não só por de «conterraneo, senão tambem por nome e sangue, «lhes pertence. Impõem os nomes presados um «grande encargo de merecimentos; esse lhes vou «eu lançar nestas linhas; oxalá que nenhum d'el«les lhe furte os hombros. Não são brasões mi«litares (hoje inuteis); não são fidalguias nascidas «da fortuna ou de affeições palacianas, que lhes «eu quero apontar; são merecimentos pessoaes, «ganhados a poder de bom estudo e honrada vi«da, mais de certo no aposento, que nas anteca«meras, mais no silencio do retiro, que no tu«multo arriscado dos successos; meritos, em sum«ma, que é bom trazer sempre diante dos olhos;

«pois todos, só com o proprio querer, os pódem, «mais ou menos, conseguir.»

E logo adiante:

«Filho era o Doutor Antonio de Castilho para «afamar o Pae, se este por seu engenho, applica- «ção e trabalho o não houvera feito.»

Investiguemos a vida d'aquelle litterato illustre.

Como Collegial do Collegio de S. Paulo se conservou Antonio de Castilho, segundo D. José Barbosa, até Março de 1565.

Exerceu tres annos o magisterio na Faculdade de Leis da mesma Universidade, diz um manuscrito, mas creio que sem fundamento; Barbosa tambem lhe chama Lente. Depois, foi elevado ao cargo de Dezembargador da Casa da Supplicação em 21 de Novembro de 1566; sendo sempre, como diz o mesmo Barbosa Machado,—«a justiça o «norte por onde regulava as suas doutas delibe- «rações, de que procedia o universal respeito com «que era venerada a sua incomparavel inteire- «za!»

Tinha o seu assento este respeitavel tribunal no edificio que primeiramente foi Paço dos nossos Reis em Lisboa, depois casa da Moeda, depois outra vez a habitação régia dos *Paços da Moeda*, posteriormente morada das Commendadeiras de Santiago, e que, passando depois d'isso a Casa da Supplicação e cadêa, vemos hoje em dia ser a prisão do *Limoeiro;* sitio esse altamente histori-

co, e onde, como é sabido, se passára a lamentosa tragedia do Conde Andeiro e do Mestre de Aviz.

Foi Antonio de Castilho a primeira pessoa a quem El-Rei D. João III deu depois de Rei o habito de Aviz, com a commenda de Moura.

Foi mais do Conselho d'El-Rei D. Sebastião, e seu Enviado ou Embaixador junto á Côrte de Inglaterra. Exerceu esse ministerio «com tanta pru«dencia—diz o precitado Barbosa—que voltando «para o Reino instruido nas linguas mais pulidas «da Europa, sendo, por testemunho do celebre an«tiquario Manuel Severim de Faria no prologo ás «*Noticias de Portugal*, o mais puro e elegante na «portugueza, que elle conhecéra, foi nomeado «Guarda Mor da Torre do Tombo.» etc.

Foi de volta d'essa missão, e em premio do modo porque se desempenhou d'ella, nomeado effectivamente Guarda Mor do Real Archivo da Torre do Tombo, por alvará de 16 de Fevereiro de 1571, com o ordenado de 100$000 réis afóra os emolumentos. Foi o 12.º Guarda Mor, e succedeu a Damião de Goes, depois do tempo em que este ali esteve algum tempo de serventuario no impedimento de Ruy de Pina.

Serviu no mesmo cargo, em ausencia do Doutor Antonio de Castilho, Rodrigo Homem, desde 1591; em 1596 porém, já achâmos a Rodrigo Homem provido de propriedade.

Fr. Manuel de Figueiredo põe em duvida que o Doutor Castilho tivesse jamais exercido o Officio de Chronista Mor, como se póde ver a pag.

12 da sua *Dissertação Historica e Critica para apurar o Catalogo dos Chronistas Mores.*—Manoel Severim de Faria, Barbosa Machado porém, e outros, attribuem ao Doutor Antonio de Castilho o exercicio d'aquelle cargo.

Era nesse tempo o Archivo Real da Torre do Tombo collocado no castello de S. Jorge, ou antes no Paço da Alcaçova.

Foi tambem Antonio de Castilho Moço Fidalgo da Casa Real e Alcaide Mor de Mora.

Casou com D. Luiza Coutinha, filha de Antonio Coutinho e de D. Maria (ou Inacia) de Lima, e neta de Luiz Coutinho, neto por sua mãe do primeiro Conde de Marialva D. Vasco Fernandes Coutinho, Marechal em tempo d'El-Rei D. Affonso V, e de sua mulher Dona Maria de Sousa; Conde e Condessa ambos sepultados no mosteiro de Salzedas; elle com o lettreiro seguinte:—*Aqui jaz o mui nobre e esforçado Dom Vasco Coutinho, Marichal de Portugal, e primeiro Conde de Marialua, falleceu na era de mil quatrocentos e cincoenta.*—A Condessa com a seguinte inscripção:—*Aqui jaz a muy nobre e virtuosa Dona Maria de Sousa Molher que foy do dito Conde. Finouse na era de mil e quatrocentos e setenta e dois.*

As obras litterarias do Doutor Antonio de Castilho parece que se perderam na sua maioria; só duas restam; oiçamos a relação que d'ellas faz o mestre d'estes assumptos, o já citado sr. Innocencio da Silva:

—1.°—

Commentario do Cerco de Goa e Chaul no anno de M.D.LXX. Viso Rey Dom Luis de Ataide, scripto por Antonio de Castilho... por mandado delRey nosso Senhor. Em Lisboa M.D.LXXIII. Impresso em casa de Antonio Gonçalves. Com licença da Mesa Geral do Sancto Officio. Com Previlegio Real. 8.°—«Consta «de 48 folhas numeradas só na frente. A impressão «é feita em caracteres italicos ou grifos. É muito «rara esta edição, da qual existem exemplares na «Bibliotheca Real da Ajuda e na livraria do Ar«chivo Nacional.»

Reimprimiu-se com o titulo seguinte:

Commentario do cerco de Goa, e Chaul, No Anno de 1570. *Sendo Viso-Rey D. Luis de Ataide Escripto por Antonio de Castilho, Guarda mór da Torre do Tombo. Por mandado d'El-Rey nosso Senhor. E agora novamente reimpresso por Lucas da Sylva de Aguiar Mercador de Livros.—Lisboa occidental, na officina Joaquiniana da Muzica—MDCCXXXVI—Com todas as licenças necessarias.—*

4.° de 32 paginas.—Esta mesma edição, de que vi um exemplar na Bibliotheca publica, é hoje rara.

Toda esta descripção narrativa do Cerco de Goa é, como litteratura, uma verdadeira preciosidade O estilo é muito claro e correntio, o que

nem sempre se dá nos classicos; a linguagem, purissima, pittoresca, e energica. Perfeito o conhecimento dos logares, e as descripções muito animadas e salientes. A mão que traçou taes linhas não é a mão inexperiente do bisonho das lettras; é a mão assente e aguerrida do escritor consumado.

A edição vem porém crivada de innumeraveis erros typographicos, de syntaxe, e sobre tudo de pontuação. Bom seria tentar-se uma nova edição, correcta e expurgada, d'esta obra em que se vê que seu autor se desvelára e se empenhava. Basta ouvir as palavras com que no principio do livro 2.º elle falla do cerco de Chaul flagellada pelas armas do Nisamaluco:

«Posso affirmar—diz elle—ser mais pesada e «mais para lembrar esta empreza, que quantas «succederam no mundo depois que os homens «tomaram armas na mão.»

Concluindo, citaremos ao acaso o bonito fragmento narrativo e descriptivo, que principia a pag. 13: «Jaz no meyo do rio, que dissemos apartar Goa da terra firme abaixo de Benestarim contra a barra do sul a lisira do Guarda Mor.» etc. Enviâmos ao original o leitor curioso. Narra-se ahi uma furiosa excursão e mallograda correria de Soleimão Agar contra os nossos, frustrada por Antonio Rodrigues de Gamboa, e D. Lourenço de Almeida.

Lembremos agora os versos com que a pagi-

na 15 do seu *Archiathenæum Lusitanum, sive Regale Collegium Conimbricense — Ulyssipone — apud Josephum Antonium da Sylva, Regiæ Academiæ* — faz D. José Barbosa distincta menção de Antonio de Castilho; eil-os:

Proferet illa vetus Castilho Nabantia, Goæ
Aggere, qui cinctas arces simul atque Ciauli
Conscribet, partosque immani ex hoste triumphos.
Archivo præfectus erit quod publica servat
Scripta, Brittannorum accedet Legatus ad Aulam.

— 2.° —

Existe mais do Doutor Antonio de Castilho:

Elogio d'El-Rei D. João de Portugal, terceiro do nome. — «Nunca se publicou em separado — diz o sr. Innocencio. — «Saiu a primeira vez com as *Noticias de Portugal* por Manuel Severim de Faria. «Lisboa na officina Craesbeeckiana, 1655, folio (edição de que J. A. Salgado na sua *Bibliotheca Lusitana escolhida*, pag. 6, quiz fazer duas diversas, com a conjuncção *e* que ahi introduziu indevidamente, interpretando mal o que lera em Barbosa). Anda tambem na segunda edição das mesmas *Noticias* — Lisboa — por Antonio Isidoro da Fonseca, 1740, folio. — E com os *Panegyricos* de João de Barros — Lisboa — por Antonio Gomes, 1791 — 8.°»

Convem lembrar e transcrever aqui o que nas *Noticias chronologicas da Universidade* de Coimbra

insertas nas *Memorias da Academia Real de Historia* se corrige e discute acerca de alguns periodos da obra de Antonio de Castilho *Elogio d'El-Rei D. João III;*

Diz assim o autor no §

1003—..... «No *Elogio d'El-Rei D. João III,* que «anda impresso, composto pelo Chronista Mor «Antonio de Castilho, e dado á luz pelo Chantre «Manuel Severim de Faria, com as suas *Noticias «de Portugal*—Discurso 8.°—se lê a pag. 292 que «El-Rei D. Manuel fallecêra no anno de 1521 a «17 dias de Dezembro, o que é erro, mas erro «de impressão, e não do dito Chronista Mor.»

E logo adiante, no §

1004—«A El-Rei D. Manuel succedeu no thro-«no seu filho El-Rei D. João o III, havido de sua «segunda mulher a Rainha Dona Maria, o qual «lhe nasceu nos Paços da Alcaçova de Lisboa, em «uma segunda feira, seis de Junho, do anno de «1502, e foi Dominical a lettra *B*, e supposto que «no mencionado *Elogio* de Antonio de Castilho, «Chronista Mor, a pag. 291, tambem se leia que «nasceu no anno de Christo Nosso Senhor de «1511 a 6 de Junho, é outrosim erro de impres-«são que devia proceder de estar no original «o anno escrito parte por lettra e parte por nu-«mero romano, e não por algarismo; nesta for-

«ma, ao que entendo: mil quinhentos e II, e o «numero do fim sendo dois se tomou por onze.»

O *Catalogo dos Collegiaes de S. Paulo* do já mencionado D. José Barbosa, assigna ao mesmo Castilho outro livro inedito:

—3.°—

Fragmentos das Chronicas dos Reis D. João o III e D. Sebastião—e diz terem sido levados esses manuscritos a Castella, e terem la ficado; curiosissimo seria se do fundo de algum empoeirado cartorio castelhano saíam ainda alguma vez esses respeitaveis fragmentos.

Diogo Barbosa chega a citar o começo d'esta perdida Chronica; rezam assim as primeiras linhas:—«Prometteu Antonio Pinheiro, Bispo de «Leyria, escrever as cousas que sucederão em Por«tugal na paz, e na guerra no tempo d'El-Rei «D. João III, que depois lhe fizerão outros cui«dados mudar o Concelho.»

Falla do illustre D. Antonio Pinheiro, Bispo de Leiria em 1579, e Chronista Mor.

Diz a respeito d'aquelle livro o mesmo Barbosa:

«Introduz o autor esta Chronica pela fundação «e nome de Portugal, e seus primeiros Reis, até «summariamente chegar ao Reinado d'El-Rei D. «João o III. O Licenciado Francisco Galvão na «sua *Bibl. Lusit.* ms.—accrescenta elle—affirma,

«como eu nella li, que tinha visto quinze folhas «d'esta Chronica, que chegava ao tempo das con- «troversias que tiveram na India Pedro Mascare- «nhas e Lopo Vaz de Sampaio.»

Outra obra mais se dá geralmente ao Doutor Antonio de Castilho, e vem a ser:

—4.°—

Tratado do perfeito Secretario:

Na obra supracitada de Francisco Galvão, se diz que em seu poder a conservava nesse tempo Diogo de Castilho, filho do Poeta. Hoje não sei que é feito d'ella.

Para nada omittirmos, mencionemos o Auto famoso, que finalmente lhe foi attribuido em ar de gracejo nos nossos dias por um mestre da lingua, engano hoje felizmente deslindado. Na utilissima obra do sr. Innocencio pódem os curiosos ler a narração interessante do que se deu com o sr. José Maria da Costa e Silva no seu *Ensaio*, adjudicando ingenuamente ao Antonio de Castilho quinhentista o *Auto da Boa Estrêa*, que perante El-Rei D. Sebastião se representa no 2.° acto d'este drama *Camões*. Essa historiuncula tem neste mesmo livro sua particular menção.

Quem fosse como escritor o grande Antonio

de Castilho dizem-no até certo ponto essas poucas de suas obras que chegaram até nós, e dizem-no com mais eloquencia ainda aquellas mesmas que se perderam, se dermos credito aos gabos constantes que de seu talento pregoam os seus contemporaneos.

Distinguem-se ainda assim entre todos Diogo Bernardes, e o severo e horaciano Ferreira, que certamente não eram homens para dispensarem os encomios de suas autorisadas liras a quem d'elles não fosse reputado condigno pela fama publica.

Diogo Bernardes nas suas *Rimas varias* eleva ás nuvens o nome de Castilho; oiçamol-o:

Ao Doutor

ANTONIO DE CASTILHO

(Soneto XCVIII)

Castilho, alto Castilho, levantado
no cume do Parnaso por tal arte,
que nem do tempo temes, nem de Marte,
as forças, que têm tantos derrubado;

Febo, por seu tisouro ter guardado,
tal quiz ao som da lira fabricar-te;
e dentro o póz de ti, de ti os reparte,
commigo não, com que tem milhor fado.

Os mirtos, onde crecem mais seguros,

os verdes loiros, onde mais s'estendem,
senão dentro dos teus fermosos muros?

Em ti as brandas Musas se defendem
da guerra, que lhes fazem peitos duros,
que d'ellas, e d'amor mui pouco entendem.

O soneto CXIX das mesmas *Rimas* menciona tambem com alto louvor a Antonio de Castilho; eil-o:

Crecei, novos loireiros, pois as bellas
Ninfas d'este meu Lima vos plantaram;
as vossas verdes ramas, que alcançaram
um dom tamanho, subam ás estrellas.

Não temam ventos, neves, nem aquellas
settas, que para Jove se formaram,
que os Ceos (que tudo pódem) ordenaram
que fossem para sempre livres d'ellas.

Tanto crecei aqui nesta ribeira,
que mui cedo comvosco Febo possa
coroar quatro espritos, que amo tanto:

dois Andrades, Castilho e um Ferreira,
gloria das nove irmãs, honra da nossa
lingua, que s'enriquece com seu canto.

Não vem descabida neste logar a Carta XIV do *Lima* do mesmo Bernardes. Eil-a:

Ja com muita razão Castilho pede
que quebre este silencio um amor puro,
o qual esta licença me concede.

Tomo a penna na mão, muito seguro,
que sei que me lerás com tal pureza,
que fique claro este meu verso escuro.

Um esprito gentil a quem despreza?
Quando a bondade sente d'outro esprito,
não mostra então mais sua gentileza?

Mil vezes a mim cá me tenho dito:
que cuidará de mim o bom Castilho
que tanto ha que lhe não tenho escrito?

Se cuidas porventura que inda o filho
da branda Citharea me sogiga,
que me desculpes não me maravilho.

Mas nesta parte já a sua antiga
virtude em mim renova o claro Lima,
que de coisas passadas desobriga.

A Ninfa, que cantei em doce rima,
já (dando ao Hymeneu consentimento)
não de amor, de interesse fez estima.

Declaro em sós dois versos meu intento:
digo que de tardar a culpa teve
o nosso começado fundamento.

Quando parti de lá, lembrar-te deve
que ficou o Senhor do nosso Gouro
de me mandar chamar em tempo breve.

Logo, como quem corre a um grão tesoiro,
em vendo seu recado, atraz deixava
a terra a que dá nome o Minho e o Douro.

Naquelles verdes campos não parava
do rio onde formosa Magdalena
cabellos loiros e alvo rosto lava.

Aqui pudera mais soltar a penna;
mas sempre espreita Amor, (por mim o vejo)
e novo mal num bem passado ordena.

Emfim que té chegar lá onde o Tejo
com aguas de Neptuno se mistura
nem descançára o pé, nem o desejo;

mas já que tal não foi minha ventura
que visse o que esperava, perdoa o erro,
e o descuido lá, se pódes, cura.

Se não, no voluntario meu desterro
a vida acabarei, já que naci
em edade cruel, triste, e de ferro!

Assi que se d'um *não*, depois d'um *si*
Gouro me não quer dar o desengano
porque m'o dês t'o póde dar a ti;

que ja me corro e canço de anno em anno
andar de umas em outras esperanças,
as quaes todas acabam em meu dano.

Póde ser maior graça; que as mudanças
do Governo, e de Officios d'essa terra
tambem me vão a mim pôr em balanças.

Não é meu natural o valle, e a serra,
o rio, o bosque, o monte, o verde prado,
onde não ha cubiça, onde não ha guerra?

Não pretendi eu sempre em socegado
ocio ouvir as brandas Irmãs nove,
cantar ora o presente, ora o passado?

Se posso lograr isto, que me move
a querer contrastar com minha sorte,
que não consente que outra vida prove?

Dirás que tudo vença um peito forte,
dirás que nunca deu a molle vida
nome que dure mais depois da morte.

Que são razões mui claras quem duvida?
mas que queres, Castilho, que mais faça?
não tens tu a verdade bem sabida?

Os versos, que por meus andam na praça,
se os o rico lê, não me conhece;
o pobre, que aproveita se me abraça?

Quando cuido que acaba, então mais crece
a causa de queixar-me; mas de quem?
do tempo só, que mal me favorece.

Os que pódem dirão que conta tem
com meus queixumes, que lhes não dá nada,
quer louvores lhes dêm, quer lh'os não dêm.

Eis logo esta razão sua approvada
do nescio ou lisongeiro; eis logo a minha,
inda que melhor seja, condemnada.

Não olham que Alexandre inveja tinha,
não dos feitos de Achilles, mas de Homero,
porque d'elle cantou como convinha.

Se os escritores não culparam Nero
quem pudera saber sua crueldade?
Eneas póde ser que foi mais fero.

Das Musas o rigor ou amizade
de fama escura ou clara nos faz dinos,
ou seja com mentira, ou com verdade.

Ô ditosos espritos peregrinos,
quem vos não ama, e teme, não entende
que podeis dos mortaes fazer divinos.

Com força que do tempo se defende
uns pondes no inferno, outros no ceo;
o vosso poder só tanto se estende.

Que mais á poesia mereceu
Jupiter que Plutão! eram irmãos;
vejam onde um subiu, outro deceu!

A causa d'isto foi ter largas mãos
o que ficou acima dos Planetas;
o outro tinha os dedos mais villãos.

Dissera maravilhas dos Poetas
a muito pouca custa da memoria;
mas pera qué, pois te não são secretas?

Pesa-me não poder em nova historia
dos Lusitanos Reis a origem clara,
levar ao templo da immortal memoria.

Não por falta d'engenho e invenção rara,
estilo e arte, que Febo em tal sugeito
desusados conceitos m' inspirára.

Mas sabes de que nace este defeito
de não ver neste tempo um novo Augusto,
a quem tão bom trabalho seja aceito;

logo necessario é, não digo justo,
negar-me a meu desejo, por buscar
coisa que á pobre vida faça o custo.

O mais fuja de mim; levem ao mar
os seus tesouros Tejo, Hermo, e Patollo;
quem não cubiça é bom de contentar.

O Principe ao Poeta é o seu Apollo;
as suas azas são gosto e favor;
co'estas voará do Pollo a Pollo.

A quem isto fallece, é-lhe milhor
em tão grão mar não dar ao vento vellas;
antes sem fama fique, e sem louvor.

Do que toca a mim, só duas novellas,
inda que mui vulgares, contarei;
se as não queres ler passa por ellas.

Ah! quanto s'aventura (isto direi
primeiro) quem escreve sem receio,
fazendo de si mesmo sua lei!

Tenho-te por amigo, e temo, e creio,
que já meus versos lês com pesadume;
isto julgo de ti pelo que leio.

Que mil vezes (tal é nosso costume
ou nossa natureza) o bom me cança,
outras lerei do mau um grão volume.

Ha coisa nesta vida sem mudança?
Porventura a vontade: qual é folha
leve que mais ao som do vento dança?

Quem não quizer errar, antes escolha
calar; ou, se fallar, vá sobre aviso
que sempre com bom tempo se recolha.

Mas hu me leva a mim meu pouco ciso?
Não vejo que da regra, que estou dando
tão desviado vou? que grande riso!

Emfim ás duas fabulas tornando,
ou tenha nellas graça, ou seja frio,
irei quanto puder abreviando.

Um cão passando um dia por um rio
de cristalinas aguas e correntes,
(devia, por razão, de ser no estio)

d'um osso duro qu'entre os duros dentes
levava atravessado, a sombra viu
naquellas frescas aguas transparentes.

Cuidando o outro mór, a boca abriu;
e, por querer tomar a preza vã,
a certa na corrente lhe caiu.

Mas que me dirás tu d'aquella rã
que vendo o boi no prado andar pascendo
chamou uma filha sua ou sua irmã.

E disse-lhe:—eu espero, se m'estendo,
de ser tamanha como este animal;
e começou d'inchar, e foi crecendo.

Amiga, inchares muito pouco val
(respondeu a que veiu) certa estou
que não lhe podes nunca ser egual.

A doida, da resposta não curou;
antes inchou com tanta força, tanto,
que não cabendo em si arrebentou.

As outras, em logar de fazer pranto,
riram da presumpção d'esta sandia.
De rirem e zombarem não me espanto.

Além de ser costume, merecia
tamanha vaidade, qual foi esta,
fazerem d'ella grande zombaria.

Já te vejo, Castilho, fazer festa
vendo que pouco tempo te detive
na fabula passada e pouco nesta.

O fundamento d'ambas, s'algum tive,
a teu juizo o deixo; mais não digo;
vive, Castilho meu, felice vive,
o Ceo seja cortez sempre comtigo.

Tambem o memorou na sua peça poetica intitulada—*De suo ex Ebora discessu—Anno* 1577—o erudito e puro latinista Diogo Mendes de Vasconcellos,

.....*quem docuit longa experientia rerum.*

«Queixavam-se, diz elle (em versos latinos) ami-«gos e parentes, de que eu antepozesse aos praze-«res e estudos da côrte os ermos rusticos da mi-«nha terra; e accrescenta:

Desinat ergo piis vestra indulgere querelis
Pagina, nec verbis absentem pulset amaris,
O mihi Thesæo, junctissima pectora, nodo,
Pectora Cecropiæ studiis addicta Minervæ,
Optime Castilli: &.....
En adsum, victusque manus do.... &..

Para não omittir tambem o voto poetico do Doutor Antonio Ferreira, eminentemente apreciavel nestas materias, aqui apresento a sua carta ao Doutor Antonio de Castilho. *Concebida*—diz o Catalogo do *Diccionario da Academia Real das Sciencias*—*nos termos da maior estimação, basta só para se formar do seu merecimento* (o do elogiado) *o conceito mais vantajoso. Critico, Poeta, Historiador, Philosopho, são os titulos com que nol-o representa quem com tanta intelligencia e madureza sabia perfeitamente apreciar o valor das coisas e dos homens.*

Tenho eu para mim que por algum successo desconhecido, quer fossem magoas, quer amores, que tambem são magoas, apartado o bom Castilho ahi sabe Deus para onde, nalguma *Tibur* solitaria e meditabunda, nalguma sua copada e remançosa *floresta de seis arvores*, em Lisboa, ou em Thomar, ou em Coimbra (fosse onde fosse), emboscado nalgum recanto silvestre, convidativo para as Musas, e só não ermo de inspiração, o foram colher por uma formosa tarde de tristuras estas lettras do amigo ausente e saudoso:

Que pensarei que fazes lá escondido,
d'onde me não vem prosa nem vem rima?

E entrevejo ao cantor assumpto d'estes versos, como a cigarra de Anacreonte aninhado na sua Thebaida virente e funda, alheado ao seu mundo, á côrte, ás galas, saboreando no delicioso crepusculo da melancolia a sua inofensiva ociosidade. A penna official, essa dorme descuidosa na velha escrevaninha do Chronista Mor; e até a sonorosa lira poisa muda e descança aos pés do seu poeta.

Nestes termos, veiu a carta do Doutor Antonio Ferreira como um chamamento, como um brado, como uma exhortação. Oiçamol-o:

Castilho, de meus versos douta lima,
que cuidarei que fazes lá escondido,
d'onde me não vem prosa nem vem rima?

Trabalhas porventura que vencido
fique o grã Ferrarez no doce canto
té qui com tanto gosto e fama lido?

Ou num alto sagrado bosque e santo
andas quieto, enchendo o peito puro
do que socega o esprito, e vence o espanto;

colhendo de mil flores o maduro
fruito, que alma sustenta, e no perigo
te ensina poder sempre estar seguro?

Eu te conheço, bom esprito, imigo
naturalmente de ocio, só de gloria,
só de virtude e de saber amigo.

Quando será que eu veja a clara historia
do nome portuguez por ti entoada,
que vença da alta Roma a grã memoria?

Não me foi dado esprito, não foi dada
igual boca ao grã canto. Bom desejo
não basta; a ti a alta empreza está guardada.

D'esse santo socego em que te vejo,
d'esse tão raro esprito olha as grandezas,
que o Mundo espera, e eu já ver desejo.

Abre já, meu Castilho, essas riquezas,
que tanto ha já que em ti Febo entesoura;
solta o grã Rio, farta mil pobrezas.

Assi consentirás, cruel, que moura
teu nome, e d'esse esprito o claro lume?
assi a c'roa que te Febo enloura?

Quanta arma, quanto sangue nos consume
o silencio cruel! terror e medo
n'Africa ao Mouro, n'Asia ao bravo Rume.

Tu, Castilho, tu lá, ocioso e quedo
vencerás de mil mundos os espaços,
por onde voarás, se queres, cedo.

Solto de vãos desejos, de vãos laços,
o bom esprito dentro em si só posto
mais largo viverá, que em largos paços.

A todo tempo terá sempre um rosto,
não turvará sua paz nenhũa guerra,
nenhũa mudança danará seu gosto.

Ditoso aquelle que em si só se encerra,
e estimando o tesouro que em si tem,
pisa soberbamente toda a terra.

Sempre o dia pior é o que vem.
Comece de viver á primeira hora
quem puder, e a quem Deus quiz tanto bem.

Em quanto um ri, em quanto cá outro chora,
passa a vida; lá o tempo todo é teu;
logra-o, e tua sorte ama, e a Deus adora;
que tantos e taes dões te concedeu.

Respira todo este fragmento amigavel cortezania, rasgado elogio convicto e sincero; pois não respira?

Seria renitencia contumaz ás instancias de Ferreira, a não publicação das obras de Castilho?

Solta o grão rio, farta mil pobrezas

lhe supplicava aquelle. Porque se não demoveu do seu proposito de silencio? Quem lhe vedou que vencesse

.....da alta Roma a grã memoria

cantando a augusta fama

do nome portuguez?.....

E seria só lembrança e mero conselho do cantor da linda Castro ao Doutor Castilho, aquelle de o incitar a escrever a historia de Portugal, ou alludiria a alguma obra inedita e hoje perdida, como os taes fragmentos da sua *Chronica d'El-Rei D. João III*, e cujo assumpto fossem de feito as glorias *do nome portuguez?* O genero dos escritos que existem do illustre Guarda Mor da Torre do Tombo me fazem acceitar esta segunda hypothese.

Não passemos sem reparo pelo verso:

Trabalhas porventura que vencido
fique o grão Ferrarez.....

Allude visivelmente ao Ariosto, *o grão Ferrarez*, o protegido illustre da casa de Ferrara, o poeta cuja immensa reputação já então posthuma, porém continuação da que o acompanhára em vida, dominava sem rival, nem presentia de longe o cantor da *Jerusalem*, que tambem pouco tardou que surgisse no firmamento litterario. E não parece revelar este terceto que andasse Castilho com alguma epopeia entre mãos, do genero da do grande epico italiano, epopeia não concluida, por desventura, e perdida para nós?

A influencia ardente da formosa e esplendida terra de Italia, ainda a mesma Italia do reinado do Pericles Pontificio, e centro de luz para toda a Europa, sente-se nesses versos; e é curioso, mas não estranhavel, o ver como logo se lembrou de italiano, e o citou com enthusiasmo, quem foi, como Ferreira, nada menos que verdadeiro e me-

lhor continuador da missão regeneradora de Francisco de Sá de Miranda, se não foi o inaugurador da grande escola chamada italiana, que se levantou sobre a esquecida dos trovadores, fenecida em Bernardim Ribeiro e Gil Vicente.

Mas que vago misterio anda em tudo isto? e quando logrará a critica litteraria descortinar a pleno e sem interrogações conjecturaes o vulto d'este cortezão, d'este embaixador, d'este poeta?! Nunca talvez.

Hoje, emquanto um acaso providencial nos não deparar algum fragmento das obras poeticas do decantado e enigmatico escritor, resta-nos sómente lamentar com sentimento profundissimo os maus fados litterarios, que mais esta gloria nos roubaram.

Para mim tenho eu que o fallecimento do nosso poeta deveu acontecer pelo anno de 1596, attendendo a que é nesse anno que se lhe substitue um successor na lista dos Guardas Mores.

Tal foi, como vol-o disse, e como vol-o cantaram, o Doutor Antonio de Castilho. Festejado das liras contemporaneas, elevado aos fastigios do renome e do saber, ouvi como o pranto dos bandolins o acompanhou constante á sua morada ultima.

É o religioso e crente Diogo Bernardes quem vai cantar; escutemol-o ao pé do feretro. No seu soneto CXL, com muitas lagrimas deplora a musa da elegia a morte do grande Castilho, e rompe com desalento funebre nestas sentidas queixas:

O bom Castilho, onde guardava o Ceo
quanto na terra tem em maior conta,
a morte o derrubou, não tendo conta
com quanto dentro nelle se perdeu.

Mas, inda que caiu, a fama ergueu
tanto seu claro nome, que desconta
a dor que nos deixou, e a grande affronta
que Febo e o mundo todo recebeu.

Comtudo (e d'isto não me maravilho)
as brandas Musas vendo o duro caso,
de Lusitania logo se partiram;

tornaram a morar no seu Parnaso,
sentidas de perder tão bom Castilho,
e lá por elle choram, lá suspiram.

Pobre Castilho! é sim morrer duas vezes não poder testar aos seculos; sentir na mente o bronze fundido das obras eternas, e ser como a turba ignara dos que mofam da poesia! não saber vazar tal bronze no molde das estrofes, da ode, da epopeia; ser o estatuario impotente de maravilhas imaginarias, e não legar a essas maravilhas um nome, e a immortalidade!

Mas quando, a custo de acerbas vigilias, em troca de longas horas de incerteza e de luta, a idéa se tornou poema, a idéa appareceu formosa e nua como a Aphrodite nas ondas de Cythéra, e assumiu as azas brancas que a vão subir aos ceos, então é morrer mil vezes, é ser mil vezes es-

pedaçado ver ou presentir que o sopro do tempo, a incuria, ou a fatalidade tem de aniquilar numa hora infeliz vinte seculos de pensamento, de trabalho, e de genio.

Isso devêras de o entender, meu poeta, se nalguma hora de inspiração calorosa, entre as delicias e o enlevo do compor, te espraiaste porventura alguma vez, por uma visão intima, por uma d'essas revelações espontaneas do talento, na meditação da duração das tuas obras, e anteviste que tres seculos depois, uma voz obscura, a minha, havia de estar a evocar-te d'entre as sombras do olvido, sem que ao seu chamamento nada mais respondesse que o silencio dos tumulos.

A descendencia do grande Antonio de Castilho foi como segue:

10 **Manuel de Castilho.**—Morreu muito moço. Alguns até o omittem.

11 DIOGO DE CASTILHO COUTINHO—que segue. Foi chamado nas Chronicas —*o Negro.*—

12 **D. Antonia de Castilho,** ou **D. Antonia Coutinho,**—segundo o c—2—4. Casou com Miguel Paes da Veiga, filho de Antonio Paes da Veiga, de Guimarães, e de D. Joanna de Mello, filha de Gaspar de Mello de Sam Paio, abbade de Pombeiro; esta qualificação atribue-lh'a o c—2—6.

13 **D. Caterina Coutinho.**—Foi a segunda mulher de D. Rodrigo Lobo, general da armada. Não teve filhos. Esta senhora é omittida pelo c—2—6.

14 **D. Maria de Castilho.**—Omittida pelos ms.

c—2—4—c—2—6—etc. Da sua vida e estado nada consta.

15 **D. Izabel de Castilho.** —Omittida pelos ms. c—2—4—c—2—6—c—1—32.

16 **Pero de Castilho.** —

17 **Luiz de Castilho.** —

---

11 Diogo de Castilho Coutinho

(o negro)

Filho (primeiro ou segundo) do Doutor Antonio de Castilho. Dão-lhe alguns o appellido de Coutinho, por sua mãe, terceira neta dos primeiros Coutinhos Marialvas.

Succedeu na Casa de seu Pae; foi, como elle, Commendador de Moura na Ordem de Aviz, etc.

Não deve por modo algum confundir-se com seu Tio paterno Monge de Cister, como erradamente fez a 1.ª edição d'este livro.

De ser porém homem tambem dado a lettras, como seu Pae e seu Tio, ha grandes indicios, ainda que não acho d'isso mais rasto que este muito conjectural: ter sobre elle recaído a Regia escolha, por Carta de 11 de Outubro de 1612, para o Officio que já seu Pae exercêra de Guarda Mor da Torre do Tombo, officio quasi exclusivamente litterario, e na lista de cujos possuidores se liam até ao seu tempo nomes taes como Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurara, Ruy de Pina, Damião

de Goes, Antonio de Castilho, e depois d'elle Fr. Francisco Brandão, João Pinto Ribeiro, José de Seabra da Silva, o Visconde de Santarem, D. Frei Francisco de S. Luiz, o grande Garrett, e quantos mais!

De ter tambem sido Poeta o nosso Diogo de Castilho, não se me depara infelizmente mais do que este documento, aliás incontrovertivel: um soneto, que lhe dirigiu um amigo de seu Pae, e seu contemporaneo, o Dezembargador Antonio Ferreira, do qual se deprehende que era já resposta a outro soneto, que ao mesmo Ferreira elle havia dedicado. É apreciar vagamente, e de longe, o talento de Diogo de Castilho no reflexo com que afogueou liricamente a alma d'est'outro poeta. Eis o soneto; é o CXLI da collecção das obras de Ferreira, e traz por titulo:

A Diogo de Castilho

(filho de Antonio de Castilho)

(*Em resposta de outro*)

A graça nos teus versos imprimida
por don do Ceo, ou por paterna estrella,
não empregues em mim; honra com ella
outra mais doce Musa, mais subida.

Mas inda que de mim mal merecida
seja tão grã mercê, por merecel-a
sempre trabalharei, pois causa d'ella
sómente foi amor, que a mais convida.

E tu vencido d'elle t'enganaste;
oiro te pareceu a vil escoria,
que por tal sei que alguns a julgarão.

E se Torquato vir que me louvaste,
roubar-lhe (com trocal-o) a sua gloria,
cuido que será d'outra opinião.

Casou Diogo de Castilho da primeira vez com sua sobrinha D. Anna da Cunha, filha de seu Primo com irmão Luiz de Castilho, e de D. Maria Pereira. Não teve d'ella successão.

Casou segunda vez com D. Marianna, ou Maria Anna de Castro, filha de Estuval, ou Estevão, ou Luiz Homem da Silva, Commendador da Freyria de Evora, e natural de Setubal, e de D. Ignez de Castro; e teve d'ella:

18 **D. Luiza de Castro**—ou, segundo os ms. c—2—4—e c—2—11,—**D. Luiza Coutinha.**—Casou com Vasco de Azevedo, Senhor de S. João de Rey, hoje no concelho da Povoa de Lanhoso, districto de Braga. *Na Corographia portugueza* do P. Antonio Carvalho da Costa, tomo 1—pag. 165, se encontra uma genealogia dos Senhores de S. João de Rey.

19 **D. Ignez de Castilho.**—Omittida pelo c—2—11.

Nada mais pude por ora averiguar d'este herdeiro do grande nome; só accrescentarei ter fallecido no anno de 1632.

E assim se apagou em suas netas a descendencia do Doutor Antonio de Castilho, e em seu filho Diogo a sua varonia.

Engana-se o mestre Diogo Barbosa Machado (perdoe-nol-o a sua memoria) dizendo que existia ainda no seu tempo d'elle a descendencia do Poeta.

Mencionaremos agora, como entre parenthesis, e de fugida, o ramo bastardo do Velho Architecto de Belem e da Batalha, ramo que feneceu em seu bisneto João de Castilho. Ahi pouco floresceram lettras; mas illustraram-se e brilharam armas.

---

9 JOÃO DE CASTILHO

Filho bastardo de João de Castilho—*o velho*—

Diz o ms. c—1—22 que no tempo em que o insigne Artista do Cruzeiro de Belem se demorou em Vizeu, *teve conbersas com uma christã nova que vendia loiça ao pé da torre do Relogio, de quem houve a João de Castilho.* Com ser bastardo, exerceu porém grandes cargos no Reino.

Foi Escrivão da Camara do Senhor D. João III; Escrivão da Fazenda do Senhor D. Sebastião; ou Escrivão da Camara do Paço (c—2—4) ou Escrivão da Camara e do Paço (c—2—11).

- Foi Alcaide Mor de Alanquer pela compra que d'essa Alcaidaria fez ao Conde da Sortelha em tempo d'El-Rei D. Sebastião; Aposentador Mor no tempo d'El-Rei D. Henrique, e algum tempo Caçador Mor; Cavalleiro da Ordem Militar de N. S.

Jesu Christo; do Conselho d'El-Rei D. Henrique; e fôra muito privado do Senhor D. João III.

Casou primeira vez com D. Maria ou D. Francisca da Cunha, filha de Luiz da Cunha (c—1—22) ou de Heitor Lopes de São Payo (c—1—32—c—2—4—c—2—6—c—2—11) Alcaide Mor de Pancas.

Teve d'este matrimonio os filhos seguintes:

20 Luiz de Castilho da Cunha—que segue.

21 **D. Anna de Castilho**—ou da Cunha. Foi segunda mulher de Ruy Pereira de Miranda, Senhor das terras de Carvalhaes e Verdemilho, descendente de Gonçalo Borges, Senhor das mesmas terras, Copeiro Mor, e Porteiro Mor, do Senhor D. Affonso V.

22 **D. Luiza da Cunha.**—Freira em Odivellas, e depois no Rozario (c—1—32).

23 **D. Izabel da Cunha.**—Freira em Odivellas.

Casou João de Castilho segunda vez com D. Violante de Eça (c—2—4) ou de Essa (c—1—32) ou Deça (c—2—11) filha de João Ferreira ou de Antonio Ferreira (c—1—32—c—2—4—c—2—11) ou de Francisco Ferreira (c—2—4—c—2—11). Dão outros a esta sua segunda mulher por nome D. Violante de Castro, filha de Jorge d'Eça ou filha de Francisco Ferreira, filho de Pero Ferreira, filho ou neto de Gomes Ferreira, Porteiro Mor.

D'este segundo matrimonio, de tão incerta e controvertida nomenclatura, não houve geração.

Morreu no anno de 1580, fóra da graça de D. Filippe.

E assim se apagou em suas netas a descendencia do Doutor Antonio de Castilho, e em seu filho Diogo a sua varonia.

Engana-se o mestre Diogo Barbosa Machado (perdoe-nol-o a sua memoria) dizendo que existia ainda no seu tempo d'elle a descendencia do Poeta.

Mencionaremos agora, como entre parenthesis, e de fugida, o ramo bastardo do Velho Architecto de Belem e da Batalha, ramo que feneceu em seu bisneto João de Castilho. Ahi pouco floresceram lettras; mas illustraram-se e brilharam armas.

---

9 JOÃO DE CASTILHO

Filho bastardo de João de Castilho—*o velho*—

Diz o ms. c—1—22 que no tempo em que o insigne Artista do Cruzeiro de Belem se demorou em Vizeu, *teve conbersas com uma christã nova que vendia loiça ao pé da torre do Relogio, de quem houve a João de Castilho.* Com ser bastardo, exerceu porém grandes cargos no Reino.

Foi Escrivão da Camara do Senhor D. João III; Escrivão da Fazenda do Senhor D. Sebastião; ou Escrivão da Camara do Paço (c—2—4) ou Escrivão da Camara e do Paço (c—2—11).

- Foi Alcaide Mor de Alanquer pela compra que d'essa Alcaidaria fez ao Conde da Sortelha em tempo d'El-Rei D. Sebastião; Aposentador Mor no tempo d'El-Rei D. Henrique, e algum tempo Caçador Mor; Cavalleiro da Ordem Militar de N. S.

Jesu Christo; do Conselho d'El-Rei D. Henrique; e fôra muito privado do Senhor D. João III.

Casou primeira vez com D. Maria ou D. Francisca da Cunha, filha de Luiz da Cunha (c—1—22) ou de Heitor Lopes de São Payo (c—1—32—c—2—4—c—2—6—c—2—11) Alcaide Mor de Pancas.

Teve d'este matrimonio os filhos seguintes:

20 Luiz de Castilho da Cunha—que segue.

21 **D. Anna de Castilho**—ou da Cunha. Foi segunda mulher de Ruy Pereira de Miranda, Senhor das terras de Carvalhaes e Verdemilho, descendente de Gonçalo Borges, Senhor das mesmas terras, Copeiro Mor, e Porteiro Mor, do Senhor D. Affonso V.

22 **D. Luiza da Cunha.**—Freira em Odivellas, e depois no Rozario (c—1—32).

23 **D. Izabel da Cunha.**—Freira em Odivellas.

Casou João de Castilho segunda vez com D. Violante de Eça (c—2—4) ou de Essa (c—1—32) ou Deça (c—2—11) filha de João Ferreira ou de Antonio Ferreira (c—1—32—c—2—4—c—2—11) ou de Francisco Ferreira (c—2—4—c—2—11). Dão outros a esta sua segunda mulher por nome D. Violante de Castro, filha de Jorge d'Eça ou filha de Francisco Ferreira, filho de Pero Ferreira, filho ou neto de Gomes Ferreira, Porteiro Mor.

D'este segundo matrimonio, de tão incerta e controvertida nomenclatura, não houve geração.

Morreu no anno de 1580, fóra da graça de D. Filippe.

«sentio de maneira, que sem escuitar mais acordo «se lançou a elles furiosamente, acompanhado «dos que o seguião, pelejando todos com deses- «perada ousadia por sua saluação, onde dizem «que cayo depois de morto o cauallo. Até este «passo ouue algumas pessoas dignas de fé, que «ousarão reuellar o acontecido, porém se virão «mais, não se sabe; o que se vio sempre clara- «mente he que nunca alguem disse que vira ma- «tar a El-Rey, e não he muito realmente, pois «nenhum homem que ficasse viuo, he rezão que «tal confesse. Neste ultimo conflicto forão mor- «tos com estranho valor dom Jorge de Lencas- «tre, de huma escopetada, dom Antonio da Costa, «filho de dom Gileanes da Costa, dom Aluaro de «Castro, dom Jorge de Faro, João de Mendoça, «Luiz Alures de Tauora, Christovão de Tauora, «dom Antonio de Noronha, dom João Mascare- «nhas, Luiz de Castilho, e o Dezembargador An- «tonio Velho Tinoco, ouuidor do Campo, o qual «depois de pelejar valerosamente na batalha en- «trou nos Mouros, onde foy morto, disendo: Ora «Senhores, aqui não ha mais que a alma a Deos, «o corpo á honra; e assi forão mortos o Desem- «bargador Francisco casado de Carualho, Forriel «Mor do Campo, e seu irmão Pedraluerez de Car- «valho».....

.....

Attribue-se ao referido Luiz de Castilho um bastardo:

28 **Manuel de Castilho.**—Morreu na India.

Creio que d'este Manuel de Castilho, e de D. Maria Tudela, era filho o seguinte, de quem vamos esboçar biographia; se nesta supposição, aliás fundada, houver engano, e m.o queira e possa alguem deslindar, muito folgarei de sair do erro.

Fernando Tudela de Castilho.—Nasceu no anno de 1631 na villa de Castello Branco, hoje cidade e capital do districto administrativo do mesmo nome. Tinha de propriedade o officio de Juiz da alfandega da sua villa natal. Seguiu na Universidade de Coimbra a faculdade de direito Cesareo, e nella recebeu grau de Bacharel. Foi Juiz das villas de Arronches e Cêa, Corregedor da comarca de Miranda, e Corregedor do crime do Bairro do Rocio em Lisboa. Foi mais Auditor Geral da cavallaria, e por ultimo Dezembargador na Relação do Porto. Diz Barbosa Machado que partiu do Porto para a provincia da Beira *com a incumbencia de varias diligencias, umas pertencentes ao fisco, outras para pacificar as discordias que havia entre o povo e a nobreza;* e que em tudo correspondeu á fama do seu saber, e ao alto conceito em que era tido.

Assistiu como procurador da villa de Castello Branco ás côrtes que em Lisboa se celebraram no anno de 1674.

Foi, por ordem do senhor D. Pedro II, nomeado conductor em Portugal do principe grão Mestre da ordem Teutonica, irmão

da Rainha D. Maria Sofia Izabel de Neubourg; encargo que desempenhou com altos creditos, despendendo nisso até da sua fazenda e casa.

Escreveu varias obras, diz o já citado Barbosa, e entre ellas menciona a seguinte:

Discurso em que se persuade a coroação de Rey destes Reynos ao senhor D. Pedro mostrando com rasões fundamentaes lhe pertence a corôa, logo que se julgou com impedimento natural e perpetuo, incapaz do governo e successão o senhor Rey D. Affonso VI.

Esta obra não me consta que passasse nunca de manuscrito; em Castello Branco a conservava outro Fernando Tudela de Castilho, neto do autor.

Este falleceu aos 61 annos em 1692.

24 JOÃO DE CASTILHO

Filho primogenito de Luiz de Castilho. Succedeu na casa, commenda, e alcaidaria de seu Pae, e morreu antes de chegar a homem.

Passemos agora ao outro braço do primitivo tronco citado, o irmão germano de João de Castilho (*o velho*); e enumeremos os frutos littera-

rios que a patria recebeu da sua numerosa descendencia.

II

Linha de Diogo de Castilho — Sua descendencia ainda hoje representada em Portugal.

1 DIOGO DE CASTILHO

Meio irmão do velho João de Castilho, filho do mesmo Pae Diogo Sanches del Castillo, e de mãe diversa D. Maria Zorella, ou Zorilha, ou Zurrilha.

O ms. c—2—6 diz que era Diogo de Castilho bastardo de Diogo Sanches del Castillo, opinião essa que se não sustenta á luz da critica.

Estabeleceu-se, como dissemos, na cidade de Coimbra. Era tambem, como seu irmão, habil artista.

«As mais nobres e mais antigas casas de Cas-«tella—diz o ms. c—1—22 da Bibliotheca Nacional de Lisboa, — «têem seus solares nas montanhas «de Burgos d'onde sairam os filhos segundos das «casas a servir aos Reis, porque mereceram fundar «grandeza; ficando os filhos mais velhos apega-«dos ás suas fazendas as ficavam cultivando. E «vieram a empobrecer e a ser officiaes maqueni-«cos, mas nem por isso deixam de conservar a

«sua limpeza e fidalguia de seus progenitores, e «quando estes vem á côrte os estimam e agasa-«lham os grandes que procedem de suas casas, «com muita benevolencia».

Foi, acabada a obra do côro da Sé de Vizeu, mandado Diogo de Castilho traçar a ponte de Coimbra, e nomeado mestre das obras de Santa Cruz, e dos collegios que naquella cidade mandou erigir El-Rei o senhor D. João III.

Alguns nobiliarios o dão como tendo feito parte da *governança* da mesma cidade de Coimbra, chegando ahi a Vereador, e a Provedor da Misericordia.

No livro *Memorias para nobiliario* supracitado, escreveu seu autor Damião de Goes o seguinte:

«Na chancellaria de privilegios d'el-rei D. João III «do anno de 1526 fol. 118, privilegio que passou «El-Rei a Diogo de Castilho pera andar em mu-«la mestre das obras dos paços de Coimbra nes-«se anno a 18 de Setembro.»

Casou, junto ao Porto (segundo quer alguem) com Izabel del Barco, ou del Varco, ou del Arco, ou de Ilharco, (que esses differentes nomes, ou antes essas diversas metamorphoses de um mesmo nome se encontram nas Chronicas), filha de João del Barco ou de Ilharco, etc., (c—2—4—c—2—6—c—2—11) nobre byscainho, a quem outro (c—1—32) chama Pedro de Ilharco. Não sei quem fosse este tal byscainho; diz só o ms.

c—2—6—que viera *vender ferro em um navio ao Porto.*

Teve Diogo de Castilho d'este matrimonio os filhos seguintes:

2 Jeronymo de Castilho—com quem se continúa a descendencia

3 **Pedro de Castilho.**—Este sr. foi o grande Bispo D. Pedro de Castilho, de quem tantas memorias ficaram na familia e no Reino.

Seguiu as lettras, e depois de Mestre em Artes principiou a estudar Theologia; mudou porém de Faculdade, e entrou a estudar Canones na Universidade de Coimbra. Formou-se, e doutorou-se.

Foi Vigario, ou Prior, da Igreja de S. Salvador de Ilhavo; Beneficiado da de Santo André de Celorico. Por Mercê do Cardeal D. Henrique foi tambem Deputado do Santo Officio da Inquisição de Coimbra, onde entrou a 16 de Fevereiro de 1575; foi mais Visitador da mesma Diocese sendo Bispo D. Manuel de Menezes, esse mesmo que na batalha de Alcacer morreu a 4 de Agosto de 1578.

Foi eleito Bispo de S. Salvador da cidade de Angra; sagrou-se, e transferiu-se para a Ilha Terceira, onde entrou pelos annos de 1577. Diz D. Antonio Caetano de Sousa que era um *grande observador do Concilio Tridentino, em que mostrava o zelo que tinha na reforma dos costumes de suas ovelhas, em que punha grande cuidado.*

Sendo Bispo das Ilhas, criou na de S. Miguel a freguezia de S. José da cidade de Ponta-Delgada.

Cêrca de dois annos antes da investidura do sr. D. Pedro de Castilho naquelle episcopado, aconteceu fallecer a 8 de Setembro de 1575 em grande perfume de santidade na mesma ilha de S. Miguel uma mulher humilde, e santa, Margarida de Chaves, cuja milagrosa fama se estendêra e a cercava. Era já santa em sua vida; e, para a ver adorada nos altares pelas turbas da devoção, só faltava a confirmação piedosa da Madre Igreja de Roma. O nosso prelado, que aportou naquellas praias ao tempo da morte da Veneravel, ordenou colligir e escrever um summario dos milagres de Margarida; não só por memorar-lhe a prodigiosa existencia, senão para avivar a fé e a crença, e levantar mais um padrão á gloria do Senhor com a da sua Servidora. Essa obra porém não foi a fim, porque os volcões da politica o distraíram da empreza começada.

Depois da chegada do sr. D. Antonio aos Açores passou o Bispo D. Pedro de Castilho para o Reino na Armada do Marquez de Santa Cruz em 1582.

Da Sé de Angra passou para a Sé de Leiria, vaga pela morte do sabio D. Antonio Pinheiro. Foi confirmado no anno de 1853; e, exercendo o cargo de Prelado d'essa diocese

por 24 annos, o renunciou em 1607. Foi seu successor D. Martim Affonso Mexia.

Foi o quarto do nome, e o quadragesimo terceiro na ordem dos Illustrissimos DD. Priores da Collegiada do antigo mosteiro de Santa Maria de Guimarães de religiosos e religiosas de S. Bento, no tempo d'El-Rei D. Filippe III; tomou posse a 31 de Agosto de 1605, como consta (diz o Catalogo de D. Manuel Caetano de Sousa) do instrumento d'ella, que está no dito Archivo, gaveta vinte, maço decimo primeiro.

Foi Capellão Mor de D. Filippe I e seu Esmoler Mor; Conselheiro de Estado; Presidente do Dezembargo do Paço; Governador de Alcobaça, e duas vezes Viso-Rei de Portugal, sendo-o da segunda vez em ausencia de D. Christovão de Moura, Marquez de Castello Rodrigo, no tempo de D. Filippe II.

Instituiu na Beira o sr. D. Pedro de Castilho um morgado de muito boa renda, em cabeça de seu sobrinho Diogo de Castilho, chamado o *Louro* ou o *Ruivo*, filho de seu irmão Jeronymo.

É o actual representante do morgado o sr. D. Thomaz Antonio de Noronha Ribeiro Soares e Castilho, bem como de outros dois, instituidos por D. Henrique de Noronha, e Fernão Martins do Evangelho. Por decreto de 23 de Abril de 1861 foi per-

mittida ao dito sr. D. Thomaz a desvinculação de alguns bens sob determinadas condições. Vide o *Diario de Lisboa n.°* 114 d'esse anno. Agora por esta sabia lei ultima acerca dos morgados, acho que deve estar de todo alluida a piedosa instituição do virtuoso prelado.

«O mais notavel de tudo—diz o velho manuscrito genealogico da Bibliotheca Nacional de Lisboa c—1—20—«foi a fundação «que fez (o sr. D. Pedro) na Igreja do «Mosteiro de S. Domingos de Lisboa de «uma capella para si e os possuidores do «morgado de S. Pedro Martyr, obra de ex«cellente traça e linda fabrica, ornamen«tada e dotada de missa perpetua, que é «das insignes obras da mesma cidade que «ha na christandade.»

A essa capella chama outro *Capella de Nossa Senhora da Defensa*, e diz ser a primeira do corpo da igreja da parte da Epistola.

D. Manuel Caetano de Souza no supramencionado *Catalogo dos Religiosissimos DD. Abbades do antigo mosteiro de Santa Maria de Guimarães, de religiosos e religiosas de S. Bento, e dos Illustrissimos DD. Priores do mesmo mosteiro* &, inserto nas *Memorias da Academia Real de Historia Portugueza* chama a essa capella no mosteiro de S. Domingos—

Capella de Santo Thomaz—e accrescenta: *«Em uma das pedras que acompanham as escadas do altar está o letreiro seguinte: Mandou fazer esta Capella D. Pedro de Castilho Bispo que foy de Leiria, Presidente do Paço, do Conselho de Sua Magestade, Capellão Mor, Inquisidor Geral deste Reyno, e Vice Rey delle duas vezes: nella está sepultado; falleceu a* 31 *de Março de* 1613 *annos.»*

Parece-me que esta data, que tanta vez tem saído errada, merece fé na boca de D. Manuel Caetano, de mais a mais sendo repetida no seu *Catalogo dos Bispos de S. Salvador de Angra.*

Foi o sr. D. Pedro de Castilho varão de grande entendimento, como confirmam os altos cargos que exerceu, e além d'isso de grandes lettras; poeta, e poeta latino:—«A «uma minha prima D. Maria Clara Barreto «de Castilho—dizia meu Pae na 1.ª edição d'este livro—«mais de uma vez ouvi, quan- «do em jornadas de Coimbra a visitava (em «Leiria), que d'este antigo parente nosso «haviam ficado bons versos latinos inedi- «tos, que seu Pae conservava com muito «apreço, e que pela invasão dos francezes «se desencaminharam.»

Ando trabalhando com toda a diligencia a ver se algum rasto posso descobrir d'essas verdadeiras preciosidades, d'esses veneraveis brasões de familia.

Por ordem do mesmo prelado D. Pedro

de Castilho se imprimiu uma obra cujo titulo é o seguinte:

Regimento do Santo officio da Inquisição dos reinos de Portugal. Recopilado por mandado do Ill.mo e Rev.mo Senhor D. Pedro de Castilho, Inquisidor geral e Viso-Rei dos reinos de Portugal. Impresso na Inquisição de Lisboa por Pedro Craesbeck. Anno da Encarnação do Senhor — 1613. — *Fol.* — *de II* — 48 — folhas numeradas pela frente e Repertorio no fim contendo 20 folhas sem numeração.

Barbosa Machado attribue a redacção e recopilação d'este *Regimento*, que, segundo o sr. Innocencio, foi o primeiro mandado imprimir em Portugal, a Antonio Dias Cardoso, formado em Canones, Deputado do Conselho Geral do Santo Officio, e Conego Doutoral na Sé de Evora, nascido em Santarem, e fallecido em Lisboa a 26 de Janeiro de 1624.

4 **João de Castilho** — frade Jeronymo.

5 **Antonio de Castilho** — frade do Carmo; morreu muito moço.

6 **Jorge de Castilho** — bastardo — frade de Santo Agostinho.

Não ha por que mencionar litterariamente de ora avante a continuação da varonia em Jerony-

mo de Castilho, Diogo de Castilho, *o Loiro*, ou *o Ruivo*, Jeronymo de Castilho, Pedro de Castilho, Jeronymo de Castilho, José Antonio de Castilho, João José Xavier de Castilho, etc. etc. até ao actual senhor do vinculo, bem que entre os filhos e irmãos d'esses citados, boas provas se nos depariariam de capacidade e lettras, quer em officios litterarios, quer principalmente nos cargos ecclesiasticos, que em todos os tempos, mais ou menos, foram o apanagio dos doutos e dos peritos.

Podemos entre elles citar os seguintes:

Pedro de Castilho—filho de Jeronymo de Castilho.—Seguiu a carreira ecclesiastica, sendo Conego de Leiria (talvez ainda na Sé de seu glorioso Tio o sr. D. Pedro) e Deão da mesma Sé. Foi nomeado a 18 de Janeiro de 1605 Deputado do Santo Officio da Inquisição de Lisboa.

Pedro de Castilho—filho de Diogo de Castilho.—Sobrinho do supramencionado Pedro de Castilho, e sobrinho neto do grande Prelado de Leiria. Seguiu a Universidade e doutorou-se, provavelmente em Canones. Foi nomeado em 24 de Dezembro de 1635 Deputado da Inquisição de Coimbra. Foi tambem Arcediago de Santa Christina da Sé de Braga. Nomeado em 15 de Fevereiro de 1641 Inquisidor da Santa Inquisição na Côrte de Lisboa; e em 2 de Abril de 1657 Deputado do Conselho Geral da mesma.

João de Castilho—filho de outro Jeronymo de Castilho.—Natural de Lisboa. Formado

em Canones pela Universidade de Coimbra. Eleito Collegial Canonista do Real Collegio de S. Pedro de Coimbra a 13 de Março de 1659. Nomeado Deputado da Santa Inquisição de Lisboa em 24 de Janeiro de 1660. Conego doutoral da Sé do Porto em 29 de Junho de 1660; Inquisidor em Evora em 4 de Março de 1664; mudado Inquisidor de Evora para Lisboa a 29 de Setembro de 1665, onde entrou a 17 de Outubro do mesmo anno.

José de Castilho.—Irmão do precedente. Natural de Santarem. Doutor em Canones pela Universidade de Coimbra; Collegial Canonista do Collegio de S. Pedro; eleito aos 30 de Julho de 1660. Rectifico esta data, pois alguns a erraram.

Ignacio de Castilho.—Irmão do precedente. Natural de Lisboa. Bacharel formado em Canones pela Universidade de Coimbra. Foi eleito Collegial do Real Collegio de S. Paulo de Coimbra em 4 de Junho de 1671, e tomou posse em 6 do mesmo mez, sendo Reitor o Doutor Paulo Carneiro de Araujo. «*Não teve despachos porque morreu brevemente*» diz o *Catalogo dos Collegiaes do mesmo Collegio Real dos annos de* 1651 *até* 1700 impresso nas *Memorias* da *Academia Real de Historia Portugueza.*

III

CASTILHOS DA BAIRRADA

Fóra da linha recta da supramencionada descendencia, mas participando do mesmo parentesco, os Castilhos da Bairrada ha mais de seculo ininterrupto que florescem por suas muitas lettras e estudo. Vou rapidamente mencionar a correr alguns d'elles, em ar de simplices apontamentos para o ulterior desenvolvimento e final coordenação que tenciono dar a esta memoria.

José Barreto de Castilho

Filho primogenito do Cavalleiro professo na Ordem de Christo Manuel Barreto de Castilho e Noronha, e natural do Couto de Aguim.

Foi Bacharel Formado em Canones na Universidade, e Advogado nos Auditorios do Couto de Aguim. Não advogava porém, e vivia na sua casa de Aguim.

Não me consta que este meu Bisavô o sr. José Barreto de Castilho deixasse escritos seus; mas o que inda sôa nas tradições oraes é que era um homem de alta razão, de muito saber, de um trato ameno, e sobre tudo de uma graça, de um *espirito*, como hoje diriamos, que ali fi-

cou muitos annos proverbial. Ha d'este senhor innumeraveis anecdotas de immenso chiste.

Julguei não dever passar por elle sem menção, pois, se não fez livros ou bons versos, foi porque não quiz, e não porque não fosse digno do favor das Musas.

A vida do sr. José Barreto de Castilho tambem encerra alguns pontos aproveitaveis e curiosos, que hei-de talvez tocar noutra parte, que não agora.

Um dia (quem sabe!) a tela de algum romance o ha-de reclamar, e a seu tempo o ha-de conter debuxado e colorido de corpo inteiro. Então o veremos reviver, com a sua cabelleira elegante, os seus bofes apurados, a sua casaca de seda, a sua fisionomia rasgada e insinuante, o seu olhar arguto e fino, os seus ademanes cortezes, e o seu ar sempre folgazão e desempenado.

Havemos de vel-o ás noites, nas festivas noites de outono na Bairrada, entre as danças da sua aldeia á fogueira, correndo e rindo com os rapazes, entendendo aqui e ali com as cachopas, todas cheirosas ao mato e á vindima, naquella folia provinciana, ao som da gargalhada sincera, e das cantigas á viola.

Havemos de vel-o á espera da missa do seu capellão, entre os graves do logarejo, discorrendo com uns velhos á porta da sua ermida da Senhora do Ó contigua ao pateo da residencia senhoril e sempre hospitaleira, grave com os graves, sereno e comedido como lhe cumpre.

Depois, num turbilhão, num tropel de poeira,

batendo o mato das cercanias com a sua opulenta, rumorosa e anafada matilha de lebreos e perdigueiros.

Havemos de ir finalmente ao seu encontro na estrada de Coimbra, em quanto elle vier cavalgando misterioso e solitario a horas mortas por esses pinhaes; vindo sabe Deus d'onde, de alguma aventura, de algum colloquio furtivo, de algum descante.

.....

Antonio Barreto de Castilho

Irmão do precedente; natural de S. Lourenço do Bairro. Foi Bacharel Formado em ambos os Direitos pela Universidade de Coimbra, e Advogado; lido no Dezembargo do Paço, Juiz de Fóra em Tondella nove annos, e outros tantos Ouvidor da dita Universidade, na qual algum tempo serviu de Conservador. Foi mais Cavalleiro Professo na Ordem de Christo.

Escreveu:

Manifesto em que se mostra o direito da Conservatoria da Universidade dever-se prover em Bachareis praticos.—Coimbra—por Antonio Simões Ferreira —1746.—4.°—

Não deve confundir-se este sr. com seu Avô, do mesmo nome, e tambem Cavalleiro Professo na mesma Ordem.

Viveu nos seus ultimos annos em Coimbra na sua casa do Terreiro do Marmeleiro, no sitio onde ainda hoje o appellido de seus Maiores não se apagou, pois continúa a chamar-se *Pateo dos Castilhos*.

Teve o sr. Antonio Barreto de Castilho varios filhos; entre elles não deixe de mencionar-se em primeiro logar a

Bernardo Chrispiniano de Castilho e Noronha—Primo com irmão de meu Avô. Foi Doutor de Capello na Faculdade de Canones pela Universidade de Coimbra, e lido no Dezembargo do Paço; serviu algum tempo de Ouvidor, e outro de Conservador na dita Universidade, e foi pouco mais ou menos em 1786 Provedor na villa de Torres Vedras. Falleceu em Lisboa pelos annos de 1790.

Foram seus filhos:

Antonio Maria de Castilho—que morreu sem casar; e

Jeronymo da Costa Cardoso de Castro e Castilho—8.º senhor do vinculo de Santo Antonio, instituido na Sioga do Monte a uma legua de Coimbra pelo Licenciado Antonio Marques Fronteira em 1615.

Fica situada a velha residencia da Sioga á beira de um caminho vicinal que corta a estrada de Coimbra ao Porto, e assentada numa elevação d'onde senhoreia em redor grande trato de vinhedo e terra lavradia.

É actual administradora do vinculo a Ex.ma Senhora D. Zilia Justa de Castro da Costa Cardoso e Castilho, minha Tia e Senhora.

Antonio Manuel de Castilho.—A sua biographia não vem para aqui; é outro assumpto para indagações, e para romance. D'elle se recordam ainda porventura os velhos de S. Lourenço do Bairro e nas suas longas e ociosas praticas á estrepitosa fogueira de inverno mencionam talvez o seu nome; o seu nome, ainda coroado com a tenebrosa aureola de uma tradição misteriosa, e talvez para sempre já agora imprescrutavel.

Nasceu, onde seu Pae nascêra: na bella quinta de S. Lourenço do Bairro, a qual elle de volta do estrangeiro ampliou e engrandeceu. Fica a villa de S. Lourenço do Bairro no Bispado de Coimbra á beira de um riacho affluente do Sértima, e em roda da Igreja Parochial da invocação de S. Lourenço. As cercanias são de bons chãos de milho, searas de trigo e cevada, bons olivaes, e largo vinhedo espalhado por aquellas encostas e collinas.

D. Francisca de Castilho—filha do supramencionado Antonio Barreto de Castilho. Casou com Francisco Antonio Elisiario dos Santos Gatto, cuja descendencia é já hoje numerosa.

Faustino Barreto de Castilho e Noronha

Filho de Manuel Barreto de Castilho e Noronha, e irmão de meu Bisavô, e do sr. Antonio Barreto.

Foi Cavalleiro Professo na Ordem de Christo; e embarcando como Alferes militar para a India, falleceu em viagem proximamente ao anno de 1786.

José Feliciano de Castilho

Filho de José Barreto de Castilho acima mencionado.

Tenho em esboço uma larga biographia d'este meu Avô; omitto portanto aqui as noticias que nella tenciono dar restringindo-me aos topicos essenciaes.

Nasceu aos 21 de Abril de 1769 na casa de Aguim; e foi baptisado na proxima freguezia de Tamengos, hoje concelho da Anadia.

Cursou com muita distincção a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, vencendo para isso, até ao seu doutoramento em 1796, as maiores reluctancias da sua familia, que se julgava, creio eu, deshonrada se meu Avô se formasse Medico. Rectifico aquella data, que alguns têem errado ao citál-a, pois a colho do proprio pergaminho Universitario.

Foi Lente de Prima na Universidade; Cavalleiro Professo na Ordem de Christo; Primeiro Me-

dico e Inspector dos Hospitaes Militares das provincias do Alem-Tejo, Minho, Beira, e Traz-os-Montes; Primeiro Medico da Camera d'El-Rei o Senhor D. João VI; Fidalgo da Sua Real Casa; Censor Regio do Dezembargo do Paço; Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e nella Membro da Instituição Vaccinica; Primeiro Medico e Sub Inspector da Colonia dos Suissos da Nova Friburgo na Comarca do Rio de Janeiro, e nella Membro da Commissão de trabalhos publicos, etc.

A sua vida, como hei-de sobejamente comprovar com satisfação e ufania, foi uma serie de grandes rasgos de desinteresse e affecto ao seu paiz natal.

Falleceu de uma erisipella aos 5 de Março de 1826, com 57 annos de edade, na Residencia Parochial da Castanheira do Vouga, freguezia onde então era Prior seu filho Augusto, meu Tio.

As obras litterarias que de meu Avô subsistem estão encorporadas na grande collecção completa do *Jornal de Coimbra*, fundação d'elle proprio, e livro que hoje ainda é de alto interesse no campo da sciencia, justamente apreciado, como se acha, pelos entendidos. Os escritos do sr. Doutor José Feliciano de Castilho versam todos sobre pontos scientificos, e ou debatem ou explicam muitas questões de grande alcance, ou muitos alvitres de utilidade publica. Não citarei aqui, porque seria ocioso, os principaes d'esses escritos, cuja recopilação em volume daria um livro util, pelo menos.

Antonio Feliciano de Castilho

Cheguei perante uma figura nesta longa fila de benemeritos, ante a qual não solto uma palavra.

.....*Cette tête sacrée*
C'est mon Père.

Antonio Feliciano de Castilho é um nome tal, que suppre uma biographia apologetica.

Falle por mim, falle bem alto, a lista sempre crescente das suas obras:

Epicedio na sentida morte da Augustissima Senhora D. Maria I Rainha Fidelissima.—Lisboa na impressão Regia—1816—4.°—23 paginas, com 1 estampa, representando um tumulo.

Reimprimiu-se no *Jornal de Coimbra N.° L* parte 2.ª

Á faustissima exaltação de Sua Magestade o Senhor D. João VI ao throno.—Poema—Lisboa—na Impressão Regia—1818—4.°—82 paginas.—Traz o retrato do autor.

Reimprimiu-se no *Jornal de Coimbra N.° LIX*—parte 2.ª

O Tejo, elogio dramatico nos annos do Serenissimo Senhor D. Pedro de Alcantara—Principe Real—*e uma Ode á morte de Gomes Freire e seus Socios.*—Lisboa—na Typ. Rollandiana—1820—8.°—de 16 paginas.

A Liberdade—elogio dramatico para se representar no Theatro particular da rua direita de S. Paulo. —Lisboa—na Impressão Regia—1820—8.°—14 paginas. (Anonymo).

Carta de Heloisa a Abeillard—traduzida do francez de M. de Mercier.—Lisboa—Na Typ. Lacerdina —1820—8.°—23 paginas.

Reimprimiu-se na Typ. de João Nunes Esteves —1826.

Sonetos &—insertos na *Collecção das Poesias recitadas na Sala dos Actos da Universidade de Coimbra nas noites de 21 e 22 de Novembro de 1820.*— Coimbra—1820—8.° grande.

Cartas de Echo e Narciso dedicadas á Mocidade Academica da Universidade de Coimbra—Primeira parte.—Coimbra—na Imprensa da Universidade —1821—12.°—Continha só as primeiras nove Epistolas, as quaes de novo se imprimiram com a segunda parte—Coimbra—1825—8.°

Terceira edição—Coimbra—1836—12.° grande —224 pag.

No Brasil contrafez-se esta obra em muitas edições, que já orçam, segundo ouvi, por quinze ou dezaseis.

Cantata—que principia—*«Os ais do Luso Povo emfim venceram»*—saiu num folheto—*Collecção* de

Poesias distribuidas no Theatro Nacional da rua dos Condes por occasião do festejo em que se solemnisou a chegada do Senhor D. João VI Rei Constitucional. — Lisboa — 1821 — 4.°

Canto que principia — «*Agora que dos ceos no longo espaço*» — Saiu (diz o incançavel sr. Innocencio) em um folheto, que não tenho agora presente, e contém a descripção das festividades com que foi celebrado o anniversario do dia 15 de Setembro de 1820 — impresso em Lisboa — 1821 — 4.°

A Primavera, collecção de Poemetos. — Lisboa na Typ. de Manoel Pedro de Lacerda — 1822 — 8.° — de 181 pag.

Segunda edição, *mais correcta, emendada, e copiosissimamente accrescentada.* — Lisboa — na Typ. de A. I. S. de Bulhões — 1837 — 12.° gr. — 330 pag.

D'este livro ha tambem innumeraveis contrafacções brasileiras.

Amor e Melancolia ou a Novissima Heloisa. — Coimbra — na Imp. de Trovão e Comp.ª — 1828 — 12.° gr. — de 238 pag — com uma gravura em madeira querendo representar um mosteiro entre serras, allusiva ao de Vairão.

Varias edições brasileiras se contam d'esta obra, as quaes eu não possuo, nem vi.

Segunda edição portugueza; saiu com o titulo

seguinte: *Amor e Melancolia ou a Novissima Heloisa por Antonio Feliciano de Castilho—nova edição correcta e accrescentada com a Chave do Enigma.* —Lisboa—Typ. da Sociedade typographica Franco-Portugueza—6—Rua do Thesouro Velho—6—1861—Contém além dos versos reproduzidos com poucas alterações, uma *parte complementar* de cerca de 230 paginas em prosa, onde o autor apresenta muitas narrações de passos curiosos da sua vida, que todos se referem á historia dos amores de que trata a poesia. Tem esta edição uma pessima gravura em madeira, representando um mausoleo do cemiterio dos Prazeres.

A Noite do Castello—e os Ciumes do Bardo—seguidos da confissão de Amelia, traduzida de Mademoiselle Delphine Gay.—Lisboa—na Typ. Lisbonense de A. C. Dias—1836—12.° gr.—202 paginas.

Ha tambem d'este livro, celeberrimo em Portugal e no Brasil, muitissimas edições contrafeitas.

Está-se de novo imprimindo em Lisboa, correcto e augmentado por seu autor.

Tributo portuguez á memoria do Libertador.—Lisboa—na Imp. de Galhardo e irmãos—1836—12.° gr.—99 paginas—com 3 lythographias:—O retrato do Imperador, o da Rainha abraçando

o busto de seu Pae, e o soldado de caçadores Manoel Pereira.

Teve este livro em Portugal duas edições no mesmo anno, e varias no Brasil.

Palavras de um Crente, escriptas em francez pelo senhor padre Lammennais, e vertidas em vulgar.— Lisboa—na Typ. de A. J. S. de Bulhões — 1836 — 12.° gr.—176 paginas. Edição contrafeita no Brasil.

Biographia da insigne poetisa portugueza Dona Francisca de Paula Possollo da Costa — publicada no principio da traducção pela mesma Senhora das *Conversações sobre a pluralidade dos mundos* de Fontenelle.

Quadros Historicos de Portugal. — Lisboa—na Typ. da Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis — 1839 — fol. maximo — com estampas, e o retrato do autor. — Publicaram-se oito quadros; o ultimo é da penna do sr. Alexandre Herculano.

Edição brasileira. — Typ. Commercial de Soares e Companhia — 1847 — 8.° gr.—252 paginas, estampas, e retrato.

As Metamorphoses de Publio Ovidio Nasão — Poema em quinze livros vertido em portuguez — Tomo I. — (prologo e notas na Imp. Nacional, texto na do *Gratis*) — 1841 — 8.° — 315 paginas. — Comprehende este 1.° volume os 5 primeiros livros; os restantes param manuscritos em poder de seu autor.

Elogio historico de Augusto Frederico de Castilho. — Saiu na *Revista do Conservatorio Real de Lisboa* — Tomo II das Memorias — 1841 — 1842 — 2.ª serie — etc. — Lisboa — na Imprensa Nacional — 1843 — de pag. 35 a 52.

Excavações poeticas. — Lisboa — na Typ. Lusitana — 1844 — 8.° gr. — 287 paginas.

Tem este volume a indicação de 1.° — pois tencionava o autor fazel-o seguir pela edição compacta das suas obras todas: o que nunca poude realizar. Foi reimpresso no Brasil.

Mil e um Mysterios — Romance dos Romances. — Lisboa — Typ. Lusitana — 1845 — 8.° — 285 paginas. — É só o tomo I, e traz a indicação de III da collecção das obras completas do autor principiada nas *Excavações*, e de cujo se-

gundo tomo contendo *O Presbyterio da Montanha* está apenas impresso um longo prologo.

Chronica certa e muito verdadeira da Maria da Fonte, escrevida por mim, que sou seu tio, o mestre Manuel da Fonte, sapateiro no Pezo da regoa, dada á luz por um cidadão demittido, que tem tempo para tudo. — Lisboa — Typ. Lusitana — 1846 — 8.° — 57 paginas. — Edição exhausta.

Camões — estudo historico-poetico, liberrimamente fundado sobre um drama francez dos senhores Victor Perrot e Armand Dumesnil — seguido de importantissimas notas, historicas, litterarias e criticas, e acompanhado de duas gravuras: um retrato de Camões, e a gruta de Macau. — Ponta-Delgada — Typ. da Rua das Artes — 68 — 1849 — 8.° — 296 paginas. — A segunda edição é a presente.

Felicidade pela Agricultura. — Ponta-Delgada — Typ. da Rua das Artes — 68 — 1849 — 8.° — 246 paginas. É uma colleção de artigos sociaes já publicados no *Agricultor Michaelense.*

Ou eu ou elles. — Folheto violento e energico em que o autor injustamente aggravado explica e rectifica algumas questões pessoaes. — Ponta-Delgada — Typ. de Castilho — Rua das Artes — 68 — 1849 — 8.° — 25 paginas.

Noções rudimentaes para uso das escolas. — Ponta-Delgada — 1849 — 8.°

Primeiros exercicios de leitura offerecidos aos discipulos das escolas da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel.
Ponta Delgada — Typ. de Castilho — Rua das Artes — 67 — 1849 — 8.° — 8 paginas.

Hymno dos Lavradores — com musica pelo sr. Luiz de Moraes Pereira — offerecido á Sociedade promotora da Agricultura Michaelense no seu banquete campestre de 13 de Julho de 1849. — Ponta Delgada — Typ. de Castilho — Rua das Artes — 67 — 1849 — 8 paginas, com capa.

Leitura Repentina — Methodo experimentado e efficacissimo para em poucas lições e com muito recreio

se aprenderem a ler impressos, manuscritos e numeração — approvado pelo Conselho Superior de Instrucção Publica do Reino. — Lisboa — 1850.

Tratado de Metrificação portugueza para em pouco tempo, e até sem mestre, se aprenderem a fazer versos de todas as medidas e composições. — Lisboa — Imprensa Nacional — 1851 — 8.° — 160 paginas. A taboada mnemonisada que appareceu neste livro publicou-se á parte.

Tratado de Mnemonica para aprender muito em pouco tempo. — Lisboa — Imprensa Nacional — 1851 — 8.°

Estreias Poetico-Musicaes para o anno de 53 — 1 volume de poesias e musicas. — Lisboa — 1852 — 1 vol.

Methodo Castilho para o ensino rapido e aprazivel do ler impresso, manuscrito, e numeração e do escrever — Obra tão propria para as escolas como para uso das familias. — Segunda edição — intéiramente refundida, augmentada, e ornada de um grande numero de vinhetas. — Lisboa — Imprensa Nacional — MDCC — CLIII — 8.° 320 paginas.

Methodo Portuguez Castilho para o ensino do ler e escrever — Obra accommodada tanto ao uso das escolas como ao das familias.—Terceira edição —Lisboa—Imprensa de Lucas Evangelista—R. da Oliveira N.° 3—MDCCCLIII—8.°—112 paginas.

Tosquia de um camello—Carta a todos os mestres das aldêas e das cidades.—Lisboa—Typ. Urbanense—1853—8.°—52 paginas.

As Escolas dos Azilos de infancia desvalida—capitulo documental para a historia do Methodo Portuguez.—Lisboa—Typ. Universal de Faria e Companhia—Janeiro de 1854.

Felicidade pela Instrucção—(carta a um jornal de Lisboa)—Lisboa—na Typ. da Academia Real das Sciencias—1854—8.°—117 paginas.

Directorio para os senhores professores das escolas primarias pelo Methodo Portuguez.—Coimbra—na Imp. da Universidade—1854—8.°—60 paginas.

Ajuste de contas com os adversarios do Methodo Por-

tuguez.—Coimbra—na Imp. da Universidade —1854—8.°—110 paginas.

O Genio do Christianismo por M. de Chateaubriand. —Traducção—Lisboa—Typ. Universal—1854 —fol., ou 4.°, maximo—268 paginas—adornadas com gravuras.—São da penna do sr. A. F. de Castilho unicamente os 4 primeiros livros e a introducção.

Officio dirigido á Associação dos Professores do Reino e Ilhas (em 15 de Outubro de 1855) *consultando-os ácerca de varios quesitos relativos ao ensino pelo Methodo Portuguez.*—Foi impresso na resposta dada pela mesma Associação—Lisboa —Typ. de Silva—1856—8.° gr.

Resposta aos novissimos impugnadores do Methodo Portuguez.—Officio a Sua Ex.ª o Ministro do Reino.—Foi publicada no *Diario do Governo*, desde 25 de Março de 1856, até 22 de Abril de 1857.

Epistola a Sua Magestade a Senhora Imperatriz do Brasil D. Tereza.—Coimbra—Imprensa da Universidade—1856.

Methodo Portuguez Castilho para o ensino rapido e aprazivel do ler, escrever e bem fallar.—Quarta edição—accommodada pelo autor a todos os gos-

tos e calculada tanto para uso das escolas como para o das familias, tanto para o modo simultaneo como para o individual.—Lisboa—Typ. Progresso—1857—8.°—144 paginas.—Foi publicado separadamente o Discurso Preliminar d'esta 4.ª edição.

Os Amores de Publio Ovidio Nasão—Paraphrase por Antonio Feliciano de Castilho seguida pela Grinalda Ovidiana por José Feliciano de Castilho.—Rio de Janeiro—Em casa do editor Bernardo Xavier Pinto de Sousa—Rua dos Ciganos N.os 43 e 45—1858—11 vol.—8.° grande.

Adriana Lecouvreur—Opera em quatro actos—poesia italiana do sr. Achilles de Lauzières—musica do sr. Eduardo Vera—traducção portugueza do sr. Antonio F. de Castilho etc.—Lisboa—Typ. de Lallemant e C.ª—Rua do Thesouro Velho N.° 6—Novembro de 1858.

Cartas sobre as Escolas populares pelos excellentissimos senhores J. M. do Casal Ribeiro e A. F. de Castilho.—Lisboa—Typ. Universal—Rua dos Calafates—113—1859—1 folheto.

Adelaide Ristori—estudo critico e biographico—Impresso no N.° VIII do 1.° anno da Revista

485687

Contemporanea para Portugal e Brasil — Novembro de 1859.

Emilia das Neves e Sousa — estudo critico e biographico — No N.° V do 2.° anno da *Revista Contemporanea* — Agosto de 1860 — Continuado em numeros seguintes.

Frey Francisco de Monte Alverne — estudo critico e biographico — No N.° IX do 2.° anno da *Revista Contemporanea* — Dezembro de 1860. — Continuado em numeros seguintes.

D. Maria Peregrina de Sousa — biographia — No N.° VI do 3.° anno da *Revista Contemporanea* — Setembro de 1861.

Arte de Amar de Publio Ovidio Nasão — Traducção em numero egual de versos inderessada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das lettras classicas por Antonio Feliciano de Castilho, seguida pela Grinalda da Arte de Amar por José Feliciano de Castilho. — 2 vol. — Rio de Janeiro — Typ. Universal de Laemmert — Rua dos Invalidos — 61 B — 1861-1862.

Tributo Portuguez no transito de Sua Magestade Fi-

delissima o Senhor Dom Pedro V por A. F. de Castilho—1 folheto—Lisboa—Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portugueza—6—Rua do Thesouro Velho—6—1862.
Fez-se logo uma segunda edição na *Revista Contemporanea*, e depois outra avulsa com o mesmo titulo acima, e indicação de 3.ª edição.

Tributo á memoria de Sua Magestade Fidelissima o Senhor Dom Pedro Quinto, o muito amado—por Castilhos—Antonio e José—Rio de Janeiro—em casa de Eduardo e Henrique Laemmert—Rua da Quitanda—77—1862—É uma biographia longa e estudada d'El-Rei D. Pedro escrita por meu Tio, precedida pelos versos que á morte do mesmo Augusto Soberano compoz meu Pae.

Os Fastos de Publio Ovidio Nasão—com traducção em verso portuguez por Antonio Feliciano de Castilho, seguidos de copiosas annotações por quasi todos os escriptores portuguezes contemporaneos.—Lisboa—por ordem e na Imp. da Academia Real das Sciencias—MDCCCLXII—6 volumes—ou antes 3 tomos, dividido cada um em duas partes.

O Outono—collecção de poesias.—Lisboa—Imp. Nacional—1863—1 vol.

Entre as obras de meu Pae não devem deixar de mencionar-se os prologos, juizos criticos, apresentações, ou como melhor lhes queiram chamar, com que elle honrou as estreias litterarias de alguns amigos e discipulos seus. As de que me occorre noticia são:

Prologo á traducção do *Judeu Errante* por seus Irmãos, meus Tios, Adriano e José.

Prologo ao livro *Supposições que pódem ser realidades* por Luiz Filippe Leite—Ponta-Delgada—1849.

Prologo ao *Album italo-portoghese*, collecção de poesias italianas e portuguezas pelo poeta italiano Antonio Galleano Ravara—Lisboa—1852.

Prologo á traducção do *Novo amigo dos meninos* de St. Germain Le Duc por Luiz Filippe Leite.

Conversação Preambular ao poema *D. Jayme ou a Dominação de Castella* por Thomaz Ribeiro.—Lisboa—Typ. Franco-Portugueza—1862.

Os ineditos de meu Pae são os seguintes:

Hero e Leandro ou a Sacerdotisa de Venus—Poema em cartas, no genero das *Cartas de Echo e Narciso.*

Curso de lingua latina.

Arte Poetica—Por concluir.

Usbeck—Conto persico—poema—Por concluir.

Canasse—Tragedia em 5 actos e em verso.

A festa do amor filial—Drama em verso em 2 actos.

Traducção em verso da tragedia *Aristodemo* de Monti.

Historia do Methodo Portuguez—Acompanhada e reforçada dos documentos mais importantes

---

Traducção das Odes de Anacreonte—Por concluir.

Traducção das Metamorphoses de Ovidio—Estão impressos os primeiros livros.

Traducção do Remedio do Amor — Está a saír do prelo.

Grande numero de outras poesias de menor volume e avulsas enriquece esta preciosa collecção de ineditos.

Não será talvez descabida aqui uma lista das biographias de meu Pae, que em diversos tempos têem apparecido:

No *Stranger's guide in Lisbon* — pelo Reverendo Padre José Ilsley — se encontram algumas paginas consagradas a noticias pessoaes e biographicas do sr. Antonio Feliciano de Castilho.

Em Cadix o sr. Thomaz Gomes, hespanhol, publicou sob as iniciaes *T. G.* uma succinta biographia avulsa do mesmo autor.

No jornal *Archivo Pittoresco* principiou a publicar-se outra biographia pelo seu discipulo e amigo Luiz Filippe Leite.

No jornal *Revista Contemporanea* outra pelo seu amigo J. M. Latino Coelho.

Em alguns livros e diccionarios francezes, taes como o *Dictionnaire de la conversation* — o *Dictio-*

naire biographique de Vapereau — a *Encyclopedia moderna etc. etc.* se encontram não menos honrosas menções d'este grande vulto das lettras patrias.

Adriano Ernesto de Castilho Barreto

Irmão de meu Pae. — Nasceu em Lisboa a 12 de Dezembro de 1800.

Formou-se Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra em 1822. Foi Advogado nos Auditorios de Lisboa. Nomeado Delegado do Procurador Regio no 4.º districto de Lisboa por D. de 24 de Dezembro de 1834; tomou posse em 16 de Janeiro de 1835. Nomeado na 5.ª vara por D. de 19 de Abril de 1837; exonerado por D. de 31 de Janeiro de 1840. Delegado na 3.ª vara de Lisboa por D. de 7 de Janeiro de 1841; tomou posse a 16 do mesmo mez. Nomeado Ajudante do Procurador Regio da Relação de Lisboa por D. de 11 de Outubro de 1844; tomou posse em 15 do mesmo mez. Juiz de Direito de Aldêa Gallega por D. de 26 de Novembro de 1845; tomou posse em 15 de Dezembro do mesmo anno. No quadro dos Juizes de Direito sem exercicio por D. de 7 de Agosto de 1846, para ser opportunamente empregado. Novamente nomeado Ajudante do Procurador Regio de Lisboa por D. de 1 de Dezembro de 1846; exonerado pelo D. de 27 de Dezembro de 1848.

Residiu na cidade do Rio de Janeiro desde 7 de

Dezembro de 1847 até ao seu fallecimento a 18 de Novembro de 1857.

Foi Cavalleiro da Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo; Cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, ainda por Mercê do Senhor D. João VI; Commendador da mesma Ordem; Fidalgo Cavalleiro da Casa Real; do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, e Membro de varias sociedades litterarias.

As suas obras publicadas são as seguintes:

Epinicio á acclamação do Senhor D. João VI.

As minhas vinte e cinco prisões—Tomo 1.°—Lisboa—Na Typ. Lusitana—1845—8.°

Defensa forense do General Stubbs.

Collaborou com seu Irmão e meu Tio o Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho na traducção das obras seguintes:

O Judeu Errante de Eugenio Sue.

Memorias de Madame Lafarge.

Existem ineditas em poder da sua Viuva as seguintes obras:

Traducção do Lutrin de Boileau—e

Traducção de Arabella ou *D. Quichotte femea* de...

2.° Volume das *Vinte e cinco prisões.*

AUGUSTO FREDERICO DE CASTILHO

Irmão de meu Pae.—Nasceu a 3 de Setembro de 1802. Formou-se na Faculdade de Canones no anno de 1822, e recebeu Capello de Doutor na mesma Faculdade no seguinte anno.

Foi Prior da Parochial Igreja de S. Mamede da Castanheira do Vouga no Bispado d'Aveiro, Conego Arcipreste da Sé de Lisboa, Governador do Bispado de Beja, Cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e Deputado ás Côrtes em varias legislaturas.

Pela sua mão fui eu baptisado na ermida da

casa, a 15 de Maio de 1840; festa de familia, cuja risonha tradição ainda ecôa aos meus ouvidos.

Notavel coincidencia! foi meu Padrinho nessa mesma ceremonia outro escritor abalisado e sabio, digno traductor de Horacio, autor do celebre Codigo; e por sua illustração bem conhecido dentro e fora do paiz; fallo de S. Ex.ª o Sr. Conselheiro Antonio Luiz de Seabra, Par do reino. Pois é em poder d'este meu Padrinho que actualmente existe de propriedade, por compra, depois de tres ou quatro possuidores, a bella casa de S. Lourenço do Bairro, que outr'ora pertenceu aos Castilhos. Fôra edificada não sei em que anno esta magnifica residencia pelo Sr. Antonio Manuel de Castilho, irmão de um dos senhores da Sioga do Monte; era aquelle Castilho, cujo animo buliçoso e valente, cuja historia romantica e sinistra o trouxe expatriado tanto tempo na Hespanha, e que por uma aventura ainda hoje escura e duvidosa, ficou indelevel e interessante nas tradições d'aquelles logares.

Ácerca da vida de meu Tio Augusto póde ler-se o seu *Elogio Historico* por meu Pae, inserto nas *Memorias do Conservatorio Real de Lisboa*, e além d'isso *A Chave do Enigma*, complemento do *Amor e Melancolia*, onde por varias vezes se faz menção do mesmo cultivado engenho e excellente coração.

Dera-me a Providencia — diz o saudoso biographo do virtuoso e illustre Prior da Castanheira — *Dera-me a Providencia, entre meus irmãos, um,*

dois annos mais novo do que eu, cuja indole sympathica inteiramente com a minha, cujos gostos em admiravel harmonia com os meus, nos constituiam mais que irmãos: duas metades inseparaveis do mesmo todo. Ardia tambem nelle a faisca sagrada. Não era tudo o palpitar o coração de cada um dentro no peito do outro: os nossos espiritos se adivinhavam de parte a parte; a nossa conversação tinha... (como hei-de dizer isto?) o que quer que fosse de um soliloquio ou de um cantar ao eco. Levava-lhe eu a vantagem de vinte e quatro mezes mais; elle me levava a de mais um sentido. Havia equilibrio e compensação; cada um dava e cada um recebia. Este mesmo interesse mutuo contribuia para a espontaneidade da nossa fusão necessaria e suavissima.

Tal era este espirito distincto, collocado pela Providencia ao pé do grande Genio, para esforçador, companheiro, e irmão; tal era; tal saiu para nós da palheta inspirada do cantor da *Primavera* o retrato sympathico do homem que punha toda a sua gloria, toda a sua ambição, na gloria de meu Pae, e cantava na sua lira de oiro, lira por elle mesmo quebrada nos degraus da sepultura, o nome querido do seu companheirinho dos annos verdes, quando dizia:

.....

E tu, meu caro irmão, tu me arrebatas,
quando magico attraes aos sons da lira
as Musas do Danubio á foz do Tejo.
Oh! dize-me onde has visto a Natureza,

virgem tão bella para ti sorrindo!
Lá na edade infantil, quando teus olhos
inda na luz formosos se espraiavam,
veiu ella mesma perfumar-te o berço,
tingir-te em rosea cor dos ceos o espaço,
encher-te o ar de ignotas harmonias,
de affectos orvalhar-te o brando seio,
e com magas visões doirar teus sonhos?
Sim, veiu: e quaes na mente que as affaga
as maternas feições impressas ficam,
taes seu olhar, e voz, e graça, e tudo
te vivem, te reluzem pela mente,
doiram-te a escuridão, compõe-te um mundo.
Em silencio te admiro ha longo tempo;
e até (que fui tão louco) ousei co'as tuas
minhas forças medir, tentar-te a gloria.
—« Não somos nós irmãos — me disse eu mesmo?—
« não corremos iguaes no longo estudo?
« pois ha-de a lira d'elle ousar prodigios,
« sem que, para a imitar, desperte a minha? » —
Mas que val o desejo, o sangue, o estudo?
Tu sabes remontar-te aos ceos num vôo;
eu tento, eu me debato, ergo-me, caio,
no inglorio chão cançado me adormeço;
será pois d'elle só a eternidade.
Só d'elle? a sua gloria aos dois nos basta;
qual nossos corações amor vincula,
tal has-de unir, ó fama, os nomes d'ambos,
com todo o eterno sopro enchendo a tuba.
— « Este o maior — dirás — dos lusos vates! » —
Dirás depois mais baixo: — «Este co'os olhos
« leu e estudou do irmão, do terno amigo. » —

E bem terno, e bem verdadeiro amigo! Inseparaveis até ao fim, acompanhou-o meu Pae á ilha da Madeira, para onde os conselhos da medicina o impelliam, já nas ultimas de uma longa e devoradora phtysica pulmonar que o derrubava; ia o pobre doente para procurar lenitivo e balsamo naquelle clima delicioso, naquella atmosfera sadia e creadora, e teve apenas tempo de encostar a cabeça e descançar para sempre.

O dia 31 de Dezembro de 1840 é um dia de luto e de tristissima recordação.

Em virtude das suas disposições ultimas foram queimadas depois da sua morte muitas de suas obras ineditas, originaes e versões, e entre ellas a sua notavel traducção completa em verso portuguez da *Pharsalia* de Lucano.

Escaparam porém da pira alguns admiraveis sermões manuscritos do mesmo autor, piedosamente conservados por mão amiga, e os quaes, graças ás diligencias de um distincto brasileiro, o muito Reverendo Monsenhor Conego Joaquim Pinto de Campos, vão brevemente sair á luz em collecção.

As obras publicadas de meu Tio o Sr. Doutor Augusto de Castilho são:

Sermão de exequias de Sua Magestade Imperial o Senhor Dom Pedro Duque de Bragança, prégado na Igreja de Nossa Senhora da Lapa de Lisboa. — *Lisboa* — 1834.

Algumas outras producções de sua lavra se encontram na *Collecção de poesias recitadas na sala dos actos da Universidade de Coimbra em* 1820.

Tenho ufania em ser eu quem levante neste cantinho de um grande livro, e á sombra da grande arvore, uma cruz humilde mas sincera á memoria de um homem a quem o sangue me prende, além da sympathia, e da gratidão; gratidão devo-lhe muita; e essa amizade cega que elle consagrava ao menino de oito mezes que eu era ao tempo da sua morte, paga-lh'a, e do coração, e com altos juros de reconhecimento, o mancebo, neste publico padrão de veneração e affecto.

Alexandre Magno de Castilho

Irmão de meu Pae.—Nasceu a 12 de Dezembro de 1803. Foi Bacharel formado em Filosofia e Mathematica pela Universidade de Coimbra, Cavalleiro da Ordem da Conceição, e ultimamente Consul da Republica de Buenos Ayres em Lisboa, etc. Falleceu aos 23 de Maio de 1860 em Lisboa de uma phtysica pulmonar. Foi autor das seguintes obras:

Resposta á Analyse da carta de Lei de 15 *de Outubro de* 1825, *do Brigadeiro Moniz Barreto.*—Rio de Janeiro—1826—4.°—A publicação d'este escrito produziu uma querella, dada contra o autor por *abuso de liberdade de imprensa;* e tendo

de comparecer perante o jury, escreveu então a seguinte:

Defeza de Alexandre Magno de Castilho, Bacharel formado em Mathematica, e Voluntario da Armada Real Portugueza.—Ibi—na Typ. Imperial e Nacional—1826—4.°—de 27 pag.—Julgo que devem ser rarissimos os exemplares d'este impresso, ao menos em Portugal; porque ainda não vi mais que um unico, o qual tenho em meu poder.

Cartas de dois amantes, ou Emilia e Frontino.—Ibi—1826.—Creio que foram reimpressas—ibi—na Typ. Un. de Laemmert—184...—8.° gr.

Poesias d'um Portuguez, offerecidas aos portuguezes seus compatriotas residentes no Brasil.—Ibi—1826.

Carlos III ou a Inquisição de Hespanha. Drama em tres actos traduzido do francez. Saiu no *Archivo Theatral*, tom. III.—Lisboa—1840.

Desde 1850 inclusive até 1860 publicou regularmente:

Almanach de Lembranças para 1851 (e para cada um dos annos seguintes)—Lisboa—1850—53—54—55—56—57—58—59—60.—Em diversas Typ.—Os de 1852 e 1853 foram impressos em Pariz, nos annos de 1851 e 52. Formato de 16.º

Publicou varios artigos litterarios nos jornaes *Independente*, dos *Amigos das Lettras*, *Revista Universal*, *Semana*, *etc.*—São da sua penna o *Golpe de vista sobre o estado politico das principaes Nações da Europa em* 1851, impresso no *Correio Mercantil do Rio de Janeiro*, e a *Chronica Politica Européa* que desde Agosto de 1851 saiu regular e periodicamente impressa no mesmo jornal.

Conservam-se ineditas um grande numero de composições suas dramaticas, algumas originaes, outras imitadas ou traduzidas.

Conjuntamente com seu Irmão José Feliciano de Castilho, escreveu e publicou em francez as seguintes obras:

Recueil de souvenirs pour le cours de Mnémotechnie.—St. Maló—1831.

Traité de Mnémotechnie.—Bordeaux—1831. Publicaram-se d'esta obra oito edições, segundo se affirma.

Dictionnaire Mnémotechnique.—Ibi—1831. D'esta sairam seis edições, no periodo decorrido até 1835.

Formules pour la mnémonisation des souverains Pontifes et des Conciles généraux.—Ibi—1834.

Faits détachés de l'Histoire Ecclesiastique avec leurs formules correspondantes.—Arles—1835.

Tableau chronologique des Rois de France, mnémonisé.—Bordeaux—1835.

Traité de stenographie.—Tarascon—1835.

D. Emilia Augusta de Castilho

Filha do precedente, meu Tio o Sr. Alexandre Magno de Castilho.

Nasceu a 22 de Setembro de 1841.

A brilhante educação que recebeu de seu Pae, homem, como poucos, capaz para lh'a dirigir pelo seu grande coração, pelo seu claro entendimento, e pela sua muita experiencia dos homens e das coisas, completou-se ainda nas suas reiteradas viagens e nas suas mais ou menos longas permanencias em Pariz. Ahi, na presença da capital das artes, o espirito novel e já tão elevado de minha Prima adquiriu no trato dos melhores mestres e no estudo dos melhores modelos aquella finura, aquella distincção, aquelle acume, que ajudado pela sua mui variada instrucção, a tornavam a ufania de seus Paes, e de todos nós os seus parentes que inda lográmos conhecel-a.

Era deveras um espirito privilegiado para a gloria e para a poesia. O ceo, que é a poesia suprema, e a suprema gloria, arrebatou-a nas suas desanove primaveras, a 20 de Maio de 1860.

Algumas poucas de suas producções poeticas se imprimiram no *Almanach de Lembranças;* o mais d'ellas porém existe em poder do seu viuvo e Primo Alexandre M. de Castilho.

José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha

Irmão de meu Pae.—Nasceu em Lisboa aos 4 de Março de 1811.

Do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, Commendador da

Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo, Commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Doutor e Bacharel em Direito, Medicina, e Filosofia pelas Universidades de Coimbra, Pariz e Rostock, Presidente da Commissão do Nacional e Real Archivo da Torre do Tombo, ex-Bibliothecario Mor, e Deputado ás Côrtes em varias legislaturas, Tenente Coronel, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Membro da Sociedade Real dos Antiquarios do Norte, da Academia de Historia de Copenhague, das Sociedades Pharmaceuticas do Norte da Alemanha, de Salzufflen, e de Lisboa, do Instituto Historico de Pariz, do Conservatorio Real, e da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, do Gremio Litterario Portuguez no Rio de Janeiro, do Instituto Historico da Bahia, do Conservatorio da mesma cidade, da Sociedade dos Amigos das Letras e Artes em S. Miguel, da Associação Promotora da Educação Popular, etc. etc. etc.

Autor das seguintes obras impressas:

Grinalda ovidiana.

O Iris, jornal do Rio de Janeiro.

Iris classico.

Livraria classica.

Arte de ser amado.

Traité du consulat.

Relatorio sobre a Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Apologia e defeza do Barão de Moreira.

Biographia do mesmo.

Tributo á morte do Senhor D. Pedro V.

União iberica.

Tratado de orthographia.

Traité de mnémotechnie.

Dissertação inaugural sobre a nostalgia.

Dissertação sobre o regimen da tutela.

Regulamento consular.

Noticia da vida e obras de Manuel Maria Barbosa du Bocage.

Noticia da vida e obras de Fernão Mendes Pinto.

Cartas de Manuel pequeno a seu compadre artilheiro.

Memorias de um endemoninhado.

Discurso sobre a necessidade de se protegerem as sciencias, as lettras e as artes no imperio do Brasil.

Razões do appellante e do appellado na causa entre partes: appellante José Antonio das Neves; appellado Felix Maria de Noronha.

O casamento de Sua Alteza Imperial a Senhora Princeza D. Izabel com Sua Alteza Real o Senhor Infante D. Luiz, Duque do Porto; Extractos.

A questão da barca Charles et George.

Carta a um dos directores da Lysia Poetica.

Relatorio e proposta das medidas concernentes á coordenação e classificação dos archivos existentes na Torre do Tombo.

Traductor do *Judeu Errante,* de *Madame Lafarge,* da *Mulher Catholica.*

Redactor e collaborador de muitos jornaes politicos.

Tem por publicar:

Os estudantes de Coimbra ou um Fidalgo como ha muitos, comedia.

Amor e morte, drama.

A precipitação, idem.

O mundo, idem.

A esposa da moda, comedia.

Pujol, drama imitado de Jacques Arago.

O noivado em Paquetá, drama lirico.

A estrêa de uma artista, opera comica.

Brincar com fogo, idem.

Traducção em verso da *Pharsalia* de Lucano e das *Tragedias* de Seneca.

Alexandre Magno de Castilho

Filho primogenito do precedente, meu Tio o Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha.

Nasceu a 4 de Março de 1835 na cidade do Puy em França.

É hoje Primeiro Tenente da Armada Real, habilitado com os cursos da Escola Polytechnica e da Escola Naval, e Engenheiro da Commissão Geodesica.

É autor da seguinte obra por publicar:

Roteiro e descripção da Costa Occidental da Africa.

Vai sair impresso este importante livro pelo Governo portuguez na Typographia Nacional.

Da mesma origem primitivamente Asturiana devem proxima ou remotamente ser os seguintes escritores.

Como lhes não conheço a filiação directa e clara, aqui os junto no fim do meu trabalho.

São personagens distinctos e dignos de menção, não ha negal-o; são frutos caidos da grande arvore

da familia; mas por lhes não sabermos atinar com o ramo originario, nem por isso os engeitemos.

Padre Francisco Sanches de Castilho

Necessariamente filho de algum membro da familia de Trasmiera entrado em Portugal anteriormente aos dois irmãos montanhezes supramencionados João e Diogo de Castilho.

Era o Padre Francisco Sanches de Castilho natural da cidade da Guarda. Seguiu a carreira ecclesiastica, e foi Prior da Igreja de S. Thiago de Marvão no Bispado de Portalegre. Parece ter residido algum tempo na cidade de Roma, e ser então promovido á Abbadia das duas Igrejas, no Bispado de Lamego. Morreu no anno de 1558.

Deixou inedita a seguinte obra:

Dictionnarium Lusitanum et Latinum—que não sei onde pára.

Estas noticias todas as tirei de Diogo Barbosa Machado.

Julião de Castilho

Não sei de quem era descendente, porque d'elle não fallam as genealogias que pude compulsar. Era natural do Bispado de Burgos em Hespanha,

d'onde me permitto concluir, não sem algum fundamento, o seu parentesco proximo com os Asturianos, bem como com o assumpto do precedente artigo.

Escreveu:

Historia de los Reyes godos que vinieron dela Scitia de Europa contra el Imperio Romano, y a España: y la succession dellos hasta el Catholico y potentissimo Don Philippe segundo Rey de España: a quien va dirigida. Compuesta y recopilada por Iulian del Castillo, vezino dela Villa de Muño y Arroyo en el Arçobispado de Burgos.—Depois d'estas palavras tem uma grande gravura em madeira representando as armas de Castella e Leão Aragão e Granada etc.; finalmente no baixo da pagina: *Con privilegio—Impressa en Burgos, por Philippe de Iunta*—1582.

O exemplar d'onde copio textualmente aquelle titulo é o E—5—17—da Bibliotheca Nacional de Lisboa; velho volume de papel quasi pardo, folio pequeno encadernado em pergaminho. Não sei d'onde o houve a Bibliotheca, mas suspeito estar ali uma curiosidade bibliographica; na parte inferior da pagina do titulo encontrará o observador uma debil sombra de pardo tirante a amarello, na qual primeiro não attentará, mas que examinando-a mais de espaço verá ser o nome manuscrito de *Castilho*, escrito em caracteres antigos, e numa tinta quasi apagada. Tem mais umas lettras entrelaçadas depois do appellido,

que eu não soube correntemente decifrar. Pertenceria ao autor do livro aquelle exemplar? pertenceria antes a seu filho? se não é dar demasiado credito a uma miragem enganosa, inclino-me a esta ultima hypothese. O typo da lettra, o *h*, e a garatuja final, que eu interpreto J. C., *Jeronymo de Castro*, parecem corroborar esta supposição. Não val a pena de insistir mais em tal; seja o que fôr; quem ha-de decidir?

Ainda que nada sei da vida e circunstancias pessoaes de Julião de Castillo, vejo que se trasladou em algum tempo a este Reino, onde teve por filho o citado Jeronymo de Castro e Castilho, que segue.

Frei Jeronymo de Castro e Castilho.—Filho do precedente Julião de Castilho, e natural de Lisboa.

Professou como frade Trino no Convento de Toledo, e depois de bons estudos escolasticos, cultivou Historia ecclesiastica, e Historia profana.

Seguiu o trilho de seu Pae, que tambem escrevêra historia, e proseguiu e ampliou os seus escritos, deduzindo-os até ao reinado de D. Filippe IV:

Historia de los Reyes Godos que vinieron de la Scythia de Europa contra el Imperio Romano, y a España con sucession dellos hasta los Catholicos Reyes D. Fernando y D. Izabel.—Madrid —por Luiz Sanches, Impressor delRey.— 1624—fol.—Dedicada a D. Manuel de Fon-

ceca y Zuniga Conde de Monterey y de Fuentes.

A addição feita por Fr. Jeronymo de Castro e Castilho—diz o autor da *Bibliotheca Lusitana*, Diogo Barbosa Machado—*é muito curiosa e bem trabalhada.*

Na Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro deve existir hoje (segundo o Sr. Innocencio) a preciosa collecção em 4 volumes de retratos e estampas coordenada por Diogo Barbosa Machado; e no tomo II d'essa collecção se encontra um retrato de Fr. Jeronymo de Castro e Castilho; como se póde ver no *Diccionario Bibliographico*, artigo *Retrato*.

Frei Affonso de Castilho

Religioso da Ordem dos Menores, cujo habito recebeu na Provincia de Castella da Immaculada Conceição da Senhora, varão igualmente pio e erudito.

Escreveu:

Compendio de platicas amorosas, con que el alma pide a su Dios perdon e misericordia. — Valladolid —por Juan de la Rueda — 1616 — 16.°

Nicolau Antonio na *Bibl. Hispan.* tom. I pag.

11, não declara ser portuguez este autor, cuja noticia devemos ao incançavel estudo do Licenciado Jorge Cardoso, que assim o affirma nas Memorias que juntava para a *Bibliotheca Portugueza*, não faltando quem diga que na obra allegada declara o autor ser portuguez. D'elle faz memoria Fr. João de Santo Antão in *Bib. Franc.* tom. I pag. 40 — col. 1.ª — sendo preterido por Fr. Lucas Wading in Script. Ord. Min.

N. B. — Este artigo é textualmente transcrito de Diogo Barbosa.

Padre Jeronymo de Castilho

Este entra na familia por sua Mãe, pois era filho de Antonio de Macedo e de D. Violante de Castilho. Nasceu em Lisboa aos 23 de Janeiro de 1674, e foi baptisado aos 2 de Fevereiro na freguezia de S. José.

Mostrou logo singular talento para as lettras, desenvolvido na esmerada criação que lhe deram seus Paes. Aprendeu Humanidades no Collegio de Santo Antão, e nos estudos Rhetoricos se distinguiu sobremaneira.

Entrou para o gremio da Companhia de Jesus em Junho de 1687, aos treze annos de edade, e ahi floresceu por sua virtude, piedade, e illustração.

Acabado o seu noviciado, tornou a cursar Hu-

manidades no Collegio de Coimbra; e com igual aproveitamento seguiu Filosofia na mesma cidade.

Ensinou no Collegio de Santo Antão, onde aprendêra em menino, Humanidades por espaço de cinco annos.

Vista a finura e vastidão do seu talento, foi o Padre Jeronymo de Castilho enviado a Roma estudar Theologia no Collegio Romano; ahi se houve como quem era, e a cabo de tempo nessa mesma grande cidade defendeu com pasmo geral brilhantissimas Conclusões magnas, em que tanto primou e arrebatou, que foi para a sua modestia e amor patrio uma verdadeira batalha resistir e subtrair-se ás instancias porfiadas do Vigario Geral de toda a Companhia o Reverendissimo Padre Miguel Antonio Tamborino, que pretendia filiar o illustre e virtuoso portuguez na Provincia Romana. Venceu a saudade, venceu a modestia do insigne orador os desejos do Vigario italiano, e voltou a Lisboa o nosso Castilho, e restituiu-se aos seus estudos e á sua quêda e inspirativa cella.

Tornou-se para Coimbra, onde explicou aos seus collegas Rhetorica, e depois Filosofia, correspondendo em tudo á alta fama que para toda a parte o precedia. Acabado o curso Filosofico, prégou os Sermões de Quaresma; deviam de ser na verdade coisa mui para ouvir as doutrinas da Igreja, espalhadas por aquella boca de anjo, animada do saber colhido, vivificada na inspiração do ceo.

Passou Jeronymo de Castilho a Evora, e ahi leu

a Cadeira de Escritura nessa Universidade. Em Evora trabalhou na litteratura religiosa, e mistica, escrevendo a instancias do Reverendo Cabido da Diocese, um sermão para as exequias do Arcebispo D. Simão da Gama; e tão desinteressado era de si o nosso bom Jesuita, que não houve resolvel-o (neste facto insiste o Marquez de Valença no seu elogio do Padre) a que acceitasse para gratificar e remunerar a sua obra outra coisa mais que o prazer de havel-a escrito.

Em quanto na Universidade de Evora lia a Cadeira de Escritura, inspirava-lhe o remanso da velha e historica cidade a sua obra não concluida e inedita, *David Penitente*. Este livro jaz manuscrito em algum canto empoeirado d'essas livrarias. Não se me deparou porém ainda nas pesquizas que por elle tenho feito.

Tambem mereceu do Senhor D. João V o Padre Jeronymo de Castilho a honra insigne de ser nomeado confessor e director dos estudos do Senhor Infante D. José Pedro João Luiz, nascido a 6 de Junho de 1714, e que depois veiu a ser Arcebispo Primaz de Braga. Largou esse emprego por *causas mui urgentes* diz o Marquez de Valença.

Foi-lhe pelo mesmo Soberano conferido o logar de Academico do numero da Academia Real de Historia Portugueza, fundação muito querida do nosso Luiz XIV, e logo no primeiro anno couberam a Castilho na larga distribuição de Memorias ordenadas e incumbidas aos Academicos as seguintes: *Historia do Bispado de Coimbra* — na lingua latina; e *Historia do Bispado da Guarda* — igual-

mente em latim, d'onde se infere o alto saber do commissionado para tratar tão difficeis assumptos, e a sua pericia no manejo da lingua mãe. —« Estas obras porém não concluiu, nem come-« çou » — accrescenta o já citado Marquez de Valença.

Quando em 1724 falleceu o Summo Pontifice Innocencio XIII, partiu para Roma o Cardeal Pereira de Lacerda a votar com o Collegio Cardinalicio na eleição do novo Soberano, que foi o Summo Pontifice Benedito XIII. Por ordem d'El-Rei acompanhou a Sua Eminencia o Padre Jeronymo de Castilho, na qualidade de seu confessor. Roma era para elle antiga conhecida, e deviam andar ainda não de todo desluzidas as tradições da sabedoria e sapiencia do moço alumno do *Collegio Romano. Naquella Curia* — diz o seu biographo Marquez de Valença — *com especialidade entre os da Companhia, achou tão firmes as memorias, tão inalteraveis os obsequios da estimação e amizade antiga, que pudera o agradecimento para os estranhos disputar com a fidelidade para os naturaes.*

Quando voltou para Lisboa, entregou-se todo ao ministerio do pulpito, com alto louvor dos entendidos. Os seus Sermões andavam de boca em boca; todos os sabiam, todos os queriam, e houve quem instasse muito com elle para que os publicasse; ao que sempre se recusava o modestissimo engenho, e respondia retraindo-se :— «Basta « o pejo que sinto em os recitar. » —

Esta frase narrada no seu Elogio tem immensa graça proferida por tal varão.

Grande apreciador e colleccionador de livros se imaginaria bem que fosse o nosso Jesuita, mas que nol-o não dissesse o seu elogiador já citado. Tem verdade e elegancia o que neste assumpto nos elle diz; peço pois licença para lhe transcrever aqui algumas frases; falla o Marquez de Valença:

Era grande estimador de livros, e dos seus autores, como quem sabia que não ha folha de livro sem utilidade, assim como não ha folha de planta sem virtude; mas nestes mesmos livros tinha uma particular eleição..... Quem lhe roubava os affectos e quem lhe captivava as attenções, era o seu Vieira, explicando a excellencia e maioria da sua capacidade umas vezes com as antonomasias mais illustres, outras com o silencio, como tendo por ineffavel o seu merecimento; outras com gestos que exprimiam a sua singularidade, olhando para o ceo para nos mostrar que de lá vieram aquelles dotes; outras fechando os olhos, á maneira d'aquelle Filosofo que os arrancou para meditar com mais liberdade; outras como quem tinha horror de ver aquelle gigante, aquelle monstro, e aquelle raio da eloquencia e sabedoria.

É uma pena que eu não tenha por ora encontrado as obras ineditas do Padre Jeronymo de Castilho. Além das que citei durante o curso d'esta sua rapida biographia, as suas *Poesias latinas*, os seus *Sermões* merecem particular menção. Diogo Barbosa Machado, que os cita, lhes chama *dignos da luz publica*.

Recitou na Universidade de Coimbra em louvor da Rainha Santa Izabel uma oração latina, que, no dizer do mesmo Barbosa Machado, *mereceu as acclamações de todos os cathedraticos pela pureza da latinidade, delicadeza de conceitos, e novidade da idéa.*

No tomo de 1729 da *Collecção de documentos* da Academia Real de Historia, se encontra o seguinte:

«O enthusiasmo do erudito Padre pelo grande «orador Vieira manifestou-se no seu

«*Epænotaphion encomiasticum R. admodum Pa-*«*tris P. Antonii Vieiræ Societate Jesus.* — Lisboa — «por Miguel Rodrigues, impressor do Senhor Pa-«triarcha — 1736 — 4.° — 1.»

Este opusculo saiu de pag. 249 a pag. 260 do livro intitulado: *Vozes saudosas da eloquencia, do espirito, do zelo, e eminente sabedoria do Padre Antonio Vieira da companhia de Jesus etc. etc. — tudo reverente dedica ao Principe Nosso Senhor o Padre André de Barros etc.*

Era o Padre André de Barros outro admirador d'aquella eminente gloria do Pulpito, e publicando com a sua obra e como corôa ao grande vulto, o *Epænotaphion* supramencionado, dava preito á memoria de um, e ao talento do outro, ambos a esse tempo já finados. Oiçamos as primeiras linhas da obra do Padre Castilho, composta, na opinião do autor da *Bibliotheca Lusitana*, no logar competente *em estilo lapidario, com elegancia e subtileza.*

Diz assim:

Lege, viator, et luge;
Morare paululum, et mirare;
Quis, quantusque vir jaceat in hoc tumulo!
Si nescis, accipe
Hoc moræ tuæ pretium satis amplum.
Hic tandem jacet
Reverendus admodum Pater P. Antonius Vieira.
Octavo supra millesimum et sexcentesimum anno
In lucem prodiit auspicato,
Quam et plurimam vidit et sparsit.
Ulyssiponem natalem sortitus,
Orbem in urbe.
Eam patriæ conflavit orbis invidiam,
Ut diu, an esset patria? quæreretur;
In hoc tantum Homero suppar Antonius,
Cætera major.

E assim continúa. Tem no fim das onze paginas:

Hæc, currente calamo, dedit R. P. Hieronymus de Castilho, olim Primarius Rhætoricæ Professor Ulyssipone; deinde Conimbricæ: ibidem Philosophiæ Magister; tandem in Eborensi Academia sacrarum literarum Interpres; postremo Regali Academiæ Historiæ Lusitanæ Alumnus insigniter eruditus ac desideratissimus.

Somos chegados ao cume da vida d'este homem notavel, cuja fama no seu tempo igualou a dos mais favorecidos. Temol-o querido de todos, ouvida e respeitada a sua voz no Paço dos Reis, ad-

mirada e acatada a sua intelligencia e vasto saber no gremio das Academias, apreciada a sua virtude e santo zelo na Curia de Roma, entendido, bemquisto e amado o seu coração de oiro por todos os que logravam ouvil-o e tratal-o, e vai não obstante truncar-se-nos de repente entre as mãos o fio de uma tal vida exemplar de sabio e de christão.

Um dia, a 19 de Abril de 1730, acommette-o uma febre maligna de pessima natureza; derruba-o; e não ha resistir-lhe.

Até 6 de Maio estorceu-se numa agonia despedaçadora. Pela uma hora da tarde d'esse dia uma morte admiravel veiu coroar dignamente uma tal vida.

Detenhamo-nos aqui, e voltemos outra pagina. Chama por nós outro nome. É

João Bernardes de Castilho

Filho de Jacob Bernardes, e de Maria de Santo Antonio de Castilho, e natural de Lisboa.

Não sei que gente fossem os seus progenitores; do pae não tenho noticia alguma, nem o conheço; a mãe não a encontro nas genealogias de Castilho, e inclino-me a crer que não seria talvez pela linha paterna que ella teria herdado esse appellido, e mais ainda, que não pertenceria aos Castilhos da Bairrada. Quasi intruso vem pois aqui o assumpto d'este artigo. Mencionemol-o porém, uma vez que usava chamar-se d'esse modo.

Estudou grammatica em Lisboa; casou, mas poucos annos se logrou do estado. Fallecida sua mulher, entrou o desconsolado viuvo a querer seguir o trilho religioso, que emfim tomou, filiando-se na Congregação do Oratorio da cidade do Porto a 12 de Dezembro de 1711. É natural que escolhesse essa Congregação para refugio, por ser já d'ella o Padre Jacob Bernardes, seu Irmão. D'este, em memoria do que escreveu, e sobre tudo em lembrança da tradição da sua prodigiosa morte, vamos tratar summariamente no artigo seguinte.

Obrigado João Bernardes de Castilho *de graves achaques, incompatíveis com aquelle instituto,* para seguirmos a frase de Diogo Barbosa, *saiu antes de acabado o anno do noviciado.*

Foi poeta de tal ou qual suavidade, como logo veremos. Era um espirito brando, *mui timorato e devoto,* tolerando com *summa paciencia a falta dos bens da fortuna.*

Escreveu um folheto de poucas paginas, com o seguinte titulo que copio textualmente do exemplar da Bibliotheca Nacional de Lisboa:

Queixas da saudade contra as tyrannias da Parca, na lamentavel, e nunca cabalmente sentida, nem dignamente chorada, morte do muito alto e muito poderoso Rey, e Senhor nosso D. Pedro II. Articuladas pelas vozes do sentimento da Senhora D. Francisca Maria Josefa Xavier, Infante de Portugal; e offerecidas ao excellentissimo senhor D. Rodrigo Annes de Sá Almeyda e Menezes, Mar-

quez de Fontes, Conde de Penaguião, Capitão-Mor da cidade do Porto, e seu Alcaide-Mor, de juro e herdade, e das villas de Abrantes, Punhete, Amendoa, e do Mação, senhor das Fortalezas de S. João da Foz, e Nossa Senhora das Neves, senhor das villas de Penaguião, Fontes, Godim, Sever, Sardoal, e da honra de Sobrado, Commendador de Santiago de Cacem, e S. Pedro de Faro, da Ordem de Santiago, etc. Por João Bernardes de Castilho. — Lisboa. — Na officina de Valentim da Costa Deslandes, impressor de Sua Magestade. Com todas as licenças necessarias. — Anno de 1707 — 4.°

Consta este opusculo de uma dedicatoria de duas paginas ao Marquez, e de 20 oitavas, de pura Fenix renascida, em que se deplora, em nome da dita Princeza, a Senhora D. Francisca Maria Josefa Xavier, a morte d'El-Rei. Esta Infante era filha do celebrado, e nascêra a 30 de Janeiro de 1699.

Para darmos uma pequena amostra do engenho poetico, aliás diminuto, de João Bernardes de Castilho, oiçamos o introito do seu insignificante opusculo; diz assim:

I

Quando se perde o bem na confiança
de ser mais cedo ou tarde possuido,
algum alivio sente na esperança
o coração, que o chora assim perdido.
Em nenhuma razão amor alcança
esperar o meu bem restituido;

oh! pena! oh! dor! oh! magoa! oh! dura sorte,
mais tyrana e cruel que a mesma morte!

II

Mas ai! Parca cruel e fementida
pois me deixas assim em triste calma,
sem me levares com meu bem unida,
levando a minha dor ás mais a palma!
como posso viver, não tendo vida!
como posso animar-me sem ter alma?
mas sem vida e sem alma quer's deixar-me,
sem me querer matar, por mais matar-me!

E assim por diante. Escreveu mais:

Novena da gloriosa Virgem e Doutora Santa Thereza de Jesus. — Lisboa — 1708 — 24.º — Na officina de Valentim da Costa Deslandes.

D'este opusculo não achei exemplar algum na Bibliotheca, e nunca o vi.

Nada sei de circunstancias pessoaes do dito Castilho, senão que falleceu em 1743.

Padre Jacob Bernardes

Filho de Jacob Bernardes, e de Maria de Santo Antonio de Castilho, natural de Lisboa.

Sobre a sua filiação, vide o artigo supra.

Recebeu o Padre Bernardes a roupeta da Congregação do Oratorio no Porto a 8 de Setembro de 1685. Ahi na frequencia dos seus doutos companheiros adquiriu tudo que podia constituir um perfeito congregado. Foi Lente de Filosofia, e foi o primeiro de Theologia que houve na Congregação.

Foi mais Examinador Synodal do Bispado do Porto, e Confessor do Prelado D. Thomaz de Almeida, depois Patriarcha de Lisboa e Cardeal.

Desvelava-se sinceramente, e quanto podia, o Padre, na reforma dos costumes, na dilatação da fé, na conversão dos peccadores. Crente devéras, juntando á sua erudição e instrucção theologica todo o zelo e ardente querer dos maiores santos, andava incançavelmente em continuas missões pelo reino.

Uma vez em Villa do Conde prégava o Padre Bernardes. Numeroso auditorio da Villa e dos contornos apinha o templo. O apostolico varão atroa a abobada com a sua voz inspirada, com as suas palavras de fogo. Levado na furia da amplificação, — «Hei de morrer — diz elle, — e vou morrer! Deus ha-de ouvir-me; os meus ardentes rogos foram que me chamasse á sua presença quando ás turbas eu estivesse do alto do pulpito a prégar assim as doutrinas sacrosantas da sua Igreja. Sinto que vou morrer! a morte, meu Deus! a morte!!» —

De repente, oh! prodigio! turva-se-lhe a voz; um veo negro lhe offusca a vista; descóra; cai sem sentidos. Derrubou-o uma paralysia:

Exanime, prostrado, é levado nos braços da tur-

ha, que o chóra e o beija ao mesmo tempo. Recebe ainda os Sacramentos; e depois de uma noite de angustia, depois de um estertor de umas poucas de horas, na manhã de 16 de Novembro de 1718, repetindo e murmurando comsigo o Santissimo Nome de Jesus, acabou de padecer o virtuoso congregado.

Entre alas de povo em luto, e ao som do pranto desconsolado, ou no meio do silencio, mais desconsolado ainda, foi um numerosissimo cortejo funebre acompanhal-o á sua sepultura, na igreja dos frades de S. Francisco de Villa do Conde, e ahi jaz.

Sobreviveram ao Padre Jacob Bernardes, estas suas obras:

Sermões e praticas. — 1.º Tomo — Coimbra — por João Antunes — 1714 — 4.º

O 2.º volume, pelo mesmo impressor, saiu em 1716. O 3.º e 4.º estavam promptos para a impressão no tempo de Diogo Barbosa Machado, cujos são todos os apontamentos de que me servi para esta breve noticia, bem como para a precedente.

Vamos concluir esta já demasiadamente longa nota genealogica e litteraria.

Um trabalho d'estes não tem presumpções de litteratura; nem podia tel-as.

Cerrando o nosso estadio, esculpiremos na meta um voto: que no futuro, ao folhearem-se as percorridas memorias de tantos benemeritos, possa apparecer entre elles, senão com gloria ao menos sem deslustre, o nome do mais obscuro d'elles todos, o humilde nome de

Abril de 1864.

JULIO DE CASTILHO.

Lista das obras que consultei para o presente estudo

1 *Camões*, drama, 1.ª edição.

2 *Ensaio biographico, critico*, por José Maria da Costa e Silva.

3 *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem*, por F. A. de Varnhagen (saiu anonyma).

4 *Diccionario bibliographico portuguez*, por Innocencio F. da Silva.

5 *Chronica d'El-Rei D. Sebastião*, por D. Francisco Manuel de Mello.

6 *Theatro genealogico*, por D. Tivisco de Nasao Zarco e Colonna.

7 *Distribuição dos empregos dos academicos.* Mem. da Acad. R. de Hist. vol. de 1721.

8 *Cat. dos Dep. do Cons. ger. da Santa Inq., etc.* pelo Padre Fr. Pedro Monteiro. Ibid.

9 *Noticia geral das Santas Inquisições d'este Reino e suas conquistas, etc.*, pelo Padre Fr. Pedro Monteiro. Ibid. vol. de 1723.

10 *Catalogo dos Bispos da igreja de S. Salvador da cidade de Angra, etc.*, por D. Antonio Caetano de Sousa. Ibid. vol. de 1722.

11 *Catalogo dos Bispos de Leiria, etc.*, por Caetano José da Silva Sottomaior. Ibid.

12 *Catalogo chronologico dos Collegiaes e Porcionistas do Collegio de S. Pedro, etc.*, pelo Dr. Manuel Pereira da Silva Leal. Ibid. vol. de 1725.

13 *Catalogo dos religiosissimos DD. Abbades do antigo mosteiro de Santa Maria de Guimarães, etc., e dos illustrissimos DD. Priores do mesmo mosteiro, etc.*, pelo Bacharel Francisco Xavier da Serra Crasbeck. Ibid. vol. de 1726.

14 *Memorias do Collegio Real de S. Paulo da Universidade de Coimbra, etc.*, por D. José Barbosa. Ibid. vol. de 1727.

15 *Elogio do Padre Jeronymo de Castilho*, pelo Marquez de Valença. Ibid. vol. de 1730.

16 *Jornada de Africa, etc.*, por Hieronimo de Mendoça.

17 *Nobiliarchia portugueza, etc.*, por Antonio de Villas Boas e Sampaio.

18 *Familias de Portugal tiradas dos melhores nobi-*

liarios, etc., por Jacintho Leitão Manso de Lima. Ms. da B. N. de Lisboa — C.

19 *Nobiliario genealogico das familias illustres de Portugal*, por... Ms. da mesma Bibliotheca — C — 2 — 4.

20 *Thesouro da nobreza das familias gentilicas do Reino de Portugal*, por Fr. Manuel de Santo Antonio, etc., Ms. da mesma Bibl.

21 *Nobiliario de familias illustres de Portugal*, composto por D. Rodrigo da Cunha, com annotações de D. Francisco de Menezes, Conego em Evora. Ms. da mesma Bibl. — C — 1 — 32.

22 *Diccionario de Moreri*, em hespanhol, traducção de D. José de Miravel e Casadevante.

23 *Les Arts en Portugal, lettres adressées à la Société artistique et scientifique de Berlin*, par le Comte A. Raczynski.

24 *Vozes saudosas da eloquencia, do espirito, do zelo, e eminente sabedoria do Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus, etc. etc.*, tudo reverente dedica ao Principe N. S. o Padre André de Barros, etc.

25 *Bibliotheca Lusitana, Historica, Critica e Chronologica, etc.*, por Diogo Barbosa Machado.

26 *Chronica de los Principes de Asturias y Cantabria, etc.*, su autor el Padre Predicador Fray Francisco Sota de la Orden de San Benito, etc.

27 *Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra*, por...

28 *Historia genealogica da Casa Real*, por D. Antonio Caetano de Sousa.

29 *Chronica de Cister*, por Fr. Bernardo de Brito.

30 *Dictionnaire historico-artistique du Portugal*, pelo Conde A. Raczynski.

31 *Corographia portugueza e descripção topographica do famoso Reyno de Portugal, etc. etc.*, por Antonio Carvalho da Costa.

32 *Arvores de Costado e apontamentos genealogicos de varias familias portuguezas*, por Gregorio de Freitas. Ms. Tres vol.

etc. etc. etc.

J. DE C.

ILHARGAS DE REIS

(Tomo 1 pag. 63, linha 16—*Ingreme é em verdade a facção a que me abalanço!*—Pag. 65, linha 20—*Heis-de ser vice-rei, senhor D. Martim.*—Pag. 82, linha 3—*Apresento-vos, senhor Luiz de Camões, a minha esposa.*—Pag. 156, linha 19—*Neste pergaminho, firmado do proprio punho d'El-Rei Catholico, meu Senhor, verá V. S.ª, senhor Camara, que S. Magestade o tem em conta de leal amigo, e como tal o préza, e lhe fará mercê, continuando V. S.ª a auxiliar, como até agora, as suas traças.*—Pag. 181, linha 19—*É o Martim de Freitas da deslealdade.*)

Não sei se me haverá Deus de tomar contas por ter levantado falsos testemunhos ao famoso Escrivão da Puridade, Martim Gonçalves da Ca-

mara, quando o dei parcial de Castella, e inimigo solapado do rei e do reino. Se no dia de juizo se admittissem coarctadas, uma tenho eu que seria muito para receber, scilicet: que não foi em processo d'historia que o eu capitulei por traidor, mas só em uma fabula dramatica; genero a que nunca nenhum desalmado se lembraria de ir procurar documentos, nem para queimar em estatua, nem para canonisar a quem quer que fosse. E se, pondo-se-me réplica de que não obstante ser em fabula dramatica, e seculos apoz, maliciosamente lhe attribui malicias, me fosse ainda consentido o triplicar, diria que em minha consciencia de jurado, á mingoa de provas directas e concludentes, havia uma quasi certeza da insigne ruindade do sujeito, e uma valente presumpção d'intenções suas secretas e damnadas contra El-Rei, a corôa, e o estado; e tudo isto, pelo que eu colhi d'uma testemunha contemporanea d'elle, varão de grande fé, insigne em lettras e virtudes, temente a Deus, conselheiro leal de principes, amante e zelador de sua patria; tal é o bispo de Silves D. Jeronymo Ozorio, appellidado dos eruditos o *Cicero Portuguez*; o qual, dos dois Gonçalves da Camara, Luiz e Martim, o confessor e o ministro de D. Sebastião, fez o seu *Verres*, e o seu *Catilina*.

Peza-me não poder, para minha cabal defensa, chamar para aqui inteira a sua carta agro-doce, escrita em portuguez, e portuguezmente, ao Luiz Gonçalves, carta de tanto maior pezo, além de todas as outras razões, quanto maior é o desa-

brimento com que nella vão açoitadas as ambições dos jesuitas, para cuja introducção no reino, em dias de D. João III, o mesmo Ozorio certamente contribuíra.

É a carta datada de 1570; apontarei apenas algumas frases d'ella:

«Primeiramente Vossa Reverendissima está ha«vido na opinião da mais gente desta terra, e «ainda dos que mais salas lhe fazem, e se lhe «mais submettem, por mais amigo do Mundo, e «honra, do que esse habito requer; porque di«zem, que quando Vossa Reverendissima se não «correo de ser o primeiro da Companhia, que «acceitasse por sua Pessoa os Officios publicos, e «Governo da terra, e que logo ordenou as cou«sas, e entabolou seu Irmão mancebo, sem expe«riencia de Negocios, sem Authoridade, sahido «das Escólas de quatro dias com mediocres let«tras, pobre de Conselho, com El-Rei menino, «para que fôra necessario resuscitar o Conde D. «Nuno Alvares Pereira, ou outro dos antigos de «Portugal, ainda que não fosse mais, que por a «decencia da pouca idade d'El-Rei; o qual dizem, «que Vossa Reverendissima o faz homem, para não «haver mister ninguem, e menino para vosso Ir«mão haver de fazer tudo.

.....

«A isto se ajunta o modo de que dizem, que «o Senhor Martim Gonçalves governa, izento, e «absoluto, quanto nunca se vio nesta terra, nem «fóra d'ella, em homens que valêrão muito, de

«differente idade, experiencia, prudencia, e auc-
«toridade, e ainda por ventura em Castella no
«tempo de D. Alvaro de Luna; porque o menos
«que dizem que faz, he responder a Pessoas gra-
«vissimas, que disso se queixão, que não ha de
«consentir que El-Rei faça tal, ou tal cousa; e
«das que lhe percebem passa Portaria, sem El-Rei
«o saber, e a este tom outras taes, que de a gente lhe
«não saber a razão, lhe dá algumas tão abominaveis,
«que he medo cuidar nellas, de maneira que a lin-
«goagem da gente mais grave he terem hum Rei
«captivo de dois Irmãos que, pouco, a pouco, o
«vão fazendo outro Rei de Ormus; tanto que tem
«a mais da gente assentado comsigo, que Vossa
«Reverendissima, que por ter a El-Rei mais segu-
«ro, lhe faz prometter Voto de Obediencia, como
«os da Companhia costumão a seus confessados;
. . . . . .
«sómente lembro a Vossa Reverendissima, que quer
«a tenção sua, e do Senhor Martim Gonçalves seu
«Irmão, seja sustentar esta grandeza, em que a
«fortuna os poz, como o Mundo cuida, quer o
«Bem Commum, como Vossas Mercês dizem; nun-
«ca vi maior esquecimento, que tratarem as cou-
«sas de maneira, que se fação a si, e a toda a
«Companhia e a Pessoa de hum Rei de dezasete
«annos, que naturalmente he amavel, os mais abor-
«recidos, e os mais odiosos, que quantos nunca hou-
«ve em Portugal, antes, nem depois de El-Rei D. Pe-
«dro o Cru; em tanto que nos lugares onde a gente
«de todos os Estados falla sem medo, virão que to-
«marião antes ser governados por dois Turcos que

«os tratassem com amor, e prudencia, que do «modo que agora são, e nenhum mal tamanho «podia vir ao Reino, nem á Pessoa propria de El-«Rei, que Nosso Senhor guarde, que não hou-«vessem por grande dita, se com isso se hou-«vessem de ver livres do estado em que se vem. «Nosso Senhor he testemunha, que nada accres-«cento á commum opinião, desejos, e praticas da «mais gente, e de mais qualidade.

«Ora como póde Vossa Reverendissima cuidar, «e o Senhor vosso Irmão, que Mando tão forçado «póde durar, e que corações violentados, e tiran-«nizados, se podem ter muito, que não arreben-«tem por alguma parte, ou que bem póde fazer «á terra que iguale a tamanho mal? Porque, se «tratão de tirar peccados, como dizem, que nunca «na terra houve tantos, nem tão prejudiciaes, por-«que ainda que nos da carne haja por ventura «menos dissolução publica (do que duvido mui-«to) de secreto ha os que sempre houve, e que «basta para condemnar as almas; e dos peccados «de espirito, que não são peiores, quasi ninguem «está izento; porque o aborrecimento de El-Rei «he geral em todos, o odio dos que valem com «elle he publico, folgar como todas as obras de «males da Republica he commum, o murmurar «das pessoas he infinito; e se não mande Vossa «Reverendissima proguntar por esses Confessio-«narios, e veja quantas pessoas, e gente acha «mettidas nestes peccados mortaes, e quão máo «remedio lhes sabem, nem podem dar, pois as «occasiões vão crescendo cada vez mais, e não

«póde a desaventura chègar a este Reino a peior «estado, que suspirarem lingoas (e darem animos, «e lealdades Portuguezas) por Senhorio Estran- «geiro, e darem razões para lhes ser melhor ser- «vir a Castella, que serem tyrannizados dos na- «turaes, e dizerem alto, que pouco lhes vai em «dizer: *beijo as mãos*, ou *bejo las manos a voestra «mercê;* e escrevem-se disto tantas Cartas, e no- «vas a Castella, que he medo.

«Pois que fará hum Reino tão pobre, e tão pe- «queno, faltando-lhe o amor, e lealdade dos Na- «turaes, e o aborrecimento de Senhor forasteiro, «que fez sempre a sua principal defensão? e não «se espante Vossa Reverendissima disto, porque «a gente que nunca viveo senão da affabili- «dade do seu Rei, não póde amar hum Rei mon- «tezinho, e que não vê, nem conversa gente, de «que mais se ha de servir; o que dizem que ain- «da que em parte venha delle ser corrido natu- «ralmente, todavia a maior parte, dizem todos, «que nasce de Vossa Reverendissima, e o Senhor «vosso irmão recearem, que se El-Rei conversar «gente nobre, se affeiçôe a outrem mais do que «a elles; o que affirmão os que alguma ho- «ra fallão com elle de vagar, porque certificão, «que achão nelle tanta habilidade, e tanto gosto «de tratar com os homens, que não póde ser senão «por isto; e que se o libertassem, e lhe não dessem «tanto por onças a conversação dos seus Vassallos, «fôra o mais excellente Rei, e o mais amado do «Mundo. Oh que infelice Portugal, pois Nosso «Senhor permittio ajuntar em hum mesmo Rei,

«sujeito, para ser tão amado, e Conselho para «ser tão aborrecido; natureza em que se en- «xerga o que sua vontade nos quiz dar, e cria- «ção, em que se visse o que nossos peccados nos «puderão tirar!

.....

«Veja Vossa Reverendissima pelo amor de Deos, «que se póde esperar, quando se virem as Cartas «destas novas por toda a Christandade, quando «os Mercadores de Lisboa escreverem a França, «Castella, Flandes, Alemanha, Italia, e a todas as «outras partes com que tem Commercio, que o «Padre Luiz Gonçalves, pessoa tão abalisada, e «principalmente na Companhia, e seu Irmão, fei- «to, e criado a sua mão, houverão por menos «mal perder-se de todo França, descontentar ao «Papa, aventurar a amizade de Castella, pôr os «naturaes em perigo, com o desgosto dos Reis «vizinhos, que arriscar hum pouco do Mando que «tem, principalmente ajuntando-se a isto quão «aventurado fica tambem Portugal, com não ficar «na Christandade, com quem El-Rei Nosso Se- «nhor possa casar tão cedo. Que credito será o «da Companhia nos outros Reinos! Que devação «lhe terão os outros Principes! Como se fiarão «della, quando virem que deste Reino sahem, «onde tudo se governa por ella!

«Dir-me-hão que a verdade de suas conscien- «cias os assegura; confesso que he grandissima «consolação, e que mal poderei eu crer nunca «isto que a gente, destes dois Religiosos, pois de «dois Turcos o não querêra, mas a huma só cousa

«não acho razão, nem a Vossa Mercê desculpa, «como se attreve o Senhor vosso Irmão mancebo, «e Vossa Reverendissima mettido no seu Collegio, «a tomar sobre si tamanha carga? Como ousa- «rão que El-Rei Nosso Senhor, que tão sugeito «lhes está, contra parecer dos do Conselho, como «Vossas Mercês só resolvessem em Negocios tão «importantes? Como não fizerão o possivel, para «que El-Rei Nosso Senhor, chamasse os Senho- «rés, e homens de ser que ha no Reino, ou com «o conceder com seus Pareceres, ou para nega- «rem com elles, ou para serem Testemunhas, que «elle só por si o negava, sem presumpção de «ninguem? Materia era esta, para se hum Rei de «dezasete annos resolver por si só, e para ne- «nhuma pessoa particular, querer ser havida por «Author della; porque se El-Rei se resolveo com «Vossas Mercês, como a gente cuida, foi grande «atrevimento, não se espante do escandalo da «terra; e se não forão desse parecer (como nos «dizem.) Não sei se diga que foi grande esqueci- «mento, não trabalharem muito de pressa por «terem Companheiros, ou para effeituar, ou para «Testemunhas de seus desejos. Praza a Nosso Se- «nhor, que não seja eu falso Profeta, e não paira «isto antes de muito tempo, algum mal, e não «fallo sem causa.

.....

«Faça Vossa Reverendissima por amor de Deos «(pois deve ter amor a El-Rei, como quem o criou) «chamar homens de que a gente tenha credito, «e satisfação (que pudera apontar, porque ouço,

«e sei) e Authoridade diante de El-Rei, e de ser, «e merecimentos, e parte as culpas para muitos, «aventure-se o Senhor seu Irmão, a valer menos, «e a lançar El-Rei mão de outra gente, desbara- «tada, e perdida de todo, por mais merecimen- «tos que tenha, tanto que o Senhor Vosso Irmão «tiver pouco gosto della, porque tudo por derra- «deiro, vem a resultar em odio de El-Rei, inquie- «tação da terra, e muito maior odio de Vossas «Mercês ambos. Torno a tomar a Deos por Tes- «temunha, que não accrescento de mim, senão «que digo o que o commum da gente diz, mo- «vido de zelo Christão, e do amor da patria, e «por cumprir com a Caridade Christã. Não trate «Vossa Reverendissima, de querer saber quem «isto escreve, porque se lhe parecer bem, conten- «tar-se-ha quem o fez com o remedio das cousas, «e com rogar Vossa Reverendissima a Deos por «elle; se lhe parecer mal o zelo, o disculpe, e «como Deos he Author das Verdades, cuide «que lhe manda dizer estas por outra Asninha, «como a de Balaão. Nosso Senhor alumie a Vossa «Reverendissima, e o ensine a acertar sempre.»

Quem ler na integra a carta d'onde tomei o que lido fica, já talvez me não accuse de nimio temerario pelos ditos e feitos que ao senhor Martim Gonçalves attribui; pois até ha nella certas reticencias, que, devidamente interpretadas, não são pouco significativas.

Nos *Avisos do Ceo*, por Luiz de Torres de Lima, obra de bastante conceito para este caso, por mui

achegada aos tempos de que fallàmos, se lê:

«Veio a triste nova do desbarate, e como fica-
«va enterrado o Reino no campo de Alcacere, e
«morto El-Rei, e o mais acabado. Succedeu na
«corôa deste Reino o Cardeal D. Henrique, filho
«d'El-Rei D. Manoel.... Veio logo a Lisboa onde
«foi levantado por Rei.....
«.....
«..... chamou a Cortes os tres estados do Rei-
«no....

«Elegeu a cidade de Lisboa por procurador
«d'ella a Febo Muniz de Luzinhano, homem livre,
«e desinteressado, mas apaixonado, o qual foi Su-
«milher de corpus d'El-Rei D. Sebastião, e do
«Conselho de estado. Em tudo entrava Martim
«Gonçalves da Camara, e o Padre Leão Henriques
«da Companhia de Jezus, que todos trez rezavam.
«*Ora pro nobis.*»

Neste tempo era já finado Luiz Gonçalves da Camara.

Quem ler com a devida attenção e analyse, a *Deducção Chronologica*, colherá, mesmo a despeito da manifesta parcialidade do autor, uma certeza humana, das mais certas, de que todos os mais graves desastres de Portugal naquella edade calamitosa, foram obra dos padres da Companhia, dos quaes o padre Luiz Gonçalves (dado que alguns interessados nol-o pintem varão de virtudes) era o mais activo e efficaz agente para os maleficios, á conta do imperio que soubera adquirir no

animo e consciencia do real mancebo. O padre Luiz Gonçalves, já por si, já por seu damnado irmão, feitura sua, e seu braço direito, inimizou o rei com o reino, depois de o ter esbulhado dos conselhos dos Aleixos de Menezes, dos Peros d'Alcaçova, dos Migueis de Moura, e dos Jeronymos Ozorios, e de o haver até divorciado das pessoas que mais por sangue lhe pertenciam e lhe queriam.

Elles, os dois, isto é, os jesuitas, o desviaram do casamento, que todas as razões de estado, não só as da natureza, estavam requerendo; elles, elles provavelmente, o arremeçaram ao seu suicidio, e regnicidio Africano (é opinião de escritores graves e do chronista D. Manuel de Menezes). Sinto que os racionaes limites de uma nota me tolham adduzir o que na mesma *Deducção Chronologica* se alega, e documentalmente se prova, em particular contra Martim. Aos leitores duros de convencer, supplico eu se dêem ao trabalho de a compulsar.

Agora, para attenuar alguma estranheza que pudesse excitar o ambicioso soliloquio d'este mesmo Martim na abertura do acto segundo, oiçamos o que escreveu o Abbade de Sever no tomo III das suas *Memorias para o reinado de D. Sebastião*, cap. XXVII, fallando da primeira saida d'El-Rei para Africa (o que o valido então era, é o mesmo que o vemos ser aqui nesta segunda e ultima jornada do soberano):

«O despotico imperio, que na vontade d'elRey

«tinha Martim Gonçalves da Camara, lhe promettia que fosse eleito Governador do Reyno na sua «ausencia; porém vendo nomeado para esta incumbencia ao Cardeal D. Henrique, lhe pareceo «ser injurioso á sua pessoa sujeitarse a outrem «que naõ fosse ElRei. Estimulado deste altivo pensamento, se retirou para o Convento de S. Do«mingos de Bemfica, distante meya legoa de Lis«boa, de cuja resoluçaõ se escandalisou com ex«cesso o Cardeal, considerando como atrevimento «o querer medirse com elle Martim Gonçalves, «taõ differente por nascimento, como pela digni«dade, de que se seguio nunca mais ser aceito «ao Cardeal, assim no tempo que governou pela «ausencia de seu sobrinho, como depois quando «cingio a Coroa desta Monarchia.»

Finalmente, o mesmo Diogo Barbosa Machado, e na mesma obra, tom. IV, cap. II, diz:

«A insolente arrogancia com que Martim Gon«çalves da Camara affectava o dominio que tinha «sobre a vontade d'El-Rei, foi a causa fatal do «seu precipicio.....» etc.

Aqui porém, que já se lá vai o drama, e com elle a licença de inverter uns factos e suppôr outros, convem notar, em abono da historia, que a regencia do reino, pela saida d'El-Rei, não ficou ao Cardeal, mas sim a uma junta composta de D. Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, Francisco de Sá, senhor de Matosinhos, D. João

Mascarenhas, e Pedro de Alcaçova Carneiro, com a assistencia de Miguel de Moura, secretario do reino; apoz a qual junta, e só depois de sabido e provado o tragico fim do real temerario, é que seu tio consentiu em submetter os hombros velhos á grande carga; portanto, quando o nosso Martim no theatro se queixa de lhe *preferirem um Cardeal D. Henrique,* falla como o Martim da historia fallava na conjuntura da primeira expedição; o que até certo ponto me pareceu permissivel, pois que a regencia, presupposto o perdimento d'El-Rei, não era mais que uma pequena transição do reinado do sobrinho para o do tio.

Accresce que, até quasi ás vesperas do ultimo embarque para Africa, continuaram as diligencias de D. Sebastião para que o cardeal ficasse governador. Portanto, o suppor Martim que de feito o ficaria, nada tem de inverisimil; assim como para um velhaco e ambicioso do seu lote, nada mais natural que julgar que as recusações do velho não eram sinceras. Por derradeiro, eu não defendo; unicamente explico o que fiz ou desejei fazer.

Acerca do trama em favor de Castella, ninguem ignora que essa idéa da juncção das duas corôas, arteiramente fomentada pelo governo castelhano, tinha já então partidarios em Portugal; o entrecho dramatico pedia-me que fosse Martim Gonçalves um d'elles; fil-o; o sujeito pareceu-me mui azado para nelle assentarem traições.

Para condimento a esta nota, que não podia deixar de ser sécca e dessaborosa, venha por ul-

timo o que o meu amigo o sr. Garrett poz no canto VI do seu *Camões:*

«O sceptro de Manuel, nas mãos já debeis
de Joanne (1) começado a desdoirar-se
do esmalte das victorias, e triunfos,
de que tanta virtude o adereçára;
o sceptro, que nas mãos d'outro Joanne (2)
que ensinou a ser reis os reis do mundo,
fôra vara de lei, e de justiça,
fiel de liberdade bem pesada
na balança de publica ventura;
ora na dextra de inexperto joven
vergado a maus conselhos, vacillante
por meneio imprudente, mal dirige
a machina do estado, que parece
mover-se ainda pelo antigo impulso
de melhor regedor. O astro de Lysia
do zenith de sua gloria descrevia
curva affrontosa a miserando occaso,
que de Alcacer nas torridas arêas
erros, crimes, traições lhe estão minando.

Reinava Sebastião. — Se animo nobre,
se valentia, amor de fama, e d'honra,
bastára a fazer reis, fôra um rei esse;
mas... Sebastião reinava. Mal dormido
sobre os avítos loiros já corrêra
a segar palmas na africana terra,
que de nossas conquistas e victorias

(1) D. João III.
(2) D. João II.

berço fatal ha sido, e sepultura.
Do primeiro triunfo embriagado,
cuidou já da fortuna a varia roda
ter fixada co'a espada de mancebo.
Armas, pelejas, e victorias sonha;
e emtanto sobre as ondas mal seguras
voga, á lei d'ellas, o baixel do estado.
Em suas iras, de flagello aos povos,
um rei conquistador lhes manda o Eterno.
Avidas mãos do leme abandonado
validos travam, não a endereçal-o
para o rumo perdido, mas cubiça
treda, que os move, a syrtes, a naufragios
desarvorada a nau presto arremessa.
Liga fatal de sangue, e de maldades
unira os dois irmãos, que astutas manhas
do animo real apoderaram.
Fanatico Luiz, Martim vaidoso,
ambos de oiro, e de mando insaciaveis,
hypocritas os dois, iguaes na astucia,
entre o joven monarcha, e entre o seu povo,
entre o chefe, e a nação, ardua barreira
de impostura e traições alevantavam.

Do Escurial a onça refalsada,
co'a raposa do astuto Vaticano,
os negros fios da ambição urdiam.
Que por mãos de vendidos conselheiros (1)
em labyrintho escuro enrevezavam
os descuidados passos do monarcha.

(1) Allusão ás machinações de jesuitas.

Murmurava em silencio mal sofrido
da nobreza leal o escaço resto,
que do antigo despejo lusitano
os francos sentimentos conservava.»

Tenho por escusado advertir que o casamento de Martim Gonçalves com D. Caterina de Atayde é mera ficção, ficção exigida, e portanto justificada, pela conveniencia dramatica. Se me estranhassem o apparecer a rainha D. Catèrina medianeira e fautora d'este consorcio por se saber quão avessas vontades eram a de Martim Gonçalves e a sua, responderia que antes d'essas inimizades houvera entre ella e elle, ou entre ella e os jesuitas, que val o mesmo, muito boa paz e concorde viver.

AFORISMOS PARA REINANTES

(Tomo I pag. 152, linha 7—*A ti quero, meu poeta, para guia e esforçador; que assaz em teus versos mostraste seres cabal para dizer verdades atrevidas.*)

Aforismos mais guapos para reinantes não os ha, que esses que a rainha D. Caterina, viuva de D. João III, presentou a seu neto, D. Sebastião, na vespera d'este assumir o governo, e os que o mesmo D. Sebastião deixou escritos no seu memorial, e que, segundo noutra nota já tocámos, poderiam haver sido em parte suggeridos pela carta do poeta Ferreira. Fénélon, em todo o seu

Telémaco não metteu mais nem melhor doutrina que esta; val a pena de se ler na *Chronica* do mesmo Rei, por D. Manuel de Menezes. Quando bem se hajam meditado esses aforismos e se recordar tudo o que o grande juizo de Camões pelo discurso do seu poema foi prégando a senhores e principes, então se comprehenderá e apreciará melhor o espirito d'esta scena X. do acto 3.°.

OS ULTIMOS MOMENTOS DE CAMÕES

(*Nota nova nesta segunda edição*)

Não posso dar maior opulencia a esta collecção de notas do que introduzindo nellas um magnifico trecho poetico *Os ultimos momentos de Camões* genialmente vertido do italiano de Leone Fortis, e verdadeiramente originalisado portuguez pelo nosso Mendes Leal.

Ignoro quando fosse composto e publicado o mui notavel trecho do veneziano. Julgo-o todavia posterior ao meu *Camões*, e mesmo ao dos srs. Perrot e Du Mesnil. O que sei é que eu nem sequer sonhava a existencia de semelhantes paginas antes do dia em que Madame Ristori nol-as fez applaudir no nosso theatro.

Mas a questão de precedencias, de encontros, ou de originalidades, não vem para aqui.

Para melhor apreciação dos versos que os leitores vão admirar, não os desacompanharei da

luminosa advertencia que o traductor lhes antepoz:

«Com este titulo de *Ultimos momentos de Camões* foi-me apresentado pela insigne tragica Madame Ristori um pequeno poema dramatico, do veneziano Leone Fortis, segundo todas as probabilidades fragmento de obra mais complicada, senão mais importante. Procurava-se um traductor, não apparecia; instava o tempo, faltava pouco mais de quarenta e oito horas: tomei sobre mim o empenho.

O poema havia de ser recitado em dia improrogavel. No praso designado estava prompto. Fez-se d'isso, em horas tambem, uma edição pequena e informe, que assim mesmo foi um milagre. Póde ahi confrontar-se o poema italiano e o poema portuguez.

Nunca julguei toleraveis as traducções de verso para prosa. É verter duas vezes, e ambas mal; ou, antes, não é verter, é perverter.

Para maior obrigação de poesia era o protogonista do poema *um poeta!* Para maior devoção de portuguez era o nome do poeta *Camões!* Quem havia de ter alma de dilluir esta homenagem ao talento — e ao talento nacional — em periodos desenxabidos, que ficariam por força trivialidades ou semsaborias?

Eis a historia succinta d'esta versão.

Agora algumas palavras ácerca do poema original, que é o meu intento.

Os tres personagens—Camões, D. Catharina de Athayde, e o Jáo—são, afóra alguns lineamentos geraes, puras fantasias. É úm poeta conformado por molde já visto e um pouco banal; uma mulher inspirada de idéas generosas e exaltada da paixão reprimida; um confidente vulgar e sentencioso. Nenhum d'estes caracteres tem grandes novidades. Falta em cada uma das figuras, bellas, mas de uma belleza commum, a verdade historica—mais, a verdade nacional.

Não me refiro ao anachronismo da entrada dos castelhanos; os anachronismos são admissiveis nestas composições quando d'elles resultam grandes effeitos. A verdade de que fallo não consiste na servil obediencia ao kalendario e á chronica; deve transluzir no *sentimento* profundo de uma época; e é a ausencia de tal sentimento que se nota.

Vai longe, muito longe, da monja enthusiasta á Natercia olvidosa, e do Jáo discreteador ao escravo asiatico. O poeta-soldado póde ser de todos os paizes: não se lhe vê o cunho de uma individualidade poderosa.

A realidade, creio, seria bem mais dramatica do que tal ficção. Se eu ousasse tratar o assumpto, preferia-a.

Tudo isto senti trasladando o poema. Mas era, e cumpria que só fosse, traductor. Cingi-me pois escrupulosamente ao pensamento do original. Sub-

stitui apenas por expressões mais genericas algumas designações inutil e flagrantemente oppostas aos factos conhecidos. Cuidei tambem em dar mais propriedade, energia e vigor á imagem e á frase, quando me pareceu que uma ou outra afrouxava ou se desmandava.

A poesia italiana, e sobre tudo a poesia dramatica moderna, admitte liberdades, que para a nossa importam defeitos. A divisão dos periodos, a incisão, o movimento metrico, são coisas quasi exclusivamente subordinadas ás conveniencias da declamação. Comprehende-se que seja assim numa lingua flexibilissima, em que a suavidade melódica das desinencias basta para supprir os rigores rythmicos.

Não é o mesmo o verso portuguez, especialmente o verso solto, que só merece a qualificação de verso quando é cheio, expressivo, cadente e magestoso. Carece para isso de esmerar a distribuição das locuções, graduando na collocação a nobreza dos conceitos, e fugindo com grande cuidado ás disjuncções abruptas da frase.

Indíco estas condições para dizer que procurei satisfazer-lhes. Se o consegui cabe ao leitor julgal-o. Servirá tambem para os que pensam que isto de poesia não é mais do que enfileirar as linhas e casar as rimas, ás vezes com escandalo da grammatica.

O autor do poema inculca imaginação fogosa, frequentemente desregrada. A verdadeira sensibilidade não abunda. A imitação de affectos convencionaes predomina. É antes um reflexo bri-

lhante do que uma concepção feliz. O que mais naturalmente respira é a impaciencia e o odio á dominação estrangeira.

Se é veneziano!

Basta para inspirar sympathia. Traz-nos demais a sua obra páreas remotas—e páreas bem significativas—a uma gloria que nos compendia outras muitas.

Quanto póde a fraternidade intellectual! Quem diria, ha tres seculos, que a orgulhosa Veneza, desapossada pelo Gama do imperio do Oriente, cantaria hoje o cantor do grande almirante!

Acreditei que, ao menos pela singularidade, não seria absolutamente inutil vulgarisar entre nós tal commemoração e tal testemunho!

OS ULTIMOS MOMENTOS DE CAMÕES

Pobre e desnudo aposento no hospital de Lisboa. A um dos angulos janella, d'onde se avista o porto e parte da cidade. Saída ao fundo, e por cima da porta escrito o n.º 10. Noutro angulo um estrado coberto com uma pelle de tigre. Á direita um genuflexorio diante de uma imagem. Á esquerda mesa e escabello. Poucas cadeiras guarnecem a scena. Vai declinando o dia.

SCENA I

CAMÕES E ANTONIO

CAMÕES, *sentado á mesa como quem escreve.* ANTONIO

encruzado sobre a pelle de tigre. CAMÕES, *arremeça a penna e comprime a fronte.*

Ai! nada aqui, mais nada! Em vão te agito,
cinza soberba d'um pensar grandioso,
que, audaz outr'ora, se inflammava em gloria,
e a luz e a chamma diffundia ao mundo!...
Em vão te agito, em vão, para extrair-te
uma extrema faisca!... É fogo extincto
sob os gelos da angustia!... E eu fiquei vivo
para ver-me cadaver... E neste peito
só tenho coração, se o tenho ainda,
para em fel se embeber, turgir-se de ira!...
(*Com impeto cada vez maior*)
Está cheio, e trasborda, e já não cabe
neste invólucro fragil, todavia
tão pertinaz e rijo!... Ai! bate, pulsa
outra vez, coração d'um moribundo,
pulsa, irrompe, e o teu carcere rebenta!
(*Antonio ergue-se, e achega-se a Camões, que se levanta amparado por elle, e vem á frente da scena*)
Maldito seja o dia em que imprudente
com ousada avidez fitei meus olhos
no amplo espaço, e nos misticos arcanos
do ceo, do mar, da natureza immensa,
multiplice e infinita...
(*Com paixão*)
em que arrobado
os repoisei, extactico scismando,
no branco rosto de gentil donzella...
em que, na rotação fatal dos astros,
no anhélito do oceano, que suspira

ao seu nocturno enlevo, nos robustos
e longos, longos frémitos da terra,
no casto e senhoril pallor femineo,
o amor adivinhei!... Amor!... Ai! triste!
amor, disse eu?... O amor!... Essa palavra,
em minh'alma sedenta fecundada,
foi a primeira que ensaiei na lira,
do canto juvenil nota primeira!
Estremeci de jubilo e de orgulho
quando fugaz um eco d'esse canto,
volvendo a mim das auras impellido,
me toou: — «Sê poeta!» —
(*Amargamente*)
Infausto arrojo
do verdor de taes annos! Eia! agora
dos loucos sonhos teus exulta, ó louco!
Acaso a gloria não pediste?
(*Indicando com o gesto as paredes nuas do aposento*)
Acaso
este o templo não é que lhe sonhaste?
os espinhos da c'roa astringe á fronte,
sofre calado... e morre!

ANTONIO (*brandamente*)

Aos teus pezares
dá tregoas, ó poeta. O ceo clemente
deu-te um gozo immortal vedado ás turbas,
ignotas alegrias, sacras prendas,
e co'as prendas uma alma digna d'ellas!

CAMÕES (*interrompendo-o*)

Emmudeceu, Antonio, e para sempre,
esta alma de poeta. Um só affecto,
um só, sublime e horrifico e divino,
d'essa alma foi a lampada votiva:
no assolado recinto jazem tristes
a lampada sem luz, o altar por terra!
(*Como enlevando-se nas suas lembranças*)
Ai! Catharina! pensei eu que um dia,
a teus pés inclinando lira e espada,
me acclamasses, altiva dos meus feitos,
guerreiro teu e teu poeta!... Anciava
de meus loiros ornar-te a negra trança,
e mais brilhantes ver os meus triunfos
fulgindo-me em teus olhos!...
(*Quasi em delirio*)
Com taes sonhos,
com estes sonhos férvidos, volvia
ao reino, ao berço meu, ao patrio Tejo,
e ao seu porto coalhado de galéras
sob um ceo de safiras cravejado;
e voava anhelando já rever-te,
e ébrio de amor ao coração cingir-te!.
cingir-te ao coração!...
(*Desesperadamente*)
Procuro embalde
a cova em que descanças, para, ao menos,
em cima lhe poisar convulsa a fronte,
e sobre ella pedir a paz á morte.
Que me valeu bradar por essas praças:
— « Camões sou; sou Camões! Ó portuguezes,

« se invejados vos torno do universo,
« se vos hei dado a gloria, dae-me a campa,
« dae-me em troca uma campa, uma sómente,
« a sua campa, a campa em que ella dorme,
« e nada mais vos peço!... » —
(*Ironicamente*)
Olha esse louco! —
— D'onde vem? — Que nos quer? — Camões! —
Que nome! —
— Que extranho nome! — Ao hospital com elle!...
Maldito o engenho meu!...
(*Serenando gradualmente*)
Deus, perdoae-me!
perdoae, que deliro. Imperscrutaveis
são teus sacros designios. Eu te adoro
de joelhos, Senhor; e reverente
este alto don do meu martirio acceito;
e acceito-o bemdizendo-o; e firme espero
leval-o ao cabo sem orgulho insano,
sem vil fragilidade!
(*Com abatimento*)
Oh! quanto sofro!
Ai! que a dor das feridas se exacerba!...
Que destinais, ó Deus, do tronco exhausto
que o tempo devastou; que o tufão bravo
das paixões estorceu; e que só dura
para attestar o turbilhão e o raio?
Dae-me a paz, Deus potente: mereci-a!

ANTONIO

Por pouco está, que já nos vem chegando
a hora do descanço. Este deserto

juntos vadeámos. Mal nos faltam breves
do adusto areal os cómoros extremos:
é só transpol-os; e estendemos juntos
os membros de fadiga quebrantados
no abençoado oásis do sepulcro.

CAMÕES (*alvoroçado*)

O sepulcro!... Ai! benéfica palavra!...
Não foi dos homens invenção a morte.
Se o fosse, fora tétrica e medonha.
Veiu, oh! veiu do ceo, e o ceo lhe aggrega
tamanho alivio, tão cabal conforto,
que o não tira, nem dá, ninguem na terra!...
oh! se a morte viesse!... Tarde chega...
Não... chega já... Celestial piedade,
reconheço-te grato!... Oh! patria minha,
teu cântor vai morrer, morre osculando
da tua viuvez as santas vestes...
(*Irado*)
Antes que a mão do castelhano as rasgue,
e te desnude o corpo immaculado;
antes que a regia coma ouse empolgar-te
rojando-te no pó entre os escombros;
antes...
(*Delirante*)
Os castelhanos!... São... Repara...
Eil-os já... dos clarins o som não ouves?...
Não: o amado som não é, que tantas vezes
ao campo me chamou...
(*Irradiando-lhe o enthusiasmo no rosto*)
Então cingia,

todo alvoroço, o cossolete e o elmo,
e o meu fero ginete cavalgando
á carreira o incitava com meus cantos!
Pulava-me elle vallas e silvados,
e no ardente relincho respondia!
Denso em torno chovia o sibilante
granizo dos pellouros, e toldado
eurubescia o ar...
(*Transportado e imaginando-se na batalha*)
Galga-se o fosso,
as tranqueiras são pó... Eis o estandarte
ali... ali... ávante, portuguezes!...
E eu escalava os disputados muros
do bastião, primeiro entre os primeiros;
e a minha espada ao sol relampeava
com terrivel fulgor brandida em volta!...
Rugidos, e blasfemias, e soluços,
e as preces da agonia, e os ais da morte,
e em rumas os cadaveres disformes!...
No feroz vendaval, ondas sobre ondas
d'infantes e ginetes se arremettem,
se encontram, se entrechocam, se dispartem,
se reunem, se investem, se aniquilam!...
Na confusa voragem revolvidos,
cavalleiro e cavallo vão fogosos
aspirando os effluvios da batalha!...
Portuguezes clarins, eu vos saúdo!
Sacrosanto pendão de minha patria,
a ti me curvo!...
(*Dobra o joelho; depois ergue-se horrorisado*)
Em pé, Camões!... Resurge!
Esses sons, essas hostes, são, poeta,

os clarins do invasor, de Hespanha as signas!...
A que vindes, soldados de Philippe?...
Que se erga e que me siga quem tem inda
portuguez coração!...

(*Com exaltação a Antonio*)

A minha espada,
a minha espada, Antonio! Em continente
quero a espada e o corsel!

(*Em tom de commando como se fallasse aos guerreiros*)

Em riste as lanças!
os mosquetes ao rosto! Eia, a meu lado
as filas apertae!... Rompa-se em cheio
como a ira de Deus sobre os contrarios!
co' o ferro, o braço, e a vista os dissipemos!...

(*Suffocado de alegria*)

A galope! a galope!

(*Volvendo atraz como se topára alguem*)

Quem és, dize,
tu, que fero ante mim na pugna surges,
mercenario de Hespanha? N'alma sinto
que mais te odeio, e mais rancor me infundes
do que franco inimigo em campo aberto.
É tal este rancor, que sequioso
me faz do sangue teu! Mal te suspeito...
Mas o olhar... o satânico sorriso...

(*Toma-lhe gradualmente a physionomia uma terrivel expressão de odio: prorompe num grito*)

É elle... és tu... Camões te encontra, entendes?
Este nome te sôa a hora extrema
em dobre funeral! Fugir não podes...
escutar-me é forçoso... Houve uma dama,
que me foi anjo e amor e lira e gloria!...

A um mercado de infamia a constrangeste,
manchaste o anjo, e a lira me partiste.
Truão outr'ora me chamaste, sabes?
hoje, aqui, o destino... a Providencia...
o fidalgo e o truão põe frente e frente!
Teu juiz ora sou...

(*Com gesto solemne*)

Vês iracundos
os espectros dos miseros, que á morte
co' a nefanda traição votaste, ó Judas?
Não vês ao longe, em regiões infestas,
branquejarem seus ossos insepultos?
Não vês surgindo as sombras dos valentes
a quem foi, além mar, sudario horrendo
a movediça area dos desertos?
Attenta nesse, que te arroja ás faces
o sangue nas feridas coagulado!
É D. Sebastião, o rei mancebo,
o nosso rei, sedento de altos feitos,
que o nobre coração te abria crente.
Traiste-o, vil, e astuto o compelliste
á louca audacia d'uma guerra injusta,
por que a lei santa não se impõe co'as armas!..
A cruz de Christo mancha-se no sangue,
e nos odios se afeia, que blasfemam
o verbo todo amor!... Malditas sejam
d'Alcacere as planicies, oh! malditas!

(*Como dirigindo-se novamente ao personagem que julga ver*)

Ás tuas ambições degrau fizeste
dos fraternos cadaveres. Sem pejo
em sórdido leilão vendeste a patria

de Castella aos sicarios... Judas, basta!
De tantas ignominias Deus confia
ao braço do truão a desaffronta!...
Cortezão, potentado, em punho o ferro.
Vamos... cruzemol-os...
(*Como attonito*)
Que é isto?
Em pedaços a lamina já rôta!...
Oh! como torna a divinal justiça
debil e fraca d'um traidor a espada!
Ahi... no pó... no lodo... Emfim consigo
sob o curvo joelho comprimir-te!
Vivi por este instante... alcanço-o... É muito!
oh! jubilo excessivo... Ai! desfalleço!

(*Cai nos braços de Antonio, que o vai sentar numa cadeira com piedoso desvelo. Diminue gradualmente a irritação febril que o exaltava; as feições retomam a anterior tranquillidade, e fica adormecido num como placido esvaimento.*)

ANTONIO

Desfez-se emfim o temporal. Foi longo,
foi pavoroso o embate!...
(*Dobrando o joelho em terra*)
Deus, que levas
a salvamento o naufrago, acoçado
das procellas do oceano, oh! Deus, condoe-te
d'este cançado naufrago da vida!
Ao porto o acolhe, áquelle eterno porto,
onde as ondas se quebram da procella,
e em paz sem fim os ventos adormecem.

SCENA II

CATHARINA *e os ditos*

CATHARINA, *com o habito de religiosa, tem apparecido á porta do fundo, onde ouve as ultimas palavras de* ANTONIO.

CATHARINA

Deus vos oiça!

ANTONIO

Quem é?
(*Vendo a religiosa*)
É já da tarde
a piedosa visita. Entrae. Bemvindas
sois á triste mansão, vós, generosas
confortadoras do mortal trajecto,
que o branco veo pendeis no travesseiro
do agonisante. Aqui é bem preciso
esse conforto angelico. Foi grande,
grande a dor que o prostrou. Além repoisa
qual palmeira do raio visitada.
Vel-o podeis, irmã.

CATHARINA (*acercando-se apaixonadamente de Camões, fitando-o, depois recuando aterrada, e como se angustiosamente fallasse comsigo*)

Oh! Deus tremendo!
Quão demudado está! Ai! que sómente

pode o meu coração reconhecel-o!...
Frio suor lhe escorre a fronte! Os olhos
nas orbitas se encovam... Lasso e oppresso
lhe arfa o peito!...
(*Desesperadamente*)
O regelo este é da morte;
é da morte o stertor!...
(*Com um grito*)
Camões!

ANTONIO (*interrompendo-a*)

Silencio!
Pois que sabeis seu nome, sepultae-o
no coração bem fundo, irmã. Se o eco
o repetisse ao moribundo, ai d'elle!
esquecido, esquecendo, quer ao menos
cerrar em paz seus olhos, sem lembranças
das grandezas, da altura luminosa,
d'onde a dor e a miseria o despenharam
nas trevas d'este abismo.

CATHARINA (*com enthusiasmo*)

Não: que viva!...
Poeta, has-de viver!...

ANTONIO

Funesto augurio!
Para quê? Não tem já no mundo allivio.
Tel-o não póde. É-lhe a terra esteril,

lugubre e muda, esqualida e deserta.
Os amigos, os raros, viu-os mortos
nas plagas africanas a seu lado,
e entre sombras, como ellas ficou sombra.
Volvendo á sua esplendida Lisboa,
achou-lhe o claro ceo fusco de nuvens,
e os cautos habitantes clausurados,
segredando a tremer tremulas frases!
Se o nome illustre sussurrava algures,
dava apenas sinal de conhecel-o
um aperto de mão secreto e longo,
um truncado suspiro, e a medo e a furto
alguma voz submissa murmurando:
—«Foge, foge, Camões, ao solo infesto.
«O cantor dos *Lusiadas* não acha,
«não póde achar abrigo nem guarida
«entre os vendidos servos de Philippe!» —
E elle anciava fugir, afim de livre
no livre canto fulminar traidores,
preparando co'as iras a vingança!...
Nem fugir poude!... Enfermo e mendicante,
sofreu... tudo sofreu... tudo... até fome!...
(*Horrorisado*)
a fome! ouvis?
(*Cobre o rosto com as mãos: depois descobre-o, e fita-a*)
Chorais? Chorastes?

CATHARINA

Chóro,
mas não chóro por elle, que na fronte,

na augusta fronte cinge santamente
a aureola do martirio, illuminando
a pobre estancia co'o esplendor da gloria;
e do triste refugio onde se esconde
o templo faz, o monumento, e o solio,
ante o qual hão-de vir ajoelhar-se
as gerações e os seculos...

(*Com paixão*)

Pranteio
essa, que o grão cantor estremecia
d'um affecto sem mancha e sem limite,
a quem por dita coube tomar parte
no audaz scismar, nos agros desenganos
d'aquelle altivo espirito, e apontar-lhe,
nas horas em que a duvida lacera,
o Deus que tem os evos por ministros
das rigidas justiças...

ANTONIO (*interrompendo-a*)

Essa dama
não recordeis. Amou Camões, e poude,
poude esquecel-o! Um mimo tão precioso
do ceo desconheceu!... Deplora-a elle
ha muito extincta... Oh! lagrimas baldadas!...
ella vive.

CATHARINA (*com força*)

E que vida! Acaso a sabes?
Sabes tu—tu que a julgas—quaes tormentos
o coração convulso lhe espedaçam?

(*Em tom profundo*)
Disseste-o: vive; vive, sim; mas viva,
num tumulo os perversos a encerraram.
Com tal calumnia, Antonio, não n'a opprimas.
(*Levanta o veo*)

ANTONIO (*maravilhado*)

Tão alta dama aqui!

CATHARINA

Aqui só entra
do sagrado Sepulcro, irmão, a monja.
Esposa sou de Christo, e não receio
profanar-me no affecto casto e puro,
que o espirito engrandece! Longamente,
no desastre de Alcacer crendo-o morto,
tambem eu o chorei. Abençoava
a divina clemencia, que me abríra
ás memorias e aos prantos santo asilo
na sombra do mosteiro. Hoje, sentada
á solitaria adufa, a vista errante
espairecia em poz de solta nuvem,
em quanto para mim rememorava
um triste canto seu. Baixando os olhos
vi-te, vivo, em Lisboa, Antonio! — «Vive!
«elle vive tambem! volveu á patria!» —
disse commigo... e arrojo-me, e atravesso
os claustros, a ampla escada, e os atrios amplos...
detem-me o passo imperioso acêno...
Embalde! embalde!... Livre está minh'alma!...

Meus thesoiros e joias com mão larga
profusamente espalho... As fataes portas
descerram-se por fim... indago, e corro,
(*Com paixão*)
e aqui venho... aqui estou!

ANTONIO

Perdão, senhora,
da acerba e injusta queixa vos supplico.
Pois que a parte melhor da sua vida
hoje lhe torna, ha-de tornar-lhe a esp'rança.

CAMÕES (*sonhando*)
Oh! Catharina!

ANTONIO (*a Catharina*)

Ouvis? Inda vos chama.
Esperava por vós.

CATHARINA (*com impeto*)

Eis-me a teu lado,
Camões!

CAMÕES (*ainda mal desperto*)

Que voz é esta? Quem me busca?
(*Volta-se. Catharina abaixa o veo, e encosta-se-lhe ás espaldas da cadeira. Antonio inclina-se para elle. Camões observa attonito*)
Estavas só, Antonio?... Oh! sonhos gratos!...

A amada voz, tão intima d'esta alma,
n'alma escutava...
(*Irado*)
E ousaste despertar-me...
porque me despertaste?... Pois não vias
que em tal penar conforto me era o sonho?...
Responde: estavas só?

ANTONIO (*hesitando*)

Só não estava.

CATHARINA (*affectuosamente*)

Ao ceo pedindo a paz e o lenitivo,
por vós férvida orava junto d'elle
do sagrado Sepulcro a irmã.

CAMÕES

Piedosa
e bem piedosa fostes. Deus vos pague.
Oh! fallae-me outra vez. As vossas fallas
no coração profundas se me entranham.
Um doce, desusado sobresalto,
por suas mortas fibras se propaga,
e o torna aos melancolicos enleios,
misterio virginal da flor dos annos.
Este peso terrivel de ira e tedio
desejo, irmã, desafogar comvosco
discorrendo com Deus.
(*A Antonio*)
Deixa-me, Antonio,
com ella a sós.

ANTONIO (*comsigo*)

Senhor, tornae-o forte
para os jubilos, como nos trabalhos!
(*Sai*)

SCENA III

CATHARINA E CAMÕES

CATHARINA (*comsigo*)

Eis o instante supremo. Aqui te espera,
meu pobre coração fraco e indefezo,
um combate mortal. Ai! se o não vences!
Mas que posso temer? Que temo? Nada:
eu Catharina sou; Camões é elle.
(*Aproxima-se a Camões, e encosta-se-lhe novamente ás espaldas da cadeira*)

CAMÕES (*depois de meditar*)

Sabeis vós o que seja a adversidade,
irmã?

CATHARINA (*com inspiração*)

É dos magnanimos escóla,
aza do genio, prova formidavel
que os vulgares espiritos derranca,
e os grandes retempéra!

CAMÕES (*com progressiva dor*)

Em vossos olhos
os prantos já de todo se estancaram?
do desengano o halito invernoso
já, flor a flor, vos esfolhou na fronte
o jucundo festão das esperanças?
Acaso já terrivel amargastes
da virtude modesta a desventura,
a vergonha do genio, e, gelo d'alma,
a solidão no amor?
(*Amargamente*)
Ai! já bradastes
em momentos de angustia e horror: — «Mentira,
virtude, genio, amor... mentira é tudo!» —
Quem nisso crê, delira!

CATHARINA (*com enthusiasmo*)

Oh! não! Cá dentro
jamais a fé me desmaiou. Mais forte,
maior m'a fez a dor...
(*Mudando de tom*)
E todavia
muito sofri tambem, e chorei muito,
e foram essas lagrimas acerbas
as que travam mais fel, as derradeiras;
sulco profundo me rasgaram ellas
pelas faces ardentes, convertendo
em pedra os olhos meus...
(*Com força*)
Mas não, minh'alma!

No futuro acredito, que desdobra
já sobre ti as azas espaçosas,
e te sorri, e o seu Camões te chama!

CAMÕES (*impetuosamente*)

É falso... Não: Camões não sou... repara.
Escrito vê meu nome nessa porta.
Quem sou verás... o DEZ... um traço e um zero!...
Aqui um homem já não val um ente;
val... uma coisa: contam-n'a!

CATHARINA

Poeta,
volve a ti! D'esse espirito sublime
a egregia claridade não deslustres
na imprecação femínea que te abate!
Cede ao vento haste humilde; o roble altivo
o vento affronta e fica. A Providencia
não baldada te deu alma de vate,
animo invicto, um estro fulgurante,
e livre e forte o pensamento ousado.
Campeões do porvir o Eterno fada
os seus poetas. Dá-lhes do perigo
o posto honroso, porque a luta é grave.
Vil quem d'elle deserta, e as armas larga,
e com trémula mão indigno esconde
o sello divinal que tem no rosto!
Queres tu desertar, cantor do Gama?
Desappareça o homem com seus males,
com as suas fraquezas e terrores,

co'a dubia contricção, e as baixas iras,
co'a incerta crença, e os votos inconstantes,
(*Com enthusiasmo*)
e surja emfim Camões!

CAMÕES (*cuja physionomia se tem ido gradualmente illuminando ao ouvir as palavras de Catharina erguendo-se firme, com os olhos fitos no ceo*)

E surge! Longe,
longe de mim, covardes desatinos!
(*Voltando-se para Catharina*)
E tú quem és? Quem és que assim me fallas?
Córar Camões fizeste. A vez primeira
(*Comsigo*)
hoje córei com pejo de mim mesmo!
(*De novo a Catharina*)
D'um longo e ferreo somno me acordaram
essas nobres palavras. A minha alma
desceram como doce melodia,
grata nuncia de paz, e pouco a pouco
a vão purificando d'estes odios,
por tantos, tantos annos condensados!...
Tu quem és? essa voz, irmã, conheço!...
(*Exaltado*)
Terá meu pranto commovido a morte?
És tu... dize-me, és tu?...
(*Abatido*)
Não, que a lousa
o que encerra não restitue.

CATHARINA (*extremamente commovida, cobre o rosto com as mãos, e chora*)

CAMÕES (*proseguindo*)

Tu choras?
Minha irmã, obrigado.

CATHARINA

Compadeço
a chaga horrenda, que te gasta a vida.

CAMÕES

Bem chaga, e bem horrenda... é pavorosa!
Ouve: amar neste mundo affirmam todos...
Torpe jactancia! Fabula impudente!...
não n'os creias, irmã, oh! não n'os creias!...
O verdadeiro amor é tal mistério,
tão divino, que a poucos escolhidos
em seu cabal poder fulgura inteiro
poucos tem vista que lhe fite o disco
ethereo e deslumbrante...
(*Com exaltação*)
Quem confunde
o relampago, e o raio não entende
a linguagem de Deus!

CATHARINA (*com enthusiasmo*)

Quem vê sómente

no sulco fumegante, que apoz deixa
esse fogo do ceo, ruina e morte,
mal conhece de amor a chamma intensa!

CAMÕES (*profundamente commovido*)

Quem és? Quem sois?

CATHARINA (*continuando arrebatada*)

Exhalação do eterno,
esta chamma sem fim devora e cria!

CAMÕES (*cuja commoção, crescendo gradualmente, chegou ao auge, com força, procurando reconhecel-a*)

Quem sois, irmã, quem sois? O vosso nome?
Houve uma dama só que me entendesse
como vós me entendeis.

CATHARINA (*commovida*)

Era essa dama?...

CAMÕES

Foi... Catharina d'Athayde!
(*Catharina levanta o veo; Camões encara-a fito, e exprime num brado o excesso da sua alegria*)
Oh!... Vives!...
És tu!... Reconheci-te... Aqui?... Deus mesmo,
o mesmo Deus me torna a minha lira,

o meu anjo da guarda, a que inspirava
minhas feras canções de amor e gloria!
(*Com força*)
Oh! traidores da patria, agora posso
a infamia eternisar-vos! Mais um canto
do coração me irromperá! Volveu-me,
(*Estreitando Catharina apaixonadamente ao peito*)
volveu-me Catharina!... Se és fantasma
do meu delirio, um pouco te demora;
detem-te ainda junto a mim, bem junto...
consente ao menos que eu prolongue o sonho!

CATHARINA

Não sonhas, não. Sou eu, eu que te fallo,
a que sempre te amou na longa ausencia,
e pela eternidade a amar-te volve.
(*Com força*)
Ha potencia mortal que desengaste
dos orbes seus a lua namorada,
e a guarde em ferros longe do seu astro?
Longe do foco ardente, aonde a invita,
e de continuo a attrae omnipotente
a voz do Creador?
(*Com confiança*)
Ambos quebrámos
nossos duros grilhões. De oppostos polos
redomoinhando nos topámos ambos
fóra do mundo...
(*Com exaltação*)
A Deus já pertencemos!

CAMÕES

Morrer!... Jesus! morrer tendo-te ao lado!...
e depois de rever-te!...
(*Suavemente*)
Ha pouco a morte
branda me parecia. — «Vou — pensava —
«encontral-a no ceo onde me espera;
«vou-me a fruir o amor na eternidade
«co'as bençãos do senhor e a vista d'ella...» —
(*Desesperadamente*)
Até nestas fronteiras da existencia
o derradeiro jubilo se torna
uma atroz ironia! Se te encontro,
é para te deixar e mais sentir-te!
Morrer não quero... Um dia, um dia, ao menos...
uma hora... mais outra de existencia!...

CATHARINA (*com força*)

Não morrerás!

CAMÕES (*com abatimento*)

Encára no meu rosto.
São estes, dize-me, os sinaes da vida?
Não ouves como, instante e pressurosa,
negra adejando me requesta a morte!
Este lentor, que gélido me orvalha,
é seu beijo primeiro... Já me toca...
e me invade... e me opprime... Ai! bem a sinto!
commigo está... Não vês... Eil-a...

CATHARINA (*com exaltação*)

Só vejo
o horisonte nas orlas arraiar-se
d'um suave fulgor. Ó meu poeta,
sorri... surges no porto... Emfim clarêa,
alvorece-te emfim a aurora eterna
do eterno dia de repoiso e gloria,
e na fronte sem nuvens te rutilla!...
Chora, mas por mim só, que só me fico
rasgando os pés nas urzes do caminho!
Menos que tu sofri, menor direito
ao descanço ganhei. Colhe o teu premio.
E guarda-me! Teu genio o sabe: a morte
não separa, reune. Em breve unidos
para sempre seremos!

CAMÕES (*com voz profunda*)

E se tudo
sob a terra lethal emmudecesse?
o affecto? a mesma dor? até saudades?
se tudo quanto somos se extinguisse
co'o vil pó d'este corpo? se o sepulcro
a meta fosse extrema, e além... mais nada?
idéa pavorosa!

CATHARINA

E entrou na mente
d'onde ao mundo os *Lusiadas* brotaram!
Não sentes em ti mesmo a eternidade?

Renegas o teu genio portentoso,
ingrato ao Deus, que o dá, ao Deus que o vinga,
e aos pés te prosta os seculos, e cobre
de loiros immortaes o humano ultrage?

CAMÕES

Prosegue, Catharina... oh! continúa...
Respiro a custo... Densa nevoa em torno
carregar-se-me sinto... Onde estás?... Dá-me...
ai! dá-me a tua mão... Que eu morra ouvindo
a tua doce voz!...

CATHARINA (*comsigo vencida da commoção, que até aqui tem procurado esconder-lhe*)

Deus de bondade,
dae-me esforço, oh! meu Deus, para esforçal-o!

CAMÕES (*com enthusiasmo*)

Assim sonhei, assim cantei ha muito
a mulher, fervorosa incitadora
dos grandes, dos magnanimos instinctos.
E em ti pensava então, de ti cantava,
ó Catharina... Lembram-te os meus versos,
aquelles pobres versos, prenda occulta,
que tu só, mais ninguem, soube no mundo;
e que em teus labios me soavam cheios
de poesia tamanha?

CATHARINA (*com paixão*)

Se me lembram!
(*Declamando com muito affecto*)
Quem és, que passas férvida
nos ermos santuarios,
e exhalas casto effluvio
nos templos solitarios?

CAMÕES (*continuando, como quem recorda presadas memorias*)

Quem és, que a extincta lampada
da fé voltando accendes,
e entre o delicto e o arbitro
piedosamente estendes
o veo das tuas lagrimas
que um Deus vão applacar?
(*Afrouxa-lhe a voz: faz sinal a Catharina para que esta continue*)

CATHARINA (*proseguindo*)

Quem és que passas candida
entre a vergonha e o pranto,
onde as humanas lastimas
se chegam, dão quebranto;
e ás vacilantes duvidas,
e aos labios resequidos...

CAMÕES (*interrompendo-a, com muita commoção*)

A fronte chegas pallida
e os ergues convertidos;
e com teus puros osculos
os fazes esperar?

Bem vês... Morria aqui entre rancores.
Do ceo me desces... morro bemdizendo!

CATHARINA

Alegra-te, poeta. Chega ovante
a justiça de Deus. Hoje começa
vida maior. Teu nome glorioso
pelos evos se alarga. A longes plagas
ha-de ir, além das serras e dos mares,
dos ventos sobre as azas transvoando.
Esta terra, que ousou negar-te ingrata
o pão do peregrino, virá dia
em que, altiva, dos povos no concilio
a fronte exalce, ufana de chamar-se
a patria de Camões!

CAMÕES (*tristemente*)

A minha patria!
Perdoa-lhe, Senhor, a amarga taça
que ao filho seu brindou. Dos seus agravos
torna-a briosa e fera vingadora.
Em prol dos foros seus arma-lhe o braço;

és a justiceira espada de dois gumes!
A ti, ó minha patria, o adeus extremo
do teu poeta!...
(*Delirando*)
O meu laurel já vejo!
Dae-m'o que é meu... cingil-o quero á fronte...
Chegaste, amanheceste finalmente,
ó dia appetecido do triunfo!...
Que turbas apertadas! Quantos olhos
fitos em mim! Repete-se o meu nome
no coração, nos labios, nos applausos!
Meu nome!... E o d'esta?... Não, não vos esqueça.
Sem ella nada fôra. Só por ella
poeta sou... Escutas, Catharina?
Que longa acclamação de ouvir teu nome!
Rendo-te a fama, os loiros!...
(*Inclinando-se em sinal de preito*)
Honra e gloria
á musa de Camões!
(*Fica nesta attitude*)

SCENA ULTIMA

Os ditos e ANTONIO

ANTONIO (*da porta*)

Os castelhanos
entraram na cidade. O reino inteiro
é provincia de Hespanha!

CAMÕES (*erguendo-se firme*)
Os castelhanos!...

A hora é de morrer... Saúdo a morte!...
Adeus!... No ceo te espero, Catharina!
Dirás aos teus que portuguez eu morro,
e morro livre a abominar traidores!...
(Cai nos braços de Antonio e Catharina)

VOZES *(dentro)*

Real por D. Filippe e por Castella?

CAMÕES

Infame grito! Comprados alaridos!
(Arranca-se dos braços de Antonio e de Catharina, e arremeça-se á janella)
Real real por Portugal!
(Cai por terra e morre)

VOZES *(dentro)*

Ávante
por D. Filippe!
(Precipita-se em scena o tumulto dos homens de armas)

CATHARINA *(estendendo a cruz, com voz e gesto imperioso)*

Atraz!... Este é cadaver!
Os mortos respeitae: Deus vol-o ordena!»

MORADA DE CAMÕES EM LISBOA

(*Nota nova nesta segunda edição*)

(Tomo 1 pag. 191, linha 2 — *Aposento apertado. e pobrissimo, onde assiste Camões, na visinhança da egreja de Sant' Anna.*)

No seu bello estudo sobre a vida e obras de Camões, diz o sr. visconde de Juromenha, a pag. 149, o seguinte:

«No tempo de Faria e Sousa era a opinião mais «seguida que fallecêra (Luiz de Camões) em uma «pobre casa na rua de Sant'Anna. «Alguns dizen «que el P. murio en un Hospital. Pero los mas «dizen que el murio en una pobre casita en que «vivia cerca del Convento de Monjas Franciscas «y vocacion de Santa Anna.» O padre Francisco «de Santo Agostinho de Macedo, em uma biogra- «fia manuscrita, affirma que morrêra em uma «*casa humilde* na dita rua junto ao arco de Santa «Anna, e casa da Encarnação e pegada com a «ermida do Senhor Jesus da Salvação e Paz. Ac- «crescenta Faria e Sousa, que esta casa da sua «residencia nunca mais fôra habitada; é notavel «que ainda hoje pesa o mesmo mau destino so «bre esta habitação. Se alguma vez o leitor subir «esta ingreme calçada, e fatigado parar no meio «d'ella, observe á sua mão esquerda uma casa «em ruinas sem habitador, que faz frente para «a rua e para o beco de S. Luiz, e tem o numero

«de policia de 52 a 54, e saiba que debaixo d'a-«quelles telhados porventura curtiu a mais cruel «e acerba desventura o Cantor immortal da gloria «dos portuguezes.»

O mesmo diligente biografo, na sua nota a pag. 510, voltando ao ponto, accrescenta:

«Por muito tempo se viu uma casa em ruinas «junto á ermida do Senhor da Salvação e Paz, que «está pegada á casa das Commendadeiras da En-«carnação, que tinha o numero de policia de 52 «a 54, e com uma das frentes para o beco de S. «Luiz, cuja casa era foreira a D. Aleixo de Mene-«zes, e foi ultimamente reedificada; este predio, «pela descripção da biografia do padre Fr. Fran-«cisco de Santo Agostinho, parece ter sido a ha-«bitação do nosso poeta.»

Seria grande custo para a Camara Municipal de Lisboa mandar embutir em pedra ou bronze na frontaria do predio um resumo d'esta noticia? Ha omissões que se não perdoam nem se explicam; uma d'ellas, e a mais vergonhosa, é esta.

LOGARES MEMORAVEIS

(Tom. I, pag. 206, linha 13. —
Tal patria não quer aferro;
antes choral-a na gruta
de Macau.)

Tudo que de perto ou de longe se refere ao viver d'um grande homem, concita valentemente as attenções. D'ahi, a veneração dos tumulos; d'ahi, a santidade das reliquias; d'ahi, o feitiço irresistivel das antigalhas: d'ahi, o resguardarem-se os autografos como thesoiros; d'ahi, as honras dadas aos nomes de familia; d'ahi as exhibições em Londres, de alfaias de Napoleão; d'ahi, os milheiros de bengalas de Voltaire que passeiam por toda a superficie da terra. Devotos, poetas, namorados, amigos, estudiosos, todos têem esta superstição: é pois da natureza, e, se da natureza é, para algum fim de utilidade nos foi dada. Em a nota, que já atraz fica, sobre honras posthumas, o aventámos, ao ponderar a virtude inspirativa de tumulos e estatuas.

Ha porém além dos tumulos, cofres de pó que foi de heroes, e, além das estatuas, reminiscencias de suas fórmas externas, muitas outras coisas suas, que não menos se devem salvar; assim para lhes augmentar a elles o culto como para despertador a outros, e tambem para credito nacional: taes são os logares consagrados pela sua presença, trabalhos e meditações. O que a alma assume de

poesia, de brios, de fidalga emulação, aspirando ares já respirados por immortaes, poucos haverá que alguma vez o não experimentassem. Quanto a mim, por muitas vezes o tenho sentido. Pois o estravagante e fantasioso acaso que preside a tudo que é meu, me tem levado a morar onde escritores de fama (mais ou menos merecida) haviam já assistido. Primeiro na quinta da *Madre de Deus* ao Seixal, casa outr'ora de recreação dos jesuitas, onde é fama que estivera o Padre Antonio Vieira. Segundo em Lisboa no Hospicio dos jesuitas do Maranhão junto á *Praça das Flores,* onde é provavel que o mesmo admiravel engenho habitaria. Terceiro na *Rua da Vinha*, ao bairro alto, no segundo andar das casas que fazem frente ao pequeno largo, nas quaes por annos viveu sósinho o autor do *Esope* e das *Pindaricas*. Quarto na *Rua da Conceição*, tambem junto á *Praça das Flores*, nas casas que fazem angulo da dita rua com a do *Monte Olivete*, Hospicio que fôra de Brancanes, e onde por isso costumava ficar, quando a Lisboa vinha, Frei José do Coração de Jesus, o Almeno, traductor das *Metamorphoses* de Ovidio antes de mim. Tudo isto na minha Lisboa. Em todas estas vivendas, sem exceptuar a do barbaro Almeno, me corria, nas horas quietas, não sei que viração convidativa de meditações, não sei que fragrancia vaga de lettras e poesia!

Outro tanto sentia eu quando, muitos annos depois da morte do meu eruditissimo mestre Antonio Ribeiro dos Santos, visitava como santuario as casas e jardim onde em menino o tinha

ouvido, na *Rua do Sacramento da Lapa*. Outro tanto quando entrei na casa abarracada em que viveu de melancolia nos ultimos annos, e afinal falleceu, o Tolentino, na *Rua do Arco do Marquez*. Outro tanto quando a miudo peregrinava de dormitorio em dormitorio, e de recanto em recanto, no convento e cerca dos Dominicos de Bemfica; amores, bemaventurança e gloria do nosso melifluo Frei Luiz de Sousa. Outro tanto em cada convento que percorri antes de profanados, e ainda muito mais depois de profanados, pois nenhum d'elles deixou de albergar varões muito insignes.

Quem frequentou nunca a Universidade de Coimbra, que algum'hora se não engrandecesse com as lembranças das dezenas de classicos que outr'ora a cursaram, e muitos dos quaes lá foram mestres!: Diogo de Teive! Antonio Ferreira! Sá de Miranda! Luiz de Camões! Gabriel Pereira de Castro! Jeronymo Osorio! Antonio de Castilho! etc. etc.! e lá mesmo, fóra da Universidade, mas ainda dentro d'essa feiticeira Coimbra, quem não viu em espirito, inteira e completa, a tragedia de Dona Maria Telles visitando em *Subripas* a antiga e veneranda casa de Templarios, è a de Dona Ignez de Castro vendo correr a fonte das lagrimas?!

Ora pois, se os sitios aprehendem alguma coisa dos seus moradores para o ficarem invidando por esses seculos fóra, e taes invites não são estereis; se o *Itinerario da Terra Santa* de Chateaubriand, e a *Viagem ao Oriente* de Lamartine não tiveram outra origem; se o mais gostado de Lord Byron

são as suas reminiscencias por entre as ruinas da Grecia; se a *Corina* de Madame de Stael brotou tão seductora do chão da Italia, só composta de suas brilhantes exhalações; se, numa palavra, em todos os escritores de maior alma as paginas mais attractivas lhes foram inspiradas pelas saudades, e as saudades pelos logares, testemunhas, e theatros das grandes coisas e pessoas do mundo preterito; e se é certo que esta invisivel mó do tempo vai desfazendo de continuo os edificios, as pedras, os nomes e as memorias, porque não havemos de disputar ao esquecimento o mais que possivel fôr d'essas mesmas memorias, mirrados frutos das edades extintas, mas germes, e, quando menos, adubio de bens e gozos no futuro?! Quão sem custo não póde qualquer municipio assinalar com uma lamina de metal esculpida com o nome da pessoa, e datas do seu nascimento e morte, a frontaria de cada casa em que haja nascido, vivido ou acabado, um homem notavel nas sciencias, nas lettras, numa arte, num mister, nas armas, nas virtudes?! etc. (Os senhorios mesmos o deviam fazer por seu interesse). Soubesse alguem hoje onde tinha assistido o Camões na *Travessa do Monturo do Collegio!* por mais mesquinho que o predio fosse, veriamos se ficava nunca por arrendar, e por bom preço, e por boa gente!

Depois, os nomes das ruas tambem, se os corpos municipaes fossem mais curiosos, se podiam tornar premios muito lisongeiros, e sem custarem um seitil. O Porto deu o exemplo, abrindo a *Rua de Ferreira Borges;* Lisboa fez o *Largo de*

Camões e a *Praça de D. Pedro;* porque não hão-de uma e outra cidade, e como ellas todas, seguir esses tres exemplos? Popularisar merecida fama, é sempre bom.

Venho já ao ponto. Muito naturalmente me influiu estas considerações a *Gruta de Macau.* Desejoso de poder com meus leitores visital-a, sequer em espirito, pedi a um amigo do poeta, e poeta elle mesmo, e meu amigo tambem, o ex.^{mo} sr. Frederico Leão Cabreira, uma descripção por escrito d'aquelle sacrario de inspirações, sempre venerado até de estrangeiros, e que a elle bem deliciosas as deu por certo. O sr. conselheiro, portuguez dos bons tempos ainda hoje, e tão devoto de reliquias d'estas, que até comprou naquelle glorioso oriente as ruinas da casa em que viveu S. Francisco Xavier, com alacridade acudiu ao meu empenho, e se com primor tambem, já se vai ver. De toda a sua resposta, só omitto o formoso comprimento em verso, com que o seu fanatismo d'amigo m'a endereçou.

«O sempre grande epico portuguez viveu cerca «de cinco annos de sua heroica e trabalhosa vida «na cidade do Santo Nome de Deus de Macau, «na China, para onde fôra em 1556, e d'onde re-«gressou a Goa em 1561. Na mesma cidade de «Macau, ainda então nova, e mal povoada, elegeu «a situação e gruta, de que vamos fallar, para «theatro de suas alti-sublimes meditações.

«Ali inspirado suavemente, compoz algumas «de suas admiraveis poesias

—«Aquelle, cuja lira sonorosa,»—
«em altiloco accento sublimado,
«com grande immortal brado,
«a fama eternisou prodigiosa
«da terra, e gente forte lusitana
«a quem não venceu arte, ou força humana.

«Trataremos primeiro da situação (naquelles «heroicos tempos ainda deserta e solitaria) e de«pois fallaremos da gruta, que, tomando parte «na celebridade do grande poeta, se ficou cha«mando

A Gruta de Camões.

«Existe ella em uma pequena mas formosa «quinta na distancia d'uns quinhentos passos da «muralha da cidade, a que serve de limite pelo «lado do norte; ligando-se a mesma quinta á «bella casa do seu actual proprietario, o illustre «cidadão Lourenço Marques, que a houve por ca«samento com uma sua proxima parenta, filha do «fallecido conselheiro Manuel Pereira, portuguez «europeu estabelecido ha perto de um seculo «na mesma cidade, aonde adquiriu consideravel «fortuna, e a quem se attribue a erecção d'estes «recommendaveis predios, ou ao menos a mag«nificencia, e formosura, que ao presente osten«tam.

«A posição é elevada, e se communica com a «cidade por uma curta rua, que, partindo d'um «espaçoso átrio quadrado, fronteiro á casa, de«semboca no bonito largo da Egreja de Santo «Antonio, uma das tres parochiaes que a povoa-

«ção contem. A mesma casa, sem muita elegan-«cia exterior, tem grandes salas apparatosamente «mobiladas, e vastas acommodações: umas feitas «de novo, e outras melhoradas nestes proximos «annos: mas pouco se vê de fóra, por estar pre-«cedida do lembrado átrio, e circundada dos outros lados, por alto, copado, e frondifero arvoredo.

«Entra-se para a quinta, não só pelo interior «da casa, mas tambem por um largo e rico por-«tão de ferro, existente ao seu lado direito, no «referido átrio; e d'esta entrada se utilisa o pu-«blico, porque os delicados proprietarios a faci-«litam a toda a sorte de pessoas. Comtudo a cu-«riosidade e o gosto são ao presente tão escaços «entre nós, que bem pouca gente vai ali de or-«dinario recrear-se. Por certo não acontecêra o «mesmo se fosse propriedade de estrangeiros, dos «quaes nunca deixa de ver-se algum gozando de «tão agradavel passeio !!!... O terreno é bastante «irregular, formando muitos e variados tabo-«leiros, divididos por largas e vistosas ruas, «guarnecidas de buxo, cuidadosamente aparado, «entre regulares fileiras de bem plantadas e «frondosas arvores de sombra, indigenas do paiz, «ou levadas dos circunvisinhos, umas por outras, «quasi sempre cobertas de suas naturaes, e odo-«riferas flores. Os taboleiros lateraes são occupa-«dos por pequenos pomares, ou bosques de ar-«voredo fructifero, cujas variadas producções «atraem mais e mais a curiosidade do observa-«dor, pela differença de suas configurações, e vi-«veza das cores.

«Além d'estes formosos inamoviveis adornos, «notam-se nas principaes ruas d'este pequeno «paraiso extensas fileiras de vasos de porcella- «na do paiz, contendo exquisitas plantas, e lin- «das flores de jardinagem, de mistura com muitos «em que se criam e permanecem bellissimas «laranjeiras de até tres palmos de altura, carre- «gadas de seus doirados succulentos pomos entre «aprazivel verde-escura folhagem:

«Aqui disputam Flora com Pomona
«seu divinal poder, e galhardia!...
«aqui Zefiro alegre,
«nutrido dos aromas mais mimosos,
«convida os pensadores
«ao brilho contemplar, e alta belleza
«dos mimos que produz a natureza.

«Não contém a quinta jardim algum, propria- «mente dito; e só ha na parte mais baixa d'ella «uma boa porção do terreno ajardinado, aonde «se cultivam e produzem optimas hortaliças para «regalo de seus dignos proprietarios, e dos mui- «tos amigos a quem com ellas mimoseam.

«A situação, elevada como já se notou, é em «si mesma encantadora pelas bellas e variadas «vistas que offerece. Descobrem-se de bastantes «pontos d'ella os bonitos campos chamados de «Mohá, até aos que servem de base ao alto, e «destacado monte da Guia, o qual está conti- «nuamente recordando aos innumeros navegan- «tes, que de largas distancias o avistam, nossas

«antigas glorias, devidamente simbolisadas, quaes «as simbolisa

«O bicolór pendão das lusas Quinas
«que tremulando ovante,
«em alta e magestosa fortaleza,
«do nome da montanha e sua c'roa
«attesta, com seu brilho permanente
«os feitos immortaes da lusa gente.

«Descobre-se mais quasi toda a ráda, ou por-«to maritimo da cidade, com algumas das escal-«vadas ilhas que o circundam e abrigam. Des-«cobrem-se os pagodes — Novo — e — de Mohá — «vistosos templos da chineza idolatria. Vê-se «muito de perto toda a povoação chim, deno-«minada — Patãne; — e da mesma sorte o bairro «portuguez, que se diz — do Terrãfeiro. — Avis-«ta-se todo o rio de Macau até á fortaleza da «barra, com infinitos navios de todas as nações, «e barcos chinezes de extravagantes construcções, «e pintura, que ali continuamente surgem. Ob-«serva-se em pouca distancia a pequena insula «chamada — Ilha verde — no indicado rio, a qual, «sendo ainda no seculo passado um simples ro-«chedo, com pouca terra, tem sido em alguns «annos convertida, pelos respeitaveis Padres Di-«rectores do Collegio de S. José das Missões da «China, a quem agora pertence, em um dos mais «frequentados passeios maritimos e apraziveis «logares de recreio para as familias da cidade

«Avistam-se mais ao longe, na maior ilha, que «forma a opposta margem do rio, as povoações «chinezas a que dão os nomes de — Paq-san — e— «Fac-san — com outras menores, e os terrenos, «que as circundam. Avistam-se finalmente varias «montanhas e montes destacados, assim na mes- «ma ilha em que a cidade existe, como nas ou- «tras circunvisinhas. Tudo isto apresenta ao «observador curioso as mais gratas e pinturescas «perspectivas.

«Todos os terrenos incultos que se avistam, «comprehendidos os contiguos, pertencentes á ci- «dade, estão desordenadamente semeados de se- «pulturas ou tumulos chinezes, cujas variadas «formas, já pela elegancia d'uns, já pela esquisi- «tisse d'outros (são geralmente de alvenaria) dão «materia bastante para melancolicas meditações, «a quem da placida situação, que descrevemos, «em todas as direcções os contempla.

«Ali, tristes jazigos pavorosos
«d'innumeros mortaes, já não lembrados,
«em silencio pregoam
«o quanto é transitoria a vida humana,
«e mais nos certificam
«que só não desce todo á sepultura
«quem durador se acclama
«por feitos immortaes, na voz da fama.

«Talvez com idéas semelhantes, e póde ser que «em presença dos mesmos objectos, escrevesse o «sublime epico no fim do 7.° canto do seu famo- «so poema, tratando — *dos que por obras valorosas*

«*se iam da lei da morte libertando*,—os seguintes «recommendaveis versos:

—«D'aquelles sós direi, que aventuraram
«por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
«onde perdendo-a, em fama a dilataram,
«tão bem de suas obras merecida.»—

«Quasi no centro, e em um dos pontos mais ele-«vados da deliciosa situação que acabâmos de des-«crever, se via um rochedo natural de pouco mais «de quatro varas de altura, contendo na base uma «abertura em forma d'arco irregular, de sete a «oito pés de elevação interior, com pouco menor «cumprimento e largura, aberto por ambos os la-«dos, como para deixar gozar, a quem ali se re-«colhesse, das encantadoras perspectivas que ha-«vemos esboçado. Foi pois esta abertura, ou mais «propriamente *gruta*, o logar que o sapiente e «celebre poeta elegeu para se occupar solitario «em suas transcendentes meditações. Foi neste «ameno e contemplativo retiro, e todo entregue «ao divinal desenvolvimento de suas vastissimas «idéas, no remanço do socego, e quasi religiosa «absorpção que demandam as sabias filhas de Jo-«ve, e da Memoria, para accender e activar seu «sagrado fogo na mente dos illustres vates seus «favorecidos, que este compoz algumas de suas «sublimes producções. Foi ali que elle reuniu e «preparou parte dos diamantinos materiaes para «esse eterno padrão das glorias portuguezas—*Os* «*Lusiadas*—com o qual transmittiu á mais remota «posteridade, e fez em todo o mundo respeitados

«os altos feitos de seus illustres conterraneos, não «menos que as permanentes excellencias da terra «que o produzíra. Foi finalmente ali, que elle— «*cantando o peito illustre lusitano*—associou seu «esclarecido nome e fama, á fama e nome, sem- «pre respeitado

«Do grende Capitão Vasco da Gama,

«e não menos aos de

«— Um Pacheco fortissimo, e os temidos
«Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,
«Albuquerque terrivel, Castro forte,
«e outros em quem poder não teve a morte.»—

«Uma das maiores provas de respeitosa consi- «deração que deveriam tributar-se á esclarecida «memoria do inclito poeta, seria sem duvida a «conservação da gruta sua predilecta, no mesmo «estado em que existia quando elle a frequenta- «va. Não foi isto porém o que aconteceu, porque «o antigo proprietario do logar, por falta de gosto «seu, ou quiçá por mal aconselhado, a mandou «aperfeiçoar por canteiros, desbastando as salien- «cias interiores da rocha, e rebocando de alvena- «ria suas naturaes cavidades. E por esta guisa a «converteu em uma pequena, e quasi regular «abobada, decorada ha pouco tempo com um «marmoreo busto do heroe, honrador das musas «portuguezas.

«O mesmo aconteceu ao corpo do rochedo, o «qual foi quasi todo revestido de alvenaria, eri- «gindo-se-lhe na parte superior, correspondente

«á gruta, uma especie de caramachão, ou pavi-«lhão chinez, tambem de alvenaria, e de aca-«nhado gosto. Suas paredes estão cheias de ver-«sos escritos em lapis, por diversos nacionaes, e «estrangeiros, visitadores, mas não consta que se «haja feito d'elles alguma collecção, que não dei-«xaria de ser curiosa por sua variedade. Os mes-«mos visitadores, em geral, escrevem ali seus no-«mes, e a data em que examinaram aquelle qua-«si sagrado logar, para o qual, a maior parte dos «nacionaes, olham como se fosse um objecto in-«differente; o que não deve causar espanto, pois «parece que o poeta assim o antevia, quando a «respeito d'elles disse na est. 97 cant. 5 de sua «preciosa epopeia:

—«Sem vergonha o não digo, que a razão
«de algum não ser por versos excellente,
«é não se ver presado o verso, e rima;
«pois quem não sabe a arte não a estima.»—

«Fazendo porém justiça ao actual possuidor, a «quem tributâmos bem correspondida amizade, «devemos dizer que elle, com quanto fosse ainda «joven, não se ha poupado a despezas e cuida-«do, para melhorar e ennobrecer cada vez mais «aquelle recommendavel predio, e que o mau «gosto que ali se nota em alguns objectos, não «póde por forma alguma ser-lhe attribuido.

«Ponta Delgada 13 de dezembro de 1849.»

FREDERICO LEÃO CABREIRA.

Oiçamos ainda sobre o mesmo assumpto o nosso amigo sr. Carlos José Caldeira, que igualmente conheceu o sitio, e o frequentou muito mais modernamente. (1)

«A gruta está incluida na quinta ou horta, co-
«mo lhe chamam em Macau, da bella residencia
«do cidadão Lourenço Marques, morador d'aquella
«cidade. Esta quinta, ou antes vasto jardim, teria
«apreço mesmo nas primeiras capitaes da Euro-
«pa, pelos caprichos e naturaes bellezas que en-
«cerra, e pela pericia com que a arte as realça.
«Contém um monticulo, que para a parte do rio
«ou porto interior de Macau é quasi cortado a
«pique, sobranceiro á povoação chineza de Pata-
«ne, e para o outro lado é envolto por semi-cir-
«culos de enormes penedos. Da terra vegetal, em
«que assentam, brota infinidade de arvores de
«variadas especies, sempre virentes, formando
«lindo e copado bosque; destacando entre ellas,
«por sua corpulencia e magestade, as que cha-
«mam de pagode, a que na India denominam
«*banian-tree*, e *balete* nas ilhas Filippinas. Esta ar-
«vore adquire proporções gigantescas, e com suas
«raizes enlaça e cobre os rochedos proximos, ves-
«tindo-os como de uma tunica de fibras. Dos seus ra-
«mos flexiveis nascem delgadas raizes, que se debru-
«çam ou pendem perpendicularmente, como at-
«traidas para o solo, onde, apenas tocam, se ar-

(1) Arch. Pitt. vol. I pag. 18 e seg.

«reigam, e formam novos troncos ou columnatas «ligadas á arvore principal.

«Enormes massas de rochedos impendentes em «posições caprichosas parece que só conservam o «equilibrio pelos liames que sobre elles estende «a formosa arvore de pagode, ameaçando perpe«tuamente com a sua quéda ao passeante que di«vaga pelos estreitos e pittorescos caminhos, que «artisticamente cruzam este accidentado terreno.

«No cumulo d'este monticulo, um dos pontos «mais elevados da cidade, ha uma pequena pla«nura, e nella a célebre gruta de Camões, for«mada por tres grandes penhascos. Parece que «mão de gigante ali adrede os collocára para «abrigar aquelle outro gigante da intelligencia e «da poesia.

«Dois dos rochedos formam como duas pare«des parallelas, que distam entre si 135 centi«metros, no prolongamento de 322, e com a al«tura de 450. O terceiro assenta horisontalmente «sobre aquelles em fórma de tecto, que á ma«neira d'um alpendre fica saliente para a parte «oriental da gruta.

«O actual proprietario, o mencionado cavalhei«ro Lourenço Marques, animado de não vulgar «patriotismo, tem continuado a obra dos seus «antecessores, esmerando-se em aformosear este «sitio, já de si tão bello, no que tem feito consi«deraveis despezas, reparando constantemente os «frequentes estragos occasionados pelos tufões. «Pena é, a meu ver, que intentasse tambem em«bellezar a gruta de Camões com os dois porti-

«cos de alvenaria que ornam as duas entradas «correspondentes, fechadas por cancellas baixas «de madeira; mas como para estas innovações de «mau gosto não foram quebrados os rochedos, é «facil fazel-as desapparecer, e restituir á gruta a «sua rudeza e simplicidade primitivas.

«No centro da gruta ha um pedestal quadri- «longo de 56 por 111 centimetros de base, e de «153 de alto, e nas faces correspondentes ás duas «aberturas estão gravadas na pedra seis oitavas «dos *Lusiadas*. Sobre o pedestal está o busto de «Camões, moldado em greda, e bronzeado por ar- «tistas chinezes, lendo-se na base:

Nasceu	Luiz de Camões	Morreu
1524		1579

«Na architrave do portico principal estão esculpi- «das lettras chins que significam — *O sabio por ex- «cellencia.* — Do mesmo modo nas pilastras, de alto «a baixo, se vêem caracteres tambem chins, oito «em cada uma, principiando a ler-se pelo lado di- «reito do espectador, e verticalmente, segundo o «systema da escrita dos chins:

«— *Ki* (Seus) admiraveis ou sublimes — *Xé* ver- «sos—*ta* grandemente—*him* floreceram; (e agora) *li* «— levantou-se-lhe—*pei* (este) monumento—*choan* «(para) passal-o ás—*xé* gerações. — *Tsai*, (Em) ta- «lento (e) — *tôo* virtudes—*Chao* excedeu (o poeta) «aos—*jen*, (mais) homens; (mas) — *in* por — *tu* «inveja—*pi* foi—*nan* perseguido ou sofreu traba- «lhos.

« A traducção é perfeitamente litteral, e feita re-«centemente pelo insigne interprete Martinho Mar-«ques, morador e natural de Macau. As palavras «impressas em grifo são os sons das respectivas «lettras chinezas, lidas segundo a pronúncia do «dialecto mandarim. As palavras entre parenthe-«sis accrescentam-se para tornar o sentido com-«pleto acommodando a frase á indole das linguas «europeas. Eil-a seguidamente: *Em talento e vir-«tudes excedeu o poeta aos demais homens, mas por «inveja foi perseguido. Seus admiraveis versos gran-«demente floreceram, e agora levantou-se-lhe este mo-«numento para passal-o ás gerações.*

«É muito para notar que só passados quasi tres «seculos depois da morte de Camões, é que se «dedicasse este primeiro e humilde monumento «á sua memoria, lá na Asia extrema, nos ultimos «confins da monarchia, e com essa inscripção «chineza, de quasi ninguem comprehendida, mes-«mo entre os portuguezes de Macau; podendo di-«zer-se que simbolisa o ingrato esquecimento dos «que fallavam a mesma linguagem, eternisada «na terra pelo sublime poeta. Louvores mil ao «benemerito cidadão Lourenço Marques, que pri-«meiro, entre tantas gerações d'ingratos, remiu «para si esta feia culpa nacional.

«Sobre a grande massa de granito, que fórma o «tecto da gruta, ha o mirante que representa a «estampa, que remata lindamente o bosque pi-«ramidal, e d'onde se desfructa deliciosa vista. Re-«leve-se-me que reproduza aqui o que já escrevi «noutra parte, tratando d'este mesmo assum-

«pto, para dar idéa das impressões que o sitio pro-«duz:

«D'ali nas suaves horas da madrugada d'um «bello dia, ou nos poeticos e saudosos instantes «do occaso do sol, uma alma sensivel e melan-«colica póde gozar doces extasis; ora olhando os «sacros rochedos que deram abrigo ao grão poe-«ta, e os antigos troncos que lhe ministraram «sombra; ora vendo as limpidas aguas e as ilhas «verdejantes, os montes fronteiros e as varzeas «graciosas, por onde triste dilatava os seus olhos; «e por fim contemplando o formoso ceo que lhe «inspirava os carmes!

«No murmurio das ondas, e no sussurrar do bos-«que; no gemer da brisa, e no canto da ave; os «ouvidos d'alma parecem escutar o nome do can-«tor immortal! Na solidão da natureza, e no re-«colhimento do espirito, tudo ali de Camões diz «a saudade!

«A natureza e a poesia parece terem feito d'este «logar o templo do grande genio, onde é forçoso «que lhe tribute poetica adoração todo aquelle que «se preza de ter nascido na terra que elle tanto «amou!

«Quão maviosas, quão tocantes soam ali aquel-«las palavras que um insigne poeta moderno poz «na boca de Camões!

«Oh gruta de Macau, soidão querida
«onde tão doces horas de tristeza,
«de saudade passei! gruta benigna

«que escùtaste meus languidos suspiros,
«que ouviste minhas queixas namoradas,
«oh fresquidão amena, oh grato asilo
«onde me ia acoitar de acerbas magoas,
«onde amor, onde a patria me inspiraram
«os maviosos sons e os sons terriveis
«que hão-de affrontar os tempos e a injustiça,
«tu guardarás no seio os meus queixumes,
«tu cantarás as porvindoiras eras,
«os segredos d'amor que me escutaste,
«e tu dirás a ingratos portuguezes
«se portuguez eu fui, se amei a patria,
«se além d'ella e d'amor, por outro objecto
«meu coração bateu, lutou meu braço,
«ou modulou meu verso eternos carmes.

«Contiguo á gruta para o lado oriente estão es-
«culpidos numa pedra, e em lettras doiradas, os
«versos seguintes:

«Patané lieu charmant et si cher au poète
«je n'oublierai jamais ton illustre retraite;
«ici Camoens, au bruit du flot retentissant,
«mêla l'accord plaintif de son luth gémissant.
«Au flambeau d'Apollon allumant son Génie
«il chanta les Heros de la Lusitanie:
«du Tage à l'urne d'or, loin des bords paternels
«de Bellone il cueillit les lauriers immortels:
«malheureux exilé, cet émule d'Homère
«acheta son Génie au prix de sa misère.
«Il posséda, du moins pour charmer ses douleurs,
«les baisers de l'amour et les chants des neuf sœurs.
«Lusus et les chinois honorent sa mémoire:

«le temp qui détruit tout agrandira sa gloire.
«Moi qui chéris ses vers, qui pleurai ses malheurs,
«j'aimais à saluer ces bois inspirateurs.
«Je visitais cent fois cet humble et noble asile;
«dans ta Grotte, ó Louis, mon cœur fut plus tranquille.
«Agité plus que toi, je fuyais dans le champs,
«et le monde et mon cœur, l'envie et les tyrans.»

«Au grand Louis de Camoens, portugais d'origine castillane
«soldad religieux, voyageur et poète exilé;
«l'humble Louis de Riensi, français d'origine romane,
«voyageur religieux, soldat et poète expatrié.»
30 Mars 1827.

«O logar em que foi construido o mirante, se-«ria muito melhor aproveitado para collocar a es-«tatua de Camões, á qual serviria como de ma-«gestoso pedestal o monticulo que já descrevemos, «em cujo vertice está a gruta, e que parece a «natureza se esmerou em preparar para esta de-«vida homenagem ao grão cantor das nossas glo-«rias. Hoje, que são prósperas as circunstancias «de Macau, bem se poderia isto realizar por meio «d'uma subscripção, appellando para o patriotis-«mo e bizarria dos seus moradores, ou aliás pelo «excedente de dinheiro que ha agora nos cofres «publicos d'aquella possessão.

«A gruta de Camões tem inspirado varias poe-«sias aos viajantes que a visitam. Algumas d'ellas «publicaremos ainda.»

O nosso amigo sr. Manoel Maria Bordallo Pi-

nheiro, correspondeu primoroso ao convite que o proprietario da gruta lhe dirigiu, para que lh'a condecorasse com um busto de Camões, fundido em bronze. Esse retrato, maior que o natural, e de que possuimos, por favor do illustre artista, um exemplar em gesso, tem grangeado geralmente os gabos dos entendidos.

É um accrescimo de interesse que ha-de ficar d'ora ávante recommendando a gruta de Macau.

Ao mesmo sr. Bordallo se devia já a escultura de um interessante grupo — Camões e o Jáo.

Terminaremos a nota suscitando novamente a curiosidade das Camaras Municipaes, dos senhorios, dos descendentes de portuguezes benemeritos, etc., etc., para que se preservem do esquecimento, mediante uma pobre chapa de metal gravada, os edificios em que nasceram, viveram, ou se finaram, varões ou damas memoraveis.

Ninguem diga que não urge esta homenagem tão facil, este incentivo tão energico. Cada dia desapparece um informador ou uma testemunha, e talvez a ultima, que ainda nos poderiá informar para reconhecermos um d'esses logares memoraveis.

Se toda essa gente porém continuar a ser surda ou indifferente, o que não admiraria muito, acuda a pagar a divida de todos a já mui benemerita sociedade typografico-artistica, editora do *Archivo Pittoresco*. Os srs. Castros coadjuvados pelos seus zelosissimos investigadores de antiguidades: Vilhena Barbosa e Silva Tullio, e pela sua tão auspiciosa e tão activa escola de gravura, podem

perpetuar ao menos no seu jornal estas memorias, tão apagadiças de si, quanto formosas. D'esta vez sequer fica-nos certeza de não havermos prégado no deserto.

DESPEDIDA

(No fim da primeira edição)

Acaba este volume de se escrever e imprimir, hoje 22 de fevereiro de 1850. Não leva muitas outras notas, porventura de algum interesse pratico, por uma razão triste, que não será difficil de adivinhar, relendo-se o que o pobre Camões diz a pagina 151, linha 38 e 39 (Tom. 1 pag. 198 —lin. 1, 2, 3 da presente edição.)

Este volume e o da *Felicidade pela Agricultura*, que tambem finalisa hoje, são os ultimos arrancos da typographia da *Rua das Artes em San-Miguel:* ámanhã estará muda, deserta, e trancada. Sempre cuidei que me ajudaria, a mim a viver para as lettras; e a ellas a desenvolverem-se um pouco mais nesta paragem, onde de certo não faltam bons engenhos...

Foi mais um castello de esperanças, que o vento dissipou. Vamos ver se noutra parte os sonharei que durem mais. Ares portuguezes, já se vê

que me não querem! pois queria-lhes eu bastante! Algum dia se dirá por mim: «Amar a patria, como aquelle!» Por talento, podia haver muitos mais dignos de celebrar os infortunios de Camões; por experiencia, ninguem. O quinto acto, especialmente, me saiu todo cá de dentro; e contém muito mais historia, do que poderá parecer aos afortunados. Praza a Deus que não contenha tambem profecias!

Ha vinte e sete dias cerrei meio seculo de existencia. Nessa pedra miliaria da vida, em que os mais dos homens se assentam para festejos e brindes, e até cãs se coroam de verde, curti eu horas bem solitarias e melancolicas, olhando para o horisonte do nascente, e para o do occaso. — «Que mal fiz eu a esta patria, para duas vezes a «perder?—dizia eu entre mim—para desherdar «d'ella aos innocentes do meu sangue que eu tan- «to me gloriava de chamar portuguezes?! dei-lhe «pouco; mas dei-lhe tudo, a ella: cantei com des- «vanecimento as suas glorias; defendi-lhe a sua «lingua; pugnei, com sacrificios, para a sua ci- «vilisação e lustre; não deneguei nunca os meus «livros, os meus conselhos, as minhas horas, o «meu affecto cordial e os meus applausos sem in- «veja, a quantos mancebos nella tratavam let- «tras; puz peito a que o estudo primario se faci- «litasse; e de joelhos agradeço á Providencia, por- «que juro que o consegui; uma só recompensa «ambicionava; e era dormir o meu somno ulti- «mo em terra portugueza; e isso que tantos lo- «gram sem trabalho, a despeito de todos os es-

«forços não o logrei.» — O farto pão que um Soberano absoluto, o Senhor D. João VI, me liberalisára para toda a vida, como premio e animação aos meus esforços litterarios, mudanças políticas m'o levaram. O meio pão que a munificencia nacional, com igual intuito, depois me decretou, reduziram-m'o a quasi nada, arrebanhando-me no que se chamou *Classe inactiva! Inactivo!...* só porque os trabalhos que eu fazia, os fazia espontaneamente, e não encarregado, nem obrigado por um governo! Oh! meu bom Camões bem dizias tu:

Que exemplos a futuros escriptores!

Apressemo-nos a pôr no livro a palavra:

FIM

DESPEDIDA

D'ESTA SEGUNDA EDIÇÃO

O que ha doze annos me arrancava de dentro em hora cerrada de melancolias estas queixas magoadas, desfizeram-no em parte mudanças imprevistas da fortuna. Adormeço e acordo na terra do nascimento, sem já me arrecear de a perder. Nella me gozo (posso dizer que sem excepção) dos bons affectos de todos os nossos engenhos mais illustres. Componho d'elles uma segunda familia (e quão numerosa!). Tenho os filhos criados, e em caminho para o futuro; vejo a litteratura nacional medrada, fructuosa, florída, verde, e a desabrolhar a todas as horas, como nunca. Espaire-se a alma; está-se bem.

Assim tivessem já chegado á sua estação de produzir, os tantos alvitres patrioticos e facilimos, com tanta fé semeados ao longo d'essas notas.

Pode ser que doze annos mais nos hajam trazido melhores dias.

Lisboa,—no meu Tibur da Rua Nova de S. Francisco de Paula—21 de abril de 1863.

FIM

INDICE D'ESTA OBRA

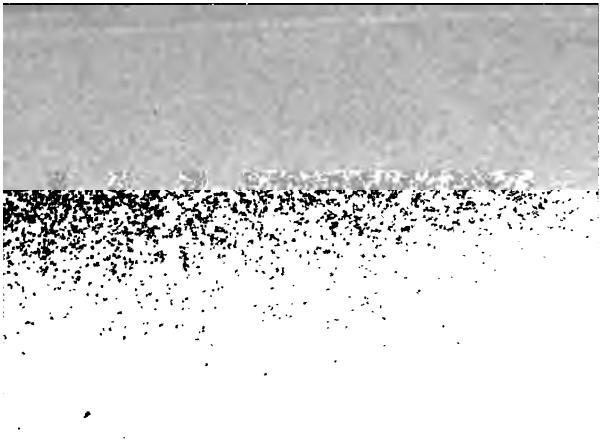
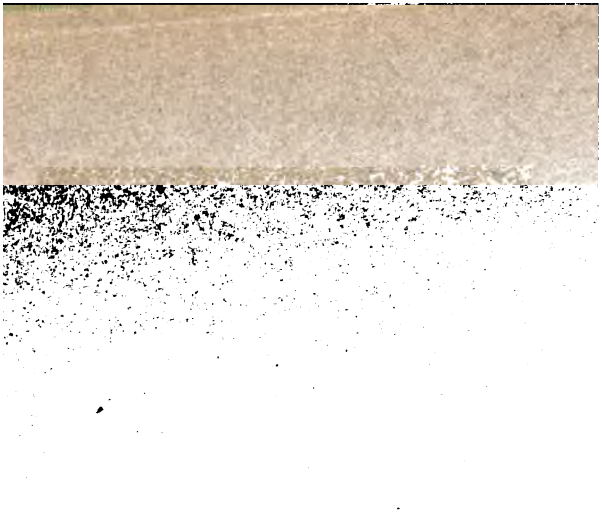
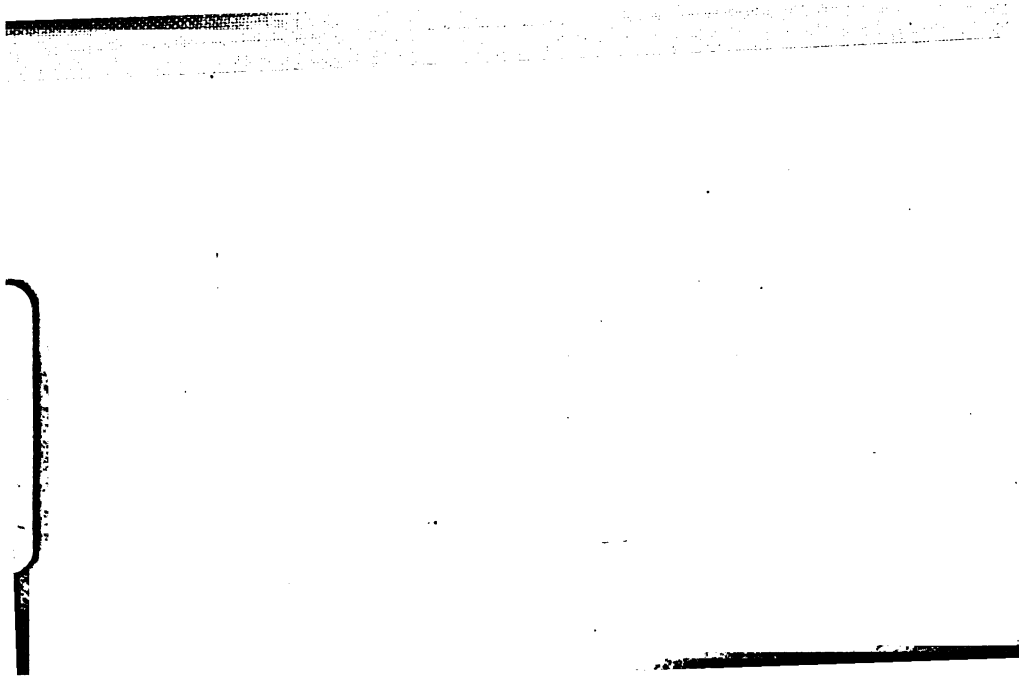
VOLUME I

A Sua Magestade o Senhor D. Pedro II..... V
A quem ler (da primeira edição)..... IX
Advertencia d'esta edição..... XII
Interlocutores..... 1
Aos espectadores—prologo..... 7
Camões—drama..... 13
Noticia complementar..... 227

VOLUME II

Ortografia..... 7
Pontuação..... 24
Linguagem..... 36
Tratamentos..... 43
Verdade..... 60
Originalidade..... 65
Gravura..... 79

O senhor D. Pedro II..... 96
Prologo..... 103
Honras posthumas..... 117
Policia..... 198
Latim..... 199
Foros de poetas..... 211
Auto das boas estreias..... 214
Talentos femininos..... 220
Fecundações intellectuaes..... 236

VOLUME III

Castilhos..... 7
Ilhargas de reis..... 143
Aforismos para reinantes..... 158
Os ultimos momentos de Camões..... 159
Morada de Camões em Lisboa..... 194
Logares memoraveis..... 196
Despedida da primeira edição..... 219
Despedida d'esta segunda edição..... 223